

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**ICONOTEXTUALIDADE DOS TÚMULOS DE FUNCIONÁRIOS RÉGIOS
DURANTE O PERÍODO AMARNIANO**

PAULO JORGE BORGES CARREIRA

Orientadores:

Professor Doutor José das Candeias Sales

Professor Doutor José Augusto Ramos

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na
especialidade de História e Cultura das Religiões

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



ICONOTEXTUALIDADE DOS TÚMULOS DE FUNCIONÁRIOS RÉGIOS
DURANTE O PERÍODO AMARNIANO

PAULO JORGE BORGES CARREIRA

Orientadores:

Professor Doutor **José das Candeias Montes Sales**

Professor Doutor **José Augusto Ramos**

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de História e Cultura das Religiões

Júri:

Presidente: Doutor **António Adriano de Ascensão Pires Ventura**, Professor Catedrático e Director da Área de História, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Preidente do Júri, por nomeação de competência

Vogais:

Doutor **Rogério Paulo Nunes Ferreira de Sousa**, Investigador Principal do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;

Doutor **Armindo dos Santos Vaz**, Professor Catedrático Convidado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa;

Doutor **José das Candeias Montes Sales**, Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Ciências Sociais e de Gestão da Universidade Aberta, orientador;

Doutor **Luís Manuel de Araújo**, Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutor **António Joaquim Ramos dos Santos**, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutor **Telo Ferreira Canhão**, Investigador do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, especialista

2017

À memória do Professor Doutor José Augusto Mourão, OP

Por esso la muerte es tan magnífica.
Porque no existe,
Porque solo muere aquel que no vivió.

Frida Kahlo,
(1907-1954)

(Quatro campanadas)

Acontece, a meio da vida, a morte bater-nos à porta
E tomar-nos as medidas. Essa visita é esquecida
E a vida continua. O fato, porém, esse
É cosido em silêncio.

Tomas Tranströmer
(1931- 2015)

(Bilhete-postal negro, Cinquenta Poemas)

ICONOTEXTUALIDADE DOS TÚMULOS DOS FUNCIONÁRIOS RÉGIOS DURANTE O PERÍODO AMARNIANO.

RESUMO

O presente trabalho situa-se na intersecção de dois importantes conjuntos que fazem parte do património egípcio: o domínio semiótico – texto, iconografia – e o domínio da religião, englobando discursos sobre a criação, a manutenção da vida e da morte e sobre os deuses que assistem cada um destes momentos. Tem como finalidade principal o estudo da incidência de cada um destes vectores sobre um grupo específico de pessoas que evoluíam na vizinhança próxima de Amen-hotep IV/Akhenaton: os seus funcionários régios

O extenso *corpus* documental estabelecido, apresentado sob a forma de texto informático, com o título de *Anexos*, é intersectado por cinco planos analíticos que constam no volume impresso (base para os seis capítulos constituintes), abrangendo respectivamente: textualidade, iconografia, protocolos da família real e do funcionário, selecção e vivência do funcionalismo, sua morte e rituais envolventes. A análise dos conteúdos daí resultantes integrou episódios comparativos e quantitativos dos túmulos dos funcionários régios de Amarna (túmulos tebanos, túmulos Amarnianos do Norte e túmulos Amarnianos do Sul) apresentados detalhadamente, quer com recurso aos seus textos e figuras quer a gráficos e quadros construídos a partir deles.

PALAVRAS-CHAVE: iconotextualidade, túmulos, funcionários régios, Período Amarniano, Antropologia religiosa.

ICONOTEXTUALITY OF THE TOMBS OF ROYAL OFFICIALS FROM THE AMARNA PERIOD

ABSTRACT

The present work belongs to the intersection of two important sets that are part of the Egyptian patrimony: the semiotic domain – text, iconography – and the religious domain, embracing discourses both about creation and life and death maintaining as well as concerning the gods that were present at each one of these moments. Its main purpose is to study the importance of those vectors on a specific group of people that were closed to Amen-hotep IV/ Akhenaten: its royal officials.

The extensive documental corpus we set up as a cd-text, named as *Additament*, is intersected by five analytical planes, who are part of the printed volume (a basis for its six chapters) concerning respectively of textuality, iconography, protocols of the royal family and from the officials, selection and way of life of the officialdom, as well as their death and involving rituals. The analysis of related contents has integrated comparative and qualitative episodes from the tombs of the royal Amarnian officials, (Teban Tombs, North and South Tombs from El-Amarna) that we have presented in detail resorting to their texts and scenes or to graphics and tables that were composed from them.

KEY-WORDS: iconotextuality, tombs, royal officials, Amarna Period, religious anthropology.

ÍNDICE GERAL

ICONOTEXTUALIDADE DOS TÚMULOS DOS FUNCIONÁRIOS RÉGIOS DURANTE O PERÍODO

AMARNIANO.

| | |
|---|----|
| Agradecimentos | 13 |
| Abreviaturas..... | 15 |
| INTRODUÇÃO | |
| 1. Enquadramento histórico-teológico..... | 26 |
| 2. Objecto, problemática, conceitos e objectivos..... | 29 |
| 3. Planos e metodologias..... | 32 |
| 3.1. Análise de fontes..... | 32 |
| 3.2. Tradução, <i>corpus</i> documental e análise de conteúdos..... | 34 |
| 4. Divisão final do texto..... | 36 |

CAPÍTULO I – TEXTUALIDADE

| | |
|--|----|
| 1. Classificação geral dos textos | 39 |
| 1.1. Crónicas e autobiografias..... | 40 |
| 1.2. Conteúdos devocionais..... | 45 |
| 1.2.1. Orações..... | 45 |
| 1.2.2. Hinos aos deuses..... | 52 |
| 1.2.2.1. Referentes teológicos..... | 57 |
| 1.2.3. Hinos ao Rei e Hinos mistos..... | 63 |
| 1.3. Conteúdos específicos..... | 66 |
| 1.3.1. Textos de oferenda..... | 66 |
| 1.3.1.1. Petições dos «Textos de Oferendas»..... | 70 |
| 1.4. Textos funerários..... | 75 |
| 1.4.1. Descrição do funeral..... | 75 |
| 1.4.2. Oração aos deuses da <i>Duat</i> | 75 |
| 1.4.3. Proclamação da bem-aventurança..... | 82 |
| 1.4.4. Apelo aos vivos..... | 83 |
| 1.5. Quantificação e distribuição..... | 90 |

CAPÍTULO II – ICONOGRAFIA DIVINA E REA

| | |
|--|-----|
| 1. Representação da figura humana..... | 98 |
| 2. Iconografia dos deuses pré-amarnianos..... | 105 |
| 3. Iconografia de Aton..... | 106 |
| 4. Iconografia real..... | 109 |
| 4.1. Cenas religiosas..... | 109 |
| 4.1.1 O Palácio. Estruturas e servidores..... | 110 |
| 4.1.2 O <i>ipt</i> , «aposentos privados»..... | 115 |
| 4.1.3. O caminho até ao templo, um percurso solar..... | 119 |
| 4.1.4 O Templo..... | 126 |
| 4.1.4.1. O Grande Templo de Aton..... | 126 |
| 4.1.5. Cerimónias no templo. Oferenda e «Exaltação do Nome»..... | 130 |
| 4.2. Cenas da vida política..... | 141 |
| 4.2.1. Esmagamento dos inimigos..... | 142 |
| 4.2.2. Recepção de tributos..... | 144 |
| 4.2.2.1. A família real dirige-se para o lugar da cerimónia..... | 145 |
| 4.2.2.2. A grande apresentação de tributos do ano 12..... | 148 |
| 4.2.3. O jubileu real..... | 151 |
| 4.2.3.1. O primeiro jubileu de Amen-hotep III..... | 154 |
| 4.2.3.2. O terceiro jubileu de Amen-hotep III..... | 166 |
| 4.3. Cenas familiares..... | 178 |
| 4.3.1. Os pais de Akhenaton em Amarna..... | 179 |
| 4.3.1.1. Banquetes comemorativos..... | 182 |
| 4.3.1.2. Exaltação do pai..... | 186 |
| 4.3.1.3. A rainha-mãe visita o pavilhão «Sombra de Ré»..... | 187 |

| | |
|---|-----|
| 4.3.2 A família real em sua casa ou <i>le roi chez soi</i> | 190 |
| 4.3.2.1. Nefertiti oferece uma bebida ao esposo..... | 190 |
| 4.3.2.2. A família real toma uma refeição..... | 192 |
| 4.4. Quantificação e distribuição..... | 196 |
| CAPÍTULO III – ICONOGRAFIA DO FUNCIONÁRIO | |
| 1. Investidura de um funcionário..... | 200 |
| 1.1. Investidura de Huya..... | 200 |
| 1.2. Investidura de Meriré I..... | 202 |
| 1.3. Investidura de Tutu..... | 204 |
| 2. Recompensa de um funcionário..... | 210 |
| 2.1. Recompensa de Kheruef..... | 211 |
| 2.2. Recompensa do Vizir Ramose..... | 212 |
| 2.3. Recompensa de Huya..... | 215 |
| 2.4. Recompensa de Meriré I..... | 218 |
| 2.5. Recompensa de Meriré II..... | 221 |
| 2.5.1. Recompensa de Meriré II pelo rei Semenkharé..... | 223 |
| 2.6. Recompensa de Pentu..... | 224 |
| 2.7. Recompensa de Panehesy..... | 226 |
| 2.8. Recompensa de Parennefer..... | 228 |
| 2.9. Recompensa de Tutu..... | 230 |
| 2.10. Recompensa (?) de Mahu..... | 230 |
| 2.11. Recompensa de May..... | 236 |
| 2.12. Recompensa de Ay..... | 237 |
| 3. Um funcionário, no exercício do seu cargo: Mahu..... | 241 |
| 3.1. Mahu acompanha o rei na inspecção das defesas de Akhetaton..... | 242 |
| 3.2. Mahu, agente da lei e da ordem..... | 244 |
| 3.2.1. Mahu e um armazenista, demasiado zeloso, de Akhetaton..... | 244 |
| 3.2.2. Mahu, terror dos criminosos de Akhetaton..... | 247 |
| 4. O funcionário na sua espiritualidade..... | 249 |
| 5. O povo comum. Pescadores e camponeses..... | 250 |
| 6. Quantificação..... | 254 |
| CAPÍTULO IV – NOMEAÇÃO DIVINA, NOMEAÇÃO REAL. PROTOCOLOS | |
| 1. Nomeação divina e nomeação real..... | 257 |
| 1.1. Os <i>netjeru</i> | 257 |
| 1.1.1. Determinativos divinos e protocolos..... | 261 |
| 1.2. O <i>netjer 'Itn</i> | 262 |
| 1.2.1. A rotação do nome de Aton..... | 268 |
| 1.3. Período proto-amarniano..... | 270 |
| 1.3.1. Protocolos de Ré-Horakhti..... | 270 |
| 1.4. A ruptura amarniana..... | 271 |
| 1.4.1. Primeiro período amarniano (anos 5 a 12)..... | 272 |
| 1.4.2. Evolução dos protocolos de Aton (anos 12 a 17)..... | 273 |
| 2. Nomeação da família real..... | 276 |
| 2.1. Período proto-amarniano..... | 276 |
| 2.2. A ruptura amarniana..... | 281 |
| 2.3. Primeiro período amarniano (anos 5 a 12)..... | 283 |
| 2.3.1. O título de <i>iry-p^ht</i> | 287 |
| 2.4. O segundo período amarniano (anos 12-17)..... | 288 |
| 2.5. Protocolo das princesas reais e seus régios avós..... | 289 |
| 2.6. Protocolo dos reis Meritaton e Semenkharé..... | 293 |
| CAPÍTULO V – TAXINOMIA, SELECÇÃO E <i>CURSUS HONORUM</i> DE UM FUNCIONÁRIO | |
| 1. Funcionalismo supremo. O <i>nsw</i> | 296 |
| 2. Funcionalismo Superior. O <i>tj3ty</i> | 301 |
| 3. Funcionalismo específico. Os <i>srw</i> | 308 |
| 3.1. Funcionalismo do «Palácio» e do «Património»..... | 309 |
| 3.1.1. O <i>imy-r^h pr</i> , «mordomo»..... | 313 |
| 3.1.1.1. O Mordomo Kheruef..... | 313 |

| | |
|---|-----|
| 3.1.1.2. O Mordomo Huya..... | 314 |
| 3.1.2. O <i>sd3wtj</i> , «chanceler»..... | 317 |
| 3.2. Funcionários dos aposentos privados..... | 319 |
| 3.3. Funcionários da interface entre o Rei e outros grupos..... | 320 |
| 3.3.1. Arautos, correios e embaixadores..... | 322 |
| 3.4. Funcionalismo civil..... | 325 |
| 3.4.1. Funcionários ligados às obras públicas..... | 325 |
| 3.4.2. Vice-reis e governadores..... | 328 |
| 3.4.3. Funcionários de funcionários..... | 329 |
| 3.5. Funcionalismo militar e policial..... | 330 |
| 3.6. Funcionalismo religioso..... | 333 |
| 4. Selecção do funcionalismo..... | 339 |
| 4.1. Os comportamentos..... | 340 |
| 4.2. A formação..... | 341 |
| 5. A nomeação. Protocolo básico de um funcionário..... | 344 |
| 5.1. O Nome..... | 346 |
| 5.2. A família..... | 347 |
| 6. Política de recompensas..... | 352 |
| 6.1. Recompensas honoríficas..... | 352 |
| 6.2. Recompensas materiais..... | 354 |
| 7. Títulos..... | 355 |
| 7.1. Títulos de ordem..... | 355 |
| 7.2. Títulos inerentes a uma função..... | 355 |
| 7.3. Títulos honoríficos..... | 356 |
| 7.3.1. Títulos de majoração..... | 356 |
| 7.3.2. Títulos de diferenciação..... | 357 |
| 8. Epítetos..... | 359 |
| 8.1. Epítetos pessoais..... | 359 |
| 8.2. Epítetos judicativos..... | 361 |
| 8.3. Epítetos profissionais..... | 363 |
| 8.4. Epítetos relacionais..... | 364 |
| 9. O funcionário na sua velhice..... | 366 |
| 9.1. Assegurando o futuro da família..... | 371 |
| 9.2. Assegurando a eternidade. O túmulo..... | 371 |
| 10. Testemunhos e ensinamentos..... | 373 |

CAPÍTULO VI – MORTE DE UM FUNCIONÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1. A morte como fenómeno físico..... | 375 |
| 1.1. Bioarqueologia de Amarna..... | 375 |
| 2. O ser humano, como agregado bioenergético..... | 380 |
| 2.1. A morte como dissociação..... | 388 |
| 3. Semiótica da morte..... | 390 |
| 4. A morte e os seus modelos míticos..... | 392 |
| 4.1. Modelo osiriano..... | 392 |
| 4.1.1 A morte como inimigo..... | 394 |
| 4.2. Modelo solar..... | 398 |
| 4.2.1. Ré e o regresso ao seio materno..... | 402 |
| 4.3. Modelo Atonista..... | 405 |
| 5. Definição e categorização final do morto..... | 406 |
| 6. A morte no domínio político-social..... | 407 |
| 6.1. Pranteamento e luto..... | 409 |
| 6.2. O cortejo funerário..... | 414 |
| 6.2.1. Cortejo funerário do vizir Ramose..... | 414 |
| 6.2.2. Cortejo funerário do mordomo Huya..... | 438 |
| 7. Rumando à eternidade..... | 446 |
| 7.1. Jornada de Kheruef..... | 447 |
| 7.2. Jornada de Ramose..... | 450 |
| 7.3. Jornada de Huya..... | 452 |
| 7.4. Jornada de outros funcionários Atonistas..... | 453 |
| 8. O mundo do Além..... | 457 |
| 9. A Alimentação dos mortos..... | 462 |

| | |
|---|-----|
| 10. Saindo à luz do dia..... | 468 |
| 10.1. O regresso a casa..... | 469 |
| 10.2. Saindo para ir aos festivais..... | 472 |

| | |
|-----------------------|------------|
| CONCLUSÃO..... | 478 |
|-----------------------|------------|

BIBLIOGRAFIA

| | |
|--|-----|
| 1. Fontes..... | 485 |
| 2. Atlas, Dicionários, Gramáticas e Léxicos..... | 486 |
| 3. Bibliografia geral..... | |
| 3.1. Obras gerais..... | 487 |
| 3.2. Artigos..... | 493 |
| 4. Bibliografia específica..... | |
| 4.1. Obras específicas..... | 496 |
| 4.2. Artigos..... | 499 |
| 4.3. Sites informáticos..... | 503 |

ANEXOS – SUPORTE INFORMÁTICO

1. Túmulos tebanos

- 1.1. Túmulo do vizir Ramose, TT 55
- 1.2. Túmulo de Kheruef, TT 192
- 1.3. Túmulo tebano de Parennefer, TT 188

2. Túmulos do Bubasteion

- 2.1. Túmulo de Aper-El, Bubasteion I.1

3. Túmulos Amarnianos do Norte

- 3.1. Túmulo real, TA 26
- 3.2. Túmulo de Huya, TA 1
- 3.3. Túmulo de Rudu, TA 1A
- 3.4. Túmulo de Meriré II, TA 2
- 3.5. Túmulo de Ahmés, TA 3
- 3.6. Túmulo de Meriré I, TA 4
- 3.7. Túmulo de Pentu, TA 5
- 3.8. Túmulo de Panehesy, TA 6

4. Túmulos Amarnianos do Sul

- 4.1. Túmulo de Parennefer, TA 7
- 4.2. Túmulo de Tutu, TA 8
- 4.3. Túmulo de Mahu, TA 9
- 4.4. Túmulo de Apy, TA 10
- 4.5. Túmulo de Ramés, TA 11
- 4.6. Túmulo de Nakhtpaaton, TA 12
- 4.7. Túmulo de Neferkheperu(ré)-her-sekheper, TA 13
- 4.8. Túmulo de May, TA 14
- 4.9. Túmulo de Suty, TA 15
- 4.10. O túmulo TA 18
- 4.11. Túmulo de Suta, TA 19
- 4.12. Túmulo TA 20
- 4.13. Túmulo de Any, TA 23
- 4.14. Túmulo de Paatonemheb, TA 24
- 4.15. Túmulo de Ay, TA 25
- 5. Estelas dos limites
- 5.1. Estela da fundação de Akhetaton

AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Professor Doutor José das Candeias Sales, Professor Auxiliar com Agregação da Universidade Aberta, seu orientador na presente tese, pela esclarecida e inteligente forma como o soube guiar através de um conjunto de informações muitas vezes díspares, procurando fazer sobressair tudo o que é, efectivamente, importante.

O autor agradece ao Professor Doutor José Augusto Ramos, Professor Catedrático do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, seu co-orientador, actualmente jubilado, pelas utilíssimas e pertinentes críticas que fez a este trabalho, contribuindo para o incremento da sua qualidade.

O autor quer ainda agradecer vivamente aos seus outros mestres de Egiptologia, respectivamente:

Professor Doutor José Nunes Carreira, Professor Catedrático do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, actualmente jubilado,

Professor Doutor Luís Manuel de Araújo, Professor Agregado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, mestre em muitos e sucessivos cursos de aperfeiçoamento no estudo do Antigo Egipto e seu muito apreciado companheiro de viagens ao País das Duas Terras.

Doutor Telo Canhão, pela sua sempre pronta ajuda e esclarecimento e mesmo pelo empréstimo que fez de bibliografia altamente especializada e muito difícil de encontrar.

O autor agradece ainda ao Professor Doutor José Augusto Mourão que, infelizmente, já não se encontra entre nós, pelo muito que com ele aprendeu nos domínios da Teologia, da Semiótica e do simples e complicado processo de ser humano.

Este trabalho é dedicado à sua memória.

Paulo Jorge Borges Carreira

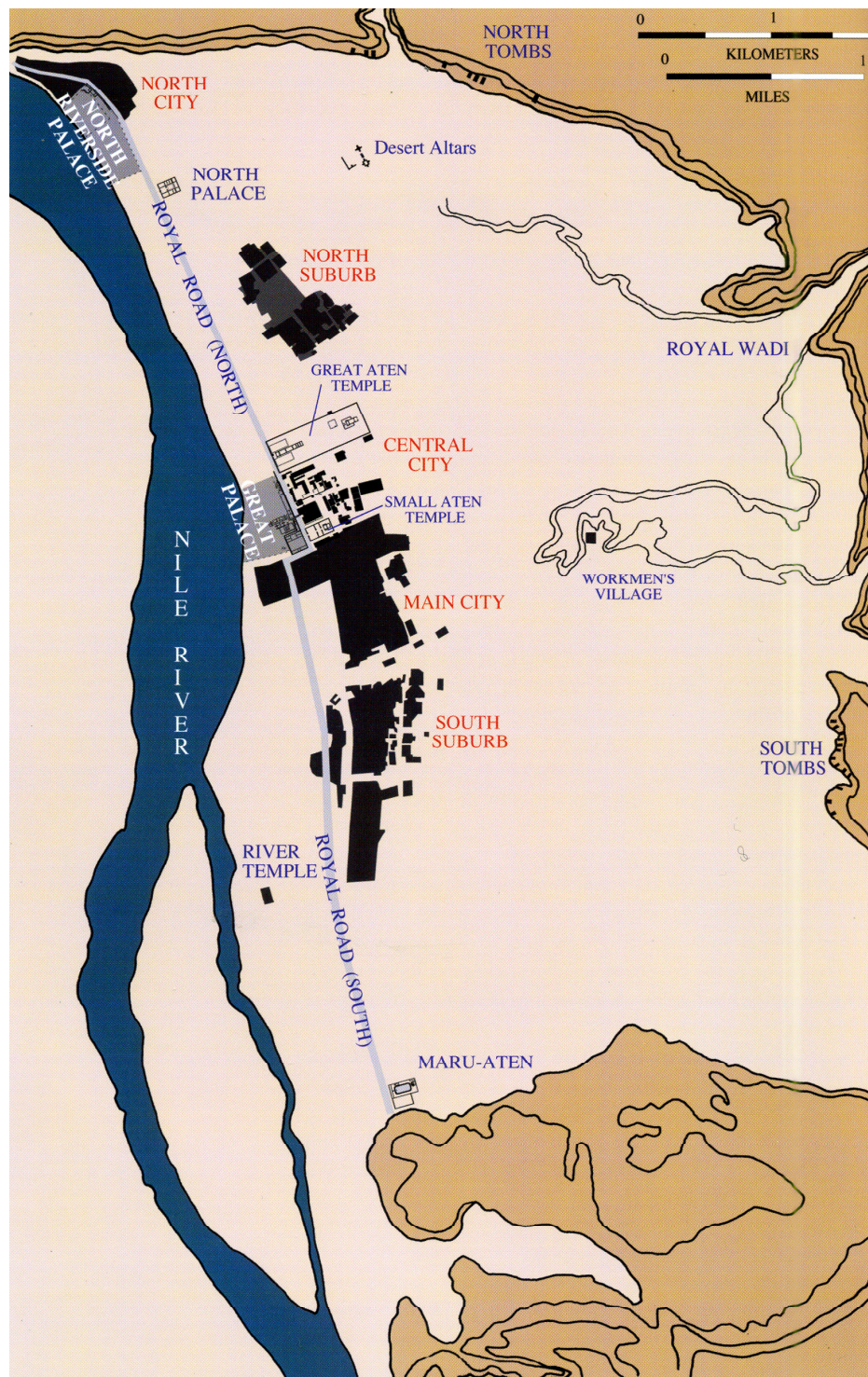
ABREVIATURAS

Lista das abreviaturas citadas ao longo do trabalho

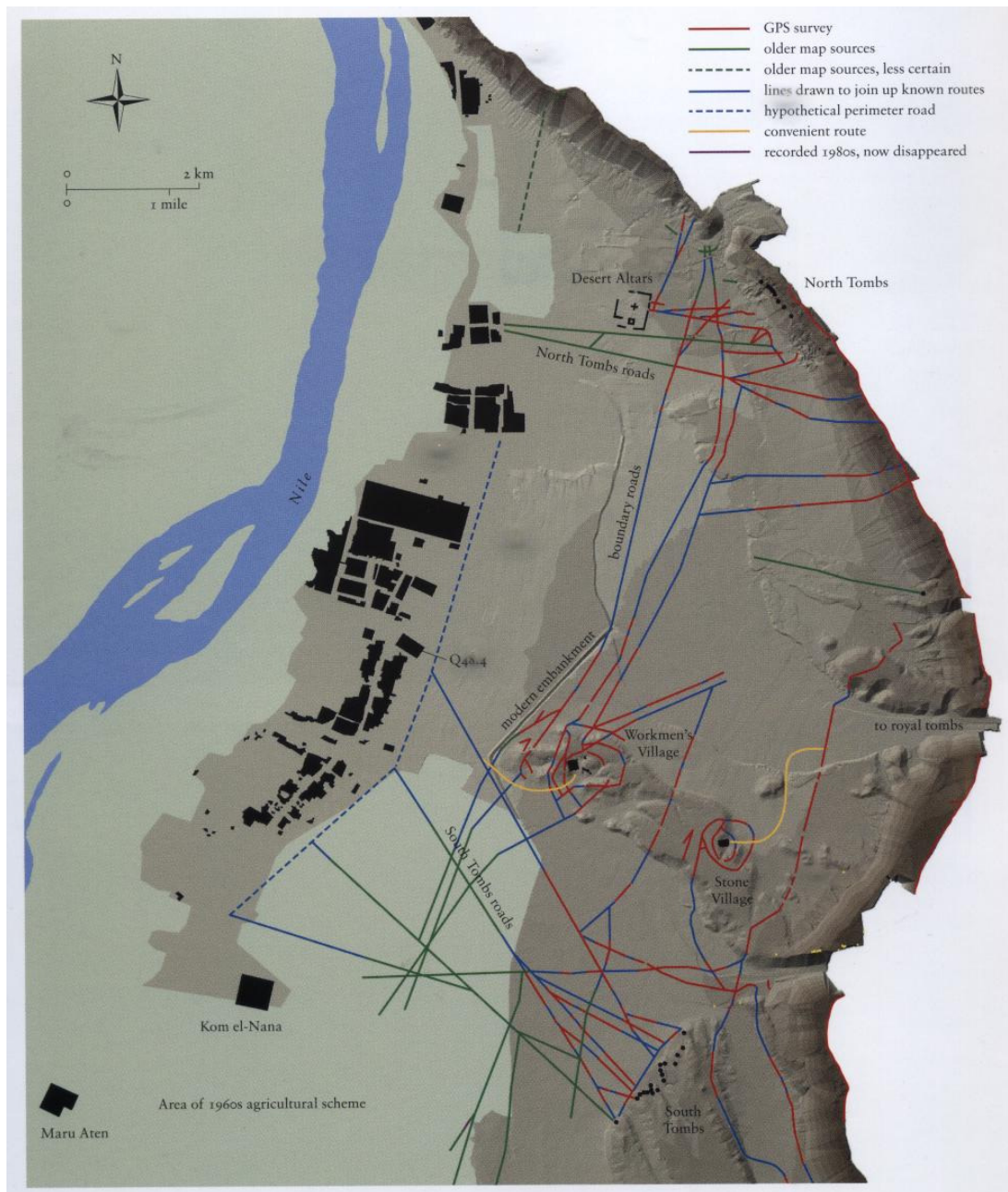
- Aegyptus** – *Aegyptus, Rivista italiana di Eggitologia e di Papirologia*, Milão.
- Ancient Egypt** – *Ancient Egypt, The History, People and Culture of the Nile Valley*, Manchester.
- BD** – *Book of the Dead*, «*Livro dos Mortos*».
- BIFAO** – *Bulletin de l'Institut Français d'Archéologie Oriental*, Cairo.
- BSFE** – *Bulletin de la Société Française d'Egyptologie*, Paris.
- CAJ** – *Cambridge Archaeological Journal*, Cambridge.
- CRAIBL** – *Comptes rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Paris.
- CT** – *Coffin Texts*, «*Textos dos Sarcófagos*».
- Hapi** – *Hapi, Revista da Associação Cultural de Amizade Portugal-Egipto*, Lisboa.
- Horizon** – *Horizon, The Amarna Project and Amarna Trust newsletter*, Cambridge.
- JARCE** – *Journal of The American Research Center in Egypt*, Cairo.
- JEA** – *Journal of Egyptian Archaeology*, London.
- JNES** – *Journal of Near Eastern Studies*, Chicago.
- PT** – *Pyramid Texts*, «*Textos das Pirâmides*».
- RTEA** – DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of el-Amarna*, vols. I-VI, reprint, London: The Egypt Exploration Society, 2004.
- TAPE** – MURNANE, William J., *Texts from the Amarna Period in Egypt*
- TBAE** – PORTER, Bertha and MOSS, Rosalind, *Topographical Bibliography of Ancient Egypt. Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings*.
Vol. I – The Teban Necropolis, Part one: Private Tombs
Vol. IV – Lower and Middle Egypt



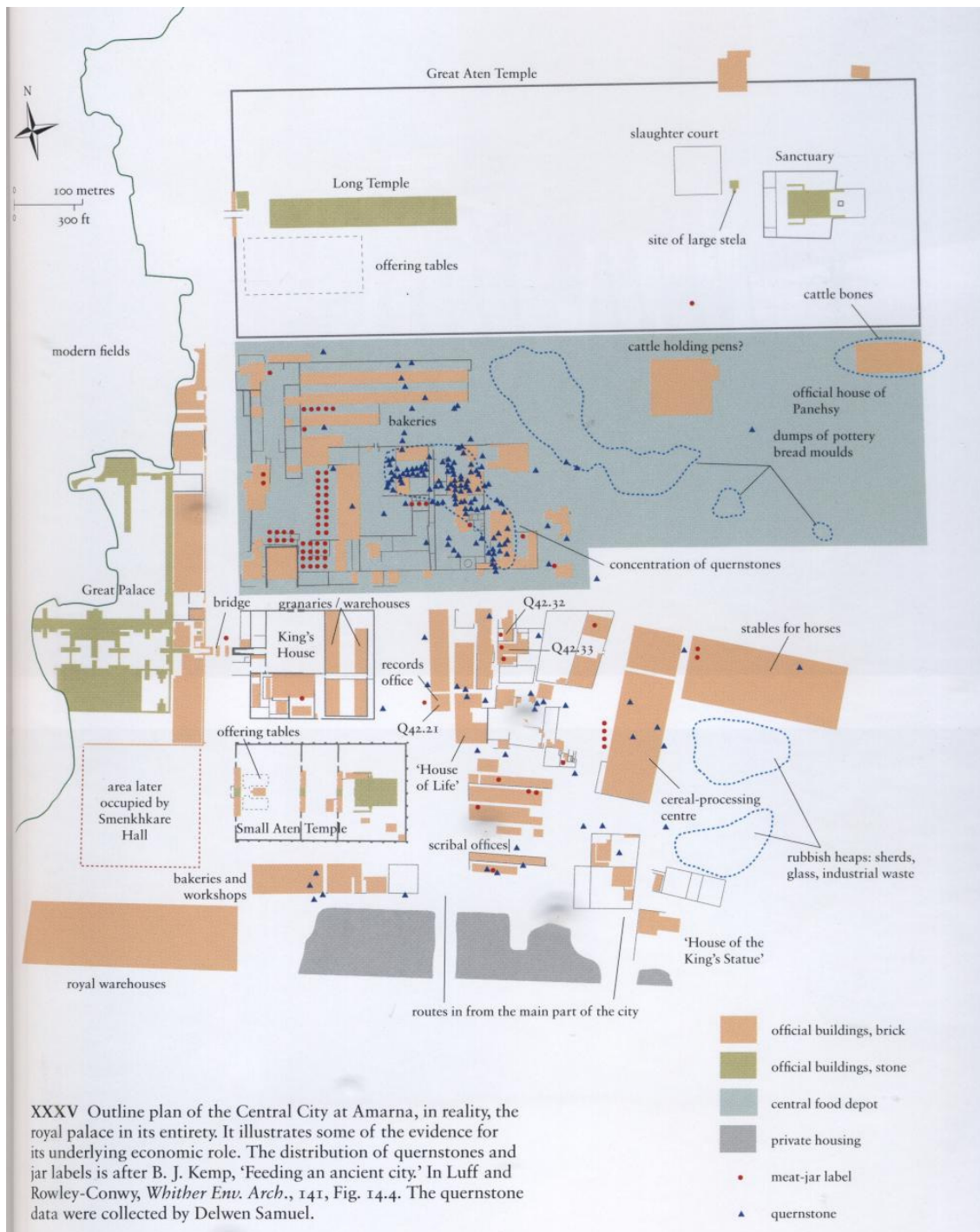
Mapa do Egito Antigo, assinalando as suas cidades principais.
(ARAÚJO, Luís M. de, *Arte Egípcia. Coleção Calouste Gulbenkian*, p. 15).



A cidade de Akhetaton.
 SILVERMAN, WEGNER e WEGNER, *Akhenaten, and Tutankhamun*, p. 58).



A cidade de Akhetaton. Sistema de estradas e localização dos túmulos.
(Kemp, Barry,, *The city of Akhenaten, and Nefertiti* p. 104).



Região central de Akhetaton.
(Kemp, Barry, *The city of Akhenaten, and Nefertiti* p. 273)


INTRODUÇÃO

O presente trabalho situa-se na intersecção de dois importantes conjuntos que fazem parte do património egípcio: o domínio semiótico – texto, iconografia – e o domínio da religião, englobando discursos sobre a criação, a manutenção da vida e da morte e sobre os deuses que assistem cada um destes momentos. Tem como finalidade principal o estudo da incidência de cada um destes vectores sobre um grupo específico de pessoas que evoluíram na vizinhança próxima de Amen-hotep IV/Akhenaton. Todos eles seguiam, ou afirmavam seguir, os seus novos preceitos religiosos e foram premiados com túmulos, a maioria dos quais localizada na *margem oriental* do Nilo, nos penhascos que rodeiam a cidade de Akhetaton /Amarna. Talhados numa pedra de má qualidade, inacabados e mais ou menos vandalizados, esses túmulos condensam hoje nas suas paredes os únicos dados biográficos de homens há muito desaparecidos e da cidade onde viveram uma parte da sua vida. Neles se encontram ainda, gravados sob a forma de hinos e orações, os poucos princípios da doutrina atonista que chegaram até nós.

Embora os edifícios religiosos de Akhetaton hajam sido desmantelados nos tempos de Horemheb e de Ramsés II¹, as estelas que delimitam a cidade, o túmulo do rei e os dos seus funcionários sobreviveram. Escavada na escarpa oriental, a *p3 sm3yt n 3ht-Itn*, «a necrópole² de Akhetaton», foi abandonada depois da morte da «rei» Neferneferuaton e os sarcófagos trazidos para serem de novo enterrados, provavelmente junto dos seus antepassados.

Na Antiguidade, os túmulos amarnianos foram visitados, tal como indicam os numerosos grafitos que ainda lá podem ser vistos. Ali estiveram, por exemplo, Espártaco, que viveu no tempo de Alexandre Magno³, Filino, no de Ptolemeu I (305 – 282 a. C.) e ainda Catulino, um contemporâneo de Augusto (63 a. – 14 d. C.)⁴.

¹ BOOTH, Charlotte, *Horemheb, the forgotten pharaoh*, p. 97; MASQUELIER-LORIUS, Julie, *Séti I^{er} et le début de la XIX^e dynastie*, p. 17; DODSON, Aidan, *Amarna Sunset*, pp. 124-125.

² A grafia normal é  *smyt*, «deserto, necrópole». Ver GARDINER, Alan, *Egyptian Grammar*, p. 590.

³ Que conquistou o Egipto em 332 a. C.,

⁴ MONTSERRAT, Dominic, *Akhenaten. History, Fantasy and Ancient Egypt*, p. 55.

A partir do século VI, uma comunidade de monges coptas instalou-se nas ruínas da cidade e deixou imagens de santos no túmulo de Panehesy e mesmo algumas inscrições piedosas⁵. Depois tudo foi remetido ao silêncio, até ao período contemporâneo⁶.

O primeiro europeu que documentou uma visita a Amarna foi o jesuíta Claude Sicard (1677-1726), em Novembro de 1714. Na sua obra *Texte de transition entre la relation d'un voyage dans l'isle du Delta et la relation d'un voyage en haute Égypte* de 1716⁷, esse ilustre viajante apresenta pela primeira vez uma reprodução, embora muito excêntrica, de uma estela delimitadora, a estela A, em Tuna el-Guebel, a qual interpretou como uma cena de sacrifício.

Durante a ousada expedição do general Bonaparte ao Egipto, Edmé Jomard (1777-1862) esteve em Amarna (c. 1798), tendo desenhado, pela primeira vez, um plano da cidade, depois publicado na *Description de l'Égypte* (1817)⁸.

O escocês Robert Hay (1799-1863) chegou em 1824 ao País Duplo. Embora não fosse egiptólogo mas artista, realizou um extenso e meticuloso trabalho, infelizmente não publicado, que actualmente se encontra na secção de manuscritos do Museu Britânico. Foi, tanto quanto se sabe, o primeiro a copiar os Túmulos do Sul⁹.

A cópia e transcrição textual dos Túmulos do Norte devem-se a Nestor l'Hôte (1804-1842) e foram realizadas em 1839. Constam de dezassete volumes, actualmente na Biblioteca Nacional de Paris¹⁰. Nos anos 40 do século XIX, Émile Prisse d'Avennes (1807-1879) realizou igualmente desenhos dos túmulos do norte¹¹ e de algumas estelas-limite que foram publicados em 1847, três anos depois da morte de Nestor l'Hôte.

⁵ DAVIES, Norman de G. «The tomb of Panehesy», *RTEA*, vol. II, p.12, Pl. XX; MONTERRAT, Dominic, *Akhenaten. History, Fantasy and Ancient Egypt*, p. 57.

⁶ Para uma relação muito completa da bibliografia relativa ao período amarniano, consulte-se MARTIN, George Thorndike, *A Bibliography of the Amarna Period and its Aftermath*, London/New York: Kegan Paul International, 1992.

⁷ SICARD, Claude, «Texte de transition entre la relation d'un voyage dans l'isle du Delta et la relation d'un voyage en haute Egypte» (1716), em Martin (éd.) Claude Sicard : *Œuvres* II, Le Caire, 1982, pp. 105-108. Ver MONTERRAT, Dominic, *op. cit.*, pp. 59-60; data.bnf.fr/12285854/claude_sicard/, de 16/01/2016.

⁸ Sobre este e outros egiptólogos e exploradores de Amarna, consulte-se SHAW, Ian, *Exploring Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press 2003. Ver igualmente o site www.sabix.org/bulletin/sabix54.htm, de 30 de Junho de 2016.

⁹ Consulte-se o site www.gurna.org/hay.html, de 30 de Junho de 2016. Os túmulos amarnianos são designados por «do Norte» e «do Sul» conforme a sua orientação relativamente ao túmulo real, TA 26.

¹⁰ Consulte-se o site data.bnf.fr/12379664/nestor_1_hote/, de 30 de Junho de 2016.

¹¹ ALDRED, Cyril, *Akhenaten, king of Egypt*, p. 17.

John Gardiner Wilkinson (1797-1875) visitou Amarna, primeiro em 1824 e depois em 1826, na companhia de James Burton (1796-1878)¹². Localizou o cemitério real e mais doze túmulos, elaborando um conjunto de desenhos. Verificou, sem dificuldade, estar perante estranhas representações que não se enquadravam na arte do antigo Egipto, tal como era então conhecida: um rei, uma rainha e as suas filhas, de corpos mais ou menos distorcidos, mostravam-se em atitudes familiares e de intimidade amorosa, comiam e bebiam debaixo do disco solar, designado por *Ttn*, que os acariciava com raios terminados em forma de mãos e lhes tocava as narinas com o símbolo da vida (*ankh*)¹³. O nome do disco solar estava encartelado, à semelhança do de cada um dos soberanos, respectivamente, Akhenaton e Nefertiti. Deve-se a John G. Wilkinson e a James Burton a realização de uma série de esboços efectuados nos túmulo de Huya (mordomo da rainha Tié), de Ahmés (secretário do rei), do sacerdote Meriré, do mordomo Panehesy, do copeiro Parennefer, do camareiro Tutu e do «intendente dos cavalos», Ay, o futuro faraó. Os resultados foram publicados num volume intitulado *The Manners and Customs of the Ancient Egyptians*¹⁴.

A expedição enviada ao Egipto por Frederico Guilherme IV da Prússia e dirigida por Karl Richard Lepsius (1810-1884) permitiu uma cuidada observação e recolha de imagens. O emérito egiptólogo deu-se conta da destruição dos nomes régios e das próprias figuras que representavam o casal amarniano e concluiu que o rei, a quem chamou «Bech-en-aten», teria levado a cabo uma reforma religiosa, caracterizada pela adoração do Sol como deus único, uma vez que não havia referência a qualquer outro. Mas essa revolução abortara, tal como era demonstrado pela *damnatio memoriae* a que fora votado o faraó. O relatório da expedição foi publicado na obra *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopia*¹⁵.

O trabalho de limpeza dos túmulos do Sul foi iniciado por Gaston Maspero (1846-1916) em 1883, permitindo a cópia de novos textos que posteriormente foram publicados

¹² MONTSERRAT, Dominic, *op. cit.*, pp. 61-63. Consulte-se o site www.bodley.ox.ac.uk/dpt/scwms/wmss/on_line/ de 30 de Junho de 2016.

¹³ WILKINSON, John, G., *Murrays Handbook for Travellers in Egypt*, pp. 306-307 *apud* MONTSERRAT, Dominic, *op. cit.*, pp. 61-62.

¹⁴ WILKINSON, John, G., *The Manners and Customs of the Ancient Egyptians*, London, 1878, vol. III.

¹⁵ LEPSIUS, Karl, R., *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopia nach den Zeichnungen der von seiner Majestät dem Könige von Preussen Wilhelm IV nach gesendeten und in den Jahren 1842-1845 ausgeführten wissenschaftlichen Expedition auf Befehl seiner Majestät*, Nicolaische Buchhandlung, Berlin-Leipzig, 12 vol. en I-VI sections.

por Urbain Bouriant (1849-1903)¹⁶, ao qual se deve a transcrição do *Hino de Aton*, desaparecido entretanto. A limpeza dos túmulos foi completada em 1893 por Eugène Grébaut (1846-1915) e um novo acervo documental foi publicado por Georges Daressy (1864-1938)¹⁷.

Na última década do século XIX, os habitantes locais descobriram um imenso templo e algumas peças, entre as quais um anel de ouro gravado com o nome de Neferneferuaton (o prenome da rainha Nefertiti), o qual, muito naturalmente, se encarregaram de vender no mercado negro. O templo foi desentulhado, em 1891-1892, pelo arqueólogo Alessandro Barsanti (1858-1917), do Serviço Egípcio de Antiguidades. Infelizmente o trabalho foi mal conduzido e destruiu inúmeros dados arqueológicos¹⁸.

O túmulo amarniano de Akhenaton recebeu também a visita do célebre Howard Carter (1874-1939), futuro descobridor do túmulo de Tutankhamon, no Vale dos Reis. Em 1892, Carter acompanhou a expedição de William M. Flinders Petrie (1853-1942) e a ele se deve um importante conjunto de desenhos das cenas gravadas nas paredes do sepulcro real de Amarna, o qual posteriormente foi publicado, com um grande sucesso, no periódico londrino *Daily Graphic* de 28 de Março de 1892¹⁹. A expedição de F. Petrie logrou detectar, e pôr a descoberto, as principais áreas da cidade de Aton, tendo retirado inúmeros revestimentos de paredes e pavimentos, entre os quais a célebre e comovente imagem em que as princesas Neferneferuré e Setepenré se acariciam ternamente. Parte dos achados entraram no acervo do Ashmolean Museum de Oxford, mas o pavimento, que ficou *in situ*, veio a ser posteriormente vandalizado²⁰.

Os túmulos do Norte, foram inicialmente estudados, em 1892, por Percy Newberry (1869-1949)²¹ e, nos anos de 1903-1908, por Norman de Garis Davies (1865-1941) cujas descobertas foram relatadas em *The Rock Tombs of El-Amarna*²², obra que abrange as

¹⁶ BOURIANT, LEGRAIN e JEQUIER, «Monuments pour servir à l'étude du culte d'Atonou en Égypte», *MIFAO* 8, Le Caire 1903.

¹⁷ DARESSY, Georges. «Le cercueil de Khu-n-aten», *BIFAO* 12 (1916), 145-149; «Tombeaux et stèles de Hagi-qandil» *RT* 15 (1893), 36-62.

¹⁸ REEVES, Nicholas, *Akhenaten. Egypt's false prophet*, p. 18.

¹⁹ PETRIE, William M., *Tell el-Amarna*, London, 1894.

²⁰ WATTERSON, Barbara, *Amarna. Ancient Egypt's age of revolution*, p. 137.

²¹ NEWBERRY, Percy, «The Archaeological Survey of Egypt. Mr Newberry's work, 1892-93» *BEFAR* 1892-3, pp. 9-15; «The discovery of the tomb of Khuenaten», *The Academy*, 41: 1029 (Jun. 23, 1892), 94.

²² DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of el-Amarna*, vols. I-VI, reprint, London: The Egypt Exploration Society, 2004.

estelas-limite e os túmulos das zonas norte e sul. Deve-se a Nina Davies, sua esposa, a cópia da iconografia de cada um dos túmulos, através de um conjunto de magníficos desenhos, que foram reproduzidos em livros posteriores e neste mesmo trabalho. Tudo isto é acompanhado pela transcrição dos respectivos textos, transcritos em hieróglifos *standard*²³, e posteriormente traduzidos e comentados. Ressalvando o enorme respeito que nos merece este trabalho, verdadeiramente titânico, deve ter-se em conta que a reconstituição das estelas-limite de Akhetaton apresenta um certo número de falhas e imprecisões, provavelmente devidas ao difícil acesso de algumas delas, bem como ao cada vez mais precário estado de conservação.

Novas escavações, bem conduzidas, em inícios do século XX, por Ludwig Borchardt (1863-1938) e pela *Deutsche Orient-Gesellschaft* de Berlim incidiram sobre a casa do escultor Tutmés, cujo recheio se verificou ser constituído por uma série de atraentes modelos de gesso representando o casal régio e outras personalidades, além de estátuas com vários graus de acabamento²⁴. O momento alto da expedição chegou, no entanto, a 6 de Dezembro de 1912: o trabalho de escavação trouxe à luz do dia o mais célebre busto feminino que o Egipto nos ofereceu, o da bela rainha Nefertiti, actualmente exibido no Museu Egípcio de Berlim (fig. 1).

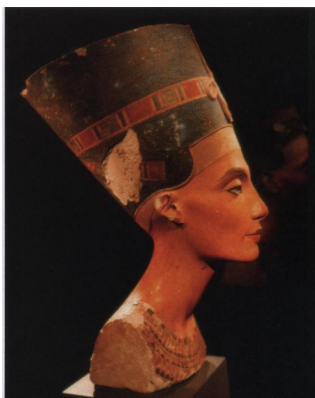


Fig. 1 – Busto da rainha Nefertiti. Museu de Berlim.

²³ Isto é, provenientes de um programa informático. No caso presente, o programa *Winglyph*.

²⁴ BORCHARDT e RICKE, *Die Wohnhäuser in Tell El-Amarna*, Deutsche Orient-Gesellschaft in Tell El-Amarna 91, Berlim 1980.

Interrompidas pela Grande Guerra (1914-1918), as escavações foram depois retomadas pela *Egypt Exploration Society*, de Londres, que trabalhou em Amarna de 1921 a 1936, sob a direcção de nomes importantes da arqueologia do Próximo Oriente como Sir Leonard Wooley (1880-1960)²⁵, Francis Newton (1878-1924)²⁶, Henri Frankfort (1897-1954)²⁷ e John Pendlebury (1904-1941)²⁸. Deve-se a estes dois últimos investigadores uma obra em três volumes, publicada em 1933, com o título de *The City of Akhenaten*²⁹, ainda hoje muito útil para compreender a cidade de Aton e todo o mundo de vivências que a envolveram.

As vicissitudes políticas sofridas pelo Egipto levaram a que, só em 1977, a concessão da *Egypt Exploration Society* fosse renovada, na pessoa do professor Barry Kemp da Universidade de Cambridge. Este investigador ilustre, interessou-se fundamentalmente pela cidade e pela vida dos seus habitantes e pelos cemitérios onde foram inumados.

Os relatórios de investigação de Barry Kemp têm sido publicados pela *Egyptian Exploration Society* e na revista *Horizon*³⁰. As suas obras (ver bibliografia final) foram extensivamente consultadas na feitura deste trabalho.

1. Enquadramento histórico-teológico

Os habitantes do Egipto viveram desde tempos imemoriais na companhia de deuses que os protegiam e, por vezes, castigavam. Abrigados no interior dos seus templos e bem alimentados e vestidos por um conjunto de funcionários conhecedores da sua teologia e do seu culto, os deuses explicavam a existência do mundo e os grandes ciclos do tempo e amparavam o Egípcio na vida, na morte e depois da morte.

Com o pensamento lógico e prático que os caracterizava, os intelectuais egípcios, sacerdotes na sua maior parte, tinham desde muito cedo encarado o problema da morte, dividindo-o, como era seu hábito, em dois aspectos, os quais podemos nomear, com alguma propriedade, *hardware* e *software*. O primeiro aspecto abordava questões muito práticas que

²⁵ Ver o site <https://www.britannica.com/biography/Leonard-Woolley>, de 16 de Junho de 2016.

²⁶ «Mr. Newton's grave», *Horizon*, issue I, September 2006, p. 9.

²⁷ Ver o site <https://www.britannica.com/biography/Henry-Frankfort>, de 16 de Junho de 2016.

²⁸ Ver o site ees.ac.uk/about-us/history.html, de 16 de Junho de 2016.

²⁹ FRANKFORT e PENDLEBURY, *The City of Akhenaten. The Excavations at Tell el Amarna during the Seasons 1926-1932*, London 1933.

³⁰ Sobre o trabalho desenvolvido em Amarna por Barry Kemp e a sua equipa, consultar o site www.amarnaproject.com/contact.shtml, de 16 de Junho de 2016.

lidavam com a protecção e conservação do cadáver, o tipo de habitação que lhe era necessária e o seu equipamento para a eternidade. Tal como antes vivera numa casa dotada de todas as comodidades, o defunto usufruía de um túmulo, igualmente bem equipado, desde que o pudesse pagar e o rei autorizasse a sua construção. Lá encontraria um precioso guia de viagem para o Além, ensinando-o a interagir com a estranha população que aí habitava. O segundo aspecto, consequência directa do primeiro, abrangia os conteúdos teológicos necessários a explicar e garantir a sobrevivência do indivíduo no mundo dos mortos. Isto implicava, naturalmente, a formulação de uma doutrina a respeito da existência e da tipologia da vida depois da morte. Importava saber até que ponto seria tão «democrática» como o era aquela ou se exigiria condições prévias, que deuses a geriam e quais os procedimentos a adoptar na sua presença. Estas crenças, profundamente radicadas na sociedade egípcia, vieram a ser postas em causa no reinado de um homem que subiu ao trono c.1353 a.C.³¹ com um nome teóforo de base amoniana, Amen-hotep – «Amon está satisfeito» – e que veio a trocá-lo, no ano 4 ou 5 do seu reinado, por outro nome com diferente ressonância, Akhenaton, «o que é útil a Aton».

De acordo com R. Vergniewux³², designa-se habitualmente por «amarniano» o intervalo de tempo decorrido entre o ano 5 e a morte de Akhenaton, cerca do ano 17 do seu reinado, o que implica um período «proto-amarniano», fundamentalmente passado em Tebas, que vai do ano 1 ao ano 5, bem como um extenso e mal definido período «pré-amarniano» que, obviamente, termina com a subida ao trono do filho de Amen-hotep III, saudada com todas as bênçãos de Amon-Ré, mas cujo ponto de partida se admite hoje remontar, no mínimo, a Tutmés IV. Em cada um destes períodos a definição de Aton assumiu conteúdos diversos e uma iconografia própria. No tempo de Amarna, toda a essência do divino estava já concentrada nesta entidade única, um deus criador da vida e da luz, que se mostrava fisicamente ou tinha a sua morada no Sol, activo ao longo do dia e «repousando» durante a noite. A sua relação com a morte era, portanto, nula ou, pelo menos, pouco explicitada. Nenhuma teoria havia sido formulada a respeito de algum tipo de viagem solar nocturna, tal

³¹ A cronologia absoluta do reinado de Akhenaton não está bem estabelecida. No presente trabalho usámos a expressa em CARREIRA, José Nunes, «Akhenaton», em ARAÚJO, Luís M. de, (dir.) *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 41. De acordo com este autor Amen-hotep IV/Akhenaton reinou entre 1353 e 1336 a.C.

³² VERGNIEWUX, R., «La période proto-amarnienne», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, pp. 35-50.

como se fizera para os deuses Ré e Amon-Ré. Sabia-se que Aton se renovava perpetuamente e que o rei, seu filho, viveria milhões de anos. Era manifestamente pouco.

Akhetaton fora pensada como a cidade sagrada, onde só deveriam habitar a paz e a alegria, visão paradisíaca que nunca logrou corresponder à realidade. Como sempre acontecera, continuava-se obviamente a adoecer, a envelhecer e a morrer. A vida terrena era frágil, mesmo para a família real, que, como os mais humildes camponeses, fazia tal experiência com choro e lamentações³³.

As antigas ideias a respeito da vida no Além, fonte de consolação para todos os Egípcios, estavam a mudar. Coisas aparentemente indiscutíveis como a existência de Osíris e dos antigos deuses vieram a ser postas em causa. Num discurso catequético aos seus cortesãos, Akhenaton refere-se-lhes mesmo como sendo coisas do passado:

Eu conheço [os seus (?)] templos [...] [os esc]ritos de [...] e o inventário manual dos seus corpos primevos [...] eles cessaram um após outro embora [feitos] de pedras preciosas... [ouro]³⁴.

Ou seja, no seu papel de sumo-sacerdote universal, o rei conhecia as regras de construção das imagens divinas e sabia que só os materiais preciosos eram dignos delas. Ora, de acordo com o que se pensava no Antigo Egipto, o «funcionamento» de uma estátua devia-se ao facto de, na sequência de rituais específicos, o *netjer* descer do céu, sob a forma do seu *ba*, e penetrar na imagem, tal como diz um texto da XVIII dinastia: «Possas o meu *ba* pousar nas minhas imagens, nos monumentos que eu fiz»³⁵. A mesma ideia aparece num texto, igualmente do Império Novo, em que se narra que, depois de Ptah ter feito os corpos dos deuses, os haver colocado em templos e estabelecido as suas oferendas, «então, os deuses entraram nos seus corpos (feitos) de toda a espécie de madeira, de toda a espécie de minerais.»³⁶

Afirmar a «actual» inoperância de estátuas que haviam sido «funcionais» equivalia a dizer que os *bau* divinos, que aí tinham morada, as haviam abandonado. O texto de Akhenaton está tão incompleto, que não é possível compreender este abandono. Com base

³³ Tal como é patente em dois relevos do túmulo real de Amarna, respectivamente, lamentação diante do cadáver de uma princesa, sala Alfa, parede F e sala Gamma, parede A. Ver GABOLDE, M., *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, pls. IV, V.

³⁴ REDFORD, Donald, *Akhenaten, the heretic king*, p. 172.

³⁵ *Urk IV*, p. 1526, *apud* ASSMANN, Jan, *The search of God in Ancient Egypt*, p. 43.

³⁶ *Ibidem*, p. 46.

nos desenvolvimentos posteriores do Atonismo, sabe-se que, mesmo assim, esses *bau* continuavam vivos e foi necessária uma campanha de apagamento dos seus nomes para que eles morressem *de facto*. Ora, mortos Amon, amparo dos vivos, e Osíris, gestor da vida eterna, que esperança restava aos Egípcios?

À semelhança dos seus antecessores, a *intelligentsia* atoniana reflectiu certamente a respeito do problema da morte e da posterior subsistência material e espiritual do ser humano. Teria de admitir algum tipo de solução no contexto do novo sistema religioso ou ele não vingaria. Contudo, nenhum tratado sobre este tema chegou aos nossos dias. A arqueologia mostra que se manteve a prática da mumificação e a inumação em túmulo com o seu equipamento habitual e os seus *chauabtis*.

Certamente Akhenaton, filho e auto-nomeado porta-voz da divindade, ter-se-á interrogado a respeito dos textos religiosos que deveriam ser fornecidos ao defunto no intuito de facilitar a sua transição para o mundo da *Duat*. O *Livro dos Mortos* não podia ser uma opção a considerar, cheio como estava de referências a divindades que o rei proclamara serem falsas. Contudo, à míngua de tempo de maturação, a nova doutrina não conseguira desenvolver um corpo extensivo de textualidades próprias, motivo pelo qual as paredes dos túmulos se limitam a conter hinos pouco diferenciados a Aton e ao rei, bem como algumas frases que ressoam às antigas crenças. Isto não foi, manifestamente, suficiente para os companheiros de Akhenaton. Apesar de os seus votos de fidelidade a Aton e ao rei, quase nenhum dos membros do corpo dos funcionários foi enterrado em Amarna³⁷. Preferiram repousar mais tarde junto das suas famílias e dos antigos deuses, em locais que, até ao presente, nos são desconhecidos.

2. Objecto, problemática, conceitos e objectivos

Tal como o seu nome indicia, objecto do presente trabalho centra-se no estudo dos funcionários de Amen-hotep IV/Akhenaton ou, mais rigorosamente num subconjunto definido por:

$$F = F_1 \cap F_2 + F_1 \cap F_3$$

³⁷ À excepção de Huya, se nos ativermos à representação do cortejo fúnebre presente no seu túmulo. Ver DAVIES, Norman de G., *The rock tombs of el-Amarna*, vol. III, Pls. XXII-XXIII.

Isto é, a soma das intersecções de F_1 com F_2 e de F_1 com F_3 , em que F_1 representa o conjunto dos funcionários do monarca acima referido, F_2 o subconjunto dos que estão sepultados fora de Amarna e F_3 o subconjunto dos que aí têm um túmulo identificado pelo nome do seu proprietário. De $F_1 \cap F_2$ fazem parte os túmulos Aper-El (Bubasteion, I 2), Ramose (TT 55), Parennefer (TT 188) e Kheruef (TT 192), num total de 4. De $F_1 \cap F_3$, túmulos situados em Amarna e ditos «do Norte» e «do Sul», num total de 25³⁸. Falamos concretamente dos indivíduos discriminados no Quadro 1.

Quadro 1 – Nome, meio social e cargos principais dos funcionários amarnianos

| Nome, túmulo | Meio social, cargos principais |
|------------------------------|--|
| Túmulos tebanos | |
| Ramose, TT 55 | <i>r-p^ct ḥ3ty-^c</i> , «Senhor e membro da elite», <i>t3t(y)</i> , «Vizir», <i>imy-r k3tw m mnw wrw</i> , «Superintendente dos trabalhos nos grandes monumentos», <i>s3b m wpwt iwnwt</i> , «Juiz encarregado do inventário dos bens dos deuses de Heliópolis»... |
| Kheruef, TT 192 | <i>r-p^ct ḥ3ty-^c</i> , «Senhor e membro da elite», <i>imy-r pr ḥmt-nsu wrt Tiy</i> , «Mordomo da grande esposa real, Tié», <i>hrp-^ch</i> , «Administrador do palácio»... |
| Parennefer, TT 188 | <i>wb3 nsu w^cb-^cwy</i> , «Copeiro-real de mãos puras», <i>imy-r k3wt nbt nt nsu m Pr-Itn</i> , «Superintendente de todos os trabalhos do rei, na Casa de Aton»... |
| Túmulos do Bubasteion | |
| Aper-El, Bubasteion I.1 | <i>t3t(y)</i> , «Vizir |
| Túmulo Real, TA 26 | |
| Túmulos do Norte | |
| Huya, TA 1 | ? <i>imy-r pr (m) m(w)t nsu ḥmt-nsu wrt Tiy</i> , «Mordomo da casa da mãe do rei, a grande esposa real Tié»; <i>imy-r iptnsu</i> , «Superintendente do harém real»; <i>imy-r pr- ḥd</i> , «Superintendente da Casa da Prata (tesouro)»; <i>t3(t)y sryt n p3 s3w nm^c(w) ḥrdw ḥ^ci. n.f Itn</i> , «Porta-estandarte do regimento de jovens guerreiros (denominado) “Aton ergueu-se”» |
| Rudu, TA 1 A | ? |
| Meriré II, TA 2 | ? <i>imy-r pr</i> , «Mordomo»; <i>imy-r ipwt nsu</i> , «Superintendente dos aposentos privados do rei»; <i>imy-r ipwt nsu n ḥmt-nsu ^c3t</i> , «Superintendente dos reais aposentos privados da grande esposa real»; <i>imy-r pr- ḥd</i> , «Superintendente da Casa da Prata» |
| Ahmés, TA 3 | Educado pelo rei desde criança <i>imy-r pr n pr 3ḥ-n-Itn</i> , «Mordomo da casa de Akhenaton»; <i>sd3wty-bity</i> , «Chanceler do rei do Baixo Egito» |
| Meriré I, TA 4 | <i>r-p^ct ḥ3ty-^c</i> , «Senhor e membro da elite» <i>wr m3w n p3 Itn m pr Itn m 3ḥt-Itn</i> , «Grande dos Videntes de Aton na Casa de Aton em Akhetaton |

³⁸ Efectivamente, 11 túmulos amarnianos não exibem o nome do proprietário. É o caso dos Túmulos do Norte referidos como TA 1B, TA 3A, TA 3F, TA 6B e TA 6C e dos Túmulos do Sul com a designação TA16, TA 17, TA 18, TA 20, TA 21e TA 22.

| | |
|-------------------------------------|---|
| Pentu, TA 5 | ? <i>b3k-tpy n' Itn m hwt p3 Itn m 3ht-Itn</i> , «Primeiro sacerdote de Aton no “Domínio de Aton” em Akhetaton»; |
| Panehesy, TA 6 | Pobre, Ins. 56-57 <i>b3k-tpy n' Itn m pr-Itn m 3ht-Itn</i> , «Sumo sacerdote de Aton na Casa de Aton, em Akhetaton»; <i>hm-ntr nw 2 n nb t3wy Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c di nhl</i> , «Segundo sacerdote do senhor das Duas Terras, Neferkheperuré-Uaenré, dotado de vida» |
| Túmulos do Sul | |
| Parennefer, TA 7 | <i>r-p^ct h3ty-^c</i> , «Senhor e membro da elite» |
| Tutu, TA 8 | Educado pelo rei <i>imy-hnt</i> , «Camareiro da corte»; <i>b3k-tpy n Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c m ...pr-Itn m 3ht-Itn</i> , «Chefe dos servidores de Neferkheperuré na ... Casa de Aton em Akhetaton»; <i>imy-r hd nbw n nb t3wy</i> , «Super-intendente da prata e do ouro do senhor das Duas Terras» |
| Mahu, TA 9 | ? <i>hry M^cd3w n 3ht-Itn</i> , «Chefe dos <i>Medjau</i> de Akhetaton» |
| Api, TA 10 | Educado pelo rei desde criança <i>imy-r pr</i> , «mordomo» |
| Ramés, TA 11 | Pobre, ln. 14. Educado pelo rei, ln. 7 <i>imy-r pr n pr Nb-m3^ct-R^c</i> , «Mordomo da casa de Nebmaetré (Amen-hotep III)»; <i>imy-r m3^cw n nb t3wy</i> , «General do senhor das Duas Terras» |
| Nakhtpaaton, TA 12 | <i>r-p^ct h3ty-^c</i> , «Senhor e membro da elite» <i>t3t(y)</i> , «Vizir» |
| Neferkheperu(ré)-her-sekhper, TA 13 | ? <i>h3t m 3ht-Itn</i> , «Governador de Akhetaton» |
| May, TA 14 | Muito pobre, Ins. 76, 79-80, 84, 86 <i>imy-r pr n W^c-n-R^c m Twnw</i> , «Mordomo de Uaen-ré, em Heliópolis»; <i>imy-r pr n shtp Itn</i> , «Mordomo de “Pacificando Aton”», <i>imy-r k3w n pr R^c m Twnw</i> , «Superintendente do gado da Casa de Ré, em Heliópolis»; <i>s3 nfrw</i> , «Escriba dos recrutas» |
| Suty, TA 15 | ? <i>t3t(y) sryt n p3 s3 Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c</i> , «Porta-estandarte do regimento Neferkheperué Uaenré |
| Sutau, TA 19 | Pobre, ln. 8 <i>imy-r pr-hd</i> , «Superintendente da “Casa da Prata” (Tesoureiro) do senhor das Duas Terras»; <i>sdmnw n nsw n hd nbw d mrht kmyt</i> , «Agente do rei para a prata, o ouro, gordura, unguentos e gomas» |
| ?, TA 18 | Proprietário desconhecido |
| Any, TA 23 | ? <i>imy-r pr nb t3wy</i> , «Mordomo do senhor das Duas Terras»; Escriba da mesa de oferendas, na casa de Aakhperuré (Amen-hotep II) |
| Paatonemheb, TA 24 | ? <i>imy-r pr n nb t3wy</i> , «Mordomo do senhor das Duas Terras»; <i>imy-r m3^cw nb t3wy</i> , «General do senhor das Duas Terras» |
| Ay, TA 25 | Classe alta. Educado (a nível religioso?) pelo rei, ln. 7. <i>imy-r ssmwt nb(w) n hm.f</i> , «Intendente de todos os cavalos de Sua Majestade» |

De um ponto de vista social, o funcionário de que falamos é alguém que tem acesso ao rei: vê-o com frequência (Ay, TA 25, ln. 110), segue-o (Ahmés, TA 3, ln. 49), fala-lhe em privado (Kheruef, TT 192, ln. 241). É um «alto funcionário», faz parte da classe dirigente ou está no seu topo como Ramose, Aper-El ou Nakhtpaaton. Examinando o seu

meio social de origem, verificamos que alguns provêm de famílias muito importantes, como a de Ramose (TT 55), Kheruef (TT 192), Parennefer (TT 188) e Meriré I, (TA 4), que são *r-pꜣwt ḥ3ty-ꜣw*, «Senhores e membros da elite». Outros dizem ter nascido em famílias tão humildes, que nem sequer são mencionadas. Há quem se declare «pobre», como Panehesy (TA 6, Ins. 56-57), Sutau (TA 19, ln. 8), Ramés (TA 14, ln. 14) ou mesmo «muito pobre», como May (TA 14, Ins. 76, 79-80, 84, 86). A ser verdade, a origem não foi, neste caso, determinante para o seu recrutamento e a repetição das cenas de recompensa é suficiente para demonstrar que o serviço régio manteve e certamente aumentou os proventos destes homens.

Quase todos exibem orgulhosamente títulos como *sš-nsw*, «escriva real», *sš-nsw m3ꜣ*, «verdadeiro escriva real», ou *sš nfrw*, «escriva dos recrutas». Sabem ler e escrever, o que prova que mesmo as suas pobres famílias dispuseram de meios para lhes dar uma educação. Recebem e transmitem ordens régias, tanto mais directas quanto maior o seu estatuto profissional. Pode, efectivamente, dizer-se que, enquanto o camponês ou o artesão manipulam coisas, o funcionário manipula informação. O rei está, por direito próprio, incluído neste grupo, tudo o que se faz no Egipto é obra sua.

3. Planos e metodologias

A metodologia por nós utilizada neste estudo pode ser resumida nos seguintes passos, que detalhamos de seguida:

- Análise de fontes
- Tradução
- Leitura transversal de todo o conjunto de cenas e textos, mediante uma grelha específica.
- Análise de conteúdos. Quantificação e análise estatística
- Conclusões

3.1. Análise de Fontes

Uma vez que não houve possibilidade de uma observação *in situ*, recorreu-se a cópias comumente aceites, realizadas por exploradores credenciados, e que, como tal, se tornaram «Fontes». No presente trabalho, classificámo-las em três grandes grupos:

- Fontes de tipo I. Apresentam apenas a transcrição dos textos.
- Fontes de tipo II. Apresentam a transcrição e respectiva tradução.
- Fontes de tipo III. Apenas apresentam a tradução.

Entre as fontes de tipo I enquadra-se a obra de Maj Sandmann intitulada *Texts from the time of Akhenaten*³⁹. De uso obrigatório em qualquer estudo sobre esta época, o livro tem, ainda assim, o inconveniente de ser manuscrito, o que leva, por vezes, a confusões entre os signos. Abrange um vasto conteúdo que engloba estelas, túmulos e objectos contemporâneos de Akhenaton.

O estudo dos túmulos não-amarnianos foi realizado com base em duas fontes de tipo II, respectivamente, *The Tomb of the vizier Ramose*, de Norman de Garis Davies⁴⁰ e *The tomb of Kheruef*, com tradução de Edward Wente⁴¹. Para o túmulo do vizir Aperia ou Aper-El (Bubasteion I.1) recorreu-se aos textos de Alan Zivie, seu descobridor, compreendendo um livro e vários artigos⁴².

A mais importante fonte sobre os túmulos amarnianos, igualmente do tipo II, é constituída pela obra clássica, em seis volumes, igualmente da autoria de Norman de Garis Davies, *The Rock Tombs of el-Amarna*⁴³. Para além dos túmulos, esta obra apresenta uma breve descrição de cada uma das estelas e o resumo da investigação realizada sobre cada uma delas, bem como a transcrição e tradução dos respectivos textos.

De entre as fontes de tipo III deve salientar-se *Texts from the Amarna Period in Egypt*, de William Murnane⁴⁴. Contém a tradução de textos incluídos no livro de Maj Sandmann e muitos outros, desde Amen-hotep III até aos sucessores imediatos de Akhenaton.

³⁹ SANDMANN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, Bruxelles, Fondation Égyptologique de la Reine Élisabeth, 1938.

⁴⁰ DAVIES, Norman de G., *The Tomb of the vizier Ramose*, Mond Excavations at Thebes 1, London: The Egypt Exploration Society, 1941.

⁴¹ WENTE, Edward F. et al., «The tomb of Kheruef», *Epigraphic Survey*, OIP 102, Chicago: University of Chicago Press, 1980.

⁴² ZIVIE, Alan, *Découverte à Saqqarah. Le vizir oublié*, Paris: Éditions du CNRS, 1988,

ZIVIE, Alan, «Recherches et découvertes récentes dans la tombe d'Aperia à Saqqarah», *CRAIBL*, 1989, vol. 133, n° 2, pp. 490-505.

ZIVIE, Alan, «Le trésor funéraire du vizir Aper-El», *BSFE*, 1989, 116 pp. 31-44.

ZIVIE, Alan, *Découverte à Saqqarah. Le vizir oublié*, d'*Égyptologie*, Paris: Éditions du Seuil, 1990.

ZIVIE, Alan, *Memphis et ses nécropoles au Nouvel Empire*, Paris: Éditions du Seuil, 1990,

ZIVIE, Alan, «Aper-El, Taouret et Houy : La fouille et l'enquête continue», *BSFE*, 1993, 126, pp. 5-16.

⁴³ DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of el-Amarna*, vols. I-VI, reprint, London: The Egypt Exploration Society, 2004.

⁴⁴ MURNANE, William, J., *Texts from the Amarna Period in Egypt*, Atlanta: Scholars Press, 1994.

3.2. Tradução, *corpus* documental e análise de conteúdos

Optou-se, sempre que possível, por tomar como ponto de partida uma tradução própria do acervo textual de cada um dos túmulos bem como da *Estela da Fundação de Akhetaton*, na qual se partiu da transcrição inserta numa obra relativamente recente: *The Boundary-Stelae of Akhenaten* de William Murnane e Charles van Siclen⁴⁵. Tarefa longa e por vezes apaixonante, a tradução pôs em evidência um certo número de problemas: por exemplo a tradução do termo *Itn* e outros que se comentaram à medida que foram ocorrendo. Foi apoiada num conjunto de excelentes dicionários, assinalados na bibliografia, entre os quais julgamos merecer especial menção o de Bonamy e Sadek⁴⁶.

Desta fase do trabalho resultou um extenso *corpus* documental que se houve por bem condensar na segunda deste trabalho, sob a forma de texto informático, com o título de Anexos. Tendo em mente que a *driving force* do presente trabalho é a iconotextualidade, foram eliminadas desta base de dados descrições minuciosas dos túmulos que, aliás, integram a bibliografia citada no final do texto, conservando-se apenas um conjunto, aliás muito extenso, de cenas, textos, respectiva transcrição, transliteração, tradução e análise crítica

Uma vez elaborado, o *corpus* acima referido foi intersectado por cinco planos, abrangendo respectivamente: textualidade, iconografia, protocolos da família real e do funcionário, selecção e vivência do funcionalismo, sua morte e rituais envolventes. A análise dos conteúdos resultantes integrou episódios comparativos e quantitativos.

No âmbito da quantificação, considerou-se o conjunto das linhas de texto de todos os túmulos, na tradução que efectuámos, $N=3009$, o subconjunto das linhas de texto de cada uma das classes de túmulos: Tebana, Amarniana do Norte e Amarniana do Sul⁴⁷, n_k , e o subconjunto das linhas de texto de cada túmulo, n_i , tal como vemos no Quadro 2.

⁴⁵ MURNANE, William, J. and van Siclen, Charles C., *The Boundary-Stelae of Akhenaten*, London and New York: Kegan Paul International, 1993.

⁴⁶ BONAMY, Yvonne et SADEK, Ashraf, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, Arles: Actes Sud, 2010.

⁴⁷ Não foram contadas as linhas de texto do túmulo real TA 26 nem do túmulo de Aper-el, dado o seu pouco significado.

Quadro 2 – Espólio textual dos túmulos dos funcionários de Akhenaton, expresso pelo número total de linhas, de acordo com a nossa tradução

| Túmulo | Número de linhas traduzidas em cada túmulo, n_i. |
|------------------------------------|--|
| Túmulos tebanos | |
| Ramose, TT 55 | 347 |
| Kheruef, TT 192 | 630 |
| Parennefer, TT 188 | 48 |
| Total | $n_k = 1025$ |
| Túmulos do Bubasteion | |
| Aper-El, Bubasteion I.1 | |
| Total | n. c. (não contado) |
| Túmulo Real, TA 26 | n.c. |
| | |
| Túmulos Amarnianos do Norte | |
| Huya, TA 1 | 176 |
| Rudu, TA 1 A | 3 |
| Meriré II, TA 2 | 83 |
| Ahmés, TA 3 | 56 |
| Meriré I, TA 4 | 208 |
| Pentu, TA 5 | 52 |
| Panehesy, TA 6 | 182 |
| Total | $n_k = 760$ |
| Túmulos Amarnianos do Sul | |
| Parennefer, TA 7 | 29 |
| Tutu, TA 8 | 452 |
| Mahu, TA 9 | 55; 261 contando com 4 repetições do Peq. Hino a Aton |
| Apy, TA 10 | 68 |
| Ramés, TA 11 | 17 |
| Nakhtpaaton, TA 12 | 2 |
| Neferkheperuhersekheper, TA 13 | 10 |
| May, TA 14 | 129 |
| Suty, TA 15 | 24 |
| Sutau, TA 19 | 15 |
| Any, TA 23 | 33 |
| Paatonemheb, TA 24 | 4 |
| Ay, TA 25 | 386 |
| Total | $n_k = 1224$ |
| Total de linhas da amostra | $N = 3009$ |

A partir destes dados é possível estabelecer razões como as seguintes:

$$r_1 = \frac{n_i}{N} \times 100\% \dots \text{Conteúdo textual no túmulo } i, \text{ expresso em percentagem}$$

$$r_2 = \frac{n_k}{N} \times 100\% \dots \text{Conteúdo textual em cada classe de túmulos expresso em percentagem}$$

Para um conteúdo, p, presente em n_p linhas de texto pertencente a um tûmulo com um total de n_i linhas, a razão $r_p = \frac{n_p}{n_i} \times 100\%$ quantifica a riqueza textual desse tûmulo no conteúdo p. Exemplificando: a nossa tradução dos textos do tûmulo de May, TA 14, tem $n_i = 129$ linhas e contém apenas um hino que ocupa $n_p = 34$ linhas. O seu teor em *Hinos* é, pois, de $r_p = \frac{34}{129} \times 100\% = 26,36\%$. O tûmulo de Tutu, TA 8, tem 180 linhas de hinos, num total de 452 linhas de texto, logo $r_p = \frac{180}{452} \times 100\% = 39,82\%$. Pode então concluir-se que o conteúdo em *Hinos* do tûmulo de Tutu é superior ao de May.

Se o conjunto dos hinos dos 4 tûmulos tebanos estudados é de 147 linhas em 1037 linhas do total (Quadro 2), então pode dizer-se que a percentagem de *Hinos* do seu acervo textual é de $r_p = \frac{147}{1037} \times 100\% = 14,18\%$.

Para além da simples comparação, este método quantitativo extremamente simples permite representações gráficas, tais como as que fizemos no Capítulo I dedicado ao estudo e classificação de cada um dos textos.

4. Divisão final do texto

Na redacção do texto final deste trabalho optou-se por uma divisão em seis capítulos, a saber:

Capítulo I – Textualidade

Capítulo II – Iconografia divina e real

Capítulo III – Iconografia do funcionário

Capítulo IV – Nomeação divina, nomeação real. Protocolos.

Capítulo V – Taxinomia, Selecção e *Cursus honorum* de um funcionário

Capítulo VI – Morte de um funcionário

O Capítulo I – *Textualidade* consiste numa leitura transversal e interpretativa dos textos tumulares e sua classificação tipológica, enquanto crónicas, autobiografias, hinos,

orações, textos de oferenda e textos funerários. A posterior quantificação de cada um deles permitiu caracterizar as quatro classes de túmulos (Tebanos, Bubasteion, Amarnianos do Norte e Amarnianos do Sul), estabelecendo semelhanças e /ou diferenças no seu espólio textual.

O Capítulo II – *Iconografia divina e real* é, como o seu nome indica, dedicado ao estudo do acervo iconográfico, relativo aos deuses e ao rei, nos vários túmulos. Este envolve as representações da família real, nas suas várias dimensões: política, religiosa e familiar.

O Capítulo III – *Iconografia do funcionário* analisa as representações do funcionário no exercício do seu cargo mas também nos momentos únicos da sua existência: o da sua nomeação para um cargo, e o da recompensa pública e solene, recebida directamente das mãos do rei. Vêmo-lo no exercício das suas funções e, por vezes, na sua intimidade. Descrevem-se igualmente as pequenas frestas iconográficas que nos permitiram vislumbrar a vida e o trabalho do povo.

O Capítulo IV – *Nomeação divina, nomeação real. Protocolos* têm por objectivo estudar as alterações dos nomes de Aton e do seu régio filho, respectivamente, ao longo do período proto-amarniano (anos 1-5) e na primeira (anos 5-9) e na segunda fase (anos 9-17) do período amarniano. A análise foi estendida aos protocolos da grande esposa real e das princesas, bem como aos de Amen-hotep III e da rainha-mãe Tié que são mostrados como tendo visitado Amarna.

O Capítulo V – *Taxinomia, Selecção e Cursus honorum de um funcionário* é dedicado ao estudo do funcionalismo amarniano, para o qual propõe uma classificação que integra a pessoa do rei, considerado como o primeiro de entre os funcionários. Procurou-se identificar cada um destes servidores do Estado, referindo, sempre que possível, a sua biografia e as funções que exerceu. Estudaram-se os critérios de selecção bem como a hábil política de recompensas honoríficas e materiais que asseguraram ou talvez tenham comprado a sua fidelidade. Descreveram-se igualmente os anos amargos da velhice e as várias estratégias a que o funcionalismo recorreu para conseguir sobreviver, assegurar a sua vida no Além e o futuro dos seus. Referem-se, por fim, os textos biográficos que escreveram para dar notícia de como foram importantes, fiéis e maéticos, merecendo que o seu nome seja invocado e uma libação vertida em sua memória para que eles possam viver eternamente.

O Capítulo VI – *Morte de um funcionário* inicia-se por uma referência à bioarqueologia amarniana e ao que ela nos mostra a respeito das duras condições de vida na cidade. Partiu-se daqui para o estudo da problemática da morte de um funcionário no tempo pré-amarniano e do seu congénere em contexto atonista, procurando estabelecer as expectativas de cada um deles. Analisou-se, num e noutro caso, a iconotextualidade do conjunto de cerimónias que tinham como finalidade a maetização do morto, promovendo a sua re-humanização, mediante a restituição dos sentidos e do movimento e conduzindo-o à sua nova casa.

O trabalho termina-se, naturalmente com uma Conclusão. Segue-se a enumeração funcional da bibliografia consultada.

Em Suporte Informático (CD) juntam-se a este trabalho vários Anexos referentes à transcrição e tradução dos textos constantes nos túmulos dos funcionários régios de Akhenaton.

Uma última referência às nossas notas de rodapé: por uma questão de facilidade e de comodidade, indicamos o apelido e nome do Autor, seguido do título da obra ou artigo e respectivo número de página(s). No caso de na nossa anotação crítica de rodapé referirmos uma obra na sua totalidade, mencionamos a referência bibliográfica completa. As referências bibliográficas completas de todos os títulos surgem, obviamente, na Bibliografia Geral.

CAPÍTULO I – TEXTUALIDADE

«O texto torna-se, pois, uma totalidade organizada e sobretudo analisável, isto é, sujeita a uma operação de decomposição.»

José Augusto Mourão,
Maria Augusta Babo
(*Semiótica. Genealogias e Cartografias*)

1. Classificação geral dos textos

Definiremos «texto» como um conjunto de signos que exprimem os sons constitutivos de uma linguagem específica, o Egípcio antigo, combinados através de uma gramática própria, de modo a transmitir conteúdos inerentes às experiências individuais e colectivas do povo das Duas Terras. Concretizados por um suporte gráfico (a escrita hieroglífica) estes textos foram gravados nas paredes dos vários túmulos, ocupando um espaço variável, mas certamente menor do que o inicialmente idealizado, uma vez que a maioria deles não foi terminada.

A leitura deste conjunto epigráfico mostra que ele é susceptível ser dividido em quatro grandes grupos, com características próprias e distintivas:

a) Crónicas

Entendemos por «Crónicas» os registos de acções que envolveram, em maior ou menor extensão, o rei, o povo conduzido pelo rei ou por um seu representante, em procedimentos que terão reflexos no devir do país⁴⁸. É o caso da gesta narrada por Ahmés, filho de Abana⁴⁹.

b) Autobiografias

Histórias pessoais de funcionários, as autobiografias referem a sua origem social e muito principalmente, os cargos que desempenharam de uma forma competente, a confiança e estima que mereceram ao rei e as recompensas que dele houveram.

⁴⁸ Ver REDFORD, Donald B., «Historiography», *The Oxford Encyclopaedia of Ancient Egypt*, vol. II, pp.108-111; CARREIRA, José Nunes, *História antes de Heródoto*, pp. 97-99.

⁴⁹ LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, pp. 125-127; GRIMAL, Nicholas, *Histoire de l'Égypte ancienne*, p. 255 ; WILKINSON, Toby, *The rise and fall of Ancient Egypt*, pp. 208-210. Para a biografia e a crónica de Ahmés, filho de Abana, ver LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature*, Vol. II: *The New Kingdom*, pp. 12-14.

c) Conteúdos devocionais: Orações, Hinos

A oração é uma forma de comunicação entre o plano humano e um plano tido como imensamente superior, o régio e/ou o divino, com o objectivo de solicitar uma graça, de ordem material ou espiritual, o que aqui designaremos genericamente por «Petição».

O hino é, fundamentalmente, uma composição de carácter laudatório que celebra um deus, um rei ou mesmo um atributo da realeza⁵⁰.

d) Conteúdos específicos: «Apelo aos vivos», Textos de Oferendas, «Declaração aos deuses da *Duat*»

Como o seu nome indica, são textos destinados a acompanhar actos muito concretos no domínio do culto (oferendas no templo ou na capela do túmulo) ou a serem recitados no Além, diante da assembleia dos deuses.

Estudaremos seguidamente cada um destes tipos de texto, fazendo, no final do capítulo, a análise quantitativa da sua distribuição e respectivo comentário.

1.1. Crónicas e autobiografias

Se os antigos Egípcios não conheciam o conceito actual de História⁵¹, tinham pelo menos a ideia da sucessão ininterrupta de monarcas tal como se manifesta nas listas de Karnak, na de Sakara, na Pedra de Palermo ou na lista real de Seti I em Abidos, onde o rei mostra a seu filho e herdeiro as cartelas dos soberanos que ocuparam sucessivamente o trono de Geb, desde Meni, embora sem qualquer referência aos reis que sucederam entre Amenhotep III e Horemheb.⁵²

Os senhores das *Duas Terras* recebiam o domínio do tempo e da reconstrução da História, juntamente com as duas coroas, de tal modo que tudo (re)começava no ano 1 do reinado e terminava no final deste. Depois de um tempo de luto e de recusa das mais elementares regras de apresentação social, de um tempo de *isefet*, os rostos eram novamente

⁵⁰ As coroas reais, por exemplo. Veja-se BAROUQ e DAUMAS, *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, pp. 55-71.

⁵¹ A palavra História não existe na língua egípcia. CARREIRA, José Nunes, *História antes de Heródoto*, p. 99, ARAÚJO, Luís M. de, *O Egito faraónico. Uma civilização de três mil anos*, pp. 74-76.

⁵² O'CONNOR, David, *Abydos. Egypt's first pharaohs and the cult of Osiris*, pp. 49, 54-55, MASQUELIER-LOORIUS, Julie, *Séthi I et le début de la XIX dynastie*, pp. 29-35. Consulte-se igualmente, SALES, José das Candeias, «Listas Reais», *Dicionário do Antigo Egito*, pp.5 09-511 ARAÚJO, Luís M. de, *Os grandes Faraós do Antigo Egito*, pp. 33-35.

barbeados, regressava a higiene, o rei morto era enterrado e surgia um novo senhor, «vida, prosperidade, saúde», que reorganizava o tempo, restaurava a *maet* e conduzia a História. No Império Novo, esta ideia vai atenuar-se: é Amon, senhor de Tebas e senhor dos deuses, a força condutora da História, e cabe ao rei, seu filho dilecto, o poder executivo: «Ele (Amon-Ré) concedeu-me o país de Retenu»⁵³. Neste domínio, a introdução do Atonismo não veio alterar as coisas, como se vê neste excerto da *Estela da Fundação de Akhetaton*:



ntk ḥk3 iw m 3ḥ ht iw rh ḥnty nhḥ

Tu és o governante que traz o que é útil (para Aton) e conhece os dois limites da eternidade



ntf simi m ib.k r st nbt mr.f

mas é ele (Aton) que manda pôr (estas coisas) no teu coração, em qualquer lugar que deseje⁵⁴.

Centralizada como estava no rei, a História englobava para além das batalhas em que mostrara a sua invencibilidade, como nas estelas de Tutmés III, os jubileus celebrados⁵⁵, os templos que mandara construir para os deuses, os trabalhos públicos que ordenara⁵⁶ e até as caçadas, sempre plenas de sucesso, em que chacinara os iseféticos animais que vinham do país de Set, tal como é narrado nos escaravinhos de Amen-hotep III⁵⁷. Tendo-se misturado intimamente com Aton, o seu filho e sucessor abandona de tal modo a Humanidade que se torna difícil falar em vida privada; tudo parece uma autêntica liturgia, as oferendas a Aton assim como as oferendas a Akhenaton. O simples acto de Nefertiti lhe estender cerimoniosamente uma taça de vinho⁵⁸, pode interpretar-se como pertencendo ao domínio familiar ou ao domínio cútico. Estes actos e outros como a visita da mãe do rei⁵⁹ ou a recepção de tributos⁶⁰ fazem parte das Crónicas.

⁵³ Estela de Gebel-Barkal, ano 45 do reinado de Tutmés III. Ver LALOUETTE, *Thèbes*, p. 276.

⁵⁴ *Estela da Fundação de Akhetaton*, lns. 89-90.

⁵⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 430-630.

⁵⁶ *Estela da Fundação de Akhetaton*, lns. 142-146, 170-177, 197-198.

⁵⁷ Sobre os escaravinhos enviados por Amen-hotep III, ver WILKINSON, Toby, *The rise and fall of Ancient Egypt*, pp. 261-262; KOZLOFF, Arielle P., *Amenhotep III, Egypt's radiant pharaoh*, pp. 64-65; FLETCHER, Joann, *Le roi-soleil de l'Égypte*, pp. 62-64.

⁵⁸ Túmulo de Meriré II, TA 2, parede sul, lado ocidental.

⁵⁹ Túmulo de Huya, TA 1, lns. 41-56.

Comparada com a importância da história régia, a história de vida de um funcionário régio era coisa de pouca monta, que só interessava à sua família directa, mas que se transformava progressivamente em mais valia, se e na medida em que o rei nela intervinha. Daí ser tão importante para uma senhora dizer que amamentara a rainha, tal como o faz a esposa de Ay: *šdt ntrt hkrt n nsw Tiy*, «a que amamentou a deusa, o ornamento real Tié»⁶¹, ou o vizir Aper-el⁶² lembrar que pertencera aos *hrdw n k3p*, «meninos do kap», a escola real onde, desde Tutmés II, eram educados os filhos dos chefes estrangeiros submetidos, regressando egipcianizados às suas terras, ou, como Aper-El, singrando no funcionalismo da sua nova terra⁶³.

A autobiografia tornou-se, pelo menos a partir da IV dinastia, parte integrante do acervo textual destes túmulos. A narração é feita, quer na terceira pessoa do singular (ex.: túmulos de Metjen⁶⁴, Rauer⁶⁵, falsa porta de Ptacheses⁶⁶) quer na primeira pessoa (ex.: túmulo de Debheni⁶⁷). Este último tipo de redacção irá impor-se a partir da V dinastia (ex.: túmulos de Kaemtjnet⁶⁸, entrada da capela de Sedjemib⁶⁹, mastaba de Kagemni⁷⁰). Encontramo-lo depois no Império Médio, XIII dinastia (ex.: estelas de Sehetepibré⁷¹ e de Horemkhauf⁷² e no Império Novo, caso dos túmulos que integram este trabalho)⁷³.

⁶⁰ Túmulo de Huya, TA 1, Ins. 57-67, túmulo de Meriré II, TA 2, Ins. 60-66.

⁶¹ Túmulo de Ay, TA 25, ln. 271. Sobre os significados da amamentação, ver «Amamentar no Egipto Antigo: Do prazer na relação materno-infantil à ideologia» in SALES, J. C. *Estudos Orientais IX. Os prazeres no Médio Oriente antigo*, Lisboa, Instituto Oriental / Universidade Nova de Lisboa, 2006, pp. 66 -113 - ISSN 1647-2527.

⁶² Zivie, Alan, *Découverte à Saqqarah. Le vizir oublié*, p. 156.

⁶³ Mc DERMOTT, Bridget, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 91.

⁶⁴ ROCCATI, Alessandro, *La Littérature Historique sous l'Ancien Empire Égyptien*, p. 83. Sobre o governador Metjen, ver, igualmente, WILKINSON, Toby, *Lives of Ancient Egyptians*, pp. 37-39.

⁶⁵ QUIRKE, Stephen, «Narrative Literature» em LOPRIENO, Antonio (Ed.), *Ancient Egyptian Literature, History and Forms*, pp. 221, 264; ROCCATI, Alessandro, *op. cit.*, pp. 101-102.

⁶⁶ QUIRKE, Stephen, *op. cit.*, p. 264. ROCCATI, Alessandro, *op. cit.*, pp. 105-107.

⁶⁷ ROCCATI, Alessandro, *op. cit.*, pp. 91-93. Sobre Debeni ou Debehen e este texto, em particular, ver, igualmente, LALOUETTE, Claire, *Au royaume d'Égypte. Le temps des rois-dieux*, p. 221

⁶⁸ Kaemtjnet ocupou os cargos de tesoureiro e director dos trabalhos do rei. Era um príncipe, filho do rei Djedkaré Isesi (c. 2414-2375 a.C.). Ver ROCCATI, Alessandro, *op. cit.*, p. 118-121.

⁶⁹ ROCCATI, Alessandro, *op. cit.*, pp. 122-128.

⁷⁰ Vizir do rei Senefru (c. 2613-2589 a.C.), conhecido pela «Instrução» que lhe foi endereçada por um funcionário cujo nome se perdeu. Ver LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature, Vol. I: The Old and Middle Kingdom*, pp. 59-61.

⁷¹ Chanceler e chefe da administração real de Amenemhat III (c. 1842-1797 a.C.), LALOUETTE, Claire, *Au royaume d'Égypte. Le temps des rois-dieux*, p. 183.

⁷² Horemkhauf foi sacerdote, inspector dos sacerdotes de Hórus de Nekhen e superintendente dos campos. Viveu no final da XIII dinastia. Sobre a sua estela ver LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature, Vol. I: The Old and Middle Kingdom*, pp. 129-130.

Na verdade, desconhecemos até que ponto se pode falar de «autobiografias» autênticas, uma vez que não é possível provar se o dono do túmulo era efectivamente o autor destes textos ou se limitava a fornecer um conjunto de elementos, a partir dos quais um ou mais escribas os iriam compor.

A autobiografia vai complexificar-se com o decorrer do tempo. Enquanto no túmulo do governador Metjen apenas é feita uma enumeração dos seus cargos, já no de Debeni se descrevem as dádivas que o rei Menkauré (IV dinastia, c. 2500 a.C.) lhe concedeu para a edificação da sua última morada. Ituch, um joalheiro que viveu no tempo de Djedkaré Isesi (c. 2411-2378 a.C.), vai mais longe e manda gravar o seu auto-louvor. Apresenta-se como favorito do rei porque «*fazia o que Sua Majestade amava e dizia o que Sua Majestade gostava [de ouvir] ... e nunca disse aquilo que os homens detestam*»⁷⁴. O seu contemporâneo Metjeti depois de enumerar também as suas qualidades assume um tom de conselheiro:

«Que quem vive na terra, seja um súbdito fiel e um esforçado trabalhador, e será amado e logicamente bem recompensado pelo soberano. Se, para além disto, esta mesma pessoa se aproximar do túmulo de Metjeti, dizendo: “Que pão e cerveja puros sejam dados ao superintendente do departamento dos trabalhadores, Metjeti!” então, agradecerá ao deus Osíris⁷⁵.»

Este «formulário» vai permanecer ao longo do tempo e estará presente em estátuas, estelas ou nas paredes de túmulos, mostrando que, tal como era esperado, o funcionário se havia submetido a uma *praxis* própria e perfeitamente discriminada ao longo dos vários livros sapienciais que faziam parte do seu percurso educativo. Ao cumprir as suas obrigações, o servidor tornava-se parte do subgrupo cultural e ético dos que sabiam praticar uma gestão equilibrada do seu comportamento. Neste sentido, a autobiografia é um atestado de maeticidade.

Na medida em que o seu actor viesse a participar, com maior ou menor intensidade, em acontecimentos que o transcendiam, assim a sua história de vida tenderia a intersectar o

⁷³ Sobre o tema «Autobiografia», ver ROCCATI, Alessandro, *La Littérature Historique sous l'Ancien Empire Égyptien*, p. 198; SALES, J. das Candeias, «Autobiografias», em Araújo (dir.) *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 128-129; CARREIRA, José Nunes, *Literatura do Antigo Egipto*, pp. 42-46.

⁷⁴ ROCCATI, Alessandro, *op. cit.*, pp. 129-130.

⁷⁵ *Ibidem*, pp. 145-147. Sobre Metjeti, ver, igualmente, WILKINSON, Toby, *Lives of Ancient Egyptians*, p. 43.

domínio da História⁷⁶. Fora o caso de Ahmés, filho de Abana, cuja biografia, gravada no seu túmulo de El-Kab, contém episódios da grande revolta contra os Hicsos, conduzida pelo rei Ahmés, ilustrada com as conquistas de Avaris e Charuen⁷⁷. Quando não havia coisas tão importantes para gravar, nem por isso o proprietário do túmulo deixava de recordar que, favor inaudito, havia recebido uma carta, escrita pelo próprio rei⁷⁸.

O reinado de Amen-hotep IV/Akhenaton não gerou autobiografias centradas no valor guerreiro, apenas Tutmés, «filho real de Kuch», faz, de modo grandiloquente, menção de uma batalha, na sequência de mais uma revolta tribal na Núbia que, aliás, não passou de um pequeno combate⁷⁹. Insiste-se, outrossim, no (bom) acolhimento da nova religião por parte do funcionário. Embora este não se esqueça de referir que foi, pelo menos, perfeito no cumprimento dos seus deveres, não deixa de acrescentar que ouviu e pratica os ensinamentos religiosos do rei.⁸⁰ Deve, no entanto, notar-se que combater pelo soberano ou seguir as suas determinações no plano religioso são formas de obedecer-lhe e isso é também *maet*.

Para além de assegurar a sobrevivência do morto na memória dos vivos, a autobiografia constituía igualmente um veículo de propaganda real, incitando à obediência de todos e garantindo que os serviços prestados não deixariam de obter a devida recompensa. Esta é a base de um tipo específico de texto denominado «Apelo aos vivos». Outra fonte para a biografia destes funcionários é a declaração que proferem diante dos deuses da Duat sejam eles Osíris ou posteriormente Aton, cujo papel funerário se analisará em devido tempo.

A análise que fizemos do *corpus* documental que nos serve de base permitiu estabelecer como integráveis nas categorias «Autobiografias» e «Crónicas» as passagens que constam do Quadro I.1.

⁷⁶ REDFORD, Donald B. (ed.), «Biographies», *The Oxford Encyclopaedia of Ancient Egypt*, vol. I, Oxford: Oxford University Press, 2001.

⁷⁷ LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, pp. 125-127; Mc DERMOTT, Bridget, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 88-89.

WILKINSON, Toby, *The rise and fall of Ancient Egypt*, pp. 208-210; BARBOTIN, Christophe, *Áhmosis et le début de la XVIII^e dynastie*, pp. 101, 197-202.

⁷⁸ Assim procedeu Hirkhuf, que reproduziu no seu túmulo a missiva do jovem rei Pepi II (c. 2278 - 2184 a. C.) onde este o adverte acerca dos cuidados a ter com um pigmeu que lhe é destinado. Ver WILKINSON, Toby, *Lives of Ancient Egyptians*, pp. 74-77; LALOUETTE, Claire, *Au royaume d'Égypte. Le temps des rois dieux*, pp. 131-133.

⁷⁹ REDFORD, Donald, *Akhenaten. The heretic king*, p. 194; LABOURY, Dimitri, *Akhenaton*, pp. 292-293.

⁸⁰ Tal como se diz, por exemplo, em Tutu, TA 8, ln. 128 ; Ay, TA 25, ln. 117 e May, TA 14, ln. 40.

Quadro I.1 – Autobiografias e Crónicas

| Funcionário, Túmulo | Autobiografias | Crónicas |
|--------------------------------------|--------------------------------|---------------------------|
| Túmulos tebanos | | |
| Ramose, TT 55 | Lns. 318-339; 340-359 | 0 |
| Kheruef, TT 192 | Lns. 262-268; 285-293; 335-336 | Lns. 430-630 |
| Parennefer, TT 188 | Lns. 37-48 | 0 |
| Túmulos amarnianos do Norte | | |
| Huya, TA 1 | Lns. 43-54; 68-81 | Lns. 24-42; 57-67; 82-88; |
| Rudu, TA 1 A | 0 | 0 |
| Meriré II, TA 2 | Lns. 73-83 | Lns. 60-72 |
| Ahmés, TA 3 | Lns. 3; 41 | 0 |
| Meriré I, TA 4 | Lns. 6-17; 28-41 | Lns. 18-27 |
| Pentu, TA 5 | Lns. 46-52 | Lns. 42-45 |
| Panehesy, TA 6 | Lns. 123-131 | 0 |
| Túmulos amarnianos do Sul | | |
| Parennefer, TA 7 | Lns. 18-29 | 0 |
| Tutu, TA 8 | Lns. 1-7; 229-34 | 0 |
| Mahu, TA 9 | 0 | 0 |
| Apy, TA 10 | 0 | 0 |
| Ramés, TA 11 | 0 | 0 |
| Nakht-pa-Aton, TA 12 | 0 | 0 |
| Neferkheperu(ré)-her-sekheper, TA 13 | 0 | 0 |
| May, TA 14 | 0 | 0 |
| Suty, TA 15 | 0 | 0 |
| ? TA 18 | 0 | 0 |
| Sutau, TA 19 | Lns. 6-15 | 0 |
| Any, TA 23 | 0 | 0 |
| Paatonemheb, TA 24 | 0 | 0 |
| Ay, TA 25 | Lns. 105-121; 285-295; 368-386 | 0 |

1.2. Conteúdos devocionais

Tal como o seu nome indica, os conteúdos devocionais entendem-se como registos textuais das comunicações havidas, ou supostamente havidas, entre o funcionário e entidades transcendentais, tais como Orações e Hinos aos deuses.

1.2.1. Orações

De acordo com o que se procurou esquematizar na fig. I.1, o orante dirige-se à entidade, recorrendo a um conjunto organizado de palavras e gestos ou a um texto gravado num qualquer suporte material, uma estela ou mesmo as paredes do seu túmulo. Pedem-se a alguém que se admite, à partida, ser capaz de ouvir a prece (fig. I.2) e possuir igualmente

um poder suficientemente grande, superior ao de qualquer ser humano, para conceder o que é solicitado.

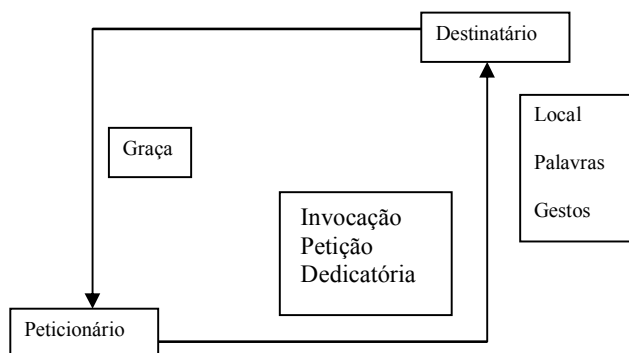


Fig. I.1 – Esquema da oração.

Pedir não implica, necessariamente, conseguir, porquanto a entidade possui livre arbítrio e pode optar por não satisfazer o pedido. «Cela suppose que la prière est une supplique dont le résultat reste aléatoire : il dépend du bon vouloir d'un *autre*»⁸¹.

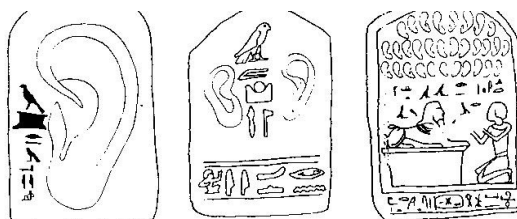


Fig. I.2 – Estelas de Giza e Mênfis, Império Novo. Exibem um número variável de orelhas que representam a capacidade das divindades para ouvir as preces dos humanos.

O rei e a família real rezam e/ou entoam hinos junto ao grande altar do templo e sob os raios de Aton, como se vê na fig. I.3.

⁸¹ «Prière», *Catholicisme. Hier, aujourd'hui, demain*. Tome Onzième, Paris: Letouzey et Ané, 1988.

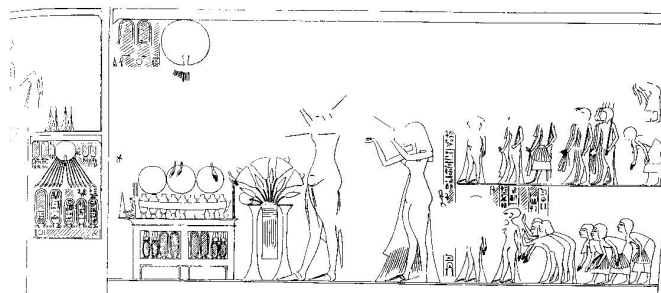


Fig. I.3 – Cena de adoração a Aton pela família real. Distingue-se o nome das princesas Meritaton e Ankhesenpaaton. Fachada do túmulo amarniano de Parennefer (TA 7).

Esta localização privilegiada só é apanágio da família real e talvez do «Grande dos Videntes de Aton». Para entoar o seu belo hino, Parennefer tem de posicionar-se numa zona menos nobre do templo de Aton em Karnak:

3nh.sn stwt.k hr t^c iri.sn hnw mi iry.i h(w).k nw n hr.k nfr ... rwd pr n h^cy m 3ht
 Eles vivem quando os teus raios estão sobre a terra, fazem louvores, tal como eu faço estes louvores a ti, à tua bela face ... (na) escadaria do templo “Rejubilando no horizonte”⁸²

A arqueologia tem mostrado a existência de um culto doméstico em Amarna⁸³. Os fiéis rezariam indirectamente a Aton, numa oração feita diante de uma estela representando a família real. Isto implicava o conhecimento das palavras adequadas, de textos como os que ainda hoje ornamentam os túmulos amarnianos, o que, por sua vez, implicava saber ler e só uma ínfima parte da população era letrada. Talvez alguns sacerdotes leitores fossem encarregados de, mediante pagamento, executar essas funções. Numerosas estelas contendo orações a várias divindades foram encontradas em templos, como o de Karnak, por exemplo.

As orações presentes nos túmulos amarnianos estudados apresentam uma estrutura tripartida. Iniciam-se por uma **Invocação do deus**:

dw3 nh R^c h^c3 m 3hty h^cy m 3ht m rn.f m šw (nty) ii m Itn di nh dt (n)hh
 Adoração. «Viva Ré, soberano dos dois horizontes, que rejubila no horizonte, no seu nome de “A luz que vem do disco solar”», dotado de vida eternamente e para sempre⁸⁴

rdit 3w Wsir hry-tp n t3 r dr.f imy-r niwt t3t(y) R^cms m3^c-hrw dd.f
 Fazendo uma adoração a Osíris, pelo que está à frente da terra na sua totalidade,

⁸² Parennefer, TT 188, Ins. 27-29.

⁸³ IKRAM, Salima, «Domestic Shrines and Cult of the Royal Family at el-‘Amarna», *JEA*, vol. 75 (1989), pp. 89-101.

⁸⁴ Túmulo de Huy, TA 1, Ins. 1-2; 12-20.

o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado, ele diz:⁸⁵

Segue-se a **Petição** ou as **Petições**:

*di.k. wy r nh̄ m st h̄syw m h̄wt.i nt m3̄t b3.i pri.f r m33 stwt.k rs nm h̄3m m h̄tpt.f
nis tw hr rn̄ ii tw hr hrw sm3.i h̄t pri m-bh̄3 wnm.i šns bit pri sn(w) dswy 3šrt m t3 k̄
bh̄ irp irtt pri m t3 h̄wt p3 Itn m 3h̄t-It̄n pri m t3 h̄wt p3 Itn m 3h̄t-It̄n*

Concede-me a continuidade entre os favoritos, no meu túmulo de *maet*, e possa o meu *ba* sair para contemplar os teus raios e comer, tomando das suas oferendas, que sejamos chamados pelo nome e acudamos à voz⁸⁶. Possa eu partilhar das coisas que vêm da presença (do deus) e coma pães *chenés*, bolos *bit* que vêm das oferendas⁸⁷, dois vasos de cerveja, carne assada, quente e uma libação de vinho e leite, (oferendas) que vêm da casa de Aton, em Akhetaton.⁸⁸

Terminam com uma **Dedicatória final**, contendo o protocolo do orante e referindo que foi, ou virá a ser depois da morte, declarado justo por Aton ou pelo rei em substituição do abolido tribunal divino:

*n k3 n h̄sy n nb t3wy imy-r ipt nsw imy-r pr- h̄d imy-r pr m t3 pr h̄mt-nsw wrt
[Tiy ʿnh̄ ti dt̄ (n)h̄h̄] H̄wy3 m3̄-h̄rw*

Pelo *ka* do favorito do senhor das Duas Terras, do intendente do harém real, do intendente da Casa da Prata (tesouro), do mordomo da casa da grande esposa real (Tié, que ela viva eternamente e para sempre), Huya, justificado.⁸⁹



Em alguns túmulos, e o de Huya é exemplo disso, aparece igualmente um grande número de pequenas jaculatórias, como esta:

*i3w n k3.k Nfr-h̄prw-R̄ W̄-n-R̄ dw3 tw r̄-nb p3 R̄ h̄i.f m It̄n mh̄ t3wy m nfrw.f
p3y.i nb ... r̄ (n)h̄h̄ ... nfrw.k šmswt r̄-nb n k3 n imy-r ipt nsw n h̄mt-nsw wrt H̄wy3
m3̄-h̄rw*

Louvores ao teu *ka*, Neferkheperuré Uaenré, possa eu adorar-te todos os dias, ó Ré que aparece em glória como Aton e enche as Duas Terras com a sua beleza! Ó meu régio senhor ... para sempre ... (contemplar?) a tua beleza e ser teu acompanhante todos os dias. Pelo *ka* do intendente dos reais aposentos privados da grande esposa real, Huya, justificado.⁹⁰

⁸⁵ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 195.

⁸⁶ Lit. «que sejamos chamados e idos à voz», o que é fraco Português.

⁸⁷ De  *snw*, «oferendas de alimentos». Note-se que Huya e Pentu solicitam uma oferenda de carne assada e  *t3*, «quente» isto é, acabada de cozinhar.

⁸⁸ Túmulo de Huya, TA 1, lns. 12-20.

⁸⁹ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 20.

⁹⁰ Túmulo de Huya, TA 1; lns. 101-104.

De acordo com o que o que anteriormente referimos, foi elaborado o quadro seguinte em que sintetizamos este conteúdo devocional, de acordo com os documentos textuais do nosso *corpus*:

Quadro I.2 – Orações que fazem parte do espólio textual dos túmulos dos funcionários de Akhenaton

| Túmulo | Orações |
|------------------------------------|--|
| Túmulos tebanos | |
| Ramose, TT 55 | A Osíris (Ins. 295-303) |
| Kheruef, TT 192 | Oração a Ré e Atum (Ins. 34-37) Ao Sol nascente (Ins. 294-316) A Osíris (Ins. 127-140) |
| Parennefer, TT 188 | Oração a Ré-Horakhti (Ins. 2-4; 5-7) |
| Túmulos amarnianos do Norte | |
| Huya, TA 1 | Oração a Aton (Ins. 1-21) Oração ao <i>ka</i> do Rei (Ins. 89-94; 101-104; 105-108; 109-112) Oração ao <i>ka</i> de Tié (Ins. 95-100) |
| Rudu, TA 1 A | Oração a ? (Ins. 1-3) |
| Meriré II, TA 2 | Oração a Aton (Ins. 19-35; 73-74) Oração a <i>ka</i> do Rei (Ins. 51-59) |
| Ahmés, TA 3 | Oração a Aton (Ins. 36-56) |
| Meriré I, TA 4 | Oração a Aton (Ins. 58-61) Oração a Aton e ao Rei (Ins. 42-46; 48-51; 82-88; 89-93; 94-99; 100-104; 170-174; 175-177; 178-180; 181-184; 185-188; 189-192; 197-200) Oração a Aton e à Rainha (Ins. 193-196) Oração ao Rei (Ins. 144-155) |
| Pentu, TA 5 | Oração a Aton, (Ins. 26-41) |
| Panehesy, TA 6 | Oração a Aton (134-138) Oração ao Rei (Ins. 144-147; 148-150; 151-154; 159-163; 164-168; 169-172) Oração à Rainha (Ins. 155-158; 173-177) |
| Túmulos amarnianos do Sul | |
| Parennefer, TA 7 | Oração a Aton e ao Rei (Ins. 1-17) |
| Tutu, TA 8 | Oração a Aton, ao Rei e à Rainha (Ins. 11-84) Oração ao Rei (Ins. 127-163) |
| Mahu, TA 9 | Oração a Aton (Ins. 30-32; 33-35; 48-51) Oração ao Rei (Ins. 36-37) |
| Apy, TA 10 | n.d. (não definida) |
| Ramés, TA 11 | Oração a Aton e ao Rei (Ins. 1-17) |
| Nakhtpaaton, TA 12 | n. d. |
| Neferkheperuhersekheper, TA 13 | n. d. |
| May, TA 14 | Oração ao Rei (Ins. 34-55) |
| Suty, TA 15 | n.d. |
| Sutau, TA 19 | Oração a Aton(?) e ao Rei (Ins. 1-5) |
| Any, TA 23 | Oração a Aton (Ins. 12-19) |
| Paatonemheb, TA 24 | n. d. |
| Ay, TA 25 | Oração a Aton (Ins. 1-64; 368-386) Oração ao Rei (Ins. 103-161) Oração a Aton e ao Rei (Ins. 265-278); Oração a Ré (Ins. 331-348) |

As «Petições» que, como vimos, integram a oração, referem-se a um conjunto de benesses, de carácter material e/ou espiritual, tidas como essenciais, mas que, estando para além daquilo que o ser humano normal pode conseguir, têm que ser solicitadas aos deuses ou ao rei, que os representa neste mundo. Classificá-las-emos, no presente trabalho, em três grupos distintos: i) as petições relativas ao rei, ii) as que dizem respeito ao funcionário, enquanto vivo e iii) as que lhe dizem respeito no estado de morto.

As petições relativas ao rei exprimem, por exemplo, o desejo que os deuses lhe concedam uma vida longa: *ḥnht dt nhḥ*, «que viva eternamente e para sempre». As petições relativas ao próprio funcionário, no estado de vivo, podem ser dirigidas directamente aos deuses, solicitando um longo tempo de vida, mas o rei é seu destinatário final quando estão em causa dádivas honoríficas, por exemplo: «seguir o rei», ou dádivas materiais, como a alimentação, a «pensão de velhice» ou a concessão de um túmulo. As petições relativas ao próprio funcionário, no estado de morto, por sua vez, englobam pedidos acerca da qualidade de vida no Além, que só os deuses podem assegurar, bem como dos necessários suportes materiais para que esta vida exista e a sua recordação se mantenha viva na terra, através do culto funerário, só possível de manter com o apoio do rei.

Uma análise completa e aprofundada das fontes permite respigar todos os tipos de formas peticionárias que integram as orações presentes nestes túmulos e, assim, agrupá-las e exemplificá-las no quadro seguinte:

Quadro I.3 – Petições que integram os conteúdos devocionais de tipo «Oração» presentes no conjunto dos túmulos estudados


| Petição | Túmulo |
|--|---|
| Petições relativas ao Rei | |
| 1 – Longa vida para o Rei | Meriré II, TA 2, ln. 21; Meriré I, TA 4, ln. 212; Panehesy, TA 6, ln. 137; Parennefer, TA 7, ln. 11; Mahu, TA 9, ln. 5; Ay, TA 25, ln. 58 |
| 2 – Numerosos jubileus | Meriré II, TA 2, ln. 21 |
| 3 – Que o Rei domine o Norte e o Sul / o mundo | Mahu, TA 9, ln. 46; Meriré I, TA 4, ln. 212 |
| Total: 3 petições | |


| | |
|---|--|
| Petições para o funcionário, enquanto vivo | |
| 1 – Um longo tempo de vida | Meriré I, TA 4, ln. 96; Panehesy, TA 6, ln. 141; Any I, TA 23, ln. 13; Ay, TA 25, ln. 22 |
| 2 – Um feliz destino | Ay, TA 25, lns. 38, 128 |
| 3 – Um <i>ka</i> vigoroso em Akhetaton | Ay, TA 25, ln. 44 |
| 4 – Receber o poder do <i>ka</i> da rainha | Ay, TA 25, ln. 17 |
| 5 – Ser chamado à frente dos oficiais | Neferkheperu(ré)-her-sekher, TA 13, ln. 6 |
| 6 – Receber o pão quotidiano | Panehesy, TA 6, ln. 161 |
| 7 – Receber os favores reais | Mahu, TA 9, ln. 36 |
| 8 – Receber longo tempo de vida no favor real | Ay, TA 25, lns. 123, 274 |
| 9 – Habitar a Casa do Rei | Meriré I, TA 4, ln. 191 |
| 10 – Entrar na privacidade do Palácio | Neferkheperu(ré)-her-sekher, TA 13, ln. 9 |
| 11 – Entrar e sair em favor na Casa do Rei | Meriré I, TA 4, ln. 187; Panehesy, TA 6, ln. 160; Parennefer, TA 7, ln. 8 |
| 12 – Fazer parte da comitiva real | Parennefer, TA 7, lns. 6, 16; Huya, TA 1, ln. 104; Ahmés, TA 3, ln. 46; May, TA 14, ln. 51; Ay, TA 25, ln. 13 |
| 13 – Contemplar a beleza do Rei | Huya, TA 1, ln. 103; Meriré II, TA 2, ln. 57; Meriré I, TA 4, ln. 179; Panehesy, TA 6, ln. 149 |
| 14 – Que possa contemplar a beleza do Sol, com louvores e cânticos | Kheruef, TT 192, ln. 304 |
| 15 – Ter uma boa velhice | Kheruef, TT 192, ln. 321; Meriré I, TA 4, lns. 86, 103, 173; Panehesy, TA 6, ln. 145; Parennefer, TA 7, ln. 15; Ay, TA 25, lns. 133, 160, 274 |
| 16 – Receber uma bela sepultura e um bom funeral | Kheruef, TT 192, ln. 321; Huya, TA 1, ln. 12; Meriré II, TA 2, lns. 32, 58; Ahmés, TA 3, ln. 47; Meriré I, TA 4, lns. 45, 87, 91, 173, 176; Panehesy, TA 6, lns. 145, 169; Parennefer, TT 188, ln. 4; TA 7, ln. 7; Tutu, TA 8, lns. 26, 152; Mahu, TA 9, lns. 31, 50; Ramés, TA 11, ln. 16; May, TA 14, lns. 46-48; Any, TA 23, ln. 13; Ay, TA 25, lns. 52, 134, 344 |
| Total: 16 petições | |
| Petições para o funcionário no estado de morto | |
| 1 – Que os deuses acolham o seu corpo e o façam sair da imobilidade | Kheruef, TT 192, ln. 322 |
| 2 – Que os deuses reúnam as partes do seu corpo | Kheruef, TT 192, lns. 323-325 |
| 3 – Que Aton dê vigor ao seu cadáver e lhe permita respirar | Ay, TA 25, lns. 33, 332 |
| 4 – Que seja transformado num <i>ba</i> vivo | Kheruef, TT 192, lns. 326, 334 |
| 5 – Que o seu nome não seja esquecido | Panehesy, TA 6, ln. 166; Parennefer, TA 7, ln. 83; Tutu, TA 8, ln. 158; Ay, TA 25, lns. 158 |
| 6 – Que seja chamado pelo seu nome e acuda à voz | Huya, TA 1, ln. 15 |
| 7 – Que acompanhe os deuses na barca <i>Nechemet</i> | Kheruef, TT 192, lns. 310 -311 |
| 8 – Que Aton brilhe para ele | Tutu, TA 8, ln. 53 |
| 9 – Que possa contemplar Aton | Meriré I, TA 4, ln. 50; Panehesy, TA 6, ln. 145; Parennefer, TA 7, ln. 4; Tutu, TA 8, ln. 32; Ay, TA 25, lns. 3, 10, 31 |
| 10 – Que o seu <i>ba</i> saia para contemplar Aton | Huya, TA 1, ln.13 |
| 11 – Que possa ouvir eternamente a voz de Akhenaton | Ay, TA 25, ln. 137 |

| | |
|--|---|
| 12 – Receber as oferendas que vêm da presença do deus | Kheruef, TT 192, lns. 305-307; Huya, TA 1, lns. 14, 16-19; Meriré I, TA 4, lns. 183, 195; Panehesy, TA 6, lns. 152, 156-157; Tutu, TA 8, ln. 64; Mahu, Ramés, TA 11, ln. 13; Ay, TA 25, lns. 26,152 |
| 13 – Receber alimentos na presença da Éneade e na barca de Sokar | Kheruef, (TT 192, lns. 313-314 |
| 14 – Inalar o cheiro da carne assada | Kheruef, (T 192, ln. 308 |
| 15 – Receber uma mesa de oferendas | Mahu, TA 9, ln. 35 |
| 16 – Receber água fresca | Kheruef, TT 192, ln. 309; Tutu, TA 8, ln.57 |
| 17 – Receber uma libação, oferecida pelos filhos da Casa Real | Panehesy, TA 6, ln. 175 |
| 18 – Inalar o incenso | Kheruef, TT 192, ln. 308; Tutu, TA 8, ln. 155 |
| 19 – Ser purificado e receber roupa lavada | Tutu, TA 8, ln. 32 |
| 20 – Ser ungido com unguento de primeira qualidade | Kheruef, TT 192, ln. 309 |
| 21 – Jogar <i>senet</i> com Ré | Kheruef, TT 192, ln. 312 |
| Total: 21 petições | |

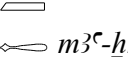
1.2.2. Hinos aos deuses

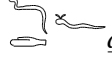
O hino é, fundamentalmente, uma composição de carácter laudatório que celebra um deus, um rei ou mesmo um atributo da realeza⁹¹. Considere-se o exemplo de um hino pertencente ao túmulo de Kheruef, TT 192: Inicia-se por um **Indicativo de**

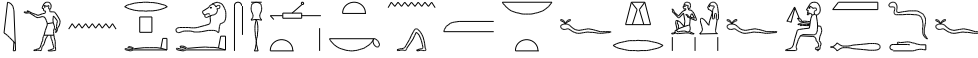
saudação:  *dw3 R' htp.f m 'nh*, «Adoração a Ré no seu

ocaso, em vida». No termo  *dw3*, «adoração, adorar a ...», o determinativo representa um homem de pé com os braços flectidos e palmas das mãos viradas para fora, gesto que se faz diante das imagens dos deuses e do rei. Segue-se o **Protocolo do autor do texto:**

 *i.i n*, «pelo». O nome, é acompanhado da filiação, da actividade profissional e

terminado pelo epíteto  *m3'-hrw*, «justificado», significando que se trata de alguém que morreu e foi, obviamente, declarado justo pelo tribunal de Osíris. O texto que vai ser

escrito, é ainda antecedido pelo **Indicativo de acção**  *dd.f*, «ele diz» e pode dirigir-se ao rei ou aos *netjeru*:


i.i n rp't h3ty-' smr-w' tkn m nb.f hrwf m3'-hrw dd.f

⁹¹ As coroas reais, por exemplo. Veja-se BAROUQ e DAUMAS, *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, pp. 55-71.

Pelo dignitário, príncipe, amigo único, o que se aproxima do seu senhor Kheruef, justificado. Ele diz:⁹²

Segue-se o **Protocolo do deus** que, por vezes, pode ser muito extenso como neste hino a Amon-Ré:

*hy.i.k Imn-R^c-Itm- Hr-3hty nb pt nb t3 iri hrw hrw nb r dr K3mwt.f nsw n Twnw wr W3st...
hnty itrtywb bs dsr imy m hwt-bnw sh^cw m Imn-R^c ib(h)tw skdy ...knw tsi.i nmt(.i) hft-hr-nbs
nb tmw it mn(iw) ntrw ity sm3w t^c-mhw iw ntrw m nbsw*

Eu te saúdo Amon-Ré-Atum-Horakhti, senhor do céu e da terra, o que fez os que estão em baixo e os que estão em cima, senhor de tudo (o que existe), Kamutef, soberano de Heliópolis, príncipe de Tebas, ... o que está à frente dos dois santuários, o que foi iniciado nas coisas sagradas da Casa do Benu, obra gloriosa de Amon-Ré, mandada construir em pedra de Ibhet em toda a sua volta... o que está completo (Atum?) e que eu exalto ao atravessar Khfet-her-nebes (Tebas), o senhor de todos os seres humanos, pai e pastor dos deuses, soberano de Alto e do Baixo Egito, de quem os deuses se aproximam, reverentes⁹³.

Como se vê, nomeadamente neste último exemplo, o texto desenvolve-se indicando o nome, ou os nomes, do deus, o local de residência, o protocolo e a sua funcionalidade. Isto constitui o que Barouq e Daumas designam por «estilo predicativo»⁹⁴.

No quadro I.4 apresentamos todos os hinos patentes nos túmulos dos funcionários amarnianos, de acordo com uma organização e categorização por nós estabelecida.

Quadro I.4 – Hinos que fazem parte do espólio textual dos túmulos dos funcionários de Akhenaton

| Túmulo | Hinos |
|------------------------------------|---|
| Túmulos tebanos | |
| Ramose, TT 55 | A Ré-Horakhti (Ins. 1-7) A Amon-Ré, Sol nascente (Ins. 15-30) A Ré, Sol nascente (Ins. 31-32) A Osiris (Ins. 301-303) |
| Kheruef, TT 192 | A Ré, Amon-Ré (ln. 1-34) Acróstico, Sol poente (Ins. 70-98) Acróstico, Sol nascente (Ins. 99-126) Ré, Amon, Sol nascente (Ins. 141-156) Sol poente (Ins. 187-199) |
| Parennefer, TT 188 | A Aton (Ins. 18-29) |
| Túmulos amarnianos do Norte | |
| Huya, TA 1 | Ao Rei (Ins. 105-118; 122-125) |

⁹² *Hino ao Sol poente*, Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 1-2.

⁹³ Túmulo do vizir Ramose, TT 55, ln. 19-25.,

⁹⁴ BAROUQ e DAUMAS, *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, p. 30.

| | |
|----------------------------------|--|
| Rudu, TA 1 A | n.d. |
| Meriré II, TA 2 | Hino a Aton, Sol poente (Ins. 1-18) |
| Ahmés, TA 3 | n.d. |
| Meriré I, TA 4 | Hino a Aton (Ins. 105-121; 217-230) Hino ao Rei (Ins. 144-167) |
| Pentu, TA 5 | Hino a Aton (Ins. 1-10; 26-41) |
| Túmulos amarnianos do Sul | |
| Parennefer, TA 7 | n. d. |
| Tutu, TA 8 | Hino a Aton, ao rei e à rainha, (Ins. 40-49) Hino a Aton e ao rei, (Ins. 85-105; 361-404) Hino a Aton (Ins. 50-53; 106-126) Peq. Hino a Aton, (Ins. 175-228) Hino ao rei, (Ins. 405-452) |
| Mahu, TA 9 | Peq. Hino a Aton (4x53=212 Ins.) Hino a Aton, ao rei e à rainha, (Ins. 38-40) Hino a Aton, (Ins. 17-29; 41-43; 52-55) |
| Apy, TA 10 | Peq. Hino a Aton (53 Ins.) |
| Ramés, TA 11 | n. d. |
| Nakhtpaaton, TA 12 | n. d. |
| Neferkheperuhersekheper, TA 13 | n. d. |
| May, TA 14 | Hino a Aton e ao rei (Ins.1-34) Hino a Aton e ao rei (Ins.35-55) |
| Suty, TA 15 | n.d. |
| Sutau, TA 19 | Hino ao rei (Ins. 6-15) |
| Any, TA 23 | n. d. |
| Paatonemheb, TA 24 | n. d. |
| Ay, TA 25 | Grande Hino a Aton (Ins. 162-264) Hino a Aton (Ins. 65-80; 279-282) Hino a Aton e ao rei (Ins. 81-102) |

Embora ocorram *Hinos ao Rei* e *Hinos Mistos*, dedicados a este e a um deus, a análise dos conteúdos hinológicos dos túmulos estudados revela que se trata, sobretudo, de *Hinos Solares*, o que está de acordo com a ideia da osirificação dos mortos. Assim como, na sua forma de Atum, o deus envelhecido, o Sol mergulha no mundo do Além, se une a Osíris e regressa todas as manhãs revigorado, também o ser humano almeja renascer quotidianamente sob a forma de bem-aventurado e tomar lugar na barca de Ré.

Os hinos variaram ao longo de um período como este, englobando o final do reinado de Amen-hotep III e os reinados de Akhenaton e Smenkhkaré. Os mais antigos contêm a temática do combate entre o deus solar e os seus aliados e Apep, o inimigo presente em todas as noites e que é necessário vencer para que as trevas nocturnas desapareçam e o dia nasça. Este tipo de textos insere-se na mesma corrente de pensamento do *Grande Hino a Amon* do Papiro Boulaq 17, do Museu do Cairo, que remonta a Amen-hotep II⁹⁵. Amon-Ré,

⁹⁵ *Ibidem*, p. 493.

deus único, assume sucessivas formas, igualmente solarizadas, como Atum ou Khepri⁹⁶ e mesmo um aspecto hórico: «Grande falcão de peito ornamentado». Reside em Karnak e é a fonte primitiva de toda a criação:

Único na sua espécie, entre os deuses
[...]
Que fez os homens, que criou o rebanho
Senhor de tudo o que existe
[...]
Que fez o que está no alto e no baixo
Quando iluminou as Duas Terras
[...]
Forma única que criou tudo o que existe⁹⁷.

Esta unicidade, na pluralidade, é repetidamente acentuada, por vezes até com ressonâncias amarnianas:

Salve a ti, que criaste tudo na totalidade,
Um que continua único, de braços numerosos
Que passa a noite a vigiar a humanidade adormecida⁹⁸

Amon-Ré emerge vitorioso da sua luta com o símbolo do caos, a serpente Apep:

A tua equipagem está em exaltação
Quando ele (ela, equipagem?) vê os rebeldes derrubados.
O corpo do rebelde é consumido pela faca, a chama devora-o
E o seu *ba* é punido mais que o seu cadáver.
(Quanto ao) imundo monstro Nik, a sua marcha é detida.⁹⁹

Hinos deste tipo encontram-se no túmulo de Kheruef, (TT 192, lns. 1-34; 141-156; 187-199). A luta é sempre descrita de um modo extremamente violento:

Nm̄.k ḥrt ib.k 3w mr mḥ3wy ḥpr ḥtpw sbi ḥr ʿwy k3sw(y) ḥsk̄ n dmwt tswt.f dw mniw dnw m ḥmtt.f ḥft ḥ(fty)w.k ḥr rnmt.sn.

Atravessas o céu, com o teu coração em júbilo, o «Lago das Duas Facas» tornou-se pacífico, pois o rebelde foi derrubado, os seus braços amarrados e cortadas pelas facas as suas vértebras. O maligno está amarrado e os seus passos restringidos, os teus inimigos foram derrubados no lugar do seu massacre¹⁰⁰.

⁹⁶ Bem como Ptah, Min e Horakhti.

⁹⁷ «Grande Hino a Amon do Cairo», in Araújo, *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, pp. 61-66.

⁹⁸ Diferença de Aton, que repousa durante a noite.

⁹⁹ Outro nome da serpente Apep.

¹⁰⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 148-150.

Durante o reinado de Amen-hotep III, a interpretação do Sol enquanto corpo celeste começou a revestir-se de um cunho «científico», isto é, resultante da observação. O Sol emite energia sobre a forma de calor que é possível sentir na pele e de luz que os olhos detectam. Tem um movimento próprio que define o tempo sob a forma das horas do dia e dos dias do ano, fazendo variar domínios limitados e como que protegidos por uma *chenu* onde a vida se expande nas suas numerosas formas, alimentada pela Luz-energia, *chu*, do Sol. Tal como é acentuado por Assmann¹⁰¹, esta «Nova Teologia Solar» (NTS) abdica de sistemas explicativos do foro mítico a respeito da criação, que refere muito resumidamente, vincando especialmente o cuidado posto pelo deus na manutenção de tudo o que existe.

O *Hino dos arquitectos Suti e Hor*¹⁰², que data do reinado de Amen-hotep III, é, ao que sabemos, o primeiro texto que incorpora os princípios da NTS. O deus solar é designado por «Aton do dia» e, à semelhança de Amon, é saudado como um «grande falcão, brilhantemente emplumado». Ainda não está completamente autonomizado: nasce sob a forma de Khepri, viaja no céu «na sua forma de Ré» ou de «Hórus primogénito no seio de Nut», é «Khnum e Amon da humanidade». Porém, muito do que vai ser o futuro Atonismo já aqui se encontra.

À medida que aumenta a influência das novas ideias, a leitura da sucessão dos dias e das noites vai sendo suavizada e isto já se verifica no próprio túmulo de Kheruef, particularmente no Acróstico (Ins. 70-126). É também o que acontece no túmulo de Ramose (TT 55). Os hinos solares contêm ainda elementos do que se designa por «Piedade Pessoal»¹⁰³, uma reformulação do relacionamento entre a divindade, e o seu adorador, isto é, a passagem da condição de *ntr*, «deus», para a de *ntr.i*, «meu deus», devidamente reverenciado, tal como recomendam as «Instruções de Ani»:

¹⁰¹ A presente análise dos hinos solares segue de muito perto a grelha de leitura de Assmann, embora com algumas ramificações que dela não constam. Ver ASSMANN, Jan, *The search of God in Ancient Egypt*, pp. 201-208.

¹⁰² LALOUETTE, *Thèbes ou la naissance d'un empire*, pp. 498-499.

¹⁰³ Ingl. *personal piety*, Al. *persönliche Frömmigkeit*. Sobre a «Piedade Pessoal», ver ASSMANN, Jan, *Egyptian Solar Religion in the New Kingdom. Re, Amun and the crisis of Polytheism*, pp. 190-209; *State and Religion in the New Kingdom*, pp. 55-88; *The Mind of Egypt*, pp. 229-246; *The search for God in Ancient Egypt*, pp. 197-198, 216-218; *Of God and Gods*, pp. 80-89. Ver igualmente MOTA, Susana Isabel, «De que falamos quando falamos de piedade pessoal no Antigo Egipto?», Araújo, Luís M de, Sales, José das Candeias (Eds.), *Novos Trabalhos da Egiptologia Ibérica*, Vol. II, pp. 815-828.

Faz oferendas ao teu deus,
Evita ofendê-lo,
Não questiones as suas imagens.¹⁰⁴

O texto exorta ainda o fiel ao respeito para com o templo, à misericórdia e à oração.
Diz assim:

Ora-(lhe) secretamente, o coração pleno de amor
E com todas as palavras escondidas
Ele há-de prover às tuas necessidades
Ele há-de ouvir as tuas palavras
Ele aceitará as tuas ofertas.

Nos seus hinos, Akhenaton refere-se a Aton, seu divino pai, numa linguagem que não é diferente desta:

Quando vejo o teu corpo, ó deus único, (nesta forma) engendrada por ti, tu estás no meu coração. Não há outro que te conheça, excepto o teu filho Neferkheperuré-uaenré. Fizeste que ele fosse instruído nos teus desígnios e no teu poder¹⁰⁵.

Com o desenvolvimento da teologia atoniana, os hinos solares continuaram a ser escritos com a notável alteração de o deus solar ter deixado de ser Amon-Ré.

1.2.2.1. Referentes teológicos

Uma vez que uma parte dos hinos solares e os atonianos que fazem parte do espólio tumular constante do nosso *corpus* documental já foram por nós estudados¹⁰⁶, limitar-nos-emos a uma breve apresentação que, não obstante, deve ser precedida de uma justificação dos critérios adoptados.

O primeiro critério que adoptámos foi estender a análise a dois deuses Amon-Ré e Aton e não só a este último. Efectivamente, desde pelo menos o início do Império Novo (c. 1570 a.C.) o deus tebano, Amon, estava solarizado, mediante síncrese com o velho demiurgo Ré. No *corpus* documental que estabelecemos, a verdadeira entidade que habita o

¹⁰⁴ LALOUETTE, *Thèbes ou la naissance d'un empire*, p. 141.

¹⁰⁵ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 250-253.

¹⁰⁶ CARREIRA, Paulo, *Akhenaton, uma perspectiva teo-histórica*, Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em História e Cultura Pré-Clássica, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007; CARREIRA, Paulo «O Monoteísmo Javista e os seus paralelismos teológicos com a teologia Atonista», instituto-prometheus.org/wp-content/uploads/2015/02.

disco solar chama-se Amon-Ré, nos hinos dos túmulos de Kheruef e de Ramose. Só no túmulo tebano de Parennefer (TT 188), no túmulo de Aper-El (Bubasteion I.1) e nos posteriores túmulos de Amarna, Aton é assumido como divindade solar única.

O segundo critério tem por objectivo realçar as características teológicas do deus solar no que respeita à sua existência, filiação, unicidade e multiplicidade, relação com os homens e funcionalidades.

O terceiro critério prende-se com o conhecimento do deus, directo, isto é, revelado ou indirecto, através das suas obras.

O Quadro I.5 integra estes vários conteúdos, acompanhados dos respectivos referentes textuais em que se encontram inseridos

Quadro I.5 – Referentes teológicas do deus solar, de acordo com o espólio textual dos túmulos dos funcionários de Akhenaton

| Referentes teológicos | Túmulos |
|--|--|
| 1. Da existência do deus Tese: <i>Existe um deus solar isto é, hipostasiado no Sol</i> | (Amon-Ré), o seu corpo é o disco solar (Kheruef, TT 192, lns. 92) (Amon-Ré), gracioso quando repousa como o disco solar (Kheruef, TT 192, lns. 92) (Amon-Ré), luz do Sol brilhante (Kheruef, TT 192, lns. 88) (Amon-Ré), que ilumina a terra, que atravessa o céu (Kheruef, TT 192, lns. 83) (Aton), senhor do disco solar (Ay, TA25, ln. 279) (Aton), quando estás só, brilhando na tua forma de Aton vivo (Ay, TA25, GH, ln. 242) |
| 2. Da filiação do deus Tese 1: <i>Amon-Ré é filho do Nun¹⁰⁷ e da deusa do céu, Nut.</i> Tese 2: <i>Aton é auto-gerado.</i> | Tu desces no ventre de tua mãe Niut e teu pai Nun presta-te homenagem (Kheruef, TT 192, lns. 9-10) Quando vejo o teu corpo, ó deus único, (nesta forma) engendrada por ti, tu estás no meu coração (Ay, TA25, GH, lns. 250-25) Ó nobre deus que a ti mesmo te fizeste (Tutu, TA8, PH, ln. 185) |

¹⁰⁷ O meio primitivo onde nasceu a autoconsciência e, posteriormente, a criação.

| | |
|---|--|
| <p>3. Das formas do deus</p> <p>Tese 1: <i>Tem vários nomes, várias kheperu</i></p> <p>Tese 2: <i>Tem um único nome, um único kheper</i></p> | <p>(Amon-Ré), luz do Sol brilhante (Kheruef, TT 192, lns. 88) Amon-Ré-Atum-Horakhti, senhor do céu e da terra (Ramose, TT 55, ln. 19) Ré (Ramose, TT 55, lns. 31; Kheruef, TT 192, ln.73) Hórus mais velho (Kheruef, TT 192, ln. 75) Kamutef (Ramose, TT 55, ln. 21)</p> <p>O vivo Ré-Horakhti que rejubila no horizonte, no seu nome de «A Luz que está/vem no/do disco solar» (Parennefer, TT 188, ln.18) Ré, soberano dos dois horizontes, que rejubila no horizonte, no seu nome de «A Luz que vêm do disco solar» (Meriré I, TA 4, ln. 221)</p> |
| <p>4. Da Unicidade do deus</p> <p>Tese: <i>Tendo uma única kheper (Aton) ou mais (Amon-Ré), esse deus é Único</i></p> | <p>(Amon-Ré), único dos únicos (Kheruef, TT 192, ln.15) (Amon-Ré) único, não há nenhum para além dele (Kheruef, TT 192, ln.82) (Aton) Ó deus único, fora do qual não há outro (Ay, TA 25, GH, ln. 213) (Aton, tu que és) único (Ay, TA 25, lns. 214, 244, 250) Ó Aton vivo, não há outro excepto ele (Meriré I, TA 4, lns. 107) Eu vim em adoração a Aton, o único deus vivo (Tutu, TA 8, lns. 106-107)</p> |
| <p>5. Da distância entre o deus e o homem</p> <p>Tese: <i>Tal como o Sol está longe da humanidade, assim o deus que o habita está incomensuravelmente distante.</i></p> | <p>Tu estás alto, muito acima de toda a terra (Ay, TA 25, ln. 172; May (TA 14, ln. 8) (Amon-Ré), senhor dos tronos das Duas Terras, os seus desígnios são ocultos (Kheruef, TT 192, lns. 86) Aton vivo que fez o céu e vive secreto no seu interior. Mesmo quando está sobre as nossas faces, porque não conhecemos o seu corpo, que só é conhecido pelo seu amado filho (Ay, TA 25, lns. 47-49)</p> |
| <p>6. Das funcionalidades do deus</p> <p>Tese 1: <i>É o criador dos deuses, da natureza e dos homens</i></p> | <p>(Amon-Ré), mãe das mães e pai dos pais Kheruef, (TT 192, ln.90) Senhor de Tebas ... senhor que criaste tudo o que existe (Kheruef, TT 192, ln.94) Ré que fez todo o ... e tudo o que existe (Kheruef, TT 192, lns. 108, 110) Ele (Amon-Ré) fez o cereal (Kheruef, TT 192, ln.115) (Amon-Ré) que tudo faz viver (Kheruef, TT 192, ln.122) Pai e pastor dos deuses (Ramose, TT 55, ln. 25) (Amon-Ré-Atum-Horakhti) senhor do céu e da terra, o que fez os que estão em baixo e os que estão em cima, senhor de tudo (o que existe) (Ramose, TT 55, ln. 19-20)</p> |

| | |
|---|--|
| <p>Tese 2: <i>É o criador de si mesmo, da natureza e dos seres humanos, visto haver apenas um deus.</i></p> | <p>O mundo veio à existência sobre a tua mão, tal como (todos os povos) (Ay, TA 25, ln. 254) Tu criaste toda a terra, fizeste tudo o que está sobre ela: os seres humanos, os rebanhos e todos os animais, todas as árvores que crescem sobre a terra. (Na verdade) tu és mãe e pai de tudo aquilo que criaste (Tutu, TA 8, PH, lns. 186-190) Dá a vida a todos os animais (Ay, TA 25, lns. 208-211, 215-217) Dá a vida a partir dele (Tutu, TA 8, ln. 109) Milhões de vidas estão em ti para que as faças viver (Ay, TA 25, lns. 220) Só tu és a existência encarnada, vive-se de ti (Ay, TA 25, lns. 256) Tu és único mas milhões com a vida estão em ti, para que os faças viver (Tutu, TA 8, ln. 220) Ó Aton vivo criador da vida (Ay, TA25, GH, ln. 170) Tu crias os fetos, nas mulheres, produzes o sêmen nos homens, tu fazes viver o filho no ventre de sua mãe, (Ay, TA25, GH, lns. 201-203) Quando o passarinho no ovo, fala, dentro da sua casca, tu dás-lhe o sopro da vida para que ele possa viver (Ay, TA25, GH, lns. 207-208) Tu crias a natureza segundo o teu coração tu, o único: Todos os povos, manadas e rebanhos, tudo o que existe sobre a terra e anda sobre os pés e tudo aquilo que voa no céu com as suas asas (Ay, TA25, GH, lns. 250-25)</p> |
| <p>7. Da incognoscibilidade directa do deus</p> <p>Tese: <i>Esse deus é misterioso e insondável</i></p> | <p>(Amon-Ré), o mais oculto dos ocultos (Kheruef, TT 192, lns. 119) (Amon-Ré), Deus oculto, grande em soberania (Kheruef, TT 192, ln.13) Ele (Amon-Ré) é incognoscível (Kheruef, TT 192, ln.16) (Amon-Ré), senhor dos tronos das Duas Terras, os seus desígnios são ocultos (Kheruef, TT 192, lns. 86) Quão numerosas são as tuas obras, ainda que escondidas do entendimento humano (Ay, TA 25, GH, ln. 212) Tu estás próximo de todos os rostos mas ninguém conhece os teus caminhos (Ay, TA 25, GH, ln. 178)</p> |
| <p>8. Da cognoscibilidade indirecta do deus</p> <p>Tese: <i>É possível um conhecimento indirecto e incompleto do deus com base na observação da sua hipóstase solar, porque ele está simuladamente perto e longe, O Sol manifesta-se através da sua luz/energia e do seu movimento.</i></p> | <p>Tu estás longe (mas) os teus raios estão sobre a terra (Ay, TA 25, lns. 61, 177, 243)</p> |
| <p>8.1. A Luz</p> <p>8.1.1 É um aspecto benéfico do deus</p> | <p>O teu amor abundante e grande faz resplandecer a tua nobre tez, assim que inundaste a terra com a tua beleza (Tutu, TA 8, lns. 93-94) (Amon-Ré), benéfico na luz do Sol (Kheruef, TT 192, ln.113)</p> |

| | |
|---|---|
| 8.1.2. A luz é o olhar atento do deus com o qual contempla a sua criação | <p>A luz do dia é sua (de Amon-Ré) (Kheruef, TT 192, ln.77)</p> <p>Tu fizeste uma plataforma elevada (o céu) para do alto dele brilhares sobre os seus corpos (Tutu, TA 8, ln. 52)</p> <p>Tu fizeste o céu longínquo para nele ascenderes, para contemplares aquilo que fizeste (Ay, TA 25, lns. 240-241)</p> <p>Fizeste o céu longínquo para nele brilhares, para contemplar o que fizeste, Tutu (TA 8, ln. 218-218)</p> <p>O senhor dos raios que fez a claridade, que se ergue no céu para iluminar as Duas Terras (Tutu, TA 8, ln. 107-108)</p> |
| 8.1.3. A luz ilumina o mundo, tornando-o visível e útil para a humanidade | Todas as estradas estão abertas quando tu apareces em glória (Ay, TA 25, ln. 200) |
| 8.1.4. Penetra nos lugares mais recônditos | Os teus raios penetram no Grande Verde (Ay, TA 25, ln. 200) |
| 8.1.5. A luz garante a capacidade de ver que é característica dos olhos | <p>Todos os olhos te contemplam nas alturas. Tu és o Aton do dia sobre a terra e percorreste (o teu caminho) para que todos os olhos existissem (Ay, TA 25, lns. 246-249)</p> <p>Quando nasce os olhos deles vêm graças a ti (Tutu, TA 8, PH, ln. 191)</p> <p>Os teus raios estão sobre os rostos de todos nós (Tutu, TA 8, ln. 182)</p> <p>Todos os olhos vêm devido a ti (Parennefer, TT 188, ln. 24)</p> <p>(Aton), o que dá saúde aos dois olhos, com os seus raios (Meriré I, TA 4, ln 107)</p> <p>Apareces feito resplandecente nas tuas cores, fazendo os olhos de tudo o que criou (Meriré I, TA 4, ln 225-226)</p> <p>Os olhos de todo o povo estão em júbilo (Pentu, TA 5, ln. 30)</p> <p>As pessoas jazem cegas, até chegar a tua luz para acordá-las, para verem a tua beleza Quando te ergues, eles vêm, tal como lhes foi predestinado, pois tu envia-lhes os teus raios (Pentu, TA 5, ln. 34-35)</p> |
| 8.2. O Movimento | |
| 8.2.1. Na periodicidade do seu movimento o deus recria-se ciclicamente, permanecendo embora o mesmo deus | <p>A tua majestade (Amon-Ré) recebeu veneração ao ancorares no teu lugar de ontem (Kheruef, TT 192, ln.88)</p> <p>Tua mãe Nut enlaça-te (a Amon-Ré) quando te fazes florir no teu lugar de ontem (Kheruef, TT 192, ln. 154)</p> |
| 8.2.2. O movimento (aparente) do Sol representa o trabalho desenvolvido pelo deus, nascendo e pondo-se com uma perfeita regularidade | <p>(Amon-Ré), o que faz avançar a aurora (Kheruef, TT 192, lns. 105)</p> <p>Estás próximo sem cessar, de noite como de dia (Pentu, TA 5, ln. 28)</p> <p>És o senhor (dos povos) que te afadigas com eles. Ó senhor de toda a terra que brilhas para eles (Ay, TA 25, lns. 225-226)</p> |
| 8.2.3. O movimento do Sol cria o tempo na sua forma cíclica | <p>Adoração a Ré, quando ele se ergue na montanha diariamente e em todos os dias (Ramose, TT 55, ln. 31)</p> <p>(O rei) que foi dado à luz na majestade dele, tal como te dás à luz a ti mesmo todos os dias sem cessar (Tutu, TA 8, ln. 99)</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>(Aton) que brilha no horizonte, no começo de todas as manhãs (May, TA 14, ln. 30)</p> <p>Tu engendra-lo (o rei) ao romper d'alva, conforme o ciclo das tuas transformações (Ay, TA 25, lns. 76)</p> <p>(Amon-Ré) o que faz avançar a aurora (Kheruef, TT 192, ln.7)</p> |
| 8.2.4. O movimento do sol organiza o calendário, o tempo laboral e o tempo cúbico | <p>Tu fizeste as estações do ano para que viesse à existência tudo o que criaste: A estação de Peret para os refrescar e o vento quente para que te saboreassem (Ay, TA 25, lns. 238-239)</p> <p>Tu fazes os anos, crias os meses, fazes os dias e contas as horas (Meriré I, TA 4, ln 119-121)</p> <p>Eles (os seres humanos) vivem quando te vêem e vão dormir quando repousas (Meriré I, TA 4, ln. 112)</p> <p>Cessam todos os trabalhos quando te pões a ocidente (Ay, TA 25, ln. 258)</p> <p>Quando te pões a ocidente do céu, eles jazem como se estivessem mortos ...até regressarem à existência assim que nascas, de manhã (Tutu, TA 8, PH, lns. 196-198)</p> <p>Mas ao romper d'alva [...] toda a gente parte para o trabalho (Ay, TA 25, GH, lns. 186-191)</p> <p>Os barcos navegam para jusante e para montante, todas as estradas estão abertas quando tu apareces em glória (Ay, GH, TA 25, ln. 198)</p> <p>[Mas ao romper d'alva] todos os trabalhadores cumprem os seus deveres (Tutu, TA 8, ln. 114)</p> <p>[Mas ao romper d'alva] cantores e músicos estão exultantes de alegria no átrio do Templo do Benben e em todos os templos de Akhetaton [...] alimentos e provisões são oferecidos no seu interior (Tutu, TA 8, PH, lns. 203-207)</p> |
| 8.2.5. O movimento solar define o tempo de vida de cada um dos seres vivos | <p>Tu dás a todo o homem o seu lugar e cuidas do seu sustento, providencias a cada um a sua comida. O seu tempo de vida está previamente contado (Ay, TA 25, lns. 219-220)</p> <p>As tuas mãos trazem milhões de jubileus para o rei [...] ordenas para ele o teu tempo de vida e os teus anos de reinado (Ay, TA 25, lns. 71, 73).</p> <p>Senhor do tempo de vida, pelo qual a contagem é feita (Meriré I, TA 4, ln. 121)</p> <p>Concede-lhe (ao rei) numerosos e grandes jubileus, em anos pacíficos (Meriré I, TA 4, ln. 134)</p> |

1.2.3. Hinos ao Rei e Hinos mistos

Desde a unificação do Egito (c. 3000 a.C.), o rei era, ou pretendia ser, o deus pessoal do seu povo. Definia-se como encarnação de Hórus (I-III dinastias) e, excepcionalmente, de Set, com Peribsen¹⁰⁸ (II dinastia, c. 2890-2686 a.C.), ou dos dois em simultâneo, como é o caso de Khasekhemui. A partir da V dinastia, declarou-se «filho de Ré». Simultaneamente ser humano e entidade solar, o rei simplesmente «aparece» no trono das Duas Terras¹⁰⁹. No Império Novo, o rei é filho de Amon-Ré e esta ligação é tão intensa que Hatchepsut e Amen-hotep III se dizem fisicamente engendrados por ele¹¹⁰.

Uma vez que o deus, de acordo com as suas palavras, *k3i ntt nbt*, «planeia tudo o que existe» e transmite os seus planos por meio de oráculos, resta ao rei o papel de seu representante na terra. Na sequência da reforma religiosa de Akhenaton, o deus solar continuou a «planear as coisas» e a dirigir os acontecimentos mas a sua vontade expressa-se privadamente, é comunicada directamente ao soberano. Assim aconteceu na fundação de Akhetaton¹¹¹.

Os *Hinos ao Rei* e dos *Hinos Mistos* mostram uma leitura da personagem real segundo dois níveis distintos: o nível teológico e o nível político, tal como se mostra no Quadro I.6, por nós elaborado a partir do tratamento da informação documental.

¹⁰⁸ Durante o reinado de Peribsen, as tensões entre o Alto e o Baixo Egito, motivadas pela progressiva deslocação da capital para o Norte, PADRÓ, Josep, *Historia del Egipto faraónico*, p. 54. Isto pode ter sido travestido por um conflito religioso entre os partidários de Hórus e Set. Estes últimos teriam vencido e o rei abandonado o título de Hórus Sekhemib em favor do de Set Peribsen. Khasekhemui, sucessor do precedente terá muito diplomaticamente assegurado a paz mediante o uso de um nome real, «Os dois poderosos brilham» que englobava referência a Hórus e a Set. CLAYTON, Peter, *Crónicas dos Faraós*, pp. 27-29; ARAÚJO, Luís M. de, *Os grandes faraós do Antigo Egito*, pp. 63-64; WILKINSON, Toby, *Lives of Ancient Egyptians*, pp. 24-27

¹⁰⁹ «a Minha Majestade apareceu em glória sobre o trono de Hórus dos vivos», Carta de Tutmés I ao vice –rei da Núbia, Turé. LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, pp. 157-158.

¹¹⁰ DESROCHES-NOBLECOURT, Christiane, *Hatshepsout. La reine mystérieuse*, pp. 163-180 ; LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, pp. 420-421, 425.

¹¹¹ *Estela da Fundação de Akhetaton*, Ins. 56-57.

Quadro I.6 – Leituras da entidade «Rei», de acordo com o espólio textual dos túmulos dos funcionários de Akhenaton

| Leitura religiosa e política do Rei | Túmulos |
|--|---|
| 1. Leitura teológica do Rei 1.1. Da sua filiação divina | <p>O belo filho de Aton (Meriré I, TA 4, ln. 154) Tu (Akhenaton) é que és o seu amado filho, porque <i>és da mesma natureza</i> que ele (Tutu, TA 8, ln. 374) Aton engendrou-o (Tutu, TA 8, ln. 409) Formado como Aton (Ay, TA 25, ln. 97) Saiu de Aton (Ay, TA 25, ln. 90) Que sejas gerado por Aton, <i>todas as vezes que ele aparece em glória</i> (Tutu, TA 8, ln. 378) Único de Aton (Tutu, TA 8, ln. 433)</p> |
| 1.2. Da sua divindade própria | <p>Sol vivo de toda a gente (Ramés, TA 11, ln. 2) Sol vivo, à vista do qual eu vivo (Meriré I, TA 4, ln. 148) Aparece em glória (Ramés, TA 11, ln. 6) Ele (Akhenaton) é a luz de toda a terra (Panehesy, TA 6, ln. 62) Luz de toda a gente (Tutu, TA 8, ln. 440) Ó Hapy, por cujas ordenações (existe) a comida e a gordura do Egípto (Meriré I, TA 4, ln. 146) Hapy da terra e da humanidade (Panehesy, TA 6, ln. 62) Nilo (<i>h'py</i>) que diariamente transborda e faz viver o Egípto (Ay, TA 25, ln. 98) Sopro de vida de todas as narinas (Panehesy, TA 6, ln. 64) Senhor do tempo de vida (Tutu, TA 8, ln. 440) Senhor da beleza (Meriré I, TA 4, lns. 152, 155)</p> |
| 1.3. Residência | Reside em Akhetaton, como Aton no céu (Meriré I, TA 4, lns. 164-164) |
| 1.4. Tempo de vida | Ela (Nefertiti) vê o soberano diariamente, sem cessar porque [...] o soberano é vigoroso (Tutu, TA 8, ln. 45) |
| 1.5. O rei, como deus pessoal | <p>Bom soberano que me traz à existência (Meriré I, TA 4, ln. 146) Ó meu deus que me formaste (Panehesy, TA 6, ln. 64) Bem-vindo, ó Um que vive em <i>maet</i>, senhor das Duas Terras, Neferkheperuré Uaenré, Sol vivo de toda a gente, por cuja beleza nos tornamos saudáveis. A tua vista rejuvenesce [como o Sol] quando nasce. Não há pobreza para quem o põe no seu coração¹¹². Ele (o rei) não disse: “ Ah! se eu tivesse (alguma coisa)” mas é justo no seu caminho perfeito, até atingir a bem-aventurança. Deixa-me louvar(-te) milhões de vezes, fazer-te uma adoração, quando apareces em glória (Ramés, TA 11, lns. 1-6).</p> |

¹¹² Note-se a ideia de «pôr no seu coração» o deus X, coisa mui típica da piedade pessoal. Claro que neste caso o deus é o próprio rei.

| | |
|---|---|
| <p>2. Leitura política do Rei 2.1. Exercício do poder</p> | <p>Exerce o seu poder, como o Aton vivo (Meriré I, TA 4, lns. 161-162) É dono de toda a terra e do seu povo (Meriré I, TA 4, lns. 160-161) Bom soberano (Meriré I, TA 4, lns. 147) Belo governante (Tutu, TA 8, lns. 427, 433) Autor de belos projectos (Meriré I, TA 4, ln. 153) Vive em <i>maet</i> (Meriré I, TA 4, ln. 145; Ramés, TA 11, ln. 1) Ele (Akhenaton) presta mais atenção a <i>maet</i> do que a um monte de coisas, mais do que a uma quantidade de ... (Tutu, TA 8, ln. 414) É justo no seu caminho perfeito (Ramés, TA 11, ln. 5) Instrutor do seu povo (Tutu, TA 8, ln. 439)</p> |
| <p>Tese: <i>Toda este magnificante conjunto de características deriva da relação especial e única entre Akhenaton e o seu divino pai</i></p> | <p>Quando vejo o teu corpo, ó deus único, nesta forma engendrada por ti, tu estás no meu coração. Não há outro que te conheça, excepto o teu filho Neferkheperuré-uaenré. Fizeste com que ele fosse instruído nos teus desígnios e no teu poder (<i>Grande Hino a Aton</i>, Túmulo de Ay, TA 25, lns. 250-253).</p> |

Sendo, como os seus antecessores, uma figura de contornos paternais a quem, como vimos nas Orações, se pede de comer, de vestir e até o cuidado de providenciar a última morada, Akhenaton conservou uma identificação com o tradicional alimentador do Egipto:

Nilo que diariamente transborda e faz viver o Egipto¹¹³
Ó poderoso Hapi, por cujas ordenações (existe) a comida e a gordura do Egipto¹¹⁴
Hapi da terra e da humanidade¹¹⁵

Assim como Aton vive no céu, o rei vive na cidade santa de Akhetaton e, tal como seu pai, «é a luz de toda a gente», (Tutu, TA8, ln. 440). Essa luz transforma, constrói o seu povo ou, melhor, a parte do seu povo que está disposta a acolher a nova doutrina (Tutu, TA 8, ln. 439; Suta, TA 19, ln. 7; Panehesy, TA 6, ln. 53). Esses são transformados (Panehesy, TA 6, ln. 54), recebem a *maet* no seu corpo (May, TA 14, ln. 36) e tornam-se afortunados (May, TA 14, lns. 40-41, 44; Tutu, TA 8, ln. 445; Suta, TA 19, lns. 9-14). Por vezes, é como se um homem nascesse de novo: «(Akhenaton) deus que me fizeste, que deste origem

¹¹³ Túmulo de Ay, TA 25, ln. 98.

¹¹⁴ Túmulo de Meriré I, TA 4, ln. 146.

¹¹⁵ Túmulo de Panehesy, TA 6, ln. 63.

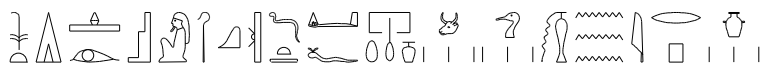
ao meu *ka*»¹¹⁶. Ser perfeito, Akhenaton vive de uma forma eminentemente maética: «Ele presta mais atenção a *maet* do que a um monte de bens¹¹⁷».

1.3. Conteúdos específicos

Sob esta designação incluem-se textos particulares que embora tenham muito em comum com as categorias «Oração» e «Biografia», possuem características de tal modo peculiares, que se independentizaram de qualquer outra classificação. Estão neste caso os «Textos de oferendas», o «Apelo aos vivos», a «Proclamação de bem-aventurança» e a «Oração aos deuses da Duat». Veremos seguidamente as características de cada um deles.

1.3.1. Textos de oferenda

Os textos de oferenda constituem o acompanhamento verbal da cerimónia durante a qual se dá algo a uma entidade, como alimentos e bebidas, defumações, bálsamos, de acordo com um determinado ritual e empregando um formulário preciso, como acontece no túmulo do vizir Ramose, TT 55:



htp di nsw (n) Wsir hk3 dt di.f prt-hrw kbhw irpw

Uma oferenda que o rei faz a Osíris, senhor da eternidade, para que ele conceda invocações-
oferendas¹¹⁸ de bois e aves, libações de vinho



irt(t) mnht šs b3s mrht drp dkrw rnpwt nbt

e leite, vestuário, alabastro¹¹⁹ e uma jarra de unguento, e oferece todos os vegetais e frutos



ht-nbt nfr w^cb ntr nht im.sn



e todas as coisas boas e puras, pelas quais os deuses vivem.



¹¹⁶ Túmulo de Ay, TA 25, ln. 95.

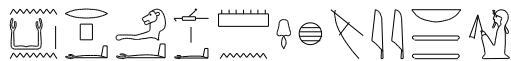
¹¹⁷ Túmulo de Tutu, TA 8, ln. 410.

¹¹⁸ Quando Osíris «lê» em voz alta cada uma das numerosas oferendas que foram feitas, ou se diz que o foram, as suas palavras materializam-nas para que o Osíris Ramose delas possa usufruir.

¹¹⁹  *mnht*, «vestuário»  *šs*, «alabastro».

hṭp hr df(3)w m hrt-hrw hr Wdhw n Wnn-nfr

Uma oferenda de provisões no decurso do dia, (vinda) das mesas de oferenda de Uennefer.



n k3 n r-p(t) h3ty-ε wε mnḥ mry nb t3wy

Pelo *ka* do senhor e nobre, o único que é eficiente e amado pelo senhor das Duas Terras



mr(yt) r ity bitw(.f) imy-r prwy ḥd nbw

amado pelo soberano pelas (suas) qualidades, o superintendente da Dupla Casa da Prata e do Ouro,



imy-r pr n nsw m Mn-nfr sš-nsw m3ε mr.f

o mordomo real do nomo de Mênfis, o verdadeiro escriba real, seu amado



Imn-hṭp m3ε-hrw hr ntr ʿ3 nb dt

Amen-hotep, justificado pelo deus grande, senhor da eternidade¹²⁰

A fórmula introdutória, *hṭp-di-nsw*, valida a oferenda enquanto proveniente do rei que, como único e legítimo sacerdote, tem o poder de ligar os domínios celeste e terrestre. Só ao rei foi concedida a posse de toda a terra, podendo embora entregar a outros parcelas da mesma, em usufruto. É dono e senhor de tudo o que ela dá. Compreende-se, portanto, que a mesma fórmula seja utilizada mesmo quando a oferenda é realizada por um funcionário, enquanto vivo, ou pela sua família e amigos, depois de morto.

O *netjer*, no caso presente Osíris, deleita-se com o odor dos víveres e a beleza dos ornamentos. Agradado, no estado de *hṭp*, ele corresponde com as *pṛt-hrw*, «o que sai da boca», isto é, o enunciado verbal de tudo aquilo que recebeu e o poder das suas *mdw-ntr*, «palavras divinas», é tão grande que recria magicamente todos os bens que recebeu, pondo-os à disposição do *ka* de Amen-hotep, aliás um novo Osíris.

Como vemos, o formulário habitual dos Textos de Oferendas é ainda reforçado pelo facto de Amen-hotep receber ainda, e numa base quotidiana, uma parte das sagradas provisões que vêm da mesa de Uennefer. Merece tudo isto porque em vida foi amado pelo

¹²⁰ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 189-196.

Quadro I.7 – Textos de Oferendas que fazem parte do espólio textual dos túmulos dos funcionários de Akhenaton

| Túmulo | Textos de oferendas |
|------------------------------------|--|
| Túmulos tebanos | |
| Ramose, TT 55 | A Amon-Ré, Ré-Horakhti, Atum, Khépri, ao seu olho, à sua mão e ao seu corpo e a todos os deuses (Ins. 49-56) A Amon-Ré, Ré-Horakhti, Atum, ao seu olho, à sua mão e ao seu corpo, a Osiris-Khentamentiu, Hathor, Anúbis e a todos os deuses da Duat (Ins. 67-71) Amon-Ré, Ré-Horakhti, Hathor, Anúbis, à barca Meseketet e à barca Menedet (Ins. 74-76) |
| Kheruef, TT 192 | Amon (Ins. 57-58; 234-242; 243-245); Amon-Ré (Ins. 56; 234-242; 243-245); Amon-Horakhti (Ins. 403-407); Amon-Horakhti e Osiris (Ins. 317-351) Anúbis (Ins. 49-50; 271-273); Atum (Ins. 53-55; 252-255) Geb (Ins. 390-392); Hathor (Ins. 282-284; 417-420) Ísis (Ins. 64-65; 396-402); Khepri (Ins. 249-251); Min (Ins. 277-278) Osiris (Ins. 61-63; 212-216 ; 225-233; 256-258; 425-429) Ptah (Ins. 269-270); Tot (Ins. 403-407); Uepuauet (Ins. 274-276) |
| Parennefer, TT 188 | Anúbis (Ins. 31-36) |
| Túmulos amarnianos do Norte | |
| Huya (TA 1); N=146 | Akhenaton (Ins. 119; 120-126) |
| Rudu (TA 1 A); N=3 | 0 |
| Meriré II (TA 2); N=83 | Aton (Ins. 43-50) |
| Ahmés, TA 3 | Ré-Horakhti (Ins. 12-35) |
| Meriré I, TA 4 | Aton (Ins. 52-57; 62-75) |
| Pentu, TA 5 | Aton (Ins. 11-25) |
| Panehesy, TA 6 | Aton (Ins. 90-94; 108-109); <i>ka</i> do Rei, (Ins. 96-98; 99-102; 111-114; 115-118); Rainha (Ins. 103-106) |
| Túmulos amarnianos do Sul | |
| Parennefer, TA 7 | 0 |
| Tutu, TA 8 | 0 |
| Mahu, TA 9 | 0 |
| Apy, TA 10 | Ré-Horakhti (Ins. 11-15) |
| Ramés, TA 11 | 0 |
| Nakhtpaaton, TA 12 | 0 |
| Neferkheperuhersekhper, TA 13 | 0 |
| May, TA 14 | Aton (Ins. 90-94; 107-110); <i>ka</i> do Rei (Ins. 95-98; 99-102; 111-115; 116-119); Rainha (Ins. 103-106; 120-123) |
| Suty, TA 15 | Aton (Ins. 4-24) |
| Sutau, TA 19 | 0 |
| Any, TA 23 | 0 |
| Paatonemheb, TA 24 | 0 |
| Ay, TA 25) | 0 |

1.3.1.1. Petições dos «Textos de Oferendas»

Uma vez que estes textos são, na verdade, orações «reforçadas» por dádivas, também aqui é possível encontrar variadas petições, como seguidamente se apresenta, num minucioso quadro-síntese:

Quadro I.8 – Petições formuladas nos «Textos de Oferendas», acordo com o espólio textual dos túmulos dos funcionários de Akhenaton

| Petições | Túmulos |
|---|--|
| 1. Petições relativas ao Rei e à Rainha | <p>A (Aton?) Que o <i>ka</i> do Rei encontre repouso diante de Aton e saia para ir ao <i>Festival do Sexto dia do Mês</i>, em Akhetaton (Panehesy, TA 6, lns. 9-10)</p> <p>À grande esposa real, sua amada, senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre, para que ela preste louvor ao rei na sua casa (Panehesy, TA 6, lns. 103-104)</p> <p>A Aton. Para que ele dê entrada na <i>Terra da maet</i> ao senhor das Duas Terras (Panehesy, TA 6, lns 91-92)</p> |
| 2. Petições para o funcionário, enquanto vivo 2.1. Aos vários deuses | <p>A Amon. Vida feliz, no favor do Rei, uma boa velhice e um belo funeral (Kheruef, TT 192, lns. 234-238)</p> <p>A Amon-Horakhti, Osíris, Geb, Nut, Ísis e Néftis, Anúbis, Uepuauet. Para que concedam um belo funeral, depois de um boa velhice, na necrópole que está a ocidente de Tebas (Kheruef, TT 192, lns. 317-322)</p> <p>A Amon-Horakhti. Para que lhe conceda um magnífico tempo de vida a contemplar a sua beleza (Kheruef, TT 192, lns. 403)</p> <p>A Ísis. Um bom funeral, depois de uma velhice no favor do deus perfeito (Kheruef, TT 192, ln. 64)</p> <p>A Ísis. Para que ela permita ... ser feito nobre por sua ordem (Kheruef, TT 192, ln. 396)</p> |
| 2.2. A Aton | <p>Concede-lhe um belo funeral, na montanha de Akhetaton (Meriré I, TA 4, ln. 68)</p> <p>Concede-lhe o poder (material) na terra e o poder espiritual na <i>Duat</i>. Que o seu <i>ba</i> entre e se refresque no túmulo (Meriré I, TA 4, ln. 71)</p> <p>Concede-lhe (passagem?) para a terra dos (vivos) [...] sob o favor do deus bom (Meriré I, TA 4, ln. 74)</p> <p>Para que ele permita entrada e saída na casa do rei (com) um discurso próspero que não cesse nunca, até que tenha lugar o estado de venerável, em paz, sob o favor do senhor das Duas Terras (Panehesy, TA 6, lns. 108-109)</p> <p>Para que (lhe) garanta a entrada e a saída na casa do rei, com o corpo cheio de alegria, todos os dias (Ahmés, TA 3, ln. 13)</p> <p>Para que ele (lhe) conceda os favores dos seus filhos e (lhe permita) receber oferendas de alimentos (vindas) das suas oferendas (Ahmés, TA 3, ln. 16)</p> <p>Para que ele conceda vida, prosperidade, saúde e doçura de coração, alegria e júbilo (Ahmés, TA 3, ln. 19)</p> <p>Para que ele conceda um feliz tempo de vida a contemplar a sua beleza e um bom funeral, depois da velhice (Ahmés, TA 3, ln. 31)</p> |

| | |
|-----------------------------|--|
| | <p>Para que lhe conceda o túmulo que é feito (para o seu) repouso (a fim de que) o (seu) <i>ba</i> possa estar sobre o seu corpo, no lugar da continuidade (Meriré I, TA 4, ln. 53)</p> <p>Que ele (me) conceda um belo funeral, depois da velhice. (Que ele me) conceda o repouso na montanha de Akhetaton, o lugar de <i>maet</i> (Suty, TA 15, lns. 4-6)</p> |
| 2.3. A Akhenaton | <p>A Akhenaton? Uma oferenda que o rei faz, Uaenré, o bom soberano que faz os oficiais e enche as Duas Terras com o seu <i>ka</i>, o rei do Alto e do Baixo Egito Neferkheperuré Uaenré (Huya, TA 1, lns. 119)</p> <p>Uma oferenda que o rei faz ao que é grande no seu tempo de vida. Eu presto louvores à tua bela face e propicio o teu <i>ka</i> todos os dias, ó soberano perfeito, Akhenaton, grande no seu tempo de vida (Huya, TA 1, lns. 120-121)</p> <p>A Akhenaton? Uma oferenda que o rei faz, Uaenré, o bom soberano que faz os oficiais e enche as Duas Terras com o seu <i>ka</i>, o rei do Alto e do Baixo Egito Neferkheperuré Uaenré (Huya, TA 1, lns. 119)</p> <p>Uma oferenda que o rei faz ao que é grande no seu tempo de vida. Eu presto louvores à tua bela face e propicio o teu <i>ka</i> todos os dias, ó soberano perfeito, Akhenaton, grande no seu tempo de vida (Huya, TA 1, lns. 120-121)</p> <p>Ao <i>ka</i> do rei que vive em <i>maet</i>, o senhor das Duas Terras, Nferkheperuré-Uaenré, dotado de vida para que permita ver o divino¹²³ Aton vivo, quando ele aparece em glória (Panehesy, TA 6, lns. 111-112)</p> <p>Ao <i>ka</i> do rei que vive em <i>maet</i>, o senhor das coroas, Akhenaton, (grande?) no seu tempo de vida, para que ele permita a recepção do pão que sai da presença, em todos os festivais do vivo Aton, na Casa do Benben (Panehesy, TA 6, lns. 115-117)</p> <p>Ao <i>ka</i> do rei que vive em <i>maet</i>, o senhor das Duas Terras Neferkheperuré Uaenré, dotado de vida para sempre. Que ele me conceda um belo funeral, por decreto do seu <i>ka</i>, nos distritos de Akhenaton (May, TA 14, lns. 95-96)</p> <p>Ao <i>ka</i> do rei que vive em <i>maet</i>, Neferkheperuré Uaenré, o senhor das coroas Akhenaton, grande no seu tempo de vida. Que ele permita entrada e saída na casa do rei, no favor do deus bom até ser atingido o perfeito estado de venerável (May, TA 14, lns. 99-100)</p> <p>Ao <i>ka</i> do rei que vive em <i>maet</i>, o senhor das Duas Terras Neferkheperuré Uaenré, dotado de vida para sempre. Que ele conceda vida, prosperidade, saúde e agudeza de espírito na presença do senhor das Duas Terras e um bom tempo de vida para contemplar a (sua) beleza, todos os dias, sem cessar (May, TA 14, lns. 111-113)</p> <p>Ao <i>ka</i> do rei que vive na <i>maet</i>, o senhor das Duas Terras, Nferkheperuré-Uaenré, dotado de vida para que ele conceda o tempo de vida e velhice com os membros firmes, quando a velhice for ordenada, com os seus sofrimentos (Panehesy, TA 6, lns. 96-97)</p> <p>Ao <i>ka</i> do rei que vive em <i>maet</i>, o senhor das coroas, Akhenaton, (grande?) no seu tempo de vida, para que ele permita a recepção de pães que saem da presença, estando as suas duas mãos puras e beijando a terra no grande átrio (Panehesy, TA 6, lns. 99-101)</p> |
| 2.4. A Aton e ao Rei | <p>Para que ele (lhe) conceda um lugar no interior do palácio para (que possa) ver o rei Uaenré (Ahmés, TA 3, ln. 34)</p> |

¹²³ Para acentuar o facto surpreendente de Aton vir acompanhado com um determinativo «deus».

| | |
|---|--|
| | <p>Para que ele (lhe) conceda alegria e permita contemplar a sua bela face todos os dias (Ahmés, TA 3, ln. 22)</p> <p>Que ele permita [...] caminhar (com) ele em todos os lugares (Ahmés, TA 3, ln. 25)</p> <p>Para que ele (lhe) permita ver Aton, desde que nasce até à altura do seu repouso, como Aton (Ahmés, TA 3, ln. 28)</p> |
| 2.5. A Nefertiti | <p>A grande esposa real, sua amada, senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre. Para que ela dê uma entrada favorecida, uma saída amorosa e uma boa recordação na presença do soberano, sendo o teu nome agradável na boca dos cortesão (Panehesy, TA 6, lns. 119-121)</p> <p>A grande esposa real, sua amada, senhora do Alto e do Baixo Egito Neferneferuaton Nefertiti, viva eterna-mente e para sempre. Para que ela conceda uma entrada em favor e uma saída em amor e alegria (lit. «doçura de coração») em Akhetaton (May, TA 14, ln. 120-121)</p> |
| 3. Petições para o estado de morto | |
| 3.1. A? | <p>Para que lhe permita contemplar o Disco Solar...navegar até às estrelas e adorar Ré na sua (barca da noite) (Kheruef, TT 192, lns. 393-394)</p> |
| 3.2. A Amon | <p>Para poder contemplar a sua beleza quando nasce, na altura dos seus festivais (Kheruef, TT 192, lns. 57, 243-244)</p> <p>Para que ele conceda tudo o que vem da mesa das oferendas no decorrer de cada dia (Kheruef, TT 192, lns. 243-244)</p> <p>Para que ele conceda tudo o que vem da (sua) mesa das oferendas (no decorrer de cada dia), todas as coisas que vêm dos festivais do céu e da terra [...] que se realizam em Karnak (Ramose, TT 55, lns. 105-108)</p> <p>A Amon-Horakhti. Para que lhe permita seguir Ptah-Uennefer no seu festival de Peker, na barca Nechemet, (contado na sua tripulação), A Amon-Horakhti. Para que lhe conceda um magnífico tempo de vida a contemplar a sua beleza (Kheruef, TT 192, lns. 404-405)</p> <p>A Amon-Ré. Para que ele permita a saída para fora da terra para contemplar (o Disco Solar) (Kheruef, TT 192, ln. 56)</p> |
| 3.3. A Anúbis | <p>A Anúbis, que está à frente da tenda divina, para que ele coloque os seus braços atrás do «Senhor da vida e torne feliz o seu corpo no sarcófago (Kheruef, TT 192, lns. 49-50)</p> <p>Para que ele conceda (uma boa?) travessia (na barca da manhã?) para ver (Ré?) nas suas gloriosas aparições (Kheruef, TT 192, lns. 271-272)</p> <p>Para que o cadáver permaneça firme na necrópole, enquanto o ba repousa no seu túmulo, todos os dias (Parnnefer, TT 188, lns. 31-32)</p> |
| 3.4. A Atum | <p>Para que ele permita que o trabalho seja útil para aquele que o efectua, estando o <i>ba</i> no céu e o cadáver na <i>Duat</i>, e sair na terra para ver Aton, tal como fazia quando estava sobre a terra (Kheruef, TT 192, lns. 252-254)</p> <p>Entrada na Ilha dos Justos (Kheruef, TT 192, ln. 53)</p> |
| 3.5. A Osíris | <p>Para que ele permita ficar satisfeito com o que vem da pedra das oferendas do senhor da «terra sagrada» e partilhar das coisas fornecidas aos poderosos, tal como é feito aos justos que estão sobre a terra (Kheruef, TT 192, lns. 256-257)</p> <p>Para que ele permita que o cadáver floresça na necrópole, enquanto o <i>ba</i> vai em direcção ao céu para contemplar o Disco Solar</p> |

| | |
|-----------------------------|---|
| | <p>(Kheruef, TT 192, lns. 226)</p> <p>Pede (que lhe seja concedido um) lugar na barca da manhã (Kheruef, TT 192, lns. 227-228)</p> <p>Para que ele permita a Kheruef sair e regressar a(o) (seu túmulo?) (Kheruef, TT 192, ln. 425)</p> <p>Para que ele conceda a Kheruef uma saída como um <i>ba</i> vivo, à voz do que faz uma oferenda (Kheruef, TT 192, ln. 61)</p> <p>A Ptah-Sokar-Osiris. Saída na terra, integrado na comitiva de sua majestade, neste dia de fazer o circuito das paredes (Kheruef, TT 192, ln. 218)</p> |
| 3.6. A Ré-Horakhti | <p>Para que ele permita a entrada na montanha dos justos, a navegação em face das estrelas com os que existem e sair em direcção ao céu, A Amon. Para poder contemplar a sua beleza quando nasce, na altura dos seus festivais (Kheruef, TT 192, lns. 246-247)</p> <p>Para que ele permita contemplar o Disco Solar e olhar para a sua beleza (Kheruef, TT 192, ln. 58)</p> <p>Para que ele permita conceda o odor do incenso, receber o bálsamo e beber a água do rio sem que o seu <i>ba</i> seja impedido de ir onde desejar (Apy, TA 10, lns. 11-14)</p> |
| 3.7. A Tot | <p>Para que ele permita a transformação em <i>akh</i>, quando for apanhado pela morte, com o <i>ba</i> no céu e o cadáver na <i>Duat</i>, sem perecer com a eternidade (Kheruef, TT 192, lns. 279-280)</p> <p>Justificação no Além (Kheruef, TT 192, lns. 49-50)</p> |
| 3.8. A Uepuauet | <p>Para que ele conceda (?) no «Campo dos Juncos» e uma atribuição de terras no «Campo das Oferendas» (Kheruef, TT 192, lns. 274-275)</p> |
| 3.9. A vários deuses | <p>A Geb. Para que possa entrar na sua casa sob o favor do deus perfeito e ser invocado como um bem-aventurado no decurso do dia e ser satisfeito com o que foi colocado sobre a laje de oferendas (Kheruef, TT 192, lns. 390-391)</p> <p>A Hathor. Para que ela permita ir e vir... Penetrar na sua casa da necrópole e associar-se aos senhores de Kheraha (Kheruef, TT 192, lns. 282-283)</p> <p>A Hórus. Para que ele permita que Kheruef faça parte da tripulação da barca de Uennefer (Kheruef, TT 192, lns. 420-421)</p> <p>A Khepri. Para que ele conceda as transformações, bem provido sobre a terra, em todas as formas que ele deseje e receber a corda de amarração da barca divina, ao lado do deus grande (Kheruef, TT 192, lns. 249-250)</p> <p>A Min. Para que ele permita o consumo das oferendas, depois de celebrar os ritos (que fazem parte) do ritual das oferendas diárias (Kheruef, TT 192, ln. 277)</p> |
| 3.10. A Aton | <p>Conceda ele a doce brisa do vento norte, vasilhas de leite que vêm da mesa de oferendas e toda a espécie de vegetais, pão, vasos de cerveja (e outros) alimentos, em todos os teus lugares, e todas as coisas boas e doces (Meriré II, TA 2, lns. 47-49)</p> <p>Conceda-lhe a entrada e saída do interior do túmulo, para ver os raios de Aton, quando ele nasce (Meriré I, TA 4, ln. 56)</p> <p>Conceda-lhe a recepção das oferendas de alimento que vêm da presença de Aton (Meriré I, TA 4, ln. 63)</p> <p>Que ele me permita contemplar a sua beleza ao longo de cada dia (May, TA14, ln. 104)</p> <p>Para que ele conceda uma porta de água (uma nascente) e verta o perfume da brisa e a recepção de favores dela, diante do senhor das Duas Terras (May, TA14, lns. 107-108)</p> <p>Ao Aton vivo, que ilumina a terra inteira com a sua aparição. Que</p> |

| | |
|--------------------------|--|
| | <p>ele permita que o <i>ka</i> do deus bom repouse na (sua) presença, todos os dias e saia, (para ir) ao festival do sexto dia do mês em (Akhetaton?) recebendo as dádivas do seu <i>ka</i> (Suty, TA 15, lns.8-10)</p> <p>Ao Aton vivo, senhor ... os (seus?) raios e sair da <i>Duat</i> ao romper d'alva para ver Aton quando ele aparece, todos os dias sem cessar (Suty, TA 15, lns.12-14)</p> <p>Ao Aton vivo, [...] concede-me as oferendas de pão e cerveja que vêm da presença (de Aton) (Suty, TA 15, lns.16-17)</p> <p>Ao Aton vivo ... Luz, senhor do <i>ka</i>, poderosa inundação. A terra vive do <i>ka</i> das suas dádivas. Que ele conceda a doce brisa do norte (Suty, TA 15, lns.20-21)</p> <p>Para que ele receba oferendas de alimentos (Pentu, TA 5, lns. 11-12)</p> <p>Para que [...] sem cessar e que o meu nome permaneça sobre a terra (Pentu, TA 5, lns. 11-12)</p> <p>Uma oferenda que o rei faz ao vivo Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte no seu nome de “A luz que está no disco solar” para que ele dê “invocações oferendas”, consistindo em bois e aves, vinho e leite, oferecidas ...pelo <i>ka</i> do escriba do rei, Pentu, justificado (Pentu, TA 5, lns. 21-3)</p> <p>Para que ele conceda uma saída à voz (Pentu, TA 5, lns. 21-23)</p> |
| 3.11. A Akhenaton | <p>Ao <i>ka</i> do rei que vive em <i>maet</i>, o senhor das coroas, Akhenaton, grande no seu tempo de vida. Concede-lhe lembrança na casa do rei e permanência na boca da sua comitiva (May, TA 14, lns. 116-117)</p> |
| 3.12. A Nefertiti | <p>À grande esposa real, sua amada, senhora do Alto e do Baixo Egito Neferneferuaton Nefertiti, viva eternamente e para sempre. Que ela conceda o seu favor estável e firme, e membros unidos com alegria como dádiva sua (May, TA 14, ln. 103-105)</p> <p>Ao Aton vivo (e à Rainha) [...] com as duas altas plumas, brilhante em aparições. Um que ama o senhor das Duas Terras, possas tu (fem.) permitir a contemplação de Aton, (e ver) os (seus) raios... conceder-lhe (Suty, TA 15, lns. 23-26)</p> |

A primeira reflexão que esta lista nos merece é que nem todas as oferendas são de natureza funerária. Efectivamente, o primeiro subgrupo refere-se a três estranhas petições que se encontram no túmulo de Panehesy (TA 6) e que, de acordo com a visão clássica da figura real e a sua exacerbada versão amarniana, são absolutamente redundantes e até ofensivas: como poderá alguém pedir a um deus que o rei dê entrada no Além, a terra de Maet? Filho de Ré e de Aton, ele tem por definição a eternidade assegurada. Que ousadia fazer uma oferenda para que Nefertiti «preste louvor ao rei na sua casa». Não está o amor da rainha abundantemente representado em Akhetaton e em Tebas? A dúvida que parece lançar Panehesy não teria, portanto, quaisquer fundamentos e ou não foi percebida ou não lhe trouxe, ao que se sabe, consequências desagradáveis.

Os túmulos amarnianos mostram ainda oferendas em que se invoca, não os deuses mas o *ka* do rei que, assim, se torna divino em vida e não osirificado na morte. As petições não diferem das que foram encontradas nas outras orações, mas uma vez mais ressalta a redundância de Panehesy (TA 6, lns. 111-112) que, *em vida*, pede para «ver Aton quando ele nasce¹²⁴». Nefertiti não é esquecida e o nosso inefável funcionário aproveita para solicitar o seu empenho para se manter no favor de Akhenaton (lms. 119-121). Nisto é imitado pelo sempre lisonjeiro May (TA 14, lms.120-121). No que diz respeito às petições para o estado de morto, elas serão analisadas no Capítulo V, referente à morte dos funcionários.

1.4. Textos funerários

Discriminam-se em seguida vários tipos de textos, constantes no nosso *corpus*, que, sendo parte integrante da vida pós-temporal do funcionário, serão igualmente consignados ao Capítulo V. De momento, limitar-nos-emos à sua definição, exemplificação e distribuição, ao longo dos vários túmulos.

1.4.1. Descrição do Funeral

Sob este nome consideraram-se os relatos das cerimónias e do cortejo funerário do possuidor do túmulo. O exemplo mais prolífico desta categoria encontra-se no túmulo do vizir Ramose, TT 55, que, como dissemos, será estudado no Capítulo V do presente trabalho.

1.4.2. Oração aos deuses da Duat

Tal como o seu nome indica, é uma oração pronunciada à chegada do morto diante do tribunal de Osíris ou diante de Aton, tal como transparece na sua fórmula introdutória, *ii n m ih(hy)*, «eu vim em júbilo». Fora da época amarniana, era normalmente seguido pela «Confissão negativa». Seguem-se exemplos deste tipo de textos, respigados no acervo dos túmulos estudados:

¹²⁴ O pedido faria todo o sentido se se referisse ao estado de morto, onde o *ba* abandona o túmulo para contemplar Aton, tal como o falecido costumava fazer quando estava sobre a terra. Assim é dito em outros túmulos: Kheruef (TT 192, lms. 56, 254) Meriré I (TA 4, lm. 56) May (TA 14, lm. 104) (Suty, TA 15, lms.12-14). Curiosamente, na petição de Panehesy, o nome de Aton vem, contra tudo o que é costume, acompanhado pelo determinativo «deus».

Primeira oração aos deuses da *Duat* (Kheruef, TT 192, lns. 163-186)

Ti n m ih(hy) r ddm d3t s3 3st iw3 Wsir...(pt t3) r nh̄h̄ (sp sn) hrt hr.f
Ti n m ih(hy) r h̄3t iswt wnn imyw m šmsw Hr ... (G)b ip.n.f t3 r hrt.f
Ti n m ih(hy) n Wnn-nfr (m-s3) st3 Skry hrw ib.f s3.f Hr h̄ft(y) (wbn).f hr.n.f (m h̄3t.f) R̄ ds.f
dd.f irtw
Ti n m ih(hy) n Wsir m3.n.i dw kd hr hnm Hr h̄dt dšrt (nsyt) Gb m3̄ ti n nb.f
Ti n m ih(hy) n nb imnt sndm ib imyw.f dw pt t3 n Hr wn.i hr nhm hrw h̄̄w.f
Ti n m ih(hy) n h̄k3 d3t ink w̄ tpy n ̄̄w iw nhm.n.i h̄ft iswt h̄db n rh̄(n.f) Hr h̄3k(-ib).nw.f
Ti n m ih(hy) n h̄tp nsw n̄rw n Hr tnt3t mn bit(y) ̄̄ ink m h̄̄i... m3̄ ti nb w̄ n̄rw ibw.sn
ndm(w)
Ti n m ih(hy) n ̄̄3w rnw šsp n nsw h̄3t dpt n̄r šms.n.i ...r Pkr (m) hrw pn n m3̄ wh̄(w) m3̄-
hhrw
Ti n m ih(hy) n n̄rw-5 m3.n.i šwty m tp Mnw nis.i h̄knw tp h̄tyw it̄i idbwty
Ti n m ih(hy) n n̄r niwt(.i) Wsir h̄k3 dt nb nty wn.n.f iwty di.k pr wh̄mw-nsw tpy hrw.f m
m3̄-hrw r m33 Ttn wbn.f m h̄sf nn šn̄.f hr sb3w 4 nb nw d3t

Eu vim em júbilo para dizer na Duat: O filho de Ísis e herdeiro de Osíris... (o céu e a terra) estão para sempre (dizer duas vezes) a cargo dele

Eu vim em júbilo, à frente da (divina) tripulação que pertence à comitiva de Hórus... (Geb) atribuiu-lhe a terra como sua propriedade. Eu vim em júbilo até Uenennefer, (depois de) Sokar ter sido transportado no dia da sua festa. Quanto a Hórus, seu filho, o inimigo do seu nascimento (tombou) diante dele. Disse o próprio Ré e assim foi feito.

Eu vim em júbilo até Osíris, porque vi tombar «o de mau carácter» e Hórus unir a Coroa Branca (do Alto Egípto) e a Coroa Vermelha (do Baixo Egípto) e a (soberania) de Geb foi oferecida ao seu senhor.

Eu vim em júbilo até ao Senhor do Ocidente para dar prazer aos que estão com ele. O céu e a terra foram dados a Hórus e eu estive a rejubilar até ao dia do seu aparecimento em glória.

Eu vim em júbilo até ao senhor da Duat. Estava só, na posição de comandante da barca e lancei um grito de guerra na presença da tripulação (divina), quando Hórus tomou o seu lugar e massacrou os que se rebelavam contra ele.

Eu vim em júbilo até ao rei dos deuses, para fazer uma oferenda a Hórus (que estava) sobre o estrado, valoroso rei do Baixo Egípto. (Eu estava) inclinado (em júbilo) ... quando (a soberania?) foi oferecida ao senhor único. Quanto aos deuses, os seus corações estavam felizes.

Eu vim em júbilo até àquele que tem muitos nomes para receber o deus à frente da barca divina e acompanhar ... à entrada de Peker, no mesmo dia de receber a faixa de ser justificado.

Eu vim em júbilo até ao deus da minha cidade, Osíris, senhor da eternidade, senhor do que existe nele e do que não existe. Permite que o primeiro arauto do rei, Kheruef justificado, saia para ver o disco solar erguer-se sem (sofrer) oposição nem ser repellido em nenhum dos quatro portões da *Duat*.

O texto relata o que pode ser uma batalha naval, encenando a luta entre Set e Hórus e respectivos partidários. Trata-se de uma festa (Festa de Khoiak) na qual o mordomo participou, em vida, e em que pretende voltar a estar presente, depois de morto. Coube-lhe o papel de comandante da barca divina e assistiu à vitória de Hórus. Saudou-o militarmente com o grito de guerra inclinou-se diante dele como um rei e fez-lhe uma oferenda como um

deus. Integrrou depois a sua comitiva. Agora, Kheruef vai repetir as suas proezas e receberá, como outrora pode ter acontecido, uma recompensa adequada ao seu estado presente: a «faixa da justificação». Integra, por direito próprio, a escolta dos deuses vencedores, tornou-se um deles. Na verdade, existe aqui alguma ambiguidade. Não está garantido que Kheruef possa deixar quotidianamente o túmulo para ver o nascer do Sol, na medida em lhe pode ser negada a passagem em algum portão da Duat. Parece que afinal não se tornou assim tão divino e tem de contar com o auxílio de Osíris.

Confissão negativa e oração diante dos deuses da *Duat* (Kheruef, TT 192, lns. 200-209)

ntrw hsbw di.tn hr n m3t šsp.tn.i nn ir dwt nn irt šnwt wrwt n nsw n ink b3k mri nb.f i hmt.f rdiw.i
dd-mdw n whmw-nsw tpy imi-r pr hrw.f m3t-hrw i sb3 tp im n d3t mri.f k bwt.f prt wn.n.i in.i hr m3t
dd-mdw n hrp-šh sš-nsw imy-r pr hrw.f m3t-hrw i ntrw nbw n d3t d3d3t imywt t3-dsr sʿr.tn hrw.i n nb (n)hh ...

Ó cômputo dos deuses dai atenção a um que praticou a *maet* e recebei-me. Eu não pratiquei o mal nem fiz grandes magias contra o rei. Sou um servo amado pelo seu senhor e por sua majestade fui enviado.

Palavras ditas pelo primeiro arauto do rei, o mordomo Kheruef, justificado:

Ó primeiro portão da *Duat*, ele deseja entrar. A sua abominação é a retirada, abre para mim. Eu vim sob o signo da *maet*...

Palavras ditas pelo administrador do palácio, o escriba real, o mordomo Kheruef, justificado:

Ó vós todos os deuses da Duat, (divinos) magistrados que estais na Terra Sagrada apresentai o meu clamor ao senhor da eternidade...

Primeira oração aos deuses da *Duat* (Ramose, TT 55, lns. 33-36)

dd-mdw in r-pʿt h3ty-ʿ hry sšt3 pr-nsw imy-r niwy t3t(y) Rʿms m3t-hrw ii.n.i m htp r is.i hr hswt n ntr-nfr iri.n.i hst nsw rk.i nn hdi tp-rd wdt.n.f iri.n.i hst nsw rk.i nn hdi tp-rd wdt.n.f nn iri.i isft r rmt n mrwt htpy hrt smt.i hr wnmy wr r W3st

Palavras ditas pelo senhor e nobre, o que está nos segredos do palácio, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado:

– Eu vim em paz para o meu túmulo (mantendo) o favor do deus bom. Fiz o que era agradável ao rei do meu tempo e não desobedeci às leis decretadas por ele, não pratiquei mal contra o povo, a fim de que (pudesse vir a estar) em paz (sob) o céu. na minha necrópole que está sobre a mão direita de Tebas¹²⁵.

¹²⁵ Isto só é válido, atendendo a que os antigos egípcios se orientavam virados para a nascente do Nilo isto é, para Sul.

Segunda oração aos deuses da *Duat* (Ramose, TT 55, Ins. 37-48)

dd-mdw in r-p^t h3ty-^c r shr m t3 rdr.f sm hrp šndyt nbt sd3w-bity imy-r niwt t3t(y) R^cms m3^c-hrw
i.i ntrw nbw d(w)3t d3d3t imyt t3 dsr sr^c-w3t tnwy n nb (n)h^h dw3.i sw km3.i šššfywt(.i) wsh n.i st sn t3 m-m wrw imyw šmsw.k šsp.i 3wt hft hmwt.sn m snw n Wnn-nfr irt nw n.i m ib mry r wd3w iri.n.i tp t3 iw drp.n.i n ntrw dwi.n.i psdt tm w^cb nbwy twri nbwy hr ht m-b3h K3mwt.f iw snm.n.i n nsw bit3w mrr n Imn m pr.f hmyt-nsu msu-nsu smrw hsi n k3.f nn m h(y).i hr dm.i rn.sn mt hrt-hrw nt r^c-nb

Palavras ditas pelo senhor e nobre, uma boca que dá satisfação à terra inteira, o sacerdote *sem*, o que está à frente de todos os funcionários, o chanceler do Baixo Egito, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado:

– Ó (vós) todos os deuses da *Duat* (e vós) concílio divino que estais na terra sagrada, encaminhai-me até ao Senhor da Eternidade para que possa adorá-lo e apresentar (-lhe) os (meus) respeitos. Possa eu ter um lugar espaçoso para beijar a terra entre os grandes que são teus (seus) seguidores. Possa eu receber as oferendas diante de Suas Majestades, como oferendas de alimento de Uennefer. Fazei isto para mim com o coração (pleno) de boa-vontade, tal como eu o fiz (para vós, quando estava) sobre a terra. Eu ofereci aos deuses, chamei até mim toda a Enéade (para uma oferenda) – quão limpa e quão pura! –, trazendo dádivas à presença de Kamutef.

Eu alimentei os reis do Alto e do Baixo Egito, amados por Amon, no seu templo, as esposas e os filhos reais e os companheiros, tal como aprazia ao seu *ka*. Não fui negligente (em) pronunciar o nome deles ao longo do dia e em todos os dias.

Terceira oração aos deuses da *Duat* (Ramose, TT 55, Ins. 295-300)

rdit i3w Wsir hry-tp n t3 r dr.f imy-r niwt t3t(y) R^cms m3^c-hrw dd.f ii.n.i m http m km n ^ch^c(w) m hswt nt ntr-nfr iw iri.n.i mrrt rmt hrtr ntrw r n.s iw iri.n.i hss ntr niwt.i nn w3d.i hdtw n.f nn iri.n.i isftw.fr rmt iw iri.n.i m3^ct hr t^c Tw.i rh.kwi hss.k m3^c ib tm irt spw nt d3(yt)

Fazendo uma adoração a Osíris, pelo que está à frente da terra na sua totalidade, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado, ele diz: – Eu vim em paz¹²⁶, tendo completado o (meu) tempo de vida nos favores do deus bom e fiz o que era desejado pela Humanidade, aquilo com que os deuses se alegravam. Fiz aquilo que agradava ao deus da minha cidade e não aquilo que depreciava os seus mandamentos. Não fiz coisas (consideradas) más por ele ou pela Humanidade mas pratiquei a *maet* na terra porque sei que tu recompensas a justeza do coração de quem não fez uma acção má.

Cada uma destas quatro orações remete para o ambiente judicial. Na primeira, Kheruef está diante do primeiro portão da *Duat*, onde não existe referência a um qualquer guardião, e parece falar de modo a ser ouvido pela assembleia divina que aí está reunida para o julgar. O episódio seguinte está descrito, subdividido em três partes, no túmulo de Ramose que, dirigindo-se à ilustre assembleia, apresenta a sua candidatura à Eternidade, de

¹²⁶ Note-se a grafia do verbo *ii*.

forma concisa e elegante (é um vizir!). Esta baseia-se no cumprimento dos seus deveres, tal como se mostra no Quadro I.6.

Os túmulos amarnianos não se desviam deste procedimento, apenas as orações são agora dirigidas ao único juiz, ao único habitante divino da *Duat*, o deus Aton:

Primeira oração a Aton, na *Duat* (Tutu, TA 3, lns. 14-18)

iȝy.n.i m i3w n stwt.k p3 Itn ʕnh wʕw ntk (n)hḥ 3t pt ḥwt-ntr.k ḥʕi.k im.s rʕ-nb r msi s3.k pri ḥ3w.k nsw-bit(y) Nfr-ḥprw-Rʕ Wʕ-n-Rʕ... p3 Itn ʕnh n k3 n imy-ḥnt Twtw m3ʕ-ḥrw

Vim para adorar os teus raios, ó Aton vivo e único. Tu és a continuidade do momento e o céu é o teu templo. Quando te ergues lá, todos os dias para engendrar o teu filho que saiu do teu corpo, o rei do Alto e do Baixo Egipto, Neferkheperuré -Uaenré ... o Aton vivo. Pelo *ka* do camareiro Tutu, justificado.

Segunda oração a Aton, na *Duat* (Tutu, TA 8, lns. 19-22)

iȝy.n.i n.k iw r ḥr M3ʕt p3 Itn ʕnh.k iw sšms.i s3.k ir.n.i m bitw.f Wʕ-n-Rʕ ḥk3 M3ʕt s3 nhḥ p3 Itn ʕnh nsw-bit(y) Nfr-ḥprw-Rʕ Wʕ-n-Rʕ di.f ... m k3.k m-b3ḥ.i dt (n)hḥ n k3 n imy-ḥnt Twtw m3ʕ-ḥrw

Vim até ti com a boca (plena) de *Maet*¹²⁷, pela qual tu vives, ó Aton. Eu segui o teu filho, agi de acordo com o seu carácter. Uaenré é o governante de Maet, o filho da continuidade, o Aton vivo, o rei do Alto e do Baixo Egipto, Neferkheperuré Uaenré, que ele dê ... com o teu *ka*, diante de mim, eternamente e para sempre. Pelo *ka* do camareiro Tutu, justificado.

Terceira oração a Aton, na *Duat* (Tutu, TA 8, lns. 23-26)

iȝy.n.k iw ʕwy ḥr dw3.k iw irty .i ḥr ptry.k bn 3bw ntk t3w...w ...ʕnh ... di.f kʕst nfrt m dw n 3ḥt.Itn st(- M3ʕt) n k3 n imy-ḥnt Twtw m3ʕ-ḥrw

Vim até ti com as (minhas) mãos (erguidas) para te adorar e os meus olhos estão a contemplar-te, sem cessar. Tu és a brisa ... vida ...Que ele garanta um belo funeral, na montanha de Akhetaton, o lugar (de Maet). Pelo *ka* do camareiro Tutu, justificado.

Quarta oração a Aton, na *Duat* (Tutu, TA 8, lns. 28-31)

iȝy.n.k p3 Itn p3 km3 m sw msi.k s3.k ... tw ... n.f mi ḥsyw n k3 n imy-ḥnt Twtw m3ʕ-ḥrw

Vim até ti, ó Aton, o que se criou a si mesmo. Tu engendras o teu filho ... dele, como os favoritos. Pelo *ka* do camareiro Tutu, justificado.

Em nenhuma destas orações transparece o conteúdo judicativo que se exprime nas de Kheruef e Ramose que analisamos anteriormente. Isto não quer dizer, porém, que ele não exista na esfera atonista, como mostra o exemplo seguinte:

¹²⁷ Isto é, com um discurso digno, justo e equilibrado.

Primeira confissão negativa (Tutu, TA 8, lns 54-56)

iȳ n.ȳ n.k p3 ȳtn ȳnh iw M3ȳt ir st.s im.ȳ bw ȳwn.ȳ bw ir.ȳ grgw bw ir.ȳ msdd(y)t.k s3.k ...

Vim até ti, ó Aton porque Maet fez o seu lugar em mim; eu não sou ávido nem pratiquei a mentira, não fiz o que é odioso ao teu filho ...

Segunda confissão negativa (Tutu, TA 8, lns 136-148)


bw ir.ȳ msddyt hm.f bwt grg m ht.ȳ bwt ȳ3t n Wȳ-n-Rȳ sȳr.n.ȳ m3ȳtw n hm.f iw rh.s kwi ȳnh.f im.s ntk Rȳ msi M3ȳt iw di.n.k ... r ptn bw (k)3w ... hrw.ȳ m pr n nsw bw wsh.ȳ m ȳh bw šsp.ȳ fk(3) grg dr m3ȳty n d3w wpw- hr irt M3ȳt n nsw ir.ȳ m wdwt.f m hr.ȳ wsr.n.ȳ m k3 n Wȳ-n-Rȳ ss(3i.) n.ȳ m fk(3)w rdi.f n.ȳ ... iw ... s ... f b(w?) ... p3y nb m-ȳ dw m rh.ȳ bw di.ȳ grg m ht.ȳ iw.ȳ ... m-b3h.f m ȳh m ... hsyw iw wnw w(bn).f r sb3.ȳ rȳ-nb n ȳ3w n ir.ȳ sb3yt.f bw gmwt spi.ȳ m dwt nb(t) ...

Eu não fiz o que é odioso a Sua Majestade, a minha abominação é a mentira, (sei) no meu íntimo (que é) a grande abominação de Uaenré. eu apresentei coisas maéticas¹²⁸ a sua majestade, porque sei que ele vive nessas coisas. Na verdade, tu és Ré, nascido de Maet, tu concedeste ... para estes, não foi elevada ... (não levantei) a minha voz na casa do rei, não me armei em poderoso, no palácio. Não recebo a recompensa da falsidade por destruir aquilo que é verdadeiro mas, pelo contrário, (sempre) procedi para com o rei de acordo com Maet. Procedi de acordo com as suas ordens, diante de mim, e tornei-me poderoso através do *ka* de Uaenré e satisfiz-me¹²⁹ com as recompensas que ele me concedeu. ... ele¹³⁰ e não (ofendo?) o meu senhor com maldade e com o meu conhecimento¹³¹, nem ponho a mentira no meu íntimo, quando estou diante dele, no palácio em (companhia dos) favoritos, no momento em que ele (o rei) se ergue para me ensinar, todos os dias. Zeloso, executo o seu ensinamento. Não foi encontrada a minha ocasião em qualquer mal¹³² ...

Tutu apresenta-se a Aton, na *Duat*. Aparentemente, já foi julgado pelo rei e não lhe foi imputado qualquer crime (Tutu, TA 8, ln. 148). A existência de um tribunal divino não está explicitada e Aton, o único juiz, não profere qualquer discurso.

Com base no *corpus* textual por nós reunido, apresentamos no Quadro I.9 os comportamentos maéticos invocados por Ramose e Tutu, os quais suportam a reivindicação de vida eterna por parte de cada um deles.

¹²⁸ No sentido de «coisas correctas, justas, equilibradas» ou de um trabalho impecavelmente executado.

¹²⁹ Normalmente grafado como  ss3i.

¹³⁰ O rei.

¹³¹ Isto é, Tutu não provocou de forma consciente qualquer dano ao seu rei.

¹³² Isto é, «em nenhuma ocasião eu fui encontrada a (praticar) o mal»:

Quadro I.9 – Referentes das acções maéticas de Ramose (TT 55) e de Tutu (TA 8).

| Referentes das acções maéticas de Ramose | Linhas de texto |
|--|-----------------|
| Relativamente ao rei | |
| Manteve o seu favor | Ln. 35, 296 |
| Obedeceu às suas leis | Ln.35 |
| Relativamente aos deuses | |
| Cuidou das suas oferendas | Lns. 34-45 |
| Fez aquilo com os deuses se alegravam | |
| Fez o que agradava ao deus da sua cidade e obedeceu aos seus mandamentos | Ln. 298 |
| Relativamente aos <i>imakhu</i> | |
| Fez oferendas aos antepassados reais e suas famílias. Pronunciou os seus nomes (para garantir a sua sobrevivência na Eternidade) | Lns. 46-48 |
| Relativamente ao povo | |
| Não praticou mal contra o povo | Ln. 36 |
| Fez o que era desejado pela humanidade | Ln. 297 |
| Referentes das acções maéticas de Tutu | |
| Relativamente ao rei | |
| Não fez o que é odioso a Sua Majestade | Ln. 136 |
| Não mentiu ao rei | Ln.136 |
| Apresentou coisas maéticas a Sua Majestade | Ln. 137 |
| Não ofendeu o rei com a maldade | Ln. 144 |
| Não levantou a voz na Casa do rei | Ln. 140 |
| Não recebeu recompensas por faltar à verdade | Ln. 141 |
| Satisfêz-se com as recompensas que obteve | Ln. 143 |
| Executa os ensinamentos do rei | Ln. 147 |
| Relativamente aos seus colegas funcionários | |
| Não se armou em poderoso no Palácio | Ln. 140 |

Os discursos do vizir Ramose poderiam vir do próprio rei, uma vez que a maeticidade régia se apoia no ideal de justiça e procedimento correcto, relativamente aos deuses, aos homens e aos mortos justificados, que agora são espíritos benditos. Assim está dito num bem conhecido texto:

Ré colocou o Rei na terra, eternamente e para sempre
 Para julgar a humanidade e satisfazer os deuses
 Realizar a *maet* e destruir a *isefet*
 Ele (o Rei) faz oferendas aos deuses
 E faz oferendas mortuárias aos *imakhu*¹³³

Ramose é um vizir, o representante do rei, e a sua maeticidade inclui, portanto, uma cláusula adicional que refere a sua obediência às leis do soberano. Substituiu-o nos rituais de

¹³³ ASSMANN, Jan, *The search for God in Ancient Egypt*, p. 3.

oferenda aos antepassados falecidos. O seu comportamento esteve de acordo com a vontade dos deuses, especialmente do *seu* deus, o deus da *sua* cidade. O povo é o quarto pilar da maeticidade de Ramose, esse povo ao qual o bom rei deve fazer justiça e que, no âmbito das suas competências, Ramose julgou no tribunal.

No que concerne a Tutu, a primeira e mais importante diferença relativamente ao vizir consiste no facto de, agora, o deus já não ser um referente, pelo menos um referente independente. Tutu não diz que fez oferendas a Aton e obedeceu aos seus mandamentos. Limitou-se a aderir à nova doutrina régia e aos procedimentos cultuais que ela impunha. Agora, que está diante do seu deus, limita-se a dizer-lhe que cumpriu a vontade do soberano. Parece ser este, e não Aton, quem o justifica e lhe garante a vida eterna. Quanto ao relacionamento com terceiros, apenas são referidos os colegas e superiores com quem se cruza no Palácio. Nenhuma obrigação para com o resto do povo. É, moralmente, muito pobre.

1.4.3. Proclamação da bem-aventurança

É o texto da proclamação do tribunal dos deuses, mediante o qual o morto é declarado justo, isento de culpa, e recebe o título de *imakhu*, «bem-aventurado», como se vê nos exemplos seguintes, retirados dos túmulos de Kheruef e de Amés:

Primeira proclamação da bem-aventurança (Kheruef, TT 192, lns. 210-211):

dī.n R^c 3h m pt n n whmw-nsu tpy imi-r pr hrw.f m3^ct-hrw

dī.n Gb wsr m t3 n hrp-^ch sš-nsu imy-r pr hrw.f m3^ct-hrw

Ré concedeu o estatuto de bem-aventurado ao primeiro arauto do rei, o mordomo Kheruef, justificado.

Geb concedeu o poder na terra ao administrador do palácio, o escriba real, o mordomo Kheruef, justificado.

Segunda proclamação da bem-aventurança (Kheruef, TT 192, lns. 352-389):

Trata-se de um conjunto de declarações efectuadas por vários deuses, a saber: Amon-Ré, Osíris, nas suas várias residências, Osíris Uenennefer, Osíris-Sokar e Osíris-Ptah. Cada uma inicia-se pela expressão *im3hy hr*, «o (que foi declarado) bem-aventurado por...»

Proclamação da bem-aventurança (Ahmés, TA 3, lns. 7, 11):

T^chms m3^c-hrw nb im3hy

Ahmés, justificado, possuidor do estatuto de venerável.

Na sequência do procedimento judicial, assistimos agora à leitura da sentença. Kheruef é proclamado justo por Amon-Ré e por Osíris em várias das suas *kheperu*. A bem-aventurança de Ahmés é meramente autoafirmada. Aton não o justificou, não foi julgado, tampouco o rei lhe concedeu o estatuto de venerável. Tal confusão é bem a prova do não desenvolvimento atempado de uma teologia alternativa.

1.4.4. Apelo aos vivos

O tradicionalmente apelidado «Apelo aos vivos» é um texto compósito que engloba elementos biográficos e segue a forma de uma oração dirigida aos vindouros que passavam pelo túmulo, solicitando uma libação ou outra pequena dádiva, a simples pronúnciação do seu nome ou a enumeração dos bens alimentares que estão no túmulo e assim vão ganhar vida:



I ḥnw tpw tꜥ ḥm(w)-ntr wꜥbw nw r pr pn dd.tn ḥ3 t ḥnkt k3 3pd n im3ḥ(w) m-r ḥnwty mnw-nfr mꜥ-ḥrw

Ó vivos que estais sobre a terra, sacerdotes *ḥm* e sacerdotisas *ḥm* e sacerdotes puros deste templo. Possais vós dizer: “Um milhar de pães e vasos de cerveja, bois e aves pelo ilustre intendente da câmara Minnefer, justificado”¹³⁴.

Os túmulos amarnianos não seguem exactamente este modelo simples mas um outro, mais complexo, igualmente destinado aos passantes vindouros, mas que inclui, em teores variáveis, elementos da biografia do seu autor e conselhos para bem viver, como vemos nos exemplos seguintes, tomados dos túmulos de Panehesy (TA 6), Tutu (TA 8), May (TA 14) e Ay (TA 25):

Apelo aos vivos (Panehesy, TA 6, lns. 78-89)

78

i3w (wꜥ nb nty m 3ḥt)-Itn 3bi ꜥ 33 nfr

Ó vós, (todos os que estais em Akhet)aton e desejais um bom destino

79

sšd.i n.tn n3 nfrw ir.n.i

faço dizer-vos as boas coisas que me fez

80

p3 ḥk3 di.f šbni srw smrw sꜥ3.k.i

¹³⁴ COLLIER, Mark, MANLEY, Bill, *How to Read Egyptian Hieroglyphs*, pp. 111-115.

o soberano. Ele permitiu que me juntasse aos oficiais e cortesãos. Tu promoveste-me

81

wtryt m-hmt nm.i šbni srw

e fui respeitado. Eu que desconhecia a companhia dos oficiais!¹³⁵

82

gmī.i wt m nsw n rh R^c hmt.f kd nmh

Descubro (agora) que¹³⁶ sou um conhecido do rei. Sua Majestade é Ré que forma o humilde¹³⁷

83

hss.f iri srw n k3.f š3y di^cnh nb wddt

a seu bel-prazer e faz funcionários pelo seu *ka*, o destino que dá vida, o senhor do que está ordenado¹³⁸.

84

snb t(w) iw.f m htpw t^c nb hr ršw

É-se saudável quando ele está apaziguado e toda a terra está em júbilo,

85

Ir i3w m pr-nsw hpr wsrw m ^ch... im3h

fazendo aclamações na casa do rei. O poder acontece no palácio a bem-aventurança.

86

grw m k3- hrw m sb3yt.f nb hsw(ti) r^c-nb h^cw.f

O homem silencioso em elevar a voz (devido a) seu ensinamento é quotidianamente favorecido e o seu corpo¹³⁹

87

wd3 hr m33 nfrw.k iww di k3.(sn)

é revigorado ao ver a tua beleza. Os que vierem dirão:



88


dd.k h(f)t hr s3i w3dw rh n nsw

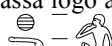
«Diz na (sua) presença: Quanto saciado e afortunado é o conhecido

89

... b3k tpy n Itn P3nh3y

¹³⁵ Para a leitura de , pode partir-se do campo semântico de  *hm*, «desconhecer»

e ler  *m-hmt*, «sem (conhecer), na ausência de (o conhecimento)», como se faz em DAVIES, Norman de G., *op. cit.*, vol. II, p. 30. Deste modo, compreende-se o orgulho de Panehesy que, antes de privar com os cortesãos, passa logo a favorito do rei. MURNANE, William J., *Texts from the Amarna Period in Egypt*,

p. 172, prefere ler  *hmwt*, «expectativas, pensamentos, opiniões». Neste caso, são as opiniões de Panehesy que passam a ser escutadas em conjunto com as dos conselheiros régios.

¹³⁶ Ou «vejo-me na posição de...».

¹³⁷ No sentido de «fabricar, moldar». O rei toma um homem humilde, massa bruta e primitiva, dá-lhe forma e transforma-o num ser civilizado, um funcionário.

¹³⁸ Isto é, «senhor da lei». O soberano é a fonte primordial do direito.

¹³⁹ Ou seja, «o homem que evita elevar a sua voz devido à sua educação...».

do rei, o chefe dos sacerdotes de Aton, Panehesy!»

Apelo aos vivos (Tutu, TA 8, lns. 163-169)

163

sšw nb n nsw rh hnt.sn

(Ó vós,) todos os escribas reais que conhecem a sua profissão

164

nty ib.sn rḥ m 3h ht tsi

e cujos corações são sábios em coisas úteis, a todos os que subirem

165

r swtwt hr p3 p3 'Itn ḥnh dd.tn n.f

para ir ao (túmulo?) o Aton vivo, dizei dele (em sua intenção):

166

im-mḥ sw r nhḥ p3 'Itn ḥnh msi sw

“Dá-lhe a continuidade ó Aton vivo que se engendrou a si mesmo,

167

ntk nhḥ s3.k mitt Wḥ-n-Rḥ pr m ḥḥw.f

pois tu és contínuo, como o teu filho Uaenré que saiu do seu (teu) corpo e

168

ḥw ndm n di k3.n nsw

a doce brisa que é dádiva do ka do rei.

169

n k3 n imy-hnt (Twtw m3ḥ-hrw)

para o ka do camareiro da corte (Tutu, justificado.)

Apelo aos vivos (Tutu, TA 8, lns. 344-360)

344

imy-hnt Twtw dd(.f)

O camareiro Tutu, ele diz:

345

i ššmw irt nb rmt ššw nb rh hnw.sn

– Ó dirigentes de todo o povo e vós, todos os escribas que sabem do seu ofício,

346

wḥbw ḥw n pr 'Itn b3kw n 'Itn

chefes dos sacerdotes de mãos puras da Casa de Aton, sacerdotes de Aton,

347

srw (ikrw) irt nb (r-rḥtw nsw)

oficiais (excelentes) e todos os (conhecidos do rei)¹⁴⁰ e

348

3bi nb p̄hy i(3)w sm3-t3 k̄rst n̄f̄rt

todos os que desejam alcançar a velhice, um bom enterro¹⁴¹ e um belo funeral

349

iw tw s3i m ʕnh

quando se estiver saciado em vida (farto de viver).

350

s̄dm.i n.tn ʕkw r h̄wt.i ptr ʕ3w irt n.i

Escutai-me (ó) vós que entrardes no meu túmulo e vede as grandes coisas que foram feitas para mim.

351

ink b3k n Wʕ-n-Rʕ p3 h̄k3 ʕnh m m3ʕtw

Eu era um servidor de Uaenré, o soberano que vive segundo o que é justo.

352

šmsy.i sw iw3w.f h̄si.i n iri.i prt m r.f

Quando o seguia, ele erguia-se cedo para me recompensar porque eu procedia (de acordo com) o que saía da sua boca.

353

bw sd̄h.i hr sp n ʕd3 m ipt nb n hm.f

Não ocultei (factos) em caso de mau procedimento nos negócios de Sua Majestade,

354

Iw m hr h̄ry-pt n tʕ r-dr.f m mšʕw k3wt hmwt irt nbt rmt ʕnh̄t m mitt m -h̄wt

quando era chefe dos porta-vozes da terra, na sua totalidade, em expedições militares e construções, e (nas) artes, de todos os vivos e dos mortos.

355

imyw-r mšʕw wpwt n h̄3st nbt ink smi.i mdw.sn r ʕh

(Quanto aos) comandantes das expedições e aos embaixadores de todas as terras estrangeiras, era eu quem anunciava as suas palavras ao Palácio,

356

iw.i m(-b3h̄.f) rʕ-nb

quando estava na (sua presença), todos os dias.

357

pri.i n.sn m wpwty n nsw h̄ry

Fui-lhes enviado como mensageiro do rei,

358

h̄ry tp rdwy nb n hm.f

estando na posse de todas as instruções de Sua Majestade.

¹⁴⁰ Seguindo a reconstrução de Murnane. Ver MURNANE, *op. cit.*, p. 196.

¹⁴¹ Lit. «uma união com a terra».

359

hrp.i k3wt m mnw.f iw.i m tp m i3t

Dirigi os trabalhos nos seus monumentos, quando desempenhava o cargo

360

imy-ḥnt w^cb (b3)k n W^c-n-R^c...

de camareiro puro e (servidor) de Uaenré...

Apelo aos vivos (May, TA 14, lns. 73-86)

73

sḏmw ḏdt.i irt nbt 3mw mi šryw

Ouvi, ó todos os olhos, o que eu digo, grandes e pequenos,

74

sḏd.i n.tn n3 nfrw ir.n.i ḥk3

para que vos possa falar acerca das boas coisas que o soberano me fez.

75

k3 ḏd.tn 3wy.s n3w

Direis então: “Como são grandes estas coisas,

76

iry n p3y nmḥ

feitas para este pobre homem!”

77

k3 ḥn.tn n.f(n)ḥḥ m ḥb-sd dt m nb 3wy

Suplicai portanto a continuidade, para ele, (soberano) em jubileus, e a eternidade como senhor das Duas Terras.

78

k3 iry.f n.tn my ir.f n.i ntr di 3nh

Então ele fará para vós, tal como fez para mim (porque ele é) o deus que dá vida.

79

Ink nmḥ ḥr it.i mwt(.i)

Eu era um homem pobre, por parte de meu pai e de minha mãe,

80

ḳd wi p3 ḥk3 ḥpr.i tni.f m-^c wi m k3.k wn.i nnty ḥt

mas o soberano fez-me, transformou-me e distinguiu-me por meio do seu *ka*, quando eu era um homem sem propriedade.

81

di.f ḥpr n.i rm(t).i m snw

Ele permitiu-me adquirir a minha gente (escravos?) em número,

82

di.f 3š3 snw.i di.f nwy.i

fez com que tivesse numerosos irmãos e irmãs e deu-me estes (e deu-mos),

83

dī(f) n.i rmt.i nb ḥpr kwi m nb dmi
concedeu-me toda a minha gente quando me tornei senhor da (minha) terra¹⁴²

84
dī.f šbnw.i srw smrw wn.i m ḥry pḥwy
e permitiu que fosse misturado aos oficiais e aos cortesãos, quando eu estava abaixo dos últimos.

85
dī.f n.i k3w ḥw r^c-nb
Ele deu-me alimentos e provisões todos os dias

86
wn.i ḥr m (db)ḥ.i t dī.f
quando eu andava a pedir o pão que ele dá.

Primeiro apelo aos Vivos (Ay, TA 25, 297-300)

297
i w^c-nb ḥ(w) tpi(w) t3 d3mw nb (r) ḥpr
Ó vós todos, os que viveis sobre a terra e todas as gerações que virão à existência

298
dd.i n.tn w3t n ḥ mtry n.tn
Eu digo-vos (qual é) o caminho da vida, testemunho (perante) vós

299
ḥswt k3 šdī.tn ḥr rn.i irt n.i Ink m3^c tp t3
as (minhas) recompensas e então lereis em voz alta o meu nome e o que foi feito por mim (porque) eu fui um justo¹⁴³ sobre a terra.

300
irw i3w n In ḥ rwd.tn m ḥ ddw n.f ssnb p3 ḥk3 sp sn k(3)b.f n.tn ḥswt
Prestai adoração ao Aton vivo e permanecereis em vida, dissei-lhe duas vezes: “Dá saúde ao soberano!” e ele duplicar-vos-á as recompensas.

Segundo apelo aos Vivos (Ay, TA 25, 313-315)

313
i w^c-nb mri ḥ 3bi ḥ(w) nfr dw3w nsw w^c mi In
Ó vós, todos os que amais a vida e desejais um belo tempo de vida, adorai o rei que é único como Aton

314
nn ky 3 wp(w)-ḥr r.f
sem haver outro que seja grande, senão ele.

315
dī.f n.tn ḥ(w) m ndn-ib k3w ḥw n dī.f

¹⁴² O rei concedeu-lhe uma propriedade e os respectivos trabalhadores.

¹⁴³ Este é um dos significados de Maet.

e ele vos concederá um tempo de vida com tranquilidade, provisões e alimentos que só ele pode conceder.

No Quadro I.10, construído com base no nosso *corpus* textual, faz-se a comparação entre a estrutura dos textos clássicos de «Apelo aos vivos» e os correspondentes textos amarnianos:

Quadro I.10 – O «Apelo aos vivos» nas suas formas clássicas e amarniana

| Apelo aos vivos | Texto clássico | Textos amarnianos |
|-----------------------------------|--|--|
| Destinatários | <p><i>I ḥnw tpw t3 ḥm(w)-ntr wḥbw nw r-pr pn</i> Ó vivos que estais sobre a terra, sacerdotes ḥm e sacerdotisas ḥm e sacerdotes puros deste templo. (Estela do camareiro Minnefer, BM EA 829, lns. 4-5)</p> <p><i>I ḥnw tpw t3 sw3t(y) ḥr is pn</i> Ó vivos que estais sobre a terra e que passareis por este túmulo. (Estela de Mentuhotep, Fitz. E9.1922, ln. 1)</p> | <p>Panehesy, TA 6, ln. 78 Tutu, TA 8, lns.163-165, 345, 349-350 May, TA 14, ln. 73 Ay, TA 25, lns. 297-299, 313</p> |
| Elementos Autobiográficos | n. c. | <p>Panehesy, TA 6, lns. 80-82 Tutu, TA 8, lns. 351-360 May, TA 14, ln. 79 Ay, TA 25, ln. 299</p> |
| Pedido em favor do defunto | <p><i>dd.tn ḥ3 t ḥnkt k3 3pd n im3ḥ(w) m-r ḥnwty mnw- nfr m3ḥ-ḥrw</i> Possais vós dizer: “ Um milhar de pães e vasos de cerveja, bois e aves pelo ilustre camareiro Minnefer, justificado”. (Estela de Minnefer)</p> <p><i>dd.tn s3ḥ 3sir ḥnty-imntw mntw-ḥtp</i> Possais vós dizer:“ Que Osíris Khentyimentu transfigure Mentu-hotep (Estela de Mentu-hotep,)</p> | <p>Panehesy, TA 6, lns. 88-89 Tutu, TA 8, lns.166-169</p> |
| Pedido em favor do rei | n. c. | <p>Tutu, TA 8, lns. 165-166 May, TA 14, ln. 77 Ay, TA 25, ln. 313</p> |
| Pedido em favor de Aton | n. c. | <p>Ay, TA 25, ln. 300</p> |
| Recompensa | n. c. | <p>May, TA 14, ln. 78 Ay, TA 25, ln. 315</p> |

O quadro mostra que, na sua forma clássica, o «Apelo aos Vivos» não contém elementos biográficos e o pedido que faz é sempre relativo ao defunto. Contrariamente, os apelos amarnianos focam a história de vida do funcionário e se, em dois únicos casos, ele pede algo para si mesmo, não deixa de mencionar o rei (por três vezes) e Aton (uma única

vez). Trata-se de um texto que não é comum em Amarna e apenas está representado, portanto, nos túmulos de Panehesy (TA 6), Tutu (TA 8), May (TA 14) e Ay (TA 25).

1.5. Quantificação e distribuição

Iniciamos agora o estudo da quantificação relativa de cada um dos túmulos e da sua distribuição ao longo dos três grandes grupos considerados, de acordo com os métodos indicado na Introdução § 3.2. Começamos por salientar que, do ponto de vista estatístico, o nosso *corpus* é um conjunto de N=3009 linhas de texto que se distribuem por três conjuntos de túmulos, tal como se mostra na fig. I.4.

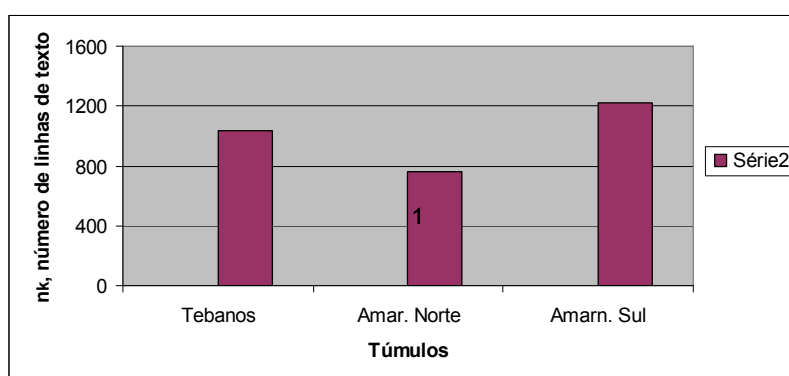


Fig. I. 4 – Distribuição do número de linhas de texto, n_k , nas três classes de túmulos.

Como seria de prever, são os túmulos amarnianos do sul, em maior número, que apresentam duma textualidade superior, seguindo-se os tebanos e posteriormente os túmulos amarnianos do Norte ¹⁴⁴. No entanto, se considerarmos a distribuição do número médio de linhas de texto por túmulo ($r_m = \frac{n_k}{n}$) obtemos uma nova distribuição (fig. I.5), onde a textualidade média dos túmulos tebanos é agora superior à dos amarnianos. Isto deve-se, não só à existência de túmulos, pertencentes a esta última classe, com muito pouco espólio textual, mas, igualmente, ao maior interesse na inserção de crónicas, na extensão concedida

¹⁴⁴ n_k representa o número de linhas de texto de cada um dos conjuntos de túmulos: $n_k = 1037$ para os túmulos tebanos, $n_k = 760$ para os túmulos amarnianos do Norte e $n_k = 1224$ para os seus congéneres do Sul; n é o número de túmulos em cada uma das classes.

ao ritual funerário e na referência a um número maior de invocações divinas na classe dos túmulos tebanos.

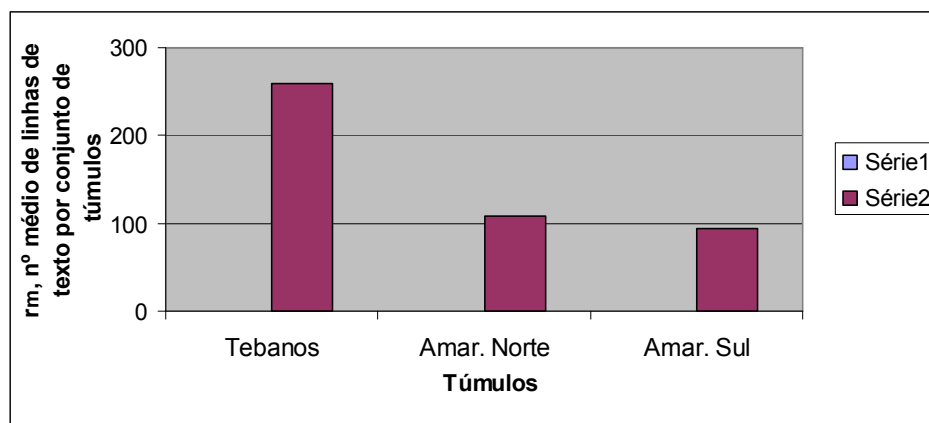


Fig. I. 5 – Distribuição do número médio de linhas de texto, r_m , nos três conjuntos de túmulos considerados.

A fig. I.6 mostra a distribuição dos conteúdos *Autobiografias* e *Crônicas* nos três conjuntos tumulares.

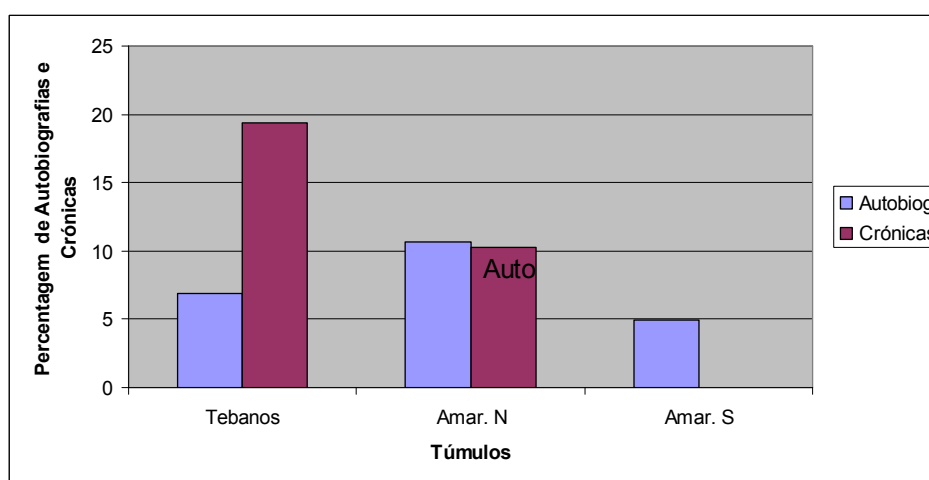


Fig. I. 6 – Distribuição percentual de *Autobiografias* e *Crônicas* nos vários túmulos.

Verifica-se que os túmulos tebanos, mormente o de Kheruef (TT 192), são especialmente ricos em *Crônicas*, e que este tipo de texto está ausente nos túmulos amarnianos do Sul. Contrariamente, a *Autobiografia* está mais desenvolvida nos túmulos amarnianos do Norte.

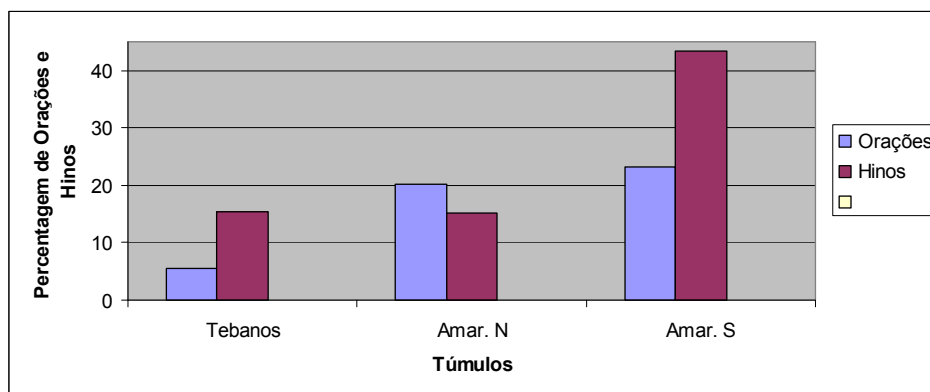


Fig. I. 7 – Distribuição percentual de *Orações* e *Hinos* ao longo dos três conjuntos de túmulos.

De acordo com o gráfico anterior, a riqueza em *Orações* cresce no sentido túmulos tebanos → túmulos amarnianos (S). O teor de *Hinos* mantém-se sensivelmente constante nos túmulos tebanos e nos amarnianos (N), mas quase triplica nos do Sul. Isto compreende-se, não só pela extensão do *Grande Hino a Aton*, presente no túmulo de Ay (TA 25), como pela quádrupla repetição do *Pequeno Hino* no túmulo de Mahu (TA 9).

A fig. I.8 mostra a distribuição percentual das várias petições nos túmulos tebanos e amarnianos.

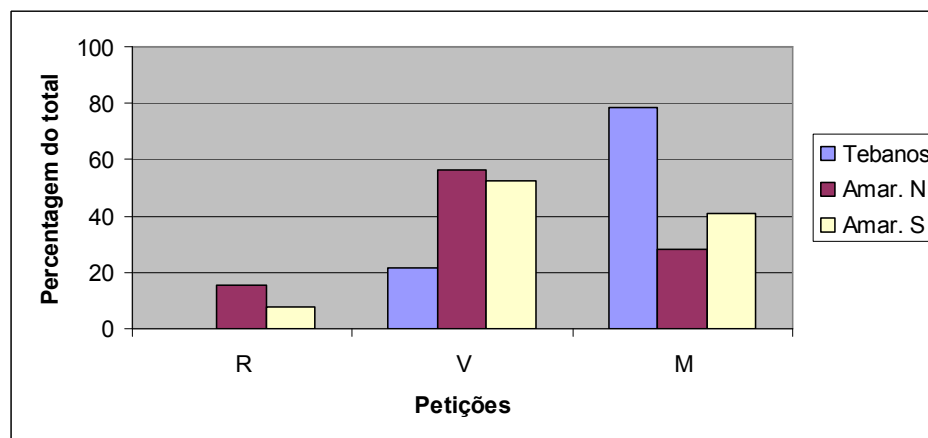


Fig. I. 8 – Distribuição das petições pelo rei (R), relativas ao funcionário no estado de vivo (V) e no estado de morto (M) no conjunto dos túmulos estudados.

Num total de 40 petições, há 21 que o funcionário enuncia para o seu tempo de vida eterna, 16 para o tempo de vida terrena e apenas 3 petições em nome do rei. Não é estranho que assim aconteça nas orações presentes em túmulos, em que a insistência no Além

predomina. Esta diferença seria talvez ser maior noutros períodos da história do Egito em que, contrariamente ao Amarniano, havia que granjear a simpatia e o auxílio de gestores específicos do mundo dos mortos e dos seus caminhos. É provável que mesmo em Amarna o conjunto destas petições pudesse ter sido diferente se os túmulos tivessem sido completados. A fig. I.8 mostra a distribuição percentual das várias petições nos túmulos tebanos e amarnianos.

Deve notar-se a insistência com que é pedida uma vida feliz junto do rei e no seu favor (Quadro I.3, petição 8). A razão para isto é que só ele pode assegurar trabalho e a subsistência enquanto vivo, depois de morto e no terrível tempo da velhice (Quadro I.3, petição 15) em que já não há forças para trabalhar. A petição 16 do mesmo quadro, que está presente em todos os túmulos, traduz o medo de todo o egípcio de lhe não serem ministrados os ritos funerários e não possuir uma «Casa de Eternidade» quando morrer.

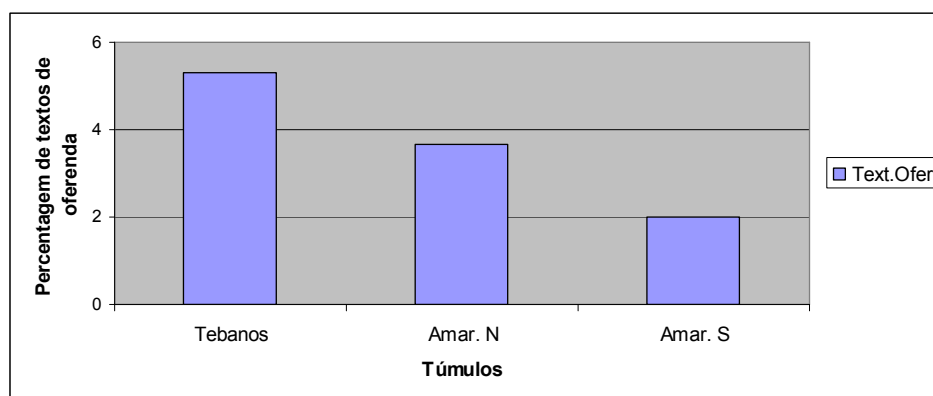


Fig. I. 9 – Distribuição percentual de *Textos de Oferendas* nos vários túmulos.

Os *Textos de Oferendas* (fig. 1.9) são especialmente abundantes nos túmulos tebanos, mas diminuem nos amarnianos, chegando até um valor próximo de um terço nos túmulos amarnianos do Sul. Efectivamente, a introdução do Atonismo limitou as oferendas a três entidades: Aton, Rei e Rainha, deixando de lado o panteão tradicional.

A fig. I.10 ilustra a distribuição de três tipos minoritários de texto, respectivamente: *Oração aos deuses da Duat*, *Confissão negativa* e *Proclamação da bem-aventurança*.

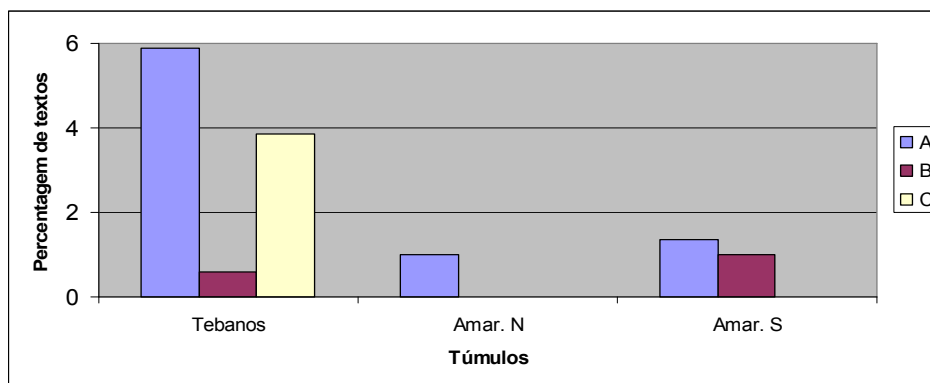


Fig. I. 10 – Distribuição percentual dos textos designados por *Oração aos deuses da Duat* (A), *Confissão negativa* (B) e *Proclamação da bem-aventurança* (C), nos vários túmulos.

Não é de estranhar que textos como a *Oração aos deuses da Duat* e a *Proclamação da bem-aventurança* sejam mais abundantes nos túmulos tebanos, considerada a grandeza do panteão divino em que se inserem. Assim deveria acontecer com a *Confissão negativa* que, nestes túmulos, aparece episodicamente. Ausente do grupo amarniano (N), está bem representada no túmulo de Tutu (TA 8), em Amarna do Sul.

Tal como se vê na fig. I.11, os textos descritivos do rito funerário são particularmente importantes nos túmulos tebanos, mormente no do vizir Ramose, (TT 55), seguindo-se os túmulos de Amarna Sul, com o túmulo TA 25, pertencente a Ay. Quanto aos túmulos do Norte, deve salientar-se o de Huya, TA 1.

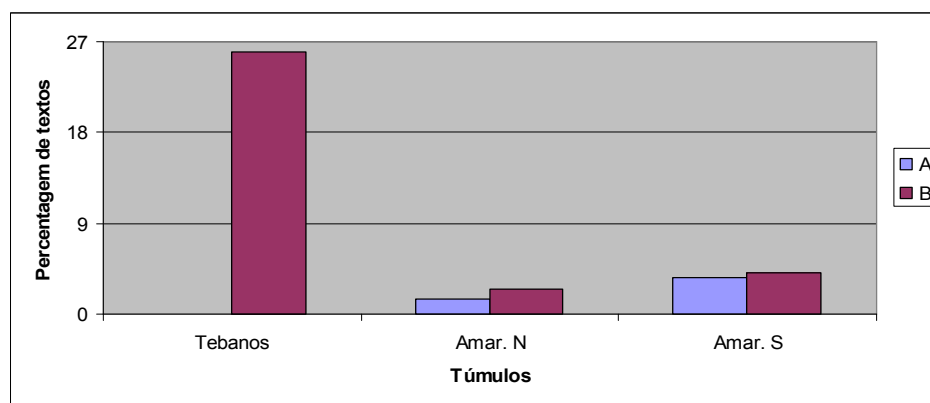


Fig. I. 11 – Distribuição percentual dos textos designados por *Apelo aos Vivos* (A) e *Rito funerário* (B) nos vários túmulos.

O *Apelo aos Vivos* predomina nos túmulos de Amarna Sul, mas está completamente ausente dos túmulos tebanos.

A parte mais significativa do acervo textual, é, portanto, um subconjunto, B, constituído por *Autobiografias*, *Crônicas*, *Orações*, *Hinos*, *Rito funerário* e *Textos de Oferendas*, cuja distribuição se mostra na fig. I.12.

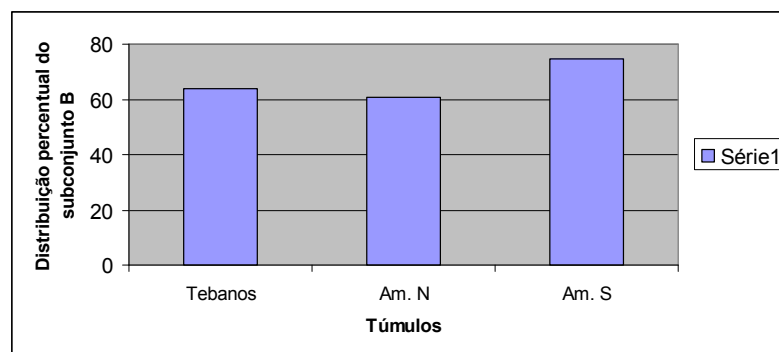


Fig. I.12 – Distribuição percentual do subconjunto B nos túmulos dos funcionários akhenatonianos.

Tal como a figura demonstra, este bloco de textos é particularmente importante nos Túmulos Amarnianos do Sul, devido ao grande aumento percentual de orações e hinos, que, nos túmulos tebanos, apenas se dirigem aos deuses e nos amarnianos envolvem além de Aton, Akhenaton, Nefertiti e a própria rainha Tié.

No intuito de averiguar até que ponto a presença do rei é importante nestes túmulos, introduzamos agora o conceito de *Textos Reais* (*Crônicas*, *Hinos* e *Orações ao rei*, e *Oferendas ao ka do rei*), cuja distribuição percentual, nas várias classes de túmulos estudados se mostra na fig. I.13.

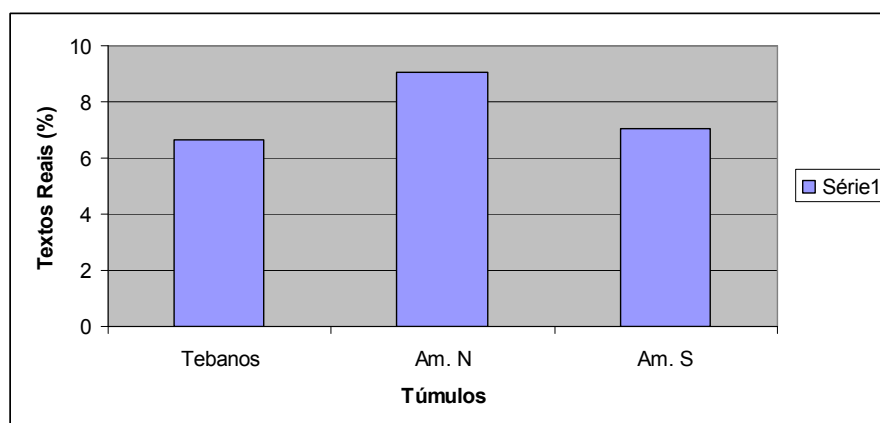


Fig. I.13 – Distribuição percentual dos *Textos Reais* nos túmulos dos funcionários akhenatonianos.

A percentagem dos *Textos Reais* varia muito pouco entre os túmulos tebanos e os túmulos amarnianos do Sul. Atinge o seu valor máximo, cerca de 9%, nos túmulos amarnianos do Norte, menos numerosos mas mais completos.

Todos estes textos não aparecem isolados mas entretecidos com a imagem que lhes ilustra o significado, como se de uma gigantesca banda desenhada se tratasse. Assim, passaremos no próximo capítulo ao estudo da iconografia.

CAPÍTULO II – ICONOGRAFIA DIVINA E REAL

A definição de ícone poderá, portanto assumir duas interpretações:

Uma cognitiva, vista na sua natureza pura, primária, como potencialidade de «*likeness*» e uma outra relativa ao ser [...]

Deste modo, pode dizer-se que o ícone é uma modalidade potencial [...] que permite ao ser humano reconhecer a semelhança, enquanto que, por outro lado, a imagem só poderá existir na medida em que seja actual e presente na consciência.

LUIS CARMELO,
(*Semiótica. Uma Introdução*)

Os túmulos do Antigo Egipto constituem verdadeiras galerias de arte, representações de tudo o que existiu de belo na vida terrestre de quem ali está sepultado bem como de todas as maravilhas que o esperam na vida no Além. No Império Novo, o rei, primeiro dos funcionários porque o era dos deuses, mostra-se heróico, à frente das suas tropas, ou celebrando as grandes festas na companhia dos sagrados pais do Egipto. Quanto ao funcionário régio, está acompanhado pelos seus familiares, junto de mesas ajouçadas de víveres, evocado no exercício dos seus cargos em que usou de probidade e competência, agora eternamente feliz.

O programa de decoração destes monumentos compreende, geralmente, quatro grandes domínios temáticos: 1 – Cenas da vida do proprietário, contendo nome, filiação e *cursus honorum*; 2 – Equipamentos funerários, enxoval e apresentação de oferendas; 3 – Procissão Funerária e ritos de passagem (abertura da boca); 4 – Peregrinação no Além, até à chegada junto dos deuses: Julgamento e Absolição do morto, Adoração dos deuses, Integração na equipagem das barcas sagradas.

Na XVIII dinastia, os três primeiros domínios tornaram-se canónicos¹⁴⁵. As cenas que lhes correspondem estão repartidas ao longo da passagem do túmulo, com o funeral, normalmente à esquerda, Parede Sul do túmulo¹⁴⁶ e a cerimónia da «abertura da boca», à direita. O aprovisionamento do proprietário (domínio temático 2) tem lugar na capela situada na extremidade do eixo E-W que contém a estátua ou na falsa porta e a estela

¹⁴⁵ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà...*, pp. 296-297.

¹⁴⁶ Orientado para ocidente.

erguida na sala transversal, de frente. A falsa porta ocupa normalmente a parede sul e a estela a parede norte. O tema predominante é a comemoração do proprietário do túmulo, desenvolvida em textos biográficos (domínio temático 1).

Duas cenas que fazem parte do domínio temático 4 são novamente integradas: Adoração ao Sol, na maior parte dos casos sobre a arquitrave de entrada e adoração a Osíris, geralmente na extremidade do cortejo fúnebre. Para além disto, este domínio é estruturalmente limitado à literatura funerária que o morto trouxe com ele sob a forma de um rolo de papiro e que, como antes, se encontra na câmara funerária. Os túmulos dos funcionários amarnianos que integram a nossa documentação seguem, de uma forma geral, este modelo, embora a presença do rei e da família real acabe, quase sempre, por asfixiar a do próprio utente.

A análise que propomos, neste capítulo, tem início no estudo das figurações do divino, do rei e sua família, do funcionário e das suas actividades, terminando na representação do povo comum que «ornamenta» os vários tipos de cenas. Considerando igualmente que estas não ocorrem isoladas mas constituem o que hoje se considera como «Banda Desenhada» foi necessário incluir os respectivos textos que as acompanham, de forma a obtermos, por vezes, maior inteligibilidade das mesmas. Quanto à iconografia relativa à morte, reservamos-lhe espaço próprio no Capítulo V do presente trabalho.

1. Representação da figura humana

No Antigo Egipto, a construção e distribuição espacial das imagens foram, sobretudo desde o Império Médio, realizadas, recorrendo a uma grelha auxiliar (figs. II.1-2). No Império Novo, até ao início do reinado de Amen-hotep IV, esta era constituída por uma quadrícula de 18 quadrados¹⁴⁷.

¹⁴⁷ A designação de grelha de x quadrados significa que a distância que vai do nível dos pés até à curvatura superior da sobancelha é de x. Sobre as grelhas auxiliares de desenho ver ROBINS, Gay, *Proportion and Style in Ancient Egyptian Art*, pp. 48-55. 1994; ROSSI, Corinna, *Architecture and Mathematics in Ancient Egypt*, pp. 80-83; Aldred, Cyril, *Egyptian Art*, pp. 12-18; SHÄFER, Heinrich, *Principles of Egyptian Art*, pp. 327- 329. Sobre as grelhas do Império Novo, veja-se ROBINS, Gay, *op. cit.*, pp. 87-114. Sobre o caso específico do Período Amarniano veja-se, igualmente, ROBINS, Gay, *op. cit.*, pp. 120-148.

O período amarniano assistiu, contudo, à inauguração de uma arte peculiar que, nas suas grandes linhas, remontava já aos últimos anos do reinado de Amen-hotep III. O número de divisões da grelha auxiliar passou para 20 quadrados de altura em figuras de pé e manteve-se em 15 nas figuras sentadas (fig. II.3).

Para caracterizar as várias figuras humanas que encontramos nos túmulos amarnianos, recorreremos a um «coeficiente de alongamento», q , definido como a razão entre a distância medida desde o nível dos pés até à curvatura superior da sobrancelha (h_1) e a distância entre o nível dos pés e o umbigo (h_2). Os seus valores constam dos Quadros II.1 e 2, quer para as representações de figuras de pé, quer para as de figuras sentadas

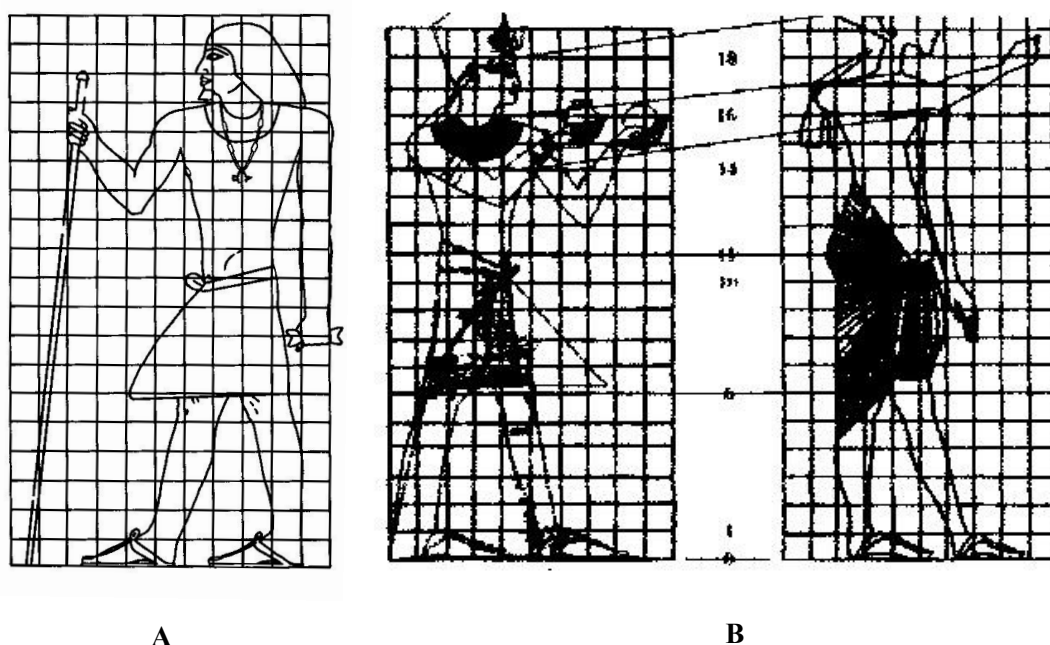


Fig. II.1 – Grelhas auxiliares de desenho para o traçado da figura humana.

A – Grelha de 18 quadrados. Capela funerária de Ti, em Sakara, V dinastia.

Robins, Gay *Proportion and Style in Ancient Egyptian Art*.

B – Amen-hotep IV, XVIII dinastia, túmulo de Kheruef, TT 192.

Grelha de 18 quadrados (esq.). Akhenaton, bloco JE 87300 do Museu Egípcio do Cairo, proveniente de Amarna. Grelha de vinte quadrados (dir.). Laboury, Dimitri, *Akhenaton*.

Quadro II.1 – Variação do coeficiente de alongamento, q, em diversas representações de figuras em pé

| Referência | Quadricula | q |
|--|------------|--------------|
| Túmulo de Ti, V dinastia, Sakara | 18 | 1,80 |
| Túmulo de Meir, XII dinastia, B2 | 18 | 1,71 |
| Amen-hotep I, XVIII dinastia, Templo de Karnak | 18 | 1,70 |
| Amen-hotep IV, XVIII dinastia, Túmulo de Kheruef, TT 192, Vale dos Nobres. | 18 | 1,71 |
| Akhenaton, XVIII dinastia. Bloco 10/11/26/4 do Museu Egípcio do Cairo. Túmulo real | 20 | 1,77 |
| Akhenaton. Peça do Museu Kestner, Hanover. N. inv. 15700/22 | 20 | 1,83 |
| Túmulo de Apy, TA 10, Akhenaton Nefertiti | 20 | 1,81 1,79 |
| Túmulo de Mahu, TA 9 Akhenaton (Pl. 15) Nefertiti (Pls. 15, 16) | 20 | 1,95 1,95 |
| Panehesy, TA 6 , Pl. 22 | 20 | 1,79 |
| Ahmés, TA 3, Pl. 28 | 20 | 1,79 |
| Tenré, Túmulo de Meriré I, TA 4, Pl.36 | 20 | 1,79 |

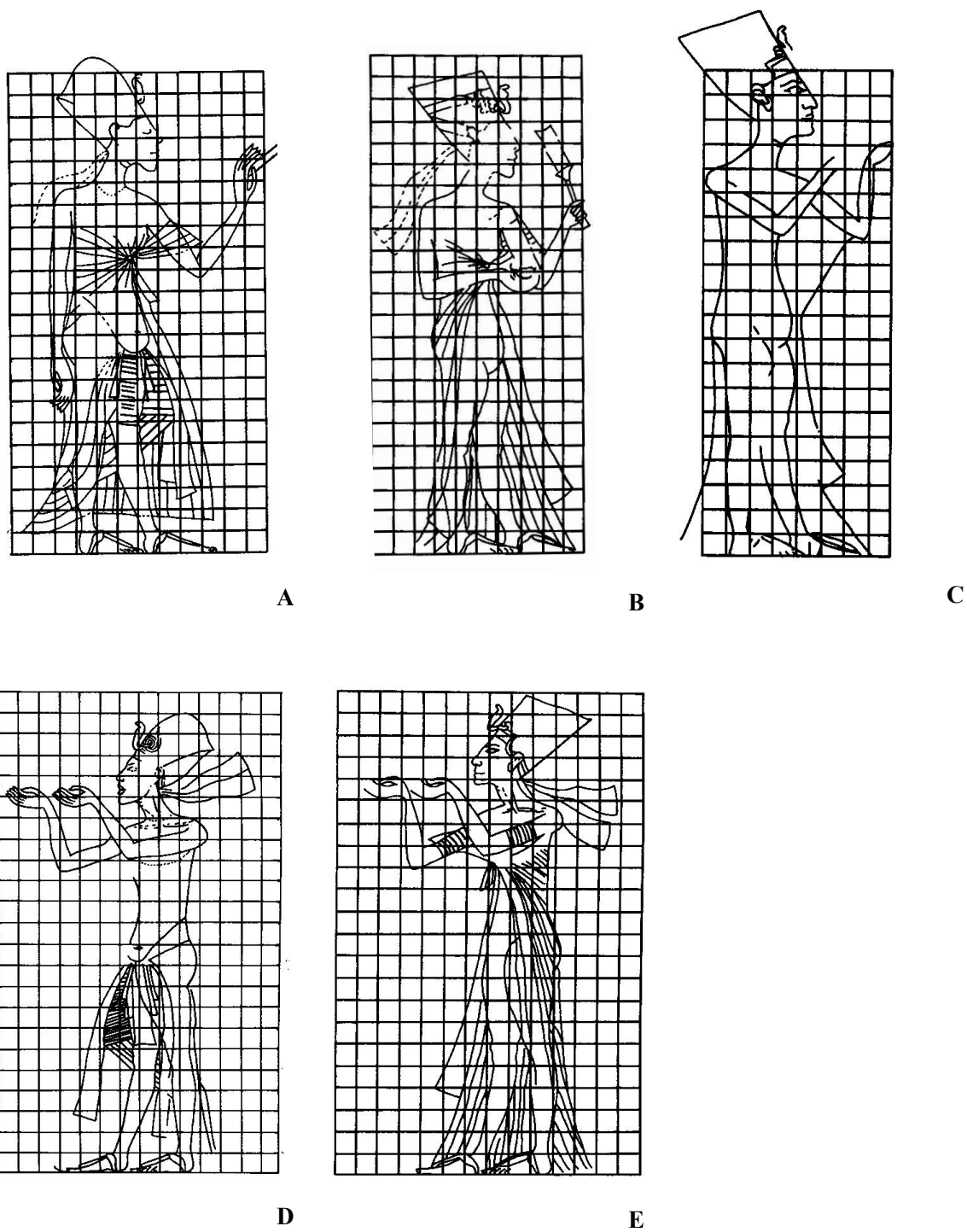


Fig. II.2 – Comparação entre as figuras reais do túmulo de Mahu, TA 9 (figs. A, B, C) e as do túmulo de Apy, TA 10 (figs. D, E).

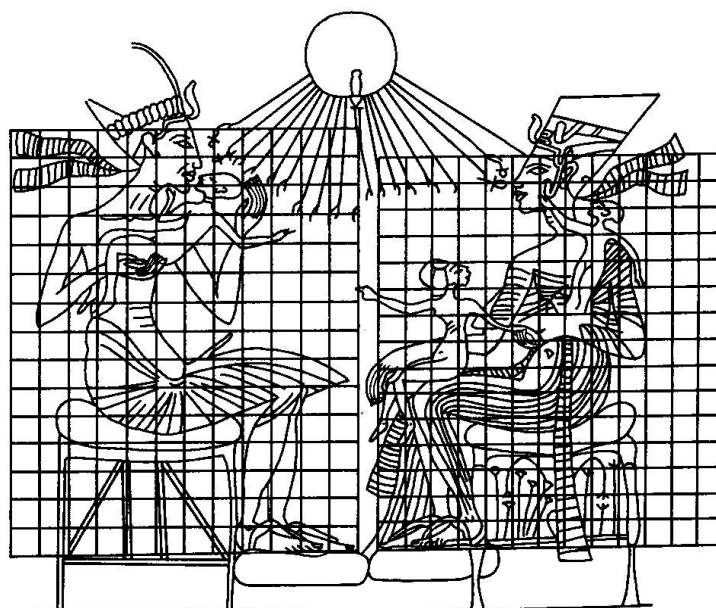


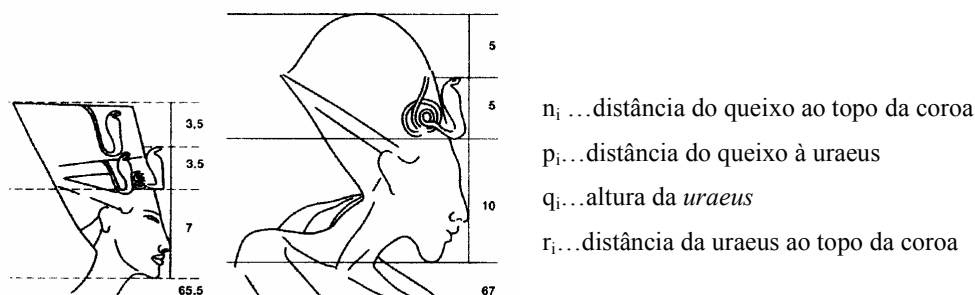
Fig. II.3 – Grelha auxiliar de 15 quadrados para o traçado da figura humana sentada. Akhenaton e a sua família, Estela nº 14145 do Museu de Berlim.
Robins, Gay, *Proportion and Style in Ancient Egyptian Art*.

Quadro II.2 – Coeficiente de alongamento em representações de figuras sentadas

| Referência | Quadrícula | q |
|---|------------|------|
| Túmulo de Hesiré, Sakara, III dinastia | 15 | 1,74 |
| TT 200, XVIII dinastia | 14 | 2,0 |
| Akhenaton. Estela do Museu de Berlim, n. inv. 14145 | 15 | 1,96 |
| Akhenaton | | 2,0 |
| Nefertiti | 15 | 1,77 |
| Túmulo de Huya, TA, Pl. 6 | | 1,64 |
| Akhenaton | | 1,65 |
| Nefertiti | | |
| Tié | | |

Analisando os dados recolhidos, verifica-se que q se mantém sensivelmente constante ($q \approx 1,71$) até à revolução artística do pré-amarniano que data, provavelmente, do ano 3 do reinado de Akhenaton, não há, pois, diferença entre os valores de q no Império Médio e os medidos no túmulo de Kheruef. Posteriormente, o parâmetro varia entre 1,77 e 1,83, com um valor anómalo ($q=1,95$) no túmulo de Mahu (TA 9). Neste último caso, as figuras do rei e principalmente da rainha resultaram desproporcionadas e mesmo caricatas (fig. AIII.2). No que diz respeito a figuras sentadas, a variação é bastante maior do que para as figuras erguidas, oscilando entre 1,65 e 2.

Tal como já foi referido pelo autor em estudos anteriores¹⁴⁸, a razão entre a altura da rainha e a do rei, (fig. II.4) tem um valor médio de cerca de 0,77 o que está perto dos valores medidos por Krauss e Linckel, 0,7 na sua análise do rosto do casal¹⁴⁹.



$$n_1/n_2=0,7; p_1/p_2=0,7; q_1/q_2=0,7; r_1/r_2=0,7$$

$$n_i \text{ (} i=1,2 \text{)} \quad (\text{rei: } i=1, \text{ rainha: } i=2)$$

Fig. II.4 – Comparação entre parâmetros medidos nas cabeças de Akhenaton e de Nefertiti, segundo Krauss e Linckel.

O alto funcionário é quase sempre representado no acto de interagir com o soberano, com o vizir ou pelo menos com funcionários de grau superior. Nas raras vezes em que está só, apresenta-se numa atitude de saudação (fig. II.5, A-C) ou como orante (fig. II.7. D).

O vizir Nakhtpaaton (fig. II.5. E) figura também nestes túmulos. No túmulo de Mahu (TA 9) está na companhia dos seus adjuntos, com ar calmo e seguro. A presença do rei, nomeadamente a sua corrida veloz rumo ao templo, introduz uma desordem considerável e o mesmo vizir acompanhado de um subordinado é igualmente obrigado a correr (fig. II.5. F), tão depressa quanto pode, ensarilhado nas vestes e atrapalhado pela gordura.

O coeficiente de alongamento, q , das três primeiras figuras tem um valor normal, dentro da grelha amarniana, e que se mantém constante. O facto de uma figura estar ajoelhada faz aumentar q para além do valor que se encontra em figuras sentadas, pelo contrário, uma

¹⁴⁸ CARREIRA, Paulo, *Akhenaton, uma perspectiva teo-histórica*, Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre em História e Cultura Pré-Clássica, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 179-181.

¹⁴⁹ KRAUSS, Rolf e LINCKEL, Eliese-Sophie, «Les représentations de Néfertiti et Akhenaton sont-elles réalistes ?» em BERGEROT, Thierry-Louis (Éd.), *Akhenaton et l'époque amarnienne*, p. 137.

figura que corre (fig. II.5.F) apresenta um valor de q inferior. Na verdade, a projecção vertical da sua altura diminui.

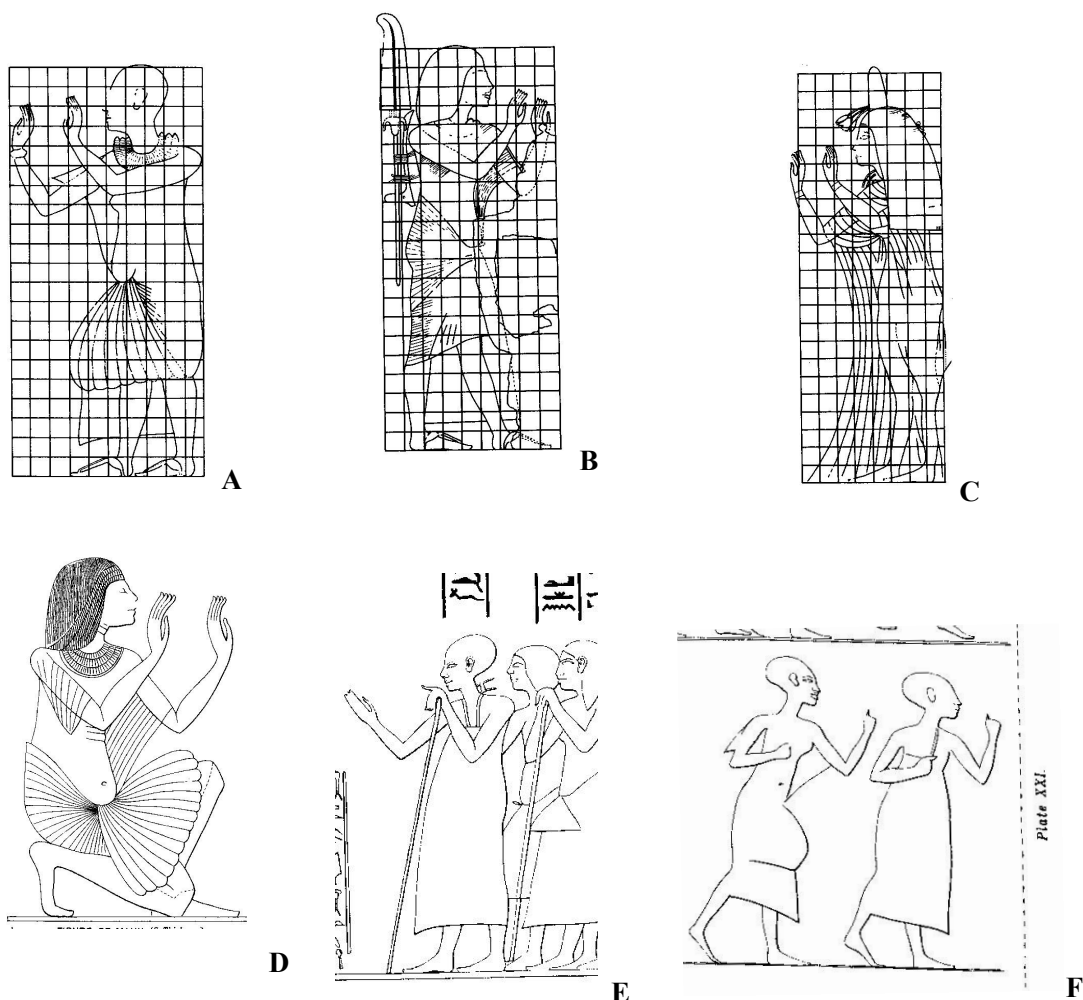


Fig. II.5 – Representação de funcionários em túmulos amarnianos.
A: Panehesy, TA 6; **B:** Ahmés, TA 3; **C:** Senré, Túmulo de Meriré I, TA 4.
D-F: Túmulo de Mahu, TA 9.

Quadro II.3 – Coeficiente de alongamento das figuras representadas na fig. II.5

| Ref. | Funcionário | q | Ref. | Funcionário | q |
|------|---------------------------------|------|------|-----------------------------------|------|
| A | Panehesy, TA 6 | 1,81 | D | Mahu, TA 9 | 2,4 |
| B | Ahmés, TA 3 | 1,81 | E | Vizir Nakht, Túmulo de Mahu, TA 9 | — |
| C | Senré, Túmulo de Meriré I, TA 4 | 1,81 | F | Adjunto, Túmulo de Mahu, TA 9 | 1,60 |

Tendo apresentado na generalidade os princípios básicos a respeito da leitura das figuras da arte amarniana que vemos nos túmulos, avançamos agora para uma análise mais aprofundada de cada um dos seus tipos: deuses, reis e homens e do contexto em que estão presentes.

2. Iconografia dos deuses pré-amarnianos

Esta é uma época em que os antigos deuses do Egito foram desacreditados por decreto real. Para os contemplar restam-nos apenas os túmulos de Kheruef (TT 192) e do vizir Ramose (TT 55). No que respeita ao primeiro, não deixa de ser irónico que as cenas que nos chegaram incólumes sejam as que dizem respeito a Amen-hotep IV (fig. II.6).

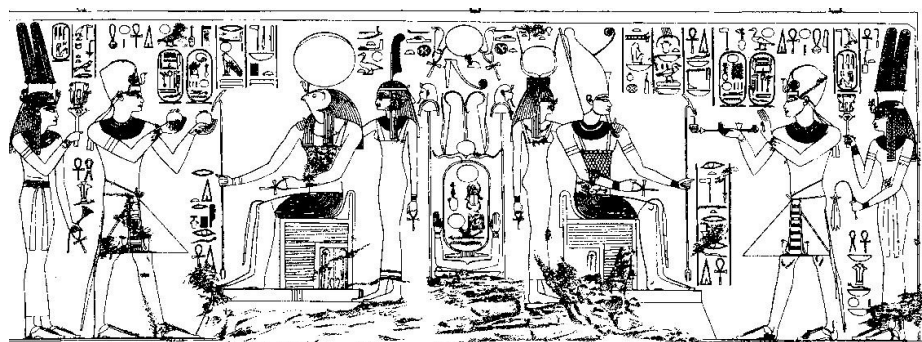


Fig. II.6 – Amen-hotep IV fazendo uma oferenda de vinho a Ré-Horakhti, Maet e ao seu próprio *ka*. Acompanha-o a rainha Tié que exhibe toucado hatórico e agita um sistro. À direita, a oferenda dirige-se a Atum e Hathor. A cena datará possivelmente do ano 1 do reinado.
Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. VIII.

Sentado no seu trono sobre um estrado maético, na figura da esquerda, está *R^c-Hr-3hty ntr 3 nb pt* Ré-Horakhti,¹⁵⁰ «deus grande, senhor do céu», sob a forma hieracocéfala. Ostenta os símbolos *w3s* de poder e *nh* de vida e sobre a sua cabeça um disco solar protegido por uma serpente real. Está acompanhado por *M3^ct s3t R^c Bhd(y)*, «Maet, filha¹⁵¹ de Ré de Behedet (Edfu)¹⁵²». À direita, os homenageados são Atum e Hathor *hry-tpt nt W3st s3 R^c Bhd(y)*, «a que

¹⁵⁰ Note-se que o determinativo «dois horizontes» emprega o signo N18 que posteriormente é substituído pelo signo N27.

¹⁵¹ Note-se o arranjo gráfico que foi usado na palavra *sat*, «filha».

¹⁵² O nome da cidade encontra-se repetido à direita da representação do Sol que está protegido por duas serpentes reais, cada uma com o símbolo «Vida». Por baixo do astro-rei a palavra *tit*, «imagem, forma, figura» que se reporta ao *ka* do soberano, cujo nome está encartelado.

está à frente de Uaset¹⁵³ (a filha de Ré de) Behedet». As alturas de Amen-hotep IV e de Tié são semelhantes às dos deuses como era costume mas isto não acontece sempre. A fig. II.7, pertencente ao túmulo do vizir Ramose, mostra Amen-hotep IV entronizado ao lado de Maet no decurso de uma cerimónia religiosa e nela podemos ver que a altura da deusa é significativamente mais pequena que a do rei, que está sentado.



Fig. II.7 – Amen-hotep IV entronizado, na companhia da deusa Maet. DAVIES, Norman de *Túmulo do Vizir Ramose*, Pl. XXIX.

Mais do que menorização da deusa, isto parece-nos dever-se à necessidade de manter a pluma de Maet ao mesmo nível da coroa real, numa cena sem perspectiva¹⁵⁴. No entanto, durante cerca de dezassete anos, um intervalo de tempo insignificante na história do Egito, as antigas e respeitáveis figuras dos *netjeru* vão dar lugar ao anicónico símbolo de Aton.

3. Iconografia de Aton

Nos túmulos que estudamos, Aton é sempre representado por um disco cujos raios terminam em mãos que trazem o símbolo da vida, *ankh*, e, por vezes, o do poder, *uas*, para Akhenaton (fig. II.7).

¹⁵³ Tebas.

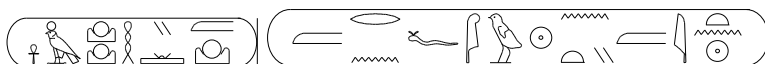
¹⁵⁴ Amen-hotep IV /Akhenaton sempre afirmou a sua adesão aos princípios maéticos, como está patente no seu protocolo *s3 Rꜥ ꜥnh m m3ꜥt nb h3ꜥw 3h-n-Itn ꜥ3 m ꜥh(w).f*, «filho de Ré, que vive em *maet*, o senhor das coroas, Akhenaton, grande no seu tempo de vida».



Fig. II.7 – Aton brilhando sobre Amen-hotep IV e a sua jovem esposa, Nefertiti. Túmulo de Ramose, TT 55.

Tal como provámos, na nossa dissertação de mestrado¹⁵⁵, uma análise mais atenta mostra que, enquanto corpo geométrico, o disco é, na verdade, a projecção de uma calote esférica, fig. II.8, não tem um centro claramente definido. Isto parece dever-se a uma atitude deliberada, uma vez que o centro do sol aparece claramente no signo N5. O ponto de encontro dos raios solares extremos encontra-se sempre para lá dele, fig. II.8.

Admitiu-se, na altura que este pormenor pode traduzir uma realidade teológica, que o artista, e o rei, seu mestre, pretendiam mostrar que havia algo para além do disco e era exactamente aí que residia a divina fonte da luz solar. Isto está implícito, por exemplo, no Primeiro Protocolo de Aton:



Enhance the readability of the text by using appropriate LaTeX formatting for mathematical symbols and variables.

Viva Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte, no seu nome de «a luz que está no disco solar».

¹⁵⁵ CARREIRA, Paulo, *Akhenaton, uma perspectiva teo-histórica*, Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em História e Cultura Pré-Clássica, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 177-178.

Essa fonte da «luz que está no (interior) do disco solar» seria Amen-hotep III, deificado como o «disco solar brilhante» ou, mais provavelmente, o deus Ré.

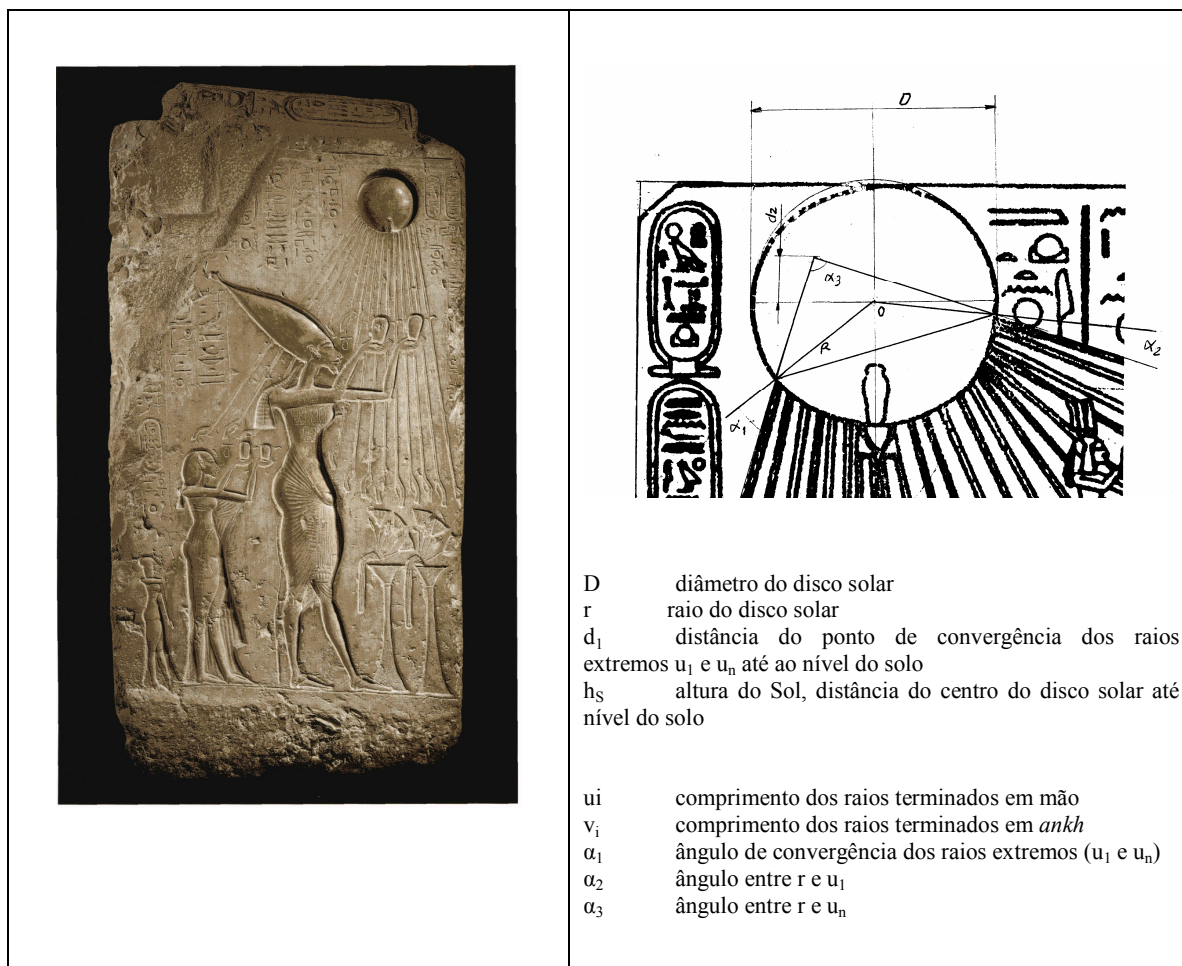


Fig. II.8 – A calote solar de Aton, brilhando sobre a família real. Fragmento de uma balaustrada do Grande Palácio, mostrando o casal régio sob a forma distorcida característica do primeiro estilo de Amarna. Museu Egípcio do Cairo. *Pharaohs of the Sun*, p. 226. À direita, variáveis geométricas medidas nas representações do Disco e dos seus raios. Vê-se que eles têm origem num ponto além do centro. CARREIRA, Paulo, *Dissertação de Mestrado*, Anexo A.V.I.

Com o seu nome encartelado como o de um rei, o Disco é, tal como ele, protegido dos seus inimigos por uma *uraeus*.

4. Iconografia real

O presente trabalho diz respeito aos funcionários amarnianos e não ao rei que os governa. Este, contudo, é o primeiro de todos os funcionários e a preponderância da iconografia real nos túmulos é de tal modo grande, que tem que ser referida. Uma vez que a construção da sua imagem já foi referida, vamos agora analisá-la em interacção com o seu deus, a sua família e o povo que lhe coube governar.

Foi assim sistematizado um conjunto de cenas: i) Cenas religiosas (visitas ao Templo de Aton, oferendas); ii) Cenas da vida política (recepção de tributos, jubileus); iii) Cenas familiares (visitas, banquetes). Pela sua importância e riqueza informativa, passaremos a uma análise e a um comentário detalhado sobre cada uma destas cenas, com o objectivo de apreender devidamente a riqueza do material iconográfico patente nos túmulos dos altos funcionários amarnianos e que são o objectivo do nosso trabalho.

4.1. Cenas religiosas.

Pelo menos desde o princípio da sua história enquanto Estado unificado, sempre o rei do Egipto partilhou simultaneamente a missão divina, inerente ao seu cargo, de assegurar o equilíbrio do (seu) mundo pela gestão correcta das relações com os deuses. Tal como os seus antecessores e os seus longínquos sucessores, Akhenaton não se eximiu a esta obrigação, levando-a até às últimas consequências desde o início do reinado. Os primeiros protocolos que usou, aos quais daremos relevo maior no Capítulo III, insistem na sua divindade, bem como no seu papel de sumo-sacerdote de Aton. Não é, pois, de estranhar que o acervo iconográfico do seu próprio túmulo (TA 26) e dos outros túmulos amarnianos seja abundante em cenas de visita ao templo e de apresentação de oferendas a Aton. O tema é divisível por um conjunto de sub-cenas básicas, desenvolvendo-se segundo uma ordem específica, que podemos sintetizar no seguinte esquema:

Saída do Palácio → Percurso através da Grande Avenida Real de Akhetaton → Chegada ao templo → Adoração e Oferenda a Aton → Regresso ao Palácio

O tema aparece em todos os túmulos de Amarna, o que já é, em si mesmo, significativo da sua importância, estando representado na sua totalidade no túmulo de Meriré I (TA 4), fig. II.9.

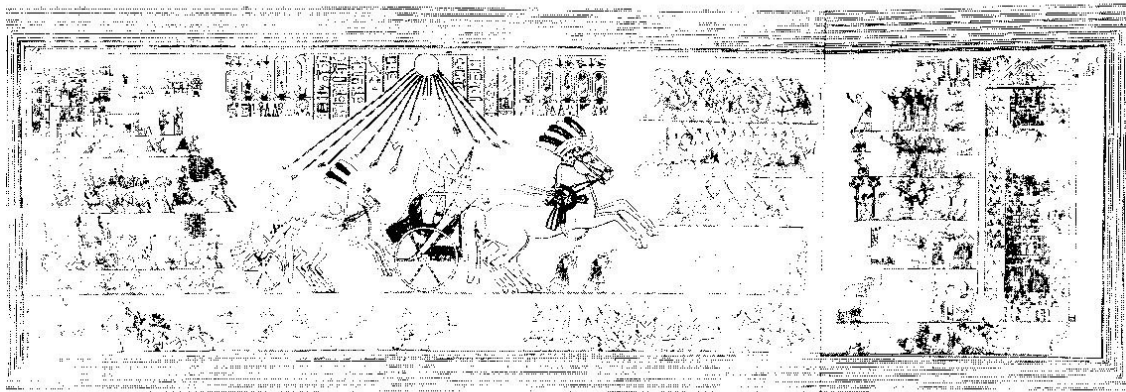






Fig. II.9 – A família real visita o templo de Aton. Túmulo de Meriré I, TA 4.
Davies, *op. cit.*, (Pl. X-XX)


Passamos em revista este percurso iconográfico.


4.1.1. O Palácio. Estruturas e servidores


A residência real –  *h*, «Palácio» ou  *pr nsw*, «Casa do rei» ou  *pr* 3, «Casa Grande» era simultaneamente o lugar quase sagrado, onde se abrigava o Hórus N, o filho de Ré, e um ponto de concentração dos principais órgãos do governo.

De acordo com os dados recolhidos nos vários túmulos, foi-nos possível traçar um desenho esquemático do palácio e das várias dependências, que apresentamos, não a duas dimensões como na iconografia tumular amarniana, mas sim em planta (fig. II.10)¹⁵⁶. Distinguem-se várias áreas: i) Zona de armazenamento de bens e sua transformação:



 *šnʿw*, «armazéns, oficinas» (1, 2, 3). Constituía o chamado «Tesouro»; ii) Zona de habitação:

 *ipt*, «aposentos privados» (4). Incluía a habitação real, o harém e o *Kap*; iii)

Interface Palácio-Povo:  *w3hy*, «grande sala de audiências» (6), onde se

desenrolam grandes actos do Estado, como as audiências solenes.  *hntw*, «o pátio, a zona semi-pública» onde se insere a «Janela das aparições».

¹⁵⁶ A representação esquemática que fizemos é baseada, com alterações significativas, em QUIRKE, Stephen, *The administration of Egypt in the Late Middle Kingdom. The Hieratic Documents*, p. 41, *apud* TALLET, Pierre, *Sesóstris III et la fin de la XII dynastie*, p. 79.

Aí são concedidas as recompensas reais e, ainda neste lugar, foi realizada a *Entrega de Tributos* do ano 12; iv) Vias de acesso:  *w3t*, «estrada (real)» (7); Zona ribeirinha  *whryt*, «doca, estaleiro» (8) onde aportam os barcos de aprovisionamento que incessantemente demandam a capital; v) Muro envolvente do palácio: (9). Construído de tijolo com o intuito de proteger o Palácio de possíveis inimigos; vi) Domínio de Aton: Regiões agrícolas, de pastoreio e de pesca, (10). Região envolvente que faz parte do domínio de Aton e abastece, embora de modo insuficiente, a cidade e os templo.

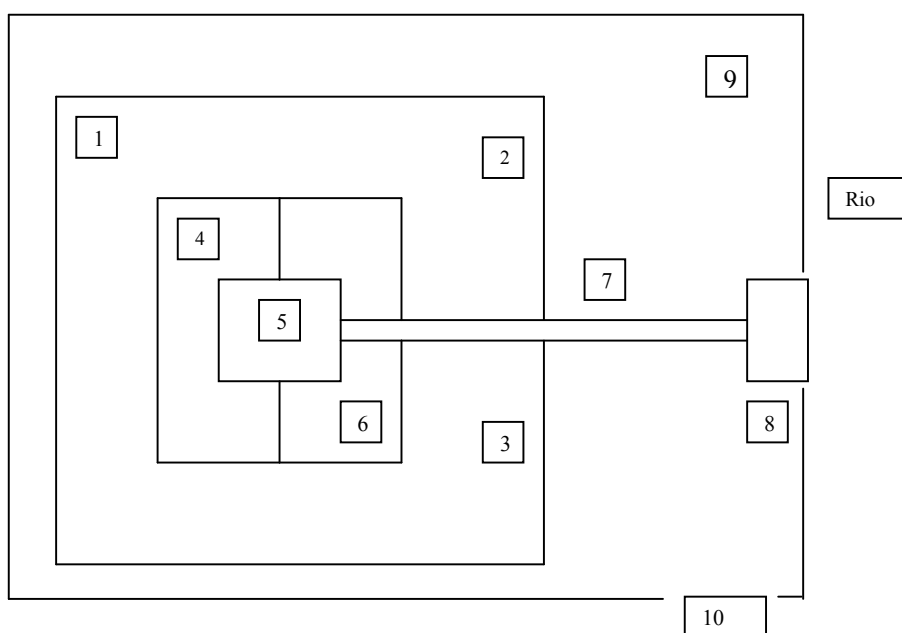


Fig. II.10 – Representação esquemática das grandes subestruturas do palácio real.
1-3 – Oficinas; 4-5 – Aposentos privados; 6 – Grande sala de audiências; 7 – Zona ribeirinha; 8 – Doca; 9 – Muro envolvente do palácio; 10 – Zona de cultivo ou pastoreio.

De acordo com a arqueologia, é possível distinguir em Akhetaton quatro palácios¹⁵⁷:
i) O *Grande Palácio*, localizado no centro da cidade ao longo da zona ocidental da Grande Avenida Real; ii) A *Casa do Rei*, ligada por uma ponte ao Grande Palácio; iii) O *Palácio do Norte*, localizado acima do subúrbio norte, na zona oriental da Grande Avenida; iv) O *Palácio da Margem Norte*, ainda mais acima e do lado ocidental da mesma via.

¹⁵⁷ KEMP, Barry, *The city of Akhenaten and Nefertiti*, pp. 131-153.

O Palácio possui uma grande divisão a meio, cujas portas que abrem para salas laterais, fig. II.11. A parte central está ocupada por um grande balcão,¹⁶⁶ cujo tecto é suportado por quatro colunas papiroiformes, alinhadas com a frontaria. Está rodeado por paredes rematadas por cornijas onde corre um friso de *uraei* e que são abertas no topo e todo o balcão está protegido por um pórtico assente sobre duas colunas¹⁶⁷. Nele se localiza a já referida *Janela das Aparições*, cuja parte superior podia ser fechada por dois batentes ou duas persianas¹⁶⁸.

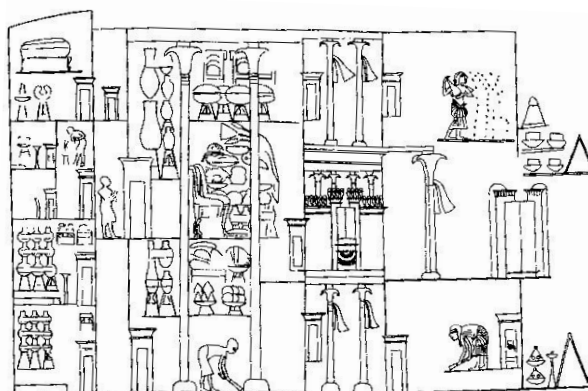


Fig. II.11 – Aspecto do Palácio, segundo o túmulo de Meriré I (TA 4), Pl. XVII.

A superfície externa da varanda apresenta-se, nos túmulos de Meriré II (TA 2) (fig. II.12) e Parennefer (TA 7). O motivo representado é o *sm3 t3wy*, «União das Duas Terras», combinado com uma ideia de domínio universal. Ao lado direito, um grupo de plantas do Sul e à esquerda um grupo de papiros, a planta do Norte, as plantas aproximam-se até se tocarem no centro. Outras acorrentam-se ao pescoço de cativos, três de cada lado. Os cativos aprisionados pela planta do Norte representam raças do Norte e à direita a do sul captura indivíduos de raça negróide, provavelmente núbios¹⁶⁹.

¹⁶⁶ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p. 24.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 24.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 24.

¹⁶⁹ Túmulo de Meriré II (TA 2). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 36.

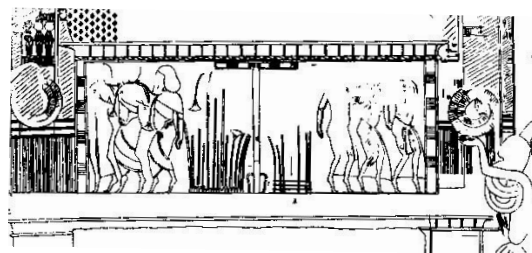


Fig. II.12 – Pormenor já desaparecido da varanda representada no túmulo de Meriré II, TA2, Pl. XXXIII (lado esquerdo).

A diferença entre a decoração destas janelas e a que é mostrada no túmulo Huya (TA 1)¹⁷⁰ prova que estamos agora noutra palácio, mais concretamente na *Casa do Encanto*, residência da rainha-mãe. Nas cerimónias de recompensa, está colocada sobre o parapeito da janela um espesso almofadão, talvez de couro, pintado de vermelho escuro e com uma decoração de losangos azuis com um motivo central¹⁷¹. Podemos vê-lo nos túmulos de Meriré II e de Parennefer. Noutros casos está apenas esboçado, tal como acontece nos túmulos de Ay, Tutu e Panehesy.

As duas salas laterais comunicam por uma porta com a espaçosa sala do trono, cujo tecto é suportado por oito colunas dispostas em duas filas. Duas cadeiras com pernas terminadas em patas de leão, destinadas ao casal régio, localizam-se junto de uma mesa carregada de comida (fig. II.12, esq.)¹⁷². O resto da sala está ocupado por mesinhas sobre as quais há vários tipos de pão e de bolos e grandes tigelas tapadas¹⁷³. Mais atrás, há numerosos jarros de óleo ou de bebidas colocados em suportes.

Fora das portas de entrada, estão colocadas oferendas que incluem tigelas cheias e uma pilha de alguma substância, um prato de incenso a arder e várias taças protegidas por uma

¹⁷⁰ Túmulo de Huya (TA 1). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 13.

¹⁷¹ Túmulo de Meriré II (TA 2). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, Pl. XXXIV; Túmulo de Parennefer (TA 7). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, pp. 3-4, Pl. IV.

¹⁷² Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p. 24. Túmulo de Ahmés (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 30.

¹⁷³ O pão e a cerveja eram o alimento base de todos os Egípcios. A sua culinária produzia, no entanto, pães, bolos, tortas e biscoitos de vários tipos onde os agentes edulcorantes eram as tâmaras e o mel. Vemos, nos túmulos de Amarna, que a carne de bovino fazia parte das oferendas no Templo, da ementa real e das refeições funerárias. Era consumida em verde ou em conserva. O vinho era, igualmente, um produto de luxo e, como tal, digno do faraó que, como vemos nestes túmulos, é representado a bebê-lo com os seus familiares. Sobre a alimentação no Antigo Egipto ver MONTET, Pierre, *A vida quotidiana no Egipto no tempo dos Ramsés*, pp. 89-105, IKRAM, Salima, *Ancient Egypt. An Introduction*, pp.233-238; TALLEY, Pierre, *A Culinária no Antigo Egipto*, pp. 59-72; 75-99; CANHÃO, Telo, «A alimentação no Antigo Egipto», *Hapi*, nº3, 2015, pp. 33-89.

tampa cônica furada. Em cada grupo está o que parece ser uma proteção destinada a cobrir as oferendas de forma a protegê-las da poeira e dos animais.

Perto do portão principal há também mesas e prateleiras com vasilhas e cestos de provisões representando talvez as que eram trazidas diariamente para o consumo do palácio.

4.1.2. O *ipt*, «aposentos privados»

De acordo com o esquema da fig. II.10, o *ipt* é o conjunto dos «aposentos privados» onde se deveriam inserir os apartamentos reais: quartos, salas de banho, o harém e o *kap*¹⁷⁴. A iconografia dos túmulos estudados mostra unicamente o quarto do rei e o harém.

No túmulo de Ahmés (TA 3) (fig. II.13) podemos ver, na retaguarda da sala do trono, uma porta guardada por uma personagem imóvel, e que dá acesso a três compartimentos, aparentemente armazéns. Caminhando da região inferior direita para a superior esquerda, encontramos uma extensa sala de jantar com duas cadeiras reais e uma mesa carregada de comida, bem como o habitual conjunto de mesinhas e suportes exibindo um infinito de provisões¹⁷⁵. A partir de uma antecâmara, temos acesso à alcova real,¹⁷⁶ cujas colunas parecem enfeitadas por colares de flores. Está particularmente bem representada neste túmulo e menos pormenorizadamente, no de Ay, (fig. II.13, dir.). O leito assenta sobre pernas terminadas em patas de leão, sobre ele um fofo colchão e um assento de cabeça¹⁷⁷. Sobe-se até à cama por um conjunto de três degraus, fig. V.6 esq. Sobre banquinhos dispõem-se colares e cones de perfume. Três suportes contendo pão, um ganso assado e bebidas asseguram substância para uma refeição nocturna.

Tal como se vê na figura, o telhado da alcova real é elevado e com uma abertura que permite a circulação de ar fresco.

¹⁷⁴ Sobre o *ipet* e o *kap* ver LLOYD, Alan B., *Ancient Egypt. State and Society*, pp. 139-142.

¹⁷⁵ Esta enorme quantidade de alimentos era uma necessidade, considerando o elevado número de comensais do palácio. Tinha, igualmente, um efeito propagandístico, mostrando, por exemplo, aos delegados estrangeiros a riqueza do faraó. LLOYD, Alan B., *op. cit.*, p. 141. No seu túmulo (TA 25, Pl. XXVIII) o funcionário Ay, enfatiza a grandeza dos armazéns e despensas do Palácio.

¹⁷⁶ Túmulo de Ahmés (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 30.

¹⁷⁷ Trata-se de um tipo de leito muito comum e que encontraremos, por exemplo, no cortejo funerário do Vizir Ramose. Podia ser feito em madeiras comuns, como a acácia, ou de preciosas madeiras africanas. A respeito do mobiliário egípcio ver MONTET, Pierre, *A vida quotidiana no Egipto no tempo do Ramsés*, pp. 168-171, Sales, José das Candeias, «O mobiliário egípcio: a tecnologia da madeira», *Hapi*, nº 3, 2015, pp. 91-113.

A câmara real dá passagem para um espaço que está a ser varrido por dois servidores, enquanto outros dois funcionários conversam e um terceiro parece profundamente embrenhado na tarefa de nada fazer. Nesse espaço existem duas salas. Na da frente, dois servos parecem preparar comida enquanto a sala da retaguarda tem aspecto de ser uma despensa onde se guardam os bolos confeccionados na sala anterior e que vão acompanhar grande número de jarros de bebida e respectivas taças.

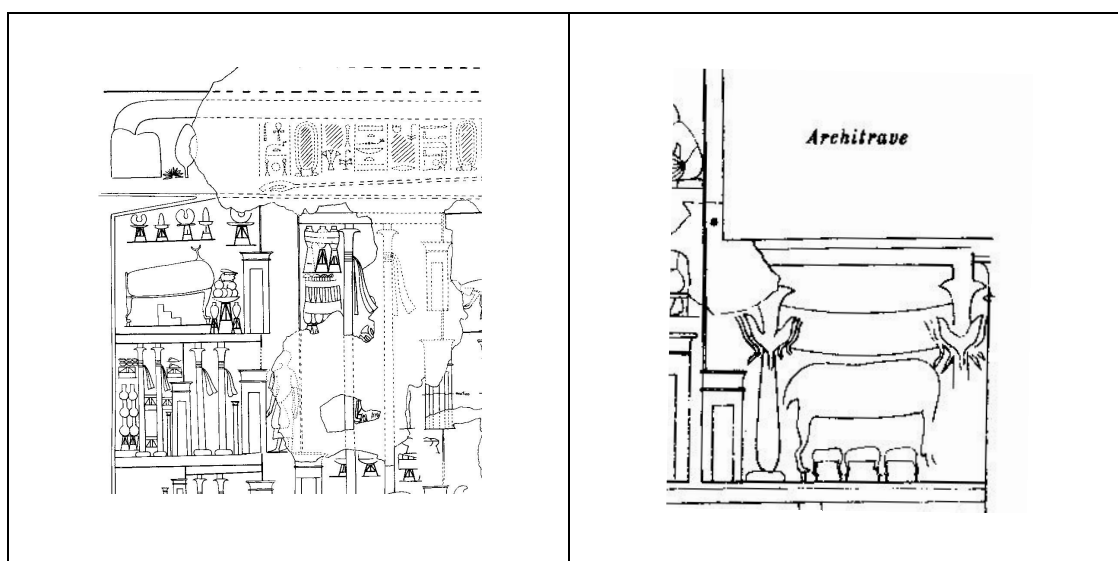


Fig. II.13 – A alcova real. À esquerda, segundo o túmulo de Ahmés (TA 3). Parede ocidental, metade inferior, Pl. XXXIII. À direita, segundo o túmulo de Ay (TA 25), Pl. XXVIII.

Continuando para a esquerda, entra-se no mundo do harém: dois aposentos a cujas portas soldados, pouco atentos às suas funções, montam guarda. Estes aposentos não comunicam entre si. Cada uma compreende um pequeno vestíbulo com uma coluna e acesso a compartimentos onde se guardam instrumentos musicais e talvez cosméticos. O harém do *Grande Palácio* está representado nos túmulos de Ahmés (fig. II.14) mas também no de Ay (TA 25) (fig. II.15-16). A sua posição relativamente ao quarto do rei é diferente, num e noutro caso. O túmulo de Ahmés mostra-nos um grupo de seis personagens femininas entregues a actividades musicais, ensaiando os seus instrumentos. Duas senhoras tocam alaúde, uma terceira dedilha a sua harpa e uma quarta, talvez, a lira. Vêem-se os pés de outra mulher que aparentemente está sentada no chão e se encosta aos joelhos de uma

companheira que talvez lhe esteja a entrançar o cabelo¹⁷⁸. No de Ay, das dez senhoras que aqui habitam, sete entregam-se afanosamente à prática da música e da dança, enquanto outra penteia o cabelo de uma companheira, dividindo-o em tranças encaracoladas nas extremidades, um penteado usado por mulheres sírias e hititas. Uma outra dama, já penteada aproveita para comer. O edifício da esquerda possui igualmente armazéns e aposentos femininos com dependências onde se guardam instrumentos musicais mas também vasos e o que parece ser roupa. Sete senhoras estão aqui representadas. Quatro parecem gozar de uma pausa, entretidas na conversa e saboreando uma colação. Ao fundo da cena, uma senhora, sentada numa almofada, parece dar uma lição de música a uma alaúdista enquanto uma companheira toca lira. Às portas destas salas encontram-se seis guardas que se dedicam ao prazer da comida que provém de uma cozinha e de uma despensa bem fornecida.

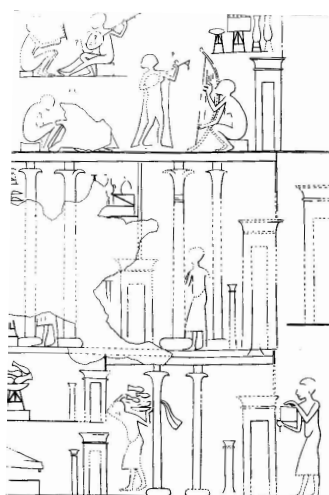


Fig. II.14 – Representação do harém, segundo o túmulo de Ahmés, TA 3, parede ocidental, região inferior, Pl. XXXIII.

Embora seja óbvio que os aposentos que vimos se destinam a mulheres, estão isolados e (mal) guardados, nada indica que se refiram a um «serralho», que nos remete para outras realidades. Na verdade, o *ipt* era uma instituição habitacional, educativa e económica. No Império Novo, aí residiam não só as esposas reais e as favoritas, mas

¹⁷⁸ Túmulo de Ahmés (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 30-31; Túmulo de Ay (TA 25). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, p. 20.

também senhoras de boas famílias e seus filhos e que aí eram educados, na companhia dos príncipes reais e dos filhos de chefes e príncipes estrangeiros¹⁷⁹.

O programa educativo das jovens damas dava um grande relevo à expressão artística em que a dança, a música e o canto tinham um papel importante¹⁸⁰. Assim, as figs. 14-15 podem, perfeitamente, representar salas de ensaio da orquestra feminina de Akhetaton que, como se vê na iconografia dos túmulos amarnianos¹⁸¹, acompanhava os banquetes reais e até as cerimónias do templo de Aton.

O aumento da sua população, devido aos numerosos casamentos políticos de Amenhotep III, obrigou a um fraccionamento do *ipt*, distribuindo-o pelas principais cidades. Cada um destes haréns possuía, evidentemente, domínios, com os seus rendimentos e funcionários próprios, e era um produtor de jóias, móveis preciosos e ricos unguentos. O afamado harém de Miuer (Medinet el-Gurhab) no Fayum, era famoso pelo finíssimo «linho real» que aí era tecido e há notícia de que a rainha Tié aí viveu, depois da sua viuvez¹⁸².

No túmulo de Ay, fig. II.15, o harém está dividido por dois blocos residenciais, sobrepujados por uma representação do céu que se termina por algo que se pode interpretar como metade do signo N26, *dw*, «montanha». Separa-os um espaço onde se mostram uma árvore e um arbusto (túmulo de Ahmés) ou quatro árvores (túmulo de Ay), talvez simbolizando um jardim¹⁸³.

¹⁷⁹ PERINET, Jean-Marie, *La femme, la beauté et l'amour dans l'Égypte ancienne*, p. 42.

¹⁸⁰ DESROCHES-NOBLECOURT, Christianne, *La femme au temps des pharaons*, p. 99-103 ; TYLDESLEY, Joyce, *Daughters of Isis*, pp. 179-206 ; ROBINS, Gay, *Women in Ancient Egypt*, pp. 39-41 ; JACQ, Christian, *As Egípcias*, p. 312.

¹⁸¹ Túmulo de Huya (TA 1). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, Pl.V-b.

¹⁸² Ali foi encontrada a célebre cabeça (nº 21834), actualmente no Museu de Berlim. KOZLOFF, Arielle, *Amenhotep III*, pp. 241-242. Sobre tecelagem ver CANHÃO, Telo, «Da produção têxtil ao vestuário», *Hapi*, 2, (2014), pp. 37-71.

¹⁸³ Túmulo de Ay (TA 25). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, p. 20.

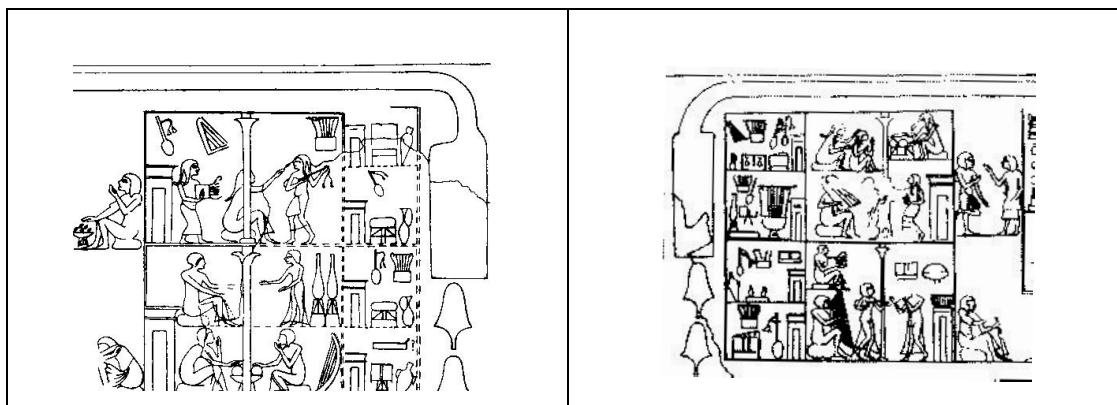


Fig. II.15 – Representação do harém, segundo o túmulo de Ay, TA 25, Pl. XXVIII.

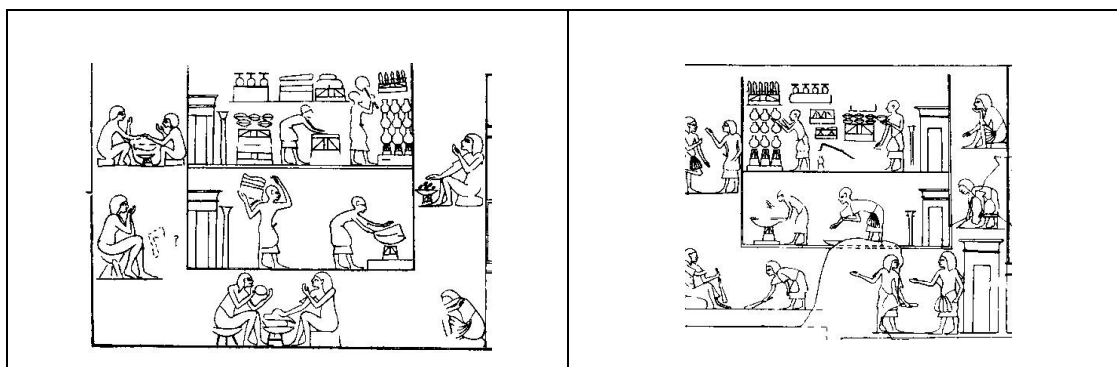


Fig. II.16 – Armazéns e despensas do harém, segundo o túmulo de Ay, TA 25, Pl. XXVIII

4.1.3. O caminho até ao templo, um percurso solar

Tendo abandonado a sacralidade do seu palácio, Akhenaton dirige-se agora ao palácio do seu divino pai, Aton, à frente de uma grandiosa procissão, cuja leitura faremos com base nos testemunhos da iconografia.

De acordo com a *Estela da Fundação*, este percurso recriava não só o caminho percorrido pelo rei no surgimento da cidade mas comemorava igualmente a «Primeira Vez» que o Sol se movimentou no firmamento:

ḥrw pn iw tw m 3ḥt-Itn ḥꜣyt ḥm.fꜣnh wd3 snb ḥr ssmt ḥtri ḥr wrryt 3t nt dꜣm mi Itn wbn.f m 3ḥt mḥ.n.f t3wy m mrwt.f ... p3 Itn šsp tp (w3t nfrt r) 3ḥt-Itn št.f nt sp- tpy ir.n.f htp.f m-ḥnw.s ḥrt-ḥrw ir n n.f s3.f Wꜣ-n-Rꜣ mnw.fꜣ snꜥ n.f (m 3ḥt.f) ḥpr (šni) ...

Neste dia, estava-se¹⁸⁴ no Horizonte de Aton. Sua majestade – vida, prosperidade, saúde – apareceu em glória no seu grande carro de electrum¹⁸⁵, tal como Aton, quando nasce no seu horizonte e enche a terra com o seu amor... Aton. Meteu pela (bela estrada que conduz ao) Horizonte de Aton¹⁸⁶, o seu lugar da Primeira (Ocasão) que ele (=Aton) tinha feito para si mesmo, para nele descansar ao longo do dia, e que seu filho Uaenré fez para ele, o seu grande monumento, que fundou para si, (o seu Horizonte), (o lugar onde) o seu circuito veio à existência¹⁸⁷...

Um cortejo real onde o monarca aparece figurando o deus solar, está documentado no túmulo de Kheruef (TT 192) e teve lugar no Primeiro Jubileu de Amen-hotep III, no decorrer do qual os cortesãos puxaram a barca real onde o Aton Vivo se deslocava sobre a água, mantendo a sua régia imobilidade¹⁸⁸. Contrastando com este percurso solene, o filho de Aton vai por terra, lança-se velozmente através da cidade solar, no meio de uma multidão de carros e de soldados que correm igualmente¹⁸⁹. Como se a velocidade e a poeira escondessem a família real do mesmo modo que as antigas capelas escondiam Amon-Ré na sua barca, durante as saídas aos ombros dos sacerdotes. O cortejo está representado nos túmulos de Ahmés¹⁹⁰ (TA 3) parede ocidental (figs. II.21 dir., 22) de Meriré I (TA 4) sala hipostila, parede ocidental (figs. II.18-20, 23), e de Panehesy (TA 6) parede oriental (fig. II.17). No primeiro caso, fig. II.17, Akhenaton enverga uma túnica e um manto e usa a coroa *kheprech* de onde pendem fitas vermelhas que se agitam ao vento. A túnica é segura na cinta por uma faixa franjada e a orla da dobra pendente é decorada com *uraei*. O rei segura um par de rédeas em cada mão e à direita empunha um chicote. O carro é semelhante aos exemplares encontrados, por exemplo no túmulo de Tutankhamon¹⁹¹. Os cavalos, representados a vermelho escuro, têm as cabeças cobertas por uma protecção atada junto à garganta e ornamentada por grandes plumas, alternadamente vermelhas e brancas ou vermelhas e azuis¹⁹².

¹⁸⁴ Ou «Um», o rei, estava em Akhetaton. Como *tw* tem igualmente o significado indefinido do *on* francês, preferiu-se uma tradução mais geral, uma vez que era a corte que lá estava e não só o rei.

¹⁸⁵ Liga de ouro e prata.

¹⁸⁶ A partir da estela X e da *Estela do Ano 6. šsp tp wʿt*, «tomar o caminho de».

¹⁸⁷ Estela da Fundação, lns. 26-31.

¹⁸⁸ Ver § 4.2.3.1.

¹⁸⁹ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, Pl. XIII.

¹⁹⁰ Túmulo de Ahmés (TA 3). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 27.

¹⁹¹ REEVES, Nicholas, *The Complete Tutankhamun*, pp. 170-173.

¹⁹² Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p. 27.

A rainha, numa escala mais pequena, conduz o seu próprio carro. Tem a cabeça coberta pela sua coroa característica e enverga um vestido apertado por uma faixa cujas pontas esvoaçam atrás dela¹⁹³.

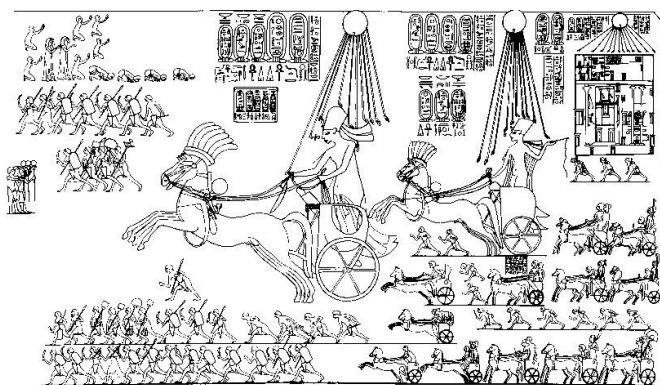


Fig. II.17 – A grande corrida ao longo da avenida principal de Akhetaton. Túmulo de Panehesy, TA 6, parede oriental, Pl. XIII.

As quatro princesas, fig. II.18, seguem-na, em carros, certamente conduzidos por homens experientes e cuidadosos, que o artista houve por bem não representar. Seguem-nas três carros que transportam seis aias com leques de plumas. O condutor aparece debruçado numa pequena cabina lateral, já que a sua humilde posição lhe não permite ser visto na companhia destas damas¹⁹⁴.

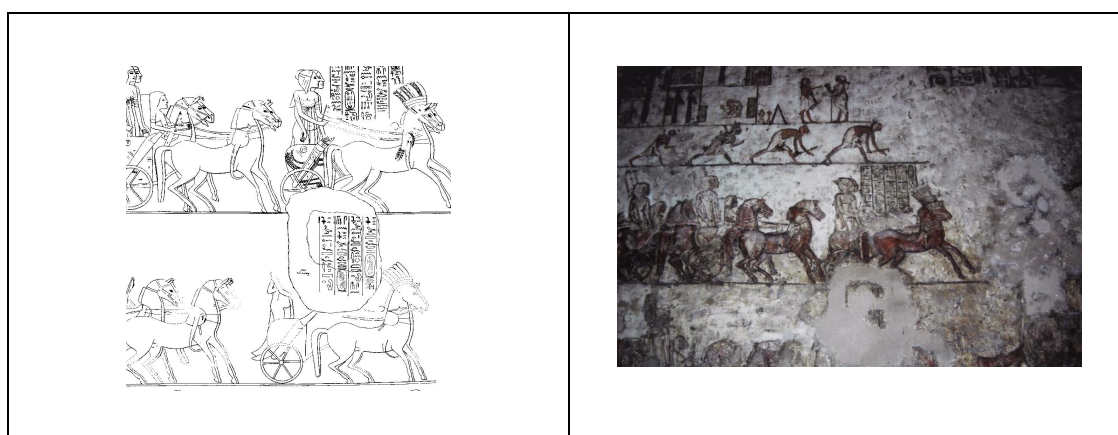


Fig. II.18– As princesas e seus acompanhantes. Túmulo de Meriré I (TA 4). Entrada, parede ocidental. À esquerda, Davies, *RTEA*, vol. I, Pl. X, XIX. À direita, foto do autor, em 27 de Março de 2015.

¹⁹³ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, pp. 17-19.

¹⁹⁴ *Ibidem*, Pl. XIII, região inferior direita.

O destacamento militar da escolta é constituído por três divisões¹⁹⁵, a primeira das quais é comandada por um oficial com um chicote (fig. II.19). Segue-se outro destacamento de seis soldados com machados de lâmina quadrada, lança e escudo na mão direita e comandados por um oficial armado de bastão. O novo corpo de tropas é constituído por gente de várias partes do «Império»¹⁹⁶, um arqueiro negro vestido com uma tanga e com uma pena no cabelo, um lanceiro semita de longas barbas, envergando uma túnica, um líbio com o cabelo curto à frente e atrás e com uma trança longa. Veste um manto largo e aberto por sobre a túnica. Está armado com um machado de lâmina redonda. Segue-o um segundo negro. O destacamento é acompanhado por seis porta-estandartes egípcios. As duas figuras abaixo dos ventres dos cavalos são possivelmente palafreiros. Nos registos superior e inferior estão doze homens armados de bordões e em passo de corrida. O registo inferior da fig. II.17 apresenta ainda outro desfile de soldados, carros e corredores. De acordo com N. Davies¹⁹⁷, poderia tratar-se da escolta de Meriré I.

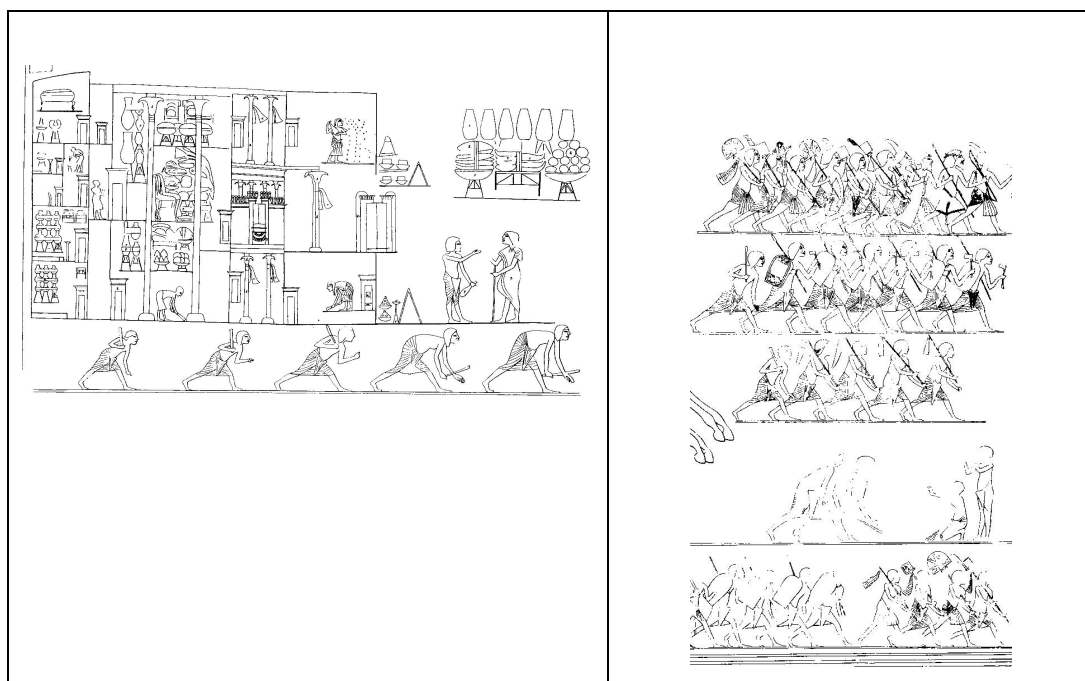


Fig. II.19 – A retaguarda e a vanguarda do destacamento militar que acompanha a família real na visita ao templo. Túmulo de Meriré I, TA 4, Pl. X (excertos).

¹⁹⁵ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p. 25.

¹⁹⁶ Túmulo de Ahmés (TA 3). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 28.

¹⁹⁷ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p. 23.

Dois porta-estandartes abrem caminho e seguem-se dois grupos de quatro homens: um egípcio, armado de escudo e lança e outro misto com um líbio, um núbio e dois lanceiros sírios. Segue-o um carro cujo condutor (aqui já está presente!) parece instigar o andamento dos cavalos e quatro porta-estandartes e depois mais quatro bigas.

A região direita, fig. II.20, mostra a vanguarda do cortejo a ser saudada por dois guardas do templo com cimitarra e bastão, à entrada do templo.

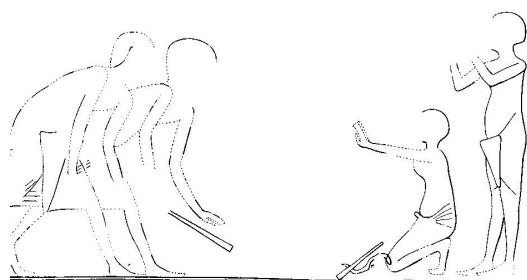


Fig. II.20 – A vanguarda do cortejo real é saudada pelos guardas do templo.
Túmulo de Meriré I, TA 4, Pl. XVI.

Na parede ocidental dos túmulos de Ahmés e de Mahu, fig. II.21, a cena é muito semelhante mas tem momentos de grande ternura. Suas Majestades avançam na biga real, puxada por cavalos de cabeça empenachada.

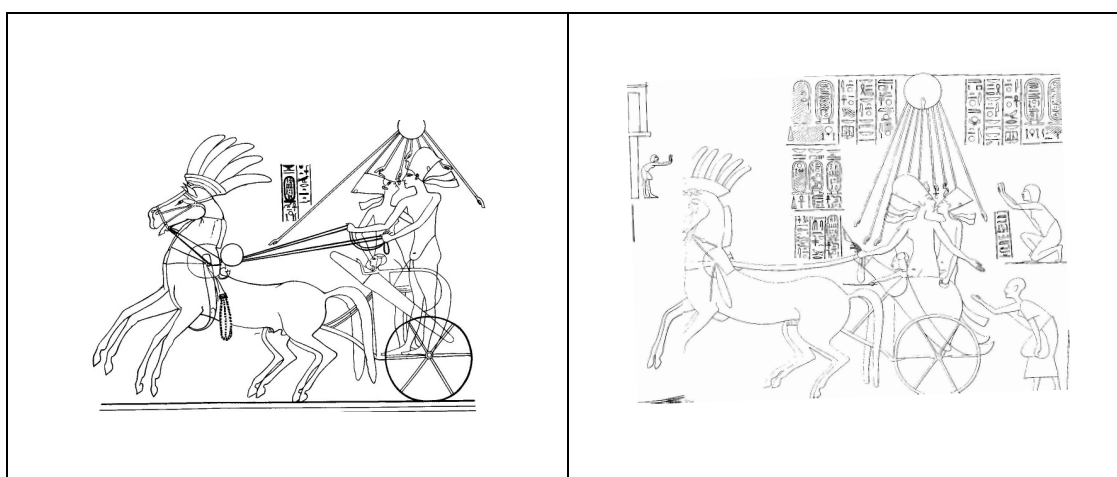


Fig. II.21 – O casal régio, na sua biga, amorosamente a caminho do templo.
Esquerda: Túmulo de Ahmés, TA 3; Direita: Túmulo de Mahu, TA 9.

Vão encantados, um com o outro, quase se beijando sob os raios de Aton e pouca atenção prestam à princesinha que, ajuizadamente, se segura ao que parece ser o carcaz do carro (esq.) e, menos ajuizadamente (dir.), vai batendo nos cavalos. A biga real é antecedida por uma escolta de infantaria disposta em quatro filas e marchando ao som de uma trombeta, fig. II.22

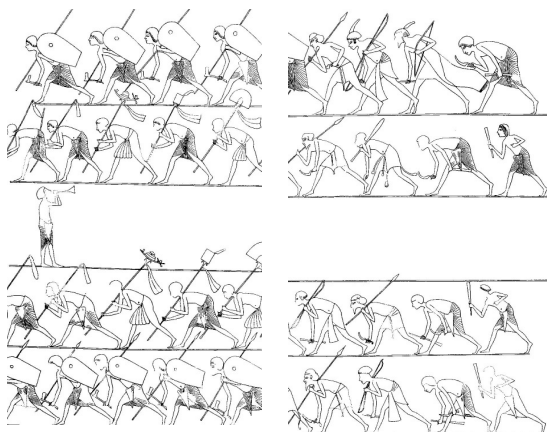


Fig. II.22 – Soldados de infantaria que fazem escolta à família real. Túmulo de Ahmés, TA 3, Pl. XXXI.

Trata-se, igualmente, de destacamentos compósitos. No registo superior há seis guerreiros egípcios, armados de escudo, lança e machado, um lanceiro sírio barbudo, um arqueiro núbio e um líbio. Em cada uma das filas podem ver-se os porta estandartes regimentais e os dois oficiais armados de cimitarra e bastão que fecham cada uma delas. Deve notar-se que todos marcham curvados, numa posição incómoda.

O rei e a sua comitiva são aguardados, à porta do templo, por oficiais e sacerdotes, que se aproximam com ramos de flores, aves e animais destinados ao sacrifício.¹⁹⁸ Outros aguardam no pátio interior onde os servos correm, transportando as mais variadas coisas, de modo a que tudo esteja pronto rapidamente para a chegada do cortejo.

¹⁹⁸ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p. 29.

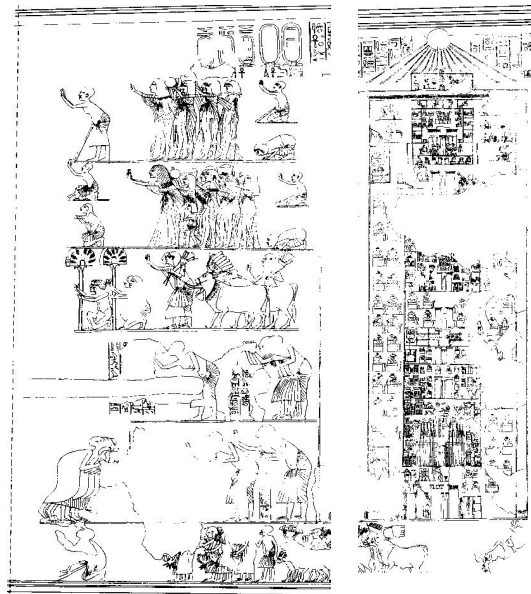


Fig. II.23 – Recepção do cortejo real à porta do Templo. O objectivo da visita é, como se vê, o Santuário Maior. Túmulo de Meriré I, TA 4, Pl. XA.

No túmulo de Meriré I, toda esta gente é saudada pelos servos do Santuário Maior do Grande Templo de Aton que saíram em massa para receber o rei, fig. II.23. Diante da fachada, saúdam-no, erguendo as mãos e clamando: “*Bem-vindo em (paz seja o senhor das) Duas Terras!*”¹⁹⁹. Um grupo de quatro sacerdotes, os «Chefes dos Servidores de Aton, na Casa de Aton, em Akhetaton», leva ramos de flores. Auxiliares com guarda-sóis ajoelham atrás dos sacerdotes e outros conduzem gordos bois, devidamente ataviados para o sacrifício²⁰⁰. Cada um deles foi enfeitado de plumas entre os cornos, num arranjo elaborado e atado com fitas.

Os varredores e servos do templo ajoelham-se e prostram-se à retaguarda. Os primeiros têm a cabeça e o corpo rapados até à cintura, de acordo com as regras de pureza do sacerdócio. Os últimos, laicos, ostentam cabeleiras e uma veste elaborada. Dois grupos de mulheres músicas percutem tamborins e longos adufes.

¹⁹⁹ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p. 29.

²⁰⁰ Túmulo de Ahmés (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 29.

Como de costume, o registo inferior está subordinado à cena principal e contém os actores não essenciais. Aqui, um guarda ajoelha, auxiliares apresentam oferendas com alegres decorações. O santuário é mostrado em grande detalhe, numa espécie de vista de cima.

4.1.4. O Templo

Na *Estela da Fundação*, Akhenaton refere-se à futura construção do Grande Templo de Aton, na sua cidade:

1. *ir.i pr-Itn m p3'Itn p3y.i it m 3ht-Itn m t3y st*
Farei a Casa de Aton para Aton, meu pai, em Akhetaton²⁰¹, neste lugar²⁰²

Pôde cumprir a sua promessa e o resultado foi impressionante

4.1.4.1. O Grande Templo de Aton

O Grande templo de Aton estava rodeado por um muro de tijolo que definia um perímetro de 800x300m. A entrada principal estava localizada no centro da parede ocidental entre um par de pilones de tijolo (22x15m), ornamentados por cinco mastros com bandeiras²⁰³. É possível distinguir, no recinto do templo, dois santuários. Assim a uma distância de 32 m dos pilones erguia-se um edifício longo e estreito (190x33 m) designado por *Santuário Maior*, fig. II. 24-25. A uma distância de 340m para além deste existia um *Santuário Menor*, fig. II.28, limitado por um muro de tijolo e com as dimensões de 30x47m²⁰⁴. Deve notar-se contudo que estes edifícios ocupam só uma pequena parte do recinto; talvez o restante fosse destinado a jardins. A fotografia aérea do local nada mostra e não foram encontrados quaisquer sistemas de irrigação²⁰⁵. Imagens do templo estão gravadas nos túmulos do Norte: Meriré I (TA 4) (fig. II.28) e Panehesy (TA 6) (fig. II.25) o que é muito útil, uma vez que os túmulos do Sul não contêm qualquer representação do edifício.

²⁰¹ Estaria já construída, de acordo com as palavras de Akhenaton: *nty r ʿt s3 m irty.i m ptr.f m mnt iw.f wbn m p3y pr Itn m 3ht-Itn*, «fazendo com que os meus olhos fiquem saciados ao vê-lo diariamente, quando está a nascer na Casa de Aton, em Akhetaton», *Estela da Fundação*, Ins. 118-119.

²⁰² *Estela da Fundação*, ln.142.

²⁰³ KEMP, Barry, *The city of Akhenaton...*, p. 87.

²⁰⁴ Todas estas medidas foram retiradas de KEMP, Barry, *op. cit.*, pp. 92- 93.

²⁰⁵ KEMP, Barry, *op. cit.*, p. 93.

A entrada do recinto permitia o acesso a um pátio aberto, no meio do qual o *Santuário Maior* se erguia, deixando um espaço livre a toda a volta.

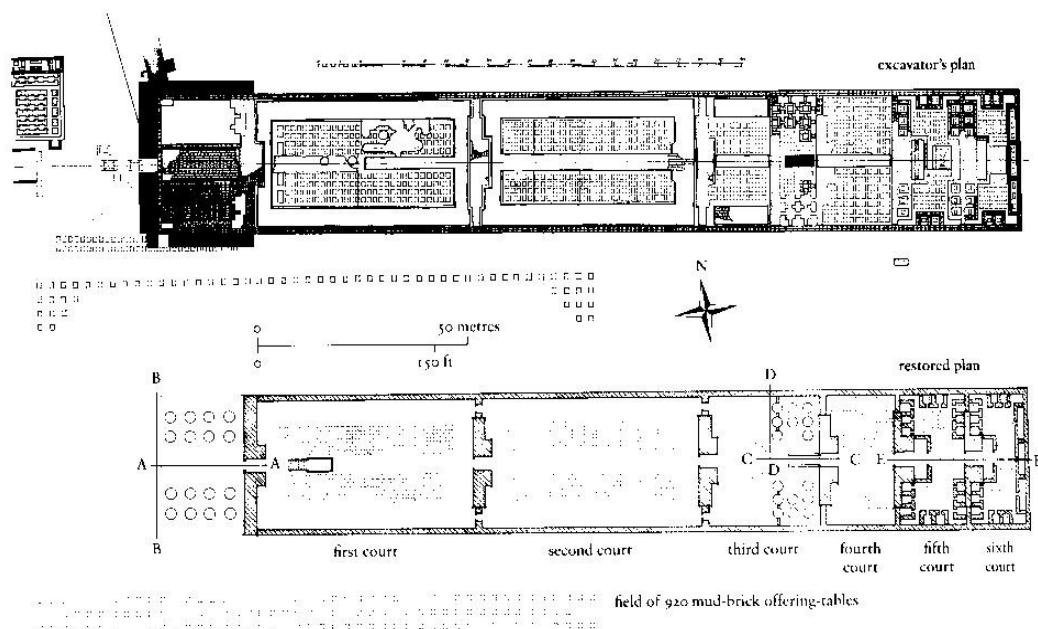


Fig. II.24 – Planta do Santuário Maior. Kemp, Barry, *The city of Akhenaten and Nefertiti*, p. 90.

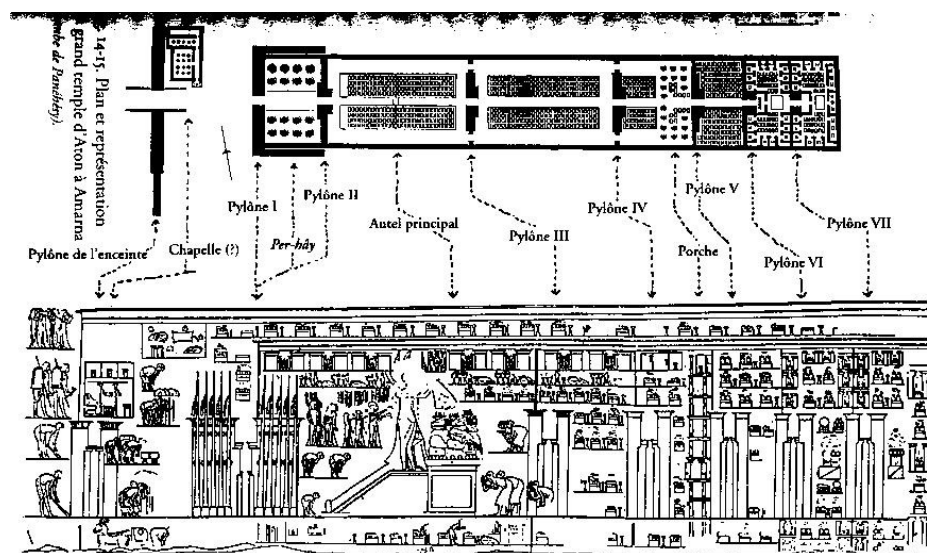


Fig. II.25 – Planta do Santuário Maior e respectiva correspondência com a representação do Túmulo de Panehesy, TA 6, Pl. XVIII, segundo Grandet, Pierre, *Hymnes de la religion de Aton*, p. 45, e Kemp, Barry, *The city of Akhenaten and Nefertiti*, p. 90.

Dentro dos portões, à direita e à esquerda, havia duas vivendas, residência dos oficiais do templo.²⁰⁶ Teriam uma grande sala de recepção estendendo-se ao longo da casa e o tecto repousava sobre várias colunas. As 3 salas interiores eram acessíveis a partir ela. A outra parede a exterior continha a entrada e recebia sombra de um pórtico com colunas. No lado esquerdo da grande entrada, estava o matadouro, tal como o artista o representa com carcaças pendentes. Ao longo de todo o comprimento do templo e em ambos os lados, o pátio estava cheio de altares, 920 na sua totalidade, cada um acompanhado de um suporte para a lâmpada. Na parte detrás do templo havia longos tanques para a purificação ritual²⁰⁷.

A estrutura do *Santuário Maior*, o *Gem-pa-Aton*, era simples. Distribuíam-se ao longo de sete pátios separados por pilones, cada um dotado de uma porta alinhada segundo o eixo do templo. A entrada para este edifício era imponente, ornamentada por cinco mastros onde se agitavam bandeiras e com portas duplas²⁰⁸. Um pórtico corria ao longo da fachada com duas filas de oito colunas. Dava para um conjunto de pátios a céu aberto (figs. II.24-25), separados por pilones²⁰⁹.

O primeiro pátio parece destituído de adornos²¹⁰, com três dos seus lados ocupados por uma série de pequenas capelas ou armazéns. Mostradas em corte vertical como pequenas construções em forma de pilone mas, em planta, como simples celas devem representar capelas laterais ou armazéns a céu aberto (fig. II.25). Os seus conteúdos mostram conjuntos de mesas com peças de carne e jarros de água.

O centro do pátio está ocupado por um grande altar, colocado sobre uma base mais larga, tem os lados apainelados e uma cornija sobrepujada por um parapeito esculpido com flores de lótus abertas e finalmente uma série de recortes arredondados que ajudam a conter as oferendas e a evitar o seu deslizamento. Uma escada permite o acesso ao altar que está cheio de peças de carne, aves, ramos de flores e vasos de incenso²¹¹. Perto dele há quatro construções, duas das quais parecem ser lavadouros com quatro bacias, tal como as que estão junto do portão do templo mais pequeno²¹². As outras duas parecem ser mesas vazias

²⁰⁶ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 22.

²⁰⁷ KEMP, Barry, *op. cit.*, p. 92. Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 22.

²⁰⁸ KEMP, Barry, *op. cit.*, p.87.

²⁰⁹ Laboury, Dimitri, *Akhenaton*, p. 252. Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 23.

²¹⁰ KEMP, Barry, *op. cit.*, p. 93. Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 23.

²¹¹ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 23.

²¹² Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 23.

ou blocos de pedra. Numerosos lugares secundários de oferenda estão localizados neste pátio.

O segundo pátio parece ter sido apenas um acesso ao terceiro. Está ocupado por pequenas mesas de oferenda e armazéns do tipo já descrito. O terceiro pátio tinha colunas mas é difícil imaginar o arranjo a partir das várias representações. A mais antiga – túmulo de Meriré II (TA2) parede ocidental, Pl. XIX – mostra a zona da retaguarda ocupada por uma colunata, oito colunas em duas filas²¹³.

O quarto pátio só contém algumas mesas de oferenda e parece ser um pátio de entrada dos outros dois que são de tipo quase igual. Um grande altar, a que se tem acesso por uma escada, ocupa o centro de cada pátio e está carregado das mais variadas oferendas de carnes e bebidas²¹⁴. A toda a volta há dezasseis pequenos armazéns, cada um com a sua mesa e respectiva lâmpada²¹⁵. Os espaços vazios dos pátios estão guarnecidos com pequenos altares e prateleiras contendo os materiais, vasos e vestes usados nos rituais. Com este pátio chega-se ao final do santuário.

A entrada para o Santuário Menor (fig. II.26) localiza-se na relativamente longe do Santuário Maior, cerca de 340 m, mas aproximadamente ao longo do mesmo eixo. Possuía o seu próprio muro periférico de tijolo com uma espessura de cerca de 0,60 m e uma altura que não deveria ultrapassar 2 m²¹⁶. No lado esquerdo, imediatamente antes da entrada, erguia-se um elevado pedestal a que se chegava por uma rampa. Sobre ele estava colocada uma grande estela, talvez a estela do Benben, da qual restam apenas alguns fragmentos, mostrando a família real²¹⁷. Ao lado do pedestal estava uma estátua sentada do rei, possivelmente acompanhado por outras.

O edifício principal era prolongado por muros em forma de L, providenciando um espaço que foi coberto formando duas câmaras em tijolo, talvez utilizadas como armazéns.

²¹³ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 23.

²¹⁴ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 24.

²¹⁵ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 24.

²¹⁶ KEMP, Barry, *op. cit.*, p. 93.

²¹⁷ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 24.

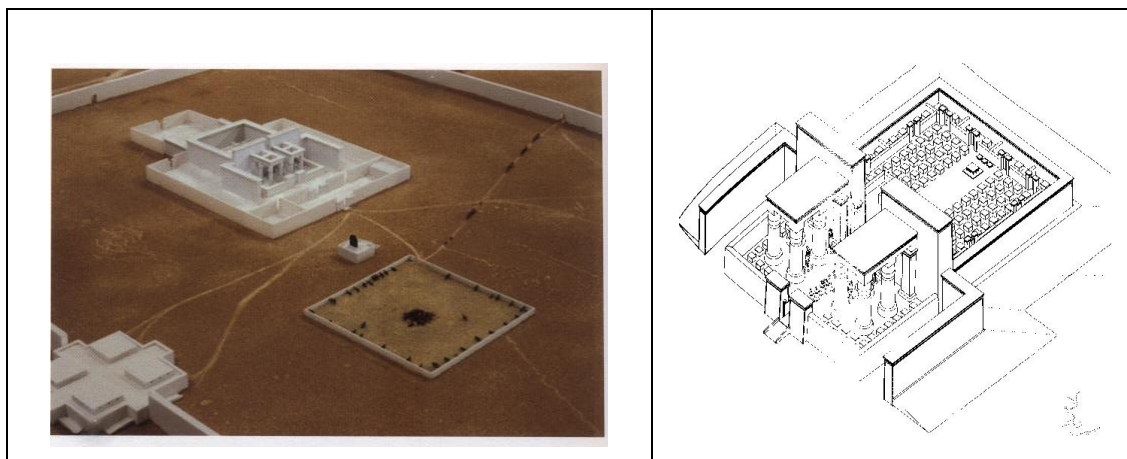


Fig. II.26 – O Santuário Menor da Casa de Aton em Akhetaton. Em cima e à esquerda, perspectiva da sua reconstrução, vendo-se a plataforma com a estela do Benben. Segundo foto de D. Grandorge, em D. Silverman *et al.*, *Akhenaten and Tutankamun*, p. 64. À direita, perspectiva da região do vestíbulo e do pátio central segundo Kemp, Barry, *The city of Akhenaten and Nefertiti*, p. 95.

A entrada conduz a um primeiro pátio onde se localizava um grande conjunto de altares e bacias para lavagens, à esquerda e à direita de um corredor que se prolongava numa pequena rampa até um vestíbulo, dotado de 8 colunas lotiformes e estátuas do rei em posição vertical, com o ceptro e o chicote e as coroas do Norte e do Sul. A seu lado encontrava-se a rainha ²¹⁸.

O vestíbulo conduzia a dois grandes pilones que davam passagem para um pátio aberto com um grande altar ao centro e outros altares secundários, fig. II.26.

4.1.4. Cerimónias no templo. Oferenda e «Exaltação do Nome»

A *Estela da Fundação de Akhetaton* relata a primeira das *htpw-ntr*, «oferendas ao(s) deus(es)», realizada no solo da nova cidade de Aton. Embora paradigmática, esta cerimónia não se diferencia de oferendas análogas em tempos anteriores e futuros e o texto insiste, como de costume, na magnificência daquilo que foi dado:

sm3ꜥ ʿ3bt ʿ3t n it ʿnh Rꜥ-Hr-3hty hꜥy m 3ht m rn.f (m) šw nty m 'Itn di ʿnh dt nhꜥ, (m t hnkt) iw3w wnꜥw 3pdw irpw dꜥrw sntr smw rnpw (ht-nbt nfrt)

Uma grande oblação foi apresentada ao Pai – o vivo Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte no seu nome de «a luz que está no disco solar» – (constuída por pão, cerveja), gado de

²¹⁸ Túmulo de Panehesy (TA 6). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p. 25.

cornos longos e gado de cornos curtos, aves, vasos de vinho, frutos, incenso, plantas frescas (e toda a espécie de boas coisas)²¹⁹.

Todas as outras oferendas constituem a repetição desta «primeira vez» e estão largamente representadas desde a falsa porta do túmulo de Tutu (fig. A.II.8) até à fachada do inacabado TA 20 (fig. A.II.9). O casal régio é acompanhado pelas princesas cujo número varia à medida que fazem a sua entrada neste mundo ou o vão abandonando. O túmulo de Parennefer (TA 7) mostra ainda a figura de Mutnedjemet, a irmã da rainha. Exerce as funções de flabelífera e segue as princesas. Só a família real oficiava no grande altar (fig. II.27), enquanto os funcionários faziam oferendas e oravam diante de uma das pequenas capelas laterais.

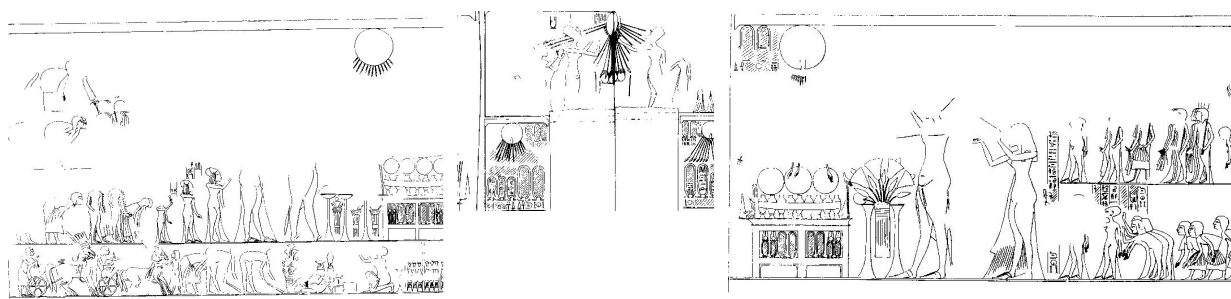


Fig. II.27 – Cena de adoração a Aton pela família real. Distingue-se o nome das princesas Meritaton e Ankhesenpaaton. O nome de Aton é expresso através da 1ª fórmula.
Túmulo de Parennefer, TA 7, fachada. (Pl. II).

Desde os primeiros anos de Amen-hotep IV assim acontecia. Parennefer regista este facto seu túmulo tebano (TT 188) dizendo fazer uma adoração diferenciada, nas escadas no templo do deus, em Karnak:

ḥnh.sn stwt.k ḥr t^c iri.sn ḥnw mi iry.i ḥ(w).k nw n ḥr.k nfr ... rwd pr n ḥy m 3ḥt
Eles (os homens) vivem quando os teus raios estão sobre a terra, fazem louvores, tal como eu faço estes louvores a ti, à tua bela face, (tal como eu faço, na) escadaria do templo
“Rejubilando no horizonte”²²⁰

²¹⁹ Estela da Fundação de Akhetaton, Ins. 34-36.


²²⁰ Túmulo tebano de Parennefer, TT 188, Ins. 27-29.

A iconografia egípcia em geral e a amarniana em particular mostram que a oferenda real se desenvolvia em várias fases, cuja ordem de sucessão nos é desconhecida. Socorrendo-nos, todavia, das representações dos túmulos, (fig. A.II.17) é pelo menos possível propor a seguinte cadeia de acontecimentos:


i) Apresentação da oferenda

O túmulo de Panehesy (TA 6) mostra Akhenaton apresentando uma bandeja de oferenda contendo pães, bolos, um naco de carne, um pato assado e algo que parece ser um recipiente com incenso fumegante. Por vezes, como no túmulo de Mahu, TA 9, também Nefertiti apresenta oferendas. Noutras representações, estas encontram-se já colocadas num suporte: *wḏḥ*, *ḥ3t*, «mesa de oferendas», e o rei e sua esposa desempenham outros papéis.

ii) Saudação a Aton

A palavra é determinada pelo signo A 30 , *dw3*, «adorar, orar» *i3w*, «louvar». À semelhança de inúmeras cenas nos templos atonianos de Karnak, também na fachada do túmulo de Parennefer (fig. II.28) e em todos os outros túmulos de Amarna, se encontra representada uma adoração a Aton feita pela família real. Assim acontece no túmulo de Meriré I (fig. II.29). O grande altar está, a céu aberto, no centro do pátio exterior do templo virado para Este. Aqui se encontram três suportes, contendo carne, fruta, flores e incenso²²¹. O Sol mostra os seus raios benfazejos os quais *nesta cena* parecem atravessar nuvens²²², como se num poente. O rei, a rainha e as duas princesas saúdam o deus, erguendo as mãos. Ao lado, dois servos seguram algo que pode ser interpretado como bolos que irão passar ao rei. Na região inferior, Meriré e um colega sacerdote, devidamente curvados, seguram um defumador com a forma de um braço em cuja palma da mão se contém um vaso de

²²¹ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p.30

²²² De acordo com N. G. Davies, seriam as mesmas nuvens que aparecem no signo , N28, mas em posição invertida. Segundo Gardiner o signo mostra antes uma colina por detrás da qual o sol nascente se ergue no céu. Ver, respectivamente, Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p.30 e GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 489.

substâncias aromáticas a arder²²³, enquanto a cânula tem um pequeno receptáculo para adicionar bolinhas de incenso. Acompanham-nos três colegas que batem palmas²²⁴.

Akhenaton enverga uma simples túnica branca, cingida cintura por longas faixas, sandálias e a coroa *kheprech*. A rainha usa um manto apertado abaixo do busto por uma faixa cujas pontas vão até aos pés. Na cabeça, uma *nmš* azul com fitas pendentes, debaixo da qual se escapam pequenas madeixas. As princesas, Meritaton e Maketaton, apresentando a trança da juventude, estão envolvidas num manto flutuante²²⁵.

Na segunda fila do mesmo lado, cocheiros e flabelíferos aguardam os seus senhores enquanto um coro de oito executantes, velhos e aparentemente cegos continua os seus cantos. Um deles toca uma harpa de sete cordas enquanto os outros batem o compasso com as mãos e cantam²²⁶. À esquerda mais servidores curvados. A comitiva dos reis consiste em dois portadores de guarda-sol, à esquerda e à direita do rei, e oito mulheres pertencentes ao serviço da rainha e das princesas, cada uma levando uma faixa dupla. Os carros aguardam a família real na periferia do grupo²²⁷.



Fig. II.28 – Cena de oferenda a Aton. Túmulo de Meriré I, TA 4, Parede sul, lado oriental. À esquerda, tal como foi reproduzida por J. C. Wilkinson (1879); à direita, segundo Norman de G. Davies (1903). Pls.XXII-XXIII.

²²³ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p.30

²²⁴ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, Pl. XXII-XXIII.

²²⁵ *Ibidem*, p. 31.

²²⁶ *Ibidem*, p.31.

²²⁷ *Ibidem*, pp.31-32.

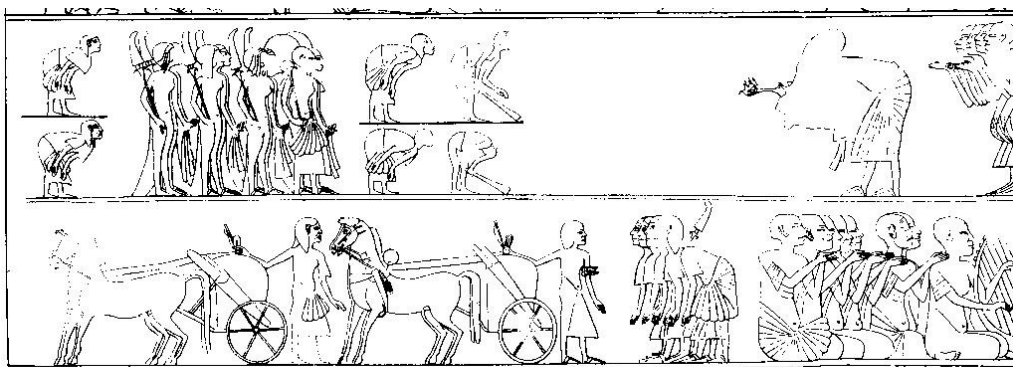


Fig. II.29 – Meriré I procedendo a uma defumação. Em baixo: Flabelíferos e condutores que aguardam o regresso dos amos. À esquerda: músicos e cantores que acompanham a oferta a Aton. Norman de G. Davies, em 1903. Pls.XXII-XXIII.

iii) Libação

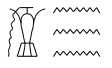

O acto de ,  *ḳbn*, «fazer uma libação (a)» corresponde ao derrame de um líquido, por vezes umas gotas de água, leite, óleo ou vinho. No túmulo de Mahu, TA 9, (fig. II.30), Akhenaton verte óleo de um tubo cilíndrico sobre vasos contendo incenso a arder.



















Fig. II.30 – O casal régio fazendo uma libação a Aton. Túmulo de Mahu (TA 9), Pl. XV.

De acordo com a *Estela da Fundação*, Aton recebia, igualmente, vasos de bebidas:

smʒʕ ʕbt ʕt n it ʕnh Rʕ-Hr-ʕhty hʕy m ʕht m rn.f (m) šw nty m ʕtn dī ʕnh dt nhḥ (m t hnkt) iwʕw wnw ʕpdw irpw dkrw sntr smw rnpw (ht-nbt nfrt)

Uma grande oblação foi apresentada ao Pai – o vivo Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte no seu nome de «a luz que está no disco solar» – (constuída por pão, *cerveja*), gado de cornos longos, e gado de cornos curtos, aves, *vasos de vinho*, frutos, incenso, plantas frescas (e toda a espécie de boas coisas)²²⁸.

iv) Purificação da oferenda

Este ritual é designado por   *wʕb*, «puro, purificar»,   *ʕbw*, «purificação» e permite transmutar o conjunto de bens que constitui a oferenda numa coisa «sagrada», isto é, dotada de um valor espiritual acrescentado que a torna susceptível de ser recebida por um deus. É por este modo que   *hʕ*, «a carne», se transforma em   *wʕbt*, «carne pura, carne de sacrifício». A iconografia, (fig. II.31) mostra que um desses processos, ou o primeiro deles, é o derrame de um fio de água, . Nos túmulos de Tutu²²⁹ e de Panehesy²³⁰, Akhenaton está representado no acto de realizar esta cerimónia. Segura nas mãos dois vasos do tipo   *wdw*. Os túmulos de Panehesy (TA 6) e Ramés, TA 11, apresentam outro tipo de purificação/consagração envolvendo a   *kʕpt*, «defumação» com   *sntr*, «incenso», (figs. II.31-32). O acto é realizado erguendo nas mãos um recipiente  contendo incenso a arder, tal como faz Nefertiti, no túmulo de Tutu (TA 8). No túmulo de Panehesy²³¹ o rei ergue um longo incensório cilíndrico, rematado por uma cabeça de águia, pleno de incenso, enquanto a rainha oferece um ramo de flores. Ambos usam uma variedade elaborada da coroa *atef*. Akhenaton lançou um manto sobre os ombros e a sua túnica mostra uma aba adornada com *uraei* e a cauda de touro. A alteração do vestuário real nesta parede pode ter um significado ritual. À direita, no registo inferior, Panehesy está acompanhado por dois sacerdotes, respeitosamente curvados (fig. II.29)

²²⁸ *Estela da Fundação*, Ins. 34-36.

²²⁹ Túmulo de Tutu (TA 8), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, Pl. XVI.

²³⁰ Túmulo de Panehesy (TA 6), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, Pl. V.

²³¹ Túmulo de Panehesy (TA 6), Pl. V.

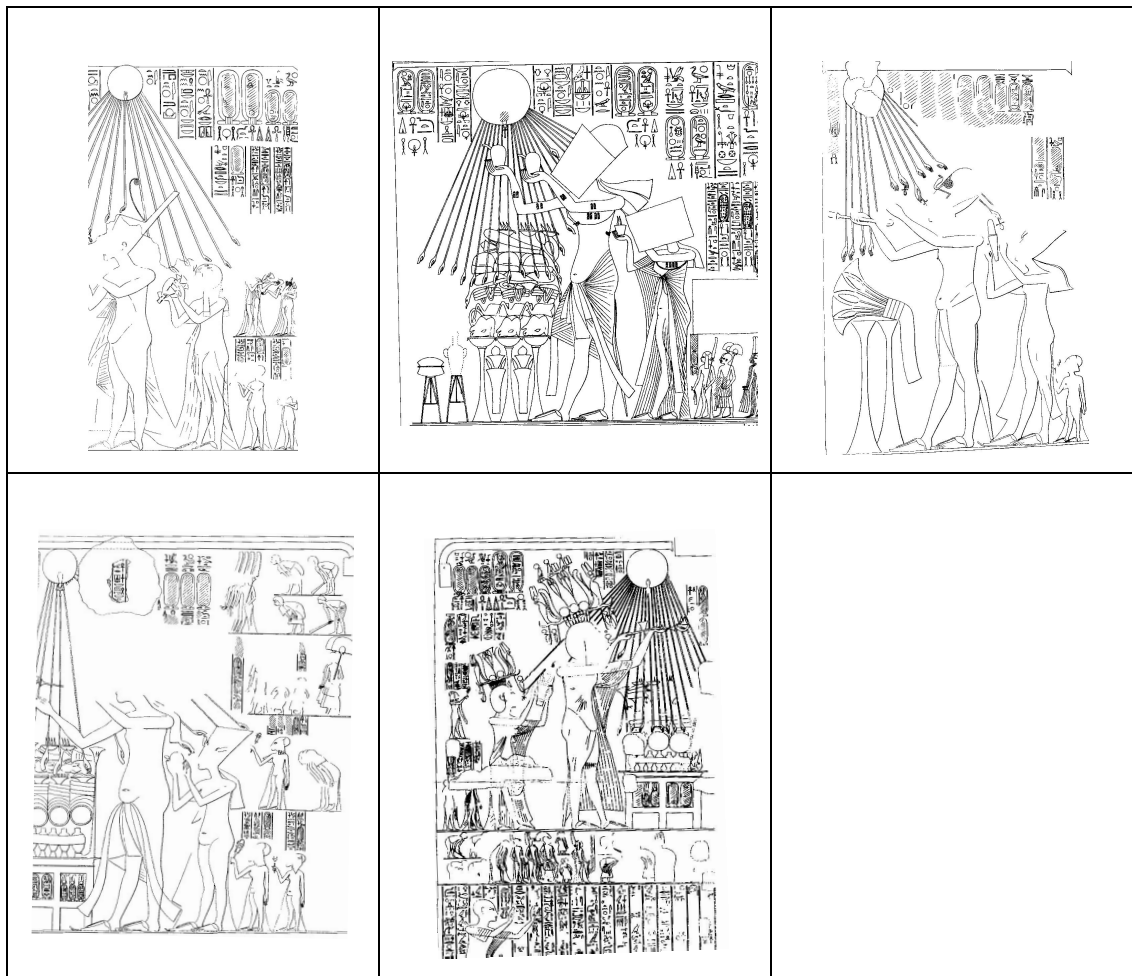


Fig. II.31 – O casal régio fazendo a purificação das oferendas a Aton, com água e incenso.
 Registo superior: esquerda – Panehesy (TA 6). centro: – Tutu (TA 8). esquerda: Ramés, TA 11.
 Registo inferior: Esquerda – May (TA 14), centro: Panehesy (TA 6).

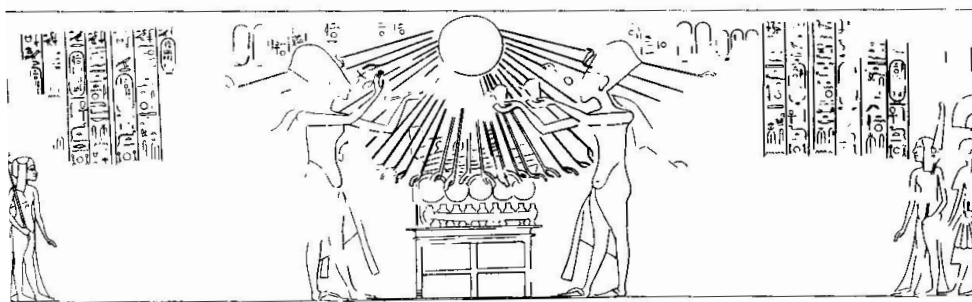



Fig. II.32 – Túmulo TA 20. Lintel, (Pl. XV). À direita, Akhenaton efectua uma defumação diante de uma oferenda de Aton enquanto, à esquerda, a purifica com um fio de água.

v) Invocação dos antepassados

No túmulo do vizir Ramose (TT 55) e no contexto do banquete funerário em que está acompanhado pelos seus familiares e amigos, fig. II.33, o seu braço saúda a mesa plena de comida, na posição retratada no signo A26  ʕš, «chamar», *nis* «invocar».

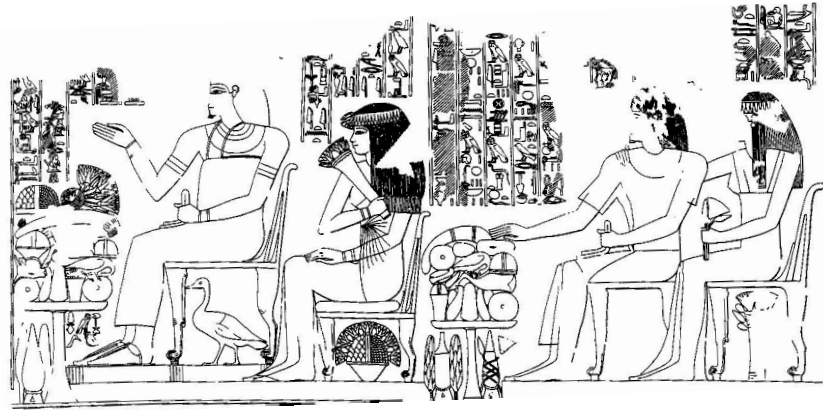


Fig. II.32 – Ramose saúda os seus antepassados. Túmulo de Ramose, TT 55, parede oriental, região sul, Pl. X.

Diz Ramose:

snw.i imiw hrt-ntr ʕš n hr-ḥ3t.i tr.i hr... w.firitw... špsw smn

Saúdo os meus irmãos que estão na necrópole. Curvo o meu braço a(os) que existiram) antes de mim (e d) o meu tempo sob...é feito ... o nobre permanece²³²

O mesmo gesto é feito por Amen-hotep III²³³, em oferenda ao pilar *Djed* no contexto da celebração do seu terceiro *Heb-sed*. Pode igualmente ser visto nos túmulos de Kheruef TT 192)²³⁴ e de Meriré I (TA 4)²³⁵, bem como nos restos de uma estatueta de Akhenaton encontrada em Amarna em 1905, fig. II.33.

²³² Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 100-101.

²³³ Ver § 4.2.3 do presente capítulo.



²³⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. LIV.

²³⁵ Túmulo de Meriré I (TA 4), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, Pls. V, XXII.



Fig. II.33 – Componentes de uma figura real em quartzite encontrada em Amarna em 1905. O braço faz a saudação aos antepassados, pelo que o conjunto deve fazer parte de uma cena de oferenda.
Museu Egípcio de Berlim.

vi) Agitação do ceptro *shm*

O signo F 42  diz respeito a três ceptros – , «comandar, apresentar, oferecer a, mesa de oferendas», *hrp*, «governar, consagrar, fazer uma oferenda» e *shm*, «o poderoso» – difíceis de distinguir entre si²³⁶. O ceptro *shm* é uma insígnia de poder que, desde o Império Antigo, o rei usa na sua mão direita, (fig. II.34), acompanhada por uma maça ou um defumador na mão esquerda. No entanto podemos encontrá-lo no túmulo do vizir Ramose, TT 55, usado pelos altos funcionários que tomam parte no seu banquete funerário. De acordo com Shaw e Nicholson²³⁷, o *shm* era agitado sobre as oferendas que se faziam ao *ka* do morto e é isto que se encontra representado nos túmulos amarnianos de Panehesy, (TA 6) Pl. VII; Meriré I (TA 4) Pl. XXVII; Mahu (TA 9) Pl. XV e Ay (TA 25) Pl. XXVI. Pode admitir-se que isto seja feito no sentido de *shm-ib*, «tomar posse de, triunfar».

²³⁶ Sobre este ceptro e outras insígnias reais ver SALES, José das Candeias, *A ideologia real acádica e egípcia*, pp. 215-223; SALES, José das Candeias, «Ceptros» em ARAÚJO, Luís M. de, (Ed.) *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 192; WILKINSON, Toby, *The rise and fall of Ancient Egypt*, pp. 41-45

²³⁷ SHAW, Ian; NICHOLSON, Paul, *The Dictionary of Ancient Egypt*, p. 257.

Contrariamente ao agora proscrito Osíris, Aton era um deus sempre vivo, pelo que oferendas funerárias não seriam justificadas. Havia, porém, um «Aton resplandecente» que tinha morrido, o pai do rei, Amen-hotep III, e daí ser possível que, neste caso específico, a agitação do ceptro *sh̄m* homenageasse o seu *ka* triunfante que se unira intimamente ao deus solar. Ignoramos que palavras que o rei e a rainha proferiam neste ritual e ao longo de toda a cerimónia. As jovens princesas limitavam-se a tocar o sistro, um instrumento hatoriano, feminino e solar por excelência, que talvez marcasse cadências²³⁸.

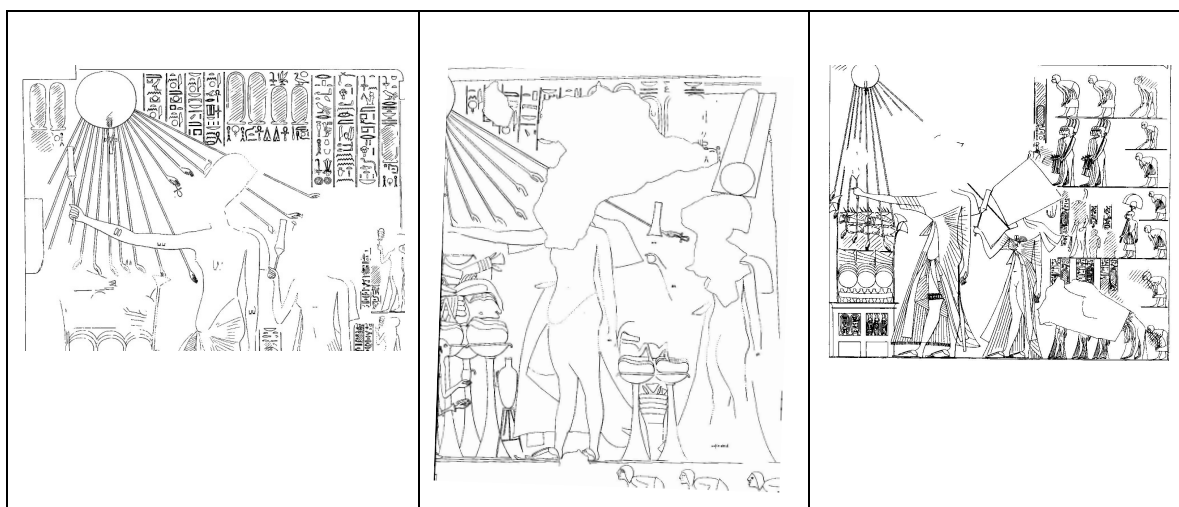


Fig. II.34 – O casal régio, fazendo oferendas a Aton. Agitação do ceptro *sh̄m*.
Esquerda: Panehesy (TA 6). Centro: Ramés (TA 11). Direita: Ay (TA 25).

vii) Cerimónia da exaltação do nome

Na *Estela da Fundação*, Akhenaton contém no seu nome de Hórus de Ouro o título *w̄ts rn šn 'Itn*, «O que exalta o nome de Aton». Também no *Pequeno Hino a Aton* ele diz: *ink s3.k 3h(w) n.k w̄ts rn.k*, «Na verdade, eu sou teu filho! O que é útil para ti, o que exalta o teu nome!»²³⁹. O verbo em questão, *w̄ts*, tem o significado de «exaltar, erguer» e, de facto, um painel do túmulo de Apy (TA 10) representa o casal régio erguendo pequenas estelas com nome de Aton (fig. II.35).

O texto é constituído apenas pelos protocolos de Aton (primeira fórmula canónica), de Akhenaton, de Nefertiti e das três princesas mais velhas. O espaço inferior é preenchido

²³⁸ ARAÚJO, Luís M. de, (Ed.) *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 792

²³⁹ *Pequeno Hino a Aton*, ln. 215.






com uma figura de Apy em oração, que desapareceu totalmente. As mãos do rei elevam para o deus uma bandeja de oferendas, que para além da primeira fórmula do seu nome, contém duas estatuetas antropomórficas, usando a trança da juventude e um toucado de quatro penas²⁴⁰. Parece tratar-se de uma forma juvenil dos gémeos  *šw*, Chu, e  *tfnt*, Tefnut, filhos do criador Ré-Atum, com os quais o casal régio se identificou algumas vezes, por exemplo num anel de ouro, (fig. II.36) onde Akhenaton ostenta a coroa do Norte e a pena característica de  *šw* e de  *m3t*. Nefertiti está representada como rainha  mas usa um toucado com duas penas maéticas. Ora, como vemos na fig. II.30, as representações de Amen-hotep IV enquanto solteiro mostram-no acompanhado pela deusa que se colocava à sua retaguarda sobre o pedestal biselado que suportava o trono real. Depois de casado, Nefertiti assumiu este papel, uma vez que estava sempre junto do rei, como Maet junto de Ré.



Fig. II.35 – Cena de «Exaltação do Nome de Aton». Túmulo de Apy, TA 10, Pl. XXXI.

²⁴⁰ Note-se que *šw* está relacionado com *šw*, «elevar, subir» e com *šw*, «luz do Sol» e *šwt*, «pluma». *tfnt*, «Tefnut» é igualmente uma deusa solar e *A Longínqua*, que traz a cheia do Nilo, sendo representada por um leoa, ostentando um disco solar protegido pela *uraeus*. Associava-se muitas vezes a Maet, a ordem (divina) do mundo.

SALES, José das Candeias, *As divindades egípcias*, pp. 108-113.

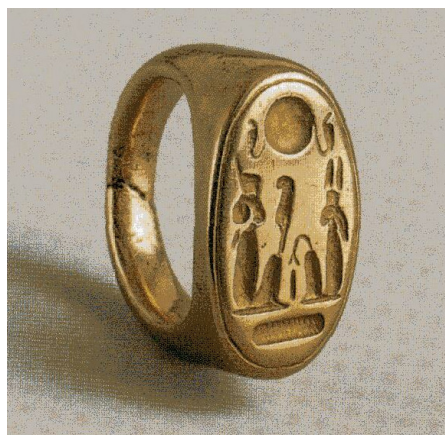


Fig. II.36 – Anel de ouro, talvez proveniente de Amarna, mostrando Akhenaton e Nefertiti como Chu e Tefnut. *Metropolitan Museum of Art*.

Na fig. II.35, Nefertiti repete o mesmo gesto do esposo, mas com uma bandeja diferente, porquanto ostenta o que parece ser uma estatueta que a representa. Isto pode corresponder ao seu papel de esposa de um soberano que vive em/de *maet*, entendida como princípio ético, jurídico e filosófico. O seu gesto parece corresponder a uma oferta de $\text{𓏏}m^3t$, Maet, como se fazia antes e se fará depois do reinado de Akhenaton. Todo o imenso conteúdo maético estava corporizado numa deusa, Maet, formalmente identificada com Tefnut.

4.2. Cenas da vida política

É sempre difícil separar religião e política num país onde o conceito de Estado se ligava tão intimamente com o primeiro destes conceitos²⁴¹. Esta situação, ainda presente nos países islâmicos mais tradicionais, está longe da que se vive nos países do Ocidente onde a influência religiosa é, hoje, muito menos visível.

Na nossa leitura do *corpus* iconográfico disponível destacamos quatro tipos de cenas onde a dimensão ou realidade política nos parece mais evidente: Esmagamento dos inimigos do Egito, Recepção de tributos, Jubileu real e Nomeação de funcionários.

²⁴¹ Na verdade, a ordem política perfeita era obra do governo dos reis-deuses e devia sempre ser repetida e garantida pelos soberanos, seus sucessores

Trataremos, de imediato, os três primeiros temas, com particular destaque para o caso da recepção de tributos, sendo, o último, apresentado, mais adiante, no § 5.1.

4.2.1. Esmagamento dos inimigos

O esmagamento dos inimigos estava implícito no dever, que a cada rei cumpria, de eliminar os animais ferozes, como o faz Amen-hotep III, ou os igualmente ferozes e diabolizados adversários do país, restos da desordem primitiva e, por isso mesmo, contrastando com o Egito, obra acabada e maética dos deuses. Embora esta cena não faça parte das decorações tumulares, era característica dos templos, aparecendo na sua face exterior e bem à vista de quem deles se aproxima²⁴². Amen-hotep IV não deixou de se fazer representar, no templo de Karnak, executando este massacre ritual (fig. II.37).

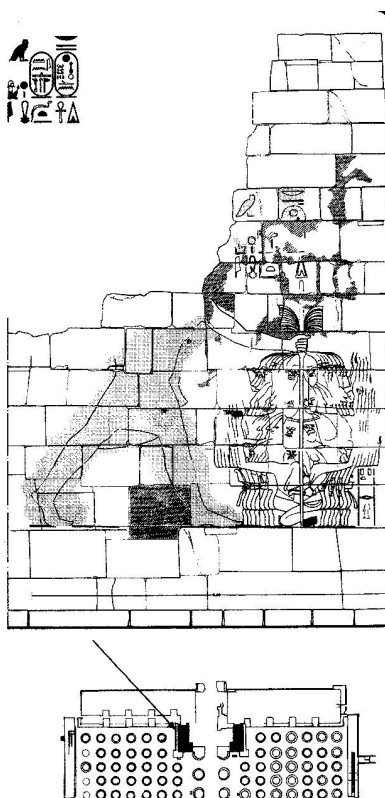


Fig. II.37 – Vestígios da cena de massacre ritual dos inimigos. Podem ser vistos na anteporta que Amen-hotep IV mandou gravar, à entrada do terceiro pilone do templo de Karnak.

²⁴² SALES, José das Candeias, *Poder e Iconografia no Antigo Egito*, pp. 132-138.

Paralelamente, a rainha massacra as inimigas do Egipto (fig. II.38).

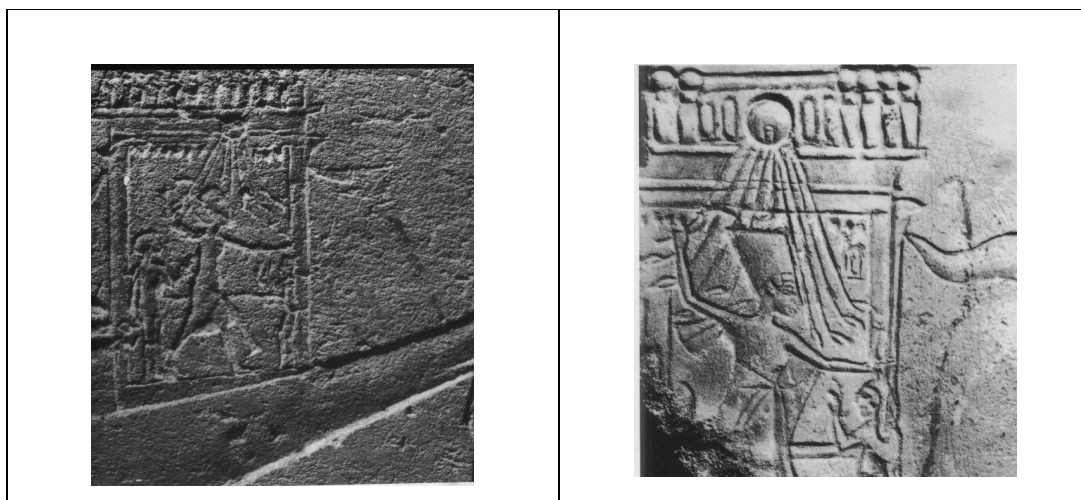


Fig. II.38 – Akhenaton esmaga os inimigos e Nefertiti as inimigas do Egipto. Decorações das barcas reais do rei e da rainha, de acordo com um *talatat* proveniente de Hermópolis.

Parece perfeitamente natural que cenas deste tipo integrassem os templos de Aton. Um *talatat* proveniente de Tebas (II.39) mostra mesmo o deus entregando ao rei as armas com que ele massacra os seus inimigos.

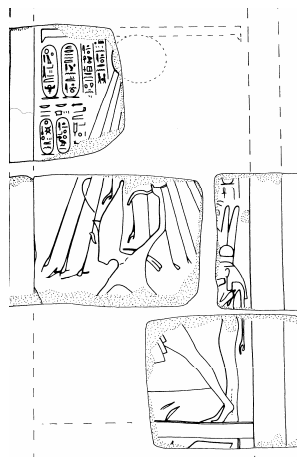


Fig. II.39 – Amen-hotep IV recebendo de Aton as armas com que abate os inimigos do Egipto. Cena reconstruída a partir de blocos de construção do *Teni-Menu* em Karnak. Bergerot (dir.), *Akhenaton et l'époque amarnienne*, p. 49.

4.2.2. Recepção de tributos

A recepção de tributos traduzia um conceito «imperial», aliás muito teórico, e que talvez deva ser lido como «comércio». Os túmulos de Huya (TA 1), parede ocidental, e de Meriré II (TA 2), parede oriental, mostram uma entrega de tributos que ocorreu no ano 12 e não é representada em mais nenhum túmulo.

Têm sido apresentadas algumas hipóteses explicativas para este acontecimento. Para Frederick Giles, um partidário da co-regência entre Amen-hotep III e seu filho, as palavras *hꜥ(w) nsw-bit(y) Nfr-hprw-Rꜥ Wꜥ-n-R*, «aparição do rei do Alto e do Baixo Egito, Neferkheperuré Uaenré» referir-se-iam ao início do governo de Akhenaton como soberano único, uma festa da coroação, portanto²⁴³. As investigações de Marc Gabolde mostraram, todavia, que tal co-regência não se verificou²⁴⁴.

De acordo com a Estela de Buhen, houve «no ano [1]2 (?), terceiro mês da Inundação, dia 20», uma pequena revolta núbia na região de Ikayta. Como vemos, nesta reconstituição textual de William Murnane²⁴⁵, a data é duvidosa e Marc Gabolde limita-se a dizer que o mais que é possível admitir é que a revolta teve lugar depois do ano 5, atendendo ao uso da segunda fórmula canónica do nome de Aton²⁴⁶. Esta opinião não é partilhada por Ian Shaw que admite o ano 12 como data da campanha núbia²⁴⁷. Se assim foi, poderíamos estar perante um desfile de comemoração. De facto, as imagens do túmulo de Huya e de Meriré II (figs. II.40, II.42) mostram africanos amarrados. É possível que estes figurem aqui, juntamente com os tributos pagos pela Núbia, e com a adição de presentes oferecidos por reis de países vizinhos.

Tudo isto parece ter sido integrado num espectáculo de propaganda real, adequado a um momento em que o Egito via despontar a ameaça dos Hititas.

Podemos encontrar nestas cenas-cerimónias uma certa «sequência lógica» que se nos afigura organizada segundo os seguintes tópicos: Huya mostra a família real saindo do palácio enquanto Meriré II descreve a cerimónia.

²⁴³ GILES, Frederick J, *The Amarna age: Egypt*, pp. 71-75.

²⁴⁴ GABOLDE, Marc, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, pp. 62-97.

²⁴⁵ «Estela de Buhen», MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, pp. 101-102.

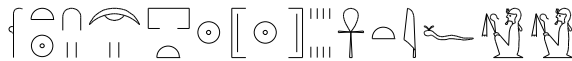
²⁴⁶ GABOLDE, Marc, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, p. 76.

²⁴⁷ SHAW, Ian, *The Oxford History of Ancient Egypt*, p. 270.

4.2.2.1. A família real dirige-se para o lugar da cerimónia

A acção desenvolve-se da esquerda para a direita. Suas Majestades abandonam o palácio, num belíssimo palanquim, aos ombros de doze portadores, acompanhados por flabelíferos (fig. II.40-41) O casal régio está sentado lado a lado e a sua pose rígida contrasta com o abandono característico de tantas outras representações. Akhenaton ostenta a coroa vermelha do Baixo Egipto (*decheret*), a maça piriforme (*hedj*) o ceptro *hekat* e o ceptro *nekhakha*. A estranha coincidência entre o casal não permite distinguir se Nefertiti usa a sua coroa habitual ou optou, igualmente, pela *decheret*. No fundo, tudo se passa como se o rei e a rainha se tivessem fundido num só princípio andrógino e soberano, figurando Aton sobre a terra. Na análise que faz desta cerimónia, Nicholas Reeves sugere que se trata da promoção da rainha ao estatuto de co-regente²⁴⁸. Depois da morte de Akhenaton, Nefertiti teria, segundo o mesmo autor, ocupado o trono, com o novo nome de Smenkhkaré. É possível, mas não há provas que assim tenha acontecido.

A cena do túmulo de Huya mostra ainda as princesas, caminhando na retaguarda, seguidas pelas suas aias. Só Meritaton e Maketaton, as duas mais velhas estão aqui representadas²⁴⁹. Estamos perante uma cena histórica, convenientemente datada:



h3t-sp 12 3bd 2 (-nw n) prt sw 8 ʕnh ity

Ano 12, mês 2, (estação de) Peret, (dia) 8. Viva o pai duplamente divino.²⁵⁰

Diz o texto:

ʕnh Rʕ hk3 m 3hty hʕy m 3ht m rn.f m šw (nty) ii m ʕtn di ʕnh dt (n)hh hʕ(w) nsw-bit(y) Nfr-hprw-Rʕ Wʕ-n-Rʕ hmt-nsw ʕt mrt.f Nfr-nfrw-ʕtn Nfrt-iti ʕnh tidt (n)hh hr k3yt st ʕt n(t) dʕm r šsp inw h3rw K(3)š Imntt i3btt h3st nb dmd m sp wʕ iw hry-hr n w3d-wry hr m-ʕ sby inw n nsw hr tw isbt ʕt n 3ht-ʕtn n šsp b3kw n h3st nbt hr irt n.sn t3w ʕnh

«Viva Ré, soberano dos dois horizontes, que rejubila no horizonte, no seu nome de “A luz que vem do disco solar”» e dotado de vida eternamente e para sempre. Aparição do rei do Alto e do Baixo Egipto, Neferkheperuré-Uaenré (e da) grande esposa real, Neferne-feruaton Nefertiti – que ela viva eternamente e para sempre – sobre a alta e grande cadeira de *electrum* para receberem os tributos de Kharu (Palestina) de Kuch (Etiópia), das terras estrangeiras do Ocidente e do Oriente, todas unidas a um tempo, e das ilhas que estão no oceano. Elas estão a apresentar tributos ao rei que (se sinta) no grande trono de Akhetaton, (o trono onde vai)

²⁴⁸ REEVES, Nicholas, Akhenaten. *Egypt's False Prophet. Akhenaten*, p. 172. A mesma hipótese é admitida por FLETCHER, Joann, *The search for Nefertiti*, p. 314.

²⁴⁹ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, Pls. V, XIII.

²⁵⁰ *Ibidem*, ln. 57.

receber os produtos de todas as terras estrangeiras, enquanto lhes é concedido o sopro da vida²⁵¹.

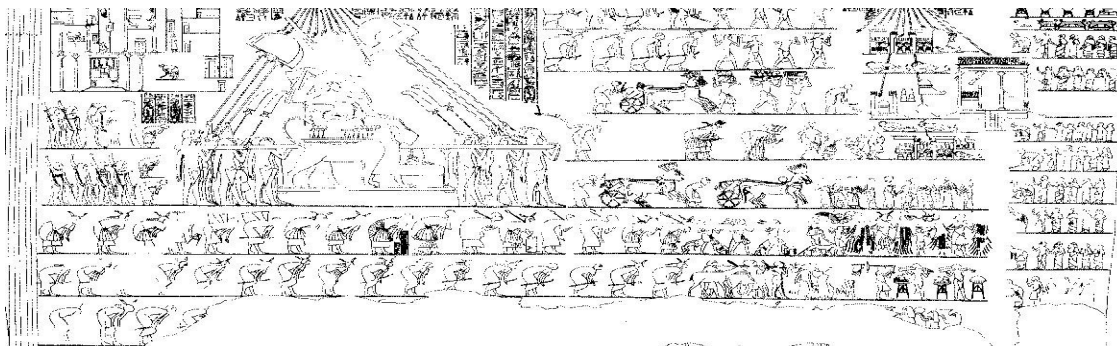


Fig. II.40 – Recepção dos tributos. O casal régio é transportado em ombros num trono até ao local da cerimónia, acompanhado pelas princesas Meritaton e Maketaton. Túmulo de Huya, TA 1, parede ocidental (Pls. XIII-XV).

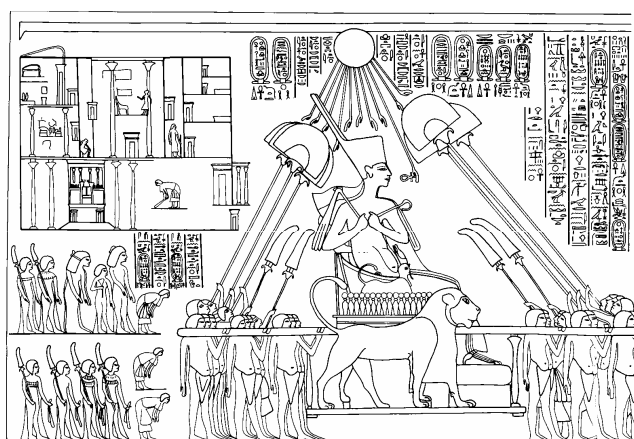


Fig. II.41 – Akhenaton e Nefertiti são conduzidos em ombros para a festa de entrega de tributos do ano 12. Túmulo de Huya, TA 1 (Pl. XIII).

Um sacerdote, ostentando uma fita e duas penas em volta da cabeça precede o palanquim, queimando incenso. Três companheiros, identicamente ataviados, vão adiante, escoltados por guardas e assistem à execução de uma dança, realizada diante das oferendas prontas a serem entregues a Aton²⁵².

²⁵¹ *Ibidem*, Ins. 58-67.

²⁵² Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p.11.

À frente do palanquim, os condutores levam duas bigas reais, antecedidas por soldados que arrastam pelo pescoço o já anteriormente referido grupo de prisioneiros africanos. Na região imediatamente abaixo seguem outros soldados armados de bastões curvos. No meio deles, encontramos Huya, devidamente identificado e um outro oficial, cujo nome não foi registado, precedidos por seis soldados que levam, ao ombro, machados de lâmina curva ²⁵³. Acompanham um grupo de soldados egípcios que transportam os *inu*, «tributos». Trata-se de bens geralmente conotados com a Núbia e outros países do Sul: macacos, um leopardo, dois antílopes, dentes de elefante. O triste gado humano está igualmente representado, agora, por mulheres, transportando os filhos às costas²⁵⁴. Outros soldados levam peles e anéis de ouro e dois conjuntos de metal trabalhado, representando a típica vegetação do sul, cadeiras de madeiras preciosas, especiarias, sacos de ouro. Um grupo de mulheres, tocando tambores e adufes dá uma nota de alegria ao cortejo²⁵⁵. As três filas superiores mostram outros soldados que transportam bens muito diferentes: dois carros, lingotes de cobre²⁵⁶ louças, taças preciosas e um belíssimo vaso de grandes dimensões. Parece estarmos perante produtos das ilhas gregas, talvez de Chipre, cujo rei mantinha relações diplomáticas com o Egito.

A procissão real dirige-se para um pequeno grupo de edifícios, o maior dos quais é um pavilhão aberto, erguido sobre uma plataforma e com um conjunto de degraus em cada um dos seus quatro lados. O telhado é suportado por doze colunas, quatro de cada lado, e paredes baixas e encimadas por *uraei*, ligando as três colunas em cada canto. Em direcção oposta ao pavilhão está uma plataforma mais pequena com um acesso no qual foi construída uma capela, contendo uma mesa de altar, com pilhas de oferendas. Entre as duas plataformas estão dois pequenos altares do mesmo modelo do grande altar do pátio do templo. À esquerda e à direita há armazéns para o serviço desses altares e a representação de vítimas sacrificiais mostra que tinha em mente uma cerimónia religiosa de alguma grandeza²⁵⁷.

²⁵³ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p.11.

²⁵⁴ *Ibidem*, p.11.

²⁵⁵ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, Pl. XV-a, registo inferior.

²⁵⁶ De tipo idêntico ao encontrado numa cena gravada no templo de Karnak. Amen-hotep II estica o arco, de pé, no seu carro de guerra. No chão está um lingote de cobre perfurado por cinco setas. Ver JANSEN and JANSEN, *Growing up and getting old in Ancient Egypt*, p. 110.

²⁵⁷ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p.12.

A região à esquerda da fig. II.34 contrasta com a procissão: é constituída por gente que aguarda a chegada do rei. Os trajes identificam-nos como representantes da Síria estão distribuídos por nove grupos de quatro a seis cada um, conduzido por um militar e o que parece serem intérpretes. Os seus presentes, constituídos por vasos com tampa e pegas decoradas com cabeças de animais, estão dispostos em suportes para a inspecção real, juntamente com algumas tigelas abertas, de forma simples mas talvez com valiosos conteúdos²⁵⁸.

4.2.2.2. A grande apresentação de tributos do ano 12.

A parede oriental do túmulo de Meriré II (TA 2) (fig. II.36) mostra igualmente a recepção de tributos (fig. II.42). A datação é agora mais completa:



h3t-sp 12 3bd 2 (-nw n) prt sw 8 (hr hm n) nsw-bit(y) ʕnh m m3ʕt nb t3wy

Ano 12, mês 2 (da estação de) Peret, (dia) 8, (sob a majestade do) rei do Alto e do Baixo Egipto, que vive em *maet*, o senhor das Duas Terras²⁵⁹

A explicação da cena é semelhante à do túmulo de Huya:

hʕw (n hm.f) hr st it.f p3 Itn ʕnh m m3ʕt iw wr nw h3st nbt hr mʕ sbi inw n nsw n hr dbh htp m di.fr šs(n)t t3w ʕnh

Aparição (de sua majestade) sobre o trono de seu régio e divino pai, o Aton que vive em *maet*, quando os chefes de todas as terras estrangeiras estão a apresentar tributos ao rei e pedem a paz para que ele (lhes) conceda a respiração do sopro da vida²⁶⁰.

O rei ocupa o centro da composição, acompanhado pela sua família. Todos se abrigam num pavilhão sustentado por colunas com um triplo capitel, representando o papiro, o lótus e o lírio sobrepostos. O casal senta-se em cadeiras almofadadas e descansa os pés sobre duas outras almofadas. Tal como no túmulo de Huya (TA 1), a rainha funde-se completamente na imagem do esposo, embora se possa ver que enlaça com o braço direito a cintura e aperta a sua mão esquerda²⁶¹.

²⁵⁸ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p.11.

²⁵⁹ Túmulo de Meriré II, TA 2, ln. 60. Cf. Huya, TA 1, ln. 57.

²⁶⁰ Túmulo de Meriré II (TA 2) DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, lns. 63-66.

²⁶¹ Túmulo de Meriré II (TA 2), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p.39. Trata-se de uma pose normal entre marido e mulher, quando estão sentados. Ver TYLDESLEY, Joyce, *Daughters of Isis*, pp. 26-27.

Desta vez, todas as filhas reais estão presentes, acompanhadas pelas suas aias. As irmãs mais velhas estão de mãos dadas. Numa fila paralela, Neferneferuré segura uma pequena gazela a qual Setepenré acaricia com a ponta do dedo indicador. Neferneferuatón tacherit olha em frente e parece igualmente segurar um outro pequeno animal²⁶².

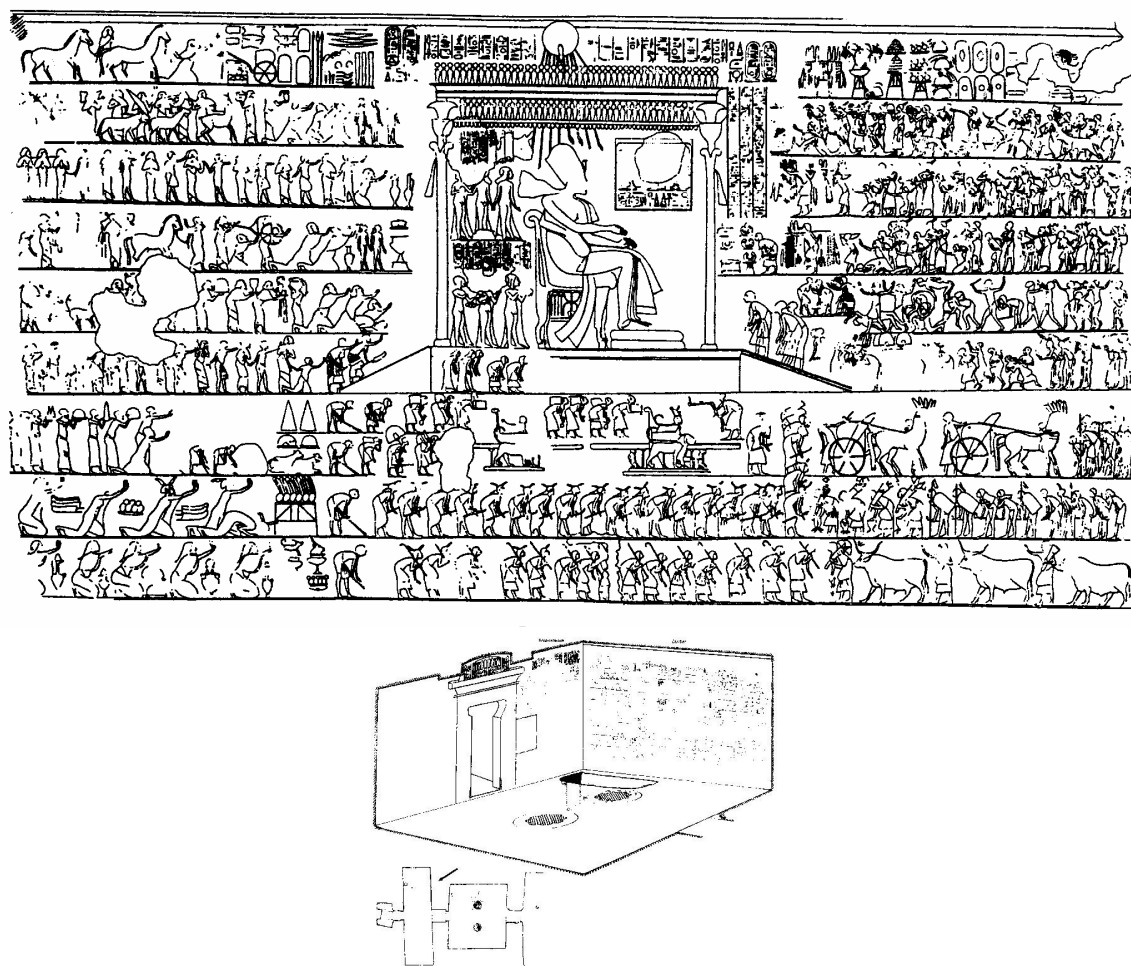


Fig. II.42 – Akhenaton, Nefertiti e suas filhas durante a festa de entrega de tributos do ano 12.
Túmulo de Meriré II, TA 2, parede oriental. (Pls. XXXVIII-XL).
Em baixo: localização da cena no túmulo.

No registo superior da cena foram reunidas amostras do tributo: dois cavalos, um carro de guerra, arcos e flechas, peças de tecido, escudos, dentes de elefante, duas pilhas de lingotes (de ouro?) e mesas cobertas de sacos de ouro em pó, pequenas árvores num vaso e um jugo onde foram apenas peles de animais, penas de avestruz e anéis de ouro suspensos em longas

²⁶² Túmulo de Meriré II (TA 2), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p.39.

cadeias. Em baixo, os núbios trazem outras oferendas: antílopes, gado e mesmo um leopardo domesticado. A componente humana está representada por cerca de doze cativos, entre os quais mães acompanhadas dos seus filhos.²⁶³ O regozijo dos Egípcios patenteia-se através de jogos militares, luta livre, boxe e luta de pau, onde os soldados mostram a sua boa forma física²⁶⁴.

Meriré II e quatro oficiais, devidamente curvados, estão diante do trono para se apresentarem ao rei. Seguem-nos flabelíferos e portadores de guarda-sóis que parecem acompanhar chefes militares. Podemos admitir que se trataria dos comandantes da força militar que jugulara a rebelião da Núbia²⁶⁵ ou de alguma outra, encarregada de recolher tributos, embora não se conheça nenhuma referência textual do facto. Perto do dossel, três colares de ouro e dois cofres parecem destinados a recompensá-los. Um bando de garotos segue ruidosamente estes importantes senhores, dançando e fazendo caretas²⁶⁶.

Os povos representados à esquerda têm o aspecto de Sírios, cabelo espesso ou rapado e barbas compridas, e envergam túnicas apertadas. No topo da figura está agrupada uma grande parte das oferendas, consistindo em aljavas, arcos, cimitarras e adagas, escudos, lanças, capacetes (?) uma biga e dois cavalos trazidos à mão.

A fila mais abaixo é iniciada por três meninas, talvez para ornamentação do harém real²⁶⁷. Seguem-se dignitários ajoelhados e de mãos erguidas que poderão ser embaixadores. Trazem vasos de metal, um cofre, uma presa de elefante, arcos e setas e três animais, respectivamente um antílope, um orix e um leão. Também não faltam os cativos ou escravos, algemados e conduzidos por egípcios²⁶⁸. O registo seguinte parece referir-se a uma delegação separada que trouxe duas raparigas, um carro e a sua parelha e vários vasos finamente trabalhados, um dos quais com uma tampa representando uma cabeça de leoa. Paralelamente,

²⁶³ Tudo isto está, como vimos, representado no túmulo de Huya (TA 1).

²⁶⁴ Estas lutas, que faziam parte do treino militar, tinham igualmente lugar em funerais e outras ocasiões solenes. Estão representadas nas cenas do *heb-sed* de Amen-hotep III, no túmulo de Kheruef e no templo de Medinet Abu. Ver, respectivamente, MC DERMOTT, Bridget, *Warfare in Ancient Egypt*, pp. 109-111; VARANDAS, José, «Viver no exército», *Hapi*, ano 2013, nº 1, p. 131.

²⁶⁵ A rebelião descrita na Estela de Buhen a que já nos referimos na comentário à cena do túmulo de Huya.

²⁶⁶ Túmulo de Meriré II (TA 2), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p.40.

²⁶⁷ *Ibidem*, p.40.

²⁶⁸ *Ibidem*, p.39. A presença de prisioneiros reforça a nossa ideia de que poderiam ser sobreviventes da revolta núbica.

outra delegação síria traz igualmente vasos de metal, antílopes e escravos, incluindo mulheres e crianças²⁶⁹.

Abaixo do nível do dossel, há uma nova delegação que oferece cereais, incenso, vitelos e peças de metal talhadas em forma de obeliscos e pirâmide. No penúltimo registo, líbios trazem ovos e penas de avestruz e finalmente, no último estão representados os hititas (?) que fazem jus à sua fama de metalúrgicos²⁷⁰, com altos vasos preciosos, animais ou cabeças de animal. Os povos das ilhas mediterrânicas citados por Huya não parecem estar aqui representados

Um grande corpo de tropas egípcias está presente e a presença dos gordos bois sacrificiais parece indicar que a festa irá culminar com uma cerimónia religiosa em agradecimento a Aton.

4.2.3. O jubileu real

O *Heb-sed*, «Jubileu» era ritual mágico e religioso, remontando aos primeiros reis, que permitia ao monarca em funções renovar a sua força física e os seus poderes que se iam desgastando com o tempo. Era, em princípio, realizado ao fim de trinta anos de reinado e podia ser posteriormente repetido, a intervalos regulares, em média, de três em três anos²⁷¹. Isto nem sempre acontecia. Montuhotep II parece tê-lo celebrado ao fim de dois anos²⁷² e sabe-se que Amen-hotep IV realizou um jubileu atípico no ano 4 do seu reinado²⁷³. Todavia, este acontecimento realizado em Tebas não faz parte da iconografia de nenhum dos túmulos estudados neste trabalho.

O *heb-sed* remonta, pelo menos, à I dinastia, estando representado numa placa de ébano do Hórus Den (fig. II.43).

²⁶⁹ Túmulo de Meriré II (TA 2), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. II, p.40.

²⁷⁰ Efectivamente a Anatólia era rica em minérios de cobre e prata que eram exportados. O ferro, devido às temperaturas requeridas para a sua fusão e à especificidade do seu trabalho desenvolveu-se mais tarde. Como permite o fabrico de armas de muito melhor qualidade que as de bronze, era muito procurado. Os reis hititas controlavam cuidadosamente a produção de armas de ferro, oferecendo algumas a título muito excepcional. Gurney, O. R. *The Hittites*, pp. 80-81; LUCAS, A., HARRIS, J. R., *Ancient Egyptian materials and industries*, p. 237.

²⁷¹ SHAW, Garry J., *The Pharaoh. Life at court and campaign*, pp. 97-99.

²⁷² LLOYD, Alan B., *Ancient Egypt*, p. 69

²⁷³ Sobre o jubileu de Amen-hotep IV, ver GOHARY, Jocelyn, «Akhenaten' Sed-festival at Karnak», London and New York: Kegan Paul International, 1992.

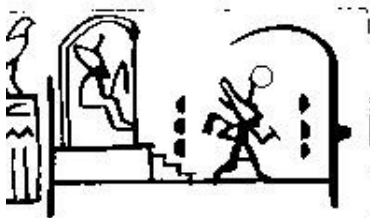


Fig. II.43 – O jubileu do Hórus Den. O rei está representado primeiro no seu trono e, depois, correndo entre as seis marcas que representam o limite do seu reinado.

Nela vemos o rei no seu pavilhão, envergando uma veste comprida e sentado no trono, o qual, posteriormente, abandona para fazer uma corrida, num espaço limitado por dois conjuntos de três marcos. Sabemos também que o jubileu de Djoser (III dinastia) foi celebrado no seu complexo funerário, em Sakara. Chegaram até aos nossos dias cenas da cerimónia²⁷⁴. Outros registos sobrevivem no templo de Niuserré (IV dinastia) em Miuer (Abu Ghurab), no de Amen-hotep III em Soleb e nos relevos de Osorkon II (XX dinastia) em Bubástis²⁷⁵.

O modo como o festival era conduzido variou com o tempo²⁷⁶; a interpretação dos seus ritos e a ordem pela qual se seguiam é difícil²⁷⁷. Pode no entanto admitir-se, com Garry Shaw²⁷⁸ que haveria uma fase preparatória de reunião dos deuses do Norte e do Sul do Egipto no local da cerimónia e sua colocação em pavilhões de madeira e fibras vegetais²⁷⁹. Seguir-se-iam então os vários momentos do ritual²⁸⁰.

Envergando a sua veste comprida, o rei visitava cada um dos deuses, fazendo «Uma oferta de todas as coisas boas e puras a todos os deuses da *itr*, «fila de altares» do Norte» e repetindo o mesmo gesto para a «fila dos deuses do Sul», enquanto a rainha, agitava um

²⁷⁴ BAUD, Michel, *Djoser et la III^eme dynastie*, p. 172 ; KEMP, Barry, *Ancient Egypt. Anatomy of a civilization*, pp. 58-59.

²⁷⁵ GOHARY, Jocelyn, *op. cit.*, p. 9.

²⁷⁶ KEMP, Barry, *Ancient Egypt*, pp. 59-62.

²⁷⁷ SALES, José das Candeias, *Poder e Iconografia no Antigo Egipto*, p. 52; SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias*, p. 371.

²⁷⁸ SHAW, Garry J., *op. cit.*, p. 98.

²⁷⁹ KEMP, Barry, *Ancient Egypt*, pp. 59-62.

²⁸⁰ SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias*, p. 371.

sistro²⁸¹. Fazia a sua entrada num pavilhão especial, provido de dois tronos, do Norte e do Sul do Egipto, onde sucessivamente se sentava e recebia as respectivas coroas (fig. II.44). A rainha, personificando Maet, colaborava na cerimónia enquanto as filhas reais entoavam cânticos.



Fig. II.44 – O rei, sentado nos tronos do Norte e do Sul, e ostentando as respectivas coroas.

Procedia depois, identificando-se com Osíris, à cerimónia de elevação do pilar *djed*.

Seguia-se uma corrida ritual, na companhia do boi Ápis, encarnação do deus Ptah de Mênfis, num espaço definido por marcas, simbolizando a extensão do seu reino (fig. II.45). O rei apresentava-se vestido com uma tanga ou um simples estojo fálico e empunhava o seu chicote *nekhakha*. Entretanto o gado executava quatro voltas à cidade e o rei disparava quatro setas, uma em cada ponto cardeal.

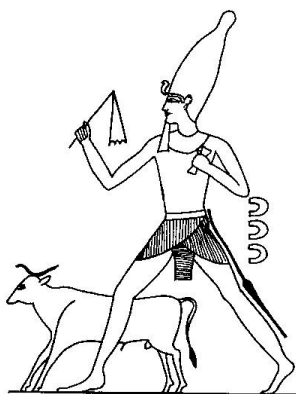


Fig. II.45 – Corrida ritual do rei, acompanhado pelo boi Ápis.

²⁸¹ UPHILL, Eric, «The Egyptian sed-festival rites», *Journal of Near Eastern Studies*, vol. 24, nº 4, 1965, pp. 365-383.

O rei rejuvenescera, o «velho rei», sob a forma de uma estátua, tinha sido enterrado²⁸². Recebia agora os presentes dos seus funcionários que, aliás, tinha previamente agraciado. Na sua análise do jubileu de Osorkon II, Eric Uphill refere-se ainda a ritos secretos, praticados no túmulo, envolvendo a morte aparente e a ressurreição do rei²⁸³.

Consideraremos agora o caso particular do primeiro e o terceiro jubileus de Amen-hotep III, pela sua relevância entre as cenas e temas de carácter político que surgem no túmulo do alto funcionário pré-amarniano que foi Kheruef.

4.2.3.1. O primeiro jubileu de Amen-hotep III

Da iconografia do túmulo do mordomo Kheruef (TT192) fazem parte representações do primeiro e do terceiro jubileus de Amen-hotep III.

A primeira destas grandes solenidades está representada no pórtico ocidental, corredor sul, correspondendo, no seu conjunto à Pl. XXIII da transcrição de Wente²⁸⁴ (fig. A.II.13). A segunda encontra-se no pórtico ocidental, corredor norte, correspondendo no seu conjunto à Pl. XLVII da mesma transcrição (fig. A.II.14).

A sub-cena principal, no sentido em que é origem e términos de toda a reportagem, mostra Amen-hotep III revestindo o traje de jubileu e ostentando todos os símbolos do poder real (fig. II.46). Está sentado no seu trono, erguido sobre uma alta plataforma. Acompanham-no a deusa Hathor e a rainha Tié.

Sobre o tecto do pavilhão, à esquerda e à direita do Sol alado, emblema de Hórus de Behedet:

Bḥdt(y) ntr ʿ3 s3b šwt nb pt nb Msn

O Behedita, deus grande de variegadas plumas, senhor do céu, senhor de Mesen²⁸⁵

²⁸² HORNUNG, Erik, «O Rei», em DONADONI, Sérgio (Ed.), *O Homem Egípcio*, p. 259.

²⁸³ UPHILL, Eric, *op. cit.*, pp. 377-380.

²⁸⁴ WENTE, Edward F. (trad.), «The tomb of Kheruef», *Epigraphic Survey*, OIP 102.

²⁸⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 447. O epíteto de *Behedita* refere-se a Behedet, cidade mais a norte do Egipto. Actualmente, é designada por Tell el-Balamûn. O Hórus de Behedet era o deus principal de do décimo sétimo nomo do Baixo Egipto. Mesen era uma cidade do Baixo Egipto, perto de Kantarah. O Hórus de Mesen era uma divindade importante do segundo nomo do Alto Egipto, que ocupava a região de Edfu. SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias*, pp. 434-435.

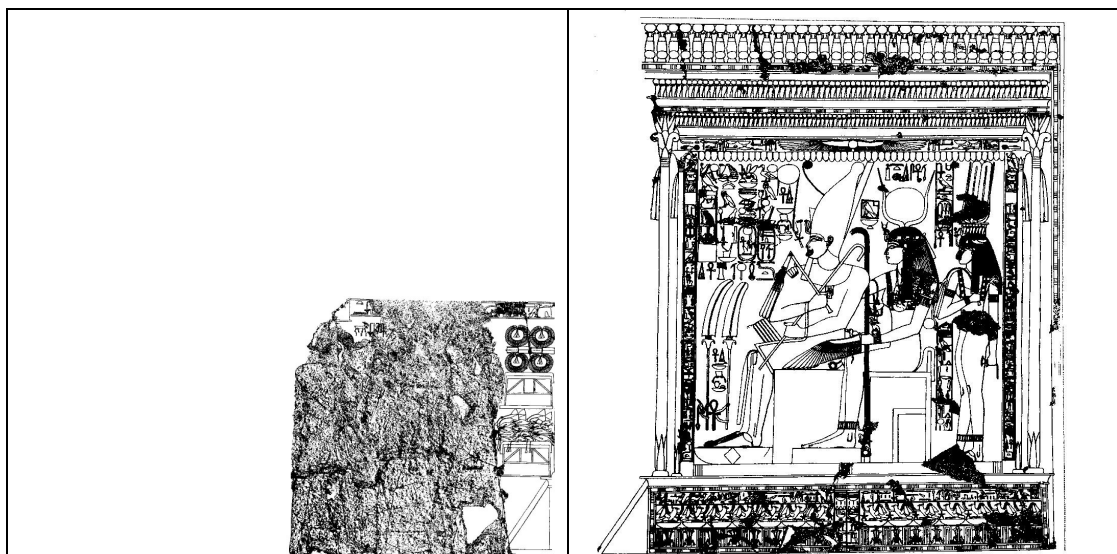


Fig. II.46 – À direita: Amen-hotep III e a rainha Tié, entronizados e na companhia da deusa Hathor. À esquerda: Os reis concedem uma recompensa a Kheruef. Túmulo de Kheruef, TT 192, pórtico ocidental, extremidade sul, Pls. XXVI-XXX.

Diante de Amen-hotep III discriminam-se os seus régios nomes, à excepção do nome de «Hórus de ouro».

R^c-Hr-3hty whm hb(w)-sd nbty h^ci m hdt wtš mh-s nsw bit(y) nb t3wy nb ir(t) ht Nb-M3^ct-R^c s3 R^c hnm hrp shmty Imn-htp hk3 W3st di ʿnh ddt w3s mi R^c dt

Ré-Horakhti²⁸⁶, touro poderoso que repete os jubileus. As duas senhoras, aparecendo com a coroa branca e erguendo a coroa do Baixo Egipto. Rei do Alto e do Baixo Egipto, senhor das Duas Terras, senhor dos rituais, Nebmaetré. Filho de Ré que assume o controle da coroa dupla, Amen-hotep, governante de Tebas, dotado de vida, estabilidade e autoridade, como Ré²⁸⁷.

Sob o disco solar sobrepujado por uma serpente, ostentando o símbolo da vida:

di ʿnh nb 3wt-ib nbt, «Dotado de toda a vida e de toda a alegria»²⁸⁸.

Suporte esquerdo:

R^c-Hr-3hty h^ci m M3^ct ntr nfr ir hbw-sd mi it.f Hr T3(t)nn nb im3hw mi Mnw hr st wrt nsw bit(y) nb t3wy nb ir(t) ht Nb-M3^ct-R^c s3 R^c mr.f Imn-htp hk3 W3st Pth rsy inb.f mry.f di ʿnh mi R^c dt

²⁸⁶ Repare-se nesta forma de iniciar o nome, diferente do simples Hórus que inicia o protocolo habitual de Amen-hotep III. Não é de estranhar para alguém que se considerou o «Aton brilhante».

²⁸⁷ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 448.

²⁸⁸ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 449.

Ré-Horakhti, aparecendo em Maet. Deus perfeito, celebrando jubileus como seu pai Hórus Tatenen, senhor reverenciado como Min sobre o grande trono. Rei do Alto e do Baixo Egipto, senhor das Duas Terras, Nebmaetré. Filho de Ré, seu amado, Amen-hotep, governante de Tebas, e de Ptah, que está a sul do seu muro, seu amado, dotado de vida como Ré²⁸⁹.

Suporte direito:

R^c-Hr-3hty h^ci m M3^ct ntr nfr s3 Imn sh^ci.n.f hr st.f tp t^c r irt mr rt k3.f nsw bit(y) h^ck3 p^cdt-9 nb-t3wy nb ir(t) ht Nb-M3^ct-R^c s3 R^c n ht.f mr.f Imn-htp h^ck3 W3st hr(y)-ib hwt Skr mry(f) di ^cnh dt

Ré -Horakhti, aparecendo em Maet. Deus perfeito, filho de Amon. Instalado por ele no seu trono sobre a terra, para fazer o que o seu *ka* desejar Rei do Alto e do Baixo Egipto, governante dos nove arcos, senhor das Duas Terras senhor dos rituais, Nebmaetré, filho de Ré, do seu corpo, seu amado, Amen-hotep, governante de Tebas, no meio da casa de Sokar, seu amado, dotado de vida eternamente²⁹⁰.

A plataforma apresenta uma inscrição central duplicada: *t3w nbw h3st nbt rdwy ntr nfr pn*, «Todas as terras (planas) e todas as terras montanhosas (estão aos) pés deste deus perfeito»²⁹¹. À esquerda, linha superior:

rdit dw3 n ntr-nfr sn t3 s3 Imn in wrw h3st nbt w3w3t(yw) m nnw Kmt

Dando louvores ao deus perfeito, beijando a terra ao filho de Amon pelos chefes de todas as terras estrangeiras e os habitantes de Uauat²⁹² que não conheciam o Egipto.

À direita, linha superior:

rdit dw3 n ntr-nfr sn t3 n h^ck3 W3st in h^ck3w h3swt nbt st3 ns Tw.sn m kswy n b3w hm.f

Dando louvores ao deus perfeito, beijando a terra ao governante de Tebas por todos os príncipes dos países estrangeiros, (cuja) língua é difícil e que vieram e estão curvados (diante do) poder de sua majestade²⁹³.

Kheruef não hesita em introduzir a sua presença neste momento especialmente solene. Aproveita para nos mostrar que os seus esforços na organização da cerimónia foram devidamente considerados: *fk3 hrp-^ch imy-r pr (hmt-nsw wrt Tiy ...hr ^cwy) nsw*, «Recompensando o administrador do palácio mordomo (da grande esposa real, Tié e das mãos) do rei»²⁹⁴.

²⁸⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 450.

²⁹⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 451.

²⁹¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 452-454.

²⁹² Região setentrional da Núbia, junto à segunda cataracta do Nilo.

²⁹³ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 455-457.

²⁹⁴ Reconstrução de Auguste Mariette. Ver WENTE, *op. cit.*, p. 45, nota a).

Atrás de Kheruef: ... *smrw s^chw* ... , «... amigos do rei e dignitários ...»²⁹⁵

O conjunto de cenas do registo superior desenvolve-se da direita para a esquerda, culminando com a deslocação do rei na barca solar. Tem início com um resumo datado do evento (fig. II.47) ilustrado com a representação do casal régio, saindo do palácio, (fig. II.48). Diz o seguinte:

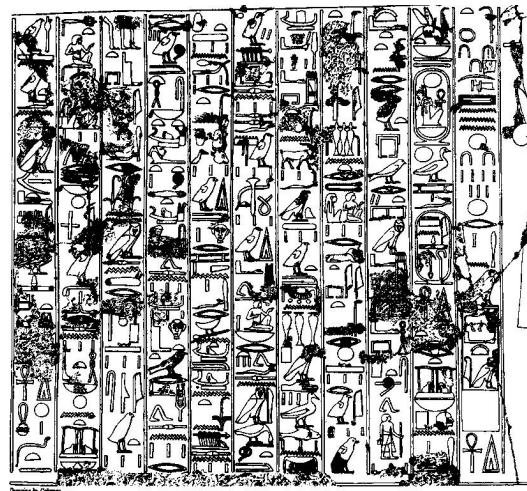


Fig. II.47 – Texto que relata a ocorrência do primeiro jubileu.
Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. XXVIII.

*h3t-sp 30 3bd 2 (-nw n) šmw sw 27 hr hm Hr k3 nht h^ci m m3^ct di ^cnh nsw-bit(y) nb t3wy Nb-
M3^ct-R^c s3 R^c mr.f^cImn-htp h^ck3 W3st di ^cnh hft irt hb-sd tp(y) n hm.f
h^cwt nsw r rwtj wrty m ^ch.f n pr h^cy st3 smrw-nsw imy-hnt rmt r rwtj rhw-nsw iryw n wi3
hrpw ^ch f^ck3.tw m nbw n hswt 3pdw rmw n nbw nbwy šsp.sn ssfw sšrw w3dw di ^ch^cw. s nb r
nmitt.f snmwt m t ^cbw- r (m) t st3(.n.)sn wi3w hr st wrt 3w 3pdw dw m hr mr n hm.f hni nt dpt
n nsw šsp.sn sinw msktt h3tt m^cndt ^ch^c(.n.)sn rdw st
In hm.f ir nn m-snt-r sšw iswt hwt rmt dr (-^c) rk imw(-b3h) nn ir.sn hb(y)t nt hb-sd wd.n.tw.f
h^ci m m3^ct s3 Imn htp hrt (n it.f) di ^cnh mi R^c dt*

Ano 30, segundo mês da estação de Chemu²⁹⁶, dia 27, sob a majestade do Hórus, touro poderoso que aparece em *maet*, dotado de vida, rei do Alto e do Baixo Egipto, senhor das Duas Terras, Nebmaetré, filho de Ré, seu amado, Amen-hotep, governante de Tebas, dotado de vida, na altura da celebração do primeiro jubileu da sua majestade.

Uma gloriosa aparição do rei (junto das) grandes portas duplas do seu palácio d'A Casa do Júbilo, arrastando os «amigos do rei», o camareiro da corte, o povo (que estava junto) das portas duplas, os «conhecidos do rei», a tripulação da barca sagrada e os administradores do palácio.

²⁹⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 458-459.

²⁹⁶ Estação das colheitas. Vai de Março a meados de Julho.

Foram atribuídas as recompensas do «Ouro do Louvor», (consistindo em) patos e peixes de ouro-*nebu*. Receberam fitas de linho verde. (Todos) foram instalados no seu lugar, de acordo com a sua posição (hierárquica), e alimentados com a comida do pequeno-almoço do rei, consistindo em pão, cerveja, carne de vaca e aves.

Foram (depois) conduzidos ao lago de sua majestade para remar²⁹⁷ na barca do rei. Receberam as cordas da barca da noite e a corda de proa da barca do dia. Arrastaram as barcas sobre o «lugar grande» e pararam junto aos degraus do trono²⁹⁸.

Foi sua majestade quem fez isto, de acordo com os escritos dos velhos tempos. As passadas gerações do povo, desde o tempo dos antepassados, não faziam estes rituais de jubileu. Para ele é que (isto) foi decretado, para o que aparece em verdade, o filho de Amon que recebe(u) o legado de seu pai e é dotado de vida, eternamente, como Ré²⁹⁹.

O rei e a rainha deixam o palácio com os seus acompanhantes.

Sobre o rei: *ntr nfr nb t3wy Nb-M3t-R s3 R mr.fImn-htp hk3 W3st*, «Deus perfeito, senhor das Duas Terras, Nebmaetré, filho de Ré, seu amado, Amen-hotep, dotado de vida para sempre».

Diante do rei: *ht m (hk3t nh3h3) in nsw*, «Aparição em glória, com o ceptro *hekhat* e o chicote *nehaha*, pelo rei»

Diante do abutre que transporta o símbolo da vida: *W3dyt di.s nh dd w3s*, «Uadjit, que ela conceda vida, estabilidade e domínio».

Sobre a rainha: *r-pt wrt hsw hnt smw t3-mhw hmt-nsw wrt mrt.f Tyi nh ti*, «Patrícia, grande em favor, senhora do Alto e do Baixo Egipto, grande esposa real, sua amada Tié, que viva!».

Diante da rainha: *ht m ... dt (sp sn)*, «Aparição em glória de ... para sempre (dizer duas vezes)».

Atrás da rainha: *(s3 nh h3).f nb mi R (r-nb)*, «(A protecção da vida está à volta) dele todo, como Ré, todos os dias».

Sobre a porta do palácio: *hfn pr hi*, «O seu palácio (chamado) Casa do Júbilo»³⁰⁰.

²⁹⁷ Como se vê, na sequência do texto, os cortesãos vão puxar à sirga a barca real e não remar nela.

²⁹⁸ Trata-se de uma cerimónia realizada durante o dia e que pretendia reproduzir o movimento do «Aton brilhante no céu», o Sol, através do percurso lacustre, interpretado pelo «Aton brilhante na terra», Amen-hotep III).

²⁹⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 430-446.

³⁰⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 501-507.

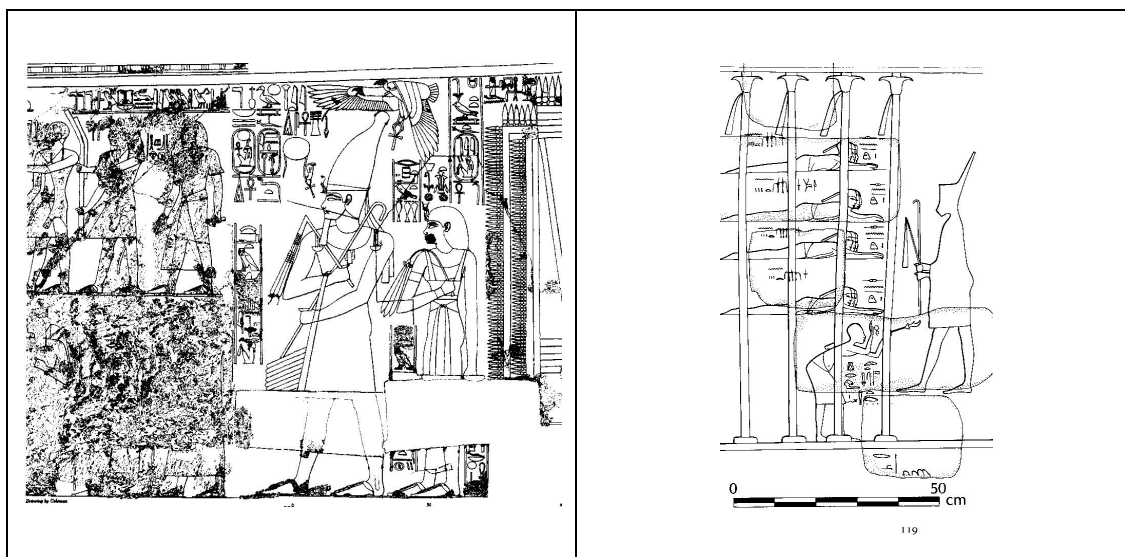


Fig. II.48 – Saindo do palácio com os seus acompanhantes. Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. XLII. À esquerda: Cena equivalente do jubileu de Akhenaton.



Fig. II.49 – Cortesãos e militares que precedem Amen-hotep III e a rainha Tié à saída do palácio
Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. XLIV.

Texto horizontal:

ntrw imiw ḥb-sd wnnyw m šmsw ḥm.h

Os deuses que estão em jubileu e os homens³⁰¹ que estão na comitiva de Sua Majestade.

³⁰¹ *wniw, wnnyw*, «os que existem, os seres humanos».

Ao lado do quinto sacerdote: *hr(y).hbt hr(y)-tp*, «Chefe dos sacerdotes-leitores», (fig. II.49). Os quatro que o antecedem são apenas chamados *hm(w)-ntr*, «sacerdotes». Os dois primeiros empunham estandartes com representações de Uepuauet. Sobre eles pode ler-se: *Wp-w3wt T3-mhw*, «Uepuauet, do Baixo Egipto», e *Nhn n nsw*, «Nekhen, do rei»³⁰²

Estamos agora perante o casal régio que navega na sua barca, Ré e Maet, no seu percurso solar (fig. II.50). Diz o texto, no seu registo superior:

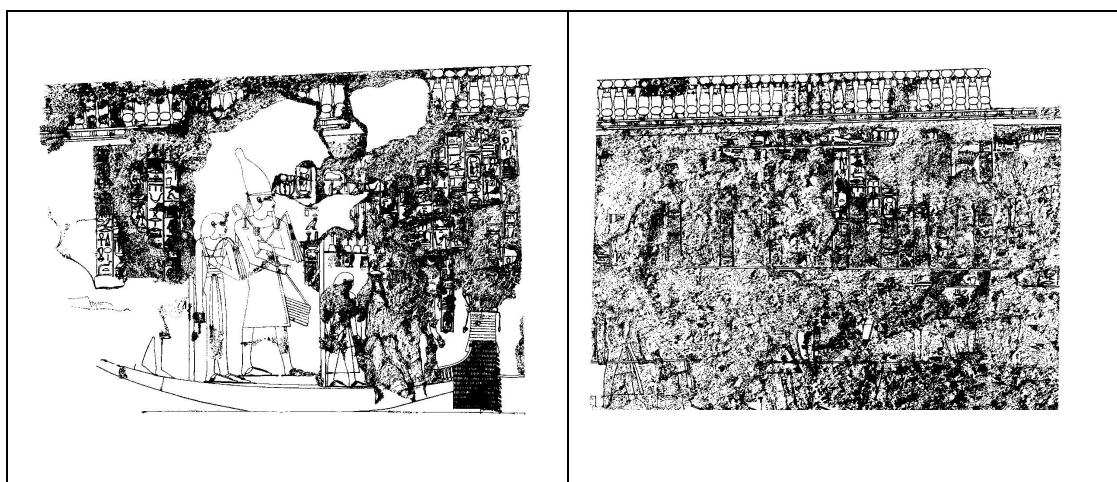


Fig. II.50 – Os cortesãos puxam à sirga a barca do dia em que Amen-hotep III e a rainha Tié navegam, acompanhados pelos seus servidores. Sentido de leitura esq., Pl. XLVI→ dir. Pl. XLV).

h3t-sp 30 3bd 2 (-nw n) šmw sw r^c 27(?) hr hm Hr k3 nht h^ci m m3^ct (di) n^ch Nbty smn hpw sgrh t3wy (Hr n nbw) 3 hpš hii (styw) nsw bit(y) nb t3wy nb ir(t) ht Nb-M3^ct-R^c s3 R^c mr.f Imn-htp h^c3 W3st ... hr hr nht s3 Imn r htp tnt3t nt ms sw m hb-sd irt hr imnt N š3^c tp w3t in hm.f r tr n h^cpy 3 r hnt ntrw hb-sd(w) ... mry-Imn irt hnt P ... (m)sktt m^cndt ...

Ano 30, segundo mês da estação de Chemu³⁰³, (dia 27?), sob (a majestade do Hórus) Touro poderoso que aparece em *maet*, (dotado de vida). As Duas Senhoras: (o) que estabeleceu leis e pacificou as Duas Terras (Hórus de Ouro): grande é o braço que esmaga (os Asiáticos)³⁰⁴ Rei do Alto e do Baixo Egipto, senhor das Duas Terras, Nebmaetré Filho de Ré, seu amado, Amen-hotep, governante de Tebas, ...que se alegra na vitória filho de Amon, para ocupar a plataforma do que o engendrou, no jubileu que celebrou a oeste de Ne

³⁰² Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 501-507. Nekhen é uma antiga cidade do Egipto, actualmente Kom el-Ahmar

³⁰³ Estação das colheitas. Vai de Março a meados de Julho.

³⁰⁴ Segundo a reconstrução de Wente. Ver WENTE, *op. cit.*, p. 53

Início da jornada por sua majestade do tempo (pelo soberano de então) no alto Nilo para transportar os deuses do Jubileu ... amado de Amon. Fazendo o cortejo fluvial de Pe ... na barca da noite e na barca do dia ...³⁰⁵

Ao lado do estandarte com um deus com cabeça de canídeo: *Wp-w3wt n T3-mḥw*, «Uepuauet do Baixo Egito». Diante da cabeça do rei: *Nb-M3ᶜt-Rᶜ ... Ṛmn-ḥtp ḥk3 W3st*, «Nebmaetré ... Amen-hotep, governante de Tebas». Mais abaixo: *ḥtp msktt in nsw*, «Tomando lugar na barca da noite pelo rei».

Frente a uma personagem representada diante do rei: *hrp-ᶜḥ sš-nsw imy-r pr ḥmt-nsw wrt mr.f Hr.w.f m3ᶜ-ḥrw*, «O administrador do palácio, escriba real, mordomo da grande esposa real, seu amado Kheruef, justificado».

Sobre uma importante personagem, talvez o vizir Ramose: *r-pᶜt ḥ3ty-ᶜ smr-wᶜ (t3ty) s3b t3ty ḥry-tp ḥb*, «Senhor e membro da elite, amigo único, vizir, dignitário, «o da cortina», o dirigente do festival».

Registo superior, linha horizontal. Sobre a popa da barca:

ḥd t3 st3.st rdīt (.sn) wd3.sn r ᶜḥw(.sn) irt n.sn wpt r rdīt m3ᶜ (mnmnt) (wndw) ḥ3 m ... (r Ṛmn-Rᶜ) nb nswt t3wy ntrw nbw (wd.n.sn n.f) ḥbw-sd ᶜš3w tw r di ᶜnh mī Rᶜ dt
De manhã, puxando-a (a barca) e fazendo-(os) conduzir até aos (seus) lugares rituais. Fazendo para eles a «Abertura da boca» e fazendo oferendas ... gado de cornos longos e gado de cornos curtos e um milhar de ... (a Amon-Ré) senhor dos tronos das Duas Terras e a todos os deuses (que, para ele, decretaram) numerosos jubileus, para Um (que é) dotado de vida, eternamente como Ré³⁰⁶.

Registo superior, linha horizontal:

šsp.k ḥ3tt nt Msktt ḥ3tt nt Mᶜndt m-ḥt ḥni. n.k ntrw ḥbw-sd ... di.k ḥr w3tk ḥᶜw n Rᶜ mn n tp.k (n)ḥḥ

Toma o cabo da proa da barca da noite e o cabo de proa da barca da manhã, depois de teres transportado os deuses do jubileu ... tu dás, sobre o caminho ... -te. As coroas de Ré estão fixas na tua cabeça, para sempre.

Texto vertical:

st3 msw(t)-nsw r-ḥ3t nt ḥnt

Conduzindo as filhas do rei diante de ... do cortejo aquático.

Ao lado das princesas: *s3t-nsw mrt.f ...*, «A filha do rei, sua amada ...».

Linhas verticais, diante de cada par de princesas:

³⁰⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 460-468.

³⁰⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 468-477.

msw-nsw ... ntr nfr iri m sššt m drt.sn m-š šmꜥyt nt Imn ... nb ... Hr m-š šmꜥyt nt Imn ...nb ...Hr

As filhas reais ... do deus perfeito, que tocam o sistro com as suas mãos Juntamente com a cantora de Amon ... senhor ... Hórus

Texto vertical que separa as princesas das cantoras:

wrt hnrt nt Imn-Rꜥ šmꜥyt nt Imn ... sn ... ntr nfr hbyt hb-sd (n) hm.f hn n šmꜥ dd.sn šspt dhꜥn ...shꜥd ... nsw bit(y) nb tꜥwy nb ir(t) ht Nb-Mꜥt-Rꜥ di ꜥnh ꜥtp n wiꜥ ... nb r-dr ... dwꜥ ... ꜥht mi Rꜥ dt (sp sn)

A grande concubina de Amon-Ré e a cantora (de Amon)... elas ... o deus perfeito, nos rituais do jubileu de sua majestade. As palavras da música que elas dizem, (a letra da canção que elas cantam) que é a música dos senhores do jubileu e o coral ... ilumina ... rei do Alto e do Baixo Egípto, senhor das Duas Terras, Nebmaetré, dotado de vida, quando ele toma lugar na barca sagrada ... senhor de todas as coisas ... adoração ... horizonte como Ré, eternamente (dizer duas vezes).

Texto horizontal sobre aqueles que puxam a barca:

smrw nw stp-sꜥ - ꜥnh wdꜥ snb - srw wrw ...Imn stꜥ(.sn nsw m msktt) ... dsr ...wꜥb hn n ...

Os companheiros do Palácio – vida, prosperidade, saúde – e os grandes oficiais ... Amon, que puxam ao rei na barca da noite ... sagrado ... a música pura de ...

Diante do primeiro par de cantoras: *Rwiw*, «Ruiu»³⁰⁷. Diante do segundo par de cantoras: *šnt.f mrt.f šmꜥyt nt Imn (Hnwt-nfrt)*, «Sua irmã (esposa?), sua amada, a cantora de Amon Henut-neferet». Linhas verticais diante do grupo de cantoras: *šmꜥywt nt Imn ir.sn irw n ...*, «As cantoras de Amon que celebram as cerimónias de ...»³⁰⁸

A segunda fase das cerimónias que nos aparece no registo inferior é constituída por um conjunto de actividades lúdicas realizado diante dos tronos reais. Na transcrição de Wente esta acção tem início na Pl. XXXII, desenvolvendo-se posteriormente em dois registos ao longo das figs. II.51-53.

³⁰⁷ Poderá tratar-se da mãe de Kheruef que é também *šmꜥyt nt Imn*, «cantora de Amon». Ver ln. 293.

³⁰⁸ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 485-500.

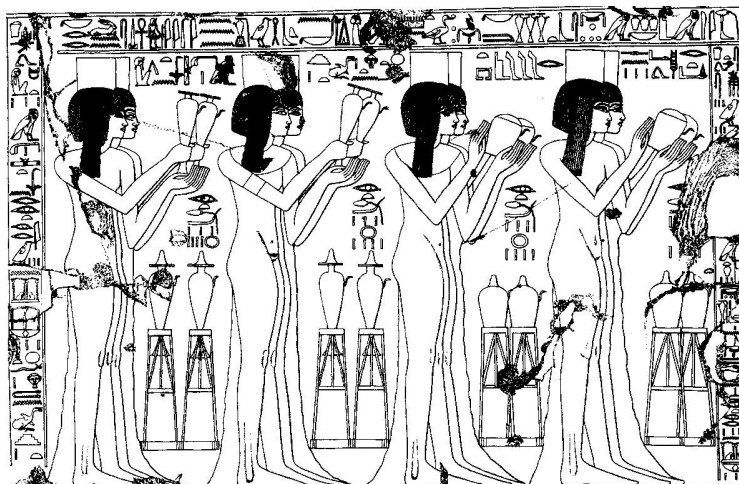


Fig. II.51 – Jovens damas fazendo libações diante de Amen-hotep III e a rainha Tié, entronizados.
Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. XXXII.

st3 msw wrw iww hr nmswt n nbw snbwt n dꜥm m drt.sn r irt iryw n ḥbw-sd
Introduzindo as filhas dos grandes que vieram, trazendo vasos *nemeset* de ouro e jarros de electrum nas suas mãos para, entre elas, realizarem (tudo) o que diz repeito aos jubileus

Linha de baixo. Inscrição partilhada entre os quatro pares de jovens:

rdit.sn r rdw ḥft hr tnt3t m-b3ḥ nsw
e fazendo-as deter junto aos degraus do trono, diante da plataforma³⁰⁹ e na presença do rei.

Em baixo, diante de cada par:

irt ꜥbw sp-fdw
Fazendo (repetindo) a purificação por quatro vezes.

Emoldurando toda a cena:

wꜥby nmswt m nbw s(n)bwt m dꜥm s3t Mntyw di.s n.k ḳḅḫw ity ꜥnh wd3 snb wnn.k rr
Puros são os teus vasos *nemeset* de ouro e os teus jarros de electrum, a filha dos *Mentiu*³¹⁰
dá-te água fresca! Ó soberano – vida, prosperidade, saúde – tu continuarás a existir pelos tempos fora!

Atrás das jovens que fazem a libação, a cena desenvolve-se em duas sub-cenas paralelas. Na linha superior, um vitelo, um pato e um macaco estão diante de um altar, para lá do qual, um grupo de mulheres dança. Em baixo, outro grupo de mulheres toca flauta e

³⁰⁹ Sobre a qual está colocado o trono.

³¹⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 508-514. O termo *mntyw* foi aqui tomado como uma variação de *mntw*, «os Asiáticos». As jovens poderiam muito bem as várias e belas asiáticas com quem Amen-hotep casou, ou as suas filhas.

talvez cante em coro sob a direcção de outras duas. Entre cada um destes grupos, há homens que parecem igualmente (fig. II.52).

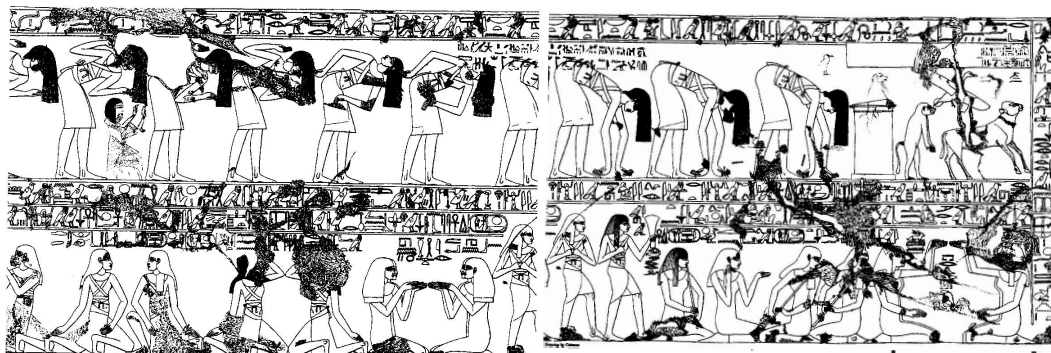


Fig. II.52 – Bailados que se realizam diante de Amen-hotep III e a rainha Tié entronizados e acompanhados pelos seus servidores.

Túmulo de Kheruef, TT 192, leitura da direita para a esquerda (Pls. XXXIV-XXXVI).

Inscrição vertical, diante de duas filas de cantores e dançarinos:

st3 hmwt m-b3h nsw irt irw n hbw-sd htf hr tnt3t

Levando as mulheres à presença do rei, para a realização das cerimónias do jubieu diante da plataforma (do trono)³¹¹.

Texto horizontal, sobre as dançarinas:

rdi.n.f n šsp npr i(n) ibh šsp npr w3i.n. sw w3i šhm.n.sw šhm ibh mkt.n.i iti.(n.i) mkt.n.i iti.(n.i) k33t k3t sdr.k k3k3t dšr irty(.i) n sty iħ k3 ... t3 ns.f ns.f hwt(-) n nd(n)d k3t spd nt nwtj š h3yt ... m s3 ... pri m ...

Ele deu-me um punhado de grãos, tal com o homem do celeiro. O punhado de grãos, torrei-o no acto de torrar e moi-o no acto de moer. Ó homem do celeiro, o que eu protegi, foi-(me) tirado, o que eu protegi foi-(me) tirado! O alto seja exaltado, tu passas a noite a ser exaltado; vermelhos estão os meus olhos de olhar fixamente a alta lua ... Esta, cuja língua é a dele, é a sua língua. Ele estende os braços em petição, o exaltado, e de unha(s) afiada(s) como duas garras, (escava) o campo do monte de cadáveres... como filho ... vem, como ...³¹²

Texto horizontal, no registo inferior:

Ir m^c di h3y n nbw htpw n nbt t3wy sw3h.s Nb-M3^ct-R^c di ċnh mit k3 ir.t mit iry.i n.t h3y hr h3wy ihy m-m^c šrm hwt-ħr iw.t k3i ti m šnyw R^c šnyw R^c rdw.n.t nt pt im wš3w sb3w (3) hmt.s m htp.s dw3 nbw m wbn.s m pt nt tm m pt R^c im.s nt tm m t3 Gb im.f nn ntr ir msdt nt ċi ti wd3 hmt.i r bw mrt nn.s bw.k ... ? ... hdn.n.t hnwt .i mit hwi tw nsw Nb-M3^ct-R^c di ċnh ssnb sw hr i3by n pt nfrw wd3 snb m 3ht šhtp.s t3wy tmy iw wbn nbw mri(.t) ċnh.f s^cnh sw hhw rnpwt m hħ n sp m hwy(-3) nn m hwy

³¹¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 515.

³¹² Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 516-522.

Fazei uma oração e rejubilai pela Dourada, (pelo) prazer da senhora das Duas Terras (Hathor) para que ele faça perdurar Nebmaetré, dotado de vida. Vem, aparece, para que eu possa fazer-te uma saudação jubilosa ao cair da noite e música durante a noite. O Hathor, tu és exaltada nos cabelos de Ré, nos cabelos de Ré. Foi-te dado o céu, lá, a noite profunda e as estrelas (grande é) a majestade dela, no seu repouso.

Adoração da Dourada, quando ela se eleva no céu! A ti pertencem todas as coisas no céu, quando Ré lá está, a ti pertencem todas as coisas na terra quando Geb está presente e não há nenhum deus que faça algo de desagradável, quando apareces em glória. Avança, ó minha majestade para o lugar amado ela não tem o teu lugar ...? ... mas não se indignou. Senhora minha vem e protege o rei Nebmaetré, dotado de vida, concede-lhe saúde no lado esquerdo do céu, para que seja feliz, prosperidade e saúde no horizonte. Ela satisfaz toda a humanidade, quando aparece a Dourada. Se quiseses que ele viva, fá-lo viver milhões de anos de reinado, um milhão de vezes. Possa isto ser uma protecção³¹³.

Entre os directores do coro: *wn ʕwy pri ntr wʕb*, «Abertas foram as portas duplas para que saia o deus puro»³¹⁴

Sobre as flautistas e a cantora:

iw nn m h̄w.f nsw Nb-Mʕt-Rʕ mi m-ʕ Sbk n s3 Rʕ Imn-ḥtp ḥk3 W3st di ʕnh ir.k mrrt.f

Isto é para a sua protecção, a do rei Nebmaetré: Vem Sobek até ao filho de Ré, Amen-hotep, governante de Tebas dotado de vida, e faz o que ele deseja³¹⁵.

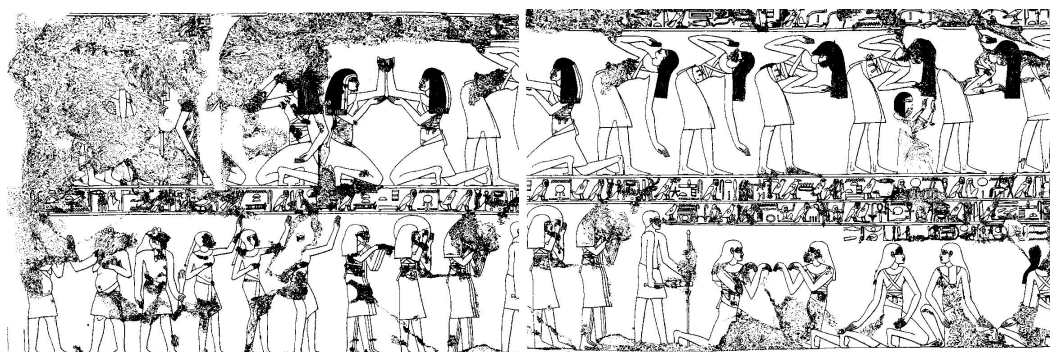


Fig. II.53 – Bailados que se realizam diante de Amen-hotep III e a rainha Tié, entronizados e acompanhados pelos seus servidores. Túmulo de Kheruef, TT 192, Pls. XL, XXXVIII).

Sobre as mulheres que batem palmas, (fig. II.53):

(3)hb hnn ḥst m-ʕ hnn bn

Dança ritual: Curva(-te), curva(-te) em louvor. Curva(-te) e transborda (de alegria(= rejubila))

Sobre as dançarinas ajoelhadas:

mʕt sw ir.f n ihy wʕb nsw bit(y) Nb-Mʕt-Rʕ s3 Rʕ Imn-ḥtp ḥk3 Wʕst iry.f ḥb-sd

³¹³ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 523-535.

³¹⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 536.

³¹⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 537-538.

Contempla-o, quando ele faz (ordena) música sagrada (para ti) o rei do Alto e do Baixo Egipto, Nebmaetré, filho de Ré, Amen-hotep, governante de Tebas, para celebrar o jubileu³¹⁶.

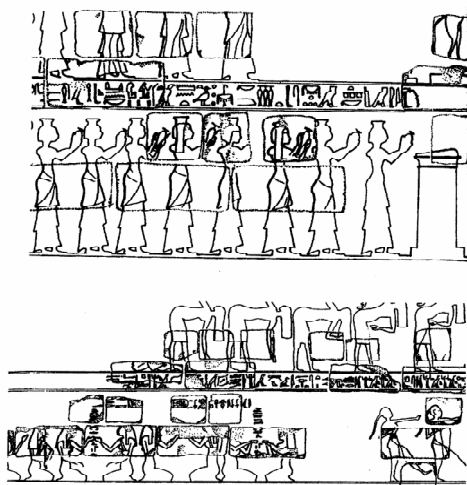


Fig. II.54 – Procissão e danças hathóricas, no jubileu de Akhenaton, segundo um conjunto de *talatat* de Karnak.

4.2.3.2. O terceiro jubileu de Amen-hotep III

O terceiro jubileu de Amen-hotep III está descrito num conjunto de cenas existente no pórtico ocidental, entrada norte. A extremidade sul deste conjunto mostra-o em traje de jubileu e ostentando os símbolos do seu poder. Está sentado no seu trono, erguido sobre uma alta plataforma, na companhia da rainha Tié mas já não da deusa Hathor (fig. II.55).

No tecto do pavilhão de um e outro lado do Sol alado:

Bḥdt(y) ntr ʿ3 s3b šwt nb pt nb Msn di.f ʿnh dd w3s

O Behedita, deus grande de variegadas plumas, senhor do céu, senhor de Mesen. Que ele conceda vida, estabilidade e domínio.

Directamente sobre a cabeça do rei, outra representação do Hórus de Behedet protegido por duas serpentes ostentando o símbolo da vida e referido simplesmente como: *ḥr Bḥdt(y)*, «Hórus de Behedet». Diante de Amen-hotep III, em registo superior:

Rʿ-Ḥr-3ḥty k3 nḥt ḥʿi m M3ʿt nsw bit(y) nb t3wy nb ḥʿw Nb-M3ʿt-Rʿ s3 Rʿ n ḥt.f mry.f ʿImn-ḥtp ḥk3 W3st tit Rʿ ḥnt T3wy di ʿnh ddt w3s mī Rʿ dt

Ré-Horakhti, touro poderoso que aparece em (Maet) Rei do Alto e do Baixo Egipto, senhor das Duas Terras, senhor das coroas, Nebmaetré Filho de Ré, do seu corpo, seu amado Amen-hotep, governante de Tebas, Imagem de Ré diante das Duas Terras dotado de vida, estabilidade e autoridade, como Ré.

³¹⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 537-538

Em frente do rei, registo inferior: *h^ct nsw hr st wrt mⁱ it.f R^c r^c-n*, «Gloriosa aparição do rei sobre o grande trono como Ré, seu pai, todos os dias».

Atrás do rei: *s3 ^cnh h3.f mⁱ R^c*, «Protecção e vida em torno dele, como Ré».

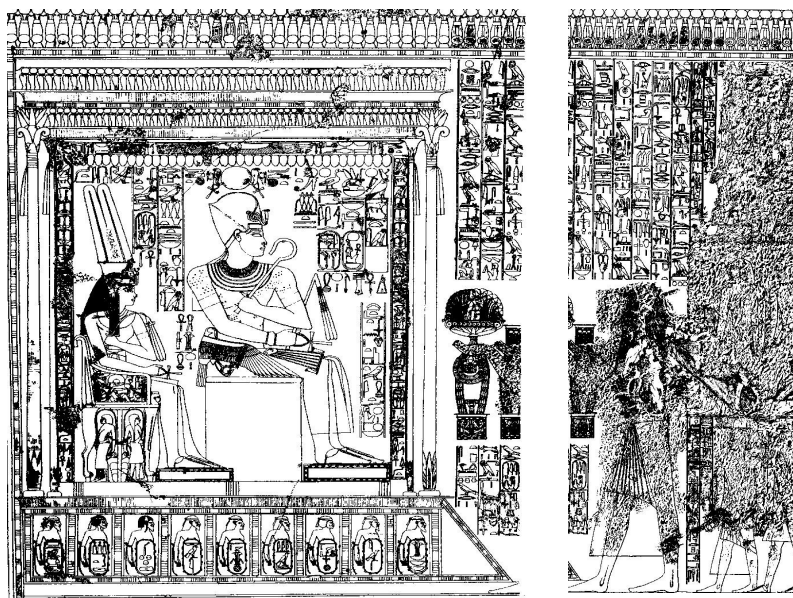


Fig. II.55 – Amen-hotep III, acompanhado pela esposa recebe os presentes oferecidos na ocasião do seu terceiro jubileu. Extremidade sul do conjunto. À direita: Kheruef e outros altos funcionários fazem a entrega desses presentes. Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. XLIX.

Diante da rainha que ostenta uma coroa de longas plumas:

(y)rt-p^ct wrt hswt hnwt hnmt nsw h^ci m M3^ct hmt-nsw wrt mrt.f Tiy ^cnh ti m3 ti rnpt ti dt

A patricia grande em favores, senhora de todas as terras, associada ao rei que aparece em Maet, a grande esposa real, sua amada, Tié, que ela viva, fresca e jovem para sempre.

Inscrição no trono da rainha, acompanhando uma esfinge-fêmea e uma serpente alada: *hmt-nsw wrt mrt.f Tiy ^cnh ti dd ti rnpt ti dt*, «A grande esposa real, sua amada, Tié, que ela viva, estável e jovem para sempre».

Atrás da esfinge: *titi h3swt*, «Esmagando as terras estrangeiras». Junto da serpente alada: *hd n Nhn*, «A “Branca de Nekhen”, (Hierakonpólis).

Suporte esquerdo do pavilhão:

R^c-hr-3hty wts m hbw-sd mr.(n.Imn r nsw nb) nsw-bit(y) nb t3wy nb it ht Nb-M3^ct-R^c s3 R^c mr.f Imn-htp h3 W3st mr Wsir h3 dt di ^cnh mⁱ R^c

Ré Horakhti, touro poderoso, elevando jubileus, (Mais) amado (por Amon que qualquer senhor) Rei do Alto e do Baixo Egipto, senhor das Duas Terras, senhor do ritual, Nebmaetré






Filho de Ré, seu amado, Amen-hotep (III), governante de Tebas Amado de Osíris, governante da eternidade e dotado de vida, como Ré

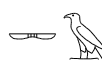

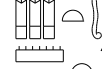
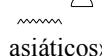
Suporte direito:

R^c-hr-3hty whm hbw-sd smn n 'Imn m st wr(t) nsw-bit(y) hk3 pdt-9 nb 3wy Nb-M3^ct-R^c s3 R^c mr.f'Imn-htp hk3 W3st mry Pth-skr nb štyt di ʕnh dt

Ré Horakhti, touro poderoso, repetindo jubileus Que Amon instalou no grande trono Rei do Alto e do Baixo Egípto, governante dos nove arcos, senhor das Duas Terras, Nebmaetré Filho de Ré, seu amado, Amen-hotep (III), governante de Tebas, amado de Ptah-Sokar, senhor de Chetyet. Dotado de vida eternamente.

Na plataforma, devidamente pisados pelo casal régio, uma representação dos Nove Arcos, os tradicionais inimigos do Egípto, que se apresentam amarrados.

 *h3w-nbwt*, «Egeus»³¹⁷
 *šw3sw*, «Chasus»³¹⁸
 *T3-šm(w)*, «Alto-Egípto»
 *smtyw*, «?»
 *T3-mhw*, «Baixo-Egípto»

 *pdtw šw*, «Bárbaros miseráveis (?)»
 *thnw*, «Libios»³¹⁹
 *iwntyw-pdt(iw)*, «Tribos núbias»³²⁰
 *mntyw nw sttw*, «Beduínos asiáticos»³²¹

Sentados nos seus tronos, Amen-hotep III e a rainha Tié recebem presentes. Os ofertantes são introduzidos pelo mordomo Kheruef.


št3 mnw wrw ʕš3w m-B^ch In imy-r pr n hmt-nsw wrt sš-nsw hrw.f

Apresentando numerosos e grandiosos objectos³²², na presença de Sua Majestade, pelo mordomo da grande esposa real, o escriba real Kheruef.

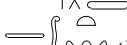
Acima de Kheruef:

hrp mnw rdit m-b3h r m33w n ntr nfr m irt mnw ʕ3w wrw shkr pr.f m k(r)hwt nbt nn dr-ʕ.sn iww ʕš^cw r smnt m.sn sš wd3w wshw mh m hsbd m ʕ3wt nbt sšpst bi(3)wt tm irt n k3 n r-p^ct

³¹⁷ A grafia normal é  *h3w-nbwt*.

³¹⁸ Beduínos da região oriental do Sinai, ao sul da Palestina. A grafia normal é  *š3sw*.

³¹⁹ De  *thnw*, «Líbia».

³²⁰ De  *t3-st(i)*, «Núbia».

³²¹ De  *stt*, «Ásia»

³²² *Portable objects*, na tradução de Faulkner. Ver FAULKNER, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 108.

ḥ3ty-^csmr ʕ3 rdw st mḥ-ib mnḥ ity ʿImy –ib ḥr šḥnt n nsw wrw r.f ḥr r nb t3wy ḥr bit.f sš-nsw imy-r pr ḥmt-nsw wrt Tiy ʕnh ti ḥrw.f m3^ct-ḥrw ḥsw mrw m-b3ḥ ḥm.f m ḥtr n m33 mnw

Conduzindo os objectos para serem colocados na presença (do rei) para a inspecção do deus perfeito da manufactura dos grandes e importantes objectos (feitos de) electrum para decorar a sua casa: Toda a espécie de vasos *kherehut*, sem limite, sendo demasiado numerosos para serem escritos Peitorais *udjat*, colares *usehu*, cheios de lápis-lazúli e toda a espécie de pedras valiosas e esplêndidos tesouros que nunca antes tinham sido fabricados. Pelo senhor e membro da elite, grande companheiro nos degraus do trono, um eficiente homem de confiança do soberano, o favorito do Hórus no seu palácio que o rei promoveu (passando sobre os que eram) maiores que ele (o favorito). O senhor das Duas Terras está contente com o seu carácter, o escriba real mordomo da grande esposa real, Tié – que viva! – Kheruef, justificado, favorecido e amado diante de sua majestade para proceder à inspecção dos objectos.

Secção dos acompanhantes de Kheruef:

Registo superior:

ḥ3t-sp 37 st3 smrw r dit m-b3ḥ m ḥb-sd ḥmt-nw n ḥm.f in r-p^ct ḥ3ty-^c smr ʕ3 n mrwt sš-nsw imy-r pr ḥmt-nsw wrt Tiy ʕnh ti ḥrw.f m3^ct-ḥrw ...

Ano 37. Conduzindo os companheiros para serem admitidos à presença do terceiro jubileu de sua majestade. Pelo senhor e membro da elite, grande companheiro, no amor (do rei), o escriba real, o mordomo da grande esposa real, Tié – que viva! – Kheruef, justificado ³²³...

Registo inferior:

ḥ3t-sp 37 st3 iwt-ntr r dit m-b3ḥ m ḥb-sd ḥmt-nw n ḥm.f in r-p^ct ḥ3ty-^c smr ʕ3 n nb t3wy ḥmw-nsw tpy m imy n ʕh sš-nsw imy-r pr ḥmt-nsw wrt Tiy ʕnh ti ḥrw.f m3^ct-ḥrw ...

Ano 37. Conduzindo os pais divinos para serem admitidos à presença do terceiro jubileu de sua majestade Pelo senhor e membro da elite, grande companheiro do senhor das Duas Terras, primeiro arauto do rei que está no palácio, escriba real, mordomo da grande esposa real, Tié – que viva! – Kheruef, justificado ...

Entre o primeiro e segundo pai-divino: *iwt-ntr n ʿImn*, «Pais-divinos de Amon».

Amen-hotep III, devidamente auxiliado por cinco servidores, procede à elevação do osíriaco pilar Djed, símbolo de estabilidade que vai presidir ao seu rejuvenescido reinado, (fig. II.56). Trata-se, como vimos anteriormente, de uma das mais emblemáticas cenas do festival-*sed*.

³²³ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 543-573.

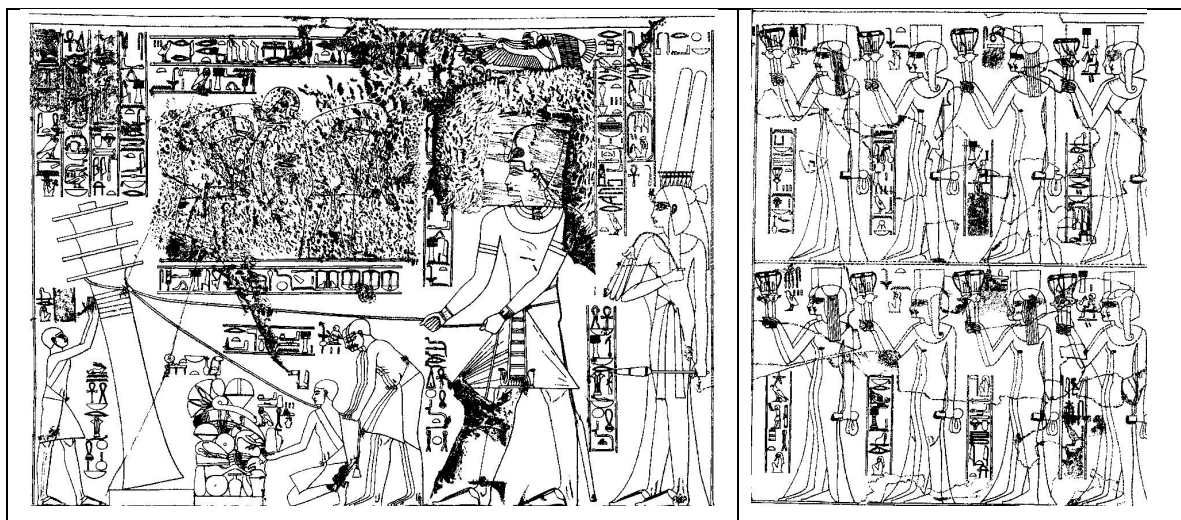


Fig. II.56 – Cerimónia da elevação do pilar *djed*. Estão presentes a Grande Esposa Real e as princesas. Pórtico ocidental, a norte da entrada, registo superior, extremidade norte.
Túmulo de Kheruef, TT 192, Pls. LVI-LVII.

Segundo o relato do cronista:

*sḥꜥ dd in nsw ir.n.f n it.f Skr-Wsir ntr ʿ3 ḥr(y)-tp Štyt di.f ʿnh nb dd nb w3s nb snb nb 3wt-ib
nb d(3) nb d(b)ḥw m ḥb-sd mi it.f Hr-T3nn*

Elevação do pilar Djed pelo rei que fez (isto) para seu pai Sokar-Osiris, o grande deus (que está) no meio de Chetyet. Que ele conceda toda a vida, toda a estabilidade, todo o domínio, toda a saúde e todas as provisões requeridas no jubileu, como seu pai Hórus-Ta(te)nen.³²⁴

Diante do rei:

*ntr nfr nb t3wy Nb-M3ḥt-Rꜥ s3 Rꜥ n ht.f Imn-ḥtp ḥk3 W3st di ʿnh ... sḥꜥ dd in nsw ds.f ir.f di
ʿnh mi Rꜥ dt (n)ḥḥ*

O deus perfeito, senhor das Duas Terras, Nebmaetré, filho de Ré, do seu corpo, Amen-hotep (III), governante de Tebas, dotado de vida ... Ereção do pilar Djed pelo próprio rei, para fazer «dotado de vida como Ré» eternamente e para sempre.³²⁵

Atrás do rei:

s3 ʿnh nb dd nb w3s nb r ḥ3.f mi Rꜥ dt

Toda a protecção de vida, toda a estabilidade e todo o domínio em volta dele, como Ré, eternamente.³²⁶

Sobre dois homens curvados, no registo médio superior, texto horizontal:



³²⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 586-589. Tatenen, entidade menfita associada a Ptah. É o patrono dos jubileus reais e guarda o caminho do rei defunto para o mundo dos mortos. Ver SALES, *As divindades egípcias*, p. 291.

³²⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 590-591.

³²⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 592.

st3 sm hrp hm(w)t wrt irt di h̄c.sn r rdw st r irt irw n s̄h̄c dd m-b3h nsw

Introduzindo o sacerdote *sem* e o chefe dos mestres artesãos e colocando-os de pé, junto aos degraus do trono, para a realização das cerimónias da erecção do pilar Djed, na presença do rei³²⁷.

Diante do primeiro e do segundo homem, respectivamente:  *sm*, «sacerdote *sem*³²⁸», e  *hrp hm(w)t wrt*, «chefe dos mestres artesãos, sumo-sacerdote de Ptah».

Sobre a corda puxada pelo rei:

s̄h̄c dd in nsw ds.f h̄d-t3 n hbw-sd

Erigindo o pilar Djed pelo próprio rei, ao romper do dia dos jubileus³²⁹

Sobre a corda puxada por três homens:

rdit htp ntr drp n dd


Efectivação de uma oferenda ao deus, fazendo uma oferenda ao pilar Djed³³⁰.


Caracterização dos homens:  *rhw-nsw*, «Conhecidos do rei».

Sobre as oferendas:

drp m t hnkt ht-nbt nfrt w̄bt

Fazendo uma oferenda de pão, cerveja e toda a espécie de coisas boas e puras³³¹.

Junto à mesa de oferendas está ajoelhado um  *it-ntr*, «sacerdote pai-divino».

Sobre o homem que, à esquerda, ampara o pilar:  *Pth-Skr)-Wsir*, «(Ptah-Sokar)-Osíris».

À sua frente: *wnn s3 nh nb r h3.f mi R̄ r̄c-nb*, «Que haja protecção de toda a vida por detrás dele, como Ré, todos os dias³³².

No espaço da rainha Tié, que caminha atrás do esposo:

³²⁷ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 593-594.

³²⁸ Era um dos sacerdotes encarregados de officiar, no dia do funeral. Ver ARAÚJO, *O clero do deus Amon no Antigo Egipto*, pp. 202-205.

³²⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 596. A frase deveria estar no singular, uma vez que se descreve apenas um jubileu, o terceiro.

³³⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 597.

³³¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 599.

³³² Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 601.

r-p^ct wrt ḥswt ḥnt nt t3w nbw mḥt ḥ m mrwt ḥmt-nsw wrt mryt.f Tiy ḥnh ti rnpi ti r^c-nb
 Patrícia, grande em favor, senhora de todas as terras, que enche o palácio de amor. A grande esposa real, sua amada, Tié, que ela viva e seja jovem todos os dias³³³.

Espaço das princesas, registo superior:

msw nsw sw3š dd špsy

As filhas do rei, prestando homenagem ao augusto pilar Djed.

Cântico das princesas:

n k3.k sššwt n ḥr.k nfr mnywt šḥmw (n Pth-Skr)-Wsir

Ao teu *ka*, os sistros e, ao teu belo rosto, os colares *menat* e os ceptros *sekhem*, quando te ergues, ó augusto pilar Djed (de Ptah-Sokar)-Osíris³³⁴.

Registo inferior, ao alto. Amen-hotep III faz uma oferenda ao pilar *Djed*, (fig. II.48).

Em baixo:

dw3 Pth- Skr dd n Wsir Ntr 3 ḥr-ib Štyt in msw nsw

Adoração a Ptah-Sokar e ao pilar *Djed* de Osíris, o deus grande que reside em Chetyet, pelas filhas do rei³³⁵.

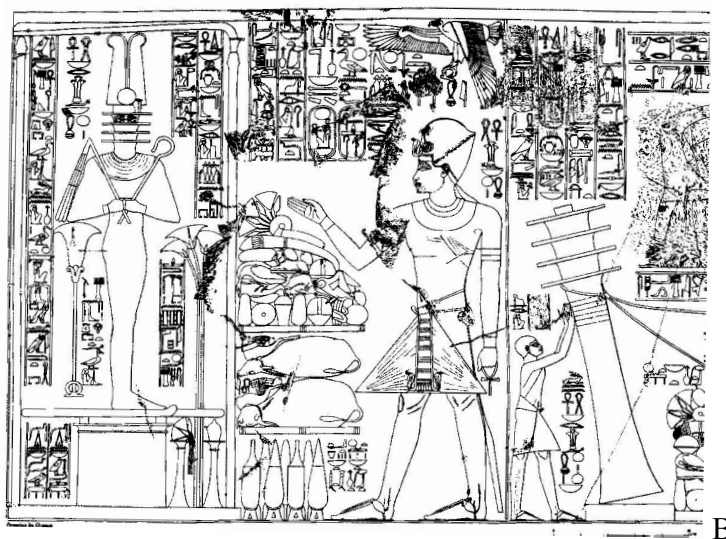


Fig. II.57 – Amen-hotep III, fazendo oferendas ao pilar *djed*, erguido. Repare-se no gesto de invocação aos antepassados. Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. LIV.

³³³ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 602-603.

³³⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 604-605.

³³⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 606.

Diz a fórmula de oferenda:

*sm³ᵗ ᵑ³bt ᵑ³t m³w wndw ht-nbt nfert wᵑbt n Wsir ḥk³ dt ntr nfr nb t³wy Nb-M³ᵗ-Rᵑ s³ Rᵑ n
ht.fImn-ḥtp ḥk³ W³st t³t Rᵑ hnt n t³wy mr.n.fr nsw nb di ᵑḥ mi Rᵑ*

Realização de uma grande oferenda de gado de cornos longos e de gado de cornos curtos e todas as coisas boas e puras a Osíris, senhor da eternidade (pelo) deus perfeito, senhor das Duas Terras, Nebmaetré, filho de Ré, do seu corpo, Amen-hotep (III), governante de Tebas, Imagem de Ré diante das Duas Terras, mais amado por ele do que qualquer rei e dotado de vida como Ré³³⁶.

Diante da deusa abutre: *Wᵑdyt nbt Pr-nw*, «Uadjyt, senhora do santuário de Per-nu³³⁷.

Atrás do rei: *s³ ᵑḥ ḥ³.fnb mi Rᵑ*, «Protecção da vida em torno de todo ele, como Ré. Na mesa de oferendas: *m³hd*, «órix» e *iw³*, «boi»³³⁸.

À direita das jarras: *drp rnpwt nbt bnrt ht-nbt nfert wᵑb*, «Fazendo uma oferenda de todos os frutos doces e de toda a espécie de coisas boas e puras³³⁹.»

Pavilhão do pilar Djed. À direita:

di.fᵑḥ nb ³wt-ib nb snb nb Wsir hnt hwt Skr ntr ᵑ³ nsw ᵑḥw

Que ele conceda toda a vida, toda a alegria e toda a saúde, Osíris, diante da Casa de Sokar, deus grande, rei dos vivos³⁴⁰.

À esquerda:

iw.n.fᵑḥ dd w³s ḥk³ hrt nst Gb Wnn-nfr s³ Nwt (nhsy nn ḥdy?) m pr.f n imḥt

Ele veio em vida, estabilidade, domínio e governa sobre o trono de Geb, ó Uenen-nefer, filho de Nut. «O que acorda ileso» na sua casa, no mundo dos mortos³⁴¹.

Ao lado esquerdo das penas duplas que toucam o pilar:

s³ ᵑḥ ḥ³.fnb mi Rᵑ dd w³s snb hrt nst (i)t.f Gb

Protecção da vida em torno de todo ele, como Ré. Estabilidade, domínio e saúde sobre o trono de Geb³⁴².

Registo inferior, esquerda do pedestal onde assenta o pilar:

³³⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 574-576.

³³⁷ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 577. *Pr-nw* é o santuário da deusa Uadjit localizado em Dep (Buto) no Baixo Egipto.

³³⁸ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 578-579.

³³⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 580.

³⁴⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 581.

³⁴¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 582.

³⁴² Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 583.

dd mdw di.n(.i) n.k hw dd mdw di.n(.i) n.k df(3)

Palavras ditas: «Eu dei-te comida». Palavras ditas: «Eu dei-te provisões»³⁴³.

É a vez de Kheruef e outros funcionários fazerm uma aparição, fig. II.57.

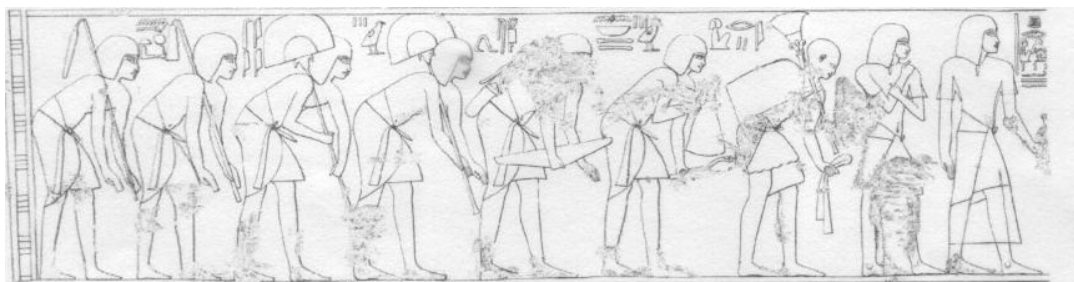


Fig. II.57 – Kheruef e outros funcionários reais. Pórtico ocidental a norte da entrada e abaixo da cena do trono. Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. LVIII B – D.

Tryw n nb t3wy šmsw ity nht (iry-)rdwy n nb t3wy iiw šmsw ntr nfr sš-nsw m3^c mr.f mh-ib n nb t3wy ... imy-r pr hmt nsw wrt Hrw.f m3^c-hrw

Os guardiões do senhor das Duas Terras que são servidores do poderoso soberano e os que estão ao serviço do senhor das Duas Terras e vão na comitiva do deus perfeito, verdadeiro escriba real, seu amado, confidente do senhor das Duas Terras ... o mordomo da grande esposa real, Kheruef, justificado³⁴⁴.

Seguem-se, novamente cantores, músicos, dançarinos e portadores de oferendas, fig.

II. 58.

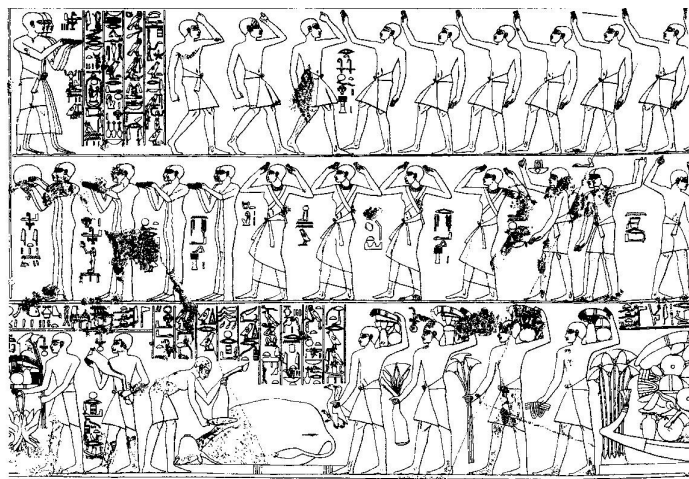


Fig. II.58 – Músicos e dançarinos, magarefes e portadores de oferendas. Pórtico ocidental, a norte da entrada, registos inferiores. Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. LIX.

³⁴³ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 584-585.

³⁴⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 607-609.

Dizem os  *šm^cw*, «cantores»:

*h^ci Pth dw3 tw r ky s(k)3 tw hm(y) m (w)i3 dmd.k t3 ury.k š3š r.f hswt R^c hr nfrw.k mi mrr.k i3t
 3t Nb-M3^ct-R^c mi.n.n sk3 sw*

Ptah aparece em glória e és adorado agora. Exaltado sejas, ó timoneiro da barca! Tu unes-te à terra para poderes viajar através dela. Que Ré te favoreça pela tua perfeição, tal como tu amas o «grande ofício» ó Nebmaetré que veio até nós para que o exaltemos³⁴⁵.

Entre os dançarinos: *irt nn hft hr dd*, «Fazendo isto diante do pilar Djed³⁴⁶»

Juntam-se agora lutadores e, no plano inferior os pastores, fig. II.59.

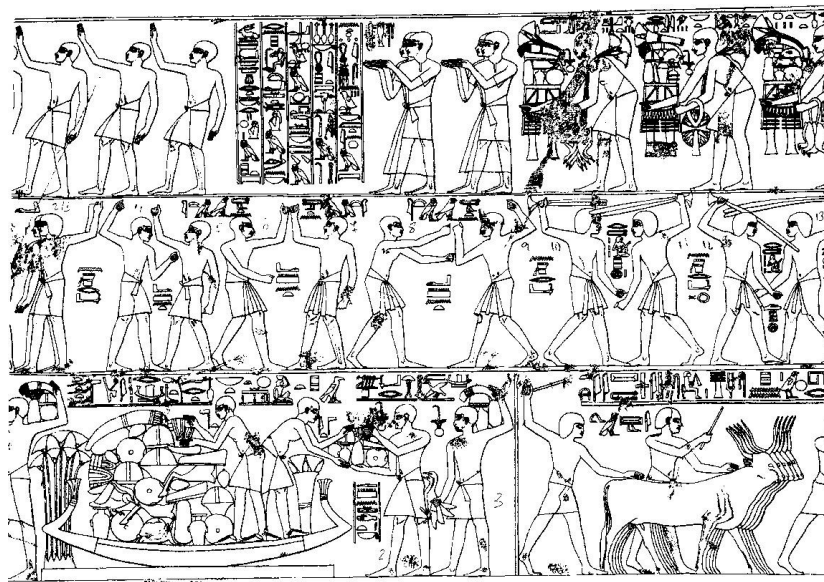


Fig. II.59 – Nível superior: dançarinos e portadores de oferendas. Nível médio: soldados exercitando-se na luta. Nível inferior: descarregando uma barca carregada de provisões e à esquerda um grupo de boiadeiros conduz o gado num percurso à volta da cidade. Pórtico ocidental, a norte da entrada, registos inferiores. Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. LXI.

Dizem os  *hsw*, «cantores»:

*wnn 3wy hrt Skry R^c m pt rnpi h^ci Itm m m3.n.k 3bwt m 3ht mh.n.k t3wy m nfrw.k mi pt stt im
 thnt mi ms.n.tw.k m itm m pt*

Abertas são as duplas portas do mundo dos mortos, ó Sokar, Ré está no céu a ser rejuvenescido, Atum aparece em glória para te contemplar, cintilante no horizonte. Tu

³⁴⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 610-613. O «ofício» é, como se compreende, o de reinar.

³⁴⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 614.

encheste as Duas Terras com a tua beleza, como o céu radiante como faiança e, do mesmo modo, foste renascido no disco solar que está no céu³⁴⁷.










Texto horizontal sobre os portadores de oferendas:


m-^c ini t hnkt rnpwt nbt ndmt bnrt ht-nbt nfrt n k3.k Skry dd n Wsir
Trazendo conjuntamente pão, cerveja e todos os vegetais doces e deliciosos
e toda a espécie de coisas boas e puras para o teu *ka*, ó Sokar, pilar Djed de Osíris³⁴⁸.

Registo médio:

šm^cywt nty hr šm^cw hft ir irw n s^ch^c dd hmwt in nw wh3t r s^ch^c dd
Tocadoras que estavam a fazer música, enquanto eram realizadas as cerimónias da elevação
do pilar Djed. e mulheres que foram trazidas do oásis, para a elevação do pilar Djed³⁴⁹.

Cortejo de lutadores³⁵⁰. A numeração de cada indivíduo foi feita no sentido Pl. LIX
→ Pl. LXIII.

| Entre lutadores | Inscrição |
|---|--|
| 0-1 |  <i>hr(y)-hbt</i> , «sacerdote-leitor» |
| 1-2; 3 |  <i>hsi</i> , «Cantando» |
| 4-5; 6-7; 8-9; 16-17; 18-19 20-21 |  <i>t mnt</i> , «Braço firme!» |
| 2,3-4; 9-10; 11-12; 23-24 |  <i>n dri</i> , «Sê duro!» |
| 21-22 |  <i>n dri</i> , «Sê duro!» - dizer duas vezes |
| 5-6; 6-7; 8-9; 18-19; 16-17; 14; 15-16 |  <i>iti n Hr m h^ci (m) M3^ct</i> , «Conduzindo o Hórus que aparece em Maet» |
| 13-14; 15 |  <i>nn hfty.k</i> , «Tu não tens inimigo!» |
| 10-11 |  <i>rmt P</i> , «Homens de Pe» |
| 12-13 |  <i>rmt Dp</i> , «Homens de Dep» |

Sobre as barcas, cada  *it-ntr*, «sacerdote pai-divino» arruma a carga:

iwt-ntr šsp t hnkt k3w 3pdw ht-nbt w^cbt rdit r iw3w 3tp ht-nbt nfrt w^cbt r wi3w r^c pn n s^ch^c dd


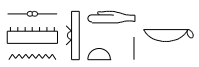
³⁴⁷ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 615-618.

³⁴⁸ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 619-620.

³⁴⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 621-622.

³⁵⁰ A numeração de cada indivíduo foi feita no sentido Pl. LIX → Pl. LXIII.

Pais divinos, recebendo pão, cerveja, bovinos e aves e toda a espécie de coisas boas e puras para colocar nas barcas e carregar toda a espécie de coisas boas e puras nas barcas, neste dia da erecção do pilar Djed³⁵¹.

Sobre os portadores 2 e 3, cada um dos quais é um  *rh nsw*, «conhecido do rei»: *šsp r w3h m p3 wi3*, «Recebendo a carga para (a) colocar na barca³⁵²». O pai divino diz ao portador:  *smn drt.k*, «Mantém a tua mão firme!»

Sobre o açougueiro, fig. II.58:

sft dw r stpwt hrp d w r w3h wi3w w3b sp-sn hr 3wy nsw

O sacrifício (do animal) destina-se a obter peças de carne para serem oferecidas e colocadas na barca duplamente pura, sob a autoridade do rei³⁵³.

Entre o açougueiro e o portador:

3it t hnkt k3w 3pdw rnpyt nbt ndmt bnrt nfirt w3bt r wi3w

Carregamento de (vários tipos de) pão, cerveja, gado bovino e aves, todo o tipo de vegetais doces e deliciosos, e de toda a espécie de coisas boas e puras nas barcas³⁵⁴.

A cena anterior continua na fig. II.60.

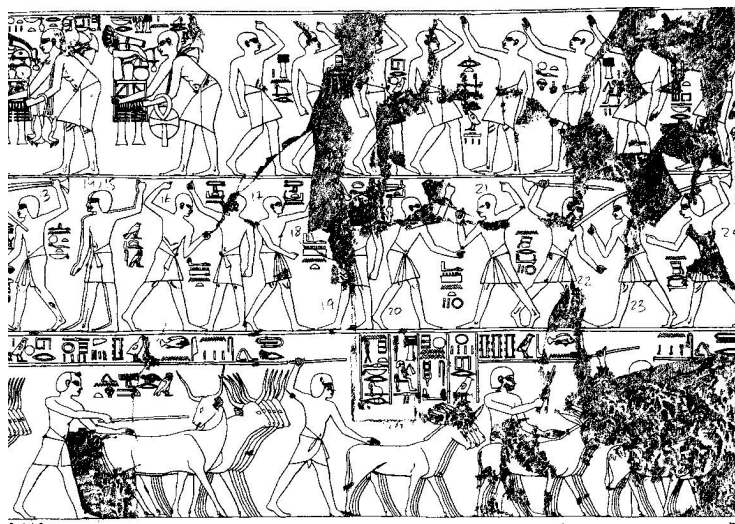


Fig. III.60 – Continuação da fig. III.51. Pórtico ocidental, a norte da entrada, registos inferiores
Túmulo de Kheruef, TT 192, Pl. LXIII.

³⁵¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 624-625.

³⁵² Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 626.

³⁵³ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 627.

³⁵⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 628.

Linha de texto horizontal:

phr.sn inbw sp-4 hrw pn n s^h dd špsy imi Štyt

Eles dão a volta às muralhas por quatro vezes, neste dia da erecção do augusto pilar Djed, que reside em Chetyet³⁵⁵.

O condutor increpa uma vaca que se obstina em olhar para trás, contrariamente às outras: *m irt šm n hrt išm*, «Não vás na direcção da tua cara! Vamos!»³⁵⁶

Embora a realeza seja um ofício divino e o rei um sacerdote, embora, como acabamos de ver, disponha da possibilidade, muito teórica, de dominar o tempo, rejuvenescendo quando lhe é necessário, embora seja um condutor de homens e um chefe militar, o rei é também um ser humano com uma família e esta é tanto mais importante quanto, sob Akhenaton, é uma família sagrada, filho, nora e netos do «Aton resplandecente». Debruçar-nos-emos em seguida sobre esta faceta do monarca.

4.3. Cenas familiares

O tema das cenas familiares envolve representações gravadas em estelas ou nos túmulos amarnianos mostrando a família real interagindo entre si, quer nos seus momentos de abandono e ternura, que analisamos de seguida, quer nas suas horas de dor e luto, cuja interpretação será feita no Capítulo V.

Do ponto de vista temático, as cenas familiares representam a família real, recebendo visitas externas e a família real nos seus momentos de lazer. O primeiro subgrupo é exclusivo do túmulo de Huya (TA 1) e nele estão contidas representações de Amen-hotep III, da rainha-mãe, Tié, e de uma até agora desconhecida princesa, Baketaton de seu nome. A distribuição destas cenas ao longo do túmulo está descrita no Quadro II.4.

Quadro II.4 – Tema e localização dos registos iconográficos da visita dos pais de Akhenaton a Amarna. Túmulo de Huya (TA 1)

| Tema | Visitantes | Localização |
|------------------|----------------|--------------------------------------|
| Cena de banquete | Tié, Baketaton | Parede Sul, lado oriental, (Pl. IV) |
| Cena de banquete | Tié, Baketaton | Parede Sul, lado ocidental, (Pl. VI) |
| Visita ao templo | Tié, Baketaton | Parede oriental, (Pls. VIII-XII) |

³⁵⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 628.

³⁵⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 628.

| | | |
|--------------------------------|--------------------------------|-------------------------------------|
| «Sombra de Ré» | | |
| Reunião familiar | Tié, Baketaton, Amen-hotep III | Lintel, (Pl. XVII) |
| Pintura da estátua da princesa | Baketaton | Parede Sul, lado oriental, (Pl. IV) |

O segundo subgrupo inclui unicamente representações do casal régio e das princesas e está presente em três túmulos, tal como se vê no Quadro II.5.

Quadro II.5 – Tema e localização das cenas familiares simples

| Tema | Túmulo | Localização |
|--------------|----------------------------|---|
| Colação real | Túmulo de Meriré II, TA 2. | Parede sul, lado ocidental, (Pl. XXXII). |
| Colação real | Túmulo de Ahmés II, TA 3. | Parede ocidental, cena inferior, (Pl. XXXIV). |
| Colação real | Túmulo de Pentu II, TA 5 | Parede sul, lado cena superior, (Pl. X). |

Vejamos, de forma detalhada, cada um destes sub-grupos e respectivos temas:

4.3.1. Os pais de Akhenaton em Amarna

A ausência de qualquer representação anterior da rainha-mãe Tié sugere que ela não habitava em Akhetaton nos primeiros anos da sua construção. A nomeação de Huya, *imy-r pr (m) m(w)t nsw hmt-nsw wrt Tiy*, «Mordomo da casa da mãe do rei, a grande esposa real Tié», para o cargo de *imy-r ipt nsw*, «Superintendente do harém real», e a concessão que lhe foi feita de um túmulo amarniano mostra que a sua senhora, para além de ter efectuado uma visita à nova capital, aí terá habitado até ao fim da vida ou, pelo menos, aí passou algum tempo³⁵⁷. Sabe-se que possuía um pequeno templo e um palácio de cuja administração Huya terá sido encarregado.

De acordo com a utilização da segunda fórmula canónica do nome de Aton e com a representação da já referida cena da entrega dos tributos, especificamente datada do ano 12, a visita teria tido lugar entre o ano 9 e aquele ou seja, alguns anos antes da morte da «Grande Esposa Real», que teve lugar no ano 16.

Para além do túmulo de Huya, Amen-hotep III está representado numa estela (fig. II.62), encontrada na casa de Panchesy, sacerdote de Aton³⁵⁸.

³⁵⁷ Depois da morte do esposo, Tié parece ter habitado em Medinet el-Ghurab. Ver Tyldesley, J., *Chronicle of the queens of Egypt*, p. 122

³⁵⁸ JOHNSON, W. Raymond, «Amen-hotep III and Amarna: some new considerations», *The Journal of Egyptian Archaeology*, 82, 1996, pp. 65-82.

A estela BM 57399 mostra um monarca envelhecido, obeso, parecendo alheado ou adormecido, na companhia de Tié, cujo corpo desapareceu na quase totalidade. Junto do casal está uma mesa de oferendas extremamente carregada e sobre tudo isto brilham os benéficos raios de Aton.



Fig. II.62 – A estela BM 57399.

Sabe-se também que estátuas do «Aton Brilhante» e da sua esposa faziam parte da decoração do templo «Sombra de Ré», tal com se vê nas figs. II. 63-64³⁵⁹. Se a presença de Tié em Amarna é pacífica, a de Amen-hotep III é altamente problemática, uma vez que está hoje estabelecido que Akhenaton subiu ao trono por morte do pai. Assim sendo, terá de haver razões do foro teológico a ter em conta. Efectivamente, é altura de lembrar que Amen-hotep III se fizera representar sob forma críptica como *Neb-maet-Ré Iten-Tjehen*, «Nebmaetré é o disco solar brilhante», ou seja, tendo nascido como filho carnal de Mutemuia e de Amon-Ré, veio a tornar-se no próprio deus solar, cujos percursos diurno e nocturno repetiu na sua barca, tal como está patente nas cenas relativas ao seu primeiro jubileu³⁶⁰.

³⁵⁹ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, Pl. X.

³⁶⁰ Túmulo de Kheruef (TT192), Pl. XXIII.

Akhenaton, filho de Ré como todos os reis, não podia ser mais que «filho de Aton» e jamais o pretendeu. Desencadeou a forma radical de uma revolução teológica com a qual seu pai talvez houvesse concordado, mas que teve o bom senso de não pôr em prática. Assim sendo, a presença das imagens de Amen-hotep III em Akhetaton deve, pensamos, interpretar-se não só enquanto manifestação de piedade filial, mas também como sancionadora do novo credo religioso. Era absolutamente vital que o Aton vivo e corporizado na figura paternal aprovasse os actos de seu filho e de algum modo «abençoasse» as novas práticas e a nova cidade.

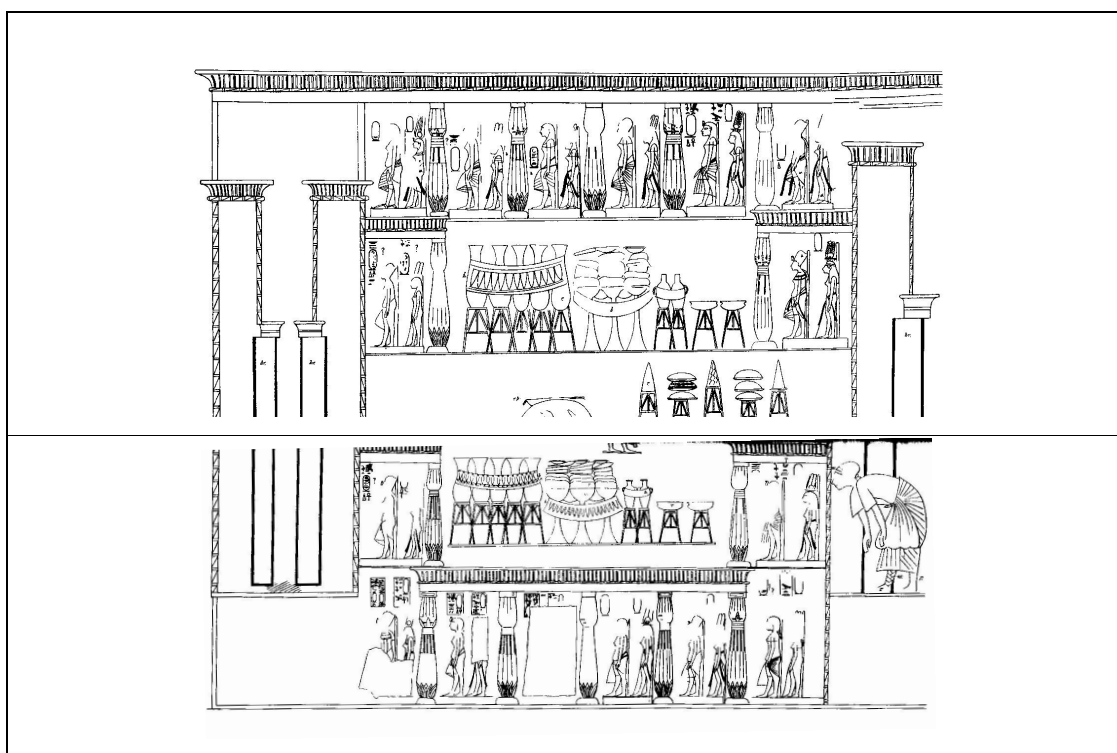


Fig. II.63 – As estátuas de Amen-hotep III que decoravam a câmara do templo «Sombra de Ré». Túmulo de Huya, TA 1, parede oriental, Pl. X.

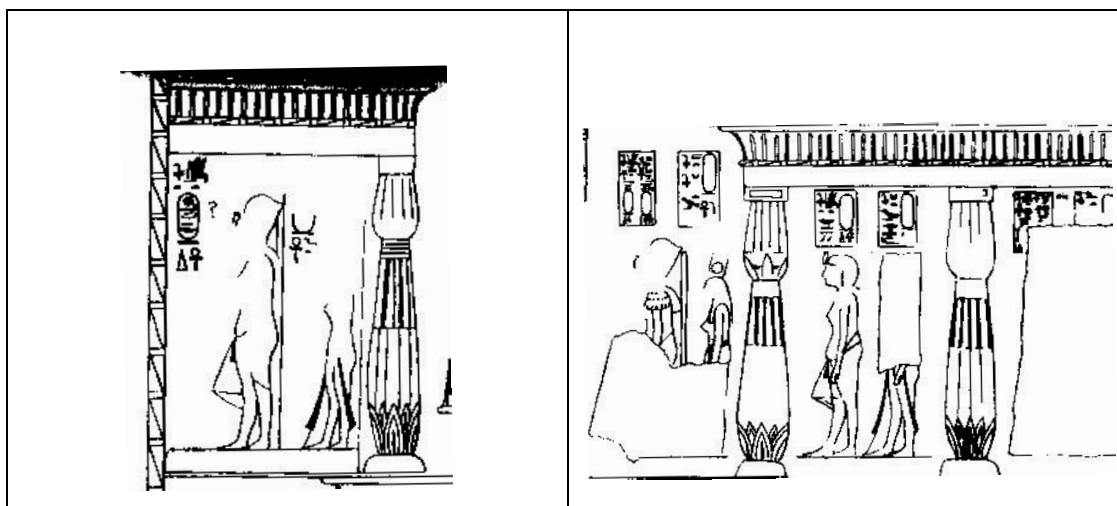


Fig. II.64 – As estátuas de Amen-hotep III e de Akhenaton que decoravam a câmara do templo «Sombra de Ré». Túmulo de Huya, TA 1, parede oriental, Pl. X. Ampliação.

4.3.1.1. Banquetes comemorativos

Uma vez que a representação dos prazeres da mesa esteve sempre presente no programa decorativo dos túmulos privados do Egito, não é de surpreender que a encontremos no túmulo de Huya. Retrata um banquete que fez parte das festividades ligadas à visita de Tié. A fig. II.65³⁶¹ mostra-a na região direita da figura, sentada numa bela cadeira, face ao filho e à nora. Ao lado de cada uma destas personagens está uma mesa coberta de pano verde³⁶² a abarrotar das mais variadas comidas. Contrastando com a aparente sobriedade da rainha-mãe, Akhenaton, dá mostras de um saudável apetite, empunha e devora uma enorme espetada e Nefertiti limita-se a uma ave assada, aparentemente de bom tamanho³⁶³. A bebida é amplamente fornecida por grandes jarros colocados sobre suportes.

³⁶¹ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, pp. 4-7.

³⁶² *Ibidem*, p.5.

³⁶³ Sobre a alimentação no Antigo Egito ver SAFFIRIO, Luigi, «L'alimentazione umana nell'antico Egito», *Aegyptus*, Ano LV, Gennaio-Dicembre 1975, Fasc. I-IV, pp. 14-44.

Quando apresentados em conjuntos de dois ou mais mostram-se, por uma questão de equilíbrio, ligados por uma larga fita azul³⁶⁴.

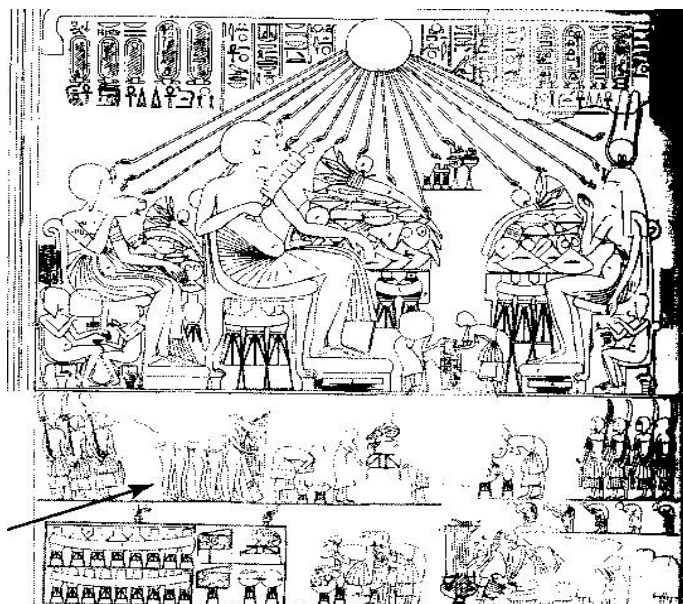


Fig. II.65 – A família real, tomando uma refeição na companhia da rainha-mãe, Tié, e da princesa Baketaton. Túmulo de Huya, TA 1. Parede sul, lado oriental (Pls. IV, V).

O casal régio usa perucas simples, deixando Tié brilhar no esplendor do seu toucado hatórico, onde o disco solar brilha entre os longos cornos da deusa. Aton estende os raios sobre estas reais pessoas e as crianças que, ajuizadamente, participam na festa e que o artista não se esqueceu de representar. Duas princesas estão ao lado de Nefertiti: Meritaton e uma outra, que parece ser mais nova, mas de cujo nome só se preserva a terminação ...-aton. Comparando este grupo com o representado na fig. II.57, poderia ser identificada com Ankhesenpaaton, mas nada impede que se tratasse de Neferneferuaton. É, sem dúvida, muito estranho que as outras quatro princesas não figurem no banquete. Talvez estivessem fora da corte ou doentes, talvez tivessem mesmo falecido...

Junto da rainha-mãe, senta-se uma *s3t nsw n ht.f mrit.f B3kt-Itn*, «filha do rei, do seu corpo, sua amada Baketaton», cujos pais não são explicitados, mas que recebe a comida das mãos de Tié que a houvera do mordomo Huya. No registo inferior, à

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 5.

esquerda, é-nos mostrada a despensa cheia de jarros de vinho e de cerveja, caixas com bolos e mesas cheias de carne onde os oficiais vão buscar a comida e não se esquecem de provar os alimentos³⁶⁵. Huya executa ainda uma prova suplementar antes de eles serem servidos. A legenda, que praticamente desapareceu, foi reconstruída por Lepsius e diz o seguinte:

(*n k3 n?*) *hsy n W^c-n-R^c rdwy n nb t3wy m st nb mr(t).f imy-r iptnsw imy-r pr- ḥd imy-r pr (m) m(w)t nsw ḥmt-nsw wrt Tiy nḥ tī dt (n)ḥḥ wy3 m3^c-ḥrw*
 (Pelo *ka* do?) favorito de Uaenré, (o que segue) os pés (= os passos) do senhor das Duas Terras em todos os lugares que ele ama, do superintendente do harém real, do superintendente da Casa da Prata (tesouro), do mordomo da casa da mãe do rei, a grande esposa real Tié, que ela viva eternamente e para sempre. Huya, justificado³⁶⁶.

Ao prazer da comida vem adicionar-se a audição da música fornecida por duas orquestras. A região inferior esquerda da figura mostra dois conjuntos de executantes de instrumentos de corda, um egípcio, acompanhado de uma lira vertical da sua altura, e outros estrangeiros, levando em conta os respectivos trajes e a lira que um deles segura. Estão colocados ao lado de Tié face aos músicos reais e talvez pertencessem à sua casa. A orquestra da corte é constituída por quatro executantes femininas: uma harpista, duas tocadoras de alaúde e uma tocadora de lira³⁶⁷.

Numa outra cena, parede sul, lado ocidental, o casal régio, a rainha-mãe e as três princesas já representadas anteriormente saboreiam o vinho que lhes é servido por oficial munido de um guardanapo³⁶⁸.

³⁶⁵SAFFIRIO, Luigi, «L'alimentazione umana nell'antico Egitto», *Aegyptus*, Ano LV, Gennaio-Dicembre 1975, Fasc. I-IV, pp. 14-44.

³⁶⁶ Túmulo de Huya, TA 1, lns. 33-34.

³⁶⁷ Recorde-se (§ 4.1.2.) a existência, no *ipet*, de salas de ensaio de uma orquestra femininina. Ver Túmulo de Ahmés (TA 4). DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, Pl. XXXIII. Ver PÉREZ, Federico, «La música en el antiguo Egipto», *Revista de Egiptología Osiris*, nº2, Agosto de 2001, pp. 46-55.

³⁶⁸ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 7.

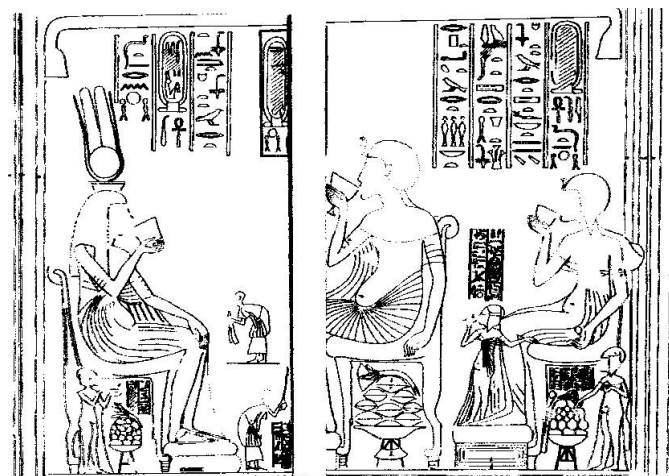


Fig.II.66 – Tié e Baketaton, saboreando vinho na companhia do casal régio e das princesas Ankhesenpaaton e talvez Makhetatton. Túmulo de Huya, TA 1. Parede sul, lado ocidental, (Pls. VI-VII).

Sobre suportes baixos há cestos de fruta e o que parecem ser pastéis. Huya está presente e dirige o serviço com a sua varinha. Esta cena decorre à noite³⁶⁹ e a luz é fornecida por seis lâmpadas e, ao lado de cada uma, sobre suportes, dois vasos de óleo estão prontos para as abastecer³⁷⁰. Desconhece-se qual poderia ser o poder iluminante destas lâmpadas. Outros exemplares, mais belos, estariam certamente redervados a salas e quartos do palácio, tal como as lâmpadas de calcite que foram encontradas no túmulo de Tutankhamon (fig. II.66)³⁷¹

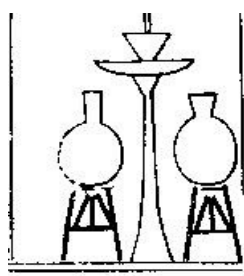


Fig.II.66 – Lâmpada representada no registo inferior da fig. II. 66 e sua comparação com uma lâmpada de calcite que fazia parte do tesouro funerário de Tutankhamon.

³⁶⁹ Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 7.

³⁷⁰ *Ibidem*, Pl. VII. Na verdade, trata-se de seis vasos de óleo onde existe um longo pavio a arder.

³⁷¹ REEVES, Nicholas, *The Complete Tutankhamun*, p. 195

4.3.1.2. Exaltação do pai

O lintel da porta que conduz às salas interiores foi dotado com quatro colunas de inscrições (lns. 89-121) e na sua base encontra-se uma figura de Huya em oração. Está dividido ao meio e em cada lado se gravaram duas famílias reais, a de Akhenaton, à esquerda, e a de Amen-hotep III, com Tié e Baketaton, à direita, fig. II.67.

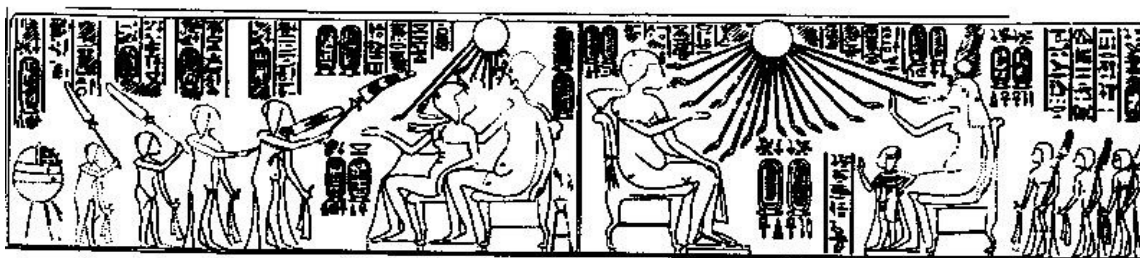


Fig. II.67 – Amen-hotep III, Tié e Baketaton em Amarna. Túmulo de Huya, TA 1, lintel, Pl. XVIII.

Akhenaton põe amorosamente o seu braço sobre os ombros da rainha. Está sentado numa cadeira e tem os pés num escabelo, tal como Nefertiti a seu lado. Esta parece chamar a atenção do esposo para as quatro filhas que agitam leques diante dos pais, a quem os raios de Aton vêm beijar. Na outra metade, igualmente sob os benfazejos raios do deus, Amen-hotep III está sentado numa cadeira mas separado da esposa e de Baketaton, as quais fazem um gesto de saudação como se de um deus se tratasse. Três flabelíferos acompanham a cena³⁷². O protocolo do rei está reduzido a: *Nsw-bit(y) Nb-m3't-R' di ʿnh*, «Rei do Alto e do Baixo Egipto, Nebmaetré, dotado de vida» e contrasta com o extenso protocolo de Tié³⁷³. A separação que existe entre ela e o esposo pode significar que ele teria já falecido.

Uma vez mais, aparece a princesa Baketaton, designada por: *s3t nsw n ht.f mrit.f B3kt-Itn*, «Filha do rei, do seu corpo, sua amada Baketaton»³⁷⁴. Não existe menção do nome deste rei. Seria Baketaton a irmã mais nova do faraó Akhenaton, tal como é afirmado em Dodson e Hilton³⁷⁵? De facto, não há aqui outro rei a não ser Amen-hotep III, mas não existe

³⁷² Túmulo de Huya (TA 1), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, pp. 15-16. Não parecendo existir uma razão para a presença dos flabelíferos, parece de admitir a hipótese de Davies de que se destinariam a equilibrar a presença das três princesas na figura da esquerda, *Ibidem*, p. 15.

³⁷³ Huya, TA 1, ln. 85-87. Sobre os procolos reais ver Cap. V.

³⁷⁴ Huya, TA 1, ln. 88.

³⁷⁵ DODSON e HILTON, *The complete royal families of Ancient Egypt*, p. 154; cf. GABOLDE *et al.*, *Akhenaton et l'époque amarnienne*, pp. 28-29.

qualquer referência a Tié como sua mãe. Poderia, pois, ser filha dele e de uma esposa secundária ou de qualquer esposa de Akhenaton e ter sido adoptada pela rainha-mãe. Esta última hipótese explicaria o seu nome teóforo alusivo a Aton, como o de todas as primeiras quatro princesas reais³⁷⁶.

4.3.1.3. A rainha-mãe visita o pavilhão «Sombra de Ré»

Esta visita encontra-se representada no túmulo de Huya (TA 1). O texto que a acompanha diz-nos que: *s3(h)t hmt-nsw wrt m(w)t n nsw Tiy r- rt-^c ptry.s t3.s šwt-R^c*, «É conduzida a grande esposa real, a mãe do rei, Tié, ao lado (do rei) para ver o seu pavilhão, Sombra de Ré»³⁷⁷. Mãe e filho caminham, de mãos dadas, em direcção à entrada do templo cujas portas estão abertas para os receber (fig. II.68). Acompanha-os a princesa Baketaton, transportando uma oferenda vegetal para o altar. Duas aias e uma sucessão de flabelíferas escoltam os ilustres visitantes. Na comitiva estão presentes os habituais carregadores, oficiais militares e civis. Huya e um outro funcionário não nomeado abrem caminho.

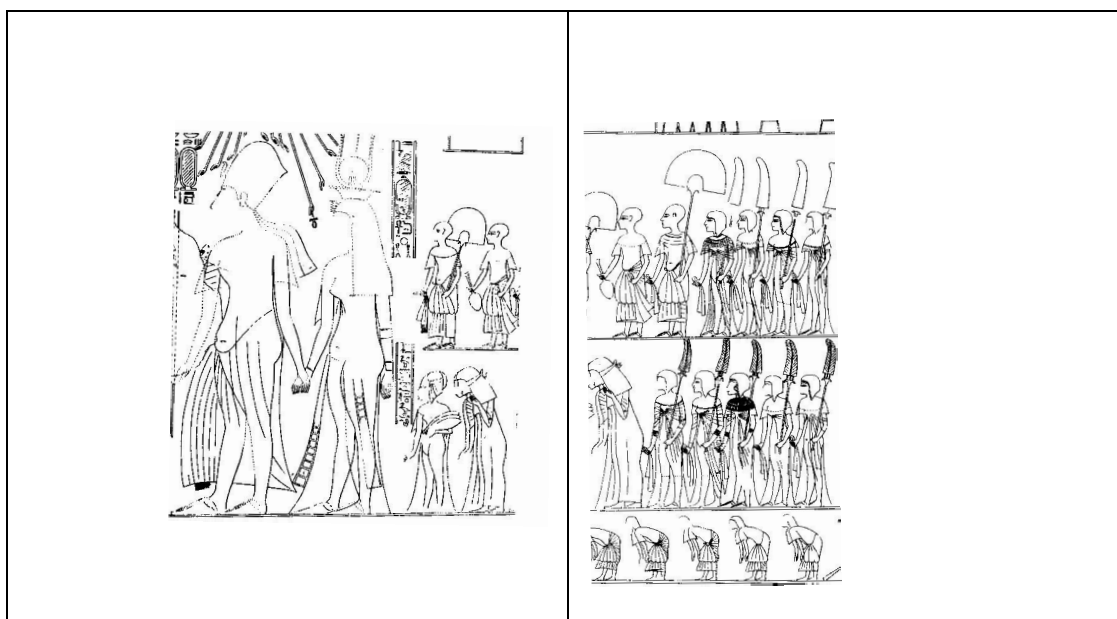


Fig. II.68 – Akhenaton e Tié visitam o pavilhão *Chut-Ré* em Akhetaton. Baketaton, seguida pelas suas damas de honor, parece transportar uma alface. Túmulo de Huya, TA 1, parede oriental, (Pl IX).

³⁷⁶ O nome não é novidade, conhece-se uma Baketamon, esposa do intendente Amenemhat (TT 82), um contemporâneo de Tutmés III. MARUEJOL, F. *Thoutmosis III et la corégence avec Hatchepsout*, p. 174. Nada impede que Baketaton tenha nascido com um nome teóforo de Amon que mudou, de acordo com a nova religião.

³⁷⁷ Túmulo de Huya, TA 1, lns 41-42.

O registo abaixo da cena principal continua da escolta de oficiais e porta estandartes conduzidos por um trombeteiro. Três carros aguardam os régios visitantes.

A penúltima linha é dedicada a Huya que não se esqueceu de se fazer representar num momento tão importante. Ei-lo, dividindo o pessoal doméstico da rainha-mãe em oito classes e tratando das nomeações de cada um, como pertencia ao seu cargo. Vestido de cerimónia conduz os seus subordinados (figs. II.69-70) que, de mãos erguidas num gesto de homenagem o acompanham no momento particularmente feliz da sua promoção:

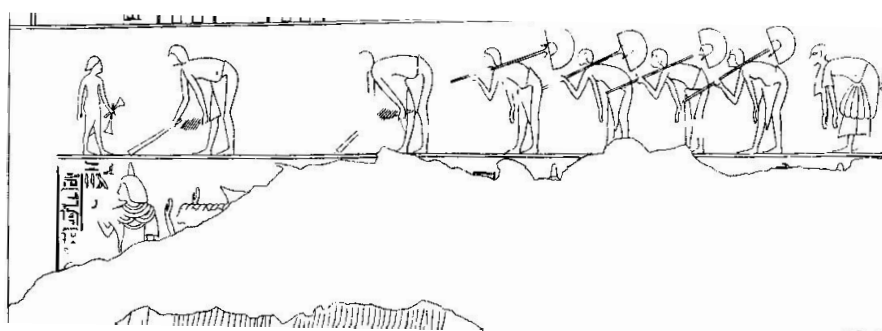


Fig. II.69 – Huya e os oito grupos de trabalhadores que estão sob as suas ordens.
Túmulo de Huya, TA 1. Parede oriental (Pl IX).

Grupo I:

dhn imy-r ipt hmt-nsw wrt Tiy hwy3

Promovendo o intendente dos aposentos privados da grande esposa real Tié, Huya,

Os grupos II e III estão destruídos. É possível ler *dhn*, «promovendo».

Grupo IV. Aclamação dos acompanhantes, de braços erguidos, como Huya:

p3 hk3 n 'Itn iw.f nhh dt shpr.f m d3mw m d3mw

Ó soberano de Aton: Tu existes para sempre e eternamente, de geração em geração

Grupo V:

dhn imy-r ipt nsw n hmt-nsw wrt Tiy hwy3 h3it.s m nfrw

Promovendo o intendente dos aposentos privados da grande esposa real Tié, Huya, ela (Tié) é a erguida (a que surge) em beleza!

Grupo VI:

dhn imy-r ipt nsw hmt-nsw wrt Tiy hwy3 n h3i m.h Itn

Promovendo o intendente dos reais aposentos privados da grande esposa real Tié, Huya. Aton ergueu-se para ele (o rei).

Grupo VII:

*dhn imy-r ipt nsw hmt-nsw wrt Tiy hwy3 t3(t)y sryt n p3 s3w nm(w) hrdw h*ḥ*i. n.f Itn*

Promovendo o intendente dos reais aposentos privados da grande esposa real Tié, Huya, o porta-estandarte do regimento de jovens guerreiros (denominado) “Aton ergueu-se para ele”.

Os acompanhantes repetem: *h*ḥ*(i).n.(f) Itn*, « Aton ergueu-se para ele!»

Grupo VIII:

*t3 k3tyw imy-r ipt nsw imy-r pr- h*ḥ*d hwy3*

Os trabalhadores do intendente do harém real, do intendente da Casa da Prata (tesouro), Huya.

Sobre um grupo de homens e adolescentes: *t3 k3wty(w) pr Itn n 3*ḥ*t-It*n** «Os trabalhadores da Casa de Aton em Akhetaton»³⁷⁸.

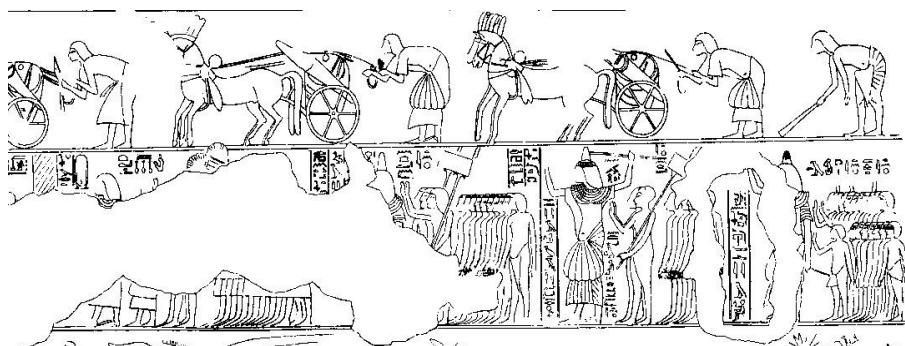


Fig. II.70 – Huya e grupos de trabalhadores, (cont. da fig. III.61).
Túmulo de Huya, TA 1, parede oriental (Pl IX).

Uma vez descritas as cenas e os textos que se referem a esta efeméride, põe-se o problema de identificar e localizar o pavilhão «Sombra de Ré». Norman de G. Davies admitiu que ele pudesse ter feito parte do *Santuário Menor* ou que fosse um edifício independente e já desaparecido.³⁷⁹ As pesquisas arqueológicas de Barry Kemp, realizadas em Amarna durante a temporada de 1996-1997, levaram-no a admitir que talvez integrasse

³⁷⁸ Huya, TA 1, lns. 43-54.

³⁷⁹ Túmulo de Huya. (TA 3). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. III, pp. 19-25.

um templo, o *Maru-Aton*, localizado 1,5 km abaixo do limite sul da cidade e cuja reconstituição se mostra na fig. II.71. Aí foi, de facto encontrado um bloco de pedra com a referência *Chut-Ré*.



Fig. II.71 – Reconstituição do *Maru-Aton*.
Kemp, Barry, *The City of Akhenaton and Nefertiti*. (Pl XXXVII).

4.3.2 A família real em sua casa ou *le roi chez soi*

Nada melhor que esta expressão francesa para nomear uma série de representações descontraídas, direi mesmo burguesas, da família real na sua intimidade. Longe de protocolos demasiado solenes, retratam-se momentos de descontração nos quais Akhenaton come e bebe, mas não em banquetes, acaricia a esposa e brinca com as filhas. Nos túmulos de Amarna há algumas cenas deste tipo.

4.3.2.1. Nefertiti oferece uma bebida ao esposo

Esta cena familiar (fig. II.72) pertence ao grupo das figurações de colação real que abundam nestes túmulos e, como elas, decorre ao som da música da orquestra do Palácio, composta por seis mulheres que tocam harpa, lira e alaúde³⁸⁰.

Meriré II está junto dos seus reais amos, assegurando o serviço mas sem lhe caber a honra de apresentar a bebida directamente ao rei. Isto é feito por Nefertiti, coadjuvada pelas

³⁸⁰ Tal como está representada no túmulo de Huya (TA 1).

princesas. A cena passa-se num pavilhão, suportado por colunas e com o tecto coberto de folhagem e flores que tombam em belos cachos.

Akhenaton recosta-se numa cadeira almofadada, o braço esquerdo repousa, numa atitude negligente. Na mão, segura uma taça pouco funda onde recolhe o vinho que Nefertiti vasa de um pequeno jarro para umassador de barro. A pequena Ankhesenpaaton trouxe-lhe flores, Maketaton está junto dos seus joelhos e parece trazer qualquer mimo que já não é possível distinguir. Mais longe, Meritaton transporta o que pode ser um vaso de vinho.

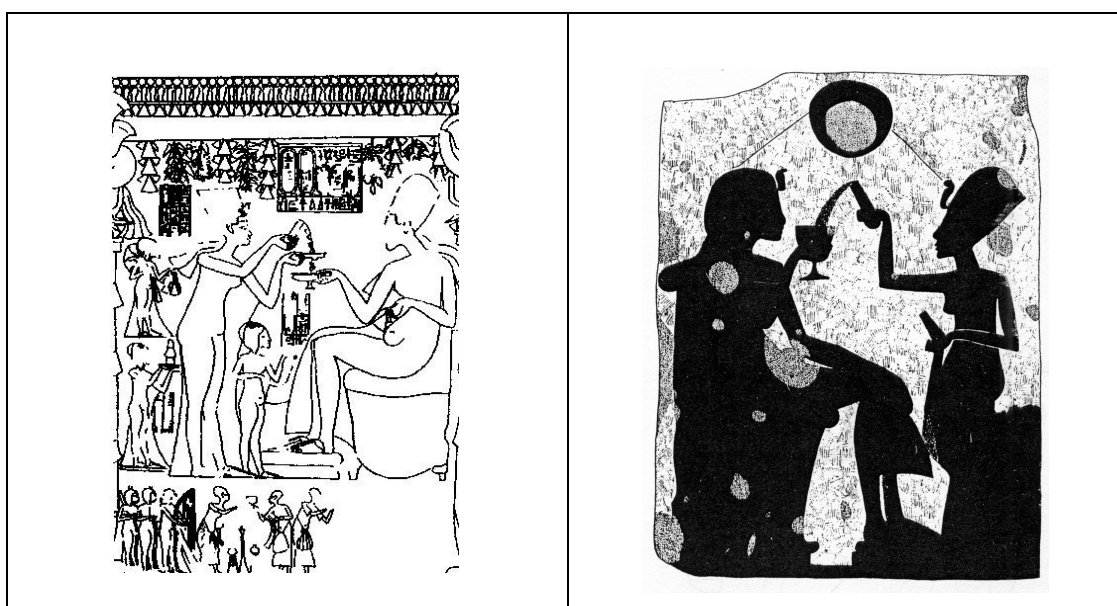


Fig. II.72 – À esquerda: A rainha, na companhia de três princesas oferece de beber a Akhenaton. Notar os protocolos de Aton (2ª fórmula) e de Akhenaton. Túmulo de Meriré II, TA 2, parede sul, lado ocidental (Pl. XXXII). À direita: Akhenaton, ostentando o toucado *nemes* recebe uma libação de uma rainha. Museu Egípcio de Berlim.

A cena da direita afigura-se-nos de grande importância e, quiçá, de uma natureza menos familiar e mais solene, como se a rainha fizesse uma oferenda. Repare-se que ela usa a coroa *kheprech*, a coroa *do rei*, tal como na cerimónia da entrega dos tributos³⁸¹. Ora, a coroa só pode ser usada por um rei e se Nefertiti a usa, não existe razão para duvidar que alcançou tal estatuto. Isto apoia a teoria de Nicholas Reeves³⁸² a respeito de uma coregência

³⁸¹ Túmulo de Meriré II, TA 2, ln. 60. Ver § 4.2.2.2.

³⁸² REEVES, Nicholas, *Egypt's False Prophet. Akhenaten*, p. 172. Ver § 4.2.2.1.

dos dois, pelo menos a partir do ano 12, embora não prove que sucedeu a Akhenaton, sabe-se, apenas, que ainda vivia no ano 16 do seu reinado³⁸³.

4.3.2.2. A família real toma uma refeição

Esta cena do túmulo de Ahmés (TA 3) representa a família real sentada saboreando uma refeição, no átrio do palácio (fig. II.73). Só uma pequena parte do desenho foi gravada e posteriormente vandalizada na Antiguidade e em tempos mais recentes. No pouco que resta distingue-se um minúsculo mordomo Ahmés, no acto de servir uma taça de vinho a Akhenaton.

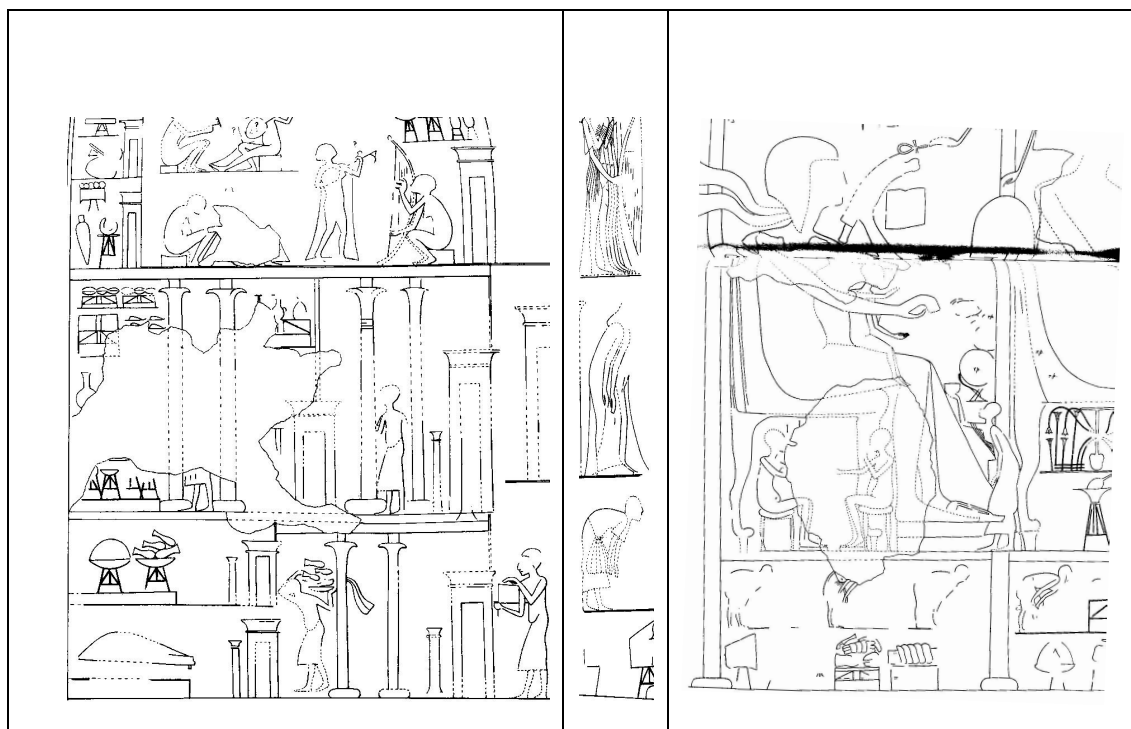


Fig.II.73 – A família real tomando uma refeição no palácio.
Túmulo de Ahmés, TA 3. Parede ocidental, cena inferior, Pls. XXXIII-XXXIV.

³⁸³ Estela de Dayr Habu Hinnis com uma inscrição datada do dia 15 do terceiro mês da estação da Inundação, ano 16. Ver SEYFRED, Frederick, «Nefertiti: What remains but beauty?» em SEYFRED Frederick, (Ed.) *In the light of Amarna* pp. 196-197.

A acção decorre numa grande sala com seis colunas. Os raios do sol caindo como de costume sobre o casal régio atravessam a linha superior do edifício, tecto e parede lateral. O rei e a rainha sentam-se em cadeiras de alto espaldar, diante de pilhas de alimentos³⁸⁴. Permanecem fragmentos dos protocolos reais, mas perderam-se os das princesas.

Akhenaton devora uma ave assada, enquanto a Grande Esposa Real prefere uma enorme espetada de carne. Criados servem em mesas laterais (registo inferior) e um copeiro oferece uma taça de vinho a Nefertiti. Duas princesas comem na sua própria mesa ao lado da cadeira da rainha que tem sobre os joelhos uma filha mais nova. Esta imagem é comum nos outros túmulos amarnianos: normalmente Meritaton e Maketaton, mais velhas, comem sozinhas junto da mãe. Atendendo, porém, ao facto de Aton ser referenciado pela sua primeira fórmula canónica, anos 5-12 do reinado, de só três princesas estarem representadas e, de acordo com Marc Gabolde³⁸⁵, Ankesenpaaton ter nascido «entre o final do ano 6 e o começo do ano 7», podemos admitir que seja ela quem está ao colo da rainha. Não será até, errado pensar que o grande apetite de Nefertiti, normalmente muito mais sóbria, esteja relacionado com uma nova gravidez, a de Neferneferuaton-ta-cherit, nascida c.ano 9.

Uma fila de jarros de vinho (agora destruída) está representada no lado mais distante. Para além da cadeira da rainha estão os criados, duas ou três aias para as crianças e a orquestra feminina que acompanha as cerimónias do palácio. Através da sala vê-se um corredor que o separa dos apartamentos privados para onde se entra por duas portas³⁸⁶.

O túmulo de Pentu mostra uma cena, talvez parecida, mas da qual restam apenas uns poucos fragmentos desta pintura (fig. II.74). Os contornos do corpo são executados a vermelho mas o colar é azul e a taça foi pintada de branco. O grupo está a cerca de 1,80 m da extremidade direita da parede. O rei e a rainha sentados em cadeiras, talvez na companhia de uma princesa.

³⁸⁴ Túmulo de Ahmés (TA 3). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. III, p. 30. Esta exibição de provisões é típica das cenas de banquete e de oferenda, nestes túmulos.

³⁸⁵ GABOLDE, Marc, *D'Akhénaton à Toutânkhamon*, p. 30.

³⁸⁶ Que conduzem ao harém e à alcova real, como vimos no §4.1.2. Ver Túmulo de Ahmés (TA 3). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. III, p. 30.

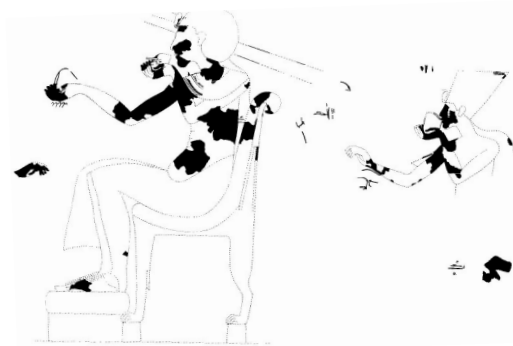


Fig. II.74 – O rei e a rainha tomando uma refeição. Túmulo de Pentu, TA 5, Parede sul, cena superior, (Pl. X).

Akhenaton segura uma peça de carne numa das mãos e o que parece ser um pão na outra. Nefertiti leva um copo aos lábios. À esquerda do rei e virada para ele adivinham-se os restos de uma mão como se uma figura, um copeiro ou um outro oficial do palácio estivesse diante do soberano para o servir³⁸⁷.

A parede oriental do túmulo de Parennefer (TA 7) mostra o rei, exibindo a coroa *atef* e sentado num banco debaixo de um dossel e sobre um pedestal maético, (fig. II.75). O baldaquino, sob o qual está sentado, é suportado por colunas de madeira com o capitel formado pela união de um lótus e seus botões com um lírio.



Fig. II.75 – Cena de banquete real. Túmulo de Parennefer, TA 7, parede oridental, lado norte, Pl. VI.

³⁸⁷ Túmulo de Parennefer (TA 7). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. VI, p. 5.

Este pavilhão é muito parecido, será eventualmente o mesmo que ocupou na cerimónia de entrega dos tributos³⁸⁸. Estão presentes grupos de músicos, entre os quais um agrupamento feminino. Os seus instrumentos já não se distinguem na totalidade, mas ainda se pode ver uma harpa de pé e uma trigone³⁸⁹ que é transportada aos ombros e talvez ainda uma lira e um alaúde. Outros músicos, talvez hititas, a avaliar pelos seus peculiares barretes cónicos (fig. II.76), parecem ter acabado de executar um trecho numa grande lira vertical e agradecer, inclinando-se.



Fig. II.76 – Músicos que acompanham o banquete da figura anterior. À direita, um nobre ou rei hitita. Repare-se no barrete cónico que ambos usam.

O grande arranjo de mesas e vasos destina-se a exhibir, uma vez mais a abundância que é própria do palácio. Este enquadramento acompanha normalmente os banquetes de Akhenaton. De acordo com Norman de G. Davies³⁹⁰, Parennefer, no exercício do seu cargo de *wb3 nsw w' b-ꜥwy*, «Copeiro-real de mãos puras», derramaria água sobre as mãos e os pés do seu amo, enquanto um outro oficial, de acordo com o mesmo autor, serviria uma bebida ao rei. É possível que este aproveitasse o momento para transmitir quaisquer ordens ao que é também o seu *imy-r k3wt nbt nt nsw m Pr-Itn*, «Superintendente de todos os trabalhos do rei, na Casa de Aton».

³⁸⁸ Túmulo de Huya (TA 1). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. III, Pl. XIV, p. 11.

³⁸⁹ O trigone é uma antiga cítara ou harpa triangular.

³⁹⁰ Túmulo de Parennefer (TA 7). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. VI, p. 4.

Estamos no domínio das hipóteses³⁹¹, uma vez que, para além da evidente degradação das figuras, grande parte do texto desapareceu, restando apenas o discurso laudatório de Parennefer, talvez o início de uma resposta às possíveis ordens do seu amo:

dd-mdw pr-ʿ3 mnw ḥḥw rnpwt ... p3 šri wb(n) ṯn n p3 ʿItn rnpt rnpī.k n.n ... iw(.k) psdt tī m p3 wb(n)y n p3 ʿItn ʿnḥ iw.k ḥr m33 n3yw.f stwt ʿnw(t) n n3 ... ṯwi k(3)b n.k ḥsb ḥbw-sd sw(3)d.f n.k t3 nb di.f n.k... r irt n ib.k ... fḥ n ... šʿnḥ ḥ3ty... n ... p3 wʿ-n-Rʿ mri r sw p3 ʿItn

Palavras ditas: “Ó faraó que foste estabelecido por milhões de anos ... Ó filho de Aton que te ergues brilhante, sê jovem para nós ...tu és brilhante(=brilhas) no erguer do Aton vivo, Tu estás a vê-lo e aos seus belos raios ... duplicando-te a contagem dos jubileus que decretou para ti. É-te concedida toda a terra ... para dispores (dela) segundo o teu coração ... partida de ... fazendo viver o coração ... de ... o «Único de Ré», amado por Aton”³⁹².

5. Quantificação e distribuição

O Quadro II.6 quantifica o conjunto das *Cenas Animadas*, isto é, com representação de seres humanos, que fazem parte do acervo iconográfico dos túmulos em estudo, distinguindo um suconjunto que designámos por *Cenas Reais* que ilustram os vários momentos da vida do soberano a que já nos referimos.

Quadro II.6 – Quantificação das cenas animadas e reais nos túmulos dos funcionários de Akhenaton

| Túmulo | Nº total de cenas | Cenas reais |
|------------------------------------|-------------------|-------------|
| Túmulos tebanos | | |
| Ramose, TT 55 | 49 | 11 |
| Kheruef, TT 192 | 42 | 26 |
| Parennefer, TT 188 | 1 | 1 |
| Total | 92 | 38 |
| Túmulos amarnianos do Norte | | |
| Huya, TA 1 | 19 | 8 |
| Rudu, TA 1 A | | |
| Meriré II, TA 2 | 8 | 4 |
| Ahmés, TA 3 | 7 | 3 |
| Meriré I, TA 4 | 17 | 7 |
| Pentu, TA 5 | 8 | 5 |
| Total | 80 | 38 |
| Túmulos amarnianos do Sul | | |
| Parennefer, TA 7 | 7 | 4 |
| Tutu, TA 8 | 6 | 4 |

³⁹¹ Norman de G. Davies define a cema como «audiência» na legenda da Pl. VII, embora tenha antes afirmado que: *The purpose of this public appearance is not quite obvious*. Túmulo de Parennefer (TA 7), DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, p. 5.

³⁹² Túmulo de Parennefer, TA7, lns. 21-29.

| | | |
|-------------------------------|-----|----|
| Mahu, TA 9 | 11 | 6 |
| Apy, TA 10 | 1 | 1 |
| Ramés, TA 11 | 2 | 1 |
| Nakhtpaaton, TA 12 | | |
| Neferkheperuhersekhpér, TA 13 | | |
| May, TA 14 | 2 | 1 |
| Suty, TA 15 | | |
| Sutau, TA 19 | 2 | 0 |
| Any, TA 23 | 6 | 0 |
| Paatonemheb, TA 24 | | |
| Ay, TA 25 | 5 | 2 |
| Total | 42 | 19 |
| Total de cenas | 214 | 95 |

A partir destes dados podemos considerar um parâmetro $r_c = \frac{n_R}{N} \times 100\%$ onde n_R representa o número de *Cenas Reais* e N o número total de *Cenas Animadas*. A fig. II.77 mostra a distribuição deste parâmetro ao longo das três classes de túmulos.

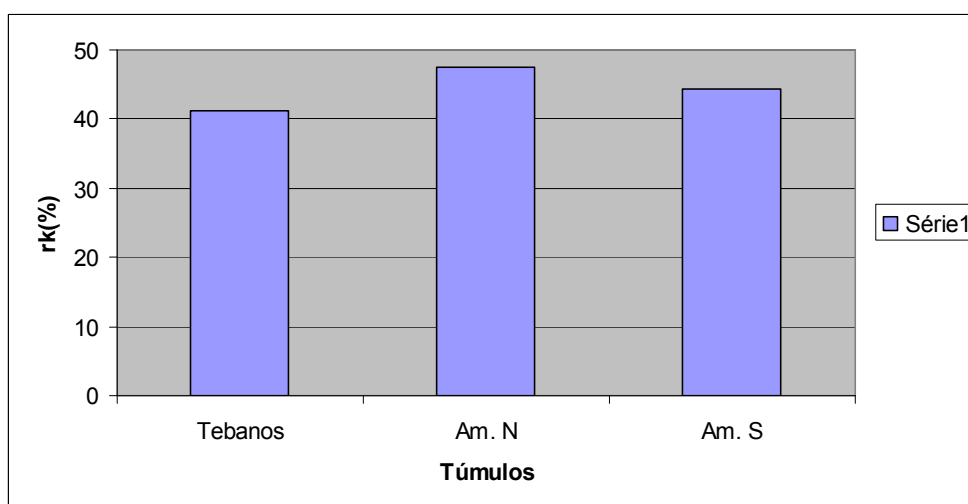


Fig. II.77 – Distribuição percentual das cenas reais nos túmulos dos funcionários akhenatonianos.

Podemos então concluir que a figuração real é bastante invasiva em *todos* estes túmulos e não só nos amarnianos, e nestes, é mais importante nos Túmulos do Norte.

Nos túmulos tebanos, o rei está fortemente representado no túmulo de Kheruef (TT 192), coma descrição minuciosa de dois dos seus jubileus. Quanto aos túmulos amarnianos do Norte, abundam como vimos em cenas reais e estão mais completos que os seus congéners do Sul.

CAPÍTULO III – ICONOGRAFIA DO FUNCIONÁRIO

Fiz o que era agradável ao rei do meu tempo.
(Vizir Ramose)

Verificámos, no capítulo anterior que, sendo a presença de Akhenaton tão esmagadora nos túmulos de Amarna, o funcionário estava limitado a aparições discretas, embora integrando, por inerência dos seus cargos, uma série de acontecimentos religiosos e políticos realizados na cidade. Efectivamente, a componente principal da sua biografia, o seu *cursus honorum*, situa-se na interface entre a sua vida pessoal e a do rei e isto é natural, porquanto os principais titulares de cargos civis e religiosos eram nomeados por ele. A iconografia correspondente alude portanto a cerimónias públicas de investidura e de recompensa, que podemos registar em vários túmulos, de acordo com o quadro seguinte.

Quadro III.1 – Cenas de investidura e de recompensa dos túmulos de Amarna

| Investidura | Recompensa | Ausência |
|----------------|------------------|--------------------------------------|
| Meriré I, TA 4 | Khreuf, TT 192 | Aper-El, Bubasteion I.1 |
| Huya, TA 1 | Ramose, TT 55 | Rudu, TA 1A |
| Tutu, TA 8 | Huya, TA 1 | Ahmés, TA 3 |
| | Meriré II, TA 2 | Apy, TA 10 |
| | Meriré I, TA 4 | Ramés, TA 11 |
| | Pentu, TA 5 | Nakhtpaaton TA 12 |
| | Panehesy, TA 6 | Neferkheperu(ré)-her-sekheper, TA 13 |
| | Parennefer, TA 7 | Suty, TA 15 |
| | Tutu, TA 8 | Sutau, TA 19 |
| | Mahu, TA 9 (?) | Any, TA 23 |
| | May, TA 14 | Paatonemheb, TA 24 |
| | Ay, TA 25 | |

Ou seja, num total de vinte e cinco túmulos, 8% contêm cenas de investidura e de recompensa, 48% só de recompensa³⁹³ e os restantes 44 % não exibem quaisquer cenas deste tipo. A ausência de recompensa, pode dever-se ao facto de os seus futuros utentes terem

³⁹³ Embora, como veremos adiante, o caso de Mahu possa oferecer dúvidas.

perdido o favor real, de não haverem ainda completado o necessário tempo de serviço ou, simplesmente a atrasos na decoração das suas últimas moradas.

Abordaremos, seguidamente, estes momentos significativos da vida de um funcionário amarniano.

1. Investidura de um funcionário

Começamos a nossa análise pelo tópico da investidura. A investidura pública num dado cargo inflamava a auto-estima do funcionário. Individualizava-o de entre as massas populares, enriquecia-o e, como tal, fazia dele uma apreciável fonte de empregos e um seguro contra a fome, tanto mais apetecível quanto mais importante fosse o cargo e mais tempo lograsse mantê-lo. Para Akhenaton, em particular, era uma eficaz acção de propaganda doutrinária, mostrando como era altamente compensadora a adesão ao Atonismo, viesse ela de importantes figuras do passado ou novos homens que pretendiam fazer carreira.

A cerimónia envolvente era altamente teatralizada, no sentido em que impunha uma gestualização complexa e a execução de um libreto próprio³⁹⁴.

1.1. Investidura de Huya

A parede norte do seu túmulo (TA 1) está ocupada por duas cenas, referindo-se a do lado ocidental à nomeação de Huya (fig. III.1) e a do lado oposto à sua recompensa. O texto é reduzido e o registo iconográfico está mutilado, daí que não saibamos exactamente qual o novo cargo a desempenhar por este antigo *imy-r pr (m) m(w)t nsw hmt-nsw wrt Tiy*, «mordomo da casa da mãe do rei, a grande esposa real Tié». A leitura do texto que acompanha a sua posterior recompensa mostra que Huya se transformou num funcionário régio com os importantes cargos de *imy-r ipt nsw*, «superintendente do harém real» e de *imy-r pr- ḥd*, «Superintendente da Casa da Prata (tesouro)».

O objectivo da cerimónia está claramente definido:

dhn ḥwy3 imy-r ipt nsw imy-r pr- ḥd imy-r pr (m) m pr m(w)t nsw,

«Promovendo Huya, (como) intendente do harém real e intendente da Casa da Prata.
(Ele era) o mordomo da mãe do rei»³⁹⁵.

³⁹⁴ Tal, como veremos, a cerimónia de recompensa.

³⁹⁵ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 68.

A parte superior da figura mostra Akhenaton e Nefertiti debruçados na «Janela das Aparições». O rei dirige-se a Huya, pronunciando um discurso cujas palavras não foram registadas. Os servos entregam-lhe presentes não primam pela quantidade: um bracelete e um cofre de conteúdo desconhecido. À esquerda podem ver-se duas princesas, não identificadas, na companhia das respectivas aias. Na extremidade direita, flabelíferos e outros oficiais do palácio contemplam a cena.

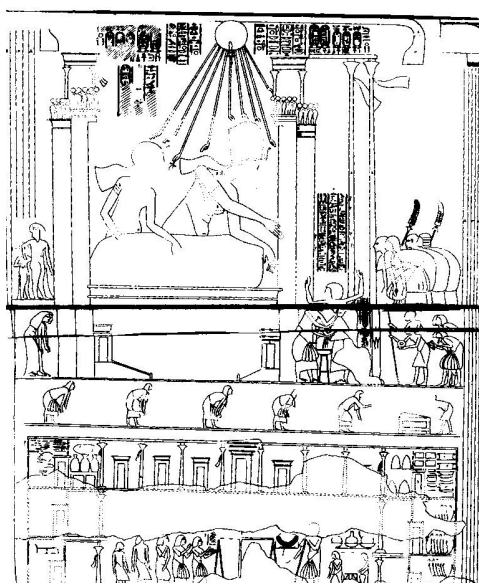


Fig. III.1 – A indigitação de Huya como funcionário régio.
Túmulo de Huya, TA 1, parede norte, lado ocidental, Pl. XVII.

Huya, em registo inferior ergue as mãos num acto de saudação, enquanto um servo lhe cinge uma faixa, que talvez fosse uma insígnia do seu novo cargo.

Huya profere a grata eulogia que é parte integrante destas cerimónias:

*i3w n k3.k p3 W^c-n-R^c ḥḳ3 nfr iri srw p3 ḥpy 3 n t3 r dr.f p3 k3 n nbw shpr.k m d3mw r wbn p3
Itn Tw.k r (n)ḥḥ p3 ... iw (n)ḥḥ dt*

Louvores ao teu *ka*, ó Uaenré, bom soberano que fazes os oficiais! Ó grande Hapy da sua terra inteira Ó *ka* de toda a gente, tu crias e fazes transformar as gerações em gerações,

durante a marcha de Aton³⁹⁶, tu existes para sempre, ó (Uaenré, tu) existes para sempre e eternamente³⁹⁷.

1.2. Investidura de Meriré I

A cerimónia de investidura de Meriré I, com a dignidade de sumo-sacerdote de Aton, está representada na parede sul, lado ocidental do seu túmulo, TA 4 (fig. III.2). Tem lugar a partir da «janela das aparições» do palácio real onde se encontram debruçados o rei e a esposa, acompanhados pela princesa Meritaton. Todas estas figuras foram apagadas. Todavia, pode ver-se que a rainha tem o braço passado em volta da cintura do esposo e que a sua mão direita está esticada no acto de atirar talvez mais um colar de ouro a Meriré I. Os raios de Aton cobrem e protegem a família real³⁹⁸.

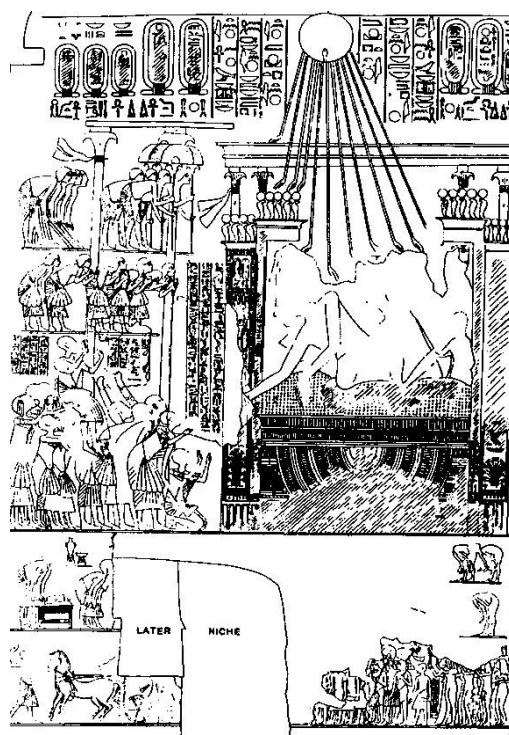


Fig. III.2 – Investidura de Meriré I como sumo-sacerdote de Aton.
Túmulo de Meriré I, TA 4, parede sul, lado ocidental, Pls. VI, VIII, IX.

Meriré, reconhecível pelo seu longo saiote e pelo seu belo cinto ornamentado, foi chamado à presença do rei e veio acompanhado de toda a sua casa. Ajoelha diante dele, mas

³⁹⁶ Isto é, durante o dia. Neste período, Akhenaton pode transformar a posição social de uma geração.

³⁹⁷ Túmulo Huya, TA 1, Ins. 69-73.

³⁹⁸ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. I, Pl. VI, p. 20.

ao ouvir a honra que lhe vai ser conferida os amigos erguem-no sobre os ombros. O seu pescoço está adornado com vários colares de ouro como testemunho da sua nova dignidade.

As dádivas estão a cargo de um grupo atento e interessado dos subalternos de Meriré. Um cofre pintado, vasos sobre bases e um colar sobre uma mesinha podem ainda ser vistos. Para a esquerda, além dos empregados, uma biga e a sua parelha, aguardam o novo dignitário para o conduzir de regresso a casa. O condutor espera, ao lado, com as rédeas na mão e uma outra personagem ergue um punhado de forragem. Além destes, a comitiva integra também flabelíferos e um grupo de dançarinas. A sua dirigente ergue um ramo de flores e atrás dela seis mulheres batem tamborins; duas delas e uma criança acompanham a música com uns passos de dança. A adolescente que as acompanha dança, agitando um ramo de palmeira. As palavras do seu canto foram obliteradas e só resta: «Duas vezes grandes são os teus favores, que este Uaenré prodigaliza!»³⁹⁹.

Dois grupos de oficiais menores estão ao lado da comitiva de Meriré. Quatro escribas com paleta, penas e papiros inscrevem o registo deste importante acontecimento ou, mais provavelmente, limitam-se a apontar cada uma das oferendas do rei. Quatro porteiros ou polícias com bastão esperam na retaguarda bem como muitos portadores de guarda sóis⁴⁰⁰.

Discurso do rei:

dd n nsw nb-t3wy Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c n wr m3w (n) p3'Itn Mry-R^c m^ck.wi hr di.k n.i r wr m3w n p3'Itn m pr'Itn m pr'Itn m 3ht-Itn ir.sw n mry.k r dd p3y.i sdm-^cš nty hr sdm t3 sb3yt hrw wpt.k nty twk hr irs h3ty.i hri hr.s rdi.i n.k t3 tw 3t r wnm.k p3 df(3)w n pr 3^c nh wd3 snb p3y nb.k m pr'Itn

Palavras ditas pelo rei que vive em *maet*, o senhor das Duas Terras, Neferkheperuré Uaenré, ao Grande dos Videntes (de) Aton, Meriré: Repara, estou a fazer-te para mim (a ligar-te a mim) como Grande dos Videntes de Aton, na Casa de Aton, em Akhetaton, fazendo-o por amor de ti, porque és o meu servo que ouve o ensinamento quotidiano (Quanto) à tua missão que executas, o meu coração está satisfeito com ela. Confiro-te o cargo, para que possas comer as provisões do faraó – vida, prosperidade, saúde – teu senhor, na Casa de Aton⁴⁰¹.

Responde a assistência:

shpr.f m d3mw m d3mw p3 hk3 nfr wbn p3'Itn iw.f r nh

³⁹⁹ Túmulo de Meriré I (TA 4). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. I, Pl. VI, p. 22. Tudo leva a crer que, de acordo com Davies, estas senhoras são profissionais e a menina uma aprendiz. Talvez pertencessem a um grupo feminino de profissionais que abrilhantavam festas com os seus cantos e os funerais com os seus gritos. Encontramo-las por exemplo no cortejo funerário do Vizir Ramose, TT 55.

⁴⁰⁰ *Ibidem*, p. 21.

⁴⁰¹ Túmulo de Meriré I, TA 4, Ins. 6-12.

Ele faz aparecer gerações sobre gerações, o governante perfeito, enquanto Aton brilhar, ele existirá para sempre⁴⁰².

Discurso de Meriré I:

in wr m3w n p3 Itn m pr-Itn m 3ht-Itn Mry-R^c m3^c-hrw dd.f 3š3 ht diw p3 Itn hr-^c (w)y m ib.f

O Grande dos Videntes de Aton, na Casa de Aton em Akhetaton, Meriré, justificado, ele diz: Muitas são as coisas concedidas imediatamente por Aton, segundo a sua vontade⁴⁰³!

Responde a escolta de Meriré I:

dd.s 3t sp sn By.k hswt p3 W^c-n-R^c di.f

Ela diz: Duas vezes grande, ó Uaenré é a tua recompensa, que estás a conceder!⁴⁰⁴

1.3. Investidura de Tutu

A nomeação de Tutu para o alto cargo de «Primeiro Servidor de Neferkheperuré Uaenré, na Casa de Aton em Akhetaton» (fig. III.3) está representada na parede ocidental, lado sul, do seu túmulo (TA 8).

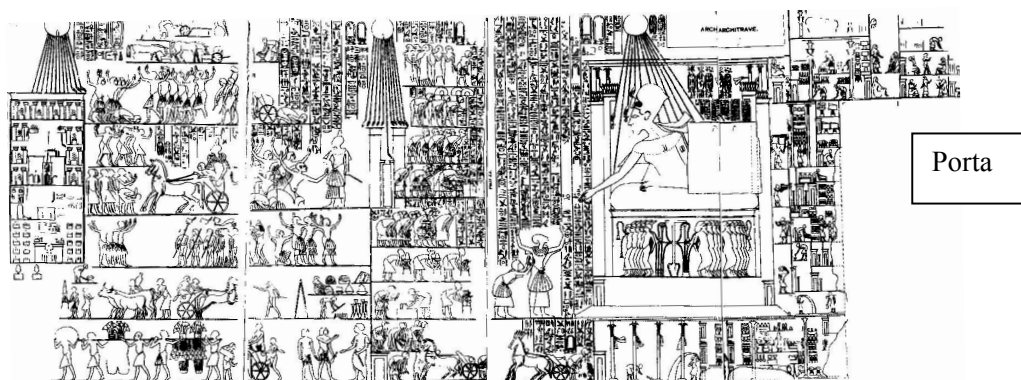


Fig. III.3 – Tutu é nomeado pelo rei.

Túmulo de Tutu, TA 8, parede ocidental, lado sul, região superior, Pls. XIX-XX.

O rei encontra-se, uma vez mais, junto à «Janela das Aparições». Os protocolos mostram que está acompanhado pela esposa, Nefertiti, e pelas princesas Meritaton, Maketaton e Ankhesenpaaton, mas as suas imagens desapareceram. A ornamentação ou bordadura que ornamentava a almofada sobre a qual os reis se apoiam desapareceu igualmente, mas é ainda bem visível o motivo que ornamenta o balcão: uma *sm3 t3wy*, em

⁴⁰² Túmulo de Meriré I, TA 4, Ins. 13-14.

⁴⁰³ Túmulo de Meriré I, TA 4, Ins. 15-16.

⁴⁰⁴ Túmulo de Meriré I, TA 4, ln. 17.

que as plantas heráldicas do norte e do sul, o junco e o lótus, amarram, à esquerda, cinco núbios e, à direita, cinco asiáticos de longas barbas⁴⁰⁵.

Procede-se à nomeação para um alto cargo sacerdotal que só deve ser ocupado por um atonista fiel, como Akhenaton faz questão em salientar:

(ddt n nsw bit(y))nh m M3t nb t3wy Nfr-hprw-Rc Wc-n-Rc n imy-hnt Twtw dd.f mck wi hr di.k n.i r b3k-tpy n Nfr-hprw-Rc Wc-n-Rc m Pr-Itn m 3ht-Itn r iri sw n.k n mry.k r dd ntk p3y.i sdm-š 3 nty sdm sb3yt sp-sn (ity?) ipt nb(t) nty tw.k hr ir.s h3ty.i hr hry hr.s rdi.i n.k i3t r-dd wnm.k kw n pr-3 nh wd3 snb p3y.k nb m pr-Itn n pr-3 nh wd3 snb p3y.k nb m pr-Itn

(O que foi dito pelo rei do Alto e do Baixo Egípto) que vive em Maet, o senhor das Duas Terras, Neferkheperuré Uaenré ao camareiro da corte, Tutu: “Vê, estou a nomear-te para o cargo de primeiro servidor de Neferkheperuré Uaenré, na Casa de Aton em Akhetaton. Concedo-te isto por amor de ti, digo, porque és o meu servidor que escuta o meu ensinamento (*bis*). Quanto a qualquer missão que realizares, o meu coração estará contente com ela. Concedo-te o cargo nestes termos: “Come as provisões do faraó – vida, prosperidade, saúde – teu senhor, na Casa de Aton!”⁴⁰⁶

São-lhe trazidos cones de cera perfumada que ele vai usar posteriormente, quando sair do palácio. Servos trazem sandálias e colares de ouro que um escriba vai contabilizando. Tutu profere o habitual discurso de agradecimento:

ddt n imy-hnt Twtw (p3) hk3 iri mnw n it.f whm.f st (p3) hk3 iri mnw n it.f whm.f st shpr.k d3mw m d3mw... (rc-nb ?) ... Wc-n-Rc m Rc m p3 Itn nh mswt iw.k r irt p3y.f hc(w) k3(i)iw wbn.f m pt msi.k p3y.i nb rk mi it si3 mty dr h3tyw drty.k mi stwt Itnr kd.k rmt bitw p3y.i nb di n.k p3 Itn n n hbw.sd knw w3dw.f n.k ntk p3y.f šri pri.n.k im.f Wc-n-Rc tit Rc (n)hh tsi Rc htp Itn di m t3 m p3 ir st shd.k rn.f n rhyt hrp.k n.f b3kw stwt.f n hm(hm).f n.k n pt n rswt m hr(w) hc.y.k im.f ktkt n.k t3 r dr.f H3rw K3šy t3w nbw 3wy.sn m.k m i3w n k3.k dbdh.sn nh n nmh wnn.sn hr imi n.n hcw šri hryt hr (h)ryt.k fndw rk(y).sn hr wd3.sn m k b3w.k im.sn m hs(f)t... 3k n hmhmt.k hcw.sn mi ht wnm.st iw n3 stwt n p3 Itn wbn hr.k r (n)hh iri mnw.k mi mn pt hc.y im.sn r (n)hh wnn p3 Itn wnn.k nh ti rnp i r (n)hh

O que foi dito pelo camareiro da corte, Tutu: (Ó) soberano que faz monumentos para (o seu pai) – e os fazes de novo – que crias gerações de gerações ... (todos os dias?) ... (Ó Uaenré), tu és Ré, sob a forma do Aton vivo, tu és engendrado por ele para alcançar o seu longo tempo de vida, enquanto se eleva no céu para te dar à luz. Ó meu senhor, sábio como o pai, pleno de discernimento, escrupuloso, pesquisador de corações, as tuas mãos são como os

⁴⁰⁵ Túmulo de Tutu (TA 8). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. VI, Pl. XIX. A união do Alto e do Baixo Egípto é, normalmente representada por uma figura específica em que um deus do Norte, Set, e um do Sul, Hórus, seguram firmemente as pontas das plantas heráldicas que apertam um signo F36, *sm3*, formado pelos pulmões e a traqueia. Aqui é este símbolo que amarra os inimigos e a leitura é muito clara: a união das Duas Terras vence e submete os países estrangeiros.

⁴⁰⁶ Túmulo de Tutu, TA 8, lns. 284-290. Esta era a fórmula de investidura no sacerdócio, nomeadamente nos seus postos cimeiros. Túmulo de Tutu (TA 8). DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. VI, p. 12, nota 3.

raios de Aton quando moldas o povo de acordo com as (suas várias) qualidades. Ó meu senhor, que este Aton te conceda jubileus em abundância e a sua prosperidade para ti, (pois) tu é que és o seu filho e saíste dele. Ó Uaenré, imagem de Ré para sempre, que exaltas Ré e satisfazes Aton, que fazes com que a terra tome consciência (d) o que a fez que iluminas o seu (régio) nome para os súbditos e administras para ele os impostos devidos aos seus raios, que ele (Aton) te aclame alegremente no céu, no dia da tua aparição nele, estremecendo (de orgulho) em ti. (N) a terra inteira (e em) todas as terras, de Kharu (Palestina) até Kuch (Etiópia), as suas mãos elevam-se para ti em adoração ao teu *ka*, suplicando a vida, na orfandade em que estão: – Dá-nos o sopro da vida (porque) o terror de ti está a tapar os (nossos) narizes e o último dia da sua prosperidade, vê o teus *bau* estão neles como uma punição.

Aniquilados pelo teu grito de guerra (estão) os seus corpos, como o fogo que os devora. Os raios do disco solar erguer-se-ão para sempre sobre ti para dotar os teus monumentos com a estabilidade do céu (que) se manifesta eles, para sempre. Tal como Aton existe, assim tu existes e serás para sempre vivo e jovem.⁴⁰⁷

Estes sentimentos de louvor e fidelidade são partilhados pela assistência. Desde o vizir até ao condutor do carro que transporta o feliz recompensado todos se apressam a proclamá-los em voz alta:

Discurso dos estrangeiros:

b3kw n h3st nbt p3 R^c n^h Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c iw.(n) hr ... r (n) h^h dt

Os servos de todos os países estrangeiros dizem: Ó Ré vivo, Neferkheperuré Uaenré, nós estamos sob (o teu domínio?) para sempre e eternamente.⁴⁰⁸

Discurso dos soldados:

hbsw bht nty m šmswt p3 n^y hr n^h tw m ptr.f Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c

Os porta-estandartes que estão na comitiva da (Sua) Pessoa, o de belo rosto à vista do qual se vive, Neferkheperuré Uaenré⁴⁰⁹.

Discurso dos oficiais:

srw h3wt n mš3w nty n^h m-b3h pr-3 n^h wd3 snb r dd.sn p3 h^{k3} wbn p3 Itn n^{s3} ht ... r^hw

Os oficiais e os chefes do exército que estão diante do faraó – vida, prosperidade, saúde – e o que eles dizem: – O soberano resplandece (em) Aton; muitas são as coisas (que ele faz pelos) homens.⁴¹⁰

Discurso dos escribas:

n3 n sšw ... sdd.sn ssnb Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c p3 Itn ... ir rmt šhpr d3mw

Estes são os escribas de ... e dizem: – Dá saúde a Neferkheperuré Uaenré, ó Aton ... que fizeste a humanidade e crias as gerações!⁴¹¹

⁴⁰⁷ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 291-315.

⁴⁰⁸ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 316-317.

⁴⁰⁹ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 318-319.

⁴¹⁰ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 320-321.

⁴¹¹ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 322-323.

Discurso do vizir e dos grandes dignitários:

dd-mdw srw šmsw nfry st n3w.k shrw Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c w3dy sw p3 nty m... .k p3 šri nfr n p3 Itn iw.k r shpr n d3mw iw.k r (n)h_h mi Itn

Palavras ditas pelos oficiais e companheiros: – Quão perfeitos são os teus planos Neferkheperuré Uaenré, como é próspero o que está na tua ... Ó belo filho de Aton, tu criarás gerações, tu existirás para sempre como Aton!⁴¹²

Discurso do condutor do carro de Tutu (fig. III.4):

dd-mdw p3 kdnw... ʿny mi p3 Itn p3 msi sw Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c p3 kd rmt shpr d3mwiw.f mnw mi pt iw Itn im.s

Palavras ditas pelo cocheiro ... – Belo como o Aton que o engendrou é Neferkheperuré Uaenré, Tu fazes a Humanidade e crias as gerações, tu serás duradouro como o céu, quando Aton está nele.⁴¹³

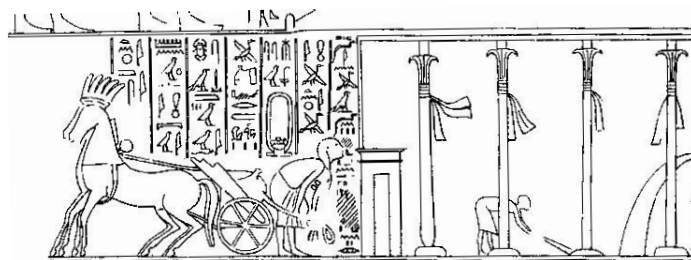


Fig. III.4 – O condutor do carro de Tutu, aguardando o amo.

O recém-nomeado sacerdote está agora no pátio. Ostenta o cone de cera e segura o que parece ser um bastão. Exibe-se diante dos seus funcionários que erguem os braços jubilosamente e beijam o chão diante dele, fig. III.5. No registo inferior, um oficial do palácio conversa com dois soldados que parecem ter chegado numa biga. Discurso de Tutu aos seus subordinados:

i3w n nsw bit(y) Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c in imy-hnt Twtw dhnw r b3k-tpy n Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c m ... m pr-Itt m 3ht-Itt ddy imy-hnt Twtw n n3w.f rwdw ʿ3w ptry nfry n n3w irw n.i pr-ʿ3 ʿnh wd^c snb... n.i hr nfr(y) (mty) dd m3wt tm int (si)3wt m ipt nb n p3y.i nb hr h3b im.s iw r ir.i m prt m r.f

Adoração do rei do Alto e do Baixo Egito, Neferkheperuré Uaenré, pelo camareiro Tutu (que foi) nomeado para (o cargo) de primeiro sacerdote de Nefer-kheperuré Uaenré, na ... na Casa de Aton, em Akhetaton. O que foi dito pelo camareiro Tutu aos seus grandes administradores:

⁴¹² Túmulo de Tutu, TA 8, lns. 324-326.

⁴¹³ Túmulo de Tutu, TA 8, lns. 327-330.

– Vede as belas coisas que foram feitas para mim (pelo) faraó – vida, prosperidade, saúde – ...de mim, ao que era bom e correcto, um que disse o que era justo, sem recorrer a trapaças em todas as missões diplomáticas do meu senhor na(s) quais fui enviado e continuarei a proceder de acordo com o que sai da sua boca.⁴¹⁴

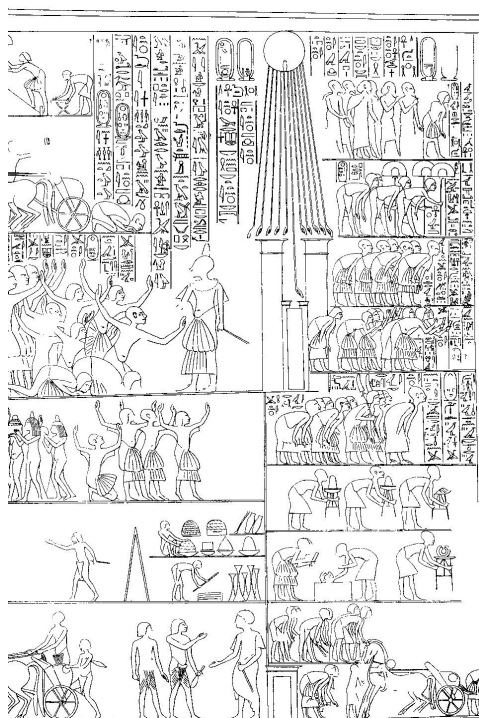


Fig. III.5 – Felicitações e comentários dos funcionários e amigos de Tutu.

Resposta dos subordinados:

p3 ḥk3 ir mnw n it.f whm.f ssnb(.f) (p3) Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c p3 Itn im-m^c n.f ḥḥ n ḥb-sd p3y.k šri ḳd.f mi ḳd.k di.k iri it.f p3y.k ḥ^cw ...

Ó soberano que fez monumentos a seu pai – e o repete – possa ele gozar de saúde, (ó), Neferkheperuré Uaenré! Ó Aton, concede-lhe um milhão de jubileus, ao teu filho (porque) o seu carácter é como o teu carácter. Permita o seu pai que ele seja dotado do teu (seu) tempo de vida ...⁴¹⁵

Depois, na companhia de um destacamento militar, de homens que dançam de alegria e de mulheres cantando e batendo adufes, Tutu dirige-se no seu carro até ao templo de Aton, fig. III.6.

⁴¹⁴ Túmulo de Tutu, TA 8, lns. 331-337.

⁴¹⁵ Túmulo de Tutu, TA 8, lns. 338-340.

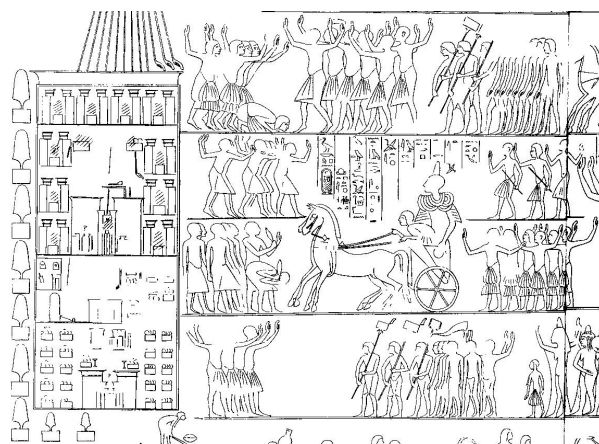


Fig. III.6 – Discurso de Tutu, a caminho do templo.

Os servos do templo recebem-no à entrada do edifício, beijado pelos raios de Aton. Tutu novamente invoca o rei e o seu deus:

b3k-tpy n Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c m Pr-Itn m 3ht-Itn imy-hnt Twtw dd(.f) p3 h33 ir mnw n it.f whm.f ... p3 Itn ... iw ...

O primeiro servidor de Neferkheperuré Uaenré, na Casa de Aton em Akhetaton, o camareiro Tutu, (ele) diz: Ó soberano que fez monumentos a seu pai – e (os) torna a fazer – ... Ó Aton ... está ... ⁴¹⁶

O novo sacerdote faz-se acompanhar por servos que transportam pão, um vaso de bebida, um boi e um bezerro, um pesado saco de provisões (?) e quatro grandes cestos de flores (fig. III.7). Tudo isto se destina provavelmente a consumo imediato e não para uma oferenda a Aton, já que os animais não vão enfeitados, como soe em tais ocasiões.

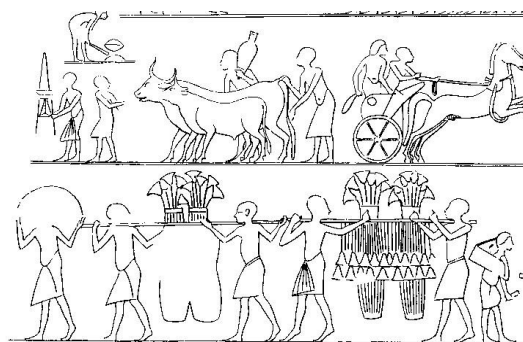


Fig. III.7 – Registo inferior da fig. III.6, mostrando os servidores que transportam bens para o templo de Aton.

⁴¹⁶ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 341-343.

2. Recompensa de um funcionário

Passamos agora ao tópico das Recompensas. Designamos por «Cenas de Recompensa» as representações solenes de entrega de dádivas reais extraordinárias, isto é, distintas de quaisquer presentes ou símbolos entregues em cerimónias de nomeação para um cargo ou em festividades religiosas e jubileus⁴¹⁷. Traduziam, no aspecto material, o reconhecimento, por parte do soberano, da dedicação posta no desempenho de um cargo. Não se sabe se existia um intervalo de tempo determinado para que tivessem lugar e não há provas de que fossem festas de jubilação do funcionário. Ay, por exemplo, continuou ao serviço de Akhenaton depois desta cerimónia e prosseguiu a sua carreira durante o reinado de Tutankhamon⁴¹⁸.

O funcionário é mostrado no acto de receber colares de ouro, louças preciosas, vestuário de grande qualidade e outros artigos de luxo, sem esquecer alimentos provenientes da cozinha real. Momento verdadeiramente apoteótico da sua carreira, constituía, por excelência, algo a ser representado no túmulo, e por três razões fundamentais:

– Era uma prova pública da generosidade do rei, esse rio do Egipto:

p3y nb kd mi Itn (ꜥ)š3 (m) ht hꜥpy hr hwi rꜥ-nb sꜥnh Kmt

Ó (meu) senhor, formado como Aton, abundante em recursos, Nilo que diariamente transborda e faz viver o Egipto⁴¹⁹,

– Era uma prova pública do acolhimento da religião atonista e das vantagens que isto implicava:

im mꜥ nbw r hꜥ.f ph(wy).f r rdwy.f hr p3.f sdm t3 sb3(yt) pr-ꜥ3 sꜥnh wd3 snb hr iri p3 dd nb hr nn

Coloca ouro em volta da sua garganta (de Meriré I), do seu traseiro e dos seus dois pés! Porque ele escuta o ensinamento do faraó – vida, prosperidade, saúde – fazendo tudo aquilo que foi dito acerca disto⁴²⁰.

– Era uma prova pública da competência, fidelidade (e sorte!) do funcionário.

A chegada do funcionário ao palácio não se encontra documentada, mas a cena principal comporta, normalmente, representações de uma ou mais bigas e respectivos

⁴¹⁷ Como os presentes oferecidos aos cortesãos e funcionários por ocasião dos jubileus de Amen-hotep III, tal como é referido no túmulo de Kheruef.

⁴¹⁸ GABOLDE, Marc, *Toutankhamon*, pp. 407-408.

⁴¹⁹ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 97-98.

⁴²⁰ Túmulo de Meriré I, TA 4, lns. 30-32.

condutores. É provável que, na sua qualidade de veículos militares, fossem propriedade do Palácio, enviados a casa do funcionário para o transportar pública e honradamente à presença do rei. O feliz recompensado gozaria da companhia da esposa, excepcionalmente distinguida no caso de Ay, bem como dos seus superiores, colegas e subordinados, amigos, servidores e mesmo simples curiosos. O ritual da cerimónia era semelhante ao da nomeação, exceptuando-se naturalmente o número e qualidade dos presentes reais, muito mais sumptuosos.

2.1. Recompensa de Kheruef

O mordomo Kheruef recebeu, como outros funcionários que assistiram ao Primeiro Jubileu de Amen-hotep III, as prendas habituais: *nbw n ḥswt 3pdw rmw n nbw nbwy šsp.sn ssfw sšrw w3dw*, «as recompensas do «Ouro do Louvor», (consistindo em) patos e peixes de ouro-*nebui*. Receberam fitas de linho verde»⁴²¹. Nessa ocasião, foi agraciado com um colar de ouro (fig. III.8) mas não teve direito a uma cerimónia independente e formal de recompensa, como o vizir Ramose. Subentende-se que a recompensa se destina a premiar competência demonstrada na ordenação das cerimónias. A cena está muito deteriorada e o texto que a acompanha é singularmente simples no que diz respeito a Kheruef: *fk3 hrp-ḥ imy-r pr (ḥmt-nsw wrt Tiy ...ḥr ʿwy) nsw*, «Recompensando o administrador do palácio mordomo (da grande esposa real, Tié ...das mãos) do rei»⁴²².

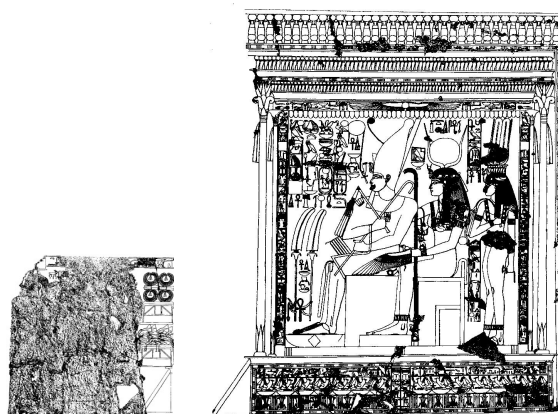


Fig. III.8 – Amen-hotep III e a rainha Tié, entronizados e na companhia da deusa Hathor, concedem uma recompensa a Kheruef. Túmulo de Kheruef, TT 192, pórtico ocidental, extremo sul, Pls.XXVI-XXX.

⁴²¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 437-438.

⁴²² Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 458.

2.2. Recompensa do vizir Ramose

Akhenaton manteve em funções o vizir do Alto Egito que já tinha servido seu pai, pelo menos desde o ano 30 do seu reinado. Uma vez que, para além do seu cargo civil, Ramose era *imy-r ḥmw-ntr šm3w t3-mḥw*, «Chefe dos sacerdotes do Alto e do Baixo Egito» e *imy-r ḥwt-ntrw nbw*, «Superintendente dos templos de todos os deuses», a sua verdadeira ou interessada conversão ao Atonismo foi bem recebida e bem recompensada, como vemos na fig. III.9.

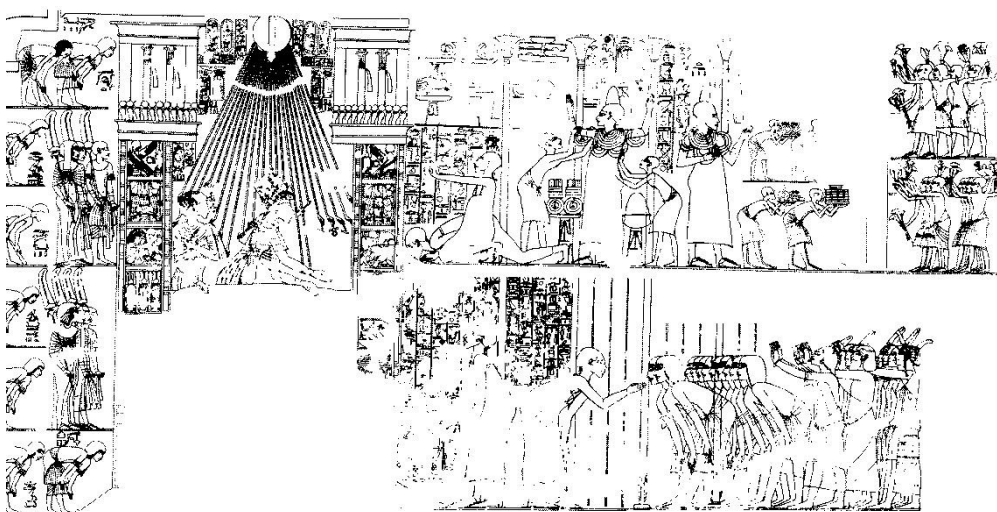


Fig. III.9 – O vizir Ramose é recompensado em solene audiência por Amen-hotep IV, junto à janela das aparições do *Gem-pa-Aton*, em Karnak.
Túmulo de Ramose, TT 55, parede ocidental, lado norte, Pls. XXXII - XXXVIII.

O ambiente é solene, estão presentes os oficiais da corte e mesmo os representantes estrangeiros, (fig. III.10). Pela primeira vez, Akhenaton faz-se acompanhar da, então, muito jovem Nefertiti. A cerimónia deve remontar, no máximo, ao ano 3 do reinado, considerando que o nome de Aton não está colocado em cartelas:



3nh(w) R^c-Hr-3hty h^cy m 3ht m rn.f šw nty m Itn
o vivo Ré-Horakhti que rejubila no horizonte, no seu nome de «a luz que está no disco solar»⁴²³.

⁴²³ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 327.

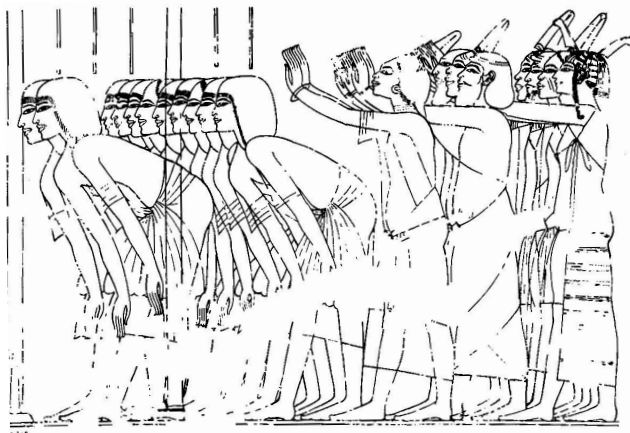


Fig. III. 10 – Delegações estrangeiras presentes na cerimónia de recompensa do vizir Ramose.

Ao chegar perto da tribuna real, o funcionário prostra-se, no acto de beijar a terra, e ergue-se fazendo o gesto *i3w*, «louvor, adoração» (fig. III.11). O vizir presta homenagem a Amen-hotep IV:

*rdit n ntr-nfr sn t^c n nb t3wy in r-p^c(t) smr-w^c imy-r niwt t3t(y) R^cms dd.f wbn.k Nfr-hprw-R^c
W^c-n-R^c h^cy.k mi it.k p3 Itn n^ch di.f n.k (n)h^ch n nsw n^ch pd m h^ck3 3wt-ib*

Prestando homenagem ao deus bom, beijando a terra (diante) do senhor das Duas Terras, pelo senhor e companheiro único, o governador da cidade, o vizir Ramose. Ele diz: “Tu brilhas, ó Neferkheruré-Uaenré, e apareces como teu pai, o Aton vivo. Possa ele conceder-te a eternidade como rei e uma vida longa como um feliz soberano!”⁴²⁴

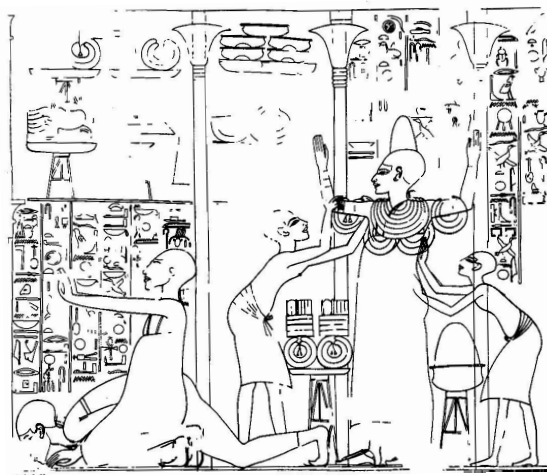


Fig. III. 11 – O vizir Ramose saudando o casal régio.

⁴²⁴ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 328-330

Os servos do palácio apressam-se a cingir o pescoço do vizir com colares de ouro, enquanto este se mantém de pé com os braços erguidos, num gesto que lembra o signo A28, determinativo de *ḥꜥi*, «alegria, júbilo». A cheia do régio Hapi é fértil em riquezas. Ramose saúda-o respeitosamente:

r-pꜣ(t) smr-wꜣ ḥsy mri nb t3wy imy-r niwt t3t(y) Rꜣms dd.f ssnb (pr-ꜣ) p3 Itn

O senhor e companheiro único, favorecido e amado pelo senhor das Duas Terras, o governador da cidade, o vizir Ramose, ele diz: “Possa Aton dar saúde ao faraó!”⁴²⁵

p3 Itn ḥr.k iꜣi ib.f p3 ḥk3 nfr kni m ḥpr wbn n.f p3 Itn šsnb pr ꜣ p3 Itn

Possa Aton estar contigo e lavar o seu (*sic*) coração⁴²⁶ a este bom e valente soberano que veio à existência. Brilha para ele ó Aton! Dá saúde ao faraó, ó Aton!⁴²⁷

Discurso do rei:

dd-mdw in nsw ꜣnh m M3ꜣt nb t3wy ntr.nfr Nfr-ḥprw-Rꜣ wꜣ-n-Rꜣ s3-Rꜣ Imn-htp ntr ḥk3 wꜣst ꜣ m ꜣḥ(w).f di ꜣnh mi Rꜣ imy-r niwt t3t(y) Rꜣms sdm.k mdwt r-rꜣ.i m ḥr.k šhrw ... ššmw ḥpr(w).sn... wd.n.i wn tw nb t3w... r nsw r rk ntr tm... š(3)w

Palavras ditas pelo rei que vive em Maet, [o senhor das Duas Terras, deus bom, filho de Ré, Amen-hotep (IV), deus soberano de Tebas, grande no seu tempo de vida, dotado de vida como Ré]: “Ó governador da cidade, vizir Ramose, escuta as palavras dirigidas a ti, na minha presença, as determinações ... o que lidera os seus acontecimentos... eu ordenei o que existe na terra inteira... mais do que os reis, desde o tempo do deus completo⁴²⁸ ... (Isto, é) uma ordem...”⁴²⁹

Resposta do vizir:

r-Nhn(y) imy-r niwt t3t(y) Rꜣms dd.f iri p3 Itn m wd.n.k wnn mnw.k mnw mi pt ꜣḥw.k mi Itn im.s ḥpr mnw.k mi ḥprw n pt ntk wꜣ t3 pn ḥr šhrw.f ssbn.k dww ḥ3p.sn ḥpr hmhm(t).k ibw.sn mi hmhm(t).k m ibw rmt sdm.sn mi sdm rmt

A boca de Nekhen, o governador da cidade, o vizir Ramose, ele diz: “Possa Aton fazer tal como ordenaste. Possam os teus monumentos ser tão duradouros quanto o céu. O teu tempo de vida é como o do próprio Aton! Os teus monumentos vêm à existência (sobre a terra) como o que vem à existência no céu Tu és único e esta terra está sob as tuas ordens, as montanhas são obrigadas a revelar-te o que escondem (pois) o teu grito de guerra cresce nos seus corações, tal como o teu grito de guerra (cresce) nos corações do povo. Elas obedecem-te, tal como te obedece o povo”⁴³⁰.

⁴²⁵ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 331-332

⁴²⁶ Isto é, «satisfazer o rei». O pronome utilizado está incorrecto, deveria ser «o teu coração».

⁴²⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 333-334.

⁴²⁸ O deus Atum, demiurgo primordial.

⁴²⁹ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 335-341.

⁴³⁰ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 342-347.

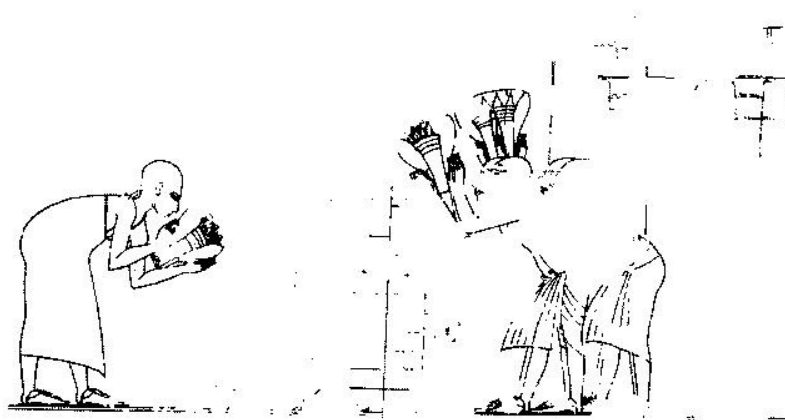


Fig. III.12 – Depois da audiência, o vizir dirige-se ao templo de Aton.
Túmulo de Ramose, TT 55, parede ocidental, lado norte, (Pl. XXXVIII)

2.3. Recompensa de Huya

A cena está representada na parede norte, lado oriental do seu túmulo. Contrastando com todo o espanto habitual destas cerimónias, a recompensa de Huya reveste-se de grande simplicidade e apenas merece menção especial pela sub-cena da região inferior que mostra uma inspecção do «Intendente do harém real e Intendente da Casa da Prata» às oficinas dos artistas que trabalham em Akhetaton.

As figuras do casal régio estão quase indistinguíveis e os seus nomes e títulos desapareceram, apenas os das duas princesas mais velhas podem ainda ser lidos. O balcão está decorado, já não com a *sm3-t3wy*, mas com um motivo de semicírculos concêntricos de várias cores com três lótus abertos no centro (fig. III.13). Repare-se no título honorífico de *hsy n nb t3wy*, «favorito do senhor das Duas Terras» que foi adicionado ao nome de Huya, indiciando uma subida no apreço real. O único texto que resta da cerimónia é o habitual discurso de agradecimento:

*p3 hk3 nfr kn m shpr(w) wbn.f Itn ʕš3w ht rh di.sn p3 Itn hr iʕi ib.f p3 pr ʕ3 ʕnh wd3 snb p3 šri
(n p3 Itn) ʕnh.i n ptry.f*

Ó soberano completo em transformações, Aton nasce para ele! Muitas são as coisas que Aton é capaz de dar-lhes⁴³¹ para lavar o seu coração. Ó faraó – vida, prosperidade, saúde – ó filho (de Aton), eu vivo da sua visão!⁴³²

⁴³¹ Estranho este plural. Se estiver correcto, refere-se aos egípcios a quem Aton dá a existência e faz sobreviver, facto que alegra necessariamente o coração do rei.

⁴³² Túmulo de Huya, TA 1, lns.74-76.

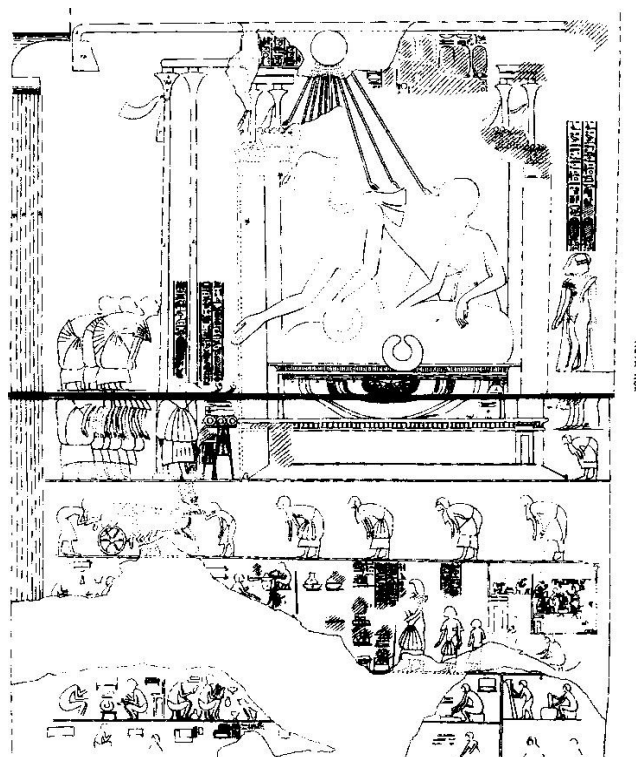


Fig. III.13 – Recompensa de Huya. Túmulo de Huya, TA 1, Parede norte, lado oriental, (Pl. XVII).

Numa cena inferior (fig. III.14), Huya está num armazém, provavelmente no palácio da rainha, na companhia de um subalterno que transporta um côvado debaixo do braço, e de um empregado de categoria inferior, tal como é patente nas respectivas alturas.

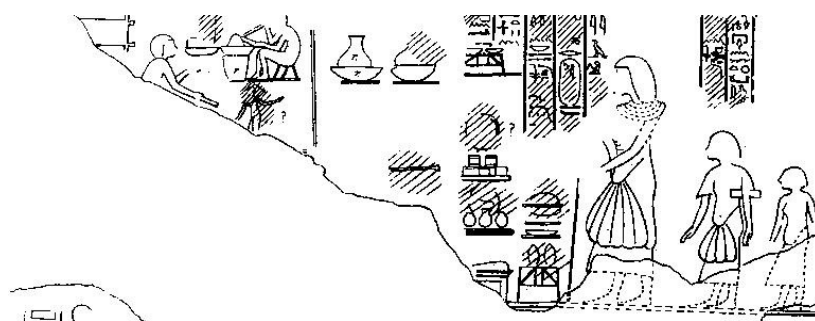


Fig. III.14 – Huya, acompanhado por um escriba (?), um funcionário subalterno e trabalhadores.

No registo inferior:

ḥsy n nb t3wy imy-r ipt nsw imy-r pr- ḥd imy-r pr (m) ḥmt-nsw wrt Tiy ḥwy3 dhḥ ḥmty ḥsy n nb t3wy imy-r ipt nsw imy-r pr- ḥd imy-r pr (m) ḥmt-nsw wrt Tiy ḥwy3 m3^c-ḥrw

O favorito do senhor das Duas Terras, o intendente do harém real, o intendente da Casa da Prata, o mordomo da grande esposa real Tié, Huya (está) nomeando os artesãos. Pelo favorito do senhor das Duas Terras, o intendente do harém real, o intendente da Casa da Prata, o mordomo da grande esposa real Tié, Huya, justificado.

Sobre a figura do escriba:

... *n ḥmt-nsw wrt Tiy sš pr i3m(t) N3ḥtiw*

... da grande esposa real Tié, o escriba da «Casa do Encanto» Nakhtiu⁴³³.

Ainda mais abaixo está representada uma oficina de artesãos em pleno trabalho. Entre eles avulta, na região mais à direita, uma pequena pintura (fig. III.15) que representa o *Imy-r s'nh ḥmt-nsw wrt Tiy Twti-Twti*, «chefe dos escultores da grande esposa real Tié, Iuti-Iuti»⁴³⁴.

O escultor está no seu estúdio com dois compartimentos e sustentado por colunas. Dá os últimos retoques numa estátua de Baketaton. Sentado num banco, manuseia um fino pincel. Junto do mestre, um aprendiz mostra sinais da respeitosa atenção e os restos de pintura sugerem que uma outra figura ocuparia um lugar atrás de Iuti. Mais longe, outros escultores ocupam-se de diferentes trabalhos, um dá forma à perna de uma cadeira com a enxó, outro esculpe uma cabeça e, atrás dele, outros dois ocupam-se com actividades que o estado da pintura não deixa a perceber.



Fig. III. 15 – O escultor Iuti-Iuti, no acto de pintar uma estátua de Baketaton.

⁴³³ Túmulo de Huya, TA 1, lns. 77-80. O nome dentro da cartela foi apagado. Não foram encontradas referências à «Casa do Encanto».

⁴³⁴ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 81.

À esquerda estão representadas várias oficinas onde trabalham marceneiros, decoradores de vasos, joalheiros e metalúrgicos, cujos produtos estão expostos. Isto evidencia até que ponto Akhetaton e, no caso presente, o palácio que Tié aí detinha, era uma terra de acolhimento das artes e dos artistas que estariam sob a direcção de Huya.

2.4. Recompensa de Meriré I

Fazia parte dos deveres de qualquer sumo-sacerdote e, como tal, de Meriré I, superintender o fornecimento da alimentação do deus, o que pressupunha armazéns plenos de provisões. A parte superior da cena (fig. III.16) mostra a região entre o portão do armazém de cereal e as margens do rio, ilustrando o facto de as provisões de Akhetaton chegarem principalmente por via fluvial. Treze barcos estão representados, ligados por cabos duplos aos postes de amarração e constituindo uma espécie de floresta de mastros. Uma prancha em degraus foi baixada até à beira d'água para facilitar a descarga das mercadorias. Todos os barcos possuem um mastro com um enfeite no topo ao qual está amarrada a enxárcia⁴³⁵. A nível superior, um dispositivo com a forma de uma cabeça de papiro suporta o que parecem ser as cartelas de Aton, pintadas ou gravadas num altar. As cabeças dos pesados remos de direcção estão adornadas, tal como os mastros. Os anéis da borla⁴³⁶ estão atados ao mastro em intervalos para receber o cordame por meio dos quais as vergas⁴³⁷ são elevadas e baixadas. Como os barcos estão atracados, as velas foram enroladas.

⁴³⁵ Conjunto de cabos fixos que prendem os mastros à amurada dos navios.

⁴³⁶ Rodela de madeira no topo de um mastro.

⁴³⁷ Pau preso ao mastro do navio, onde se amarra a vela.

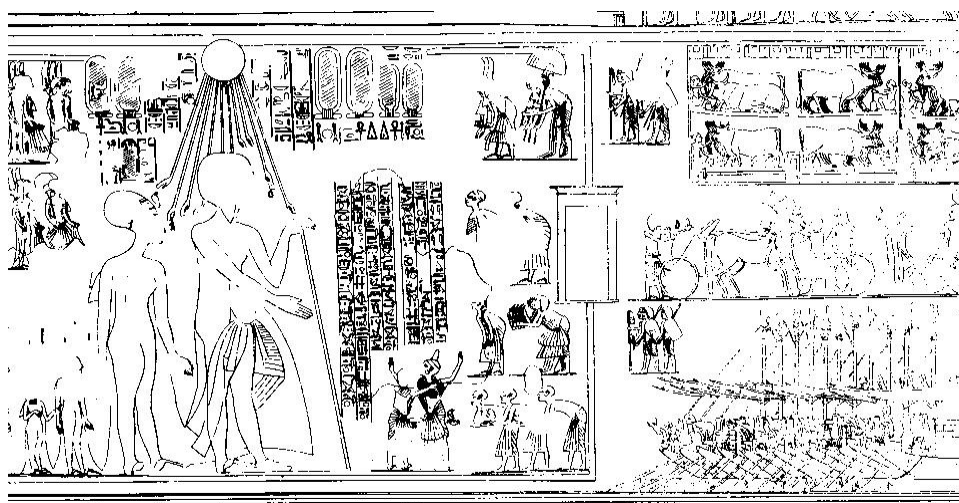


Fig. III.16 – Meriré I recompensado pelo rei. Túmulo de Meriré I, TA 4, região inferior da parede ocidental e adjacente da parede norte, Pl. XXV.

O capitão está à proa, prestando homenagem ao rei. À popa existe uma cabine com uma escada de convés. O espaço acima dele é ventilado por vigias quadradas. Os conveses estão cheios de cercas para o gado, cada uma dos quais com espaço para vinte cabeças. Este já foi desembarcado para os seus estábulos no cais mas resta ainda grande quantidade de ânforas nos seus suportes⁴³⁸.

O rei recebe Meriré I no pátio exterior do celeiro do *Santuário Maior*, acompanhado pela esposa e duas filhas, cujos nomes foram destruídos, tal como os de seus pais, e de uma numerosa comitiva. Na sua frente, o sumo-sacerdote mantém os braços erguidos numa saudação. O pescoço, já carregado com seis colares de ouro, está pronto a receber os que ainda lhe vão ser entregues, a mando de Akhenaton, acompanhados por muitos mais distintivos de ouro que ainda estão nas mãos se servos.

Meriré enverga um traje festivo, brincos e um cone de perfume seguro na testa por um filete. É auxiliado por membros do pessoal do templo, três sacerdotes subordinados, dois flabelíferos e quatro portadores de guarda-sóis. Um dos flabelíferos transporta os ceptros reais *hekat* e *nekhakha*. Os quatro escribas estão provavelmente adidos ao superintendente do tesouro, uma vez que lhes cabe reportar o evento e contabilizar os gastos envolvidos. Eis o que foi dito pelo rei:

⁴³⁸ Estas ânforas, ou melhor os seus cacos constituem balizas ao longo deste reinado. A última é datada do ano 17 e daí a conclusão que Akhenaton reinou 17 anos. O facto de vinho e gado chegarem por via fluvial é normal para o Egipto e uma prova do pouco que Akhetaton produzia a nível alimentar.

dt nsw bit(y) nḥ m M3t nb t3wy Nfr-hprw-Rc Wc-n-Rc p3 imy-r pr.ḥd wꜥw wr m3w n p3 Itn m pr Itn m 3ḥt-Itn Mry-Rc im mꜥ nbw r ḥḥ.f ph(wy).f r rdwy.f ḥr p3.f sdm t3 sb3(yt) pr-ꜥ3 nḥ wd3 snb ḥr iri p3 dd nb ḥr nn šwt nfrw iri n pr-ꜥ3 nḥ wd3 snb m ḥwt bnbn m pr-Itn n p3 Itn m 3ḥt-Itn mḥ ḥt nbt nfrt m it bty ꜥš3 p3 wdḥw Itn n p3 Itn

O que foi dito pelo rei do Alto e do Baixo Egito que vive em Maet, o senhor das Duas Terras, Neferkheperuré-Uaenré: “Ó superintendente da Casa da Prata e do Ouro, recompensa o Grande dos Videntes de Aton, na Casa de Aton em Akhetaton, Meriré. Coloca ouro em volta da sua garganta, do seu traseiro e dos seus dois pés, porque ele escuta o ensinamento do faraó – vida, prosperidade, saúde – fazendo tudo aquilo que foi dito acerca disto. Os lugares belos feitos pelo faraó – vida, prosperidade, saúde – na Casa do Benben, na Casa de Aton, para Aton, em Akhetaton, estão cheios de todas as coisas boas, de cevada e trigo, abundantes na mesa de oferendas de Aton, para Aton”⁴³⁹.

Resposta de Meriré:

wr m3w n p3 Itn m pr Itn m 3ḥt-Itn t3t(y) ḥw ḥr wnmy nsw ḥsi nb t3wy Mry-Rc dd.f snb (Wc-n-Rc) p3y šri nfr p3 Itn im mꜥ iry.f p3y ꜥḥw(k) im m-ꜥ sw r nḥḥ ḥnꜥ dt

O Grande dos Videntes de Aton na Casa de Aton em Akhetaton, o flabelífero à mão direita do rei, o favorito do senhor das Duas Terras, Meriré, ele diz: “Saúde a (Uaenré), o belo filho de Aton! Concede-lhe o (teu) tempo de vida e (dá)-lhe conjuntamente a continuidade e a eternidade!”⁴⁴⁰

Meriré regressa a casa e é recebido festivamente pela família e pessoal doméstico que entoam uma saudação:

ii m (ḥtpt) ... šsp(.n).k... p3 wr m3w n p3 Itn m pr Itn m 3ḥt-Itn Mry-Rc m3ꜥ-ḥrw dt

“Regressa (em paz) ... recebes(te) ...ó Grande dos Videntes de Aton na Casa de Aton em Akhetaton», Meriré, justificado, para sempre.”⁴⁴¹

Diz outra pessoa: *b3(k) n Itn... n p3 Itn... pt ...*, «Servo de Aton ... de Aton... (no) céu...»⁴⁴². A isto Meriré I, sumo-sacerdote de Aton responde: “Saúde a Uaenré, o belo filho de Aton “.

A guarda real, constituída por cinco lanceiros, com escudo e machado de guerra, e dois soldados empunhando chicotes, espera lá fora. As três bigas reais também aguardam⁴⁴³.

⁴³⁹ Túmulo de Meriré I, TA 4, Ins. 28-35.

⁴⁴⁰ Túmulo de Meriré I, TA 4, Ins. 36-38.

⁴⁴¹ Túmulo de Meriré I, TA 4, Ins. 39-40

⁴⁴² Túmulo de Meriré I, TA 4, In. 41.

⁴⁴³ Túmulo de Meriré I, TA 4, DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol.I, p. 36

2.5. Recompensa de Meriré II

A cerimónia decorre junto à *Janela das Aparições* do palácio e segue os moldes habituais. O texto dos discursos e aclamações não chegou até nós. Assemelhar-se-ia, em princípio, a outros que já apresentámos.

O rei e a rainha ostentam colares e vestes iguais, apenas as coroas diferem. As princesas Meritaton, Maketaton. Ankesenpaaton, Neferneferuaton ta-cherit e Neferuré estão presentes. As mais velhas trazem colares que passam à rainha, que os entrega ao real esposo, que graciosamente, os atira ao funcionário.

No pátio do palácio (fig. III.17), um dos portões exteriores que é visto no canto superior direito está ocupado pela comitiva real, duas bigas (filas 3 e 4) e três escribas atarefados na contabilização da generosidade akhenatoniana.

Está presente o habitual grupo de estrangeiros (fila 2) entre os quais se distinguem sírios barbudos, envoltos em belos tecidos franjados, que tombam em graciosas pregas e estão presos por um largo cinturão.

Os membros das tribos núbias usam uma veste branca presa na cintura por uma faixa atada de modo a formar um extenso nó, enquanto uma outra faixa passa a tiracolo. Um deles enverga uma camisa simples. Os cabelos estão enfeitados com penas. Sírios e africanos estão livres de movimentos, não sendo errado supor que se pudesse tratar de embaixadores ou membros de missões comerciais⁴⁴⁴.

Meriré II está de pé, vestido de cerimónia, debaixo da varanda, e recebe um grande colar a adicionar aos dois que já ornamentam o seu pescoço.

⁴⁴⁴ Túmulo de Meriré II, DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol, II, p. 37.

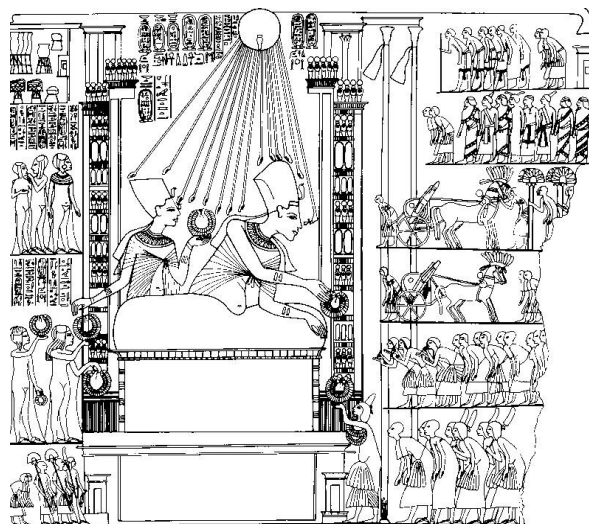


Fig. III.17 – Meriré (II) é recompensado por Akhenaton. Túmulo de Meriré II, TA 2, parede sul, lado ocidental, Pl. XXXIII.

A região inferior da cena mostra, como episódio secundário, o triunfal regresso de Meriré II a sua casa, cabeça bem erguida, apesar do peso dos colares que recebeu (fig. III.18). Ei-lo, já devidamente calçado, a encaminhar-se para o carro no meio de aclamações dos seus dependentes que erguem os braços em júbilo e tentam mesmo beijar-lhe os pés. Organiza-se um cortejo integrado por mulheres que agitam ramos de flores e tocam adufes e miúdos que gritam. Este homem influente saberá por certo recompensá-los, distribuindo uma parte da enorme quantidade de provisões que vieram do palácio⁴⁴⁵.

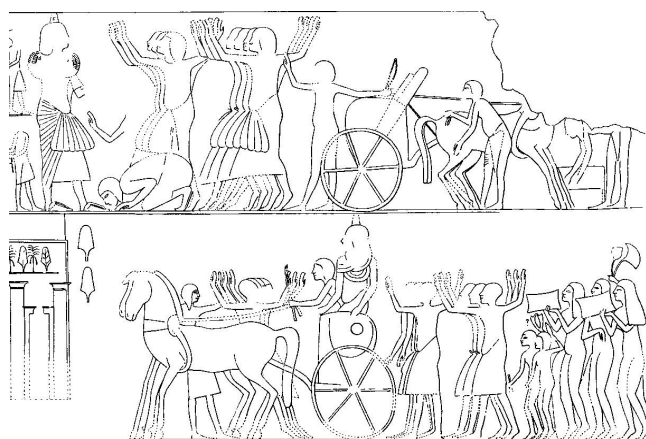


Fig. III.18 – Triunfo de Meriré. No registo superior, homenagens dos subordinados. Em baixo, regresso a casa, na companhia do pessoal doméstico.

⁴⁴⁵ Túmulo de Meriré II, DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol, II, p. 37.

Meriré II usufrui de uma confortável moradia, (fig. III.19), que está separada do exterior por muros e um alto portão, junto do qual se plantaram duas árvores. Um lago, em forma de T, e mais algumas árvores estendem-se até à casa propriamente dita, na qual se penetra por um pórtico. Aparentemente não há telhado, o que deve ser um erro de desenho que mostra uma despesa bem fornecida e que não pode estar a céu aberto. Na extremidade esquerda consegue distinguir-se uma sala com pessoas que não tendo ido à festa ou tendo chegado mais cedo se mostram igualmente felizes.

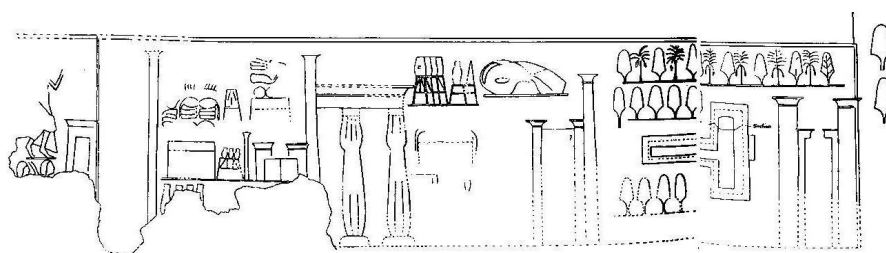


Fig. III.19 – A casa de Meriré II.

2.5.1. Recompensa de Meriré II pelo rei Semenkharé

Esta cena que ocorre no túmulo de Meriré II – parede norte, lado ocidental – contém, ao que sabemos, a única representação do rei Semenkharé presente nos túmulos amarnianos (fig. III.20). A pintura não foi acabada e as figuras reais apenas estão esboçadas. As cartelas foram removidas por ladrões, sobrevivendo apenas a da rainha. Quanto ao rei, o seu nome sobrevive, copiado por Lepsius⁴⁴⁶.

Trata-se de uma cena que difere das cenas de recompensa presentes noutros túmulos e não existe qualquer harmonia entre o funcionário e o casal régio. Meriré II está acompanhado dos seus amigos e encontra-se de pé sobre um estrado e preparado para receber os habituais colares. A posição dos reis é estranha, e parece não ser a inicialmente projectada. Não há registo dos servidores que têm por missão transportar os presentes que, aliás, também não estão representados, ausentes também as habituais cenas de regozijo⁴⁴⁷. Será de levantar a hipótese de esta não ser a cena original onde poderiam figurar Meritaton e o pai, junto do qual desempenhou a função de «grande esposa real» depois da morte de

⁴⁴⁶ A leitura deste nome é incerta. Para Lepsius seria $\text{ʿ3 } k3 \text{ R}^c \text{ dsr } hprw$. A leitura actual é $\text{ʿ3 } k3 \text{ R}^c \text{ Smn-k3-R}^c$. Ver BONNAMY et SADEK, *op. cit.*, p. 778.

⁴⁴⁷ Como as que integram a recompensa de Meriré II pelo rei Akhenaton, fig. III.18.

Nefertiti. A figura masculina actualmente existente poderia, portanto, referir-se não a Semenkharé mas a Akhenaton.

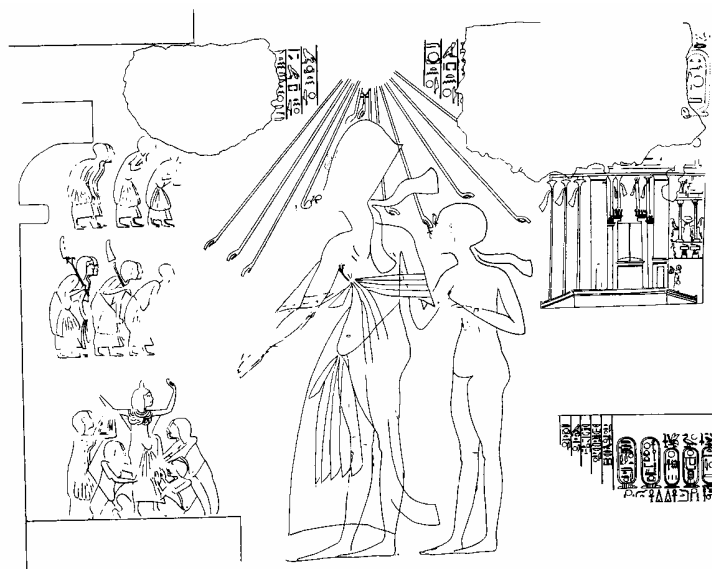


Fig. III.20 – Meriré II é recompensado pelo rei Semenkharé e a rainha Meritaton

Aton, designado pela segunda fórmula canónica do seu nome, brilha sobre os soberanos. O texto limita-se aos seus respectivos protocolos.

2.6. Recompensa de Pentu

Esta cerimónia tem lugar no seu pátio exterior do *Santuário Maior*, onde Pentu foi recebido pela família real e sua comitiva, no decorrer de mais uma das suas habituais visitas (fig. III.21). Atrás da comitiva real está o celeiro, cheio de fardos de cereal, exibindo a riqueza de Aton. Daqui para a frente a parede está destruída, restando apenas um fragmento que representa um estábulo. Também se vêem outros estábulos no topo da cena e, entre eles, oito rebanhos, cada um conduzido pelo seu pastor.

O objectivo da cerimónia é explicado, segundo a fórmula habitual: *k3 ... hr(y)-tp nsw b3k-tpy n 'Itn m hwt p3 'Itn m 3ht-'Itn imy-hnt wr swnw Pntw m3'-hrw*, «recompensando... o servidor do rei, o primeiro dos servidores de Aton no “Domínio de Aton” em Akhetaton, o camareiro, o chefe dos médicos, Pentu, justificado⁴⁴⁸».

⁴⁴⁸ Túmulo de Pentu, TA 5, lns. 46-47.

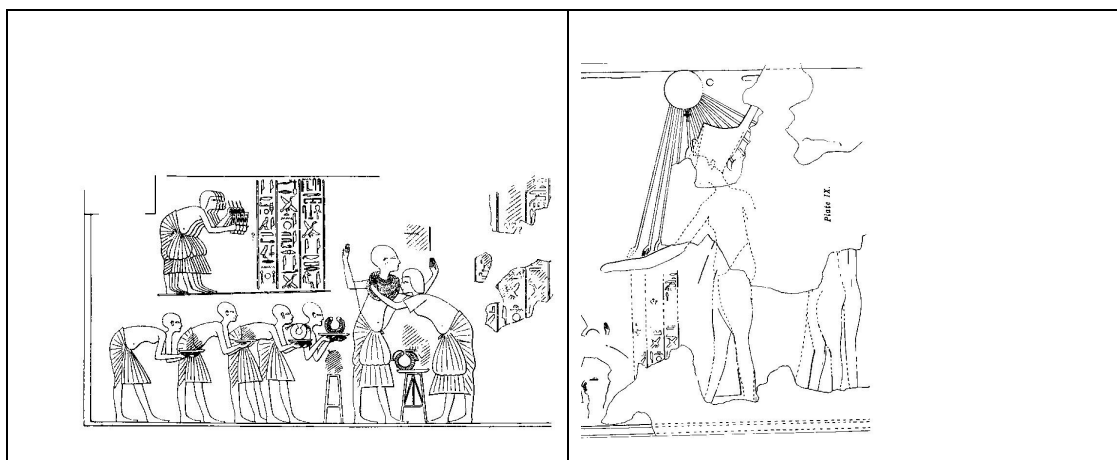


Fig. III.21 – Recompensa de Pentu. Recebe um grande número de colares no pátio do templo os quais lhe vão sendo cingidos ao pescoço. Túmulo de Pentu, TA 5, parede norte, cena inferior, Pl. V.

Pentu dá uma curta resposta:

wr swnw Pntw m3^c-hrw dd ʕš3w ht rh di.st p3ʼItn hr-^c (w)y m ib.f

Pentu, justificado, (ele diz): “Muitas são as coisas que Aton é capaz de conceder imediatamente, segundo a sua vontade.”⁴⁴⁹

O discurso de Akhenaton está tão deteriorado que não é possível tentar qualquer tradução. O agradecimento de Pentu não foge dos moldes habituais:

ssnb pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb p3y.k šri nfr p3ʼItn im m-^c iry.f p3y.k ʕh^cw im-m^c sw r nhḥ

Dá saúde ao faraó – vida, prosperidade, saúde – ao teu belo filho! Ó Aton deixa-o atingir o teu tempo de vida, deixa-o (atingir) a continuidade!⁴⁵⁰

Pentu está acompanhado pelo *rmṯ šn^c smdt nbt pr n ...*, « pessoal do armazém e todos os subordinados na casa de ... »⁴⁵¹

⁴⁴⁹ Túmulo de Pentu, TA 5, Ins. 48.

⁴⁵⁰ Túmulo de Pentu, TA 5, Ins. 46-48.

⁴⁵¹ Túmulo de Pentu, TA 5, Ins. 49-51.

2.7. A recompensa de Panehesy

Estão representadas quatro princesas, a mais nova das quais, Neferneferuaton, parece muito pequena. Uma vez que não aparece nas Pls. V, VII, VIII e XVIII, poder-se-à admitir que tenha nascido na altura em que o túmulo estava em processo de decoração. Meritaton acompanha os pais na janela das aparições, sobre a almofada. A mãe envolve o esposo e a filha no mesmo abraço, (fig. III.22)⁴⁵². Não resta qualquer traço do discurso real.

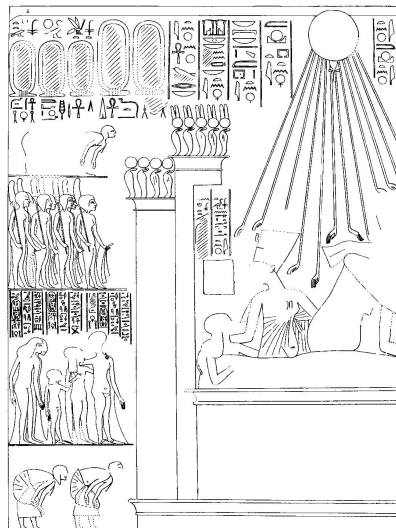


Fig. III.22 – A recompensa de Panehesy, TA 6, parede Sul, lado ocidental, Pl. X.

Panehesy está de pé, fora do pórtico com os braços erguidos (fig. III.23). Exibe pesados colares e os servidores continuam a trazer mais dádivas, enquanto a comitiva do funcionário vai começando a transportar todo este tesouro.

No registo superior sírios e núbios, talvez embaixadores ou reféns, esperam, na companhia dos portadores de guarda-sóis. A inscrição de Panehesy foi obliterada.

⁴⁵² Túmulo de Panehesy, TA 7, DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol, II, p. 16.



Fig. III.23 – Panehesy, em traje de cerimónia dá livre curso à sua alegria

A narrativa pictórica continua nos registos inferiores (fig. III.24). No centro vê-se um arranjo dos presentes reais, entre mesas carregadas de provisões para um banquete. À direita está um grupo de amigos e servidores de Panehesy e à esquerda o carro que o levará de regresso a casa.

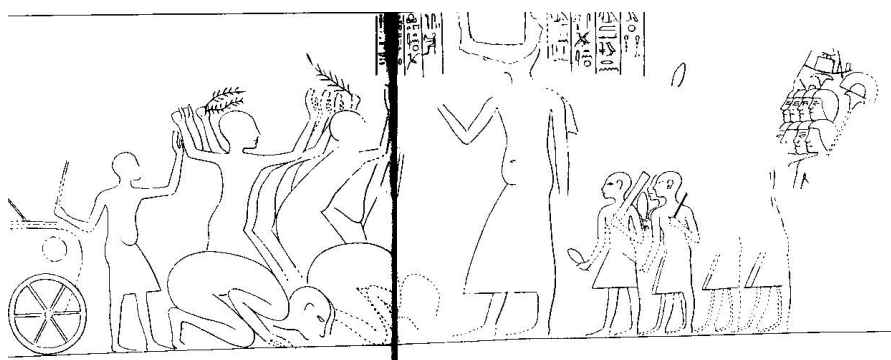


Fig. III.24 – Panehesy recebe as homenagens dos seus subalternos, Pl. XI.

Ao descer do carro, o funcionário e a sua escolta são recebidos com aclamações. Agitam ramos de palmeira e beijam o chão diante dele, no mais absoluto servilismo. Gritam: *snb pr-ꜥ3 ꜥnh wd3 snb p3 ꜥtn im nꜥ sw r n3 (n)hh*, «saúde ao faraó – vida, prosperidade, saúde – ó Aton, dá-lhe a continuidade!»⁴⁵³ A parede foi desfigurada pelos coptas que cortaram um recesso arqueado perto da entrada e dois longos chanfros verticais na parede⁴⁵⁴.

⁴⁵³ Túmulo de Panehesy, TA 6, lns. 127-128.

⁴⁵⁴ Túmulo de Panehesy, TA 6, DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol, II, p. 17.

2.8. Recompensa de Parennefer

A cena da recompensa de Parennefer está representada na parede oeste, lado norte do seu túmulo, (fig. III.25). Belamente colorida e com grande riqueza em detalhes, contrasta com o aspecto grosseiro e inacabado do resto do túmulo, embora também ela esteja vandalizada e totalmente desaparecida em alguns troços⁴⁵⁵.

O casal régio debruça-se, uma vez mais, da *Janela das Aparições* e apoia-se na grande almofada vermelha com losangos azuis, que já foi testemunha de tantas cenas semelhantes. Se a face do rei é «normal» dentro dos cânones amarnianos, o pescoço está muito alongado e as ancas, absolutamente desproporcionadas. Usa um largo peitoral onde brilham as duas cartelas de Aton que, tal como em Nefertiti, lhe adornam os braços, presas por fitas. Akhenaton e Nefertiti estão acompanhados por três filhas: Meritaton, Maketaton e Ankhesenpaaton. Surge também a irmã da rainha, Mutnedjemet (fig. III.26).

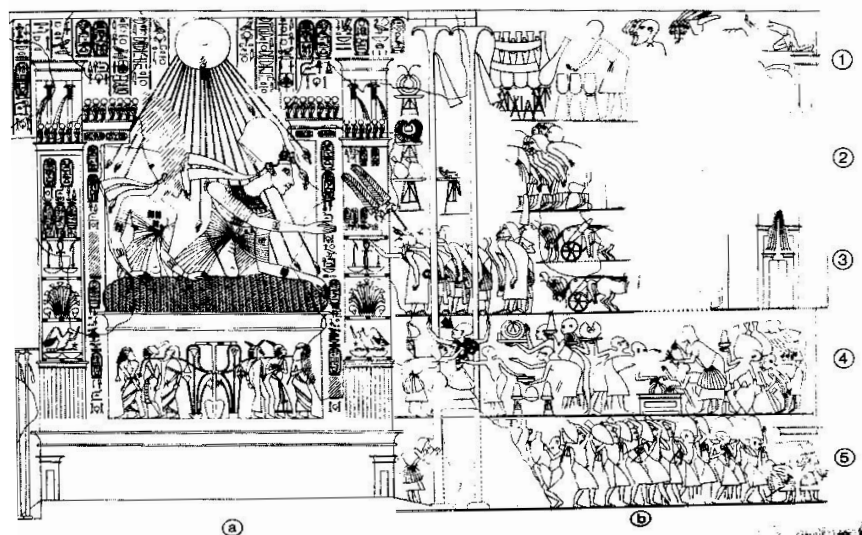


Fig. III.25 – Recompensa de Parennefer. Túmulo amarniano de Parennefer, TA 7, parede ocidental, lado norte, Pl. III.

Dentro da entrada central do pátio do palácio, que aqui é representado com um portão duplo aberto numa alta parede, veêm-se o grupo das bigas reais e os notáveis da cidade, encabeçados pelo vizir Nakhtpaaton que, em posição reverente, ergue a mão para saudar o rei. A mesma atitude é seguida pelos cortesãos que estão atrás dele. Na fila de

⁴⁵⁵Túmulo de Parennefer, TA 7, DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol, VI, p. 3.

cima, um servidor parece decantar vinho num grande jarro e atrás dele um grupo de núbios e asiáticos saúdam ou prostram-se diante da majestade real e/ou da majestade divina.



Fig. III.26 – As princesas que assistem à cerimónia de recompensa de Parennefer. À esquerda, a irmã de Nefertiti. Túmulo amarniano de Parennefer, TA 7, parede ocidental, lado norte, Pl. III.

Parennefer está exultante, parece dançar (fig. III.27). Um servo espalha sobre ele unguentos, certamente preciosos, e os outros sucedem-se transportando peitorais, colares, anéis, vestes, cestos, jarros, numa inundação de presentes que só o rei pode conceder.

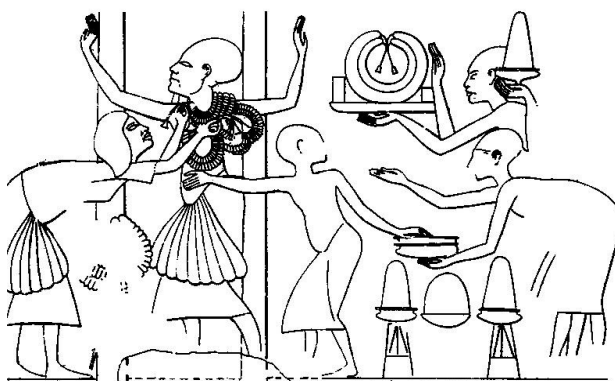


Fig. III.27 – Parennefer recebendo colares de ouro.

Como esta parte da cena não foi gravada, quase desapareceu. Quatro dos cinco registos estavam aparentemente destinados ao desfilar dos servos, transportando a recompensa do rei de que só podemos distinguir uns poucos jarros, vasos e bacias. No meio da escolta, Parennefer no seu carro, efectua um triunfante regresso (fig. III.28). Vemo-lo no momento em que as mulheres da casa vão ter com eles com música e dança e a sua esposa,

correndo para o exterior, é a primeira a dar-lhe boas vindas, com as mãos erguidas. O seu exuberante discurso de louvor ao faraó está quase todo desaparecido, mas ainda podemos ler: «[A dona] de casa, a favorita da grande esposa real ...re, ela (diz?):” concede-lhe ... Nefertiti(?) [vivendo] para sempre ... eternamente e para sempre».

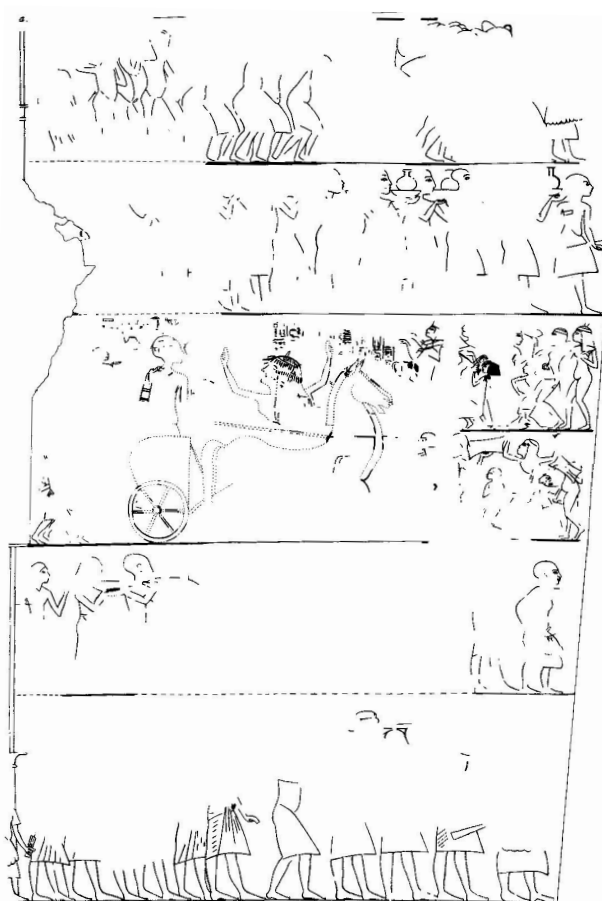


Fig. III.28 – Depois da cerimónia, Parennefer é conduzido a casa, no seu carro e na companhia da sua gente que transporta os belos presentes que recebeu.

2.9. A recompensa de Tutu

O tema da recompensa deste funcionário ocupa a quase totalidade da parede oeste, lado norte do seu túmulo (TA 8). O casal régio é aqui mostrado, não à janela mas sentado em bancos, no exterior (fig. III.29). A cercadura de *uraei* que rodeia o toucado real não é normalmente encontrada em casos semelhantes. A parte superior do corpo da rainha desapareceu, com a pedra onde tinha sido gravada. Aparentemente estaria embalando, nos

joelhos, as suas filhas, uma vez que vemos os pés de duas delas e percebemos pelos seus nomes que seriam a mais velha e a mais nova.

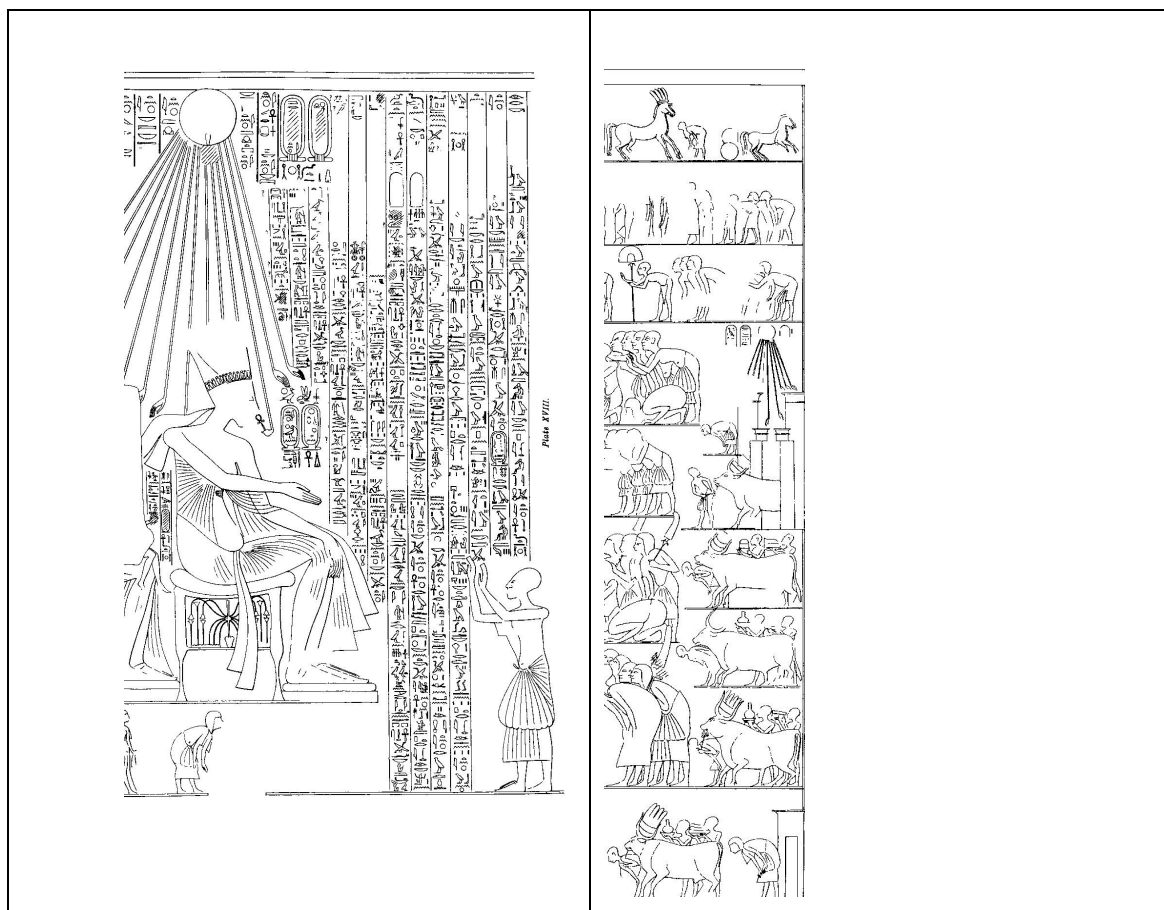


Fig. III.29 – Tutu é recebido pelo casal régio, sentado no pátio. Túmulo de Tutu, TA 8, parede ocidental, lado norte, Pls XXVII-XVIII.

Tutu está de pé diante do rei e o pátio, atrás dele, cheio de uma multidão de espectadores, duas bigas e dois gordos bois. Estes últimos podem vir dos domínios reais e ser presentes dados pelo rei. Outros, acompanhados por portadores de comida e de bebida, estão decorados com fitas e plumas nos cornos e são talvez oferendas para Aton. A assistência compreende, de cima para baixo, representantes estrangeiros, soldados com os seus estandartes, cortesãos, escribas e oficiais, incluindo o governador da cidade e o portador do leque, do ceptro *hekat* e do machado de cerimónia.

Discurso do rei:

ddt n nsw bit(y) ʕnh m m3ʕt nb t3wy Nfr-hprw-Rʕ Wʕ-n-Rʕ srw (m-)h3tyw n mšʕw nty ʕhʕ m-b3h pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb ib.i r irt p3 sp tnt h3w pw ...sy... n rmt bw sdm.f hsw.f irw n ky sr.firi sw n imy-hnt Twtw n mryt.f n pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb p3.f nb hr di.k n.i r ... n bi3y... m3ʕt hryw pdwt imyw-r ssmwt sšw-nsw imyw-r mšʕw imyw-r iwʕyt nb n h3st nbt (šms)w n prw n pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb b3k n Itn nb n p3 Itn m r (-pr.f)... šmʕw t3-mh̄w wd pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb p3.f nb nfr di srw nb h3wt n t3 r dr.f di.n.d h̄d nbw mnmnt h̄bsw hn̄w n bi3 iw hr (nt)tn mi š3yt ... šhr nty pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb ir.f n p3 b3k ʕ3 n pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb bw rh ir r.f n tn(w).f iry gm. tw.f r.f m rnpwt b3kw imy-r Twtw hr sdm.f min ptri pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb p3.f nb nfr hr (r)dit n3w.f srw ʕ3w m mitt sr nb kd pr-ʕ3 ʕnh wd3 snb m t3 r-dr r di.n.f h̄d nbw h̄bsw hn̄w n bi3 mnmnt tnw rnp

O que foi dito pelo rei do Alto e do Baixo Egito que vive em *maet*, o senhor das Duas Terras, Neferkheperuré Uaenré: “(Ó nobres) e comandantes de soldados, que estais diante do faraó – vida, prosperidade, saúde – A minha intenção é fazer esta ocasião excepcional de recompensas (=conferir uma recompensa especial), igual a um milhar (de vezes?) (o que se costuma dar) à gente comum. Ele não ouve (=não há memória de) que uma (tal) recompensa (do rei) tenha sido dada a (qualquer) outro seu oficial (mas eu) concedo-a ao camareiro Tutu, pelo seu amor pelo faraó – vida, prosperidade, saúde – seu senhor.

Concedo-te (vindo) de mim ... dos (guardiães?) do cobre...genuíno. Capitães das tropas, comandantes dos cavalos (=dos carros de guerra), escribas reais, generais, comandantes dos soldados de todas as terras estrangeiras, (companheiros) das casas do faraó – vida, prosperidade, saúde – e a todos os sacerdotes de Aton, pertencendo a Aton no (seu templo) ... Alto e Baixo Egito.

Ordena o faraó – vida, prosperidade, saúde – seu senhor perfeito, manda que todos os oficiais, chefes da terra inteira, lhe dêem prata, ouro, (gado), vestes e vasos de cobre (coisas que recaem) sobre vós, como impostos ... a vontade que o faraó – vida, prosperidade, saúde – está a fazer para o grande servidor do faraó – vida, prosperidade, saúde – nenhum «conhecido (do rei)» alcançou isto (a recompensa régia) por sua própria distinção, foi encontrado para ele nos anos de serviço do superintendente Tutu e estamos a ouvir (falar disto) hoje.

Vede, o faraó – vida, prosperidade, saúde – o seu senhor perfeito está a colocar os seus grandes oficiais e também a todos os oficiais, na terra inteira, que o faraó – vida, prosperidade, saúde – cria, a fim de lhes dar prata, ouro, vestuário, vasos de cobre e gado, todos os anos⁴⁵⁶.

Tutu replica a este discurso com uma torrente da mais rebuscada lisonja:

ddt n b3k-tpy n nsw bit(y) Nfr-hprw-Rʕ Wʕ-n-Rʕ imy-hnt Twtw p3y nb nfr h̄k3 kd ʕ33w ht ʕ3 n ʕhʕw(f) wr mnw r wd.k nb h̄pr.sn mi Itn nb p3 Itn ʕnh r wd̄w.f m pt rʕ-nb ntk p3y.i ʕnh snb.i m ptr.k h̄h n h̄ʕpy p3(y) nb w3dyw p3 di sw m ib.f p3 r-sfy 3pdw ... r tr nb ʕ3 h̄sw m h̄d nbw r di.f r f̄i tw hr rm̄n wbn n.k p3 Itn ʕnh r iʕi ib.k mnt p3 Wʕ-n-Rʕ ʕny mi Itn rwd ʕnhw (dt) nh̄h p3 Itn p3y.k it wbh̄ msi tw di.f n.k wbn.f hrw tʕ ptri stwt.f n rmt m iw3t nbt dg3 nb hr rdwy.sn ptr.sn Itn wbn tn... (r) ʕ3 r h̄bw(?) wd(b)w n itrw rh̄(t)w n pn nt(y) šʕy dgi.i n šwt iw n.k mri p3 Itn ... ʕ3 ʕhʕw.f iw.k mn ti m i3t.f r (n)h̄h p3 Rʕ msw p3 Itn Nfr-hprw-Rʕ Wʕ-n-Rʕ sh̄pr.k d3mw m h̄fnw ir.k ... b bw itwt bw ii tw m 3w bw msw n h̄h n d3mw Tw.k h̄wn ti mi p3 Itn ʕnh ti dt (n)h̄h

O que foi dito pelo primeiro servidor do (rei do Alto e do Baixo Egito), Neferkheperuré Uaenré, o camareiro Tutu: “Ó meu bom senhor, governante de virtude, abundante em coisas,

⁴⁵⁶ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 233-250.

grande no (seu) tempo de vida e grande em monumentos, tudo o que tu decretas acontece, à semelhança de Aton, o senhor, o Aton vivo, que faz os seus decretos no céu, todos os dias. Tu és que és a minha vida. A minha saúde vem de (poder) contemplar-te.

Ó (meu) milhão de Hapis (=Nílos), (ó) meu senhor, quão próspero é quem o põe no seu coração! Ó apanhador de aves⁴⁵⁷ (que vem à existência) todas as estações, grande em recompensas de prata e ouro, mais do que ele pode carregar ao ombro. O Aton vivo ergue -se para ti, para lavar (para alegrar) o teu coração diariamente. Ó Uaenré, tu és belo como Aton, vigoroso e vivo, (eternamente) e para sempre. Aton, teu resplandecente pai que te engendrou concede-te a sua alvorada. Os que estão na terra e contemplam os seus raios, nomeadamente as pessoas comuns, todos os rebanhos e tudo aquilo que anda sobre as suas duas patas. Eles vêem Aton erguer-se ... maior para ti que as festas (que se realizam) nas margens do rio, e que o número destes (grãos de) areia que eu vejo numa pena, eles pertencem-te, ó amado de Aton ...

grande no seu tempo de vida e tu permanecerás estável no teu cargo, para sempre, ó Ré, a quem Aton engendrou! Neferkheperuré Uaenré, tu crias novas tropas em centenas de milhar, tu fizeste ... elas não foram conquistadas, não regressaram longo tempo (depois) e não foi dado à luz um (novo?) milhão de tropas. Tu és jovem como Aton, que possas viver eternamente e para sempre!

Tutu dirige-se agora ao seu pessoal:

imy-ḥnt Twtw dd.f nn ... w nb... .f ... pr.k nhḥ(wd) pr-ʿ3 ʿnh wd3 snb ḥryw pdwt imyw-r ssmwt imyw-r (mšʿw) b3k n ʿItn nb n p3 ʿItn m r (-pr.f)... (sr)w m t3 r dr.f b3k n ʿItn nb n pr ʿItn rmt (nbt) (wd) pr-ʿ3 ʿnh wd3 snb p3y (.tn nb dit) ʿ3t n3 ḥsw n Nfr-ḥprw-Rʿ Wʿ-n-Rʿ n p3y.f b3k nty ḥr sdm sb3yt nfrt n ʿnh ury n3 n ḥt rdī.n.ī m ḥtr ḥr ... n3 ...ir.f nw.tn r tni.ī m ḥswt r ḥsy.f nb

O camareiro da corte, Tutu, ele diz: "... u... todo ... seu ... a tua casa para sempre. (Ordena) o faraó – vida, prosperidade, saúde – aos capitães das tropas, aos comandantes dos cavalos (dos carros de guerra), aos (generais?) e a todos os sacerdotes de Aton, pertencendo a Aton no (seu templo) ... (aos oficiais) na terra inteira, a todos os sacerdotes de Aton, na Casa de Aton, e a todos os súbditos:

(Ordena) o faraó – vida, prosperidade, saúde – (que seja concedida) uma grande (recompensa) (como) recompensa de Neferkheperuré Uaenré ao seu servidor que escuta o belo ensinamento de vida. Por isso, as coisas que ele me deu, na qualidade de imposto sobre ... isso ... ele fez para eles e para me favorecer com recompensas, mais do que a qualquer seu favorito⁴⁵⁸.

2.10. Recompensa (?) de Mahu

No túmulo de Mahu (TA 9) somos confrontados com uma cena que por estar degradada é de difícil interpretação, (fig. III.30). Talvez fosse mais uma cena de recompensa, junto à *Janela das Aparições*. O rei estaria representado no extremo direito da

⁴⁵⁷ Na verdade, o rei é um Hórus, o deus-falcão.

⁴⁵⁸ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 273-283.

figura e Mahu, *ḥry Mꜥdꜣw n 3ḥt-Itn*, «Chefe dos Medjau de Akhetaton» ⁴⁵⁹, num plano inferior, receberia, como outros oficiais, os presentes do rei com os quais se iria pavonear diante de colegas e inferiores.

O texto que acompanha a figura parece-se mais com uma resposta do que com o início de uma eulogia:

ḥry Mꜥdꜣw n 3ḥt-Itn M(ꜥ)ḥw dd.f šḥpr.k m wdꜣ m dꜣmw m dꜣmw pꜣ ḥꜣꜣ n Itn iw.k nḥḥ

O chefe dos Medjau de Akhetaton, Mahu, ele diz: “Tu fizeste-te grande, de geração em geração, ó soberano de Aton, tu existes para sempre!” ⁴⁶⁰

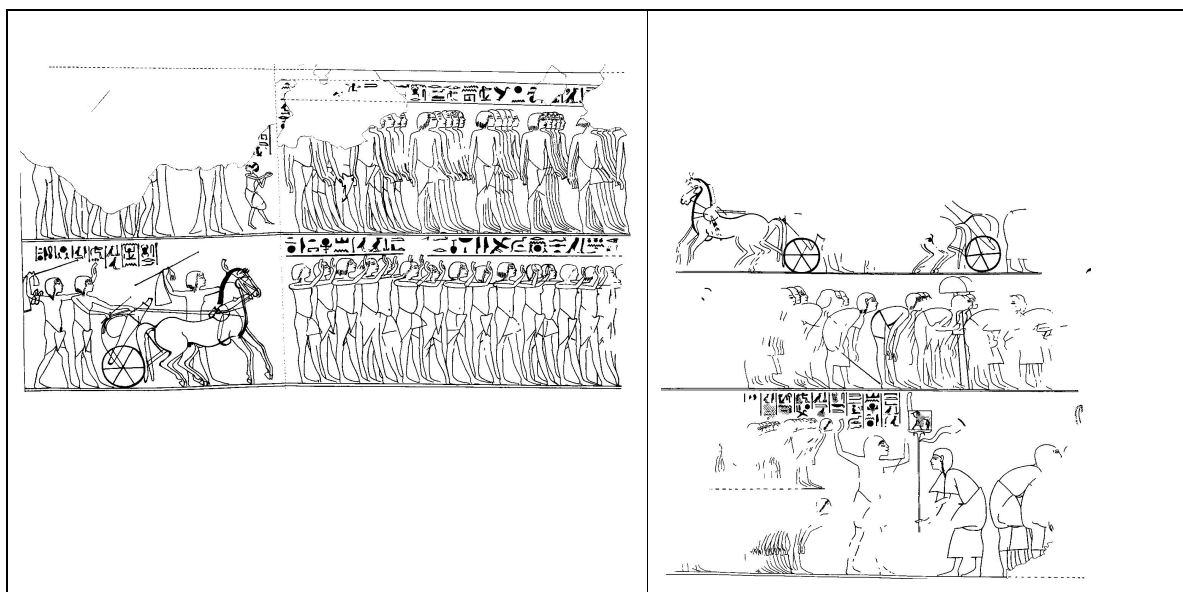


Fig. III.30 – Mahu e a sua comitiva diante do palácio. Túmulo de Mahu, TA 9, parede traseira, lado norte. (Pl. XVII).

Todavia, Mahu não está a ser agraciado com os habituais colares de ouro; nada possui para exhibir aos seus soldados e receber as habituais congratulações.

⁴⁵⁹ Normalmente escrito *mꜥdꜣy*. Os Medjay constituíam o corpo de polícia de Akhetaton.

⁴⁶⁰ Túmulo de Mahu, TA 9, lns. 3-4.

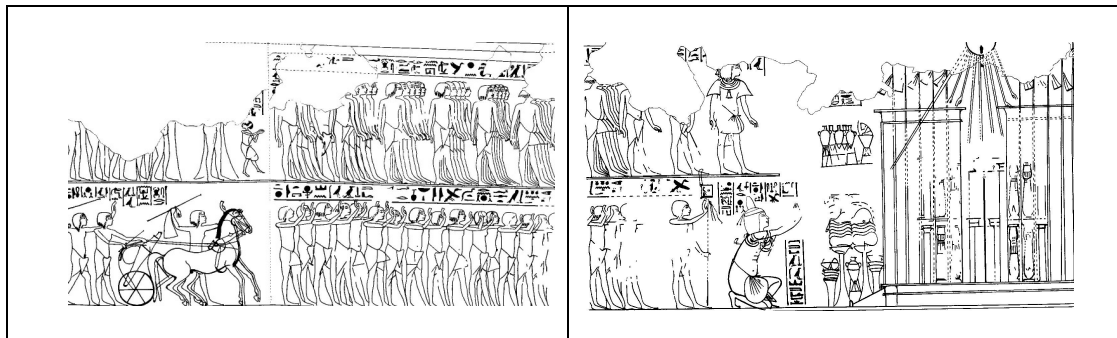


Fig. III.31 – Mahu visita o templo, (Pl. XVIII). Enverga traje de cerimónia e usa um cone de perfume. Segue-o um batalhão de polícias.

Isto não impede de, tal como o vizir Ramose, se dirigir ao templo (fig. III.31) para rezar pelo rei:

snb pr-ʿ3 ʿnh wd3 snb p3 Itn im-mʿ sw r (n)hh wʿ-n-rʿ kd m k3.f p3 hk3 nfr ir mnw it.f whm.f st r nhh dt p3y nb nfr nfr p3 ... m(ʿ)d3w n 3ht-Itn

Dá saúde ao faraó – vida, prosperidade, saúde – ó Aton, (que exista) para sempre o único de Ré, feito como o seu *ka* (de Ré). O soberano perfeito que fez monumentos para o seu pai, possa ele fazer isto repetidamente, para sempre.

Dizem (os *medjau*): “ Ó meu belo senhor ... os *medjau*, de Akhetaton”. Palavras dos *medjau* que guardam o carro do comandante:

shpr.n.f hh n wd3 m d3mw m d3mw iw.f (n)hh mi Itn

Ele criou um milhão de gerações, ele existe para sempre, como Aton! ⁴⁶¹

No registo superior, os *medjau* mostram-se em formatura e cantam um hino feito por alguém não especificado, talvez o próprio Mahu:

Mʿdhw n 3ht-Itn hn n nh(m) ir.i r.f dt n shpr.f ...

Os *medjau* de Akhetaton cantam um canto de júbilo, que eu fiz para ele (o rei) dizendo: “Ele faz nascer ... ⁴⁶²

⁴⁶¹ Túmulo de Mahu, TA 9, lns. 5-8.

⁴⁶² Túmulo de Mahu, TA 9, ln. 9.

Ao lado encontram-se várias mulheres e uma criança, talvez a família do nosso comandante. Pensamos que Mahu não foi recompensado, mas procurou dar este sentido à cena. O que não seria de admirar, tratando-se de alguém que levou a lisonja ao ponto de inserir quatro vezes no seu túmulo o *Pequeno Hino a Aton* e ocupou, como veremos, grande parte do acervo iconográfico com os detalhes da sua bem sucedida profissão. Enfim, um homem do seu tempo.

2.11. Recompensa de May

A extremidade norte do lintel de entrada é a única zona, dentro do túmulo, que mostra decoração ou está preparada para a receber. Mesmo aqui a cena está apenas esboçada a tinta e preservada até onde chegou a camada de areia. Felizmente esta é a parte mais interessante, (fig. III.32). Parece tratar-se da recompensa de May junto ao balcão do palácio, mas o artista desviou-se do modelo habitual e lhe deu um lugar de relevo. Às belezas circundantes.

A cena e as legendas explicativas estão bastante deterioradas pelo que foi seguida a reconstituição de W. Murnane⁴⁶³. As primeiras seis linhas correspondem aos protocolos das princesas Maketaton e Ankhesenpaaton e da *snt ḥmt-nsw wrt Nfr-nfrw-Itn Nfrt-ity ḥnh dt nhḥ Mwt-ndmt*, «irmã da grande esposa real, Neferneferuaton Nefertiti, vivendo eternamente e para sempre, Mutnedjmet». Os membros da corte são designados por:

šmsw nsw mi ḥšw iry-rdwy n nb.sn... sdmw ḥrw ḥm.f

Os que seguem o rei como multidões, os acompanhantes do seu senhor... e os que escutam a voz da sua pessoa⁴⁶⁴.

⁴⁶³ MURNANE, William, J., VAN SICLEN, Charles C., *Texts from the Amarna Period in Egypt*, p. 147.

⁴⁶⁴ Túmulo de May, TA 14, ln. 129.

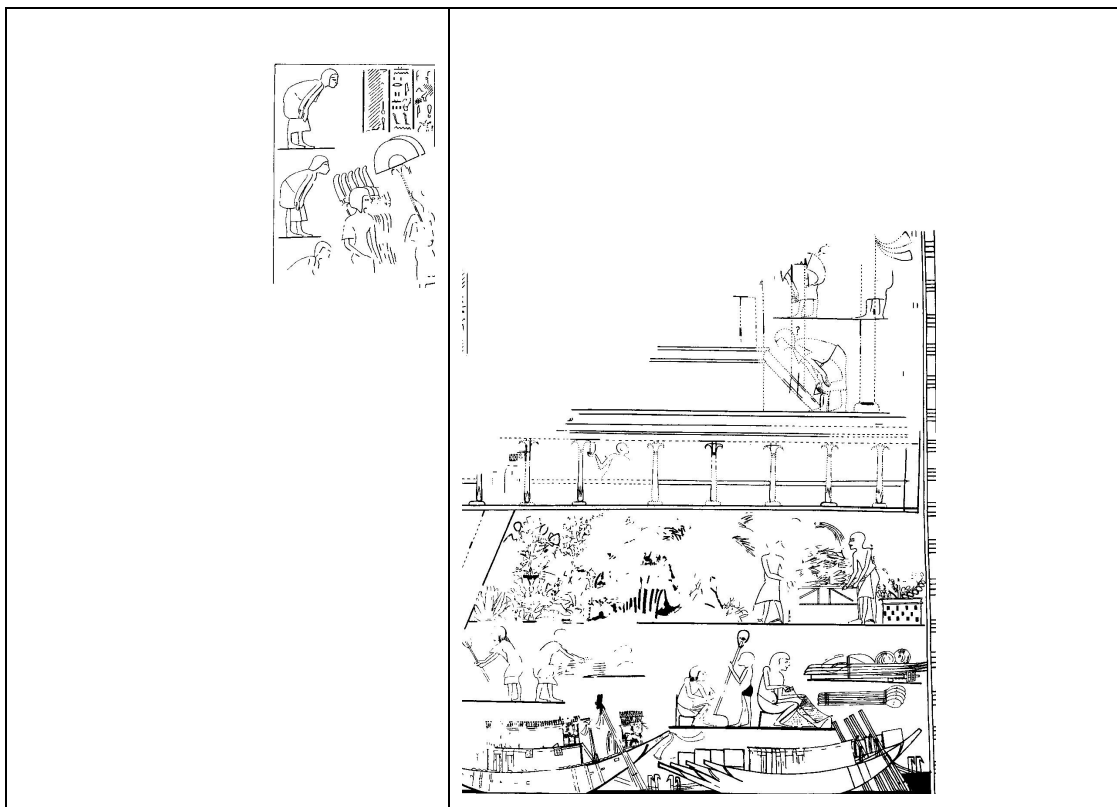


Fig. III.32 – Possível cena de recompensa de May.
Túmulo de May, TA 14, lintel da entrada, extremidade norte, (Pl. V).

2.12. Recompensa de Ay

A parede norte, lado ocidental do túmulo de Ay (TA 25) mostra-o na companhia da sua esposa, Tié. Estão de pé, debaixo da *Janela das Aparições* no acto de receber uma esplêndida recompensa das mãos da família real (fig. III.33). Efectivamente, os reis e as suas filhas⁴⁶⁵ parecem tomar como alvo o feliz casal, arremessando-lhe colares e taças que o «pai divino» vai amontoando à sua frente. A presença da esposa de um funcionário é

⁴⁶⁵ Apenas estão representadas as princesas Meritaton, Maketaton e Ankhesenpaaton.

absolutamente excepcional e só pode ser justificada pelos seus títulos de «ama da rainha» e «ornamento real» que Tié ostenta.

A assistência não difere do habitual: delegações de estrangeiros, núbios, líbios e asiáticos, acompanhados de intérpretes egípcios, escribas que atarefadamente tomam nota de todas as coisas oferecidas. Seguem-se soldados incluindo quatro porta-estandartes, arqueiros núbios e lanceiros líbios e sírios.

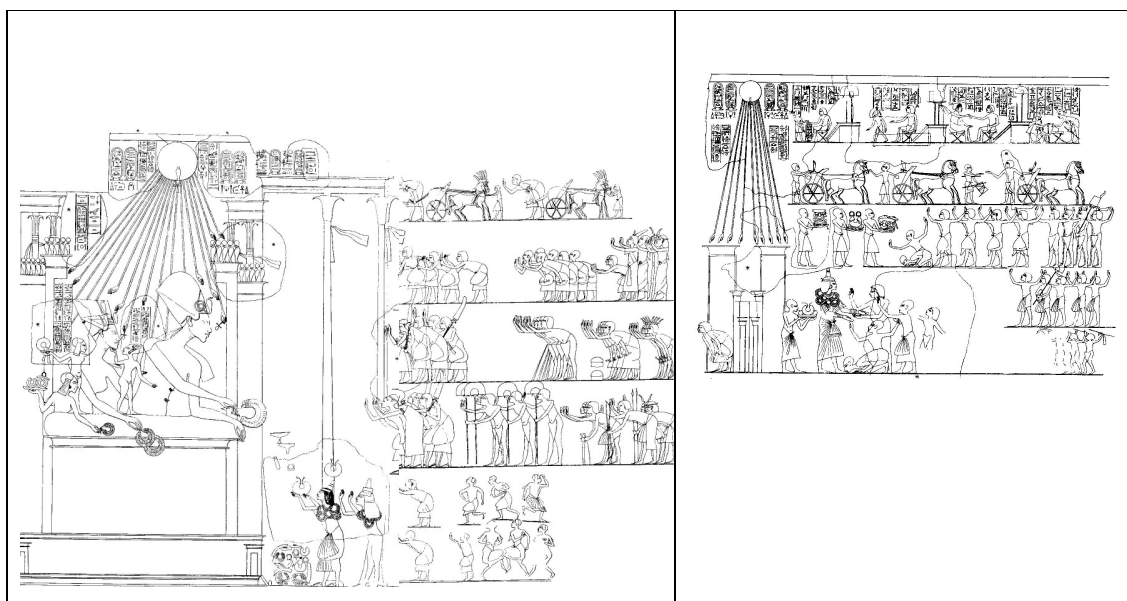


Fig. III.33 – Recompensa de Ay e de sua esposa, Tié.
Túmulo de Ay, TA 25, parede norte, lado ocidental, Pls. XXIX-XXX.

O vizir e outros grandes oficiais da coroa estão presentes e devidamente escoltados por flabelíferos e um grupo de soldados. Junto de Ay e Tié, um grupo de rapazes executa uma dança. Estão bem trajados e são possivelmente artistas do palácio⁴⁶⁶.

Contrariamente ao que acontece noutros casos, não existe um discurso justificativo do rei e o «pai divino» também não verbaliza o seu agradecimento. Cabe ao povo, representado por oficiais, condutores de carros, guardas e alguns adolescentes curiosos, o comentário a mais este gesto de munificência real.

Uma vez que as dádivas irão causar o espanto das gentes da cidade, vale a pena descrevê-las, são as seguintes: 18 colares de contas de ouro, sendo dois deles embutidos em

⁴⁶⁶ Túmulo de Ay. TA 25. DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, p. 22

peitorais, dois colares simples e cinco com berloques de faiança, seis fios, quatro taças douradas, duas delas com pé, dois vasos metálicos, doze pares de braçadeiras sem enfeites e um par de luvas⁴⁶⁷. De todo este conjunto, a coisa mais excepcional é o par de luvas que, ao que sabemos, faz aqui a sua primeira aparição⁴⁶⁸. Talvez inicialmente se destinassem à condução dos cavalos e Ay era o mestre dos carros de guerra, mas seriam luvas de couro e não de cerimónia com estas. Ay parece ter ficado extremamente orgulhoso, calça-as imediatamente, mal sai do palácio, exibindo-as aos servidores que lhe beijam os pés e amigos que elevam as mãos ao céu perante uma tal maravilha (fig. III.34).

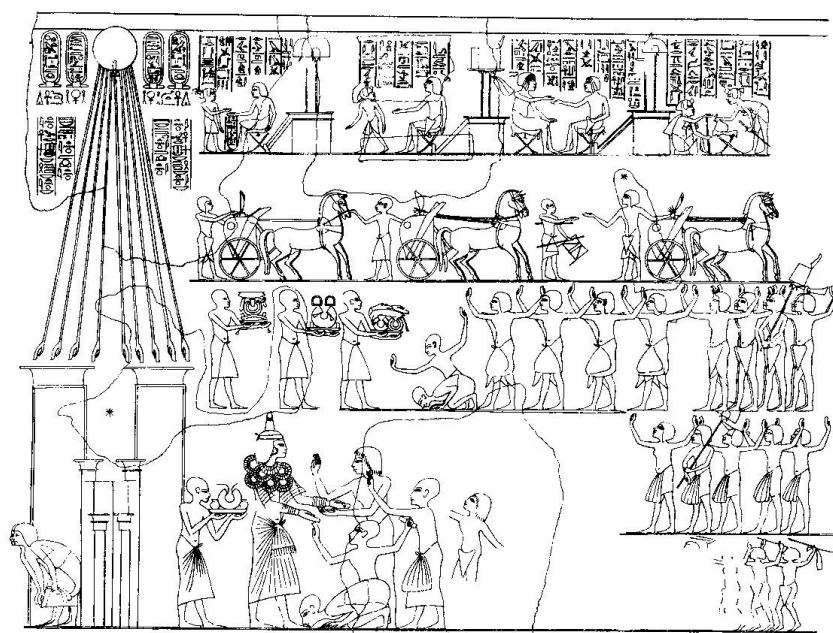


Fig. III.34 – Depois da cerimónia, Ay exhibe as suas luvas novas e é felicitado por subordinados e amigos. Túmulo de Ay, TA 25, parede norte, lado ocidental, Pl. XXX.

Ao fundo estão representados os postos militares ornamentados por seis estandartes espetados dois a dois em plataformas. Os estandartes quadrados pertencem a tropas que usam tangas simples, enquanto outras, cujo emblema é o guarda-sol, completam este traje com uma túnica ampla e atada por um cinto. Junto de cada plataforma, uma sentinela senta-se num banco almofadado, (fig. III.35)⁴⁶⁹.

⁴⁶⁷ Túmulo de Ay. TA 25. DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, p. 22.

⁴⁶⁸ Do tesouro de Tutankhamon faz, igualmente, parte um par de luvas.

⁴⁶⁹ Túmulo de Ay. TA 25. DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, p. 23.

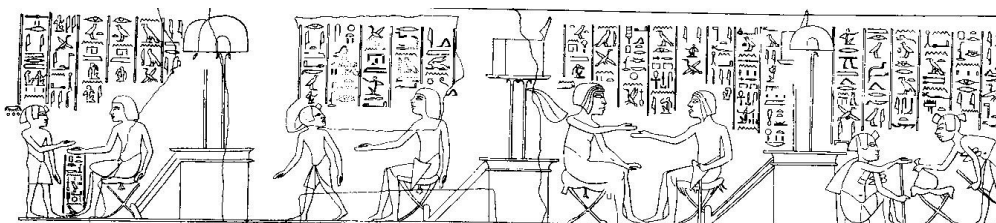


Fig. III.35 – Guardas do palácio, comentando os acontecimentos.

A parede do pátio escondeu dos seus olhos o espectáculo, mas mantêm-se a par do sucedido, recorrendo aos garotos da rua que correm de um lado para o outro e trazem as novidades. A sentinela mais próxima do portão ouve o barulho e pergunta avidamente o que se passa:

ir.tw nhm n3 nm p3y šri

Para quem é feito este clamor, meu menino?

ir.tw nhm n Ay it-ntr hn̄ Tiy sy ury m rmt nbw ptr.k (ptr.)n nfrw ḥ(w) n3

Este clamor é feito para Ay, o pai divino, na companhia de Tié. Foram feitos gente de ouro! Possas tu, possamos nós, contemplar isto – é a beleza de um tempo de vida...⁴⁷⁰

Diz outro guarda:

šhsty m̄ ptr p3y nhm 3 r dd nm iw m wnw

Corre e vê para quem é este grande clamor, para (me/nos) dizer (para) quem é, e vem rapidamente.

Resposta pronta do gaiato:

iryt m̄k.wi

Eu farei (isto), repara em mim!⁴⁷¹

Um visitante interroga o terceiro guarda:

nm p3 nty twt hr nhm n.f

Para quem está o clamor a ser feito?

Responde-lhe este:

ḥ̄ ptr.k hn̄ nfr n3 iri pr-3 ḥ̄ wḏ3 snb Ay it-ntr Ay it-ntr hn̄ Tiy dw.n.sn pr 3 ḥ̄ wḏ3 snb ḥ̄w n 3y nbw m-mitt ht-nb

Ergue-te e vê as benfeitorias realizadas pelo faraó – vida, prosperidade saúde

Para Ay, o pai divino, na companhia de Tié, a quem o faraó – vida, prosperidade, saúde – deu milhões de tesouros transportáveis, bem como toda a espécie de coisas⁴⁷².

⁴⁷⁰ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 373-376.

⁴⁷¹ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 377-379.

⁴⁷² Túmulo de Ay, TA 25, lns. 380-383.

No extremo direito da figura, dois servos de Ay contemplam maravilhados alguns presentes:

nw dgi r t3 isb hn^c n t3 tnf(t) ptr. n iry n Ay p3 it-ntr

(Primeiro servo:) Olha para isto, para este tamborete e para este saco! Vejamos o que é feito para (oferecido a) Ay, o pai divino...

m ir wdd r k iw.i šm ini.sn pt

(Segundo servo:) Não demores, eu tenho que ir levá-las (para) o meu patrão⁴⁷³.

3. Um funcionário no exercício do seu cargo: Mahu

Os funcionários akhenatonianos aparecem no desempenho da sua função em quase todas as cenas anteriores sejam eles copeiros, sacerdotes, guerreiros ou artesãos. Trata-se, no entanto, de personagens secundárias. Este não é o caso de Mahu, comandante da polícia de Akhetaton, que nas paredes do túmulo (TA 9) conta as suas aventuras através de uma perfeita banda desenhada da qual, obviamente, é o herói. Divide-se em vários episódios, cuja análise e interpretação, faremos seguidamente.

3.1. Mahu acompanha o rei na inspecção das defesas de Akhetaton

O estabelecimento do Atonismo e a retirada da corte para Akhetaton causaram, como vimos, reacções desfavoráveis, principalmente entre o clero de Amon. Nada leva a crer que houvesse ameaças de tal modo sérias à segurança do rei, que tornassem necessário o aparato militar que acompanha todas as suas deslocações. Deve, no entanto, ser levado em conta o facto de a nova cidade estar em construção, com várias casas isoladas e grande quantidade de bens preciosos a ser constantemente descarregados para integrar os novos templos e palácios. O deserto, onde todos os fora-da-lei se acolhiam estava muito próximo e é plausível que gente da cidade pudesse transmitir perigosas informações. Houve, certamente desde muito cedo, a necessidade de, à falta de muralhas, esta-belecer uma linha de protecção que Akhenaton vai neste momento inspeccionar⁴⁷⁴. Vêmo-lo abandonar o templo na sua biga, escoltado por Mahu e os seus quinze guardas (figs. III.36-37). O vizir Nakhtpaaton e o seu adjunto vêm-se obrigados a correr diante do seu amo, numa atitude constrangida e que contrasta com a dos ginasticados Medjau⁴⁷⁵.

⁴⁷³ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 384-386.

⁴⁷⁴ Túmulo de Mahu, TA 9, Davies, Norman de G., *RTEA*, vol. IV, pp. 15-16

⁴⁷⁵ *Ibidem*, p. 16. Como já referimos, os medjau eram uma antiga e aguerrida tribo que vivia nos desertos orientais da Núbia. Alguns dos seus membros passaram ao serviço do Egito, logo a partir do Segundo Período

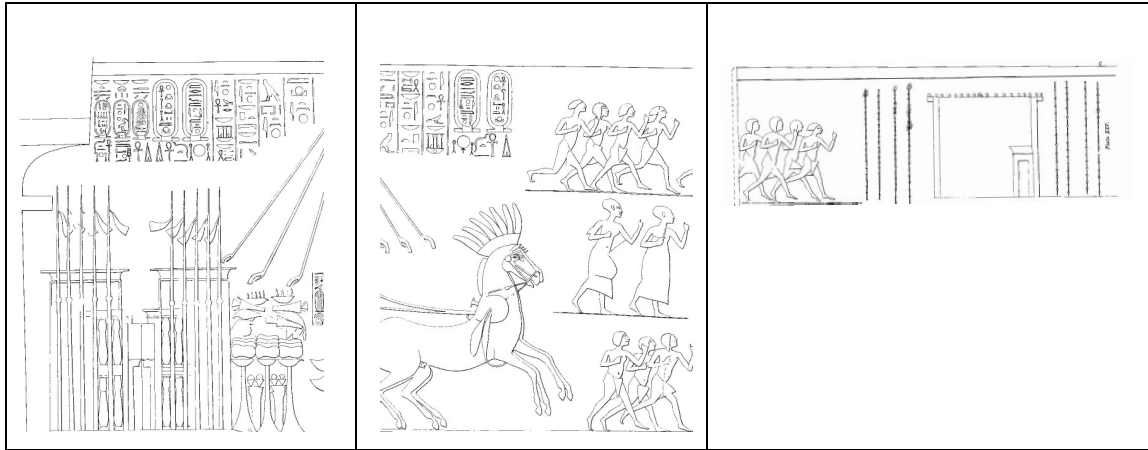


Fig. III.36 – Akhenaton abandona o templo para ir inspeccionar as defesas da cidade.
Túmulo de Mahu, TA 9, parede traseira, lado sul, Pls. XX-XXI.

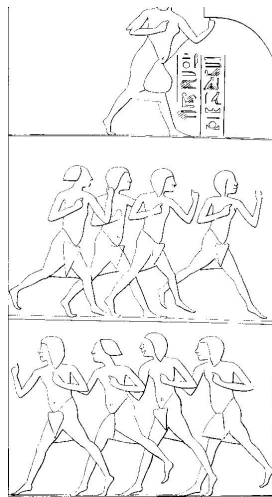


Fig. III.37 – Akhenaton abandona o templo para ir inspeccionar as defesas da cidade (conclusão).
Túmulo de Mahu, TA 9, extremidade da parede sul, Pls. XXI.

Intermediário como soldados e policiais, tal como aparecem no túmulo de Mahu. Ver «Medjay» em SHAW, Ian and NICHOLSON, Paul, *The Dictionnary of Ancient Egypt*, p. 178.

O objectivo da excursão é o pequeno fortim mostrado no extremo direito da figura. É meramente uma torre sem janelas, com entrada por uma porta ao nível do solo e baluartes salientes, guarnecidos de ameias. Como protecção para ataques nocturnos, tem uma linha quádrupla de abrigos de sentinela ligados por cordas, sistema que provocaria a confusão dos possíveis atacantes e o consequente alarme dos defensores⁴⁷⁶.

A biga real corre ao longo das guaritas (fig. III.38) onde se alinham sentinelas curvadas. Em frente do carro, Mahu faz uma saudação, gesto que repete no registo médio. Aparentemente alheio a estas demonstrações, Akhenaton beija Nefertiti, enquanto Meritaton usa uma varinha como se fosse a condutora. No registo mais à direita e atrás da biga real, o vizir saúda o rei. O omnipresente *hry Mꜥdꜣw n 3ht-Itn*, «Comandante dos Medjau de Akhetaton»⁴⁷⁷ aproveita para se fazer representar (e com a mesma altura!) clamando: *Wꜥ-n-Rꜥ n iw.k r nhꜥ pꜣ ꜥd 3ht-Itn ir Rꜥ ds.f*, «Uaenré, tu existirás para sempre, ó construtor de Akhetaton, actuando como o próprio Ré»⁴⁷⁸.

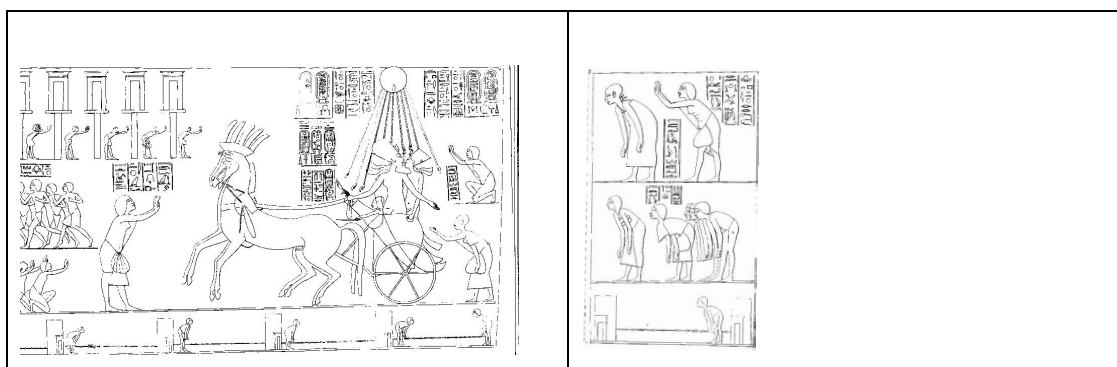



Fig. III.38 – O casal régio acompanhado pela princesa Meritaton passa pelos abrigos das sentinelas na sua biga. À direita: Saudação de Mahu, do vizir, dos oficiais e dos guardas.
Túmulo de Mahu, TA 9, parede traseira, lado sul, Pls. XXI-XXII.

À esquerda, desarmados e abrindo caminho à biga real correm «os *Medjau* de Akhetaton». À retaguarda, uma personagem ajoelhada saúda o rei, é Mahu que rapidamente se desloca para a frente do carro e (pasmese!) tem praticamente a mesma altura que o rei e a rainha.

⁴⁷⁶ Túmulo de Mahu, TA 9, Davies, Norman de G., RTEA, vol. IV, p. 16

⁴⁷⁷ Normalmente escrito  *mꜥdꜣy*. Os Medjay constituíam o corpo de polícia de Akhetaton.

⁴⁷⁸ Túmulo de Mahu, TA 9, ln. 10.

3.2. Mahu, agente da lei e da ordem

A extremidade sul da parede da frente do túmulo de Mahu contém uma grande quantidade de cenas relativas ao seu ofício, que a ausência de texto torna de interpretação algo ambígua. Norman de G. Davies começou por admitir que as cenas superiores representassem a recepção de tributos ou direitos de passagem relativos a caravanas ou aos camponeses que estivessem a entrar na cidade com os seus produtos. Acabou, no entanto, por decidir-se por um episódio bem mais saboroso e digno de um ego tão inflacionado como o de Mahu⁴⁷⁹. Apresentamo-lo de seguida.

3.2.1. Mahu e um armazenista demasiado zeloso, de Akhetaton

Acima da falsa porta que termina a parede sul (fig. III.39) vemos Mahu que, um belo dia, se dirigiu com a sua escolta a um armazém da cidade⁴⁸⁰ para requisitar determinados bens. Indiferente a tão eminente figura, o encarregado recusou, terminantemente, fornecê-los.

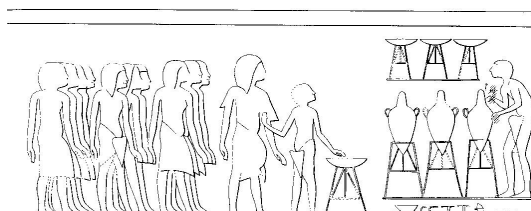


Fig. III.39 – Mahu e o chefe do armazém.
Túmulo de Mahu, TA 9, moldura da direita sobre a falsa porta, Pl. XXV.

Sem perder tempo, Mahu foi procurar o *t3t(y) n 3ht-Itn*, «Vizir de Akhetaton» (*sic*), reconhecível pelo seu traje, mas com o nome ilegível. Encontrou-o na companhia de um oficial, *nb t3wy hs.f Hk3-nfr*, «do senhor das Duas Terras, o seu amado, Heqqenefer», junto de uma braseira (fig. III.40). Com a devida indignação, Mahu relatou o vexame por que passara⁴⁸¹.

O vizir deu-lhe razão e eis que o problema do fornecimento é imediatamente resolvido.

⁴⁷⁹ DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. IV, pp. 16-18.

⁴⁸⁰ Trata-se sem dúvida de um armazém militar, dirigido por um soldado como se verifica pelo uniforme que usa, nomeadamente pela característica protecção ventral em forma de coração.

⁴⁸¹ DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of El-Amarna*, vol. IV, p. 17.

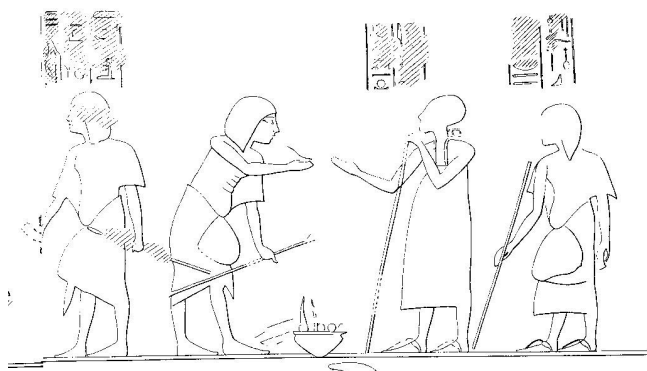


Fig. III.40 – Mahu participa a ocorrência aos seus superiores. Túmulo de Mahu, TA 9, parede da frente, lado sul, metade superior, região direita, Pl. XXIV.

Mahu regressa em glória, como executante de uma ordem superior, e é recebido de maneira muito diferente. O miserável armazenista diminuiu de tamanho⁴⁸², tem agora metade da altura do chefe da polícia, e todo ele se desfaz em cumprimentos (fig. III.41).

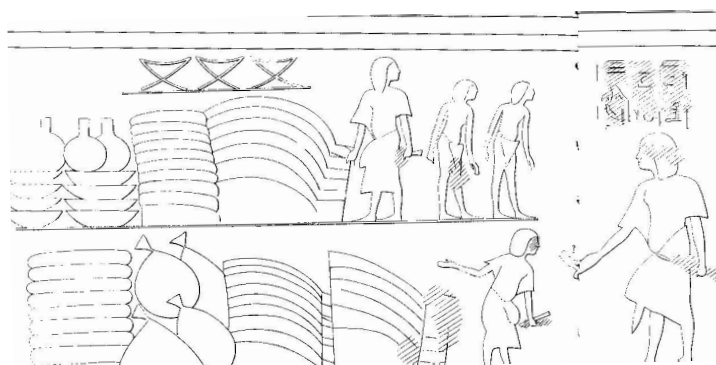


Fig. III.41 – Mahu volta a encontrar-se com o chefe do armazém. Túmulo de Mahu, TA 9, parede da frente, lado sul, metade superior, região esquerda, Pls. XXIV.

Mahu conseguiu os bens que solicitara, armas, tecidos (?) e provisões frescas, trazidas pelos aldeões até à casa da guarda (fig. III.42). Mulheres e crianças trazem pão, peixe, vinho, bilhas de água e frutos, tudo transportado em burros ou às suas costas. São recebidos na casa da guarda. O fortim é semelhante ao que já foi descrito, mas aqui o seu

⁴⁸² Repare-se que Mahu agora já não é recebido por um simples soldado mas por alguém que, pelo seu traje deve ser um superior do pobre militar, talvez um dos dois que estão no registo superior, humildemente curvados

interior é mostrado. Tem aparentemente três andares, o rés-do-chão é usado como armazém de alimentos, o primeiro andar como sala da guarda, onde estão penduradas as sandálias da guarnição, e o segundo como armaria.

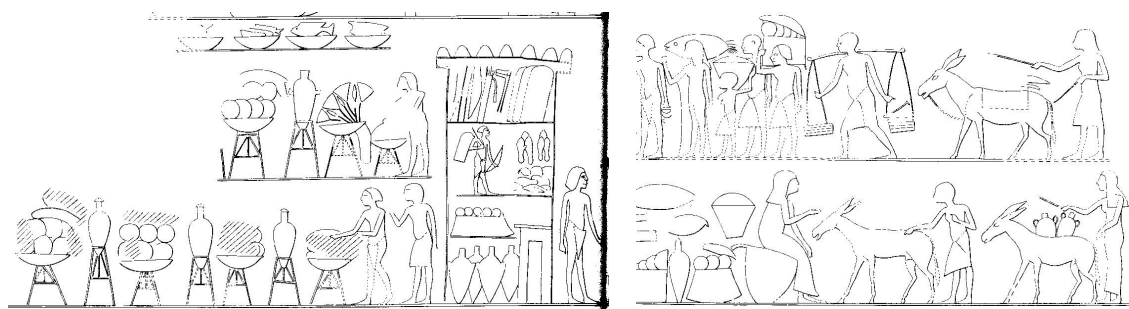


Fig. III.42 – Abastecimento da guarnição. Túmulo de Mahu, TA 9, parede da frente, lado sul, metade inferior, região esquerda (Pl. XXIV).

Quando a quota está completa, o escriba faz o relatório a Mahu que está acompanhado pelo seu cão (fig. III.43)⁴⁸³.

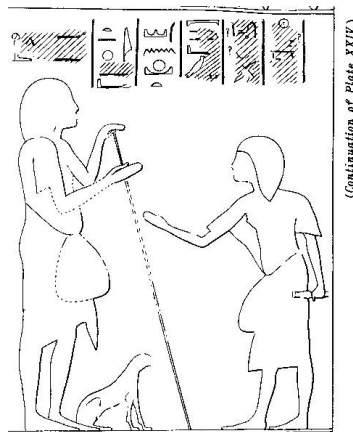


Fig. III.43 – Um escriba dá conta ao comandante da polícia que as suas ordens foram cumpridas. Túmulo de Mahu, TA 9, região direita da falsa porta, Pl. XXV.

⁴⁸³ Os soldados eram, muitas vezes, acompanhados de cães especialmente treinados para procurar prisioneiros foragidos. É possível que este animal tenha colaborado na captura dos dois fugitivos da fig. III.47. Ver MC DERMOTT, Bridget, *Warfare in Ancient Egypt*, p. 113.

3.2.2. Mahu, terror dos criminosos de Akhetaton

As cenas inferiores da parede da frente, lado sul, têm um significado mais óbvio e também elas contam mais um episódio da gesta heróica de Mahu. De manhã cedo, é visitado em sua casa por três guardas que lhe transmitem um relatório de ocorrências. Está frio e uma braseira foi trazida para fora de casa e está a ser espevitada por um servo, (fig. III.44).

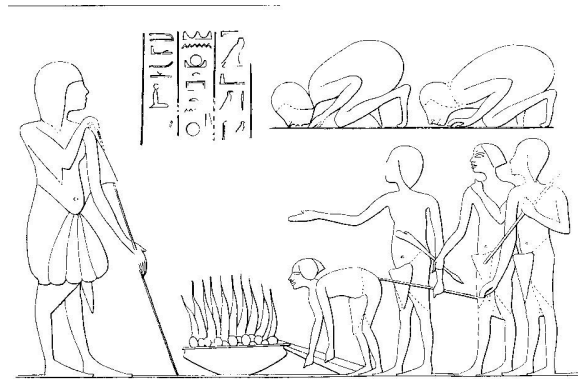


Fig. III.44 – Mahu, apoiado num bordão ouve o relatório dos seus subordinados. Túmulo de Mahu, TA 9, parede da frente, lado sul, metade superior, região esquerda, Pl. XXVI.

As notícias são boas: o paradeiro de alguns malfeitores foi descoberto. Exigem-se medidas rápidas e imediatamente todos entram em estado de alerta. O carro aguarda já o intendente e um destacamento de seis homens acorre ao seu chamamento. Estão armados de bastões, curiosos paus bifurcados, e uma azagaia (fig. III.45).

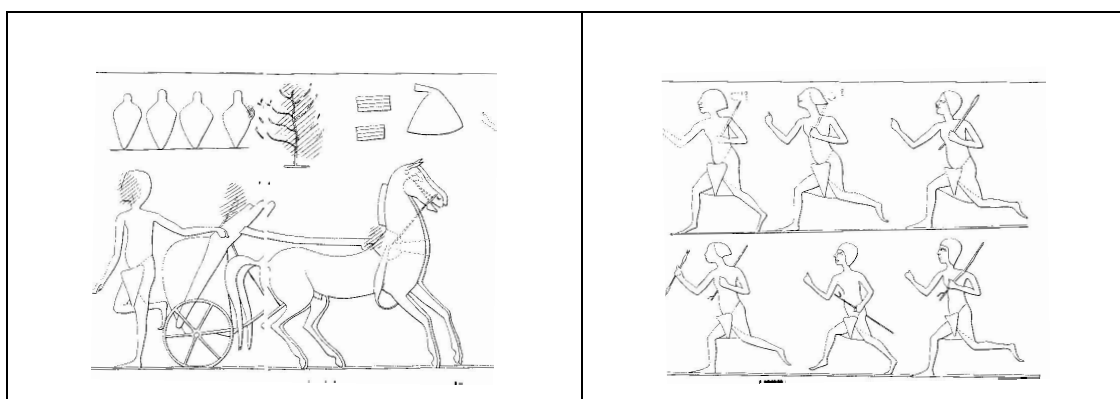


Fig. III.45 – O carro de Mahu, e a sua escolta vão partir em busca de criminosos. Túmulo de Mahu, TA 9, parede da frente, lado sul, metade superior, região direita, Pl. XXVI.

Na sequência de uma luta que, certamente, foi heróica mas não está representada, Mahu e a sua escolta dominam os bandidos que são imediatamente capturados e todos regressam à cidade (fig. III.46).

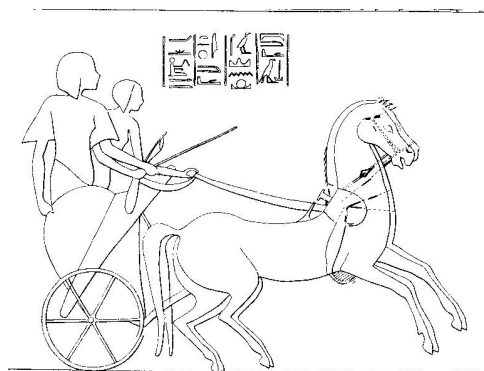


Fig. III.46 – Mahu regressa no seu carro, depois de capturar os criminosos.
Túmulo de Mahu, TA 9, parede da frente, lado sul, metade inferior, região esquerda, Pl. XXVI.

Resta agora levar os criminosos diante do vizir, para julgamento (fig. III.47).



Fig. III.47 – Mahu conduz três fugitivos à presença do vizir.
Túmulo de Mahu, TA 9, parede da frente, lado sul, metade inferior, região direita, Pl. XXVI.

O vizir está de pé, junto de um pórtico, acompanhado pelos oficiais superiores do faraó e pelos *srw ʿ3 n pr-ʿ3 ʿnh wd3 snb ḥ3tw n mšw ʿḥty m-b3ḥ ḥmt.f*, «Os oficiais do faraó – vida, prosperidade, saúde – os que estão à frente do exército que está diante de Sua Majestade». Enquanto os soldados arrastam os seus prisioneiros, devidamente curvados e manietados, o comandante Mahu relata os acontecimentos:

ḥry Mʿd3w n 3ḥt-Itn M(ʿ)ḥw dd.f sdm n3y srw rmt tsi n n3(y) n ḥ3swt

O chefe dos *Medjau* de Akhetaton, Mahu ele diz: Que estes oficiais oiçam (esta) gente que queria subir⁴⁸⁴ a estas terras montanhosas.

Palavras do vizir:

w3h p3 Ttn w3h p3 h33 t3t(y) dd.f

“Assim como Aton perdura, assim perdue o soberano!”, diz o vizir⁴⁸⁵

Os três infelizes fugitivos, já devidamente algemados sob suspeita de serem espiões ou assassinos, têm diferentes nacionalidades, um pode ser egípcio e os outros possivelmente beduínos. A admiração do vizir dá conta da importância da captura.


Tendo como base o Quadro III.1, foram passadas em revista as cenas de investidura e recompensa de alguns funcionários akhenatonianos; vimos até, um pouco da sua vida laboral. Resta-nos contemplá-los na sua vida pessoal.

4. O funcionário na sua espiritualidade

O funcionário, enquanto ser único e individual, não é um tema muito representado nestes túmulos, a não ser quando é visto em oração. Assim acontece no túmulo de Huya (TA 1). Nos *Túmulos do Norte*, excepto no TA 2, as passagens através das paredes transversais estão ocupadas por representações do defunto em oração e pelo próprio conteúdo desta, arranjado em colunas verticais. A figura está virada *para fora*, como se viesse do túmulo, para saudar o erguer do Sol. No TA 1, no entanto, as figuras na entrada da capela estão viradas *para dentro*, como se mostrassem o feliz regresso de Huya à sua casa de eternidade, depois da oração.

Nas quatro vezes em que sai para rezar (fig. III.48, esq.) Huya enverga um longo traje apertado nas ancas por uma faixa que tem uma orla decorativa na bainha superior e é franjada nas duas extremidades. A sua *toilette* completa-se com sandálias, uma longa cabeleira e um cone de cera perfumada. Em volta do pescoço usa um colar de quatro voltas de contas de ouro e uma bracelete de ouro em cada pulso⁴⁸⁶.

Quando é representado, por exemplo, no acto de entrar na sua sala privada (fig. III.48, dir.) o seu traje consiste uma veste pregueada e uma túnica por baixo dela. Usa um

⁴⁸⁴  *tsi*, «subir». O texto dá ideia de que se trata de trabalhadores fugitivos, capturados pela polícia.

⁴⁸⁵ Túmulo de Mahu, TA 9, lns. 11-13. Note-se que isto não é uma resposta ao discurso de Mahu.

⁴⁸⁶ Túmulo de Huya, TA 1, Davies, Norman de G., *RTEA*, p. 4

bordão, quatro argolas de ouro no antebraço direito em vez de uma e parece segurar um lótus na outra mão⁴⁸⁷.

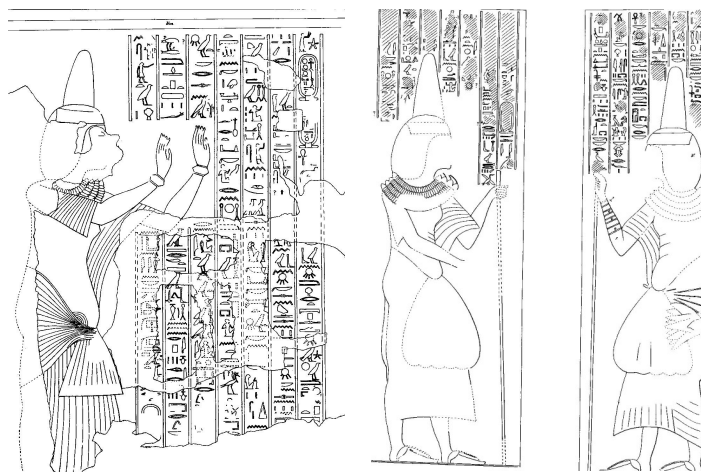


Fig. III.48 – Huya, em traje de cerimônia, faz as suas orações. Entrada, lado oriental e capela, lado ocidental, Norman de G. Davies, *RTEA*, vol. III, Pls. I, lns. 1-21; Pl. XX lns. 116-126.

5. O povo comum. Pescadores e camponeses

A iconografia dos vários túmulos é parca na representação do povo, recorrendo embora a grupos de cidadãos, voluntariamente reunidos ou obrigados a assistir aos grandes acontecimentos, ouvir discursos e gritar palavras de ordem, aplaudir, dançar e lucrar, talvez, algum bem material. Houve, porém, casos em que o artista foi buscar pequenos excertos da convivência popular e com eles bordou cenas laterais que nada têm a ver com os «importantes» acontecimentos das cenas principais. Assim aconteceu nos túmulos de Huya (TA 1) e de May (TA 14). Na base da parede sul, lado oriental, do túmulo de Huya encontramos um desses excertos. Mostra a vida nos campos durante a altura das colheitas, (fig. III.49):

⁴⁸⁷ *Ibidem*, p. 4.

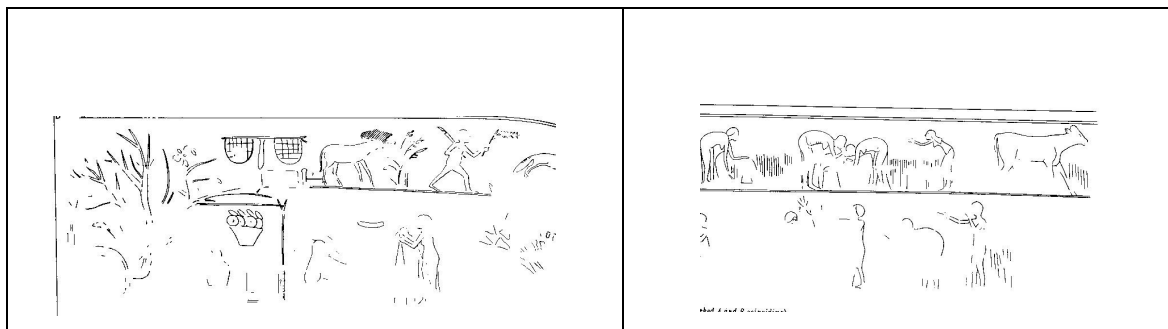
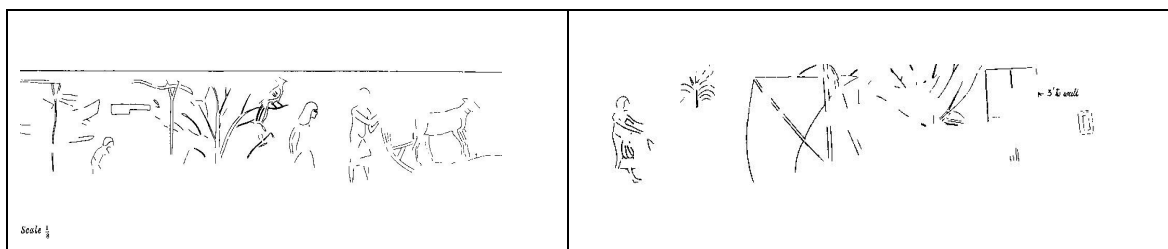


Fig. III.49 – Cenas da vida camponesa. Túmulo de Huya, TA 1, base da parede sul, Pl. V.

Os camponeses construíram um abrigo de palha debaixo de uma árvore, lá guardando vasos cheios de fruta e pendurando cestos, no intuito de os proteger de visitantes indesejáveis. A vigilância é necessária porque uma raposa, ou outro canídeo selvagem, se aproxima com más intenções e é rapidamente afugentada. À direita, as mulheres joeiram o cereal e outras, mais longe, respigam o restolho. Os seus homens ocupam-se da ceifa.

No lado ocidental, a região inferior da cena de degustação de vinho representada na parede sul, lado ocidental, é preenchida por um excerto semelhante (fig. III.50). Embora esteja muito deteriorado, é ainda possível distinguir, da esquerda para a direita, uma latada, ao lado da qual viceja uma árvore que acolhe nos seus ramos um grande pássaro. Um camponês lavra a terra com a sua junta de bois, acompanhado da sua mulher, envolvidos por cabras saltitando. Tudo parece passar-se à beira d'água, onde se desloca um barco com a vela inchada pelo vento⁴⁸⁸.



⁴⁸⁸ Dirige-se, certamente, para Sul, contra a corrente, aproveitando o vento que sopra sempre do Norte. Ver ARAÚJO, Luís M. de, «Navegação» em ARAÚJO, Luís M. de (Ed.), *Dicionário do Antigo Egito*, p. 603.

Fig. III.50 – Cenas da vida camponesa.
Túmulo de Huya, TA 1, base da parede sul, lado ocidental, Pl. VII.

Na região inferior da parede oriental, (fig. III.51), assiste-se a uma outra variação sobre a «cena à beira d'água». À esquerda, pressente-se um matagal de papiro onde se desenvolve uma caça aos pássaros, alguns dos quais já foram apanhados numa armadilha de rede.

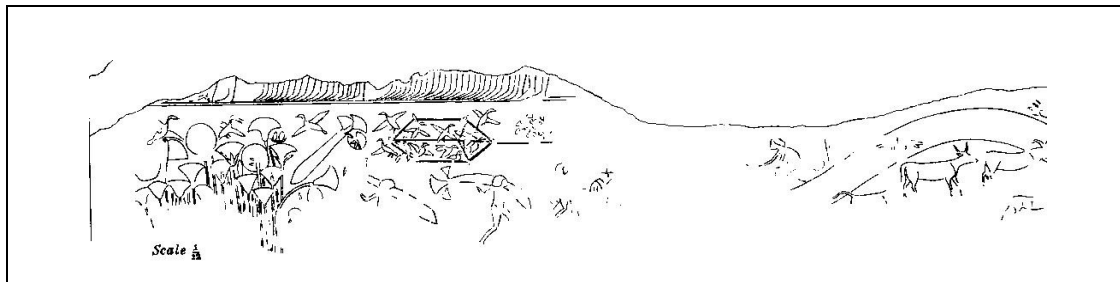


Fig. III.51 – Caça aos pássaros com rede. Túmulo de Huya, TA 1, base da parede oriental, Pl. VIII.

Segue-se o que parece ser um rio ou um canal, em cujas margens o gado pasta. Ali perto, numa zona arborizada, estes pastores ou passarinhos ergueram uma cabana, aparentemente para guardar provisões, (fig. III.52). Enquanto as mulheres se ocupam na recolha de frutos (?), os homens, a bordo de canoas, com redes e arpões, pescam nas águas generosas do Nilo⁴⁸⁹.

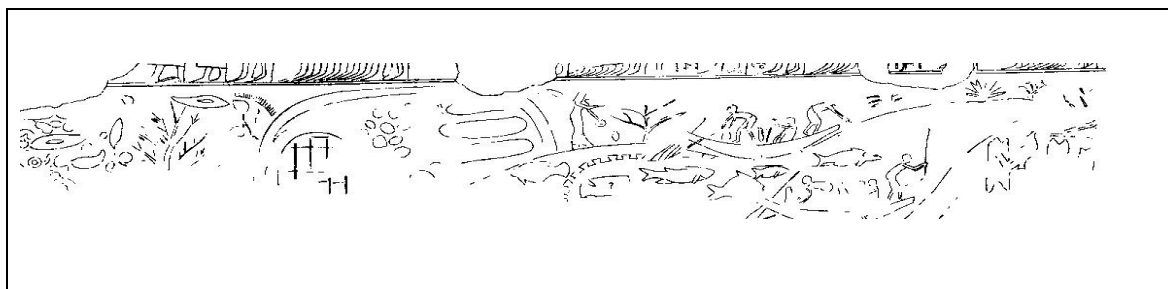


Fig. III.52 – Continuação da cena anterior.
Túmulo de Huya, TA 1, base da parede oriental, Pl. VIII.

⁴⁸⁹ Túmulo de Huya, TA 1. DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. III, p. 9. Os pescadores estão em pequenas canoas e usam redes de pequenas dimensões. Um deles empunha um arpão. Ver SALES, José das Candeias, «Navegação» em Araújo, Luís M. de (Ed.), *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 679-680.

A cena da recompensa do funcionário May mostra, na sua região inferior, uma faixa de terra densamente ajardinada compreendida entre o palácio e o cais (fig. III.53). Vemos palmeiras e maciços de arbustos, papiros e flores. À direita, uma árvore cresce num vaso de tijolo, dotado de um furo para escoamento de águas.

No rio, a barca do rei e a da rainha estão amarradas à proa e na escotilha de ré. Distinguem-se, não só pelo seu tamanho, mas pelas cabeças dos seus amos, gravadas no topo dos remos da popa. No convés, há três construções, duas em cada extremo e um pavilhão aberto, suportado por elegantes colunas e provido de um dossel ornamentado por *uraei*. Aí se abrigariam Suas Majestades da inclemência do Sol⁴⁹⁰.

No meio do barco há uma construção muito maior e com dois aposentos. Uma cabina com portas laterais e janelas foi instalada na região inferior e, acima dela, há um convés coberto, que se alcança através de uma escada. Fitas esvoaçam dos remos de direcção e da popa. Um conjunto de embarcações mais simples acompanha estas barcas, certamente destinadas a transportar a casa real⁴⁹¹.

Na praia, as pessoas estão ocupadas a reparar o aparelho do navio. À direita estão os bancos dos remadores, cuidadosamente amarrados uns aos outros, o mastro e as vergas, as velas e o cordame. Um marinheiro faz rede por um processo imaginoso, prendendo bem a extremidade inferior com os dedos do pé esquerdo, enquanto a mão esquerda e o pé direito esticam a orla na qual está a trabalhar e a sua mão direita segura a lançadeira.

Perto dele um homem desbasta a haste de um remo que o auxiliar segura firmemente. Noutro lado, os homens ligam os bancos de remadores a uma estaca ou prendem mastros⁴⁹².

⁴⁹⁰ Túmulo de May, TA 14. DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. V, p. 3.

⁴⁹¹ Túmulo de May, TA 14. DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. V, p. 3.

⁴⁹² Túmulo de May, TA 14. DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. V, p. 3.

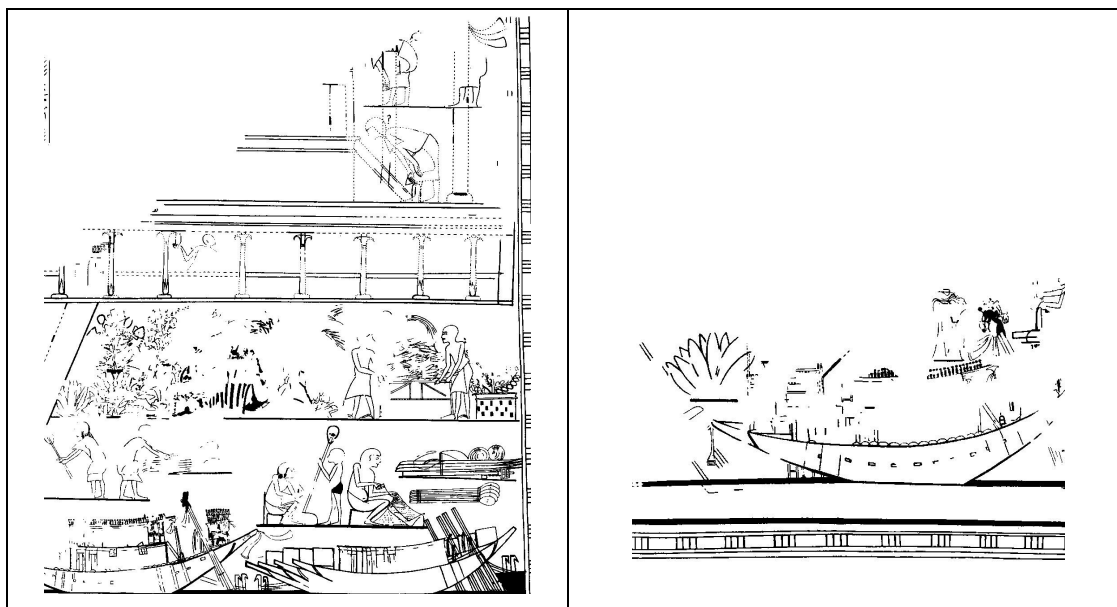


Fig. III.53 – Parte inferior da cena de recompensa de May, mostrando-se os jardins marginais e o porto fluvial de Akhetaton. À direita, a barca real. Túmulo de May, TA 14, lintel da entrada, extremidade norte, Pl. V.

Contrariamente aos agrupamentos de servos ou cidadãos, nenhuma destas cenas faz parte de uma unidade iconotextual, e não é possível fornecer uma razão válida para a sua presença pelo que é possível que não fossem mais do que um processo de encher espaço não utilizado.

6. Quantificação

À semelhança do que fizemos para a textualidade dos túmulos akhenatonianos, procederemos agora ao estudo da distribuição do conjunto das cenas animadas (N_a), e do subconjunto (N_f) relativo às cenas em que o funcionário é a personagem dominante. O Quadro III.2 mostra os valores relativos a cada um destes agregados⁴⁹³.

⁴⁹³ A abreviatura «n.c.» designa túmulos cujas cenas não foram contadas porque não existem, porque o estudo dos túmulos ainda não foi terminado (Aper-El) ou porque não fazem sentido, caso do Túmulo Real em que o soberano ea família são as únicas personagens. Nos casos em que uma cena rpresentando um funcionário (em oração) é partilhada com uma outra (oferenda real) o valor contado foi de 0,5.

Quadro III.2 – Distribuição das cenas animadas (N_a) e das cenas em que a personagem dominante é o funcionário (N_f).

| Nome, túmulo | N_a | N_f |
|-------------------------------------|-------|-------|
| Túmulos tebanos | | |
| Ramose, TT 55 | 43 | 22 |
| Kheruef, TT 192 | 33 | 7 |
| Parennefer, TT 188 | 2 | 2 |
| Total | 78 | 31 |
| Túmulos do Bubasteion | | |
| Aper-El, Bubasteion I.1 | n.c. | n.c. |
| Túmulo Real, TA 26 | n.c. | n.c. |
| Túmulos do Norte | | |
| Huya, TA 1 | 21 | 4,5 |
| Rudu, TA 1 A | n.c. | n.c. |
| Meriré II, TA 2 | 9 | 3 |
| Ahmés, TA 3 | 8 | 3 |
| Meriré I, TA 4 | 28 | 7 |
| Pentu, TA 5 | 9 | 4 |
| Panehesy, TA 6 | 20 | 6,5 |
| Total | 95 | 28 |
| Túmulos do Sul | | |
| Parennefer, TA 7 | 5 | 1 |
| Tutu, TA 8 | 6 | 2,5 |
| Mahu, TA 9 | 12 | 7,5 |
| Api, TA 10 | 1 | n.c. |
| Ramés, TA 11 | 1 | 1 |
| Nakhtpaaton, TA 12 | n.c. | n.c. |
| Neferkheperu(ré)-her-sekhper, TA 13 | n.c. | n.c. |
| May, TA 14 | 3 | 1 |
| Suty, TA 15 | n.c. | n.c. |
| Sutau, TA 19 | 1 | 1 |
| ?, TA 20 | 1 | n.c. |
| Any, TA 23 | 3 | 3 |
| Paatonemheb, TA 24 | n.c. | n.c. |
| Ay, TA 25 | 5 | 2 |

O parâmetro $\beta = \frac{N_f}{N_a} \times 100\%$ mede a intensidade da presença do funcionário em

cada túmulo. A fig. III.54 mostra a distribuição do parâmetro β nos vários túmulos estudados.

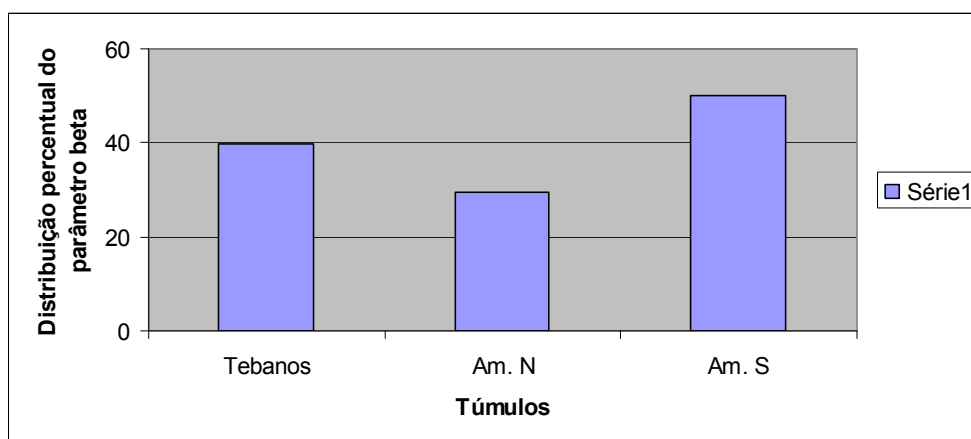


Fig. III.54 – Distribuição percentual do parâmetro β nas várias classes de túmulos akhenatonianos

Verificamos que a presença do funcionário, enquanto ser independente, é mais importante nos Túmulos Amarnianos do Sul, cujo número é superior, e onde chega a 50% das cenas animadas e menos importante nos seus congêneres do Norte, onde não ultrapassa 30%. Quanto aos túmulos tebanos, o funcionário tem um lugar preferencial no túmulo do vizir Ramose (TT 55) e menos acentuado no de Kheruef (TT 192) que dedica muito do seu espaço à descrição minuciosa de dois jubileus de Amen-hotep III.

Comparando agora o subconjunto dos túmulos amarnianos com o dos tebanos, vemos que há apenas uma diferença de 8%, isto é, a presença do funcionário variou muito pouco.

CAPÍTULO IV – NOMEAÇÃO DIVINA, NOMEAÇÃO REAL. PROTOCOLOS

Não seas demasiado poderoso no seu
seio, no teu nome de Poderoso.

«O nascimento dos Príncipes»
(*Mitos e Lendas do Antigo Egipto*)

1. Nomeação divina e nomeação real

Referimo-nos anteriormente a vários deuses e à família real, bem como à sua interacção mútua em momentos particulares, como a solene efectivação de oferendas ou a celebração de jubileus. Pretende-se mostrar, neste capítulo, como os antigos egípcios nomeavam esses mesmos deuses e reis, rainhas e princesas, como se nomeavam entre si, e em que medida o período amarniano introduziu alterações nestes processos.

1.1. Os *netjeru*

O conceito de *netjer* designa um ser que transcende a humanidade, seja ele «grande», como os demiurgos Atum, Ré e Amon, ou «pequeno», como Hepuy, o deus que personifica os dois altos leques reais⁴⁹⁴. É difícil, ao fim de tantos milhares de anos, perceber o significado primitivo do termo, mas porque, no período ptolemaico, *netjer* foi traduzido em grego por *theós*, daqui provindo a palavra «deus», que veio a consagrar-se na Egiptologia, a ela se recorreu também neste trabalho⁴⁹⁵. Se ignoramos a totalidade de conteúdos abrangidos pelo conceito de *netjer*, é possível colher muita informação a partir dos textos existentes, sejam eles formulações teológicas⁴⁹⁶, mitos⁴⁹⁷ ou mesmo contos⁴⁹⁸.

⁴⁹⁴ GARDINER, Alan, *Egyptian Grammar*, p. 581.

⁴⁹⁵ Ver HORNUNG, Erik, *Conceptions of God in Ancient Egypt. The One and the Many*, Ithaca: Cornell University Press, 1982; DUNAND, François; ZIVIE-COCHE, Christiane, *Gods and Men in Egypt, 3000 BCE to 395 CE*, pp. 7-13; Traunecker, Claude, *Os Deuses do Egipto*, p.39-41.

⁴⁹⁶ Ver BAINES, John; LESKO, Leonard; SHAFER, Byron, *Religion in Ancient Egypt. Gods, Myths and Personal Practice*, Ithaca: Cornell University, 1991; LACHAUD, René, *Les déesses de l'Égypte Pharaonique*, Paris: Éditions du Rocher, 1993. SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999; DUNAND, François; ZIVIE-COCHE, Christiane, *Gods and Men in Egypt, 3000 BCE to 395 CE*, Ithaca: Cornell University Press, 2004.

⁴⁹⁷ Ver CARREIRA, José Nunes, «Criação pela palavra no Egipto e no Antigo Testamento», *Biblos*, n.d. VI (2008), pp. 29-56; SALES, José das Candeias, «O mito da destruição da humanidade: o significado e o sentido da clemência divina de Ré», *Hator, Estudos de Egiptologia*, 3, (1991), pp.31-61. SALES, José das Candeias, «O mito do poderoso nome de Ré. Importância e significado do nome pessoal na antiga civilização egípcia», *Estudos de Egiptologia*, Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

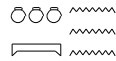
⁴⁹⁸ Os contos egípcios são particularmente importantes neste domínio. Ver LEFEBVRE, Gustave, *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique*, Paris: Adrien Maisonneuve, 1988; TYLDESLEY, Joyce, *Tales from*

O *netjer* pode manifestar-se de um modo terrível diante do ser humano, tal como o faz no *Conto do Náufrago*:

Foi então que ouvi um barulho de trovão e imaginei que fosse uma vaga do grande verde. As árvores estalavam e a terra tremia. Destapei a minha cara e vi que era uma serpente, era ela enquanto vinha. Trinta côvados pertenciam-lhe e a sua barba era maior que dois côvados. O seu corpo estava coberto de ouro e as suas sobrancelhas de verdadeiro lápis-lazúli⁴⁹⁹.

Pode criar vida em qualquer momento, como se narra no *Conto dos Dois Irmãos*:

Ré-Horakhti, o deus principal disse a Khnum, o deus que modelava os homens no barro que fizesse uma esposa para consolá-lo (Bat). Khnum assim fez, produzindo uma mulher admirável, composta de elementos divinos⁵⁰⁰.

Os *netjeru* não existiram sempre, foram criados por uma consciência, o Demiurgo, que emergiu de algo primordial e aquoso, que os antigos Egípcios designavam por Nun,  (Nwmw). O primeiro demiurgo era Atum, segundo a cosmologia de Heliópolis⁵⁰¹, mas, no princípio do reinado de Amen-hotep IV, este papel pertencia a Amon, que fizera inicialmente parte da cosmogonia de Hermópolis⁵⁰². Aparecia agora, não de uma forma isolada, mas sincretizado com o velho deus Ré, embora as referências a Atum e a Nun se mantivessem, como progenitores da nova entidade, como é bem patente no túmulo de Kheruef:

3h.k m ht mwt.f Niwt it.k Nwnw hr irt n dw3

Tu desces no ventre de tua mãe Niut⁵⁰³ e teu pai, Nun, presta(-te) homenagem⁵⁰⁴.

Ancient Egypt, Bolton: Rutherford Press, 2004; CARREIRA, José Nunes, *Literatura do Antigo Egipto*, Mem Martins: Publ. Europa-América, 2005; ARAÚJO, Luís M. de, *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, Lisboa: Livros e Livros, 2005; CANHÃO, Telo Ferreira, *Textos da literatura do Império Médio*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

⁴⁹⁹ CANHÃO, Telo, «Conto do Náufrago», *Textos da Literatura do Império Médio*, pp. 305-306.

⁵⁰⁰ ARAÚJO, Luís M. de, «Os dois irmãos», em *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, p. 203; CARREIRA, José Nunes, *Literatura do Antigo Egipto*, p. 164; LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature*, vol. II, pp. 203-211; LEFEBVRE, Gustave, *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique*, pp. 137-158; TYLDESLEY, Joyce, *Tales from Ancient Egypt*, pp. 98-110.

⁵⁰¹ SALES, José das Candeias, *As divindades Egípcias*, pp. 66-68; TRAUNECKER, Claude, *Os deuses do Egipto*, p. 74 DUNAND, Françoise; ZIVIE-COCHE, Christiane, *Gods and Men in Egypt, 3000 BCE to 395 CE*, pp. 50-51; BAINES, John; LESKO, Leonard; SHAFER, Byron, *Religion in Ancient Egypt. Gods, Myths and Personal Practice*, pp. 91-94.

⁵⁰² SALES, José das Candeias, *As divindades Egípcias*, pp. 68-71; TRAUNECKER, Claude, *Os deuses do Egipto*, p. 85; BAINES, John; LESKO, Leonard; SHAFER, Byron, *Religion in Ancient Egypt. Gods, Myths and Personal Practice*, pp. 95-96.

⁵⁰³ O céu inferior. Ver FAULKNER, Raymond O. *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 125.

Atum é agora visto como um dos aspectos solares: *ʾtm imi m mšrw*, «Atum, o que está no crepúsculo⁵⁰⁵», Amon-Ré, cansado e prestes a mergulhar no ventre materno para se reconstituir. Tudo isto concorda com outra característica dos *netjeru*: o deus tem inúmeras *kheperu*, «formas», tal como se diz no capítulo 90 do *Hino de Leiden*:

«Misterioso de existência, resplandecente de formas,
Deus maravilhoso com múltiplas existências
[...]
A sua imagem não está fixada nos textos.
Não há testemunho perfeito a seu respeito.»⁵⁰⁶

Podia mesmo englobar os descendentes de Atum, segundo o capítulo 600 do mesmo hino:

«O seu *ba* é Chu, o seu coração é Tefnut.
Ele é Horakhti que está no céu longínquo
[...]
O seu corpo é o Nun, o que está nele é o Nilo,
para criar todos os seres e fazer viver o que existe.»

Os seres humanos foram uma criação dos *netjeru* e vários hinos exaltam o papel de Amon que não se limitou a fazer os seus corpos mas lhe deu tudo aquilo que precisavam para viver:

«Pai dos deuses,
que fez os homens, que criou o rebanho.
Senhor de tudo o que existe, que criou as árvores de fruto,
que fez a forragem para nutrir o gado.»⁵⁰⁷

Se os *netjeru* haviam introduzido a *maet* no mundo, um deles, Set, ao que se dizia, era responsável pela morte, a ambição e o crime, coisas eminentemente iseféticas. Assassinará barbaramente o irmão, o excelente rei Osíris, e perseguirá o seu filho póstumo, Hórus, combatendo com todo o tipo de armas⁵⁰⁸. Esta maldade infectou os seres humanos.

⁵⁰⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 9-10.

⁵⁰⁵ Túmulo de Kheruef, TT 55, ln. 5.

⁵⁰⁶ «Hino de Leiden I-350», ARAÚJO, *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, p. 75.

⁵⁰⁷ «Grande Hino do Cairo I, 6», CARREIRA, José N., *Estudos de Cultura Pré-Clássica*, p. 29.

⁵⁰⁸ SALES, José das Candeias, *As divindades Egípcias*, pp. 154-157, 167-171; ARAÚJO, Luís M. de, «As lutas de Hórus e Set», em *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, pp. 149-158; CARREIRA, José Nunes, *Literatura do Antigo Egipto*, pp. 181-182, QUIRKE, Stephen, *Ancient Egyptian religion*, pp. 61-64; LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature*, vol. II, pp. 214-223.

Depois de uma idade de ouro em que deuses e homens tinham convivido, estes haviam-se rebelado contra Ré e a paz chegara ao fim. Despeitado, o deus decretara a chacina total da humanidade e dela encarregara a *netjeret* Sekhmet. Todavia, ao ver a terra coberta de sangue, Ré tivera piedade da humanidade e salvara os sobreviventes⁵⁰⁹.

Ao longo da sua história, os egípcios conservavam a memória das consequências trágicas das suas faltas para com os deuses. Assim, no início do reinado de Tutankhamon, passado que foi o período amarniano, a restauração do culto de Amon-Ré e do panteão clássico das Duas Terras é descrita no chamado *Edito da Restauração*, datado do «ano 4, quarto mês da estação da Inundação, dia 19». Os templos dos deuses tradicionais haviam sido abandonados, na sequência do episódio atonista:

«Os templos, desde Elefantina ao Delta, estavam em ruínas, as suas capelas devastadas e transformadas em desertos onde cresciam as más ervas, os santuários estavam como se nunca houvessem existido, o que tinham sido os seus muros era agora um caminho para os peões. O país passava por uma época de calamidade.»⁵¹⁰

Este desvio à *maet* teve custos muito altos:

«Quanto aos deuses, eles voltaram as costas a este país (o Egipto). Se se enviava tropas ao Djahi (Síria) para alargar as fronteiras do Egipto, elas eram impotentes. Se se suplicava a um deus para obter alguma coisa dele, este simplesmente não vinha. Os seus corações não tinham influência sobre os seus corpos, estavam acabrunhados com o que tinha sido feito.»⁵¹¹

Apesar dos seus grandes poderes, o *netjer* podia morrer, como Osíris, e até envelhecer como Ré. No «Livro da Vaca do Céu»⁵¹², diz-se a respeito do deus solar: «Sua Majestade tinha envelhecido, embora os seus ossos fossem de prata, de ouro a sua carne e o seu cabelo de verdadeiro lápis-lazúli».

⁵⁰⁹ SALES, José das Candeias, «O mito egípcio da destruição da humanidade: seu sentido e significado da clemência divina de Ré», *Estudos de Egiptologia. Temáticas e problemáticas*, pp. 135-153.


⁵¹⁰ GARDINER, Alan, *Egyptian Grammar*, p. 590.


⁵¹¹ GABOLDE, Marc, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, p. 35 ; REEVES, Nicholas, *The complete Tutankhamun*, p. 27. Para o texto completo da *Estela da Restauração*, ver Gabolde, Marc, *Toutankhamon*, pp. 127-130

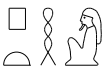


⁵¹² Este texto encontra-se gravado em cinco túmulos reais do Império Novo, os de Tutankhamon, Seti I, Ramsés II, Ramsés III e Ramsés VI.

1.1.1. Determinativos divinos e protocolos

Em todos os períodos da história egípcia, a nomeação dos *netjeru* é importante⁵¹³. Sabe-se que têm muitos nomes e que esses nomes referem as suas características. *Itm*, «Atum», o demiurgo, é simultaneamente «completo» e «incompleto»; *Imn*, «Amon», é o «deus escondido», possuindo muitos nomes, tal como se diz nos *Textos dos Sarcófagos*: Senhor dos ventos que anuncia o vento do Norte, rico em nomes na boca da Enéade.»⁵¹⁴

Nos textos que vimos consultando, o termo *netjer* é seguido pelo símbolo  (Gardiner R8) «cloth on a pole»⁵¹⁵, e o nome de um deus, à excepção de Aton, determinado pelo símbolo

 (Gardiner A40) um ser antropomórfico e acorçado, usando véu e barba entrançada e

ligeiramente encurvada. Assim acontece com  *Pth*, «Ptah». Por vezes, são igualmente usados determinativos específicos como em  *Ist*, «Ísis», ou  *Inpw*, «Anúbis». Para além de ser determinado, o nome de um deus vem normalmente acompanhado de um ou mais qualificativos que informam acerca do seu «domínio» ou do seu local de culto. Assim acontece com *Stš nbtj*, «Set, o de Ombos», *Sbk šdty*, «Sobek, o de Chedet (Crocodilópolis, Medinet el-Faium)». Pode também ser acompanhado da enumeração dos seus títulos principais, como em *Itm nb r dr*, «Atum, senhor da totalidade», *Imn nsw ntrw*, «Amon, rei dos deuses», *Pth wr hrpw hmww*, «Ptah, grande chefe dos artesãos». O conjunto formado pelo nome do deus e por um ou mais dos seus epítetos é designado por «protocolo». No Quadro IV.1, apresentam-se seguidamente alguns destes protocolos, recolhidos no túmulo do vizir Ramose (TT 55):

Quadro IV.1 – Protocolos de alguns *netjeru* presentes no túmulo de Ramose, TT 55

| Protocolos | Localização no texto |
|--|----------------------|
| <i>Imn-R^c-Itm- Hr-šhty nb pt nb t3</i> , «Amon-Ré-Atum-Horakhti, senhor do céu e da terra» <i>K3mwt.f nsw n Twnw wr W3st... hnty itrtyw</i> , «Khamutef, soberano de Heliópolis, príncipe de Tebas, ... o que está à frente dos dois santuários» | Lns. 19, 21 |
| <i>Imn-R^c nsw-ntrw</i> , «Amon-Ré, rei dos deuses» | Ln. 49 |

⁵¹³ Sobre a problemática do nome e da nomeação, ver SALES, José das Candeias, «O nome pessoal na civilização do Egito Antigo. A nomeação como registo memorial na temporalidade», *Estudos de Egiptologia*, pp. 157-168, ver também PINTO, Paulo Mendes, «Nome», *Dicionário do Antigo Egito*, pp. 617- 627.

⁵¹⁴ «A spell from the Coffin Texts», CT 1130, 11, LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 132.

⁵¹⁵ GARDINER, Alan, *Egyptian Grammar* p. 35.

| | |
|---|--------------|
| <i>Ht-hr hry.t smt n T(n)pw nb t3-dsr</i> , «Hathor, senhora da necrópole, Anúbis, senhor de Ta-djeser» | Ln. 69 |
| <i>Inpw nb k33.f</i> , «Anúbis, senhor da sua colina» | Ln. 75 |
| <i>Wsr ntr ʕ3 nb t3 dsr</i> , «Osíris, deus grande, senhor da terra sagrada (a necrópole)» | Ln. 163 |
| <i>Ht-hr hry-tpt smt nbt-pt hnt mhyt</i> , «Hathor, a que está à frente da necrópole, senhora do céu, senhora do vento norte» | Ln. 282 |
| <i>Bhdt ntr ʕ3 s3b swt nb pt</i> , «(Hórus) de Behedet, deus grande, de variegadas plumas, senhor do céu» | Ln. 300 |
| <i>Imn-Rʕ nb nswt t3wy nb Tpt-swt</i> , «Amon-Ré, senhor dos tronos das Duas Terras, senhor de Ipet-sut (Karnak)» | Lns. 307-308 |

1.2. O *netjer Itn*

Muitíssimo antes da chamada «revolução amarniana», a palavra *itn* já existia⁵¹⁶, com o significado de «círculo, disco» e, por extensão, *itn n hrw*, «o disco solar do dia»⁵¹⁷, isto é, o Sol, cuja representação amarniana já é perceptível nos «Textos das Pirâmides»⁵¹⁸: «Tu rodeias a terra e todas as coisas no interior dos teus braços» (PT 782d)⁵¹⁹.

A partir do princípio do Império Novo, a identificação entre o rei e o Sol ganhou uma especial intensidade. Ahmés «resplandece como Ré, quando se ergue, tal como quando o disco solar brilha, tal como quando Khepri se torna visível...»⁵²⁰. Amen-hotep III «ilumina as Duas Terras como “o (Sol) que está no horizonte”, senhor dos raios visíveis, como o Disco»⁵²¹. Tutmés IV proclamou, na «Estela do Sonho»⁵²², que devia o trono a seu pai «Hórus no horizonte (Horemakhet)», não a Amon, e fez-se representar com o disco solar Aton, sobre a cabeça⁵²³. Num escaravelho, actualmente no Museu Britânico (fig. IV.1), comenta-se o valor deste rei da forma seguinte:

⁵¹⁶ REDFORD, Donald, «The Sun-disc in Akhenaten's program: its worship and antecedents», I, *JARCE*, 13 (1976), 47-61.

⁵¹⁷ FAULKNER, Raymond, *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, p. 33.

⁵¹⁸ As referências aos «Textos das Pirâmides» (PT = *Pyramid Texts*) e aos «Textos dos Sarcófagos» (CT = *Coffin Texts*) constam do artigo de Redford, nota 372. Outras origens serão devidamente assinaladas.

⁵¹⁹ LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 492.

⁵²⁰ *Urk.* IV, 19; 6-8, *apud* REDFORD, *JARCE*, 13 (1976), p. 49.

⁵²¹ *Urk.* IV, 1670; 7-8, *apud* REDFORD, *op. cit.*, p. 49.

⁵²² REEVES, Nicholas, *Akhenaten, Egypt's false prophet*, pp. 48-49.

⁵²³ *Ibidem*, p. 49.



Fig. IV.1 – Escaravelho de Tutmés IV celebrando a recepção de tributos do Mitanni. Contém referências ao deus Aton. REEVES, Nicholas, *Akhen aten, Egypt's false prophet*, p. 49.

«Os príncipes de Naharina [Mitanni] trazendo as suas dádivas, contemplam Menkheperuré [Tutmés IV] quando ele sai do seu palácio. Ouvem a sua voz que é como a do filho de Nut, o arco na sua mão como o filho do sucessor de Chu. Se ele se ergue para o combate, com Aton à sua frente, destrói os países montanhosos, esmaga sob os pés os países do deserto, esmagando-os de Naharina até Karoy, de modo a submeter os seus habitantes à lei de Aton, para sempre.»⁵²⁴

Amen-hotep III, que sucedeu a Tutmés IV, voltou a proclamar-se filho carnal de Amon. No terceiro pilone do templo de Karnak, é-nos dito que o deus o colocou no trono «a fim de governar tudo o que está dentro do círculo de Aton»⁵²⁵. Mais tarde, o rei foi ao ponto de se identificar como o próprio Aton (fig. IV.2). Também alguns funcionários de Amen-hotep III não deixaram de mandar gravar louvores a Aton nas suas últimas moradas. Khaemhat, «intendente do duplo celeiro do Alto e do Baixo Egipto»⁵²⁶, foi um desses homens e, no seu túmulo de Cheikh Abd el-Gurna (TT 57) assim está escrito:

«Salve este glorioso Aton, senhor da luz que brilha no horizonte, sol real, possas tu brilhar no rosto do escriba real Khaemhat. Ele adora (-te) desde a aurora e satisfaz (-te) ainda ao crepúsculo. Assim, possas tu permitir que o *ba* do escriba real, este famoso Khaemhat, suba contigo em direcção ao céu. Que ele tome lugar na barca da noite mal desembarque da barca do dia, que ele se misture às “estrelas infatigáveis” e às (outras) estrelas que estão no céu.»⁵²⁷

⁵²⁴ REEVES, Nicholas, *Akhenaten, Egypt's false prophet*, p. 50.

⁵²⁵ LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 424.

⁵²⁶ Usava também o nome de Mahu. Ver o site <https://www.jstor.org/stable/3823396> de 8 de Agosto de 2016.

⁵²⁷ LALOUETTE, Claire, *op. cit.*, p. 462.

Tanto quanto se sabe, o novo *netjer* conviveu perfeitamente com Amon e os outros deuses, de tal modo que Amonemipet acumulava o seu cargo de «sacerdote de Aton» com o muito prestigiado cargo de «segundo-sacerdote de Amon»⁵²⁸.

No reinado de Amen-hotep IV, o poder de Aton foi aumentando gradualmente até alcançar, depois do jubileu do ano 4, o estatuto de deus único das Duas Terras. O casal régio adoptou novos nomes, também de ressonância atoniana, e foi organizada no Egipto, ao que sabemos pela primeira vez, uma campanha de eliminação dos nomes dos antigos deuses (Osíris, Amon, Mut e Khonsu) pretendendo condená-los à morte e ao esquecimento, o que, todavia, nunca veio a acontecer. Aton era um deus único, cuja misteriosa forma só era acessível ao rei, seu filho, embora todos pudessem contemplar a sua hipostase, o Sol, quando ele se deslocava no céu. Impossível, portanto, acrescentar qualquer tipo de determinativo ao seu nome, o que pode tornar difícil distinguir entre o *netjer* e o Sol.

De acordo com Jan Assmann⁵²⁹, o termo, *ʾItn*, pronunciado como *yatin*, referir-se-ia exclusivamente aos antropónimos. Em todos os outros contextos remeteria para o Disco Solar e não para o deus. Serão as coisas assim tão simples, como parece decorrer das palavras de Assmann? Analisemos cuidadosamente as duas fórmulas canónicas do nome de Aton, FI e FII, esta última talvez a partir do ano 12.

FI:



ʿnh R^c-Hr-3hty h^cy m 3ht m rn.f(m) šw nty m ʾItn

Viva Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte, no seu nome de «a luz que está no disco solar», dotado de vida eternamente, para sempre,

FII:



ʿnh R^c hk3 m 3hty h^cy m 3ht m rn.f m šw (nty) ii m ʾItn

Viva Ré, soberano dos dois horizontes, que rejubila no horizonte, no seu nome de luz que vem do disco solar.

⁵²⁸ LALOUETTE, Claire, *op. cit.*, p. 497.

⁵²⁹ ASSMANN, J., «Akhanyati's Theology of Light and Time», *Proceeds. of the Israel Academy of Sciences and Humanities VII,4*, Jerusalem, 1992, p. 165.

FI inicia-se com um signo S34, mais pequeno que os outros⁵³⁰. O seu significado é «vida, viver», mas não é sempre claro se se trata de uma adjectivação que refere ser Aton um deus «vivo» ou da aclamação «Viva!». Aqui, como em FII, a tradução varia pois de acordo com o contexto. Decompondo estas duas fórmulas, obtém-se o seguinte quadro:

| Sujeito da acção | Acção | Local da acção |
|--|----------|----------------|
| Ré–Horakhti, <i>No seu aspecto de Luz (energia) do Sol</i> | Rejubila | Horizonte |
| Ré, soberano dos dois horizontes, <i>Na sua qualidade de Luz que vem do Sol</i> | Rejubila | Horizonte |

O sujeito da acção é o deus Ré que, como todos os deuses, assume vários aspectos, *kheperu*, sendo um deles a «Luz que vem do Sol», uma energia emanada do deus Ré, sob a sua própria forma ou sob a forma sincrética de Ré + Hórus. Assim sendo, o verdadeiro objecto de adoração chama-se Ré.

Na análise que faz das fórmulas canónicas do nome deste *ntjer*, Jan Assmann designa cada uma delas por *an equation of all three dimensions*⁵³¹, as quais define seguidamente:

- Dimensão local, cúlrica e política – presente na fórmula *ḥrw /ḥk3 3ḥty ḥꜥy m 3ḥt*, onde esta última palavra se referiria a Akhetaton e, segundo diz, à dimensão política e à acessibilidade de culto
- Dimensão da linguagem – *m rn.f m*, «no seu nome de»
- Dimensão da representação cósmica – *šw nty m ꜥtn*, *šw (nty) ḥ m ꜥtn*

O deus está em sincretismo com *chu*, a luz, e não com o disco solar. Aton designa apenas a sua morada, que, por extensão, acaba por se transformar no que a habita⁵³².




Šw, «Chu», é um dos deuses primordiais gerado por Atum/Ré. Deus do ar, da

⁵³⁰ No decorrer do trabalho, abstivemo-nos de tal rigor.

⁵³¹ ASSMANN, Jan, «Akhanyati's Theology of Light and Time», *Procceds. of the Israel Academy of Sciences and Humanities VII,4*, Jerusalem, 1992, p. 165.

⁵³² Assim *pr ꜥ3*, «a Casa Grande, o palácio» onde vive o rei acaba por absorver a totalidade dos conteúdos do seu ilustre habitante, posteriormente designado por «Faraó». O mesmo acontece em nossos dias com «Céu», morada de Deus, ou «Cruz», o símbolo de Cristo. Tornaram-se outra forma de referir o divino.

atmosfera luminosa, compete-lhe erguer o céu com os braços. O termo homófono,  šw, mantém a pluma do deus, mas é determinada pelo signo do Sol e o seu campo de significados abrange o substantivo «luz» e os verbos «elevar-se, secar, ficar ressequido», palavras que se referem a acções do Sol.

No presente trabalho, *chu* foi traduzido por «luz» quando inserto no nome de Aton. Dimitri Laboury usa este procedimento para a segunda fórmula canónica, mas não para a primeira⁵³³, enquanto W. Murnane recorre em ambas vezes ao termo «luz»⁵³⁴. Assmann, que traduz do mesmo modo, chama a atenção para a frase (*nty*) *ii m 'Itn* onde vê uma alusão à energia solar, expressa, como hoje é conhecido, no movimento das partículas emitidas pelo nosso astro-rei. Para além disto, e por razões iconoclastas, o soberano pretenderia evitar qualquer confusão com o deus Chu⁵³⁵. Deve, no entanto, recordar-se que Akhenaton e a esposa se haviam feito representar como os irmãos Chu e Tefnut. No túmulo de Apy (TA 10) Akhenaton eleva o nome divino de seu pai, devidamente encartelado e amparado pelos mesmos deuses, prova que, pelo menos nessa altura, ano 8 ou 9, existiam e/ou eram toleradas outras divindades para além de Aton. O novo demiurgo, na sua qualidade de Ré, estaria ladeado pelos seus filhos primogénitos. Assim sendo, o procedimento de Laboury faz sentido e a tradução dos nomes do senhor de Akhetaton acaba por depender do contexto.

Contrariamente a Amon-Ré que habita a sua imagem, escondida no interior do templo de Karnak, Aton não tem representação física. Amon sai na sua barca, no decorrer das procissões e dele se vê apenas o cofre onde é transportado. O *netjer šw nty m 'Itn* «luz que está no disco solar», encontra-se igualmente encerrado num cofre que é o Sol, durante a sua procissão quotidiana.

Por vezes, o nome de Aton vem determinado e a incerteza a respeito da sua tradução deixa de existir, tal como nos exemplos seguintes:

a) Selo de um vaso de vinho encontrado no subúrbio norte de Amarna e publicado por Pendlebury⁵³⁶:

⁵³³ LABOURY, Dimitri, *op. cit.*, pp. 206-207.

⁵³⁴ MURNANE, William J., *op. cit.*, pp. 7-8.

⁵³⁵ ASSMANN, Jan, «Akhanyati's Theology of Light and Time», *Proceeds. of the Israel Academy of Sciences and Humanities VII,4*, Jerusalem, 1992, p. 165.

⁵³⁶ Publicado por Peet-Woolley. Ver SANDMAN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, p. 181, ref. CCXIX - A.



ḥ3t-sp 8 irp n pr 'Itn n itrw imnty ḥry-k3m^c ḥ3ti

Ano 8. Vinho da Casa de Aton, na margem do canal ocidental. O vinhateiro Hati

b) Selo, proveniente de uma aldeia a leste de Amarna⁵³⁷:




ḥ3t-sp x+4 irp n pr 'Itn n itrw ḥnh wd3 sn n ḥwt 'Itn

Ano x+4. Vinho da Casa de Aton – vida prosperidade, saúde – no Domínio de Aton.



ḥry-k3m^c s3myr m (ḥry-k3)m^c mr.i

O vinhateiro Samyr, vinhateiro do meu canal

Em qualquer destes casos, encontra-se o nome Aton e o determinativo «deus». Será que este deus tem uma forma humana? A pergunta é legítima, uma vez que a expressão  *ḥnh it.i ḥnh R^c-Ḥr-3ḥt*, «Viva o meu pai (régio e divino?)» se encontra em três túmulos amarnianos⁵³⁸. Recorde-se a afirmação peremptória de Amen-hotep III (fig. IV.2):

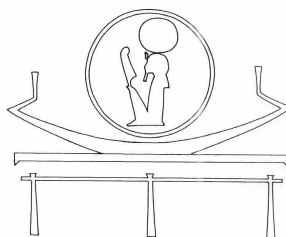


Fig. IV.2 – Representação criptográfica e elaborada do nome de Amen-hotep III, navegando na barca celestial, «Nebmaetré é o disco solar brilhante» (*Neb-maet-Ré Iten-Tjehen*).

A figura do rei inserta no «Sol brilhante» significa que é ele o *šw nty m 'Itn*. Mais do que ser «Hórus vivo», Amen-hotep III é o próprio deus Ré. Nos textos que dele se conhecem, Akhenaton apenas reivindicou a sua qualidade de *filho* deste deus misterioso – *nn wn ky rh(w) tw wpw-ḥr s3.k Nfr-ḥprw-R^c W^c-n-R^c*, «não há outro que te conheça, excepto teu filho

⁵³⁷ SANDMAN, Maj, *op. cit.*, p. 181, ref. CCXVIII - B.

⁵³⁸ Ay, ln. 2; Tutu, ln. 39; TA 18, ln. 1

Neferkheperuré-Uaenré»⁵³⁹, mas existe pelo menos um caso em que parece ter seguido, ou alguém seguiu por ele, o exemplo de seu pai e antecessor. Com efeito, num fragmento de estátua encontrado em Karnak e actualmente no Museu Egípcio do Cairo pode ler-se⁵⁴⁰:



ʿḫt Hr ʿhty ḥʿy m ʿḫt n rn.f m ʿḫ-n-ʿttn

Viva Horakhti que rejubila no horizonte, no seu nome de Akhenaton

Daí que não seja de estranhar a afirmação de Tutu:



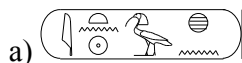
iry p3 ḥk3 šw n ḥr-nb

Quanto ao governante⁵⁴¹, ele é a luz de toda a gente⁵⁴²

A onomástica real de Akhetaton e do seu divino pai levanta, como vimos, interessantes problemas. Tudo acaba, em última análise, por depender do contexto e, humildemente, é obra mais complexa do que parece inferir-se das acreditadas palavras de Assmann.

1.2.1. A rotação do nome de Aton

No lintel da porta, interior do túmulo de Ay (TA 25) ele e a esposa estão ajoelhados à esquerda e à direita dos protocolos de Aton, Akhenaton e Nefertiti, que os raios do Sol recobrem com a sua luz. O «eixo de simetria» corresponde ao conjunto das duas cartelas do deus. Nestas circunstâncias, os nomes reais aparecem sob as formas:



⁵³⁹ Grande Hino a Aton, túmulo de Ay, ITA 25, ln. 252,

⁵⁴⁰ Publicado por Legrain. Ver SANDMAN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, p. 162, ref. CLXXX.

⁵⁴¹ BONNAMY et SADEK, traduzem a palavra ḥk3 por «dirigeant, souverain [d'un pays étranger]», ver *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, p. 437. Dado que o verbo ḥk3 significa «governar», é muitas vezes usada em Português a forma «governador», ḥk3-hwt é um «governador de distrito». Acontece, no entanto, que Amen-hotep IV é chamado ntr ḥk3 W3st um deus que é ao mesmo tempo a mais alta autoridade da cidade de Amon-Ré. Não se afigura correcto tratá-lo por «governador». O termo «governante» pareceu-nos preferível e menos confuso.

⁵⁴² Túmulo de Tutu, TA 8, ln. 436.



A rotação do signo M17, aparece com alguma frequência, principalmente no nome de Nefertiti e pode estar ligada a motivos estéticos, mas é igualmente de admitir a possibilidade de haver razões do foro teológico, mais ou menos obscuras. A explicação de Joyce Tyldesley é a seguinte:

À l'intérieur du cartouche, le mot «Aton» (un élément de «Néfernéferouaton») est systématiquement inversé, de sorte qu'il fait face au déterminatif indiquant le statut royal de Néfertiti; cette inversion représentait un grand honneur, identique à celui que confère l'insertion d'une majuscule devant un substantif moderne; grâce à elle, la reine pouvait voir son image placée face au nom de son dieu⁵⁴³.

É possível, só que a rotação não acontece de forma sistemática; veja-se, por exemplo, o túmulo de Tutu⁵⁴⁴ (fig. IV.3):

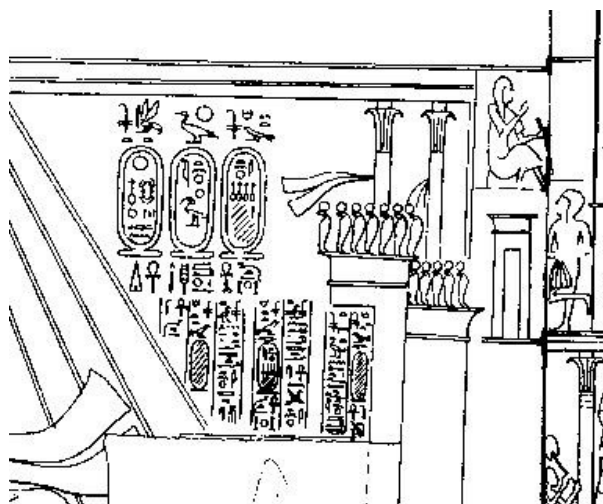


Fig. IV. 3 – Túmulo de Tutu, parede ocidental, lado sul. Repare-se na orientação do nome de Aton presente no nome da rainha que acompanha o protocolo de Akhenaton e na diferente orientação do mesmo nome no protocolo da princesa Ankhsenpaaton.

⁵⁴³ TYLDESLEY, Joyce, *Néfertiti, la reine solaire*, p. 77.


⁵⁴⁴ Túmulo de Tutu, TA 8, DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. VI, Pl. XIX.


1.3. Período proto-amarniano

Este é essencialmente um período que se caracteriza pela procura de uma definição teológica do novo deus e pelo igualmente progressivo distanciamento da tradição amoniana que vem a culminar na rejeição completa de Amon e na mudança do nome do Rei e da Grande esposa Real.


1.3.1. Protocolos de Ré-Horakhti

No túmulo de Kheruef (TT 192) o jovem rei aparece na companhia de sua mãe, fazendo uma oferenda a este deus, posteriormente destinado a um triunfante percurso atoniano. O protocolo é simplesmente constituído pelo nome do deus e um epíteto:

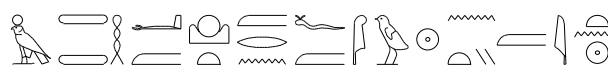

R^c-Hr-3hty r nfr ntrw
 Ré-Horakhti, boca perfeita dos deuses⁵⁴⁵


R^c-Hr-3hty ntr ʕ3 nb pt
 Ré-Horakhti, deus grande, senhor do céu⁵⁴⁶

No túmulo tebano de Parennefer (TT 188), Ré-Horakhti começa por ser designado de um modo semelhante ao anterior:


R^c - Hr-3hty ntr ʕ3 nb pt ...
 Ré-Horakhti, grande deus, senhor do céu⁵⁴⁷ ...

Mas um novo nome vai celebrar-se:


R^c-Hr-3hty h^cy m 3ht m rn.f m šw nty m Itn
 Ré-Horakhti⁵⁴⁸, que rejubila no horizonte no seu nome de «A luz que está no disco solar»⁵⁴⁹

Encontramo-lo também no túmulo do vizir Ramose (TT 55). O facto de não estar encartelado permite datá-lo de antes do «Ano 4, estação de [Che]mu, segundo mês»⁵⁵⁰. A

⁵⁴⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 29.

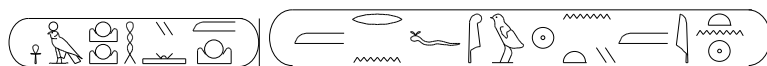
⁵⁴⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 115.

⁵⁴⁷ Túmulo de Parennefer, TT 188, ln. 1.

⁵⁴⁸ Note-se o determinativo de Ré-Horakhti. O nome do deus não está encartelado.

⁵⁴⁹ Túmulo de Parennefer, TT 188, ln. 18.

partir desta data, a «primeira fórmula canónica do nome de Aton», FI aparece com o aspecto seguinte:



ʕnh R^c-Hr-3hty h^cy m 3ht m rn.f(m) šw nty m ʔtn

Viva Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte, no seu nome de «a luz que está no disco solar» dotado de vida eternamente, para sempre,

1.4. A ruptura amarniana

O ano 5 do reinado ficou marcado pela fundação oficial da cidade de Aton, para a qual o rei, a sua corte e a administração central se irão mudar, dentro de cerca de quatro anos⁵⁵¹. O evento está recordado na «Estela da Fundação» e tem a data de: *h3t-sp 5 3bd 4 (-nw n) Prt sw 13*, «Ano 5, quarto mês da estação Peret, dia 13». O protocolo de Aton é o seguinte:



ʕnh ntr nfr hry hr M3^ct nb pt nb t3 ʔtn ʕnh wr

Que viva o deus bom que (se) alegra em Maet, senhor do céu, senhor da terra, Aton vivo e grande.



shdy ʕnh it rmt ʕnh R^c-Hr-3hty h^cy m 3ht

o que ilumina as Duas Terras, viva o pai da humanidade, o vivo Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte,



m rn.f(m) šw nty m ʔtn di ʕnh dt nhh

no seu nome de «a luz que está no disco solar», dotado de vida eternamente e para sempre⁵⁵²,



ʔtn ʕnh wr imi hb-sd hr ib pr ʔtn m 3ht ʔtn

Aton vivo e grande, o que está em jubileu na Casa de Aton, em Akhetaton.

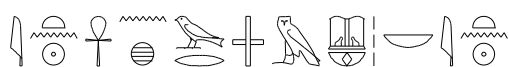
⁵⁵⁰ Data de uma peça de tecido, fabricada para Amen-hotep IV, mas encontrada no túmulo de Tutankhamon e que esta primeira fórmula do nome de Aton encartelada.

⁵⁵¹ Reeves, Nicholas, *Akhenaten. Egypt's false prophet*, p. 119.

⁵⁵² Há uma clara semelhança com a nomenclatura do rei, como se o nome de nascimento deste deus fosse «A luz que está no disco solar», posteriormente entronizado, como «O Vivo Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte». Esta é «Primeira Fórmula Canónica do nome de Aton» e será designada resumidamente por FI. Aparece nos túmulos amarnianos de: Parennefer (TA 7), Tutu (TA 8), Api (TA 10), May (TA 14), Suty (TA 15), Paatonemheb (TA24), Ay (TA 25) e num túmulo de destinatário desconhecido (TA 18).

1.4.1. Primeiro período amarniano (anos 5 a 12)

O conjunto de túmulos do primeiro período amarniano que chegou até nós é constituído pelos túmulos de Ay (TA 25), Parennefer (TA 7), Tutu (TA8), Pentu (TA 5), Apy (TA 10), May (TA 14), Suty (TA 15), Desconhecido (TA 18) Paatonemheb (TA 24), Panehesy (TA 6) e Ahmés (TA 3). Em todos eles vigora a «primeira fórmula canónica do nome de Aton» (FI), seguida por um protocolo, P_{A1}, que, com algumas variantes, se vai estender mesmo para além deste período.



Itn ʕnh wr imy ḥbw-sd nb šnw nb itn

Aton vivo e poderoso, o que está em jubileus, senhor do Disco,



nb pt nb ʕ nb n Pr-Itn m ʕht-Itn

senhor do céu, senhor da terra, senhor do templo de Aton, em Akhetaton⁵⁵³.

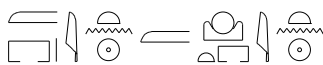
Por vezes aparece resumido:



Itn ʕnh wr imi ḥbw-sd m Pr-Itn m ʕht-Itn

Aton vivo e grande que está em jubileus na Casa de Aton em Akhetaton⁵⁵⁴.

A expressão *nb n Pr-Itn m ʕht-Itn* pode ser substituída por outras:



m pr-Itn m ʕht-Itn

na casa de Aton em Akhetaton⁵⁵⁵



ḥr(y)-ib(y) m ʕht-Itn

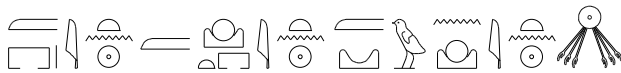
o que está em Akhetaton⁵⁵⁶.

⁵⁵³ Túmulos de Tutu, ln. 210; Pentu, lns. 43-44; Apy, ln. 2; Ay, lns. 4-5, 164-165


⁵⁵⁴ Túmulo de Ay, ln 282.

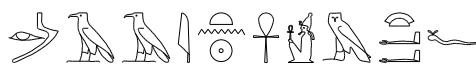
⁵⁵⁵ Túmulos de Ay, TA 25, ln. 388; Parennefer, TA 7, parede ocidental; Apy, TA 10, ln.83; Panehesy, TA 6, lns. 10, 26.

⁵⁵⁶ Túmulo de Tutu, TA 8, ln. 151.



m pr-Itn m 3ht-Itn m dw n 3ht-Itn
na casa de Aton em Akhetaton, na montanha de Akhetaton⁵⁵⁷

Em três casos (túmulos de Ay, ln.2; Tutu, ln. 39; TA 18, ln.1) o protocolo é antecedido pela expressão  *3nh it*, «Viva o pai divino e régio» ou *3nh it.i*, «Viva meu pai», se for o rei a falar. Por vezes, a soberania de Aton é claramente expressa:



dit.f m33 Itn 3nh nsw m h3i.f
para que ele permita ver o divino⁵⁵⁸ Aton vivo, o soberano que aparece em glória⁵⁵⁹

1.4.2. Evolução dos protocolos de Aton (anos 12-17)

A primeira fórmula do nome de Aton sofreu uma alteração gradual, por razões que não são claras. Assim, num bloco, actualmente no Museu de Turim, encontra-se uma curiosa variante, infelizmente não datada⁵⁶⁰:



3nh R3-Hr-3hty h3y m 3ht 3ht m rn.f m šw (n) R3 šwy nty m Itn
Viva Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte no seu nome de luz de «Ré das duas luzes que estão no disco solar»⁵⁶¹


⁵⁵⁷ Túmulo de Panehesy, TA 6, ln. 44.

⁵⁵⁸ Para acentuar o facto surpreendente de Aton vir acompanhado com um determinativo «deus».

⁵⁵⁹ Túmulo de Panehesy, TA 6, ln. 112.

⁵⁶⁰ SANDMAN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, Addenda, p. 201.

⁵⁶¹ Tradução válida, admitindo que o signo N5 não é lido. Se o for, pode traduzir-se a expressão *m šwy R3*, por «as duas luzes de Ré».

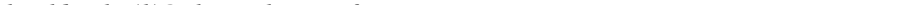
Na *Estela da Fundação*, ln. 278, encontra-se uma frase que dá conta da intenção de Akhenaton em construir um determinado pavilhão:  ... *šwtý-šwt n p3 Itn p3y it.i*, «(Eu construirei?) o Pavilhão das Duas Plumas, o que pertence a (para) Aton, meu pai».

É lícito pensar que o bloco em questão possa ter feito parte deste monumento, estando os dois signos H6 a substituir o signo S9. Ler-se-ia sempre *šwtý*. Poderá haver uma referência à luz de *R3 šwtý* «Ré das Duas Plumas», à semelhança de Amon, cuja coroa ostenta duas longas penas.

[illegible]

Viva Rê, Hórus dos dois horizontes, que rejubila no horizonte no seu nome de «Luz que vem do disco solar».

Viva (Ré), Hórus dos dois horizontes (de vida?), que rejubila no horizonte (de vida?)



ꜥnh ꜥhty, hꜥꜥ ꜥht (h)ꜥy hr m ꜥht n rn fꜥw nty m ꜥtn


«Vivam os dois horizontes e o governante (do) horizonte, que rejubila no horizonte, no seu nome de luz que (está no) disco solar»⁵⁶⁴

⁵⁶² LABOURY, Dimitri, *Akhénaton*, p. 414, nota 412.



⁵⁶³ SANDMAN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, p. 186, ref. CCXXX, p. 186.

⁵⁶⁴ É uma fórmula que mantém a antiga segunda cartela, contrariamente à que aparece, como vimos, na sala Gamma (parede B) do túmulo de Akhenaton. Ver SANDMAN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, p. 187, ref. CCXXXIV; MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period*, p. 103.

⁵⁶⁵ ALDRED, Cyril, *Akhenaten, king of Egypt*, p. 278. Na verdade, o primeiro testemunho da segunda fórmula canônica que chegou até nós, com uma data precisa, remonta ao ano 12 e encontra-se nos túmulos acima referidos.



ʿnh Rʿ ḥk3 m 3hty ḥʿy m 3ht m rn.f m šw (nty) ii m Itn
 «Viva Ré, soberano dos dois horizontes, que rejubila no horizonte, no seu nome de luz
 que vem do disco solar».

À exceção da nova fórmula canónica, FII, do nome de Aton, os protocolos divinos são os mesmos. P_{A1}, que já aparece nos primeiros túmulos, continua presente⁵⁷⁰. Mantém-se igualmente o epíteto *di ʕnh dt nḥḥ*⁵⁷¹. Tal como anteriormente, o protocolo divino pode ser antecedido pela frase  *ʕnh it*, «Viva o pai divino e régio»⁵⁷². Curiosamente, em Huya (TA 1, ln. 138) encontra-se a variante  *ʕnh ity*⁵⁷³.

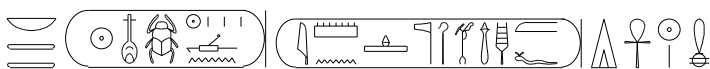
⁵⁷³ No sentido de «soberano da Terra e do céu». Uma outra interpretação poderá ser: «Viva (meu) pai, o soberano» se tal for verbalizado pelo rei, referindo-se o primeiro determinante à soberania de Aton, soberano do Egito e do mundo, e pai de Akhenaton (Túmulo de Huva, TA 1, ln. 138).

2. Nomeação da família real

No Império Novo, o nome completo, do soberano era constituído por um conjunto de cinco nomes⁵⁷⁴. Como todos os homens, possuía um «nome de nascimento», Amen-hotep, por exemplo, mas o facto de haver sido ser coroado distinguia-o deles, para sempre. Tornava-se o possuidor legítimo do mesmo trono que Hórus ganhara em tribunal divino, após terríveis lutas com seu tio Set, o senhor do deserto. O novo rei era um Hórus vivo⁵⁷⁵ e este fora o único título que ostentara até ao final da III dinastia. Enquanto «Hórus vivo», herdara o Baixo e o Alto Egipto e as suas divinas protectoras, «as Duas Senhoras» – Uadjit e Nekhbet – e o «nome de Hórus de Ouro» que aludia à vitória do deus sobre as forças do caos. Os seus nomes de nascimento e de trono estavam inseridos em cartelas e protegidos de todo o mal. Este conjunto de cinco nomes era quase sempre acompanhado de epítetos, dos quais o mais conhecido é *ntr nfr*, «deus bom, deus perfeito»⁵⁷⁶.

2.1. Período proto-amarniano

O nome completo de Amen-hotep IV/Akhenaton variou em função da evolução doutrinal que procurou impor ao seu país. No túmulo de Kheruef (TT 192) na passagem para o pátio, o rei encontra-se representado, no acto de fazer uma oferenda a Ré-Horakhti, na companhia de Tié e de Amen-hotep III. Embora a cena esteja muito destruída, podem reconstruir-se os seguintes protocolos:



nb t3wy Nfr-hprw-R' w'-n-R' Imn-htp ntr h'k3 W3st 3 m 'h'(w).f di 'nh mi R'

Senhor das Duas Terras, Neferkheperuré- UaenréAmen-hotep, deus governante de Uaset (Tebas), grande no seu tempo de vida, dotado de vida como Ré⁵⁷⁷.



(nb t3wy) Nb-m3't-R'... (s3) R' Imn-htp ntr h'k3 w'st 3 m 'h'(w).f (di 'nh mi R')

(Senhor das Duas Terras), Nebmaetré, ... (filho de) Ré, Amen-hotep, deus governante de Uaset (Tebas), grande no seu tempo de vida, (dotado de vida como Ré)⁵⁷⁸.

⁵⁷⁴ Respectivamente, o nome de Hórus, o das Duas Senhoras, o nome de Hórus de Ouro, o nome de Rei do Alto e do Baixo Egipto e o de Filho de Ré. Ver SALES, José das Candeias, *A ideologia real Acádica e Egípcia*, p. 200.

⁵⁷⁵ Um «Hórus no palácio», já que o «nome de Hórus» estava inserido no *serekh*, o palácio primitivo.

⁵⁷⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 2.

⁵⁷⁷ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 66.

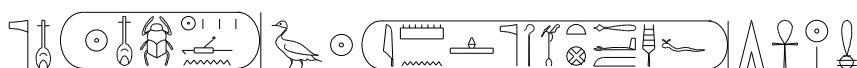
No acróstico existente no mesmo túmulo, Amen-hotep IV é simplesmente referido pelo seu nome de nascimento, o qual não está encartelado:



ntr nfr Nfr hprw R s3 R Imn htp hk3 (m) W3st

deus perfeito, Neferkheperuré, filho de Ré, Amen-hotep, senhor de Tebas⁵⁷⁹.

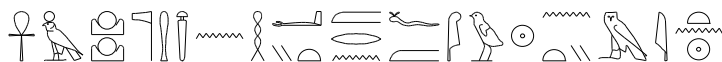
Mas, no lintel da porta de entrada, onde se localiza a cena de oferenda a Ré-Horakhti, já foi adicionado o nome do trono que, tal como o de nascimento, se encontra devidamente encartelado:



ntr.nfr Nfr-hprw-R w-n-R s3-R Imn-htp ntr hk3 w3st 3 m h(w).f di nh mi R

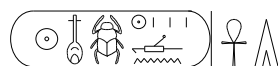
Deus perfeito, filho de Ré, Neferkheperuré-Uaenré, Amen-hotep (IV), deus soberano de Tebas, grande no seu tempo de vida, dotado de vida, como Ré⁵⁸⁰

Note-se que não é o nome «total» de um rei, mas este atentado ao régio protocolo pode dever-se apenas à falta de espaço. Também no túmulo tebano do *wb3 nsw w-b-ny*, «copeiro-real de mãos puras», Parennefer (TA 7), a nomeação do rei não segue o habitual protocolo⁵⁸¹:



nh R-Hr-3hty hm-tpy ntr n h'yt m rn.f m sw nty m 'Itn

O sumo-sacerdote do vivo Ré-Horakhti que rejubila no seu nome de «A luz que está no disco solar»⁵⁸²



Nfr-hprw-R W-n-R di nh

Neferkheperuré-Uaenré, dotado de vida⁵⁸³,

⁵⁷⁸ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 67.

⁵⁷⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 2.

⁵⁸⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 113.

⁵⁸¹ Atendendo a que o rei aparece sozinho, poder-se-ão datar estas cenas do ano 3.

⁵⁸² Túmulo de Parennefer, TT 188, ln. 19.

⁵⁸³ Túmulo de Parennefer, TT 188, ln. 20.

Rei do Alto e do Baixo Egipto, senhor das Duas Terras, Neferkheperuré-Uaenré, dotado de vida, filho de Ré, seu amado



ʿImn-ḥtp ntr ḥk3 wʿst ʿ3 m ʿḥw.f tit Rʿ ḥnt r nsw n nb

Amen-hotep, deus soberano de Uaset (Tebas), grande no seu tempo de vida, imagem (viva?) de Ré, diante do seu nome, de senhor de tudo⁵⁸⁶.

Coexistem referências a Amon e a Aton. Ramose pode ainda lembrar ao rei, «os seus pais», Ré-Horakhti e Amon-Ré⁵⁸⁷.

Um outro exemplo é o protocolo de Amen-hotep IV, tal como aparece na estela de Gebel es-Silsileh, datável do ano 4:



3nh Ḥr k3 nḥt k3(i)

Hórus vivo: Touro poderoso, com altas plumas



nbty wr nsywt im ʿIpt-swt

As Duas Senhoras: Grande em soberania em Ipset-sut⁵⁸⁸



Ḥr nbw wts ḥʿw m Ḥnw Šmʿ(w) nsw bit(y) ḥm-ntr tpy n Ḥr3ḥty k3(i) m 3ḥt

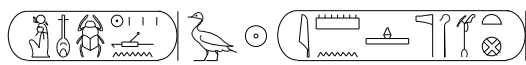
Hórus de Ouro: O que eleva as coroas em Iunu⁵⁸⁹.

Rei do Alto e do Baixo Egipto, sumo sacerdote de (Ré)-Horakhti, que se ergue no horizonte



m rn.f m šw nty m ʿItn

no seu nome de «a luz que está em Aton»



Nfr-ḥprw-Rʿ wʿn-Rʿ s3 Rʿ ʿImn-ḥtp ntr ḥk3 wʿst

Rei do Alto e do Baixo Egipto: Neferkheperuré-Uaenré, filho de Ré, Amen-hotep (IV), deus soberano de Tebas,

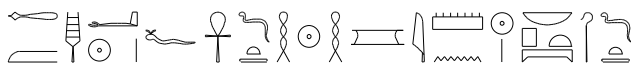
Ao nome total segue-se um epíteto que vai manter-se, exceptuando naturalmente a referência a Amon-Ré:

⁵⁸⁶ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 301-303.

⁵⁸⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 314-315, 307-308.

⁵⁸⁸ «O mais selecto dos lugares», nome do templo de Karnak. Sobre a estela, ver SANDMAN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, p. 143.

⁵⁸⁹ Tebas, a Heliópolis do Alto Egipto.



ʕ m ʕw.f ʕnh dt (n)hh mry Imn-R nb pt hk3 dt

Grande no seu tempo de vida, vivendo eternamente e para sempre, amado de Amon-Ré, senhor do céu, governador da eternidade.

É no túmulo do vizir Ramose (TT 55) e em *talatates* provenientes do *Teny-Menu*, em Tebas, que pela primeira vez encontramos uma Nefertiti muito jovem, acompanhando o esposo na «Janela das Aparições» do templo de Karnak (fig. II.73). A rainha é apresentada como:



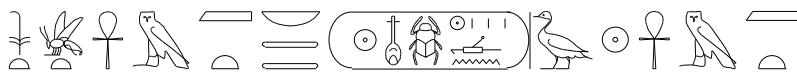
hmt-nsw wrt mrit.f nbt t3wy Nfrit-ity,

Grande esposa real, sua amada, a senhora das Duas Terras, Nefertiti,⁵⁹⁰

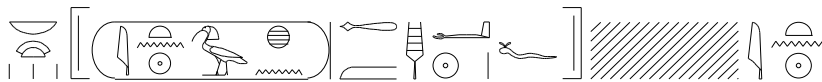
A cena terá sido gravada perto da altura do seu casamento, o qual poderá muito bem ter ocorrido ainda no ano 3⁵⁹¹. No ano seguinte, como geralmente se admite, vai ter lugar um inusitado jubileu real, em Karnak, escandalosamente acompanhado por Aton, sob a forma do Sol radiante, e com o menosprezo dos deuses tradicionais do Egito. Apesar disto, o soberano conserva o nome de Amen-hotep como se pode ver na figura seguinte, que retrata uma cena do referido jubileu.

⁵⁹⁰ O aditivo ao nome não é distinguível.

⁵⁹¹ GABOLDE, Marc, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, p. 13.



Nsw-bit(y) ʕnh̄t m m3ʕt nb-tʕwy Nfr-hprw-Rʕ wʕ-n-Rʕ s3 Rʕ ʕnh̄t m m3ʕt
 Rei do Alto e do Baixo Egito que vive em Maet, senhor das Duas Terras
 Neferkheperuré-Uaenré, filho de Ré, que vive em *maet*



nb hʕw 3h-n-ʔtn ʕ m ʕhʕ(w).f ʔtn
 o senhor das coroas, Akhenaton, grande no seu tempo de vida, Aton



hʕiw hr st Rʕ [ʕnh̄w] mi it.f ʔtn rʕ-nb
 o que aparece em glória sobre o trono de Ré e dos vivos, como seu pai Aton, todos os dias.



ntr nfr [...] p3 wbn.f nb ʕw
 o deus perfeito [...] o [...] (que) se ergue como senhor.....(e) magnificência...⁵⁹²

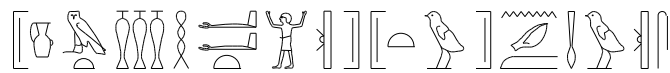
A rainha recebeu igualmente um nome teóforo de Aton e o seu protocolo tende a ilustrar que dispõe de um grande poder, pelo menos na esfera do religioso. Ela é:



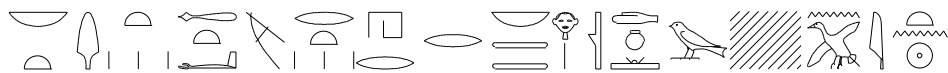
(i)rt-pʕt ʕt m ʕh
 A patricia, grande no palácio,



(nbt rʕwt) nfrt hr(t) ʕnt m šwt(w)y.(sn) nbt rʕwt
 (senhora de) um lindo rosto, bela com as (suas) plumas duplas, senhora da alegria



[hnmt hsiw(t) hʕwt tw] n sdm hrw(t).s
 (e dotada de favores, exulta-se) ao ouvir a sua voz!



nbt i3mtw ʕt mrwt hr(i) r nb-tʕwy hr ʕd(.s) wr...n p3 ʔtn
 Senhora dos encantos, grande no amor e que alegra o senhor das Duas Terras com o seu grande carácter ... de Aton

⁵⁹² A reconstrução do texto deve-se a Murnane e van Siclen e foi realizada a partir das estelas K, X e das poucas linhas da estela M que são passíveis de leitura. Ver MURNANE, William J., and VAN SICLEN, Charles, III, *The Boundary Stelae of Akhenaten*, p. 19.



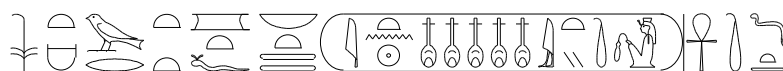
šhtp sw m wbn.f, 3ht

que satisfaz (Aton) quando ele ascende no horizonte



dd n.s...nbt ir tw n.s

(tudo) o que ela disse ...tudo foi feito para ela

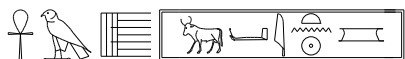


hmt-nsw wrtt mrit.f nbt-t3wy Nfr-nfrw-Itn Nfirt-ity nh ti dt

a grande esposa real, sua amada, senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente.

2.3. Primeiro período amarniano (anos 5 a 12)

No túmulo de Ay (TA 25) o conjunto dos cinco nomes reais está quase completo, seguindo muito aproximadamente o da *Estela da Fundação*. Não voltará a aparecer deste modo em nenhum dos outros túmulos.



3nh Hr k3 nht mri Itn

Hórus vivo, touro poderoso, amado de Aton



nbtj wr nsywt im 3ht-Itn

As Duas Senhoras: Grande em soberania em Akhetaton



Hr nbw wts rn n Itn

Hórus de Ouro: O que eleva o nome de Aton.



nsw-bit(y) nh m m3t nb t3wy Nfr-hprw-Rc Wc-n-Rc

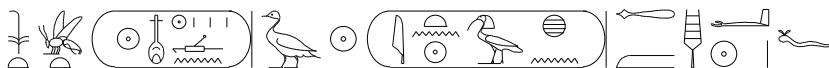
Rei do Alto e do Baixo-Egipto que vive em *maet*, senhor das Duas Terras Nefer-kheperuré-Uaenré⁵⁹³.



s3 Rc nh m m3t nb h3w 3h-n-Itn 3 m hc(w).f

⁵⁹³ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 1-6.

Por vezes, aparece um protocolo abreviado:





Rei do Alto e do Baixo Egípto, Neferkheperuré-Uaenré, filho de Ré, Akhenaton, grande, no seu tempo de vida⁵⁹⁵.

Rei do Alto e do Baixo Egito, o que vive na *maet*, o senhor das Duas Terras, Neferkheperuré-Uaenré

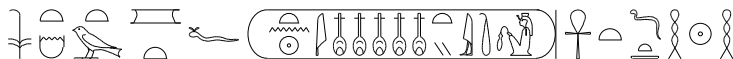


filho de Ré, que vive na *maet*, Akhenaton, senhor das coroas, grande no seu tempo de vida⁵⁹⁶.

| Com determinativo Maet | Sem referência a Maet |
|--|--|
|  <p><i>nsw-bit(y) ḥnh m m3ʿt</i></p> <p>Rei do Alto e do Baixo Egito, que vive em Maet (Ahmés, TA 3, ln. 41; Parennefer, TA 7, ln. 2; Tutu, TA 8, ln.12, 42, 98, 263; Neferkheperu-her-sekheper, TA 13, ln. 1; Suti, TA 15, ln.2)</p> |  <p><i>di ḥnh</i>, «dotado de vida» (Apy, TA 10, ln.3)</p> |

⁵⁹⁷ Túmulo de Panehesy, TA 6, lns. 11-12.

No túmulo de Ay (TA 25) a rainha é simplesmente designada por:



hmt-nsw wr(t) mrit.f Nfr-nfrw-Itn Nfirt-ity ʕnh̄t dt nh̄h

Grande esposa real, sua amada Neferneferuaton Nefertiti, viva eternamente e para sempre⁵⁹⁹.

Variante:



hmt-nsw wrt mrit.f nbt-t3wy ʕt mr(w)t Nfr-nfrw-Itn Nfirt-ity

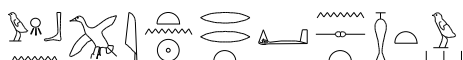
(e à) grande esposa real, sua amada, senhora das Duas Terras, grande de amor⁶⁰⁰,

Os seus protocolos podem, no entanto, ser mais complexos:



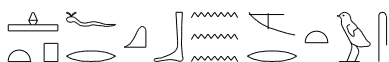
(i)rt-pʕt wrt ḥsiw nbt i3mt h̄nmt ršrš

Princesa hereditária, grande em favor, senhora de encanto dotada de alegria.



wnb p3 Itn r rt di.n.st ḥswt

Aton nasce para espalhar favor sobre ela...



htp.f r kb mrwt.s

...e põe-se, para multiplicar o seu amor.



hmt-nsw wrt mrit.f ḥn(w)t šm3w t3-mḥw

Grande esposa real sua amada, senhora do Alto e do Baixo Egito,



nbt-t3wy Nfr-nfrw-Itn Nfirt-ity ʕnh̄t ti dt r nh̄h

Senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre⁶⁰¹.

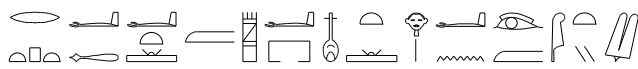
Ou, no túmulo de May (TA 14):

⁵⁹⁸ Túmulos de Tutu, TA 8, ln. 213, 216, 221, 228, 254; Parennefer, TA 7, ln. 21.

⁵⁹⁹ Túmulos de Ay, Ins. 7, 16, 37, 51; Tutu, ln. 13, Suti ln. 3.

⁶⁰⁰ Túmulos de May, ln.3, Neferkheperu-her-sekheper, ln. 2; Parennefer, parede ocidental.

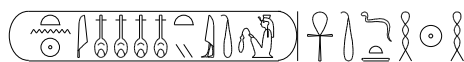
⁶⁰¹ Túmulo de Apy, TA 25, Ins. 4-8.



Patrícia, grande no palácio, de rosto perfeito, bela com as duas plumas,



A preferida do Aton vivo, a grande esposa real, sua amada, a senhora das Terras,



Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre⁶⁰².

Também no túmulo de Panehesy, TA 6, encontramos um caso análogo:



Patrícia, grande em favor, senhora do Alto e do Baixo Egito,



bela com as plumas duplas. A que sacia o coração do rei, na sua casa (no palácio real),



alegre com tudo o que é dito. A grande esposa real, sua amada, senhora das Duas Terras,



Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre⁶⁰³.

No túmulo de Ay, entre outros, aparece, pela primeira vez, a irmã da rainha, cujo protocolo se manterá inalterado:








Irmã da grande esposa real, Neferneferuaton Nefertiti, vivendo eternamente e para sempre, Mutnedjmet⁶⁰⁴.


⁶⁰² Túmulo de May, TA 14, lns. 87, 88.

⁶⁰³ Túmulo de Panehesy, TA 6, lns. 16-19.

⁶⁰⁴ Túmulos de Ay, Pl. XXVII; May, ln. 151; Panehesy, ln. 22; Parennefer, pared occidental.

2.3.1. O título de *iry-p^t*

Literalmente, *iry-p^t* significa «o que pertence à classe dos  *p^t*». Começemos por notar que tem o mesmo determinativo de *rm^t*, «Humanidade», e se lê como  *p^t*, «terra irrigada», e  *p^t*, «pão». Trata-se, pois, de gente que possui boas terras de cultivo, «o patriciado» na tradução de François Daumas⁶⁰⁵. Luís M. de Araújo põe a hipótese de se tratar de uma classe aristocrática, descendente dos unificadores do Egito⁶⁰⁶. Se os *paut* são poderosos, nem todos os poderosos são *paut*. O título é referido apenas por três funcionários de Akhenaton, sob a forma  *r-p^t h3ty*⁶⁰⁷. A forma feminina *rt-p^t* é aplicada à rainha Tié –  *rt-p^t 3 rt hsyw*⁶⁰⁸ e a Nefertiti:


*rt-p^t 3 rt hsyw*⁶⁰⁹


*rt-p^t 3t m h*⁶¹⁰

Aldred traduz *rt-p^t* por «*heiress*, ou seja herdeira, mas herdeira de quê? Certamente não do trono, pois conhecem-se, pelo menos, os pais de Tié, embora a dúvida permaneça no que diz respeito a Nefertiti. Tendo isso em conta, Luís M. de Araújo propôs a tradução «membro da elite» para *r-p^t* e o seu feminino⁶¹¹. De acordo com as situações, recorreu-se a esta tradução ou à de Daumas, tendo em mente que deve ser evitada qualquer tipo de confusão com o «patriciado» romano.

⁶⁰⁵ DAUMAS, François, *La Civilisation de l'Égypte pharaonique*, p. 152.

⁶⁰⁶ ARAÚJO, Luís M. de, *O Clero do deus Amon no Antigo Egito*, p. 281, nota 14. Uma forma correcta de os designar em bom português seria «filhos d'algo».

⁶⁰⁷ *h3ty*-, «o que está à frente, o melhor de..., nomarca, príncipe, primeiro dos cidadãos». Ver BONNAMY et SADEK, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, pp. 397-398. Túmulos de Ramose, TT 55; May, TA 14, ln. 32; Parennefer, TA 7; ln.8.

⁶⁰⁸ Túmulos de Huya, ITA 1, n. 5, Kheruef, TT 192, n. 602.

⁶⁰⁹ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 35, Apy, TA 10, ln. 4.

⁶¹⁰ Túmulo de Panehesy, TA 6, lns. 16- 19, Estela da Fundação.

⁶¹¹ ARAÚJO, Luís M. de, comunicação privada.

2. 4. Segundo período amarniano (anos 12 a 17)

O protocolo do rei simplificou-se muito e, salvo alterações mínimas, é o seguinte:



Rei do Alto e do Baixo Egito, senhor das Duas Terras, Neferkheperuré Uaenré, dotado de vida, senhor das coroas, Akhenaton, grande no seu tempo de vida, dotado de vida eternamente e para sempre⁶¹².

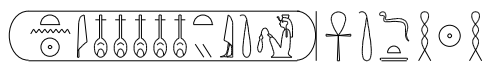
O protocolo da rainha pode ser muito simples:



A esposa real, Neferneferuaton Nefertiti, viva eternamente e para sempre⁶¹³



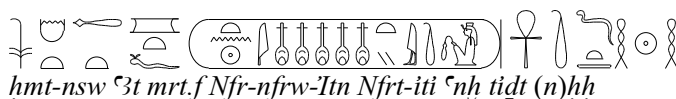
A esposa real, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre⁶¹⁴.



Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre⁶¹⁵.



A grande esposa real, Neferneferuaton Nefertiti, viva eternamente e para sempre⁶¹⁶



Grande esposa real, sua amada, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre⁶¹⁷.

⁶¹² Túmulos de Huya, TA 1, ln. 27 ; Meriré II, TA 2, ln. 61; Meriré I, TA 4, ln. 4; Mahu, TA 9, lns. 17-18; Any, TA 23, lns. 9, 11.

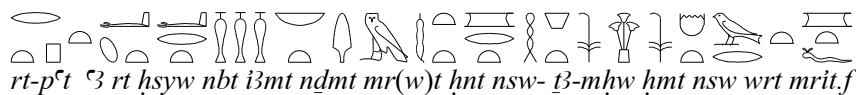
⁶¹³ Sem anteposição honorífica do nome de Aton. Túmulos de Meriré I, TA 4, ln.5; Mahu, TA 9, lns. 19, 38

⁶¹⁴ Com anteposição honorífica. Túmulos de Meriré II, TA 2, ln. 36; Huya, TA 1, ln. 28.

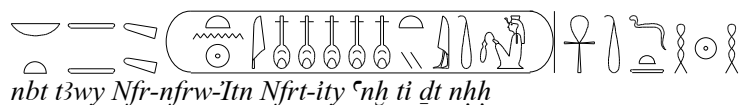
⁶¹⁵ Com rotação do nome de Aton. Túmulo de Meriré II, TA 2, ln. 76.

⁶¹⁶ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 28.

Pode também ser mais complexo:



A princesa hereditária, grande em favor, senhora de encanto, doce no amor, senhora do Alto e do Baixo Egito, a grande esposa real, sua amada⁶¹⁸



A senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre⁶¹⁹.

2.5. Protocolos das princesas reais e dos seus régios avós

Nas primeiras estelas – X, M, K – o casal régio está acompanhado unicamente pela princesa Meritaton, que terá nascido cerca do ano 4. Só ela é referida no texto. O nascimento de Maketaton, eventualmente no ano 5, obrigou à sua posterior introdução na Estela K. Ankesenpaaton terá vindo ao mundo «entre o final do ano 6 e o começo do ano 7», de acordo com Gabolde⁶²⁰, ou «no decurso do ano 8», segundo Laboury⁶²¹. Posteriormente nascerão as princesas Neferneferuaton-ta-cherit (c.ano 9), Neferneferuré (c. ano 10) e Setepenré (c. ano 11)⁶²². No Quadro III.2 mostra-se a representação das princesas reais nos vários túmulos:

⁶¹⁷ Túmulo de Meriré II, TA 2, ln. 62.

⁶¹⁸ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 35.

⁶¹⁹ Túmulos de Huya, TA 1, ln. 36; Any, ln. 10.

⁶²⁰ GABOLDE, Marc, *D'Akhénaton à Toutânkhamon*, p. 30.

⁶²¹ LABOURY, Dimitri, *Akhénaton*, pp. 314-315.

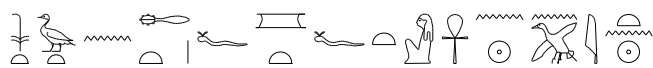
⁶²² *Ibidem*, p. 315.

Quadro IV.2 – Representação das princesas reais nos túmulos estudados.

Nota: AIII – Amen-hotep III; T – Tié; A – Amen-hotep IV/Akhenaton; N – Nefertiti; B – Bakhetaton; ano do reinado; S – Smenkhkaré; M – Meritaton; n – não representado; n encart. – não encartelado.

| Túmulo, Nome | Reis | Fórmula canónica | Princesas | Data expressa | Possível datação (Ano do reinado) |
|--------------------------------------|--------------|------------------|-----------|---------------|-----------------------------------|
| Túmulos tebanos | | | | | |
| (TT 55), Ramose | A+N | n encart. | n | | 4 |
| (TT 192), Kheruef | T+AIII; T+A | - | n | | 1-2 |
| (TT 188), Parennefer | A | n encart. | n | | 3 |
| Túmulos do Norte | | | | | |
| (TA 1), Huy | A+N; T+A III | F II | 4+ B | Ano 12 | Ano 12 |
| (TA 1 A), Rudu | ? | ? | ? | | ? |
| (TA 2), Meriré (II) | A+N; S+ M. | F II | 5, 6 | Ano 12 | 12-S. |
| (TA 3), Ahmés | A+N | F I | 3 | | 6-7 |
| (TA 4), Meriré I | A+N | F II | 4 | | 9-12 |
| (TA 5), Pentu | A+N | F I | 3 | | 6-7 |
| (TA 6), Panehesy | A+N | F I | 3, 4 | | 6-9 |
| Túmulos do Sul | | | | | |
| (TA 7), Parennefer | A+N | F I | 3, 4 | | 6-9 |
| (TA 8), Tutu | A+N | F I | 3 | | 6-7 |
| (TA 9), Mahu | A+N | F I, F II | 1 | | 5-12 |
| (TA 10), Apy | A+N | F I | 3 | | 6-7 |
| (TA 11), Ramés | A+N | ? | 1 | | 5 |
| (TA 12), Nakhtpaaton | | ? | | | ? |
| (TA 13), Neferkheperu(ré)her-sekhper | | ? | | | ? |
| (TA 14), May | A+N | F I | 3 | | 6-7 |
| (TA 15), Suty | A+N | F I | ? | | 5-12 |
| (TA 19), Suta | A+? | ? | ? | | ? |
| (TA 23), Any | A+N | F II | 2 | | 12 |
| (TA 24), Paatonemheb | A+N | F I | ? | | 5-12 |
| (TA 25), Ay | A+N | F I | 3 | | 6-7 |

Só no túmulo de Meriré I (TA 4) as princesas aparecem em conjunto. Cada uma delas goza de um mesmo protocolo, em que só o nome varia.

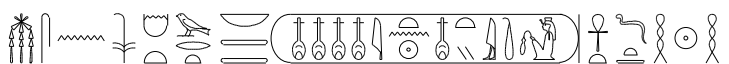

s3t-nsw n ht.f mrit.f (s)t nh(s)n p3 Itn
 Filha do rei, do seu corpo, Ankh(es)enpaaton,


msi n hmt-nsw wrt Nfr-nfrw-Itn Nfrt-iti nh dt (n)hh

nascida da esposa real, Neferneferuaton Nefertiti, viva eternamente e para sempre.



s3t-nsw n ht.f mrit.f (s)t Nfernfrw-Itn (t3) šri(t)
Filha do rei, do seu corpo, sua amada Neferneferuaton-a-jovem,



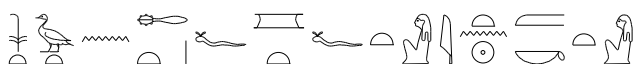
msi n hmt-nsw wrt nb(t)- t3wy Nfr-nfrw-ItN Nfrt-iti ʿnh dt (n)hh
nascida da esposa real, viva eternamente e para sempre.



s3t-nsw n ht.f mrit.f (s)t Mrt-ItN
Filha do rei, do seu corpo, Meritaton,



msi n hmt-nsw wrt nb(t)- t3wy Nfr-nfrw-ItN Nfrt-iti ʿnh dt (n)hh
nascida da esposa real, a senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, viva eternamente e para sempre.



s3t-nsw n ht.f mrit.f (s)t Mkt-ItN
Filha do rei, do seu corpo, a sua amada Meketaton,



msi n hmt-nsw wrt nb(t)- t3wy Nfr-nfrw-ItN Nfrt-iti ʿnh dt (n)hh
nascida da esposa real, a senhora das Duas Terras, Neferneferuaton Nefertiti, viva eternamente e para sempre⁶²³.

O seu protocolo permaneceu, portanto, idêntico em todos os túmulos amarnianos.

No Túmulo de Huya (TA 1) aparece ainda uma princesa, Baketaton de seu nome, cujo protocolo é o seguinte:



s3t nsw n ht.f mrit.f B3kt-ItN
Filha do rei, do seu corpo, sua amada Baketaton⁶²⁴,

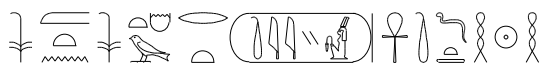
⁶²³ Túmulo de Meriré I, TA 4, lns. 18-25.

Acompanha-a Amen-hotep III, que provavelmente nunca esteve em Amarna, cujo protocolo é:



nsw-bit(y) Nb-m3t-Rc di nh nsw-bit(y) nh m m3t nb-t3wy Nb-m3t-Rc
 Rei do Alto e do Baixo Egípto, Nebmaetré, dotado de vida, o rei do Alto e do Baixo Egípto, o senhor das Duas Terras, Nebmaetré⁶²⁵

Quem esteve realmente na cidade de Aton foi a rainha-mãe, e o seu protocolo é quase tão exuberante como o de Nefertiti:



m(w)t nsw hmt-nsw wrt Tiy nh ti dt (n)hh
 A mãe do rei⁶²⁶, a grande esposa real Tié, que ela viva eternamente e para sempre.



hmt-nsw wrt Tiy nh ti rt-p t wr hsw
 A grande esposa real Tié, que ela viva, a patricia, grande em favor,

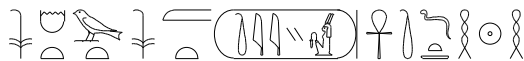


nbt i3m ndmtt mr(w)t mh.s ht m nfrw.s hnt sm3w t3-mhw
 senhora de encanto e doce no amor, que enche o palácio com a sua beleza, senhora do Alto e do Baixo Egípto,



hmt-nsw wrt mrt.f nbt t3wy Tiy
 a grande esposa real, sua amada, a senhora das Duas Terras, Tié⁶²⁷.

Ou:



hmt-nsw wrt m(w)t nsw Tiy nh ti dt (n)hh

⁶²⁴ A paternidade real está certificada mas não nomeada. A mãe da princesa não é referida. Túmulo de Huy, TA 1, Ins. 31, 40, 88.

⁶²⁵ Túmulo de Huy, TA 1, Ins. 84, 140.

⁶²⁶ Repare-se na maneira tipicamente atonista de evitar o signo que representa a deusa Mut. Túmulo de Huy, TA 1, n. 32.

⁶²⁷ Túmulo de Huy, TA 1, ns. 85-87.

a grande esposa real, a mãe do rei, Tié, que ela viva eternamente e para sempre⁶²⁸


2.6. Protocolos dos reis Meritaton e Semenkhkaré

No túmulo de Meriré II, TA 2, encontra-se, como vimos, o casal formado por Meritaton e Semenkharé. O protocolo real corresponde ao do seu possível antecessor:

nsw-bit(y) ʿnh-hprw-R s3-R dsr hprw R sʿ3-k3- R dt ʿnh dt (n)hh

Rei do Alto e do Baixo Egíto Ankhperuré, filho de Ré, Djeser-Kheperuré Sa-ka-Ré,
dotado de vida eternamente e para sempre⁶²⁹.


Protocolo da rainha:



hmt-nsw wr(t) Mrt-Itn ʿnh dt (n)hh

A grande esposa real Meritaton, dotada de via, eternamente e para sempre⁶³⁰

⁶²⁸ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 141.

⁶²⁹ A leitura deste nome é incerta. Para Lepsius seria *ʿ3 k3 R^c dsr hprw*. Túmulo de Meriré II, TA 2, ln. 82. A leitura moderna é  *s3 R^c Smn-k3-R^c*. Ver BONNAMY et SADEK, *op. cit.*, p. 778.

⁶³⁰ Sem determinativo de rainha. Túmulo de Meriré II, TA 2, ln. 83.

CAPÍTULO V – TAXINOMIA, SELECÇÃO E *CURSUS HONORUM* DE UM FUNCIONÁRIO AMARNIANO

Le coeur en repos
Les yeux bien sur terre
Au bar de l'hôtel des «Trois
Faisans»
Avec maître Jojo
Et avec maître Pierre
Entre notaires on passe le temps.


Jacques Brel
(*Les Bourgeois*)

O presente capítulo é dedicado ao estudo da estrutura administrativa do antigo Egipto durante a parte final do reinado de Amen-hotep III e o reinado de Amen-hotep IV /Akhenaton. Partiu-se de um conjunto de dados obtidos a partir dos túmulos dos vizires Ramose e Aper-El, bem como do túmulo do mordomo Kheruef. No que concerne ao reinado de Akhenaton, servimo-nos do testemunho das inscrições dos túmulos amarnianos, da *Estela da fundação de Akhetaton* e da estela da comemoração deste evento, bem como de referências passíveis de colher noutras fontes arqueológicas, como casas particulares e estátuas⁶³¹.

A análise destas fontes levou-nos a construir uma primeira classificação do funcionalismo, em três categorias, de acordo com os poderes de que relevam e que a seguir se caracterizam e desenvolvem:


– Funcionalismo supremo

⁶³¹ Para este tipo de fontes consultaram-se, respectivamente: MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, Atlanta: Scholars Press, 1994 e SANDMAN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, Bruxelles: Fondation Égyptologique de la Reine Élisabeth, 1938.


O  *nsw*, «rei», é o elemento único desta categoria, porquanto executa directamente ou faz executar a vontade dos deuses. Akhenaton funda uma nova cidade, respondendo ao desejo do seu divino pai, Aton.

– Funcionalismo superior

Esta categoria é igualmente preenchida por um elemento, por vezes desdobrado: o

 *t3t(y)*, «primeiro-ministro, vizir», governador *de facto* do Egipto, o primeiro dos executivos, a «mão do rei», mas não o *maire du palais*, que o faraó não era, de nenhum modo, um *roi-fait-néant*: se delega alguns poderes, não abdica deles. É sempre o primeiro sacerdote, o primeiro juiz, o primeiro governador que livremente nomeia, recusa e exonera os funcionários.

– Funcionalismo específico

O conjunto dos  *srw*, «oficiais, funcionários», que executam, em vários domínios, as ordens do rei e/ou do vizir.

A estas categorias correspondem características e modos de actuação próprios que, seguidamente, abordamos, de acordo com os informes que fazem parte do nosso corpus documental.

1. Funcionalismo supremo. O *nsw*.

O funcionalismo supremo corporiza-se respectivamente em *Nb-m3^ct-R^c Itn thn*, «Nebmaetré, o disco solar brilhante, Amen-hotep III», e *Imn-htp ntr hk3 w^cst 3 m h^cw.f tit R^c hnt r nsw n nb*, «Amen-hotep (IV), deus soberano de Tebas, grande no seu tempo de vida, imagem (viva?) de Ré, diante do seu nome, de senhor de tudo».

A administração do país radica-se no seu estabelecimento como autoridades únicas, por todos reconhecidas e respeitadas, desde o momento da sua coroação. Cumpre-lhes, como aos seus antepassados, a resolução dos três problemas básicos do Estado Egípcio, a saber: assegurar a paz com os homens e com os deuses no interior do reino: Defesa, Policiamento e Cultos; assegurar que todos tivessem um mínimo de alimento para viver e de vestuário para se cobrir: Produção e Administração; assegurar a coesão social, conservando da vida e a propriedade: Justiça.

Receptáculos e fonte de todos os poderes que receberam dos deuses, Amen-hotep III e Amen-hotep IV, são simultaneamente: «Hórus vivos», descendentes de Hórus, rei do Egito, reconhecido como herdeiro de seu pai, Osíris, pelo tribunal dos *netjeru* e «Filhos de Ré» ou dos seus equivalentes solares: Amon-Ré e Aton

Enquanto *ntr-nfr*, «deus perfeito», manifesta-se no rei um conjunto de características que transcendem a Humanidade. O seu grito de guerra domina as próprias montanhas:

ntk wꜥ t3 pn hr šhrw.f ssbn.k dww ḥ3p.sn ḥpr hmhm(t).k ibw.sn mi hmhm(t).k m ibw rmt sdm.sn mi sdm rmt

Tu és único e esta terra está sob as tuas ordens, as montanhas são obrigadas a revelar-te o que escondem (pois) o teu grito de guerra cresce nos seus corações, tal como o teu grito de guerra (cresce) nos corações do povo. Elas obedecem-te, tal como te obedece o povo.⁶³²

Por vezes destruidores, os reis do Egito são, sobretudo, criadores, quer «alarguem as fronteiras do Egito», como se refere na *Estela de Tutankhamon*⁶³³, quer construam novos templos ou, pelo menos, acrescentem alguma coisa aos existentes. Tarefas importantes, pois neles se abrigam as sagradas imagens dos deuses, para todos os dias serem vestidas, alimentadas e honradas e, depois disto, fiquem em paz. Assim como Aton:

Itn m thḥwt ḥtpt ḥr st.f

Aton ficou em júbilo, repousado e em paz no (seu) lugar⁶³⁴

Esta paz irradiava sobre as Duas Terras, traduzindo-se numa boa cheia do Nilo, vitória das armas egípcias, fartura de comida, saúde, paz interna e bem-estar social. E o rei era responsável por tudo isto. De acordo com Marc Gabolde: «Chaque Égyptien est persuadé qu'il existe une relation de cause à effet entre la pitié du pharaon et la bonne marche du monde.».⁶³⁵ Isto é, uma relação com a *maet*, o equilíbrio do mundo que os deuses tinham instituído quando governavam a terra⁶³⁶. Akhenaton viveu em/de *maet* e como tal se definiu na *Estela da Fundação de Akhetaton*.

⁶³² Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 358-358.

⁶³³ GABOLDE, Marc, *Tutankhamon*, pp. 127-130.

⁶³⁴ *Estela da Fundação de Akhetaton*, ln. 42.

⁶³⁵ GABOLDE, Marc, «Entrevue de de Jean-François Mondot», *Les Cahiers de Science et Vie*, nº 160, Avril de 2016, p. 84.

⁶³⁶ Sobre a noção de *maet*, vejam-se, por exemplo, as seguintes obras LICHTHEIM, Miriam, *Moral Values in Ancient Egypt*, Fribourg: Fribourg University Press, 1997; MENU, Bernadette, *Maât. L'ordre juste du monde*,

nsw-bit(y) ḥnḥt m m3ṯt nb-tʿwy Nfr-ḥprw-Rʿ wʿ-n-Rʿ s3 Rʿ ḥnḥt m m3ṯt
 Rei do Alto e do Baixo Egito que vive em Maet, senhor das Duas Terras,
 Neferkheperuré-uaenré, filho de Ré, que vive em *maet*⁶³⁷

O funcionário Tutu testemunhou isso mesmo, na sua «Segunda confissão negativa aos deuses da *Duat*»:

Eu não fiz o que é odioso a Sua Majestade, a minha abominação é a mentira,
 (sei) no meu íntimo (que é) a grande abominação de Uaenré. eu apresentei coisas maéticas a sua majestade, porque sei que ele vive nessas coisas⁶³⁸.

Assegurar a *maet* implica, para o rei, o exercício simultâneo de um grande número de funções, no domínio militar e civil: comandar os exércitos, escolher o vizir e promulgar leis. Deste modo, o rei está também incluído no grupo dos funcionários, tudo o que se faz no Egito é obra sua. Ele é *ir(y) ht*, «o que faz coisas»⁶³⁹, ele é o primeiro funcionário do Estado. Comunica livremente com os deuses:

ḥr m p3ʾItn p3y it.i smtr.i r.s 3ḥt-ʾItn
 Ora, foi Aton, meu pai, que me instruiu acerca dela, (de) Akhetaton⁶⁴⁰.

Recebe informação de fontes humanas, por vezes notícias de tal modo graves, que só ele é competente para lidar com elas, como no caso seguinte:

«Ora Sua Majestade – vida, prosperidade, saúde – estava em Akhetaton quando vieram dizer a Sua Majestade que os inimigos do país estrangeiro Ikayta, estavam a tramar uma rebelião...».

O rei dá ordens imediatas e salvadoras:

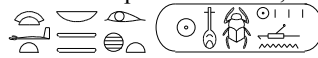
Sua Majestade encarregou o filho real de Kuch e superintendente dos países do sul para reunir um exército para derrotar os inimigos do país estrangeiro de Ikayta.

Paris, Éd. Michalon, 2005; ASSMANN, Jan, *Maât. L'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale*, Paris. MdV éditeur, 2010.

⁶³⁷ *Estela da Fundação de Akhetaton*, ln. 8.

⁶³⁸ Túmulo de Tutu, TA 8, lns 136-148. Ver Cap. II, § 1.4.2.

⁶³⁹ Tal como se pode ver num bloco proveniente do décimo pilone do templo de Karnak, actualmente no

Museu Egípcio do Berlim, onde Amen-hotep IV é designado por:  *ḥʿit nb tʿwy ir(y) ht Nfr-ḥprw-Rʿ wʿ-n-Rʿ*, «O que aparece em glória, o senhor das Duas Terras, o que faz coisas, Neferkheperuré-Uaenré».

⁶⁴⁰ *Estela da Fundação de Akhetaton*, ln. 52. Tradução do autor.

Os inimigos são prontamente aniquilados:

O terror de ti está nos seus corações. Não há rebeldes no teu tempo, porque eles atingiram a não existência.⁶⁴¹

O rei é, portanto, o ponto de acumulação de toda a informação que circula na interface entre o reino dos deuses e a humanidade e a fonte de toda a administração, tal como exprimimos no seguinte diagrama:

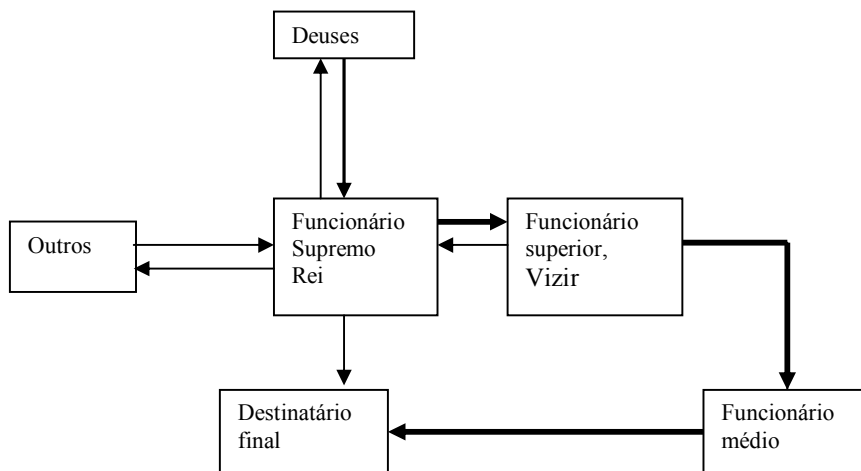


Fig. V.1 – Circulação de informação no antigo Egito.

Ao longo de todo o percurso circulam *mdw*, «palavras», cada um dos vectores está relacionado com o *wd-nsw*, «poder legal que foi dado ao rei de emitir uma, ordem», distinto, pela sua fonte divina, das ordens dos funcionários e outros seres humanos cujo seu campo de acção decresce com a posição social⁶⁴².

À semelhança de Ptah, que criou o mundo pelo verbo, assim pode o rei materializar a sua palavra:

ir.i pr-Itn m p3'Itn p3y.i it m 3ht-Itn m t3y st
ir.i t3 hwt-Itn n p3'Itn p3y.i it m 3ht-Itn m t3y st
iri.k t3 šwt (n t3) hmt-nsw wrt (Nfrt-ity) n p3'Itn p3y.i it m 3ht-Itn m t3y st
 Farei a Casa de Aton para Aton, meu pai, em Akhetaton, neste lugar.

⁶⁴¹ «Estela de Buhen», MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, pp. 101-102.

⁶⁴² VERNUS, Pascal, «The royal command (*wd-nsw*)», in GARCIA, Juan Carlos M., (Ed.), *Ancient Egyptian Administration*, pp. 259-261.

Farei a Mansão de Aton, pertencente a Aton, meu pai em Akhetaton, neste lugar. Farei a «Sombra de Ré» (para a) grande esposa real (Nefertiti) e para Aton, meu pai, em Akhetaton, neste lugar⁶⁴³

Paralelamente a este circuito da verbalidade corre um outro, o da escrita, dominado pela *wh3*, «carta», e pelo *sš ikr n db3w.f*, «escriba de dedos excelentes», que *ir.f m sš*, «põe por escrito, regista» num *sš*, «documento», aquilo que viu e ouviu:

hrw pn iw tw m 3ht-Itn h^cyt hm.f^cnh wd3 snb hr ssmt htri hr wrryt 3t nt d^cm

Neste dia, estava-se no Horizonte de Aton. Sua Majestade – vida, prosperidade, saúde – apareceu em glória no seu grande carro de electrum⁶⁴⁴

Há um terceiro circuito constituído por *aqueles que actuam em nome do rei*, verificando o que foi registado e o que foi executado. É o domínio dos *hrpw*, «controladores, directores», e *iryw-ht*, «inspectores». Parennefer, seguindo as directivas do seu amo, regista o cereal que vai ser entregue a Aton:

p3 wnn h3i tw b3k ntr nb m ipt h3i tw n p3 Itn m wbnw

Os alimentos produzidos para todos os deuses são medidos em *ipet*⁶⁴⁵ mas, para Aton, é medido em superabundância⁶⁴⁶!

Existe, finalmente, um quarto circuito, onde são movimentados *bens* sob a forma de salários pagos em espécie e de presentes aos funcionários. O rei fornece a *driving-force* necessária ao movimento destes quatro motores. Isto significa que deve ser suficientemente poderoso para que nenhum poder paralelo se instale, dotado de meios policiais e militares suficientes para defender a sua posição de qualquer ameaça interna ou externa, e ser suficientemente rico para que possa sempre recompensar os que lhe são fiéis e, principalmente, comprar a fidelidade dos outros. Por isso, a iconografia mostra Akhenaton como um rei forte e bem armado (fig. V.2) presidindo, como veremos, a numerosas cerimónias de recompensa dos seus funcionários.

⁶⁴³ Estela da Fundação, Ins. 142-145.

⁶⁴⁴ Estela da Fundação, Ins. 26-27.

⁶⁴⁵ 1 *ipet* valia 4 *hekat*, cerca de 18 litros.

⁶⁴⁶ Túmulo tebano de Parennefer, TT q66, Ins. 43-44.

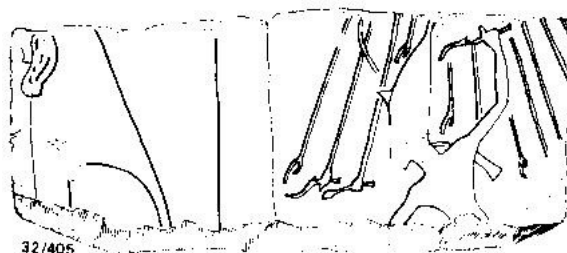


Fig. V.2 – Amen-hotep IV, esmagando os inimigos do Egípto, com as armas de Aton. Desenho segundo o talatat nº 32/405. TRAUNECKER, Claude, *Akhénaton et l'époque amarnienne*, p. 129.

2. Funcionalismo Superior. O *ḥty*.

O vizir aparece, provavelmente, na III dinastia⁶⁴⁷, com Hesyré⁶⁴⁸ e Imhotep, o criador da «pirâmide de degraus»⁶⁴⁹. Prolonga-se bastante no tempo, havendo notícias dele na XXVI dinastia, com Nespaqashuty IV⁶⁵⁰, e ainda é referido um vizir no reinado de Cleópatra VII, (69-30 a.C.), Yuya Amen-hotep⁶⁵¹ de seu nome.

No momento histórico a que este trabalho se reporta, o vizirato estava dividido em dois: o do Norte, com sede em Mênfis, e o do Sul, com sede em Tebas, e foi ocupado pelos indivíduos referidos no quadro V.I de acordo com a sequência indicada:

Quadro V.I – Os vizires de Amen-hotep III e de Amen-hotep IV/Akhenaton

| Vizires e respectivo túmulo | Rei que serviram |
|--|---|
| Tutmés, «Vizir do Norte» Amen-hotep, chamado Huy, «Vizir do Norte», TT 40 Ptahmés, «Vizir do Sul», TT? Aper-El, <i>ḥty</i> , «Vizir (do Norte)», Bubasteion, I.1, ln. 6. Ramose, «Vizir (do Sul)», TT 55, ln.8 | Amen-hotep III (c. 1402-1353 a.C.) |
| Ramose, «Vizir (do Sul)», TT 55 Aper-El, «Vizir do Norte», Bubasteion, I.1 Nakhtpaaton, «Vizir», TA 12 | Amen-hotep IV / Akhenaton (1353-1347 a.C.) |

⁶⁴⁷ No reinado do Hórus Djoser (c. 2686-2668 a.C.)

⁶⁴⁸ O seu túmulo está em Sakara, mastaba nº 2405.

⁶⁴⁹ Na III dinastia, reinado de Djoser. Foi divinizado na Época Baixa.

⁶⁵⁰ Reinado de Psametek I (664-610 a.C.).

⁶⁵¹ Ver o site mhtml:file://K:\Viziers.mht de 09-07-2012.

O rei podia igualmente escolher um vizir entre o grupo de educandos da escola do palácio. Aper-El, vizir do Norte (fig. V.3), foi educado como refém de Amen-hotep III. Ele próprio o afirma no seu túmulo, dizendo-se *škr-(ḥn) (n) bit(y) ir n nb t3wy*, «(prisioneiro) do rei do Baixo Egito, criado pelo senhor das Duas Terras»⁶⁵² e daí o seu título de *hrd n k3p*, «menino do *kap*» (fig. V.4).



Fig. V.3 – Aper-El envergando os trajes de vizir. Cena da face interna (E) do pilar norte da segunda câmara do seu túmulo (Bubasteion I.1).



Fig. V.4 – Côvado de madeira mencionando os títulos de «menino do *kap*», mensageiro do rei e vizir. Túmulo de Aper-El, Bubasteion I.1.

Contrariamente a Ramose, Aper-El enfatiza os seus cargos militares de *imy-r ssmwt nb(w) n ḥm.f*, «Intendente de todos os cavalos de Sua Majestade» e *sš nfrw*, «Escriba dos recrutas» mas não deixa de referir, no terceiro painel da primeira câmara, que desempenhou

⁶⁵² Aper-El, Bubasteion I.1, ln.4.

também o importante cargo sacerdotal de *b3k tpy n p3 Itn*, «Primeiro servidor de Aton», provavelmente em Mênfis.

Vemos imediatamente que os dois últimos vizires de Amen-hotep III foram mantidos por seu filho. Nos tempos de Amarna, o cargo pertenceu a Nakhtpaaton que já encontramos no Capítulo III. Dele se conhece, além do túmulo, uma casa na cidade⁶⁵³. Sabe-se que é um nobre, *r-p^ct ḥ3ty-^c*, «senhor e membro da elite»⁶⁵⁴, mas ignoramos de onde vem. O seu túmulo (TA 12) está muito incompleto e não dá qualquer informação acerca da investidura e a sua casa é também muito pouco esclarecedora⁶⁵⁵. Aparece, como lhe compete, nas cerimónias religiosas que o rei celebra e no túmulo de Mahu, TA 9, está representado no acto de receber prisioneiros.

Na XVIII dinastia, as imensas atribuições inerentes ao vizirato estavam já codificadas. Como se pode ver no túmulo do vizir Rekhmiré⁶⁵⁶, elas são definidas no discurso que o rei pronuncia na ocasião da sua investidura neste cargo. Dada a importância de que se reveste apresentamos, seguidamente, um resumo deste importante texto.

Sua Majestade começa por definir a função do *ḥ3ty* como «o cobre que protege o ouro da casa do seu senhor». De facto, a carne do Hórus vivo, como a de todos os deuses, é de ouro... Esse «Cobre» só se curva diante do «Ouro» e de mais ninguém. Assim diz também o vizir Ramose:

rdi.n.f wi m ḥ3t smrw i irt shrw nw t3 pn šndyt nbt dhnt.sn n.i s^cry mdw(t) (n Ḥr m ^c3) ḥrt-ḥrw nt r^c-nb

Ele (o rei) colocou-me à frente dos companheiros na administração desta terra e todos os oficiais se curvavam (diante de) mim quando eu apresentava petições ao Hórus no palácio, ao longo do dia e durante todos os dias⁶⁵⁷.

Juiz de todos os outros, a lei é a sua salvaguarda. Deve pautar-se por ela, viver «de cara descoberta, porque a água e o vento relatam tudo aquilo que ele faz e ninguém ignora

⁶⁵³ MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, pp. 166-167.

⁶⁵⁴ Túmulo de Nakhtpaaton, TA 12, ln. 1

⁶⁵⁵ MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, pp. 166-167.

⁶⁵⁶ Túmulo TT 100 em Sheikh abd el-Gurnah. Rekhmiré era filho do vizir Neferueben que viveu no tempo de Tumés III, (1504-1450 a.C.). O texto em questão encontra-se em LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 326-333 e em <http://www.digitalegypt.ucl.ac.uk/administration/dutiesviziertrans.html> de 16/ 07 /2014. Na verdade, o texto remonta ao Império Médio.

⁶⁵⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, lns 133-134.

os seus actos»⁶⁵⁸. Sendo justo, não favorece nem prejudica os membros da sua família na ânsia de evitar acusações de parcialidade. De facto, uma vez diante dos deuses da Duat, ele deve poder dizer, como Ramose:

iw iri.n.i mr̄rt rmt̄ hr̄rt n̄trw r n.s iw iri.n.i ḥsst n̄tr niwt.i nn w3d.i ḥdtw n.f nn iri.n.i isftw.f r rmt̄ iw iri.n.i m3̄t ḥr t3

Fiz o que era desejado pela Humanidade, aquilo com que os deuses se alegravam, fiz aquilo que agradava ao deus da minha cidade e não aquilo que depreciava os seus mandamentos. Não fiz coisas (consideradas) más por ele ou pela Humanidade mas pratiquei a *maet* na terra⁶⁵⁹

Sob o título «Regulamentos da sala de audiência»⁶⁶⁰ do governador da cidade, o vizir da cidade do sul, na grande sala de audiência e o que deve ser feito pelo nobre vizir no decorrer dessa audiência», o texto do túmulo do vizir Rekhmiré encontra-se dividido em várias secções. A primeira, evoca o seu papel de *wpi m3̄t*, «O que faz justiça» e *wpi m3̄t m ḥrt-hrw ḥnk.sy r ḥ n nb.s*, «O que faz justiça diariamente e apresenta-a no palácio ao senhor dela»⁶⁶¹. Começa por uma descrição do protocolo a adoptar.

O vizir deverá sentar-se num assento de espaldar, o «banco *pehedju*», com as costas numa almofada e os pés sobre outra; na mão segura um ceptro *aba* e quarenta rolos de couro contendo a lei estarão abertos diante dele. Dez escribas estarão à sua direita e o porteiro da sala, à sua esquerda.

Cabe ao vizir convocar os magistrados provinciais para ser informado do que se passa nos territórios que administram. Ele próprio delimita cada um deles.

No que respeita aos seus poderes militares, nomeia os comandantes, assegura as escoltas reais, informa-se a respeito do estado de conservação das fortalezas e da marinha, envia e recebe mensageiros.

No âmbito do seu papel administrativo, cumpre-lhe formar as equipas para o corte de árvores, de acordo com as determinações reais, velar pelas reservas de água e pelos canais de irrigação, sementeiras, reservas de alimentos e mesmo pelo inventário dos touros.

⁶⁵⁸ LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 327.

⁶⁵⁹ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 285-287.

⁶⁶⁰ No original, *ḥmst*, «sessão presidida pelo rei ou por um dignitário».

⁶⁶¹ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 176.






Enquanto «ministro das finanças», define o montante dos impostos. Deve, pois, ser informado acerca do levantar de Sirius que sinaliza o início da cheia do Nilo. Cumpre-lhe também receber os tributos dos países estrangeiros.

As suas relações com o soberano são quotidianas e cercadas por um protocolo específico. O vizir deverá dirigir-se ao Palácio para saudá-lo e informá-lo do estado do país. Esta cerimónia está minuciosamente regulamentada: Dirige-se ao *sd3wty-bity*, «chanceler do Rei do Baixo Egipto», que o aguarda junto da *Coluna do Norte* e faz um relatório-padrão:

“Todos os teus assuntos estão sãos e prósperos. Todos os inspectores em exercício de funções me vieram igualmente dizer: Todos os teus assuntos são sãos e prósperos e o Palácio real está são e próspero”⁶⁶².

O vizir repete-lhe exactamente as mesmas palavras, depois penetra no Palácio e manda abrir as portas. De acordo com uma lista prévia, entra quem deve entrar e sai quem deve sair. Na presença do faraó, o vizir informá-lo-á de todos os acontecimentos e receberá as suas ordens. Como diz Ramose:

iri.n.i ḥsst nsw rk.i nn ḥḏi tp-rd wḏt.n.f
Fiz o que era agradável ao rei do meu tempo e não desobedeci às leis decretadas por ele⁶⁶³

É ainda ele que administra o  *pr-nsw*, «domínio real»; se encarrega do aprovisionamento da     *ḥnw*, «residência real». O vizir Ramose enquadrava-se perfeitamente neste conjunto de requisitos, tal como afirma aos deuses da *Duat*:

nn iri.n.i isftw.fr rmt iw iri.n.i m3't ḥr t3
Não fiz coisas (consideradas) más por ele ou pela Humanidade mas pratiquei a *maet* na terra⁶⁶⁴

Efectuou as suas visitas quotidianas ao palácio, onde sempre evitou questões com os outros funcionários:

3k r ḥ pri ḥr ḥswt ḥritw ḥr priw n r.f
Ele entra no palácio e sai, em favor e as pessoas ficam satisfeitas com o que sai da sua boca⁶⁶⁵

^{662 662} LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 329.

⁶⁶³ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 35.

⁶⁶⁴ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 287.

Por isso se diz que ele é *mrr nb t3wy hr bitw.f*, «o que é amado pelo senhor das Duas Terras, pelas suas virtudes»⁶⁶⁶.

Contrariamente ao seu colega Rekhmiré, o vizir Ramose insiste em duas importantes funções: a superintendência dos monumentos reais e os seus deveres religiosos. No que diz respeito à primeira, ele é, por inerência, *imy-r k3tw m mnw wrw*, «Superintendente dos trabalhos nos grandes monumentos»⁶⁶⁷, pelo que todo o programa de construções, amonianas e depois atonianas, estava sob a sua direcção. Quanto ao funcionalismo religioso, ele próprio era *wr m3w*, «Grande dos videntes»⁶⁶⁸, sumo-sacerdote de Ré, em Heliópolis. Ocupou os sempre importantes postos de *imy-r hmw-ntr šm3w t3-mh̄w*, «Chefe dos sacerdotes do Alto e do Baixo Egito»⁶⁶⁹, e *s3b m wpwt iwnwt*, «Juiz encarregado do inventário dos bens dos deuses de Heliópolis»⁶⁷⁰.

Este conhecimento do mundo religioso terá sido crucial no reinado de Amen-hotep IV. Sabemos que Ramose optou pelo Atonismo e isto certamente lhe trouxe grandes problemas e inimizades com o clero de outros deuses, nomeadamente o de Amon. Os seus últimos anos de vida são desconhecidos e o seu nome não é mencionado em Akhetaton.

Para além de administrar os templos, Ramose era *sšm n htpw ntrw*, «(o que) conduz as divinas oferendas»⁶⁷¹, Liderava, portanto, as cerimónias de alimentação do *ka* dos antepassados da família real que estavam presentes sob a forma de estátuas e/ou estelas no templo de Amon em Karnak, tal como se depreende das suas palavras:

iw drp.n.i n ntrw dwi.n.i psdt tm w^cb nbwy twri nbwy hr ht m-b3h K3mwt.f iw snm.n.i n nsw bit3w mrr n Imn m pr.f hmyt-nsw msw-nsw smrw hsi n k3.f nn m h(y).i hr dm.i rn.sn mt hrt-hrw nt r^c-nb

Eu ofereci aos deuses, chamei até mim toda a Enéade (para uma oferenda) – quão limpa e quão pura! – trazendo dádivas à presença de Kamutef. Eu alimentei os reis do Alto e do Baixo Egito, amados por Amon, no seu templo, as esposas e os filhos reais e os companheiros, tal como aprazia ao seu *ka*. Não fui negligente (em) pronunciar o nome deles ao longo do dia e em todos os dias⁶⁷².

⁶⁶⁵ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 294-295.

⁶⁶⁶ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 293.

⁶⁶⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, ln 186.

⁶⁶⁸ Sumo-sacerdote de Ré, em Heliópolis.

⁶⁶⁹ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 9.

⁶⁷⁰ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 2.

⁶⁷¹ Ramose, TT 55, ln.9. Referência ao conhecimento da liturgia dos rituais de oferenda aos deuses, por parte do vizir.

⁶⁷² Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 44-48.

A fig. V.5 mostra uma cerimónia religiosa presidida por Amen-hotep IV e dirigida pelo vizir: a apresentação dos objectos sagrados de outras divindades, nomeadamente os do templo de Amon.



Fig. V.5 – Ramose apresenta a Amen-hotep IV objectos sagrados das divindades, (Pls. XXIX, XXXI). Ao lado do rei, muito novo e ainda solteiro, encontra-se a deusa Maet.

O belo discurso que então pronunciou foi gravado no seu túmulo:

dd-mdw in imy-r niwt t3t(y) R^cms m3^c-hrw n k3 ʿnh n (i)t.k Imn-R^c nb nswt t3wy nb Ipt-swt tw ʿhs.f tw mry.f tw sw3h.f ʿh^c(w).f wr šhr hftyw.k m(w)t m ʿnh mn.ti hr st Hr nb ʿnhw 3nh w3s nb hr.k snb nb hr.k mi (i)t.k R^c r^c-nb dd-mdw in r-nhn(y) n hmt ntr M^ct imy-r niwt t^ct(y) R^cms m3^c-hrw n k3.k n (i)t.k 3nh(w) R^c-Hr-3hty h^cy m 3ht m rn.f šw nty m Itn tw ʿhs.f tw mry.f tw sw3h.f tw di.f hḥw m rnpw gnwt.k (n) ḥbw-sd t3w nbw hr tbt.y.k šhr hftiw.k m(w)t m ʿnh.

Palavras ditas pelo governador da cidade, o vizir Ramose, justificado:

“Para o teu *ka*, um ramo de teu pai, (Amon-Ré, senhor dos tronos das Duas Terras, senhor de Ipet-sut⁶⁷³). Possa ele favorecê-lo e amá-lo, fazer com que ele perdure e o seu tempo de vida seja longo (Possas ele) derrotar os teus inimigos, na morte (como) na vida (enquanto) tu estás firme no trono de Hórus, senhor dos vivos. Toda a vida e prosperidade (esteja) contigo, toda a saúde (esteja) contigo, tal como Ré, teu pai (está contigo) todos os dias”.

Palavras ditas pela boca de Nekhen, pelo sacerdote de Maet, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado: “Para o teu *ka* um ramo de teu pai, o vivo Ré-Horakhti que rejubila no horizonte, no seu nome de «a luz que está no disco solar». Possa ele favorecê-lo e amá-lo, conceder-lhe uma longa vida. Possas tu dar-lhe milhões de anos, nos teus registos dos jubileus. Todas as terras estão sob as tuas sandálias. (Possas ele) derrotar os teus inimigos, na morte (como) na vida”.

⁶⁷³ Karnak.

Segue-se o que pode ser interpretado como uma bênção:

3wt-ib nb r.k snb nb hr.k ʕnh nb hr.k iw.k mn.ti hr nst Rʕ dt (n)hh

Que toda a alegria (desça) sobre ti, que toda a saúde (desça) sobre ti, que toda a vida (desça) sobre ti, (enquanto) tu estás firme no trono de Ré, eternamente e para sempre⁶⁷⁴.

Um homem de tal poder, como o vizir, estava preparado para ser rei⁶⁷⁵. Era necessário que fosse cuidadosamente escolhido, um filho treinado pelo próprio pai, se este houvesse sempre dado provas de fidelidade e tido um desempenho irrepreensível nas suas funções. O jovem seria o «bordão de velhice» do seu pai, emprestando-lhe a sua força e aprendendo com a experiência dele⁶⁷⁶. Não foi este o caso de Ramose, nascido na classe dos altos funcionários e aliado a outra importante família, tal como adiante veremos.

Cabendo, como vimos, ao soberano elaborar projectos «no seu coração» e traduzi-los em ordens, é ao vizir que cumpre fazê-las percorrer o número suficiente de escalas até à sua execução. Isto representa uma carga arrasadora e também ele a distribui por um conjunto de executivos, o funcionalismo específico, de que falaremos seguidamente.

3. Funcionalismo específico. Os *srw*.

O funcionalismo específico consiste, como vimos, num complexo e extenso conjunto de oficiais que se ocupam do rei, velando pelo abastecimento e segurança da sua casa, administrando o seu tesouro, preparando as suas audiências, atendendo aos seus *menus plaisirs*, cuidando dos seus templos, dos que foram erguidos pelos seus antepassados e construindo outros, defendendo e prolongando as suas colónias.

⁶⁷⁴ Túmulo de Ramose, TA 55, Ins. 306-319.

⁶⁷⁵ Assim aconteceu com Amenemhat I, Ay e Paramessu.

Amenemhat I (1991-1962 a.C.) foi o fundador da XII dinastia, tendo ocupado o posto de vizir de Mentuhotep IV, último rei da dinastia anterior. A sua subida ao trono não foi pacífica e ele veio a ser assassinado. GRAJETZKI, Wolfram, *The Middle Kingdom of Ancient Egypt*, pp. 28-35.

Ay foi, como vimos, comandante dos carros de guerra no reinado de Akhenaton. Por morte deste assumiu o vizirato, sob Tutankhamon e posteriormente, foi rei, com o nome de Kheperkheperuré Ay (c. 1327-1324). GABOLDE, Marc, *Toutankhamon*, pp. 407-423.

Paramessu serviu inicialmente Horemheb como general e depois como vizir. Sucedeu-lhe como rei (1305-1303 a.C.) com o nome de Menpehtiré Ramessu (Ramsés I). BOOTH, Charlotte, *Horemheb, the forgotten pharaoh*, p. 139.

⁶⁷⁶ Foi o caso da substituição do vizir Amtu, tempo de Tutmés III. Ver LALOUETTE, *Thèbes*, pp. 323-325.

Tomando como os títulos profissionais que cada um destes homens exhibe nos seus túmulos, optámos no presente trabalho por classificar o funcionalismo de acordo com a sua área de actuação, tal como é patente no Quadro V.2.

Quadro V.2 – Classificação do funcionalismo específico

| Área de função | Cargos |
|---|---|
| <i>pr</i> ḥ, «Palácio» e do <i>pr</i> nsw, «património» | <i>imy-r pr</i> , «Mordomo» <i>hrp-ḥ</i> , «administrador» <i>sd3wtj-bity</i> , «Chanceler, portador do selo, tesoureiro» <i>imy-r k3wt</i> , «Superintendentes das obras públicas» |
| <i>ipt</i> , «Aposentos privados» | <i>imy-hnt</i> , «Camareiro» <i>imy-r ipt nsw</i> , «Superintendente do harém real» <i>mnḥy</i> , «Aio» <i>mnḥt</i> , «Amas» <i>sb3 n kp</i> , «Professor do Kep» ⁶⁷⁷ <i>wb3 nsw wḥb-ḥwy</i> , «Copeiro-real de mãos puras» <i>wr swnw</i> , «Chefe dos médicos» |
| Interface entre o rei e outras pessoas e grupos | Protocolo Serviços de documentação Correios e comunicações <i>wpwtjw nsw</i> , «Embaixadores reais» |
| Funcionalismo civil | Governadores Funcionários do Tesouro Funcionários das obras públicas (Superintendentes, Construtores, Artesãos) Funcionários de funcionários (Serviço particular de outros funcionários) |
| Funcionalismo militar e policial | Generais Comandantes policiais |
| Funcionalismo religioso | Sacerdotes Administradores |

3.1. Funcionalismo do «Palácio» e do «Património»

O conhecimento dos palácios de Amen-hotep III, cujas moradas desapareceram, é mais difícil do que os de Akhenaton. Efectivamente, embora as residências deste hajam sido destruídas, as suas bases e alicerces sobreviveram fisicamente e o que delas resta permite que sejam estudados.

A *Casa do Rei*, em Amarna central, é, tal como vemos na fig. V.6, um complexo palacial localizado a oriente do *Grande Palácio* ao qual está ligado por uma ponte sobre a *Grande Avenida*.

⁶⁷⁷ O título não ocorre nos túmulos estudados.

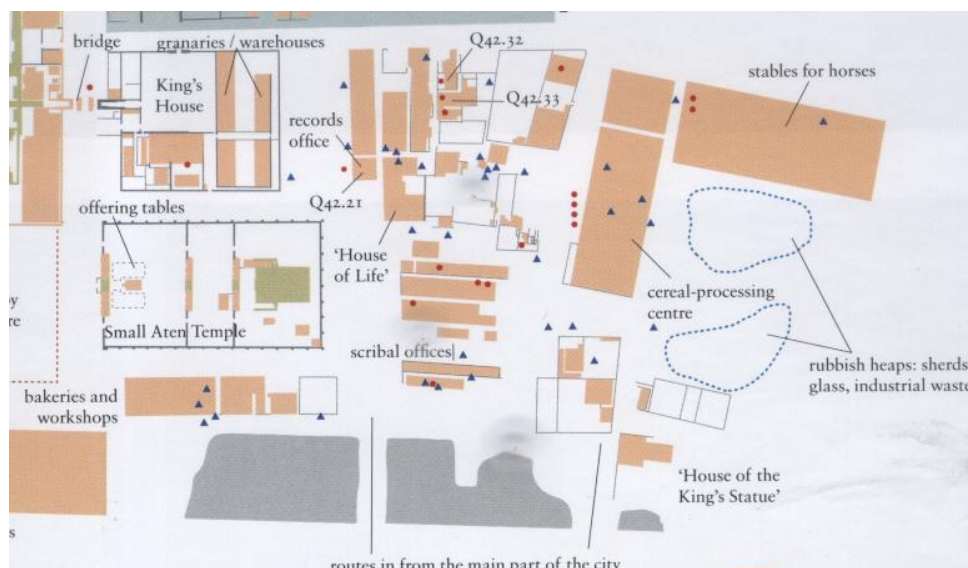


Fig. V.6 – Aspecto da região central de Akhetaton, mostrando o complexo palacial denominado *Casa do Rei*.

Engloba vários edifícios governamentais, a *ḥst ḥšdw pr ʿ3 ʿnh wd3 snb* «O lugar dos rolos de papiro do Faraó – vida, prosperidade, saúde», «Arquivo», e a *pr ʿnh*, «Casa da Vida», uma biblioteca de textos religiosos e científicos e centro de aprendizagem. A sul, localizava-se o *Pequeno Templo de Aton*. Celeiros, armazéns e depósitos ocupavam cerca de um terço da *Casa do Rei*⁶⁷⁸.

Fazendo igualmente parte dos palácio, encontramos oficinas de produção de bens, os *šnʿw*, unidos ou separados do edifício principal, e que constituem parte do «Tesouro». Este aspecto encontra-se particularmente bem representado na *Casa do Encanto*, palácio da rainha-mãe, Tié, em Amarna, de acordo com o túmulo de Huya⁶⁷⁹.

O soberano era ainda detentor de várias propriedades, *prw nsw*, cujo rendimento recebia a título pessoal e de impostos cobrados a outros produtores de cereais. Desde príncipe, Amen-hotep IV possuía uma propriedade, tal como mostra o selo de uma jarra de cerâmica: *dd s3-nsw m3ʿ pr ʿImn-htp*, «Diz: (Eu sou proveniente) da propriedade do

⁶⁷⁸ KEMP, Barry, *The city of Akhenaten and Nefertiti*, pp. 134-135.

⁶⁷⁹ O túmulo TA 1. Tié residira alguns anos em Miuer, Medinet el-Ghurab, onde se localizava o Harém Real que se notabilizara como produtor de finos textéis como o famoso «linho real», destinado às mais altas personagens do Estado.

verdadeiro filho do rei, Amen-hotep»⁶⁸⁰. Numerosos domínios reais eram dedicados ao cultivo da vinha, tal como o provam numerosos selos de ânforas encontrados em Amarna⁶⁸¹.

A correspondência de Amen-hotep III refere detalhadamente os ricos presentes que recebeu como dotes por ocasião dos seus casamentos com princesas do Mitanni⁶⁸². Os túmulos de Huya e de Meriré mostram igualmente que Akhenaton recebeu tributos vindos da Núbia e dos Estados nominalmente vassalos da Síria-Palestina⁶⁸³. Ofertas especiais ao rei estavam igualmente previstas no princípio de cada ano e na festa do jubileu⁶⁸⁴.

Os túmulos de Ahmés e de Ay permitiram-nos ver, no Capítulo IV, uma imagem da zona habitacional do Grande Palácio com a sala de recepção, o quarto do rei e o harém real, embora sem termos acesso ao *k3p* onde um, certamente numeroso, grupo constituído por descendentes reais e reféns receberia uma educação cujos princípios, para além dos religiosos, não chegaram até nós.

Sobre a cada uma das dependências e a sua totalidade velava um numeroso grupo de funcionários que agrupámos nos Quadros V.3-V.4, como funcionários do «Palácio» e do «Património».

Quadro V.3 – Funcionalismo da Casa e do Património de Amen-hotep III e de Tié

| Funcionários | Nome | Túmulo e linha de texto |
|---|---------------------|---|
| <i>imy-r pr n pr Nb-m3t-R</i> , «Mordomo da casa de Nebmaetré (Amen-hotep III)» | Ramés | Ramés, TA 11, ln. 17 |
| <i>imy-r pr</i> , «Mordomo» | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 3,135, 189, 200, 204, 207, 211 |
| <i>imy-r pr n nsw</i> , «Mordomo real» | Amen-hotep | Ramose, TT 55, lns. 143 |
| <i>imy-r pr (m) m(w)t nsw hmt-nsw wrt Tiy</i> , «Mordomo da casa da mãe do rei, a grande esposa real Tié» | Huya | Huya, TA 1, ln. 17 |
| <i>imy-r pr hmt-nsw wrt Tiy</i> , «Mordomo da grande esposa real, Tié» | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 58, 128, 255 |
| <i>imy-r pr n nsw m Mn-nfr</i> , «Mordomo real do nomo de Mênfis» | Amen-hotep/ Huy Apy | Ramose, TT 55, lns. 121-122, 195 |

⁶⁸⁰ REDFORD, Donald, *Akhenaten, the heretic king*, p. 59.

⁶⁸¹ MURNANE, William, *Texts of Amarna Period in Egypt*, pp. 95-97.

⁶⁸² Tal como é patente na correspondência encontrada em Amarna. Ver MORAN, William L.(Ed. e trad.), *The Amarna Letters*, pp. 24-26, 51-57.

⁶⁸³ Ver Capítulo II, §4.2.2.

⁶⁸⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 570-571.

| | | |
|---|----------------|-------------------------------|
| <i>hrp-ḥ nsw</i> , «Administrador do palácio real» | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 211, 258 |
| <i>hrpw ḥ</i> , «Administradores do palácio» | ? | Kheruef, TT 192, ln. 436, 458 |
| <i>hk3-hwt</i> , «Governador do domínio (real ?)» | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 63 |
| <i>Tryw n nb t3wy</i> , «Guardiães do senhor das Duas Terras | ? | Kheruef, TT 192, ln. 607 |
| <i>(iry-)rdwy n nb t3wy</i> , «Os que estão ao serviço do senhor das Duas Terras | ? | Kheruef, TT 192, ln. 608 |
| <i>sd3wt(y)-bit(y) m wsht n Gb</i> , «Tesoureiro do rei do Baixo Egito no tribunal de Geb | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 245 |
| <i>sd3wt(y) bit(y) smr-wr wr wrw</i> , «Tesoureiro do rei do Baixo Egito, (Amen-hotep III) e amigo único» | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 229 |
| <i>imy-r sd3wt n pr nsw</i> , «superintendente dos tesouros (da) casa do rei, | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 60 |
| <i>imy-r prwy ḥd nbw</i> , «superintendente da Dupla Casa da Prata e do Ouro» | Amen-hotep Huy | Ramose, TT 55, lns. 142, 194, |
| <i>imy-r pr-ḥd wr</i> , «Superintendente da Grande Casa do Ouro» | ? | Ramose, TT 55, ln. 254. |
| <i>sd3w(ty) bity</i> , «Chanceler do rei do Baixo Egito | Aper-El | Bubasteion I.1, ln. 1 |

Quadro V.4 – Administradores da Casa e do Património de Amen-hotep IV / Akhenaton

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|---|--|---|
| <i>Imy-r pr</i> , «Mordomo» | Meriré II, Ahmés Apy, Paatonemheb | Meriré II, TA 2, ln. Ahmés, TA 3, ln. Apy, TA 10, lns.; Paatonemheb, TA 24, |
| Mordomo de Akhenaton, em Heliópolis | May | May, TA 14, lns. |
| Mordomo da grande esposa real Nefertiti | Meriré II | Meriré II, TA 2, lns |
| <i>sd3wt(y) bity</i> , «Chanceler do rei do Baixo-Egito», | Parennefer, Ramose Ahmés, Meriré I, Pentu, Panehesy, Nakhtpaaton | Parennefer, TT 188/ TA 7, ln 8); Ramose, TT 55, ln. 38; Ahmés, TA 3, ln. 5; Meriré I, TA 4, ln. 73; Pentu, TA 5, ln. 2 Panehesy, TA6, ln.142 Nakhtpaaton, TA 12 ln. 1 |
| <i>imy-r ḥd nbw n nb t3wy</i> , «Superintendente da prata e do ouro do senhor das Duas Terras», | Tutu | Tutu, TA 8, ln. 71 |
| <i>imy-r pr- ḥd</i> , «Superintendente da Casa da Prata (tesouro)», | Huya, Meriré II | Huya, TA 1, ln. 7; Meriré II, TA 2, ln. 33 |

3.1.1. O *imy-r^c-pr*, «mordomo»

Etimologicamente, *imy-r^c pr* significa «o que está na boca da casa», aquele que resolve a maior parte dos seus problemas, o mordomo. O cargo remonta ao Império Antigo e, para além de ser desempenhado na Residência, podia igualmente sê-lo em outras instituições⁶⁸⁵, nos templos e ao serviço de oficiais superiores nas suas propriedades⁶⁸⁶. No Império Médio aparece um *imy-r pr wr*, «grande mordomo», que administra os domínios reais que abastecem o palácio de comida,⁶⁸⁷ mas não há notícia deste cargo nestes dois reinados.

3.1.1.1. O Mordomo Kheruef

O Quadro V.3 refere três mordomos no reinado de Amen-hotep III: Amen-hotep (Huy), Kheruef e Ramés. O conhecimento do primeiro limita-se à sua participação no banquete funerário do vizir Ramose. O mordomo Ramés que possuía o túmulo TA 11, em Amarna, é aí referido como general de Akhenaton e apenas se indica ter sido mordomo de seu pai.

No âmbito da nossa investigação, a grande figura é, pois, Kheruef que, de acordo com o Quadro V.3 se apresenta, por três vezes, como *imy-r pr hmt-nsw wrt Tiy*, «Mordomo da grande esposa real, Tié», sete como «mordomo» *tout court*, mas nunca como *imy-r n pr nsw*, «mordomo real»⁶⁸⁸. De acordo com o mesmo quadro, foi apenas *hrp-^ch nsw*, «administrador do Palácio», cargo que remonta ao Pré-Dinástico, e começou por designar o criado pessoal do rei⁶⁸⁹, cujos deveres passaram a ser exercidos pelo vizir na VI dinastia⁶⁹⁰.

⁶⁸⁵ PANTALACCI, Laure, «Balat, a frontier town and its archive», em GARCIA, Juan C. Moreno, *Ancient Egyptian administration*, p. 200.

⁶⁸⁶ GRAJETZKI, Wolfram, «Setting a new State», em GARCIA, Juan C. Moreno, *Ancient Egyptian administration*, p. 219; KATARY, Sally L.D., «The administration of institutional agriculture», *Ibidem*, p. 723.

⁶⁸⁷ Ver, respectivamente, GRAJETZKI, Wolfram, «Setting a new State», em GARCIA, Juan C. Moreno, *Ancient Egyptian administration*, pp. 240, 246 e WARD, William, *Index of Egyptian administration*...p. 22.

⁶⁸⁸ Em Mênfis, o cargo de mordomo pertenceu respectivamente a Amen-hotep /Huy e ao seu filho Ipy/ Apy que depois serviu Akhenaton. Ver MURNANE, William J. «The organization of Government under Amen-hotep III» em O'CONNOR, David, CLINE, Eric H. (Eds.), *Amen-hotep III. Perspectives on his reign*, p. 213.

Amen-hotep Surer (TT 48) exerceu o cargo em Karnak, LALOUETTE, Claire, Thèbes, p. 455. No palácio de Malkatta, o mordomo era Néferonpet, FLETCHER, Joann, *Le Roi-Soleil de l'Égypte*, p. 95.

⁶⁸⁹ Nesta acepção aparece gravado no túmulo de Sabef, um contemporâneo do Hórus Kaa, I dinastia. Ver ENGEL, Eva-Maria, «The organization of a nascent state. Egypt until the beginning of the 4th dynasty», em GARCIA, Juan C. Moreno, *Ancient Egyptian administration*, p. 30.

⁶⁹⁰ PAPAIZIAN, H., «Departments, treasuries, granaries and work centers», em GARCIA, Juan C. Moreno, *Ancient Egyptian administration*, p. 51.

O túmulo de Kheruef (TT 192) enfatiza o papel que desempenhou na preparação do primeiro e do terceiro jubileus do seu amo e as recompensas em ouro que dele obteve. Parece querer dar a ideia de ter sido responsável por tudo, o que não aconteceu. Na verdade, a organização e direcção da cerimónia do primeiro jubileu deveu-se, como era de esperar, ao vizir. Kheruef refere isso mesmo, *en passant*, limitando-se a declinar os títulos de *r-p^ct ḥ3ty-^c smr-w^c (ḥ3ty) s3b ḥ3ty ḥry-tp ḥb*, «senhor e membro da elite, amigo único, vizir, dignitário, “o da cortina”, o dirigente do festival»⁶⁹¹. Quanto à preparação do mesmo, exigiu uma aturada pesquisa e deveu-se a alguém que este mordomo esqueceu: Amen-hotep, filho de Hapu⁶⁹². Isto não tira a Kheruef o mérito como mestre-de-cerimónias: é ele quem conduz (*st3*) os cortesãos até junto do rei para receberem os seus presentes⁶⁹³ e depois até ao lugar da refeição cerimonial⁶⁹⁴. No terceiro jubileu cabe-lhe também apresentar ao rei os *mnw 3w wrw shkr pr.f*, «os grandes e importantes objectos (feitos de) electrum para decorar a sua casa»⁶⁹⁵, isto é, belos presentes em metais preciosos fabricados nas oficinas reais e guardados no Tesouro do Palácio. Na sua função de *imy-r sd3wt n pr nsw*, «Superintendente dos tesouros (da) casa do rei», Kheruef terá supervisionado o seu fabrico.

3.1.1.2. O Mordomo Huya

O túmulo de Huya (TA 1) que exerceu também funções no Palácio da Rainha-Mãe como *imy-r pr ḥd imy-r pr (m) ḥmt-nsw wrt Tiy imy-r pr (m) m(w)t nsw ḥmt-nsw wrt Tiy*, «Mordomo da Casa da Prata e Mordomo da Casa da Mãe do Rei, a grande esposa real Tié», permite documentar os labores próprios do seu cargo e visualizar a «Casa do Tesouro», as suas dependências e os trabalhadores que aí labutavam.

No registo inferior da cena da sua nomeação para o cargo de mordomo (fig. V.7) é mostrado num pátio rodeado por armazéns nos três lados⁶⁹⁶. Na extremidade superior esquerda parece encontrar-se um depósito de ferramentas e à direita, em posição simétrica, um armazém com o que talvez fossem fornos, bandejas para transporte de alimentos, tigelas

⁶⁹¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 472.

⁶⁹² FLETCHER, Joann, *Le Roi-Soleil de l'Égypte*, pp. 136-137.

⁶⁹³ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 437-438.

⁶⁹⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 438-439.

⁶⁹⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 559.

⁶⁹⁶ Isto e a diferença entre as janelas de aparição, leva-nos a pensar que a cena não decorre no palácio real, mas no de Tié, a «Casa do Encanto». Se Huya, de cujos antecedentes nada sabemos, já servia a rainha-mãe antes de ela visitar ou fixar-se em Akhetaton, esta cena de nomeação não deverá mesmo ter tido lugar, pelo menos na cidade.

e uma vasta colecção de ânforas de vinho. Huya encontra-se num edifício central, a «Sala do Tesouro», na companhia de dois escribas e outros funcionários não identificados. Parece registar em inventário um sumptuoso colar de ouro.

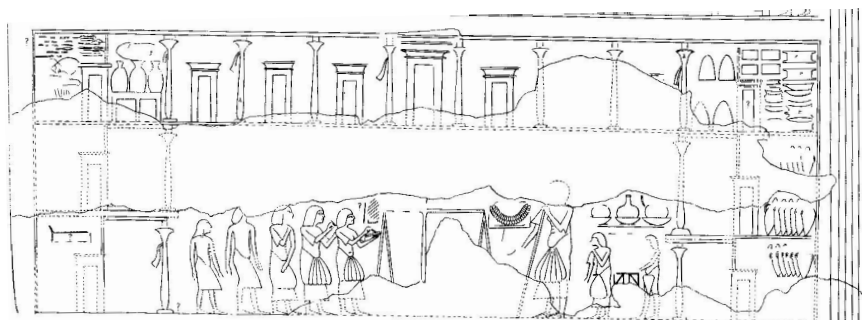


Fig. V.7 – Huya, acompanhado por dois escribas e vários funcionários subalternos na Casa do Tesouro da rainha Tié.

Também no registo inferior da cena da sua recompensa (fig. V.8) Huya é representado no exercício das atribuições. Está num armazém, no palácio da rainha, em companhia de um subalterno que transporta o cômado real debaixo do braço, e um empregado de categoria inferior tal como é patente pelas respectivas alturas.

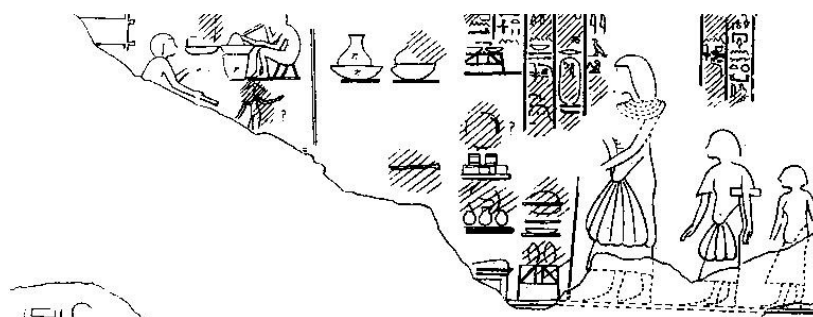


Fig. IV.8 – Huya, acompanhado por um escriba (?), um funcionário subalterno e trabalhadores.

O registo inferior informa-nos das razões da presença do mordomo Huya:

ḥsy n nb t3wy imy-r ipt nsw imy-r pr- ḥd imy-r pr (m) ḥmt-nsw wrt Tiy ḥwy3 ḏhn ḥmty ḥsy n nb t3wy imy-r ipt nsw imy-r pr- ḥd imy-r pr (m) ḥmt-nsw wrt Tiy ḥwy3 m3ꜥ-ḥrw

O favorito do senhor das Duas Terras, o intendente do harém real, o intendente da Casa da Prata, o mordomo da grande esposa real Tié, Huya (está) nomeando os artesãos. Pelo

favorito do senhor das Duas Terras, o intendente do harém real, o intendente da Casa da Prata, o mordomo da grande esposa real Tié, Huya, justificado.

Sobre a figura do escriba:

... *n ḥmt-nsw wrt Tiy sš pr i3m(t) Nḥtiw*
... da grande esposa real Tié, o escriba da «Casa do Encanto» Nakhtiu⁶⁹⁷.

Huya está, portanto, reunido com uma equipa de artesãos que foi destinada a trabalhar (em exclusividade?) para a rainha-mãe. Ainda mais abaixo está representada uma oficina destes mesmos artesãos em plena laboração. Distingue-se, na área mais à direita, uma pequena pintura (fig. V.9) que representa o *Imy-r s'nh ḥmt-nsw wrt Tiy Iwti-Iwti*, «chefe dos escultores da grande esposa real Tié, Iuti-Iuti»⁶⁹⁸.



Fig. V.9 – O escultor Iuti-Iuti, no acto de pintar uma estátua de Baketaton.

O artista está no seu estúdio de dois compartimentos e sustentado por colunas. Dá os últimos retoques numa estátua da princesa Baketaton. Sentado num banco, manuseia um fino pincel. Junto do mestre, um aprendiz contempla a obra com respeitosa atenção. Restos de pintura sugerem que uma outra figura ocuparia um lugar atrás de Iuti. Mais longe, outros escultores ocupam-se de diferentes trabalhos, um deles, com o enxó, dá forma à perna de uma cadeira, outro esculpe uma cabeça e, atrás dele, outros dois ocupam-se com outras actividades que o estado da pintura não deixa perceber.

⁶⁹⁷ Túmulo de Huya, TA 1, Ins. 77-80. O nome dentro da cartela foi apagado. Não foram encontradas outras referências à «Casa do Encanto», palácio da rainha-mãe.

⁶⁹⁸ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 81.

O registo inferior da fig. V.9 está muito deteriorado, nele estão representadas oficinas onde trabalham vários artistas. À esquerda, ourives ultimam vasos preciosos e colares. Na zona inferior expõem-se caixas de madeira em várias etapas de fabrico até receberem a imagem de um animal deitado. À direita um trabalhador esculpe uma coluna de madeira que antes fora, aparentemente, mergulhada num banho de gesso de modo a criar uma superfície adequada à pintura.

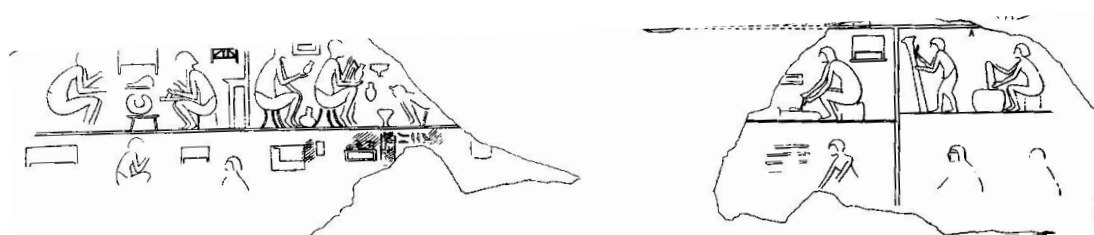

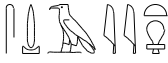



Fig. V.10 – Registo inferior da figura V.9, mostrando outros artesãos da Casa de Tié.

Todo este conjunto é, afinal, uma bela forma de homenagear a rainha-mãe como padroeira das artes em Amarna.

3.1.2. O *sd3wty*, «chanceler»

A palavra  *sd3w* significa «portador» do  *sd3yt*, «selo». Nesse sentido, refere-se a alguém que inspeciona e apõe um selo num documento, garantindo a sua fiabilidade ou que faz o controle de qualidade de uma peça. Assim, caberia ao *sd3wty-bit(y)* apor o selo real. Seria, portanto, o Chanceler. Este título pertence à segunda pessoa da hierarquia do Estado, caso dos Vizires Ramose, Aper-El e Nakhtpaaton. Encontramo-lo, porém, usado respectivamente por Kheruef, Parennefer, Ahmés, Meriré I, Pentu e Panehesy cujas funções foram mais modestas, mas não tanto que os possamos reduzir ao nível de um simples inspetor, como um *sd3wty-bit(y) n hnkyt*, «inspetor do linho»⁶⁹⁹.

Tendo em mente que o colectivo  *sd3wtyw* se traduz por «Tesoureiros», funcionários que trabalham sob a autoridade de um *imy-r sd3wty*, «tesoureiro

⁶⁹⁹ WARD, William, *Index of Egyptian administrative and religious titles of the Middle Kingdom*, p. 172.

chefe», é lógico pensar que cada um dos oficiais que referimos manejava meios de pagamento. Assim, de acordo com Miroslav Barta, o *sd3wty-bity*, que traduzimos por «Chanceler», seria também o responsável pelo aprovisionamento, armazenamento e distribuição dos produtos destinados ao rei e à sua casa⁷⁰⁰. Assumia a direcção dos *šn^cw*, que constituíam uma parte do «Tesouro do Palácio». Isto está de acordo com o título *sd3wty bit(y) smr-w^c*, «Tesoureiro do rei do Baixo Egipto (Amen-hotep III) e amigo único» usado por Kheruef, mas que remonta, pelo menos, ao Império Médio⁷⁰¹. Esta indeterminação pode ser levantada recordando que, enquanto superintendente de todos os actos de inspecção e tesouraria, pertence efectivamente ao Vizir examinar os relatórios desses mesmos actos e apor-lhes o selo real.

Outro interessante problema surge na tradução de mais um dos títulos de Kheruef: *sd3wt(y)-bit(y) m wsht n Gb*, «tesoureiro do rei do Baixo Egipto, no tribunal de Geb»⁷⁰². Se se refere a um tribunal, é lícito pensar que o ilustre mordomo tem à sua guarda o respectivo selo⁷⁰³ e nada impede de admitir que estivesse encarregado das suas despesas de funcionamento.

Quanto aos *sd3wt(yw)-bit(y)* de Akhenaton que não exerceram o vizirato, Meriré I é o *wr m3w n p3 Itn m pr Itn m 3ht-Itn*, «Grande dos Videntes de Aton na Casa de Aton, em Akhetaton», portanto, sumo-sacerdote, guarda supremo do selo do templo e seu gestor⁷⁰⁴. Panehesy⁷⁰⁵ e Pentu⁷⁰⁶ estão igualmente ligados ao templo de Aton.

Ahmés, por seu lado, pode efectivamente ter ocupado o cargo de chanceler ou tesoureiro real uma vez que, para além de usar o título de *sd3wty-bity*, afirma ter sido *iry rdwy n nb t3wy*, «o que presta serviço junto do senhor das Duas Terras»⁷⁰⁷.

⁷⁰⁰ Barta, Miroslav, «Kings, viziers and courtiers» em GARCIA, Juan C. Moreno, *Ancient Egyptian administration*, p. 157.

⁷⁰¹ WARD, William, *Index of Egyptian administrative and religious titles of the Middle Kingdom*, p. 179.

⁷⁰² Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 245.

⁷⁰³ Geb presidiu ao tribunal divino que julgou a disputa entre Hórus e Set, a respeito da sucessão no trono do Egipto, acabando por decidir a favor do filho de Osiris. Ver SALES, José das Candeias, *As divindades egípcias*, p. 118.


⁷⁰⁴ Túmulo de Meriré I, TA 4, ln. 7.

⁷⁰⁵ No seu cargo de *b3k-tpy n Itn*, «Chefe dos sacerdotes de Aton», Túmulo de Panehesy, TA 6, ln. 142.

⁷⁰⁶ No seu cargo de *b3k-tpy n Itn m hwt n Itn m 3ht-Itn*, «Primeiro Sacerdote de Aton no “Domínio de Aton” em Akhetaton», Túmulo de Pentu, TA 5, ln. 4.

⁷⁰⁷ Túmulo de Ahmés, TA 3, ln. 5.

3.2. Funcionários dos aposentos privados

O termo  *ipt* pode traduzir-se por «aposentos privados, casa das mulheres, harém», o que introduz mais uma indeterminação, já que se refere a realidades muito diferentes, como vimos no Capítulo II. Deste contexto faz parte tudo o que é necessário ao rei e à sua família, no domínio da higiene, vestuário, comida e bebida, repouso e divertimento. Isto movimenta um grande número de oficiais e servidores no apoio e organização desses aposentos.

A informação constante das nossas fontes está discriminada nos Quadros V.5-V.6.

Quadro V.5 – Funcionários dos aposentos privados. Casa de Amen-hotep III

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|--|---------|--------------------------|
| <i>imy-hnt</i> , «camareiro da corte» | ? | Kheruef, TT 192, ln. 435 |
| <i>šndyt nbt hr st hr.f</i> , «Todos os saíotes estão debaixo da sua supervisão». Intendente do guarda-roupa (real). | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 230 |

Quadro V.6 – Funcionários dos aposentos privados. Casa de Akhenaton

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|--|--------------|--|
| <i>imy-r ipwt nsw</i> , «Superintendente dos aposentos privados do rei» | Meriré II | Meriré II, TA 2, ln.18 |
| <i>imy-hnt</i> , «Camareiro da corte» | Pentu, Tutu | Pentu, TA 5, ln. 5 Tutu, TA 8, ln. 4 |
| <i>imy-r ipt nsw</i> , «Superintendente do harém real» | Huya | Huya, TA 1, ln. 20 |
| <i>wb3 nsw w^cb-^cwy</i> , «Copeiro-real, de mãos puras» | Parennefer | Parennefer, TT 188, ln.3 TA 7, ln. 10 |
| <i>wr swnw</i> , «Chefe dos médicos» | Pentu (TA 5) | Pentu, TA 5, ln.5 |

À cabeça dos apartamentos reais, encontramos um *imy-r ipwt nsw*, «Superintendente dos aposentos privados do rei», que é Meriré II, em Amarna. Em ambas as listas existe um lugar de *imy-hnt*, «Camareiro da corte», ocupado, no reinado do *Aton Radiante*, por alguém cujo nome nos é desconhecido, mas que, no tempo de seu filho, pertenceu a Pentu e Tutu. Nenhum deles é mostrado no exercício desta actividade que, envolvendo a câmara do rei, se traduziria, por exemplo, na entrega do vestuário do dia, ao acordar. A guarda e cuidado desse mesmo vestuário estavam cometidos a um «superintendente de

todos os saíotes» que, no reinado de Amen-hotep III, era Kheruef. Neste tempo, o cargo de mordomo do harém de Malkatta estava entregue a Userhet (TT47)⁷⁰⁸.

3.3. Funcionários da interface entre o Rei e outras pessoas e grupos

O desenvolvimento do presente trabalho mostrou que as relações entre o faraó, o seu povo e outros povos, eram reguladas por um conjunto de funcionários que aqui classificaremos em:

- Funcionários do protocolo
- Funcionários dos serviços de documentação
- Correios e comunicações, embaixadores

De acordo com a iconografia que analisámos no Capítulo II, a interacção entre o rei e outrém, servidores ou embaixadores de países estrangeiros, envolvia determinados procedimentos que variavam de acordo com a ocasião. Competia aos altos funcionários da Casa Real o conhecimento e aplicação das regras protocolares: quem era admitido e por que ordem e como se deveria comportar na presença do rei. Coube ao inevitável Kheruef, organizar a apresentação dos oficiais que desfilaram diante do trono, nos jubileus de Amen-hotep III⁷⁰⁹; coube, por ventura, a Tutu levar ao rei as mensagens dos que vieram de longe entregar os seus tributos, no ano 12 de Akhenaton⁷¹⁰. O Quadro V. 7, por nós elaborado a partir da documentação traduzida, refere nomes de funcionários dos serviços de protocolo⁷¹¹:

Quadro V.7 – Funcionários do protocolo da Casa de Akhenaton.

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|---|----------------|-------------------------------|
| <i>nb nmtt m-s3 nb t3wy</i> , «Chefe do protocolo do senhor das Duas Terras» | May | May (TA 14) |
| «o que anuncia os embaixadores» | Tutu | Tutu (TA 8, Ins. 336, 355) |
| <i>imy-r rwyt n nb t3wy</i> , «Intendente da porta do senhor das Duas Terras» | Ahmés Pentu | Ahmés (TA 3); Pentu (TA 5) |

⁷⁰⁸ KOZLOFF, Arielle P., *Amen-hotep III. Egypt's radiant pharaoh*, p. 155; PORTER, Bertha and Moss, Rosalind, *The Theban Necropolis. Part one: Private tombs*, p. 87

⁷⁰⁹ Título de Kheruef, TT 192, p. 435.

⁷¹⁰ Pode ser um dos funcionários que humildemente se aproximam do pavilhão real na PL. XXXVII.

⁷¹¹ Para além de Kheruef, as nossas fontes não referem outros funcionários do protocolo de Amen-hotep III.

Na sala de audiência ocorrem actos, consultam-se documentos e são tomadas deliberações que devem ser transcritas, publicadas ou enviadas para outros destinos. Isto implica serviços de registo e arquivo que pertencem ao mundo dos escribas (Quadros V.8-9).

Quadro V.8 – Funcionários dos serviços de documentação de Amen-hotep III

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|---|------------|--------------------------|
| <i>imy-r sšw</i> , «Superintendente dos documentos» | Ramose | Ramose, TT 55, ln. 186 |
| <i>hrp-hrpw</i> , «Director dos directores» | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 285 |
| <i>sš-nsw</i> , «Escriba real» | Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 60 |
| <i>sš-nsw m3ʿ</i> , «Verdadeiro escriba real» | Amen-hotep | Ramose, TT 55, ln. 142 |

Quadro V.9 – Funcionários dos serviços de documentação de Amen-hotep IV /Akhenaton

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|--|--------|---|
| <i>imy-r wḏwt nbt n nb t3wy</i> , «Superintendente de todos os decretos do senhor das Duas Terras» | Tutu | Tutu (TA 8, ln. 58) |
| <i>sš-nsw</i> , «Escriba real» | Vários | Meriré II (TA 2, ln. 18); Pentu (TA 5, ln. 3); Apy (TA 10, ln. 15); Ramés (TA 11, ln. 17); Paatonemheb (TA 24, ln. 3) |
| <i>sš-nsw m3ʿ</i> , «Verdadeiro escriba real», | Vários | Ahmés (TA 3, ln. 10); May (TA 14, ln. 34) Any (TA 23, ln. 1) ; Ay (TA 25, ln. 11) |

Não deixa de ser curioso que Tutu exerça as funções de *imy-r wḏwt nbt n nb t3wy*, «superintendente de todos os decretos do senhor das Duas Terras»⁷¹², quando, em princípio, a tarefa de *imy-r sšw*, «superintendente dos documentos», deveria pertencer ao vizir Nakhtpaaton, tal como pertencera a Ramose.

Se é certo que constituía um motivo de honra para alguém ser *sš-nsw*, «escriba real», há, certamente, uma diferença entre este cargo e o de *sš-nsw m3ʿ*, «verdadeiro escriba real». Ao tempo a que se reporta este trabalho, é um cargo, ou título, usado por Amenhotep-Huy, meio-irmão do vizir Ramose e por quatro funcionários akhenatonianos: Ahmés, May, Any e

⁷¹² O termo *wḏ*, está ligado à ideia de «ordem, despacho, decreto, inscrição».

Ay⁷¹³. O título continuou a ser usado no Período Ramsséssida por figuras como Any, de que possuímos um belíssimo *Livro dos Mortos*⁷¹⁴ e pelo recentemente descoberto escriba Khonsu que, no seu túmulo de El-Kokha (Lucsor), usa o título ainda mais esplendoroso de «Verdadeiro escriba real de renome»⁷¹⁵. Não tendo encontrado na bibliografia consultada qualquer informação sobre os *sšw-nsw m3ʕw*, optou-se por fazer a comparação entre as suas referências profissionais.

No que se refere aos funcionários de Amen-hotep III e de Akhenaton, todos eles, à excepção de Ay, têm em comum o facto de serem *imyw-r pr*, «Mordomos». May exerceu este cargo em «Pacifcando Aton», talvez um palácio, e os outros na nas cidades de Mênfis (Amenhotep-Huy), de Heliópolis (May), e, provavelmente em Akhetaton (Ahmés e Any). May, Any e Ay desempenharam cargos sacerdotais, Ay como simples *it-ntr*, os outros dois com postos bem mais elevados: May é *imy-r k3w n pr Rʕ m Twnw*, «Superintendente do gado da Casa de Ré, em Heliópolis» e Any *sš-ḥ3wt m pr ʕ3 ḥprw-Rʕ*, «Escriba da mesa de oferendas, na Casa de Aakhperuré (Amen-hotep II)» isto é, no seu templo funerário. No Período Ramsséssida, Any exerceu um cargo paralelo nos templos de Osiris e de Amon. Há portanto uma ressonância sacerdotal no *sš-nsw m3ʕ*.

No seu capítulo sobre o escriba, A. Rocatti⁷¹⁶ refere-se à permeabilidade entre as funções de escriba e o sacerdócio, nomeadamente ao nível de sacerdote-leitor *hry-ḥbt* ligado ao ritual e dotado do conhecimento das *mdw-ntr*, «as palavras divinas» e portanto da escrita hieroglífica que as traduzia. O primeiro sacerdote leitor do rei, personagem im-portante, poderia ser o *sš-nsw m3ʕ*, uma vez que conhecia a «verdade» expressa nas palavras e grafemas dos deuses. No entanto, nenhum dos referidos funcionários se diz explicitamente «sacerdote-leitor». Ocupam, outrossim, postos administrativos nos templos, que se coadunavam perfeitamente com o «simples» conhecimento da escrita hierática.

No seu túmulo (TA 11), Ramés apresenta-se como *sš-nsw imy-r mšʕw n nb t3wy imy-r pr n pr Nb-m3ʕt-Rʕ Rʕms*, «escriba real, general do senhor das Duas Terras e mordomo da

⁷¹³ Túmulos de Ahmés, TA 3, ln. 10; May, TA 14, ln. 34; Any, TA 23, ln. 1; Ay, TA 25, ln. 11.

⁷¹⁴ SELEEM, Ramsés, *The Egyptian Book of Life*, p. 259.




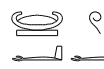

⁷¹⁵ O seu túmulo foi descoberto pela Equipa de Arqueologia da Universidade de Waseda, dirigida por Jiro Kondo e objecto de um comunicado oficial em 3 de Fevereiro de 2017. Julga-se datar do Período Ramsséssida. Ver <http://english.ahram.org.eg/News/257292.aspx>, de 03-02-2017.

⁷¹⁶ ROCATTI, Alessandro, «O escriba», DONADONI, Sérgio (dir.), *O Homem Egípcio*, p. 63.

casa de Nebmaetré (Amen-hotep III), Ramés»⁷¹⁷. Isto não o impediu de declarar, numa oração a Aton e ao seu régio filho: *(i)nk sr n ir r ḥk3 di.f n.i kṛst nfṛt sm3-t3 m (r-)st3w smt*, «Eu sou um oficial da feitura do soberano (Akhenaton), que ele me conceda um belo funeral e ser enterrado na necrópole do deserto⁷¹⁸». Trata-se, afinal, de mais um dos antigos funcionários de Amen-hotep III que se converteu ao Atonismo. De acordo com D. Laboury, o seu nome de nascimento seria Ptahmés, «o deus Ptah engendrou-o»⁷¹⁹. O compromisso atoniano foi devidamente apreciado e o novo Ramés presenteado com uma casa em Amarna e um túmulo (TA 11) como compete a alguém «da feitura de Akhenaton»⁷²⁰.

3.3.1. Arautos, correios e embaixadores

O serviço de difusão está a cargo daqueles que repetem, *whm*, as palavras do rei, os *whmw*, «araautos». De acordo com os Quadros V. 10-11, constituem um grupo específico de funcionários e assim estão representados no cortejo funerário do vizir Ramose. Também são mencionados nos túmulos de Amarna, embora o termo que os designa seja apenas *r*, «boca».

A acção diplomática de Amen-hotep III foi muito mais importante que a de seu filho. Escreveu a todos os reis da vizinhança próxima do Egipto. Esta  *wpwt*, «missão», está a cargo do  *wpwti*, «enviado especial», que vai  *wh*, «explicar», numa corte estrangeira a mensagem do seu senhor e depois  *wh*, «regressar a casa». Mas, para que seja compreendido, ele é ou está acompanhado por um  *whw*, «intérprete», como Hane, vide Quadro V.10. Alguns destes funcionários estão nomeados nas EA, *Cartas de Amarna*⁷²¹ e em biografias do rei⁷²².

⁷¹⁷ Túmulo de Ramés, TA 11, ln.17. Para Sue Moseley, isto constitui uma prova de que este rei teria visitado a cidade e, portanto, houvera uma corregência. Akhenaton teria sido coroado no ano 12 e das festividades faria parte a cerimónia de entrega dos tributos que está representa nos túmulos de Huya e de Meriré II. Ver MOSELEY, Sue, *Amarna. The missing evidence*, p. 70.

⁷¹⁸ Túmulo de Ramés, TA 11, ln. 7.

⁷¹⁹ LABOURY, Dmitri, *Akhenaton*, p. 206.

⁷²⁰ Casa P 47.19.

⁷²¹ MORAN, William L. (Ed. e trad.), *The Amarna Letters*, Baltimore, London: The John Hopkins University Press, 1992.

⁷²² MURNANE, William J. «The organization of Government under Amen-hotep III» em O'CONNOR, David, CLINE, Eric H. (Eds.), *Amen-hotep III. Perspectives on his reign*, p. 199; FLETCHER, Joann, *Le Roi-Soleil de l'Égypte*, p. 150.

Quadro V.10 – Arautos, correios e embaixadores. Reinado de Amen-hotep III

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto ou obra de referência |
|--|----------------|--|
| <i>whm tpy nsw</i> , «Primeiro arauto do rei» | ? | Ramose, TT 55, ln. 254 |
| <i>whm nw 2 n nb t3wy</i> , «Segundo arauto do senhor das Duas Terras» | ? | Ramose, TT 55, ln. 255 |
| «Mensageiro real em todos os países estrangeiros» | Amenemheb/Mahu | MURNANE, <i>The org. of gov. under Amen-hotep III</i> , p. 199 |
| «Mensageiro real em todos os países estrangeiros» | Didu | MURNANE, <i>The org. of gov. under Amen-hotep III</i> , p. 199 |
| <i>wpwti</i> , «Mensageiro» | Senu | FLETCHER, <i>Amenhotep III</i> , p. 150 |
| <i>wpwti</i> , «Mensageiro» | May | EA 62:26 |
| <i>wpwti</i> , «Mensageiro» | Mané | EA 19:17 |
| <i>wpwti</i> , «Mensageiro» | Haamassi | EA 11:9 |
| <i>whꜥ</i> , «Intérprete» | Hane | EA 21:25 |

Munidos de salvo-condutos e levando presa ao pescoço a carta do rei, que a memória podia ser fraca, estes homens jornadaavam longo tempo no cumprimento da sua missão. Por vezes, Sua Majestade enviava escaravelhos de faiança e, no verso desta imagem do Sol nascente, anunciava o seu casamento⁷²³, narrava as suas proezas cinegéticas⁷²⁴ ou a escavação de um lago⁷²⁵. Sabe-se que também Amen-hotep IV anunciou, embora seca e sucintamente, a existência da Grande Esposa Real, num escaravelho encontrado em Sedeinga (Núbia)⁷²⁶. Fundamentalmente ocupado com a reforma religiosa, o rei parece ter descuidado muito as relações internacionais. As nossas fontes limitam-se a registar dois arautos embora, houvesse certamente outros enviados reais cujo nome não chegou até nós.

Quadro V.11 – Arautos, correios e embaixadores. Casa de Amen-hotep IV /Akhenaton

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|--|-------|-------------------------|
| <i>r t3wy</i> , «boca (arauto) das Duas Terras» | Ahmés | Ahmés (TA 3); |
| <i>r hry n t3 r dr r.f.</i> , «o primeiro arauto da terra inteira é a sua bocas» | Tutu | Tutu (TA 8) |

⁷²³ FLETCHER, Joann, *Le Roi-Soleil de l'Égypte*, pp. 70-73.

⁷²⁴ *Ibidem*, p. 39.

⁷²⁵ MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period*, p. 20.

⁷²⁶ *Ibidem*, p. 41.

3.4. Funcionalismo civil

O funcionalismo civil constituiu a ossatura administrativa do Antigo Egito, englobando um conjunto de cargos que iam do governador de uma cidade ou um distrito, a vários chanceleres locais, superintendentes e escribas. As nossas fontes fazem referência a alguns funcionários civis dos dois reinados que neste trabalho classificámos em:

- Funcionários ligados às obras públicas
- Vice-reis e autarcas
- Funcionários de funcionários

3.4. 1. Funcionários ligados às obras públicas

Amen-hotep III foi um grande construtor, deixando a sua marca não só no templo de Amon, em Karnak, mas também nos templos de Soleb e Sedeinga, que edificou na Núbia. No campo das construções civis, sabe-se que mandou erguer um sumptuoso palácio em Malkatta e até escavar um lago, como presente à sua esposa Tié⁷²⁷. Tais empresas requereram uma grande massa de trabalhadores, fornecidos por um exército em tempo de paz, bem comandado por gestores experientes, e um esmerado serviço de intendência, bem dentro das capacidades dos *šsw-nsu*. O Quadro V.12 refere-se a alguns deles, de acordo como os informes patentes na nossa documentação.

Quadro V.12 – Executores de obras públicas. Casa de Amen-hotep III

| Funcionários | Nome | Referência ou Túmulo e linha de texto |
|---|--|--|
| <i>imy-r k3wt nbt nt nsu</i> , «Superintendente de todos os trabalhos do rei», | Hapuseneb, Menkhperreseneb Ptahmés, Sumo-sacerdote de Amon e Vizires do Sul | |
| <i>imy-r k3wt nbt nt nsu</i> , «Superintendente de todos os trabalhos do rei», | Ptahmés, Sumo-sacerdote de Amon Vizir do Sul | Estela 88 do Museu de Lyon |
| <i>imy-r k3tw m mnw wrw</i> , «Superintendente dos trabalhos nos grandes monumentos», | Ramose, Vizir | Ramose, TT 55, ln. 186 |
| <i>imy-r k3wt nbt nt nsu</i> , «Superintendente de todos os trabalhos do rei», <i>šs-nfrw</i> , «Escriba dos recrutas» | Amen-hotep, filho de Hapu | Estátua do Museu de Karnak, descoberta por A. Mariette |
| Intendentes dos trabalhos de Amon, Arquitectos | Suti e Hor | Estela do British Museum |

⁷²⁷ De acordo com um escaravelho de faiança com a data de «Ano 11, terceiro mês da estação de *akhet*, dia 1». Ver KOZLOFF, Arielle P., *Amenhotep III. Egypt's radiant pharaoh*, p. 108

Quatro destes funcionários são vizires, Hapuseneb, Menkhperreseneb, Ptahmés e Ramose. É normal, por isso, que superintendam os trabalhos públicos, mas não é normal que três sejam simultaneamente sumos-sacerdotes de Amon e que mesmo Ramose estivesse, pela sua família, ligado à casa do deus⁷²⁸.

Quadro V.13 – Executores das obras públicas. Casa de Akhenaton.

| Funcionários | Nome | Referência ou Túmulo e linha de texto |
|--|---------------------|---|
| <i>imy-r kꜥtw m mnw wrw</i> , «Superintendente dos trabalhos nos grandes monumentos», | Ramose | Ramose, TT 55, ln. 186 |
| <i>imy-r k3wt nbt nt nsw m Pr-Itm</i> , «Superintendente de todos os trabalhos do rei, na Casa de Aton», | Parennefer, | Parennefer, TT 188, ln 12 |
| <i>imy-r hmt nbt nt nsw</i> «Superintendente de todas as artes do rei», | Parennefer, | Parennefer, TT 188, ln. 9 |
| <i>imy-r k3wt nbt n hm.f.</i> «Superintendente de todos os trabalhos de Sua Majestade», | Tutu | Tutu, TA 8, ln. 45 |
| <i>imy-r k3wt n 3ht-Itm</i> «Superintendente dos trabalhos de Akhetaton» | Paatonemheb | Paatonemheb, TA 24, ln. 4 |
| Escultores | Men e seu filho Bak | Relevo da pedreira de Assuão. MURNANE, W, <i>TAPE</i> , p.128 |
| Escultor | Tutmés | Casa P 47.2 KEMP, Barry , <i>The city of Akhenaten...</i> , pp. 165-166 |
| Escultor | Iuti-Iuti | Túmulo de Huy, TA 1, ln. 81 |
| Construtor Chefe | Manakhtef | Moldura da porta da sua casa, em Amarna MURNANE, W, <i>TAPE</i> , p.141 |
| Construtor | Hatiay | Lintel da sua casa, em Amarna MURNANE, W, <i>TAPE</i> , p.130 |
| <i>imy-r k3wt P3h3 m3ꜥ-hrw</i> , «intendente dos trabalhos» | Pakha | Estela votiva do túmulo de Any. Any, TA 23, ln. 23 |
| <i>sn.f ... mꜥy</i> , «seu irmão (ou parente) (Ptah)may». | (Ptah)may». | Any, TA 23, fig. 8 |

Por razões muito diferentes, também Amen-hotep IV se socorreu do clero amoniano. O sumo-sacerdote, May, e o mordomo do «Domínio de Amon» foram enviados ao Uadi Hammamat, à cabeça de uma expedição destinada «a recolher pedra *bekhen* para uma estátua do Senhor – vida, prosperidade, saúde»⁷²⁹. Como a inscrição se refere ao ano 4, presumível ano do jubileu anômalo do rei, esta ausência de May foi, no mínimo, oportuna.

As concepções religiosas do novo monarca implicaram novos templos no recinto de Karnak, importantes obras de Heliópolis a Soleb e, principalmente, a edificação de uma

⁷²⁸ De acordo com os textos do seu túmulo, TT 55, Neby, o pai, era *imy-r iḥw n Imn imy-r šnwty n Imn m t3-mhw*, «Superintendente dos rebanhos de Amon, superintendente do duplo celeiro de Amon no Baixo Egito».

⁷²⁹ Inscrição e graffiti de Uadi Hammamat. Ver MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, p. 68.

nova cidade. Tudo isto mobilizou imensos recursos, obtidos através de impostos lançados sobre os templos de outras divindades⁷³⁰, de tributos dos países submetidos e, uma vez mais, da espoliação do campesinato indígena. Não foi suficiente; há edificações referidas na *Estela da Fundação* que parecem nunca ter visto a luz do dia⁷³¹.

No período proto-amarniano, as obras estão sob a supervisão do vizir Ramose⁷³². Contemporâneas são as estranhas estátuas⁷³³ e as não menos estranhas figuras da autoria do escultor Bak. Como *imy-r ḥmt nbt nt nsw*, «Superintendente de todas as artes do rei» e de *imy-r k3wt nbt nt nsw m Pr-Itn*, «Superintendente de todos os trabalhos do rei, na Casa de Aton», Parennefer terá igualmente coordenado o programa de construções em Tebas, uma vez que estes títulos aparecem já no seu túmulo tebano (TT 188)⁷³⁴. Na nova cidade, de acordo com o seu túmulo TA 7, Parennefer é apenas *wb3 nsw w3b-ḥwy*, «copeiro-real de mãos puras»⁷³⁵.

Em Amarna, constata-se uma diferenciação de títulos:

- *imy-r k3wt n 3ḥt-Itn* «Superintendente dos trabalhos de Akhetaton», usado por Paatonemheb⁷³⁶.
- *imy-r k3wt nbt n ḥm.f*, «Superintendente de todos os trabalhos de Sua Majestade», pertencente a Tutu⁷³⁷.

O túmulo do primeiro funcionário (TA 24) está demasiado incompleto, mas o de Tutu (TA 8) também não nos elucida a respeito do seu papel nas obras públicas. Limita-se a uma referência generalista: *(p3) ḥk3 iri mnw n it.f whm.f st*, «(Ó) soberano que faz monumentos para (o seu pai) – e os fazes de novo»⁷³⁸. Desconhece-se qual a diferença, ou se a havia, entre os dois títulos. Aparentemente, Paatonemheb trabalharia na cidade em locais variegados e Tutu exerceria uma tutela mais vasta, abrangendo a cidade e o resto do país.

⁷³⁰ TRAUNECKER, C., «Amenhotep IV, percepteur royal du Disque», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, p. 146; MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period*, pp. 34-35.

⁷³¹ Caso do túmulo do touro Meruer.

⁷³² Tal como vimos no Capítulo II, § 5.2.1.

⁷³³ MANNICHE, Lise, *The Akhenaten colossi of Karnak*, Cairo: The University of Cairo Press, 2010.

⁷³⁴ Túmulo tebano de Parennefer, TT 188, ln. 12.

⁷³⁵ Túmulo de Parennefer, TA 7, ln. 10.

⁷³⁶ Paatonemheb, TA 24, ln. 4.

⁷³⁷ Tutu, TA 8, ln. 45.

⁷³⁸ Tutu, TA 8, ln. 292.

3.4.2. Vice-reis e governadores

A delegação de funções do poder central é realizada com base na nomeação de governadores locais, responsáveis perante o vizir, e que devem ser simultaneamente honrados e vigiados, de modo a evitar veleidades de independência que o Primeiro Período Intermediário ensinou a evitar.

A Núbia era uma colónia importante pelo seu ouro mas sujeita a súbitas revoltas que exigiam uma presença militar forte. Desde que o rei Ahmés aí reestabeleceu o poder do Egito, a núbia foi entregue a um governador, Ahmés Turé⁷³⁹. Nos reinados de Amenhotep III e de seu filho, esse governador era designado por «Filho real de Kush».

Os nomes destes vice-reis e governadores estão discriminados nos quadros V. 14-15, elaborados de acordo com o nosso *corpus* documental.

Quadro V.14 – Vice-reis e governadores da Casa de Amen-hotep III

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|--|-------------------------|--------------------------|
| <i>sp r-pʿt šmʿw tʿ-mḥw</i> , «Administrador do Alto e do Baixo Egito» | Ramose (TT 55) | Ramose, TT 55, ln. 95 |
| <i>imy-r niwt</i> , «Governador da cidade (de Tebas)» | Ramose | Ramose, TT 55, ln. 65 |
| <i>s3-nsw n Kš</i> , «Filho real de Kuch | Merymose | Ramose, TT 55, ln. 263 |
| <i>wrw ḥ3st nbt</i> , «chefes de todas as terras» | Príncipes estrangeiros? | Kheruef, TT 192, ln. 454 |

Quadro V.15 – Vice-reis e autarcas da Casa de Amen-hotep IV /Akhenaton.

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|--|-------------------------------|---|
| <i>imy-r niwt</i> , «Governador da cidade (de Tebas)» | Ramose | Ramose, TT 55, ln. 65 |
| <i>s3-nsw n Kš imy-r ḥ3swt rsywt</i> , «Filho real de Kuch e Superintendente dos Países Estrangeiros do Sul, | Tutmés | Estela de Buhen MURNANE, W., <i>TAPE</i> , p.101 |
| <i>im(y)-r w</i> , «Governador de distrito» | Tutu (TA 8, ln. 7), | Tutu (TA 8, ln. 7), |
| <i>ḥ3t m 3ḥt-Itn</i> , «Governador de Akhetaton», | Neferkheperu(ré)-her-sekheper | Neferkheperu(ré)-her-sekheper, TA 13, ln. 4 |

O título de *imy-r niwt*, «governador da cidade (de Tebas)», pertence por direito ao vizir. Assim acontece com Ramose⁷⁴⁰ e deveria acontecer com o vizir Nakhtpaaton que curiosamente não tem este título. Cabe a Neferkheperu(ré)-her-sekheper que, ao que sabe-

⁷³⁹ LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 129. BARBOTIN, Christophe, *Âhmosis et le début de la XVIIIe dynastie*, p. 86

⁷⁴⁰ Título de Ramose, TT 55, ln. 18.

mos, não ocupou o vizirato, usar o título paralelo de *ḥ3t m 3ḥt-Itm*, que à letra significa «Chefe de Akhetaton» e que traduzimos por «Governador de Akhetaton»⁷⁴¹.

Em ambos os quadros figura o vice-rei da Núbia, responsável por uma região que, embora episodicamente fosse sujeita a alguma turbulência, não deixava, por isso, de estar firmemente submetida ao Egito.

3.4.3. Funcionários de funcionários

São os servidores dos grandes oficiais. Esta gente humilde é conhecida em túmulos como o de Ramose, em cujo cortejo fúnebre estão dignamente representados, enquanto membros da sua casa.

Quadro V.16 – Funcionalismo e trabalhadores particulares do vizir Ramose. Fim do reinado de Amen-hotep III e primeiros anos de Amen-hotep IV/ Akhenaton

| Funcionários | Nome | Túmulo e linha de texto |
|--|---|--|
| <i>sḏm-ḥ n 3t(y) Rḥms</i> , «Servidor do vizir Ramose» | Heskebtah Tjatnefer, filho de Mutuy Pehemefer Hesybakenef | Ramose, TT 55, ln. 257 Ramose, TT 55, ln. 258, 261 Ramose, TT 55, ln. 261 |
| <i>sš imy-r mnmnt</i> , «Escriba e intendente do gado» | Tutmés | Ramose, TT 55, ln. 256. |
| <i>Mniw 3pdw</i> , «Guardador de aves» | Mahu | Ramose, TT 55, ln. 264. |
| <i>ḥḥkw</i> , «Barbeiro» | Kenemsau Amenem | Ramose, TT 55, lns. 262 Ramose, TT 55, lns. 263 |

O túmulo, TA 23, pertence ao mordomo Any, que era *sš-ḥ3wt m pr 3 ḥprw-Rḥ*, «escriba da mesa de oferendas, na casa de Aakhperuré (Amen-hotep II)»⁷⁴². Fora de tudo o que é hábito, Any é o assunto principal e Akhenaton o grande ausente. Nas paredes e em placas votivas estão igualmente nomeados os seus servos (Quadro V.17):

Quadro V.17 – Funcionários do mordomo Any representados no seu túmulo, TA 23

| Funcionários | Nome | Túmulo e linha de texto |
|---|----------|-------------------------|
| <i>sš</i> , «escriba» | Nebuauiy | Any, TA 23, ln. 25. |
| <i>k3d3ny</i> , «cocheiro». | Tjay | Any, TA 23, fig. 7 |
| <i>sḏm-ḥ ḥpšw n sš-nsw 3ny</i> , « servo e braço (direito) do escriba real Any» | Meriré | Any, TA 23, ln.5 |
| <i>sḏm-ḥ</i> , «servo» do escriba real». | Anymen | Any, TA 23, ln. 28. |
| <i>sḏm-ḥ</i> , «servo». | Ay | Any, TA 23, fig. 9 |

⁷⁴¹ Túmulo de Neferkheperu(ré)-her-sekheper, TA 13, ln. 4.

⁷⁴² Túmulo de Any, TA 23, ln. 1.

3.5. Funcionalismo militar e policial

Tendo Tutmés IV assegurado uma paz favorável ao Egipto na Síria-Palestina, o seu sucessor lidou apenas com uma rebelião em Kuch, no ano 5, a que facilmente pôs termo e de onde regressou em triunfo⁷⁴³. Não há notícias de outras acções bélicas, nem sequer de um passeio militar à Síria que teria sido útil, face ao ressurgimento do poder Hitita. As nossas fontes são muito escassas, relativamente às forças armadas de terra e mar⁷⁴⁴ e esses poucos nomes (Quadro V.18) referem-se a militares em fim de carreira e a pessoas da intimidade ou da família do rei.

Quadro V.18 – Funcionalismo militar da Casa de Amen-hotep III.

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto ou obra de referência |
|---|---------------------------|---|
| <i>imy-r ssmwt n nb t3wy</i> «Intendente dos cavalos do senhor das Duas Terras» | Maya, sogro de Ramose | TT 55, ln. 84-87. |
| <i>imy-r ssmwt nb(w) n hm.f</i> , «Intendente de todos os cavalos de Sua Majestade» | Yuia, sogro do rei | KV 46 LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 438 |
| <i>sš nfrw</i> , «Escriba dos recrutas». Director de todos os escribas do exército | Horemheb | TT 78 FLETCHER, <i>Amen-hotep III</i> , p. 107 LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 462-463 |
| <i>hry-pdt</i> , «comandante de divisão» | Amenemheb/Mahu | TT 85 MURNANE, <i>The org. of gov. under Amen-hotep III</i> , p. 199 |
| <i>sš nfrw</i> , «Escriba dos recrutas» | Amen-hotep, filho de Hapu | Ramose, TT 55 |
| <i>sš nfrw</i> , «Escriba dos recrutas» | Amen-hotep/Huy | Estátua descoberta em Mênfis Ramose, TT 55 |
| <i>sš n mšc n nb t3wy</i> , «Escriba do exército do senhor das Duas Terras» | Sekhed, pai de Kheruef | TT 192, ln. 268 |
| <i>imy-r pdtyw</i> , «Chefe dos arqueiros», Intendente dos países do Norte | Khaemuaset | Estátua proveniente de Bubastis LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 436 |
| Comandante de «O que aparece em verdade», navio almirante | Nebenkemt | FLETCHER, <i>Amen-hotep III</i> , p. 107 |
| <i>bt(y) sryt</i> Porta-estandarte do navio almirante | Sise | TT 75 MURNANE, <i>The org. of gov. under Amen-hotep III</i> , p. 199 FLETCHER, <i>Amen-hotep III</i> , p. 107 |
| <i>ts-pdwt</i> , «Comandante de companhia» Mensageiro real em todos os países estrangeiros <i>hry Mšd3w n W3st</i> , «Chefe dos Medjau (da Polícia) de Tebas», | Didu | MURNANE, <i>The org. of gov. under Amen-hotep III</i> , p. 199 |

⁷⁴³ Estela de Semneh e 3º pilone de Karnak. LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, pp. 422-423.

⁷⁴⁴ Ou antes rio, dado que a grande esquadra egípcia operava pmaioritariamente no Nilo. Assegurava, nomeadamente, o transporte de tropas para a Núbia.

| | | |
|---|---------|--|
| Porta-estandarte do navio “Amado de Amon” Chefe da Polícia, em Tebas ocidental | Nebamon | TT 90 FLETCHER, <i>Amen-hotep III</i> , p. 107 LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 462-463 |
| Chefe da polícia, em Tebas oriental | Turi | MURNANE, <i>The org. of gov. under Amen-hotep III</i> , p. 199 |

O posto de *imy-r ssmwt nb(w) n hm.f*, «Intendente de todos os cavalos de Sua Majestade», pertenceu a dois importantes personagens: May, sogro do vizir Ramose, e Yuia, sogro do próprio rei.⁷⁴⁵ Se o primeiro ocupou funções militares desde o reinado de Tutmés IV, é difícil, em nossa opinião, ver o posto de Yuia, antigo sumo-sacerdote de Min, como sendo mais do que honorífico.

O quadro mostra ainda que alguns destes militares conseguiram uma boa reforma em verdadeiras sinecuras: o Clero para Amen-hotep /Huy e Horemheb e a Polícia para Nebamon, Didu e Turi. O policiamento da cidade era assegurado por um corpo especial de polícia constituído por elementos provenientes de uma antiga e aguerrida tribo núbia, os Medjau, que irão desempenhar o mesmo papel na futura Akhetaton⁷⁴⁶.

No que diz respeito à Casa de Amen-hotep IV/Akhenaton, a presença de soldados em Akhetaton está arqueologicamente provada. Foram descobertos aquartelamentos e estábulos no centro da cidade e mesmo no palácio real⁷⁴⁷. Nos túmulos de Meriré I (TA 4) e de Mahu (TA 9), esses soldados, em passo de corrida, acompanham o «percurso solar» de Akhenaton entre o «Palácio da Margem Norte», a «Casa de Aton em Akhetaton» e o «Grande Palácio», passando, e talvez detendo-se, no «Palácio da Rainha». Todo este aparato militar seria, talvez, destinado a proteger o soberano e a família real de uma agressão exterior, proveniente de nómadas do deserto, em busca de pilhagem, uma vez que não está provada a existência de qualquer veleidade de revolta por parte dos habitantes da cidade. Uma cena do túmulo de Mahu⁷⁴⁸ mostra que estes «filhos de um deus menor» tinham mais tendência para fugir do que para se revoltar.

No Quadro V.19, procuramos discriminar o funcionalismo militar e policial contemporâneo de Akhenaton, conforme o levantamento e tratamento de fontes por nós efectuados:

⁷⁴⁵ Kozloff, Arielle P., *Amenhotep III. Egypt's radiant Pharaoh*, p. 104.

⁷⁴⁶ Este corpo de polícias era chefiado por Mahu. Túmulo de Mahu, TA 9, ln. 3.

⁷⁴⁷ LABOURY, Dmitri, *Akhenaton*, pp. 253, 249. Um desses regimentos tem mesmo o nome do rei e Suty é o seu porta-estandarte.

⁷⁴⁸ Mahu, TA 9, Pl. XXVI.

Quadro V.19 – Funcionalismo militar e policial da Casa de Amen-hotep IV /Akhenaton

| Funcionários | Nome | Túmulo e linha de texto |
|--|--------------------|---|
| <i>imy-r mšꜥw nb t3wy</i> , «General do senhor das Duas Terras», | Paatonemheb May | Paatonemheb (TA 24, ln. 2); May (TA 14, ln. 34) |
| <i>imy-r ssmwt nb(w) n hm.f</i> , «Superintendente de todos os cavalos de Sua Majestade» | Ay | Ay (TA 25, ln. 14) |
| <i>imy-r ssmwt nb(w) n hm.f</i> , «Superintendente de todos os cavalos de Sua Majestade» | Huy | Bubasteion I.1 |
| <i>ḳt(y) sryt n p3 s3 Nfr-hprw-Rꜥ Wꜥ-n-Rꜥ</i> , «Porta-estandarte do regimento Nefer-kheperuê-Uaenré | Suty | Suty (TA 15, ln. 7) |
| <i>sš nfrw</i> , «Escriba dos recrutas», | May | May (TA 14, ln. 71) |
| <i>hry Mꜥd3w n 3ht-Itm</i> , «Chefe dos Medjau (da Polícia) de Akhetaton», | Mahu | Mahu (TA 9, ln. 3) |
| <i>imy-r pdtw</i> , «Chefe dos arqueiros» <i>imy-r ssmwt</i> «Mestre dos cavalos» Copeiro-real | Nekhuempaaton | Lintel da sua casa em Amarna e fragmento da sua casa ou do seu túmulo MURNANE, W., <i>TAPE</i> , p.168 |

Está documentada a existência de três homens, ocupando o posto de *imy-r ssmwt nb(w) n hm.f*, «superintendente de todos os cavalos de Sua Majestade, comandante dos carros de combate»: Huy, filho do vizir Aper-El, Ay e Nekhuempaaton. O primeiro parece ter falecido no ano 10 do reinado de Akhenaton e foi sepultado no túmulo de seu pai (Bubasteion I.1) enquanto o «pai-divino» Ay recebeu um túmulo na cidade, o TA 25, e veio posteriormente a tornar-se rei do Egito. Quanto a Nekhuempaaton, a sua casa amarniana mostra-o adorando as cartelas reais, nada acrescentando em termos biográficos.

Coube a Paatonemheb (TA 24), a Ptahmés /Ramés (TA 11)⁷⁴⁹ e May (TA 14) a patente de *imy-r mšꜥw*, «general». May era igualmente *sš nfrw*, «escriba dos recrutas»⁷⁵⁰ mas o seu cargo de *nb nmtt m-s3 nb t3wy*, «Chefe do protocolo do senhor das Duas Terras»⁷⁵¹, mostra que seria principalmente um cortesão. Continuando a tradição de Amen-hotep III mantém-se a sobreposição de cargos militares e clericais e o próprio May é exemplo disto, enquanto *imy-r k3w n pr Rꜥ m Twnw*, «Superintendente do gado da Casa de Ré, em Heliópolis»⁷⁵². Há igualmente referência a um *ḳt(y) sryt n p3 s3 Nfr-hprw-Rꜥ Wꜥ-n-*

⁷⁴⁹ A sua casa (P 47.19) foi descoberta no centro da cidade de Akhetaton.

⁷⁵⁰ Túmulo de May, TA 14, ln. 71.

⁷⁵¹ Túmulo de May, TA 14, ln. 105.

⁷⁵² Túmulo de May, TA 14, ln. 72.

R^c, «porta-estandarte do regimento Neferkheperué Uaenré», que é Suty (TA 15). O comando dos Medjau foi concedido a Mahu, TA 9. A sua biografia é muito limitada, não sabemos de onde veio e se resistiu ou não à queda de Akhetaton.

3.6. Funcionalismo religioso

Os templos egípcios eram fundamentalmente moradas dos *netjeru*. Estas potências condescendiam em animar as preciosas imagens que lhes eram próprias e habitar uma sala recôndita, isolada e purificada, onde eram lavados, vestidos e alimentados de corpo e espírito com as comidas, bebidas e os hinos dos homens. Seres extra-humanos e misteriosos, deles se esperava que ajudassem o Egito. Essa aliança era cuidadosamente mantida por funcionários especialmente treinados nas subtilezas da teologia e do ritual, mas também na administração dos bens de que o *netjer* dispunha, fruto da generosidade do rei e de alguns funcionários superiores. Não sendo lugar de piedade, o templo, como a residência dos grandes, podia ser um local de poder, de enriquecimento ou, como vimos, uma sinecura para velhos oficiais na reforma. No tempo de Amen-hotep III, Amon-Ré tornara-se o principal *netjer* do Egito, *Imn-R^c nb nswt t3wy*, «Amon-Ré, senhor dos tronos das Duas Terras», e era mesmo o verdadeiro pai do rei, no sentido biológico do termo.

O túmulo do vizir Ramose (TT 55), nomeadamente a representação do seu cortejo fúnebre, permite-nos conhecer os altos sacerdotes e administradores do templo de Amon e que procuramos sintetizar no Quadro V.20.


Quadro V.20 – Funcionalismo religioso. Casa de Amon

| Funcionários | Nome | Túmulo e linha de texto ou obra de referência |
|---|---|---|
| <i>hm-ntr tpy (n Imn)</i> , «Sumo-sacerdote (de Amon)» | Bakenkhonsu Meriptah Vizir Ptahmés? | ARAÚJO, <i>O clero do deus Amon</i> , p. 58 Ramose, TT 55, ln. 226 |
| <i>hm-ntr nw 2 n Imn</i> «Segundo sacerdote de Amon» <i>hm-ntr nw 3 n Imn</i> «Terceiro sacerdote de Amon» <i>hm-ntr nw 4 n Imn</i> «Quarto sacerdote de Amon» | Aanen Amememipet? Siamon, | Ramose, TT 55, ln. 227 |
| <i>hm-ntr nw 2 n Imn</i> | Amonemipet, «Lugar-tenente de Kuch», | LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 497 |

| | | |
|---|------------------------------|--|
| <i>hry-ḥbt</i> , «Sacerdote-leitor» <i>hryw-ḥbt ṣṣw</i> , «Sacerdotes-leitores ordinários» <i>hry-ḥbt smr</i> , «Sacerdote-leitor <i>semer</i> » <i>hry-ḥbt sm smr</i> , «Sacerdotes-leitor, sacerdotes <i>sem</i> e <i>semer</i> » <i>hry-ḥbt n r^c-nb</i> , «Sacerdote-leitor diário» | Hesen(amon) | Ramose, TT 55, lns. 200, 202, 217, 280 Ramose, TT 55, lns. 213 Ramose, TT 55, lns. 215 Ramose, TT 55, lns. 219 Ramose, TT 55, lns. 269 |
| <i>hr(y).ḥbthr(y)-tp</i> , «Chefe dos sacerdotes-leitores» | ? | Kheruef, TT 192, ln. 479 |
| <i>iwt-ntr</i> , «Pais divinos de Amon » | ? | Kheruef, TT 192, ln. 570, 573, 674 |
| <i>wrt ḥnrt nt Imn-R^c</i> , «Grande concubina de Amon-Ré» | ? | Kheruef, TT 192, ln. 489 |
| <i>šm^cyt nt Imn</i> , «Cantora de Amon», | Ruiu, mãe de Kheruef | Kheruef, TT 192, ln. 293, 489, 500 |
| <i>šm^cyt nt Imn</i> , «Cantora de Amon... | May | Ramose, TT 55, ln. 46, 123, 147, 198 |
| <i>šm^cyt nt Imn</i> , «Cantora (de Amon) | Henut-neferet, Princesa real | Kheruef, TT 192, ln. 499 |
| <i>šm^cyt nt Imn</i> , «Cantora de Amon», | Meryt-Ptah | Ramose, TT 55, lns. 144-145. |
| <i>imy-r ḥmw-ntr šm³w t³-mḥw</i> , «Chefe dos sacerdotes do Alto e do Baixo Egito» | Ramose | Ramose, TT 55, ln. 91 |
| <i>sšm m ḥb hr n ntrw nbw m Inb-ḥd</i> , «guia do festival de todos os deuses no nomo de Mênfis» | Amen-hotep | Ramose, TT 55, ln. 143 |
| <i>sšb m wpwt iwnwt</i> , «Juiz encarregado do inventário dos bens dos deuses de Heliópolis, | Ramose | Ramose , TT 55, ln. 2 |
| <i>imy-r nw n rsw Imn</i> , «Intendente dos guardas de Amon, | Kechy | Ramose, TT 55, ln. 89 |
| <i>imy-r iḥw n Imn imy-r šnwty n Imn m t³-mḥw</i> , «Superintendente dos rebanhos de Amon, superintendente do duplo celeiro de Amon no Baixo Egito» | Neby | Ramose, TT 55, lns. 127-128, 160 |
| <i>imy-r m ḥmt nsw wrt n pr Imn</i> , «Superintendente da grande esposa real, no Domínio de Amon, | Kheruef | Kheruef , TT 192, ln. 224, 242 |

Como se percebe, estão representados no cortejo praticamente todas as categorias sacerdotais: *hemu-netjer*, «sacerdotes», sacerdotes especialistas como os *hry-ḥbtw*, «sacerdotes-leitores», sacerdotes *sem* (funerários) e simples *iwt-ntr*, «pais-divinos».

Numerosas damas, como a esposa de Ramose e a mãe de Kheruef, são *šm^cyt nt Imn*, «cantoras de Amon» e deve notar-se que uma delas, Henut-neferet, é a própria filha de

Amen-hotep III. Uma desconhecida ostenta o título de  ⁷⁵³ *wrt ḥnrt nt*

⁷⁵³ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 489.

Imn-R, «grande concubina de Amon-Ré», que faz dela uma reclusa do misterioso *Harém de Amon-Ré*, em Lucsor⁷⁵⁴.

O domínio, *oikos*, de Amon está representado por um *imy-r iḥw n Imn imy-r šnwty n Imn m t3-mḥw*, «Superintendente dos rebanhos de Amon e superintendente do duplo celeiro de Amon no Baixo Egito», cargo exercido pelo pai de Ramose. É itambém referido um representante da rainha Tié no domínio de Amon, Kheruef, que certamente velaria pelo registo das oferendas a fazer ao deus e pela administração de alguns proventos que a rainha auferisse. O Templo possuía guardas próprios e um dos seus superiores, Kechy, é igualmente um familiar de Ramose.

No Quadro V.21 referimos os títulos e os funcionários ligados a outros templos.

Quadro V.21 – Funcionalismo religioso. Outros templos

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto ou obra de referência |
|--|-----------------------------|--|
| Sumo-sacerdote de Ré, em Heliópolis Sacerdote sem em Hermonthis | Aanen | ARAÚJO, <i>O clero do deus Amon</i> , p. 58 LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 438 |
| <i>nsw-ḥkrw ḥsyṯ n 3st</i> , «Ornamento real e cantora de Ísis» (mãe de Kheruef) | Ruiu | Kheruef, TT 192, ln. 292 |
| <i>ḥrp ḥm(w)t wrt</i> , «Chefe dos mestres artesãos», Sumo-sacerdote de Ptah | ? | Kheruef, TT 192, ln. 593 |
| <i>b3k tpy n p3 Imn</i> , «Primeiro servidor de Aton» | Aper-El | Bubasteion I.1, |
| «Lugar-tenente de Kuch», Sacerdote (<i>b3k</i>) de Aton <i>ḥm-ntr nw 2 n Imn</i> | Amonemipet | LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 497 |
| Sacerdote de Nefertum | Hatiay, filho de Aper-El | Bubasteion I.1 |
| Escriba do duplo armazém, pertencente à Casa de Aton em Mênfis | Hatiay | Bubasteion I.27 LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 68 |

Encontramos Aanen, irmão da rainha Tié, ocupando o sumo-sacerdócio de Ptah em acumulação com o segundo sacerdócio de Amon-Ré. Pela primeira vez, temos notícia de uma Casa de Aton, respectivamente em Mênfis e no próprio templo de Amon em Karnak, uma vez que é exercido por um *ḥm-ntr nw 2 n Imn*. A primeira possuía mesmo um duplo celeiro. É interessante notar que o vizir Aper-El, criado junto de Amen-hotep III, exercia já um sumo-sacerdócio de Aton.

⁷⁵⁴ ARAÚJO, Luís M. de, *O Clero do deus Amon no Antigo Egito*, p. 188.

No que concerne a Amen-hotep IV, sabemos que os primeiros anos do seu reinado se caracterizaram pela coabitação de Aton com todos os deuses ancestrais do Egípto. Numa série de escaravinhos e selos, o rei aparece com os títulos de: «Amado de Tot e de Khonsu»⁷⁵⁵, «Escolhido por Amon»⁷⁵⁶ e «Amado de Ueret-hekau, senhora do céu»⁷⁵⁷. É de supor que os funcionários religiosos do tempo de seu pai tenham sido mantidos e os seus templos abertos, embora sujeitos a um imposto destinado à Casa de Aton.

O Quadro V.22 ilustra as escassíssimas notícias relativas aos sacerdotes de outros cultos que compulsámos a partir da nossa documentação.

Quadro V.22 – Funcionalismo religioso do tempo de Amen-hotep IV/ Akhenaton. Outros templos

| Funcionários | Nome | Obra de referência |
|--|------|--|
| <i>hm-ntr tpy n Imn</i> , «Sumo-sacerdote de Amon» | May | Estela de Uadi-Hamamat LALOUETTE, <i>Thèbes</i> , p. 68 |
| Mordomo de Mênfis Administração do templo de Ptah | Apy | Carta do ano 5 a Ámen-hotep IV MURNANE, W., <i>TAPE</i> , pp. 50-51 |

Embora o nome do sumo-sacerdote não seja mencionado, sabe-se que este lugar foi ocupado, pelo menos até ao ano 4, por May, quando, nos dizeres de uma estela comemorativa, chefiou uma, já referida, expedição ao Uadi Hammamat⁷⁵⁸. Não se lhe conhece qualquer referência posterior nem a localização do seu túmulo.

A carta de Apy é datada do ano 5, estação de *Peret*, terceiro mês, dia 19. No exercício das suas funções de mordomo, ele informava que tudo decorria normalmente no Palácio e no templo de «Ptah, a sul do seu muro», onde o deus recebia tudo aquilo que lhe era devido. Não se sabe se o rei tomou conhecimento destas belas notícias no ano em que se preparava para construir Akhetaton. Apy soube mudar atempadamente as suas opiniões religiosas e acompanhou o rei à nova cidade.

⁷⁵⁵ MURNANE, William, *Texts of Amarna Period in Egypt*, p. 42.

⁷⁵⁶ MURNANE, William, *Ibidem*, p. 42.

⁷⁵⁷ MURNANE, William, *Ibidem*, p. 43.

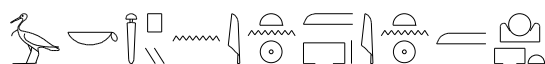
⁷⁵⁸ O texto completo é o seguinte: «Ano 4 do reinado, terceiro mês [da estação] de Akhet, dia 11, sob a majestade do rei do alto e do Baixo Egípto, Neferkheperuré Uaenré, filho de Ré, Amen-hotep (IV), quando foi designada uma tarefa ao sumo-sacerdote de Amon, Maia, para trazer pedra *bekhen* [para] a estátua do senhor – vida, prosperidade, saúde». Ver MURNANE, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, p. 68.

O Quadro V.23 que se segue, discrimina os principais funcionários religiosos de Aton em Akhetaton

Quadro V.23 – Funcionalismo religioso do tempo de Akhenaton, em Amarna

| Funcionários | Nome | Título e linha de texto |
|--|----------|-------------------------|
| <i>wr m3w n p3 Itn m pr-Itm m 3ht-Itm</i> «Grande dos Videntes de Aton, na Casa de Aton em Akhetaton», | Meriré I | Meriré I, TA 4, ln. 15 |
| <i>b3k-tpy n Itm m pr-Itm m 3ht-Itm</i> «Chefe dos sacerdotes de Aton na Casa de Aton em Akhetaton | Panehesy | Panehesy, TA 6, ln. 30 |
| <i>b3k-tpy n</i> , «Chefe dos sacerdotes de Aton», | Panehesy | Panehesy, TA 6, ln. 3 |
| <i>b3k tpy n p3 Itm</i> , «Primeiro servidor de Aton» | Aper-El | Aper-El, Bubasteion I.1 |
| <i>b3k-tp(y) n Itm m 3ht-Itm</i> , «Chefe dos servidores de Aton em Akhetaton,» | Tutu | Tutu, Ta 8, ln. 2 |
| <i>b3k-tpy n Itm m hwt n Itm m 3ht-It</i> , «Chefe dos servidores de Aton no “Domínio de Aton” em Akhetaton», | Pentu | Pentu, TA 5, ln. 4 |
| <i>b3k n nb t3wy Nfr-hprw-Rc Wc-n-Rc m pr-Itm</i> , «Sacerdote do senhor das Duas Neferkheperuré Uaenré, na Casa de Aton» | Panehesy | Panehesy, TA 7, ln. 150 |
| <i>hm-ntr nw 2 n nb t3wy Nfr-hprw-Rc Wc-n-Rc di nh</i> , «Segundo sacerdote do senhor das Duas Terras, Nefer-kheper-ruré Uaenré, dotado de vida» | Panehesy | Panehesy, TA 7, ln. 114 |

À semelhança dos seus antepassados, relativamente a outros deuses, Akhenaton foi sumo-sacerdote de Aton, papel que levou muito a sério. Na estela de Gebel es-Silsila, apresenta-se como:



b3k tpy n Itm m pr-Itm m 3ht,
«Primeiro servidor de Aton, na Casa de Aton (que está) no horizonte»⁷⁵⁹.

O termo *b3k* significa «servidor». A expressão *b3k im*, «eu próprio», é mesmo utilizada pelo subordinado que se dirige ao superior. No domínio da religião tradicional, o sacerdote considerava-se *hm-ntr*, «servo do deus», o sumo-sacerdote de Amon não passava

⁷⁵⁹ «Stela of Amen-hotep IV at Gebel Silsila», MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, pp. 29-30.

do primeiro dos seus servos, *ḥm-ntr tpy n Tmn*⁷⁶⁰. O termo *b3k tpy n Ttn* aplicado ao rei seria o equivalente atoniano de «sumo-sacerdote». No entanto, Meriré I, que superintende o culto em Amarna, usa, em vez deste, um título de ressonância heliopolitana:



wr m3w n p3 'Itn m pr 'Itn m 3ht-'Itn,
«Grande dos Videntes de Aton na Casa de Aton em Akhetaton».

Vamos encontrar esse mesmo título aplicado ao sacerdote Pauá, cuja casa foi encontrada em Amarna⁷⁶¹. Nela se faz uma oração:



n k3 n wr-m3w n p3'lt n m pr R^c P3w3h
 Pelo *ka* do «Grande dos Videntes de Aton na Casa de Ré», Pauá.

Note-se que Pauá exerce o seu cargo num templo, talvez localizado em Akhetaton, mas consagrado ao deus Ré. Panehesy, por sua vez, usa igualmente os títulos de *b3k tpy n 'Itn*, «sumo-sacerdote de Aton»⁷⁶² e de *b3k tpy n 'Itn n p3 'Itn m pr 'Itn m 3ht-'Itn*, «sumo-sacerdote de Aton, na Casa de Aton, em Akhetaton»⁷⁶³, que diferem do de Meriré I. Atendendo a que neste túmulo aparece a segunda fórmula canónica do nome de Aton, que vigorou a partir do ano 12, sendo, portanto, posterior ao de Panehesy onde só aparece a primeira fórmula (anos 5-11), cabe a este funcionário a honra de ter sido o primeiro sumo-sacerdote de Aton.

Paralelamente ao sacerdócio de Aton, parece desenvolver-se um sacerdócio real que pode remontar a Karnak, como parece indiciar um fragmento de estátua já referido anteriormente e onde Akhenaton é visto como um dos nomes/manifestações de Ré-Horakhti⁷⁶⁴. Em Amarna, o culto real parece estar organizado de um modo paralelo ao de Amon, tendo Panehesy ocupado os cargos de:

⁷⁶⁰ Era o título de May, o mesmo que, segundo o grafito de Wadi Hammamat, foi enviado, no ano 4, como chefe de uma expedição, destinada a trazer pedra para uma estátua de Amen-hotep IV. Ver MURNANE, William, *op. cit.*, p. 68.

⁷⁶¹ MURNANE, William, *Texts from the Amarna Period in Egypt*, p. 179.

⁷⁶² Panehesy, TA 6, lns. 3, 6

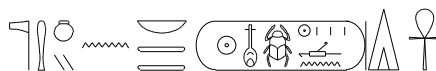
⁷⁶³ Panehesy, TA 6, ln. 30.

⁷⁶⁴ De acordo com um fragmento de estátua publicado por Legrain, e já referido no Cap. IV, §1.2, onde aparece a designação *3nh Hr ʕty hʕy m 3ht n rn.f m 3h-n-Itm*, «Viva Horakhti que rejubila no horizonte, no seu nome de Akhenaton». Ver SANDMAN, Maj. *Texts from the time of Akhenaten*, p. 162, ref. CLXXX.



b3k n nb t3wy m pr-Itn

Sacerdote do senhor das Duas Terras, na
Casa de Aton⁷⁶⁵



hm-ntr nw 2 n nb t3wy Nfr-hprw-Rc Wc-n-Rc di nh

Segundo sacerdote do senhor das Duas Terras,
Neferkheperuré-Uaenré, dotado de vida,⁷⁶⁶

Infelizmente, o nome do primeiro sacerdote não chegou até nós. Há, no entanto, referência a outros templos, através de nomes já conhecidos, como podemos verificar no Quadro V.24.

Quadro V.24 – Templos que se mantiveram no reinado de Akhenaton.

| Funcionários | Nome | Túmulo e linha de texto |
|--|------------|----------------------------|
| <i>imy-r hmw-ntr...</i> , «Superintendente dos sacerdotes de (?) » | Parennefer | Parennefer, TT 188, ln. 17 |
| <i>imy-r k3w n pr Rc m Twnw</i> , «Superintendente do gado da Casa de Ré, em Heliópolis», | May | May, TA 14, ln. 72 |
| <i>sš-h3wt n pr 3 hprw-Rc di nh</i> , «Escriba das oferendas de Aakhperuré (Amen-hotep II), dotado de vida » | Any | Any, TA 23, ln.1) |

4. Selecção do funcionalismo

A escolha dos funcionários régios cabia, como vimos, ao rei, em última instância. Este podia, pelo menos em princípio, revogá-la quando entendesse e só a força do seu poder era susceptível de evitar que, como acontecera no final do Império Antigo, o Egito acabasse por ser governado por dinastias hereditárias de burocratas⁷⁶⁷. Tais cargos exigiam uma elevada competência técnica: ler, escrever, contar, medir e calcular. Isto aprendia-se, inicialmente, em escolas cada vez mais especializadas e, depois, estagiando na equipa de um funcionário mais velho, por vezes, o próprio pai. O *cursus honorum* era faseado e os lugares de topo requeriam um grau de maturidade cimentado ao longo dos anos. Assim terá acontecido também na época amarniana.

⁷⁶⁵ Túmulo de Panhesy, TA 6, lns.157, 176.

⁷⁶⁶ Túmulo de Panhesy, TA 6, lns. 122, 144.

⁷⁶⁷ LALOUETTE, Claire, *Au royaume d'Égypte. Le temps des rois-dieux*, p. 150-155; WILKINSON, Toby, *The Rise and Fall of Ancient Egypt*, p. 112; GARCIA, Juan Carlos M., «The territorial administration of the kingdom in the 3rd millennium», em GARCIA, Juan Carlos M., (Ed.), *Ancient Egyptian Administration* pp. 148-151.

4.1. Os comportamentos

Paralelamente à competência técnica, exigia-se do funcionário o domínio de um conjunto de regras de comportamento que bebera na leitura dos livros de sabedoria e refinara no convívio dos superiores. Todo aquele, como Ramose, «entrava e saía em favor do palácio» (Quadro V.25) era alguém que conhecia o código de procedimentos que era próprio desse lugar.

Quadro V.25 – Regras de comportamento do funcionário, no palácio

| Comportamentos correctos no palácio | Funcionário (título, linha de texto) |
|---|--------------------------------------|
| <i>ʕḳ r ʕḥ pri hr ḥswt</i> , «Entra e sai em favor do palácio» | Ramose, TT 55, lns. 294-295 |
| ... <i>ḥrw.i m pr n nsw</i> , «(não levantei) a minha voz na casa do rei» | Tutu, TA 8, ln. 140 |
| <i>bw wsh.i m ʕḥ</i> , «não me armei em poderoso no palácio» | Tutu, TA 8, ln. 140 |
| <i>tmm r šw bin m snm ns</i> , «(sabendo manter a) boca fechada e abstendo-se de alimentar a má-língua» | Kheruef, TT 192, ln. 289 |

Era um código rígido: falar o mínimo possível e fazê-lo em voz baixa, abster-se de participar em intrigas e de qualquer fatuidade. Quem, à semelhança de Kheruef e de Ramose, chegasse a ser *ḥry sšt3 pt nsw*, «o que está nos segredos da casa do rei», deveria ser especialmente discreto porque tais segredos poderiam envolver gente altamente colocada, esposas reais, por exemplo.

Tal como os seus antepassados, Akhenaton deu, num primeiro momento, prioridade a antigos colaboradores de seu pai, como Kheruef, Ramose e Aper-El, aos seus servidores do tempo em que era príncipe, como Parennefer, ou àqueles que tão bem se tinham havido nos seus cargos que «o seu nome chegara ao palácio» como Ay.

Contudo, a competência demonstrada ao longo dos anos, acabou por se tornar condição necessária, embora não suficiente, para obter e conservar os altos cargos. Havia, agora, que ter em conta o modo como o funcionário reagia às preferências religiosas do soberano e aos ensinamentos que ele entendia por bem fornecer aos seus próximos, O

Quadro V.26 que elaborámos a partir do tratamento das nossas fontes, enumera as atitudes dos funcionários perante o ensino religioso ministrado por Akhenaton:

Quadro V.26 – Atitude do funcionário perante o ensino religioso do rei.

| Atitude do funcionário | Funcionário (título, linha de texto) |
|--|--------------------------------------|
| <i>sb3yt.f bitw.f m ht.i bn 3b...</i> , «O seu ensinamento e as suas boas qualidades estão dentro de mim, incessantemente...» | Tutu (TA 8, ln. 128) ; |
| <i>iri.i sb3yt.f nh.i m dw3 k3.f</i> , «eu pratico o seu ensinamento, vivo adorando o seu <i>ka</i> » | Ay (TA 25, ln. 117) |
| <i>šhntw.i nb.i iry sb3it.f iw.i hr sdm hrw.f iw bn 3b</i> , «Eu fui promovido pelo meu senhor pela (minha) obediência aos seus ensinamentos (pois) escutei a sua voz, sem cessar» | May (TA 14, ln. 40) |
| <i>di.f m3t n ht.i bwtw.i grg(w)</i> , «Ele transmitiu a <i>maet</i> ao meu corpo, (por isso) a minha abominação é a mentira». | Ay (TA 25, ln. 105) |

Quem, à semelhança de Ay, «queria seguir o serviço do rei⁷⁶⁸», deveria imitar fielmente o exemplo deste célebre «pai-divino»: Começar por «abandonar os erros (religiosos, em que tinha sido educado) em favor da *Maet*». Isto significava renunciar à religião tradicional, mormente ao culto de Amon, e aceitar o Atonismo, única religião verdadeira porque provinha do rei e este vivia de *Maet*. Ouvir, com a devoção que era devida, e praticar o ensinamento do rei. No fundo, isto não era novo. Já o vizir Ramose declarava que «havia feito o que era agradável ao rei do seu tempo e praticara a *maet* com os reis a quem servira⁷⁶⁹». De acordo com estes propósitos, não é de estranhar que se haja convertido ao Atonismo.

4.2. A formação

Esquecendo os longos anos de estudo necessários para alcançar o desejado grau de escriba, os funcionários amarnianos consideravam que o início da sua formação tivera lugar depois de receberem do rei a dádiva da vida, como procurámos sintetizar no Quadro V.27,

⁷⁶⁸ Ay, TA 25 ln. 303

⁷⁶⁹ Ramose, TT 55, lns. 35, 120.

através de frases significativas. Esta afirmação só pode ser aqui entendida no sentido religioso porque, à semelhança de Aton, o rei era pai e mãe do seu povo.

Quadro V.27 – Dádiva da vida, outorgada pelo rei ao seu funcionário

| Dádivas do rei | Funcionário (título, linha de texto) |
|---|--------------------------------------|
| <i>hk3 nfr kd.i irw.i shpr.i</i> , «bom soberano que modela a minha forma e me traz à existência» | Meriré I, TA 4, ln. 147 |
| <i>ink b3k shpr (n) nb t3wy m k3.f</i> , «Eu sou o servo que o senhor das Duas Terras trouxe à existência através do seu <i>ka</i> » | Tutu, TA 8, ln. 67 |
| <i>di.k wn.i šsp k3.f ntk b3k shpr n hm.f</i> , «Permite que eu receba (o poder do) seu <i>ka</i> , (pois) sou um servo que sua majestade trouxe à existência». | Ay, TA 25, ln. 17 |
| <i>p3 šw nḥ.i n ptr.f p3y.i k3 n r'-nb</i> , «Ó luz, à vista da qual eu vivo, meu alimento de todos os dias!» Meriré I (TA 4, ln. 148); | Meriré I, TA 4, ln. 148 |
| <i>i3w n.k p3y ntr kd(n).i</i> , «Louvores a ti, ó meu deus que me formaste | Panehesy, TA 6, ln. 53 |
| <i>p3 k3 nb t3wy mdi.f r nḥ</i> , «O <i>ka</i> do senhor das Duas Terras estará com ele para sempre» | Ay, TA 25, ln. 125 |
| <i>šhpr.n.f iw.i mḥ wn msw r phy.i im3ḥw m ḥtp</i> , «Ele criou-me desde que eu era uma criança até atingir o estado dos veneráveis» | Ahmés, TA 3, ln. 52 |
| <i>(i)nk sr n ir r hk3</i> , «Eu sou um oficial da feitura do soberano» | Ramés, TA 11, ln. 7 |
| <i>ntf ir.wi rr nḥ m M3't</i> , «ele é que fez de mim (um homem) de “ O que vive em Maet” | Tutu, TA 8, ln. 68 |

O *ka* real tinha, por exemplo, formado Panehesy, Tutu e Meriré I:

i3w n.k p3y ntr kd(n).i š3.n.i nfrw p3 shpr.i di.n.i k'w ir hrt.i m k3.f
 Louvores a ti, ó meu deus que me formaste e me destinaste o (que é) bom,
 o que me trouxe à existência, me deu comida e proporcionou os meus bens pelo seu *ka*⁷⁷⁰.

ink b3k shpr (n) nb t3wy m k3.f
 Eu sou o servo que o senhor das Duas Terras trouxe à existência através do seu *ka*⁷⁷¹.

hk3 nfr kd.i irw.i shpr.i di.n.f šbi.n.i srw
 Bom soberano que modela a minha forma e me traz à existência, que ordenou que eu fosse associado aos nobres⁷⁷².

⁷⁷⁰ Título de Panehesy, TA 6, lns. 53-54.

⁷⁷¹ Título de Tutu, TA 8, ln. 67.

⁷⁷² Título de Meriré I, TA 4, ln. 147.

O rei é a luz (solar) que lhes permite viver:

p3 šw ʿnh.i n ptr.f p3y.i k3 n rʿ-nb

Ó luz, à vista da qual eu vivo, meu alimento de todos os dias!⁷⁷³

À semelhança de um bom pai, Akhenaton educara Ramés, desde criança:

šhpr.n.f iw.i mh wn msw r phy.i im3hw m htp

Ele criou-me desde que eu era uma criança até atingir o estado dos veneráveis, em paz⁷⁷⁴.

Atendendo aos vocábulos utilizados nestes textos, vemos que, no acto criador, o rei recorre a duas potências: *Chu* e *Ka*. *Chu* é a designação da luz/energia, elemento divino que habita o Disco Solar, fonte de toda a vida⁷⁷⁵. Akhenaton, filho de Amen-hotep III, o «Aton resplandecente» e encarnado herdara o poder criador de seu pai, tal como herdara o trono de Egipto. *Ka* representa, como veremos no Capítulo V, o duplo energético que todo o homem recebe dos deuses, por exemplo do deus Khnum⁷⁷⁶. Com a força do seu *ka*, o rei cria um homem. A acção criativa do rei é descrita por dois verbos: *shpr*, «criar, trazer à existência, causar, provocar». Integra as narrativas de criação divina. É um verbo causativo, derivado de *hpr*, «acontecer, vir à existência, transformar, ser transformado, nascer, crescer»⁷⁷⁷. Pertence ao campo semântico de *hpry*, «menino», e de *hpri*, «Khépri», o deus Ré tal como é dado à luz por Nut, sua mãe. *Ḳd*, «construir», refere o trabalho do operário que constrói um muro, adobe a adobe. Na sua dimensão humana, o rei recorre à energia do *ka* para criar/realizar um projecto físico através da manipulação de todas as suas partes espirituais integrantes do seu escolhido. No presente contexto, *shpr* alude a uma transformação iniciática. Terá eventualmente existido algum ritual em que o postulante fosse simbolicamente morto e revivesse no âmbito da nova religião⁷⁷⁸ ou um outro em que uma imagem de Maet tocasse o seu corpo, tal como parece depreender-se das palavras de Ay: *di.f m3ʿt n ht.i*, «ele colocou, transmitiu a *maet* ao meu corpo»⁷⁷⁹.

⁷⁷³ Túmulo de Meriré I, TA 4, ln. 148.

⁷⁷⁴ Túmulo de Ahmés, TA 3, ln. 58.

⁷⁷⁵ Tal como se afirma na Primeira Fórmula Canónica do nome de Aton. O deus Chu era um dos deuses primordiais, gerado por Atum, juntamente com sua irmã Tefnut. Era um deus da luz ou «da atmosfera luminosa. Substituiu Ré no governo da Terra quando este, desgostado com a Humanidade, subiu para o céu. SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias*, pp. 108-111.

⁷⁷⁶ Tal como se vê, no templo de Deir el-Bahari, Khnum modelou, no seu torno de oleiro, o *ka* da rainha Hatchesput. Sobre Khnum, ver SALES, José das Candeias, *op. cit.*, pp. 292-300.

⁷⁷⁷ BONNAMY, Yvonne et SADEK, Ashraf, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, p. 576-577.

⁷⁷⁸ Tal como nos ritos de «Feitura de Cabeça» praticados no contexto das religiões afro-brasileiras.

⁷⁷⁹ Ay, TA 25, ln. 108.

Tendo verificado a fidelidade doutrinária do postulante, o rei experimenta um sentimento de afectividade por ele:

n sd3wty bity mri r nb.f hsy 3 n nb t3wy Mry-R m3c-hrw
o chanceler do rei do Baixo-Egipto, *amado pelo seu senhor*, o grande favorito do senhor das Duas Terras, Meriré justificado⁷⁸⁰.

No quadro seguinte referem-se as manifestações de apreço do rei pelos seus funcionários.

Quadro V.28 – Expressão do afecto paternal do rei pelo seu leal funcionário

| Expressão afectiva do rei pelo funcionário | Funcionário (título, linha de texto) |
|---|---|
| <i>mri nb t3wy</i> , «amado pelo senhor das Duas Terras» | Kheruef, TT 192, ln. 267; Parennefer TA 7, ln. 38 ; Ramose, TT 55, ln. 16; Ahmés, TA 3, ln. 10; Meriré I, TA 4, ln. 184; Pentu, TA 5, ln. 3; Panehesy, TA 7, ln. 129; Tutu, TA 8, ln. 287; Neferkheperu(ré)-her-sekheper, TA 13, lns. 3; May, TA 14, ln. 24; Any, TA 23, ln. 1; Ay (TA 25, ln. 161) |
| <i>mr r nb.f hsy n nb t3wy</i> , «preferido pelo seu senhor, favorecido pelo senhor das Duas Terras» | Meriré I (TA 4, ln. 166) |
| <i>wpt.k nty twk hr irs h3ty.i hri hr.s</i> , «(Quanto) à tua missão que tu executas, o meu coração está satisfeito com ela | Meriré I (TA 4, ln. 10) |

O amor do rei irá posteriormente traduzir-se na concessão de cargos, títulos e bens materiais, numa corrente ininterrupta que Ay designa por *p3y hhw n hpy hr hiiw m mnt*, «estes milhões de inundações que flúem diariamente»⁷⁸¹.

5. A Nomeação. Protocolo básico de um funcionário

Cada um destes funcionários exhibe orgulhosamente no seu título extensos protocolos constituídos, quase sempre, pelos cargos desempenhados, títulos honoríficos e um conjunto mais ou menos longo de epítetos que enfatizam o modo brilhante como decorreu a sua vida pessoal e profissional e, finalmente, pelo seu nome próprio e, por vezes, filiação. Vejamos um exemplo, colhido no título de May (TA 14):

⁷⁸⁰ Meriré I, TA 4, ln. 184.

⁷⁸¹ Ay, TA 25, ln. 121.

r-p^ct h3ty-^c sd3w bity smr-w^cty sš-nsw m3^c imy-r mš^cw n nb t3wy imy-r pr n sh^tp ltn M^cy
 Senhor e membro da elite, chanceler do rei do Baixo-Egipto, companheiro único, seu amado
 e verdadeiro escriba real, general do senhor das Duas Terras e mordomo de “Pacificando
 Aton”, May.⁷⁸²

Logo depois do seu nascimento, a criança possui um protocolo básico, constituído pelo seu nome e filiação, o qual pode livremente usar mesmo já adulto, como no exemplo seguinte:

Hrw.f ... s3 šs n mš^c n nb t3wy, Sikk, [...] šm^cyt nt Imn Rwiw,
 «Kheruef, filho do escriba do exército do senhor das Duas Terras, Sekhed, [...] e da cantora
 de Amon, Ruius»⁷⁸³.

Ao longo dos textos analisados no presente trabalho, o protocolo do funcionário aparece discriminado em vários contextos, como apresentamos sintetizadamente no quadro seguinte:

Quadro V.29 – Contextos de manifestação do protocolo de um funcionário

| Contextos | Nome (Título, linha de texto) |
|--------------------------------------|--|
| Cerimónias de nomeação e de promoção | Huya (TA 1, lns. 43-48); Meriré I (TA 4, ln. 36) |
| Outorga de recompensas | Huya (TA 1, ln. 68); Tutu I (TA 8, lns. 251-252) |
| Hinos aos deuses | Ahmés (TA 3, lns. 5-7); Panchesy (TA 6, lns. 51-52) |
| Discursos dirigidos ao rei | Huya (TA 1, ln. 77, lns. 93-94) |
| Em contexto funerário | Orações aos deuses, ex. Huya (TA 1, ln. 144) Orações ao rei solicitando: - Um funeral, Ahmés (TA 3, lns. 47-48); Ramés (TA 11, ln. 16) - Um túmulo, Meriré I (TA 4, ln. 53) - Oferendas de alimentos, Meriré II (TA 2, lns. 47-50); Ahmés (TA 3, ln. 16) |

⁷⁸² Túmulo de May, TA 14, ln. 34. O nome de May foi apagado.

⁷⁸³ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 268, 293.

5.1. O Nome

O nome constituía o primeiro bem do seu possuidor, porque recebido directamente de sua mãe⁷⁸⁴. Individualizando-o em vida, deveria permanecer impoluto na memória dos homens⁷⁸⁵, pronunciado quando parentes e amigos se reunissem no seu túmulo para libações e oferendas de alimentos, repetido por qualquer passante que cumprisse o piedoso dever de responder ao «apelo aos vivos»⁷⁸⁶.

Dividamos os túmulos estudados em várias classes, de acordo com o número de linhas de texto, N, e introduzamos o parâmetro α definido por:

$$\alpha = \frac{n}{N} \times 100\%$$

Seja n o número de vezes que o nome ocorre numa dada classe.

A fig. V.8 mostra a distribuição do nome, medida por α , nas várias classes de túmulos consideradas.

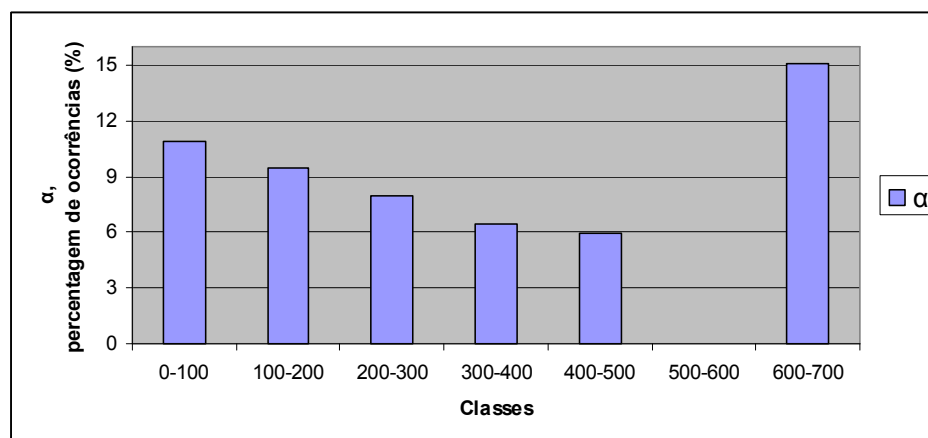


Fig. V.8 – Gráfico de barras, mostrando a distribuição do nome, expressa em percentagem, nas várias classes de túmulos definidas a partir do número total de linhas de texto que contém.


No conjunto total dos túmulos, α varia relativamente pouco, cerca de 3%, em textualidades até 300 linhas. Entre 300 e 500, diminui para cerca de 5%. O valor máximo, $\alpha=15\%$, ocorre no caso anômalo do túmulo de Kheruef, com 630 linhas de texto.

⁷⁸⁴ JANSSEN, Rosalind and Jacques, *Growing up and getting old in Ancient Egypt*, pp. 13-14.

⁷⁸⁵ Túmulos de Ramose, ln. 136; Huya, Ins. 127-131; Pentu, ln. 19; Tutu, Ins. 9, 83, 158, 437.

⁷⁸⁶ Túmulo de Pentu, ln. 25.

O apagamento do nome, remetendo o seu possuidor à não existência, podia ser decretado na sequência de um crime grave⁷⁸⁷ e assim parece ter acontecido ao funcionário May (TA 14)⁷⁸⁸, embora a sua falta nos seja hoje desconhecida.

Um outro exemplo pode ser visto na câmara do túmulo de Meriré I (TA 4), a base de uma coluna, em vez do nome de Meriré, ostenta o de , «Hatiaay», que seria o proprietário original. Efectivamente, em 1896, Georges Daressy encontrou em Sheik abd el-Qurna o túmulo de Hatiaay e de sua esposa Henut- Uedjebu⁷⁸⁹. O túmulo exhibe orações dirigidas ao panteão egípcio clássico.

Este funcionário ocupou os cargos «escriba, superintendente dos celeiros da casa de Aton»⁷⁹⁰, no tempo de Akhenaton, e o seu sarcófago está actualmente no museu do Cairo. Dele existe igualmente uma estela, no *Metropolitan Museum* de Nova Iorque.

O seu crime, se acaso o cometeu, é-nos igualmente desconhecido.

O túmulo de Kheruef exhibe extensas marcas de vandalismo: o nome do proprietário e, principalmente, a sua representação física apresentam-se brutalmente martelados. Considerando que foi íntimo de Amen-hotep III, cujos *hebu-sed* organizou, a destruição pode ter-se devido à sua ligação à religião antiga⁷⁹¹.

5.2. A família

O funcionário nasce no seio de uma família e se ela foi importante é com orgulho que declina os seus nomes, títulos e cargos. Assim fez Ramose, cuja árvore genealógica se mostra na fig. V.9.

⁷⁸⁷ Assim acontecerá ao próprio Akhenaton, depois da morte.

⁷⁸⁸ DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. V, p. 2, 6.

⁷⁸⁹ Ver o site <https://sites.google.com/site/historyofancientegypt/tomb-of-hatiaay-and-henut-wedjebu> de 25 de Agosto de 2016.

⁷⁹⁰ DAVIES, Norman de G., *RTEA*, vol. I, p. 16.

⁷⁹¹ Efectivamente, embora o jovem Amen-hotep IV esteja representado no seu túmulo, sozinho ou acompanhado por Tié, sua mãe, tudo se passa em contexto amoniano. Considerar que a vandalização do túmulo de Kheruef esteja ligada à sua persistência nesta religião é apenas uma hipótese baseada no facto da última morada do seu contemporâneo Ramose, que aceitou o Atonismo, ter escapado indemne.

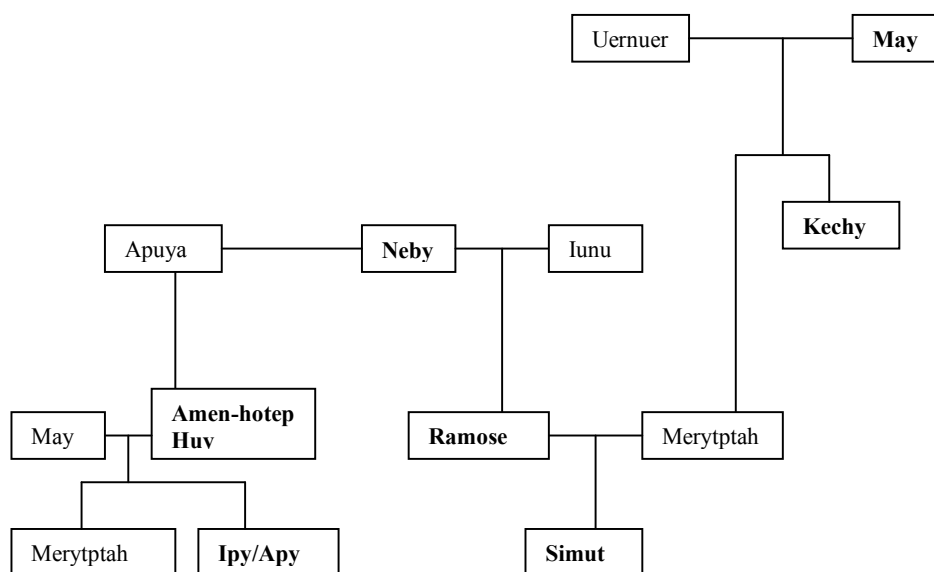


Fig. V. 9 – A família do vizir Ramose. Os elementos masculinos estão designados a *bold*.

Era filho de Neby e da sua segunda esposa Iunu. Da primeira, Apuya, Neby houvera um filho mais velho, Amen-hotep/Huy. Este desposou May e foi pai de Meryptah e de Ipy/Apy que lhe veio a suceder nos seus cargos⁷⁹². Ramose veio a desposar Meryptah, filha de May e de Uernuer e irmã de Kechy⁷⁹³. Para além do sacerdote Simut⁷⁹⁴, não se conhecem outros descendentes do vizir Ramose. No Quadro V.30, referem-se os cargos desempenhados pelos membros desta família ilustre, segundo as informações colhidas no nosso *corpus*.

⁷⁹² LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, pp. 454-455.

⁷⁹³ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 89. Ver MURNANE, William, «The organization of Government under Amen-hotep III» em O'CONNOR, David; CLINE, Eric H. (Eds.), *Amen-hotep III. Perspectives on his reign*, pp. 204-205.

⁷⁹⁴ Dele se conhece o fragmento de uma estela em calcário que integra uma coleção privada, americana. No ano 30 de Amen-hotep III era segundo-sacerdote de Amon e assim está representado no templo de Soleb. Ver KOZLOFF, Arielle P., *Amenhotep III. Egypt's radiant pharaoh*, pp. 152, 243.

Quadro V.30 – Os familiares do vizir Ramose, tal como aparecem nas cenas do seu banquete funerário, TT 55, lns. 83- 198

| Cargo | Nome | Título e linha de texto |
|---|-----------------|--|
| <i>imy-r iḥw n 'Imn imy-r šnwty n 'Imn m t3-mḥw</i> , «Superintendente dos rebanhos de Amon, superintendente do duplo celeiro de Amon no Baixo Egito» <i>sš</i> , «escriva» | Neby | TT 55, lns. 127-128, 160 TT 55, lns 128, 161 |
| <i>Twnw mwt.f</i> , «Iunu, sua mãe» | Iunu | TT 55, ln. 292 |
| <i>ḥsy(t) n Ḥwt-Ḥr nbt-pr 'Ipwi3</i> , «Favorita de Hathor, a dona de casa Apuya, <i>nbt im3ḥ ḥr Wsir</i> , «Senhora venerável (por decreto de) Osiris» | Apuya | TT 55, lns. 113, 129-130, 162-163. |
| <i>r-p^ct ḥ3ty-^c mḥ ib n ntr nfr imy-r ḥmwt nbt nsw n Mn-nfr sš n nsw mri.f 'Imn-ḥtp</i> , «Senhor e membro da elite, confidente do deus perfeito, superintendente de todos os trabalhos do rei no nomo de Mênfis, escriba do rei e amado por ele, Amen-hotep» <i>r-p^ct ḥ3ty-^c ḥsy mri nb t3wy r wrw r.f iri iḳrw.f st.f imy-r prwy ḥd nbw ḥmtw nbt (imy-r) n nsw imy-r pr n nsw sšm m ḥb ḥr n ntrw nbw m 'Inb-ḥd 'Imn-ḥtp</i> , «Senhor e membro da elite, favorito e amado do senhor das Duas Terras. «Superintendente da “Dupla Casa da Prata e do Ouro” e de todas as obras do rei, o guia do festival de todos os deuses em Mênfis, Amenhotep, <i>imy-r prwy ḥd nbw imy-r pr n nsw m Mn-nfr sš-nsw m3^c</i> «Superintendente da Dupla Casa da Prata e do Ouro, Mordomo real de Mênfis, Verdadeiro escriba real» | Amen-hotep | TT 55, lns. 121-122, TT 55, 140-143, 194-196. TT 55, 194-196 |
| <i>šm^cyt nt 'Imn</i> , «Cantora de Amon» <i>šm^cyt nt 'Imn nbt-pr ḥsy(t) nt nbt t3wy</i> , «Cantora de Amon, dona de casa, favorita da senhora das Duas Terras, May, justificada, senhora venerável. | May | TT 55, ln. 123 TT 55, lns. 46-147, TT 55, ln. 198 |
| <i>šm^cyt nt 'Imn nbt-pr Mryt-Pth</i> «Cantora de Amon, dona de casa, Meryt-Ptah» | Meryt-Ptah | TT 55, lns. 144-145. |
| Sucede nos cargos de seu pai, Amen-hotep /Huy | Ipy /Apy | TA 10 |
| <i>imy-r ssmwt n nb t3wy</i> «Intendente dos cavalos do senhor das Duas Terras | Maya (sogro) | TT 55, ln. 84-87. |
| <i>ḥs(y)t n Mwt nbt 'Išrw nbt-pr Wrnwr</i> , «Favorita de Mut, senhora de Icheru, a dona de casa Uernuer | Uernuer (sogra) | TT 55, ln. 87. |
| <i>ḥkryt nsw šm^cyt nt 'Imn nbt pr</i> «Ornamento real, cantora de Amon, dona de casa, | Meryt-Ptah | TT 55, lns. 103-104, 155, 188, 275 |
| <i>imy-r nw n rsw 'Imn</i> , «Intendente dos guardas de Amon» | Kechy (Cunhado) | TT 55, ln. 89 |

No seu túmulo, Bubasteion I.1, o vizir Aper-El realça igualmente a sua família embora passe em silêncio o nome dos pais. Diz-nos ter sido *škr-(ʿnh) (n) bit(y) ir n nb t3wy*, «(Prisioneiro) do rei do Baixo Egipto, criado pelo senhor das Duas Terras» e *hrd n kp*, «Menino do *k3p*»⁷⁹⁵, implicando, desde logo, que era um garante da fidelidade dos seus ao rei do Egipto. Aper-El não esqueceu as suas origens, mas optou por egipcianizar-se e servir fielmente o seu senhor. A fig. V.10 mostra que teve duas mulheres, três filhos e um número indeterminado de filhas⁷⁹⁶.

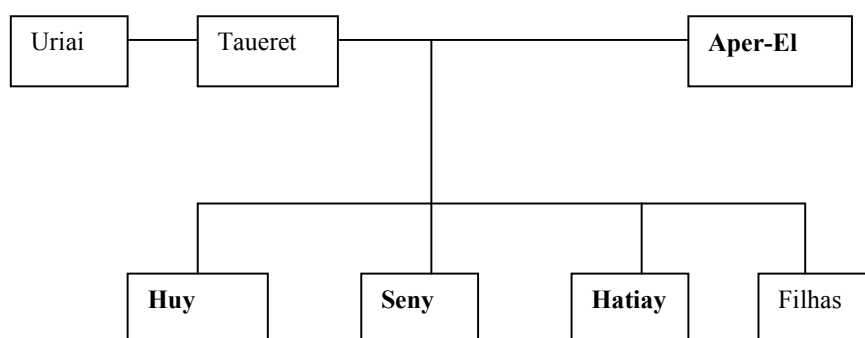


Fig. V.10 – Família do vizir Aper-El. Os elementos masculinos estão designados a *bold*.

Quadro V.31 – Família do vizir Aper-El, Bubasteion I.1

| Cargo | Nome | Túmulo e linha de texto |
|--|--------------|-------------------------|
| <i>imy-r ssmwt nb(w) n hm.f</i> , «Intendente de todos os cavalos de Sua Majestade» | Aper-El; Huy | Bubasteion I.1 |
| <i>sš nfrw</i> , «Escriba dos recrutas» | Aper-El; Huy | |
| <i>škr-(ʿnh) (n) bit(y) ir n nb t3wy</i> , «(Prisioneiro) do rei do Baixo Egipto, criado pelo senhor das Duas Terras <i>hrd n kp</i> , «Menino do <i>kep</i> » <i>sd3w bity</i> , «Chanceler do rei do Baixo Egipto <i>b3k tpy n p3 Itn</i> , «Primeiro servidor de Aton» <i>it-ntr</i> , «Pai-divino» | Aper-El | Bubasteion I.1, ln. 1 |
| Sacerdote de Nefertum | Hatiay | |
| Funcionário | Seny | |

⁷⁹⁵ Aper-El, Bubasteion I.1, ln.4. Foi encontrado no seu túmulo um côvado de madeira mencionando o títulos de «menino do *kap*». Ver fig. V.4.

⁷⁹⁶ ZIVIE, Alain-Pierre, *The lost tombs of Saqqarah.*, p. 48.

A genealogia do mordomo Kheruef, que se mostra na fig. V.11, é ainda mais sucinta.

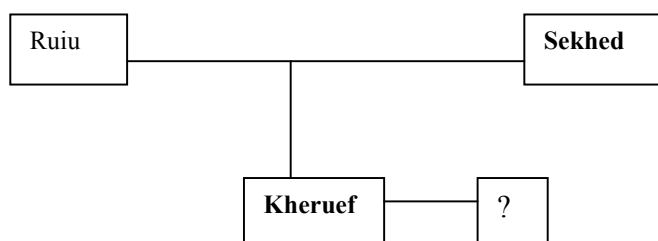


Fig. V.11 – Família do mordomo Kheruef. Os elementos masculinos estão designados a *bold*.

A mãe é uma dama da corte (Quadro V.32). A sua figura é mostrada no túmulo e o seu nome repetido. O pai, que nunca aparece, é um escriba do exército, provavelmente modesto e que, de acordo com os textos do túmulo de Kheruef, nunca recebeu títulos nem prebendas.

Quadro V.32 – Família do mordomo Kheruef (TT 192)

| Cargo | Nome | Túmulo e linha de texto |
|---|---------|--|
| <i>sš n mšꜥ n nb t3wy</i> , «escriba do exército do senhor das Duas Terras» (pai de Kheruef) | Sekhed, | TT 192, ln. 268 |
| <i>šmꜣyt nt Imn</i> , «Cantora de Amon, (mãe de Kheruef) <i>nsw-ḥkrw ḥsyꜣt n 3st</i> , «Ornamento real e cantora de Ísis» (mãe de Kheruef) <i>šmꜣyt nt Imn</i> , «Cantora (de Amon) | Ruii | TT 192, ln. 293, TT 192, ln. 293 TT 192, ln. 292 TT 192, ln. 489, 500 |

Não há qualquer prova de que Kheruef se tenha casado ou tenha tido filhos. No que respeita às famílias dos funcionários amarnianos, apenas Huya, refere o nome de sua mãe. Os restantes abstêm-se de nomear os pais, talvez porque fossem filhos de gente comum. Embora de nascimento nobre, o vizir Nakhtpaaton adoptou o mesmo procedimento.

6. A política de recompensas

No Antigo Egipto, a fidelidade dos colaboradores era, pelo menos em princípio, assegurada mediante uma sábia política de recompensas. Estas podiam revestir as seguintes modalidades: recompensas honoríficas, com maior proximidade e interacção com a pessoa do rei e recompensas materiais, traduzindo-se na outorga de cargos, títulos e bens.

6.1. Recompensas honoríficas

As recompensas honoríficas traduzem a concessão de prerrogativas específicas e não gozadas pela maior parte dos membros da sociedade. No Quadro V.33, referimo-nos à primeira dessas prerrogativas: a proximidade com o rei.

Quadro V.33 – Recompensas honoríficas. Proximidade com o rei.

| Proximidade do rei | Funcionário (túmulo, linha de texto) |
|---|---|
| <i>w^c nsw tkn m ntr h^cw</i> , «Único (oficial) do rei que se aproxima do corpo do deus | Parennefer, TT 188, ln. 8; Pentu, TA 5, ln. 7 |
| <i>w^c n nsw m st w^ctw k^c r h^c pri hr hswt</i> , «Único (oficial) do rei no lugar privado que entra no palácio e sai em favor» | Parennefer, TT 188, ln. 11 |
| <i>k^c m-b3h m dsr h</i> , «(Um que) entra na privacidade do palácio» | Neferkheperu(ré)-her-sekheper, TA 13, ln. 9 |
| <i>Irtj Hr m pr.f</i> , «Os dois olhos de Hórus na sua casa (a do rei)» | Ramose, TT 55, ln. 298 |
| <i>m33 nfrw.f</i> , «O que contempla a sua beleza (a do rei)» | Ay, TA 25, ln. 106 |
| <i>iry rdwy n nb t3wy</i> , «O que presta serviço junto do senhor das Duas Terras» | Pentu, TA 5, ln. 2 |

Quem, como Ay, tem permissão para contemplar o rei deve, qualquer que seja o seu posto ou classe, realizar previamente a prosternação ritual, anulando-se por completo diante do objecto da sua contemplação. Assim está descrito na *Estela da Fundação de Akhetaton*:

hm. f iní n.i smrw n nsw wrw (m) ih imi-rw mnfy(w)...sr(w)d ...nbt(?) mi kd.f st3 in tw n.f hr^c wnn in.sn hr htw.sn m-b3h hm.f hr.sn (sn t3 n...) dd h.m.f n.sn
 (Disse) Sua Majestade: Trazei-me os companheiros do rei, os grandes do palácio, os comandantes dos soldados... os nobres (... autoridade?) na sua totalidade (e) eles foram conduzidos até ele imediatamente. Eles estavam (prostrados) sobre as suas barrigas diante de Sua Majestade, sobre elas, (beijando a terra para...). Disse-lhes (então) Sua Majestade...⁷⁹⁷

⁷⁹⁷ *Estela da fundação de Akhetaton*, ln. 54

Ver o rei é ver Aton e isto já é sinónimo de recompensa: *w3d hr p3 ptr.k iw.f s3w m ʕh*, «Bem-aventurado é o que te vê, é feito grande e poderoso no palácio»⁷⁹⁸. Compreende-se, pois, que os atonistas solicitem a visão do rei como recompensa na vida depois da morte. Mais importante do que ver o rei é interagir com ele e esta segunda prerrogativa é-nos descrita através de acções distintas, que procurámos sintetizar no Quadro V.34:

Quadro V.34 – Recompensas honoríficas. Interacção com a pessoa do rei.

| Interacção entre o funcionário e o rei | Funcionário (título, linha de texto) |
|---|--|
| Conhece a opinião do rei: <i>iw.i rh.k hʕy.n.s Wʕ-n-Rʕ</i> , «Eu sou (conhecedor) da tua opinião É grandemente influente sobre o rei: <i>mnh hr ib.f wrt</i> , «grandemente influente junto dele» <i>mh-ib n nsw</i> , «confidente do rei» É seguidor de Sua Majestade: <i>(n)s(t)y.i šms.f</i> , «Estou satisfeito por acompanhá-lo» | Ay, TA 25, ln. 110 Ay, TA 25, ln. 288 Ay, TA 25, ln. 18 Ay, TA 25, ln. 118 |
| É influente junto o rei: <i>dd tw n.f ntt m ib n wr n mnh.f hr ib s3 n nsw šm3w</i> , «A quem Um(=o rei) diz o que está no coração, de tal modo ele é influente junto dele» Fala em privado com o rei: <i>imy-ib mdw m wʕ tw wpi.n.f hr ib.f</i> , «favorito que fala em privado (com o rei) e a quem o Hórus (= o rei) abriu o seu coração» <i>mh-ib n nsw</i> , «confidente do rei» | Kheruef, TT 192, ln. 286 Kheruef, TT 192, ln. 241 Kheruef, TT 192, ln. 286 |
| <i>mh-ib n nsw</i> , «confidente do rei» Segue o barco do augusto falcão <i>šms m dpt bik.f špsy nb nmtt</i> , «segue o barco do seu augusto falcão (o rei)» | May, TA 14, ln. 93 May, TA 14, ln. 105 |
| Segue o deus perfeito: <i>iw.i m šmsy ntr-nfr</i> , «estando com os seguidores do deus perfeito» | Ahmés, TA 3, ln. 49 |
| <i>mh-ib n nsw</i> , «confidente do rei» | Parennefer, TT 188, ln. 14 |

A leitura do quadro anterior mostra a que Ay é o funcionário que põe mais ênfase na sua relação pessoal com o rei, segue-o, conhece sua opinião, é seu confidente e não tem pejo em dizer que tem *grande influência* sobre ele. De modo um tanto mais modesto, Kheruef apenas se diz *influyente*, fala-lhe em privado e é seu confidente. May e Ahmés seguem o rei, mas só May e Parennefer são seus confidentes.

⁷⁹⁸ Panehesy, TA 6, lns. 32-33

6.2. Recompensas materiais

As recompensas materiais existiram desde sempre no contexto da sociedade egípcia. O velho Sinuhé havia recebido em sua casa «três vezes, quatro vezes por dia» refeições vindas do palácio e fora igualmente presenteado com um belo túmulo e um domínio funerário para assegurar o seu culto⁷⁹⁹. Na maior parte dos túmulos amarnianos, que constituem já, em si mesmos, uma recompensa para os seus proprietários, estes são representados no acto de receber ouro e outros bens das mãos da família real, como um testemunho do favor do soberano⁸⁰⁰, ou melhor, do seu *ka*, garante da expressão prática desse mesmo favor: «O *ka* do rei transformou-o e proporcionou-lhe comida e bens»⁸⁰¹.

O Quadro V.35 mostra a nossa síntese e denota que tudo começa pela nomeação para um cargo ou pelo provimento noutra mais importante. Esta promoção seria tanto mais agradável se o seu destinatário passasse à frente de alguém que tivesse por ventura mais direito a ela, pela classe em que nascera⁸⁰².

Quadro V.35 – Recompensas materiais que o rei concede ao funcionário

| Recompensas reais | Funcionário (túmulo, linha de texto) |
|--|---|
| Tem o favor do rei: <i>ii.i m htp m hsw nsw wdw.f n.i krst nfrt</i> , «Eu venho em paz e no favor do rei». | Any, TA 23, ln. 31 |
| O rei honra-o: <i>sim3h n nsw shnt n bit(y)</i> , «honrado pelo rei do Alto Egipto e promovido pelo rei do Baixo Egipto» | May, TA 14, ln. 66 |
| O rei fê-lo grande: <i>....n s3 nsw st.f</i> , «... daquele que o rei fez grande» | May, TA 14, ln. 101; Kheruef, TT 192, ln. 282; Panehesy, TA 6, ln. 60 |
| O seu lugar na casa do rei foi exaltado: <i>shnt st m pr nsw</i> , «um, cujo lugar na casa do rei foi exaltado» | May, TA 14, ln. 109 |
| O rei favoreceu-o: <i>rh n nsw mry nb.f hsy 3 n nb t3wy</i> , «Um que é conhecido do rei e amado pelo seu senhor, o grande favorito do senhor das Duas Terras» | Panehesy, TA 6, ln. 129 |
| <i>hsy n nb.f r3-nb</i> , «o favorito do seu senhor, todos os dias» | Panehesy, TA 6, ln. 142 |
| O rei recompensou-o: Fig. III.84 | Meriré I, TA 4, lns. 28-41 |
| O rei associou-o aos nobres: <i>di.n.f sbi.n.i srw</i> , «ordenou que eu fosse associado aos nobres» | Meriré I, TA 4, ln. 147 |
| O <i>ka</i> do rei transformou-o e proporcionou-lhe comida e bens: <i>p3 shpr.i di.n.i 3kw ir hrt.i m k3.f</i> , «o que me transformou, me deu comida e proporcionou os meus bens pelo seu <i>ka</i> » | Panehesy, TA 6, ln. 54 |
| O rei nomeou-o para um cargo (sacerdotal): Fig. III.67 | Meriré I, TA 4, lns. 1-17 |
| O rei promoveu-o: <i>s3 n nsw n shsy n bity</i> , «que o rei do Alto Egipto promoveu» | Meriré I, TA 4, ln. 149 |

⁷⁹⁹ LICHTHEIM, Miriam, «The story of Sinuhe», *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 233.

⁸⁰⁰ Túmulo de Any, TA 23, ln. 31.

⁸⁰¹ Túmulo de Panehesy, TA 6, ln. 54.

⁸⁰² Kheruef, TT 192, ln. 258.

r-Nhn(y), «Boca de Nekhen» – Ramose (TT 55, ln. 1)

wpi m3^ct m hrt-hrw hnk.sy r ʕh n nb.s, «O que faz justiça diariamente e apresenta-a no palácio ao senhor dela – Ramose (TT 55, ln. 311)

hm-ntr M3^ct, «Sacerdote de Maet» – Ramose (TT 55, lns. 61, 177, ...)

sp r-p^ct šm^cw t^c-mhw, «Administrador do Alto e do Baixo Egito» – Ramose (TT 55, ln. 95)

s^ch smrw, «Chefe da nobreza, lit. Líder dos companheiros» – Ramose (TT 55, ln. 133)

Pela mesma razão, o sumo-sacerdote de Aton, Meriré, é designado, como o seu colega de Heliópolis por *wr m3w*, «Grande dos Videntes»⁸⁰⁶.

O título de *ḳt(y) hw hr wnmi n nsw*, «flabelífero à direita do rei», coube, em tempos, ao portador do grande leque real que tinha por missão produzir uma doce brisa e refrescar o soberano no decorrer de extensas e cansativas cerimónias. As cenas gravadas nestes túmulos mostram inúmeros flabelíferos que acompanham o rei, a grande esposa real e as princesas, mas não é de crer que, à excepção possível de grandes solenidades, a função estivesse a cargo de gente como o sumo-sacerdote de Aton, Meriré I⁸⁰⁷, ou o pai divino, Ay⁸⁰⁸.

7.3. Títulos honoríficos

Classificámos os títulos honoríficos em duas sub-classes: *Títulos de majoração*. São títulos que valorizam a pessoa, num grau absoluto, é o caso «conhecido», «companheiro», «amigo», ou «favorito» e *Títulos de diferenciação*. Estes têm como finalidade enfatizar um título majorante, recorrendo a indicadores de posição como «o primeiro» ou «o que está à frente de...».

7.3.1. Títulos de majoração

Se, na bela estátua que remonta ao Império Antigo, a dama Neferet declara orgulhosamente ser *rht-nsw Nfrt* «a conhecida do rei, Neferet»⁸⁰⁹, o título parece ter-se desvalorizado com o decorrer do tempo e no túmulo de Kheruef é aplicado aos carregadores

⁸⁰⁶ Túmulo de Meriré I, TA 4, ln. 6.

⁸⁰⁷ Túmulo de Meriré I, TA 4, ln. 300.

⁸⁰⁸ Túmulo de Ay, TA 25, ln. 14.

⁸⁰⁹ Estátuas do casal formado pelo general príncipe Rahotep e pela dama Neferet. Remontam ao começo da IV dinastia e foram encontradas em Meidum. Actualmente fazem parte do acervo do Museu Egípcio do Cairo.

das barcas que exercem o seu mester durante as cerimónias jubilares de Amen-hotep III⁸¹⁰. Paradoxalmente, o mesmo título é usado por duas importantes personagens como Meriré I (TA 4, ln. 192) e Panehesy (TA 7, ln. 82) que, em linhas anteriores, se haviam já apresentado como «favoritos»⁸¹¹.

O subconjunto dos «companheiros» só está representado pelos graus mais avançados de *smr-ʿ3 n mrwt*, «grande companheiro grande de amor, grandemente amado», e de *smr-wʿ*, «companheiro único». O primeiro foi ostentado pelo vizir Ramose⁸¹² e o segundo por Kheruef⁸¹³, dois altos funcionários de Amen-hotep III.

No período que vimos estudando, o grau de importância do título parece variar de acordo com a ordem «conhecido <companheiro <amigo <favorito». Em síntese, o Quadro V.36 plasma os títulos de majoração encontrados na documentação em escrutínio.

Quadros V.36 – Títulos de majoração

| Títulos | Funcionário (túmulo, linha de texto) |
|---|--|
| <i>rḥ nsw</i> , «conhecido do rei» | Meriré I (TA 4, ln. 192); Panehesy (TA 7, ln. 82) |
| <i>smr-wʿ</i> , «amigo único» | Meriré I (TA 4, ln. 69); Pentu (TA 5, ln. 2) |
| <i>smr-ʿ3 n mr(wt)</i> , «amigo grande de amor» | Kheruef (TT 192, ln. 423) |
| <i>smr-ʿ3 n 3bi n ib.f</i> , «grande companheiro desejado pelo seu coração» | Ay (TA 25, ln. 306) |
| <i>smr-wʿ</i> , «companheiro único» | Ramose (TT 55, ln. 328); Kheruef (TT 192, ln. 1); |
| <i>ḥsy</i> , «favorito» | Ramose (TT 55, ln. 225); Parennefer (TT 188, ln. 3); Huya (TA 1, ln. 3); Meriré I (TA 4, ln. 36); Pentu (TA 5, ln. 2); Meriré II (TA 2, ln. 32); Ahmés (TA 3, ln.); Panehesy (TA 7, ln. 55); May (TA 14, ln. 109); Satau (TA 19, ln. 15); Ay (TA 25, ln.) Neferkheperu(ré)-her-sekheper (TA 13, ln. 4) |
| <i>šbn.i ḥsyw.f</i> , «associado aos seus (do rei) favoritos» | Panehesy (TA 7, ln. 55) |
| <i>wʿ ḥsy</i> , «favorito único» | Meriré I (TA 4, ln. 149) |

7.3.2. Títulos de diferenciação

Embora os títulos de majoração permitissem já distinguir entre um simples «favorito» e um «favorito único», isso não é bastante para a vaidade destes funcionários, é preciso mostrar que se é o «primeiro de», que se está «à frente de», que se é o «líder de».

⁸¹⁰ Kheruef, TT 192, Pl. LVIII.

⁸¹¹ Meriré I, TA 4, ln. 36; Panehesy, TA 7; ln. 55.

⁸¹² Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 176.

⁸¹³ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 55.

Esta distinção é gerida pelos *Titulos de Diferenciação*, tal como se refere no Quadro V. 37, construído a partir do nosso *corpus* documental

Quadro V.37 – Títulos de diferenciação

| Títulos | Funcionário (túmulo, linha de texto) |
|---|---|
| <i>sr m ḥ3t špsw-nsw</i> , «Magistrado à cabeça dos nobres do rei» | Kheruef (TT 192, ln. 285); |
| <i>s3b m ḥ3t n šniw</i> , «Dignitário que está à frente dos cortesãos» | Kheruef (TT 192, ln. 62); |
| <i>iw.i m ḥ3ty smrw</i> , «Eu sou o primeiro dos nobres» | Ay (TA 25, ln. 107) |
| <i>m ḥ3t smrw</i> , «Líder dos companheiros» | Ramose (TT 55, ln. 133) |
| <i>smr-tpy smrw</i> , «Primeiro companheiro de entre os companheiros | Ahmés (TA 3, ln. 10) |
| <i>wr wrw</i> , «O mais poderoso dos poderosos» | Ahmés (TA 3, ln. 9) |
| <i>tpy n šmsw nb(w) ḥm.f</i> , «Chefe dos seguidores de sua majestade» | Ay (TA 25, ln. 108) |
| <i>tpy n smrw m ḥ3t rhyt</i> «o primeiro dos oficiais e à frente (=líder) do povo | May (TA 14, ln. 39) |
| <i>m-ḥ3t (sš)mw r^c-nb</i> , «Um que está à frente dos seguidores (do rei = cortesãos) todos os dias» | Sutau (TA 19, ln. 9) |
| Um oficial que está à frente do povo <i>m ḥ3t rhyt</i> , «à frente do povo» | Ay (TA 25, ln. 114); Parennefer (TT 188, ln. 14); |

O Quadro anterior apresenta algumas incoerências: É de admitir que, enquanto segunda figura do Estado, o vizir fosse o líder da nobreza, *m ḥ3t smrw*, «Líder dos companheiros», tal como se pode ler no túmulo de Ramose⁸¹⁴. No entanto, gente como Kheruef, Parennefer e Ay parece ter-se apropriado deste título e mesmo Sutau, tesoureiro e agente comercial, se designa por *m-ḥ3t (sš)mw r^c-nb*, «Um que está à frente dos seguidores (do rei = cortesãos) todos os dias»⁸¹⁵, mesmo que tenha sido proveniente de um meio pobre, como ele próprio afirma: *ink nmḥ ḥr it.i mwt(.i)*, «Eu era um homem pobre, por parte de meu pai e de minha mãe»⁸¹⁶.

No que diz respeito a Ahmés, chanceler ou tesoureiro, também ele não seria *wr wrw*, «mais poderoso dos poderosos»⁸¹⁷, e mesmo no caso de alguém, efectivamente «poderoso», como Ay, que não era membro da nobreza dos *paut*, seria ilógico que a pudesse chefiar. Por outro lado, não se deve esquecer que estamos perante um reinado atípico na história do

⁸¹⁴ Túmulo de Ramose, TA 55, ln. 133.

⁸¹⁵ Túmulo de Sutau, TA 19, ln. 9.

⁸¹⁶ Túmulo de Sutau, TA 19, ln. 8.

⁸¹⁷ Túmulo de Ahmés, TA 3, ln. 9.

Antigo Egipto, em que a pertença ao grupo atonista era o critério fundamental para a atribuição de honras.

8. Epítetos

À semelhança dos seus antecessores, também estes funcionários não se pouparam a mandar escrever nos seus túmulos uma impressionante cópia de adjectivos que pudessem mostrar como haviam sido grandes e exemplares neste mundo, merecendo o respeito e, pelo menos, uma libação ou algumas palavras em sua memória.

Nem sempre é fácil distinguir estes epítetos dos títulos, tal como se dá conta W. Ward⁸¹⁸ e, tal como ele, vimo-nos obrigados a usar de alguma subjectividade em certos casos devidamente assinalados. No intuito de introduzir uma ordenação nesta massa de adjectivos, dividimo-la da em quatro grandes grupos:

- Epítetos pessoais: Caracterizam eticamente o funcionário.
- Epítetos judicativos: Estão relacionados com uma decisão judicial.
- Epítetos profissionais: Dão conta do modo (correcto) como desempenhou o seu cargo.
- Epítetos relacionais: Referem a sua relação com os outros, nomeadamente com o rei.

A partir de cada uma destas categorias, foram elaborados quadros relativos à sua distribuição nos túmulos aqui estudados

8.1. Epítetos pessoais

O Quadro V.38 mostra epítetos pessoais colectados nos túmulos que são objecto do presente trabalho.

⁸¹⁸ WARD, William A., *Index of Egyptian administrative and religious titles of the Middle Kingdom*, Beirut: American University of Beirut, 1982, p. 1.

Quadro V.38 – Epítetos pessoais exibidos nos túmulos dos funcionários régios em estudo

| Epítetos | Funcionário (túmulo, linha de texto) |
|--|---|
| <i>im3hy</i> , «Venerável» | Kheruef, TT 192, lns. 232-233) |
| <i>ikr</i> , «Excelente» | Meriré I, TA 4, ln. 166); Parennefer, TT 188, ln. 6; May, TA 14, ln. 97; Ay, TA 25, ln. 302 |
| <i>w^c</i> , «Único» | Parennefer, TT 188, ln. 6; Meriré I, TA 4, ln. 166 |
| <i>nb kd</i> , «Virtuoso» | Ramose, TT 55, ln. 305; Ay, TA 25, ln. 302 |
| Modesto: <i>bw ʕwn.i</i> , «Eu não sou ávido» | Tutu, Ta 8, ln. 55 |
| <i>hsy n nb t3wy hr bit.f</i> , «favorecido pelo senhor das Duas Terras pelo seu (bom) carácter» | Meriré I, TA 4, ln. 166; May, TA 14, ln. 101; Ay, TA 25, ln. 115 |
| Íntegro e leal: <i>Ink hm n shpr n.f ʕk(3) n nb t3wy</i> Eu sou , «um servo da sua criação, leal para com o senhor das Duas Terras» <i>mty m3ʕ šwi m ʕwn ph</i> , «Eu sou um homem leal e íntegro, isento de fraudes | May, TA 14, ln. 35 Ay, TA 25, ln. 292 |
| <i>ʕ3 m sʕh.f</i> , «Grande na sua dignidade» | Parennefer, TT 188, ln. 13 |
| Digno de confiança: <i>sr n mh-ib im.f</i> , «um oficial digno de confiança nele (depositada), | May, TA 14, ln. 114 |
| Abomina a mentira: <i>bwtw(.i) grg(w</i> , «a (minha) abominação é a mentira» | May, TA 14, ln. 36; Ay, TA 25, ln. 310 |
| <i>šk spw hri</i> , «Afortunado em oportunidades» | Ay, TA 25, ln. 303 |

Tal como se vê no quadro, os epítetos pessoais traduzem o comportamento equilibrado que se espera de todo o homem civilizado e maético, formado na leitura dos grandes tratados sapienciais e que portanto:

– É virtuoso no seu quotidiano: *ink ikr nb kd mʕ r(w)d sk*, «Eu era excelente, um homem virtuoso», Ay⁸¹⁹.

– É modesto e verdadeiro: *bw ʕwn.i bw ir.i grgw*, «eu não sou ávido nem pratiquei a mentira», Tutu⁸²⁰.

– Tem um bom carácter: *hsy n nb t3wy hr bit.f*, «favorecido pelo senhor das Duas Terras pelo seu carácter», Meriré I⁸²¹.

– Pratica a lealdade: *ʕk(3) n nb t3wy 3h n nb.f*, «leal para com o senhor das Duas Terras e útil ao seu senhor», May⁸²².

– É cuidadoso no falar: *mtrw m3ʕt hrpw pri n r.f*, «testemunha fiel e discreta com o que sai da sua boca», Parennefer⁸²³.

⁸¹⁹ Túmulo de Ay, TA 25, ln. 302.

⁸²⁰ Túmulo de Tutu, TA 8, ln. 55.

⁸²¹ Túmulo de Meriré I, TA 4, ln. 166.

⁸²² Túmulo de May, TA 14, ln. 35.

Embora não esteja explícito, certamente que estes funcionários tiveram o cuidado de se afastar de escândalos, deboches ou intrigas e viveram com sobriedade. Alcançaram, pelo menos teoricamente, a estima geral, foram *šk spw ḥri* «afortunados em oportunidades»⁸²⁴ e atingiram o grau de *im3hy*, «venerável»⁸²⁵.

8.2. Epítetos judicativos

Dotados de grande poder, manejando grandes somas, controlando o lançamento de impostos e o acesso à pessoa do rei, os altos funcionários eram alvos perfeitos para a corrupção. Deste modo, não é de estranhar que fossem muitas vezes acusados, alvos de processos judiciais, condenados ou absolvidos. Assim parece ter acontecido a Tutu, tal como se mostra no Quadro V.39, elaborado a partir do acervo textual do seu tûmulo.

Quadro V.39 – Epítetos judicativos referidos no tûmulo de Tutu

| Epítetos | Tûmulo e linha de texto |
|---|--|
| Não fez o que é odioso ao rei: <i>bw ir.i msdd(y)t.k s3.k</i> , «não fiz o que é odioso ao teu filho» | Tutu, TA 8, ln. 56 |
| Apresenta coisas maéticas ao rei: <i>sʿr.n.i m3ʿtw n ḥm.f iw rh.s kwi</i> , «eu apresentei coisas maéticas a sua majestade» <i>irt M3ʿt n nsw</i> , «procedi para com o rei de acordo com Maet» | Tutu, TA 8, ln. 137 Tutu, TA 8, ln. 141 |
| Não recebeu recompensas para sustentar a falsidade e destruir a verdade: <i>bw šsp.i fḳ(3) grg dr m3ʿty n</i> , «Não recebo a recompensa da falsidade por destruir aquilo que é verdadeiro» | Tutu, TA 8, ln. 141 |
| Não ofendeu, voluntariamente, o rei com a (sua) maldade: <i>p3y nb m-ʿ dw m rh.i</i> , «não ofendo) o meu senhor com maldade e com o meu conhecimento | Tutu, TA 8, ln. 144 |
| Não mentiu ao rei: <i>Bw di.i grg m ḥt.i iw.i ... m-b3ḥ.f</i> , «Não ponho a mentira no meu íntimo, quando estou diante dele» | Tutu, TA 8, ln. 145 |
| Nada foi encontrado contra ele <i>bw gmwt spi.i m dwt nb(t)</i> , «Não foi encontrada a minha ocasião em qualquer mal» | Tutu, TA 8, ln. 148 |
| Honesto: <i>dd m3ʿwt tm int (si)3wt</i> , «um que disse o que era justo, sem recorrer a trapaças» | Tutu, TA 8, ln. 335 |
| Não ocultou factos desagradáveis ao rei <i>bw sdḥ.i ḥr sp n ʿd3 m ipt nb n ḥm.f</i> , «Não oculte (factos) em caso | Tutu, TA 8, ln. 353 |

⁸²³ Tûmulo de Parennefer, TT 188, ln. 35.

⁸²⁴ Tûmulo de Ay, TA 25, ln. 303.

⁸²⁵ Tûmulo de Kheruef, TT 192, lns. 232-233.

O caso deverá ter levantado tanta celeuma, que ele mandou gravar no túmulo uma inscrição em que declara a Aton: *bw ir.i msdd(y)t.k s3.k* , «não fiz o que é odioso ao teu filho (=o rei)»⁸²⁶. Mais suspeita levanta uma outra frase: *bw šsp.i fḫ(3) grg dr m3^cty n*, «Não recebo a recompensa da falsidade por destruir aquilo que é verdadeiro»⁸²⁷. Isto significa que foi acusado de receber «luvas» de alguém, cujos interesses diferiam dos do Estado egípcio. Acontece, de facto, que Tutu se viu envolvido nas manobras de um dos maiores *trouble-makers* do seu tempo: Aziru, rei de Amurru, na Síria Ocidental. A história merece alguma atenção da nossa parte.

O rei hitita, Suppilluliuma I (c. 1380-1344), anexara a cidade de Kadech, que antes estivera sob influência egípcia, e aí instalara Aitakkama, um príncipe que lhe era favorável⁸²⁸. Aziru viu de repente os seus domínios ficarem demasiado próximos do Hatti, mais perigoso que um Egipto mais longínquo e menos interessado em aventuras bélicas. Ao mesmo tempo que procurava uma política de equilíbrio entre as duas potências, Aziru não deixou de se entender com Aitakkama para alargar os seus domínios à custa dos aliados do Egipto⁸²⁹. Em vão estes recorreram a Akhenaton, que não quis ou não pôde socorrê-los, mas convocou Aziru à sua presença, o qual não se mostrou muito apressado a obedecer:

Com a presente, envio-te os meus filhos como adidos e que eles façam o que manda o rei meu senhor. Mas que ele me deixe (permanecer) Amurru⁸³⁰.

Protestou ser um leal servidor e pediu mesmo auxílio contra os Hititas (EA 157, EA 161)⁸³¹. É então que o nome de Tutu aparece neste imbróglio:

(Para) Tutu meu senhor, (meu) pai: Mensagem de Aziru, teu filho e teu servidor ... Uma vez que és meu pai e meu senhor e eu sou teu filho, o país de Amurru é o teu pai.⁸³²

(Para) Tutu meu senhor, (meu) pai: Mensagem de Aziru, teu servidor. Eu caio aos pés do meu senhor⁸³³.

⁸²⁶ Túmulo de Tutu, TA 8, ln. 56.

⁸²⁷ Túmulo de Tutu, TA 8, ln. 141.

⁸²⁸ GABOLDE, Marc, *Akhénaton*, p. 305.

⁸²⁹ Tal como dão notícia as «Cartas de Amarna», designadamente EA 53, 54-56, 139-140, 151, 174-176, 197, 234 e 363. Ver MORAN, William L. (ed. e trad.), *The Amarna Letters*, pp. 125-126, 126-129, 225-141, 238-239, 260-261, 274-275, 292-293, 361-362.

⁸³⁰ MORAN, William L. (ed. e trad.), *op. cit.*, EA 156, p. 242.

⁸³¹ MORAN, William L. (ed. e trad.), *op. cit.*, EA 156, p. 242.

⁸³² MORAN, William L. (ed. e trad.), *op. cit.*, EA 158, p. 244-245.

⁸³³ MORAN, William L. (ed. e trad.), *op. cit.*, EA 158, p. 244.

Repare-se nos termos em que as cartas são redigidas: Aziru parece dirigir-se ao rei do Egito e não a um funcionário deste. A humildade que manifesta seria tanto mais bem encarada se acompanhada de um *petit-cadeau*. Tudo isto lhe permitiu ganhar tempo. No limite da paciência, Akhenaton exigiu a presença do rei de Amurru (EA 162) e este não teve outro remédio senão obedecer. Não se sabe o que aconteceu na corte do faraó, mas, inexplicavelmente, Aziru regressou ao seu país, continuou a desenvolver uma política anti-egípcia (EA 140) e acabou por celebrar uma aliança com os Hititas⁸³⁴.

É de crer que tudo isto tenha parecido suspeito e, com razão ou sem ela, Tutu haja sido acusado de «brandura» ou mesmo de cumplicidade com Aziru, permitindo a sua partida (ou fuga) do Egito. Culpado ou simples bode expiatório da incapacidade política de Akhenaton, a verdade é que o camareiro Tutu se viu absolvido e não se esqueceu de gravar no túmulo os epítetos que dão conta da sua verdadeira (ou suposta) inocência e da sua (alegada) honestidade.

8.3. Epítetos profissionais

Os epítetos que designamos por «profissionais» qualificam o que actualmente se designa como «o perfil» de alguém, conjunto de capacidades que são requeridas no exercício de uma função específica. O Quadro V.40 mostra uma recolha destes epítetos, a partir do nosso *corpus* textual

Quadro V.40 – Epítetos profissionais

| Epítetos | Funcionário (túmulo, linha de texto) |
|--|--------------------------------------|
| <i>3ḥ-ib n nsw mty n bit(y)</i> sempre disposto a servir o soberano, leal ao rei do Baixo Egito. | Kheruef (TT 192, ln. 216) |
| <i>ipt nb(t) nty tw.k ḥr ir.s ḥ3ty.i ḥr hry ḥr.s</i> , «Quanto a qualquer missão que realizares, o meu coração estará contente com ela». | Tutu (TA 8, ln. 289) |
| <i>wr m i3t.f ʿ3 m s3ḥ.f</i> , «importante no seu ofício e grande na sua dignidade» | May (TA 14, ln. 114) |
| <i>r-pʿt ḥ3ty-ʿ wr m i3t.f ʿ3 m sʿḥ.f</i> , «Senhor e membro da elite, grande no seu ofício e grande na sua dignidade ...» | Parennefer (TT 188, ln. 13) |
| <i>wnn iri.f nb mn rwd</i> , «Tudo o que ele faz é estável e duradouro» | Ay (TA 25, ln. 124) |
| <i>irt h pw.f tm šbi mdw wḏ bit</i> , «Executo as suas leis sem confundir palavras ou negligenciar (a minha) conduta». | Ay (TA 25, ln. 293-294) |
| <i>šmnḥ mnw.f m Pr-Itm</i> , «Eficiente nos seus monumentos, na Casa de Aton» | Parennefer (TT 188, ln. 15) |

⁸³⁴ GABOLDE, Marc, *Akhénaton*, p. 310.

Não bastava, portanto, registar para a eternidade que se tinha sido um escriba ou um arquitecto; era preciso solenizar estas simples informações. Encontramos aqui epítetos gerais que, como *3h*, «útil», já vimos aplicados ao próprio Akhenaton, que é útil para o seu divino pai. A «utilidade» de cada funcionário é aferida por parâmetros que dão conta do modo como ele cumpre as missões que lhe são confiadas⁸³⁵. É assim que o nome de alguém «chega ao Palácio».

O responsável pelos trabalhos públicos devia realizá-los de forma competente e dentro do tempo previsto. Assim terá procedido Parennefer, no seu cargo de *imy-r k3wt nbt nt nsw m Pr-Itn*, «superintendente de todos os trabalhos do rei, na Casa de Aton»⁸³⁶. Detinha funções de enorme responsabilidade que, segundo afirma, executou com eficiência, pois era *wr m i3t.f*, «grande no seu ofício»⁸³⁷. Todavia, esta grandiosa afirmação, bem como os cargos que a suportam, não tem continuação no seu túmulo amarniano, onde apenas recebe o título de *wb3 nsw w3b-ꜥwy bn hm.f*, «copeiro-real de mãos puras de Sua Majestade»⁸³⁸. As cenas e recompensa que ali estão representadas⁸³⁹, mostram que não caiu em desgraça, mas foi substituído. Efectivamente, o camareiro Tutu diz no seu túmulo: *hrp.i k3wt m mnw.f iw.i m tp m i3t imy-ḥnt w3b (b3)k n Wꜥ-n-Rꜥ*, «Dirigi os trabalhos nos seus monumentos, quando desempenhava o cargo de camareiro puro e (servidor) de Uaenré»⁸⁴⁰, e Paatonemheb teve o cargo de *imy-r k3wt n 3ht-Itn*, «intendente dos trabalhos de Akhetaton»⁸⁴¹.

8.4. Epítetos relacionais

Os epítetos relacionais referem-se às interacções entre o funcionário e o rei e entre ele e o resto do povo. Os primeiros (Quadro V.41) encontram-se em 34,8 % dos túmulos estudados, o que é um valor baixo, mas que pode estar relacionado com o menor grau de acabamento de alguns deles. Insiste-se, uma vez mais, na eficiência dos serviços prestados, na obediência e na lealdade manifestada ao soberano.

⁸³⁵ Túmulos de Tutu, TA 8, ln. 289; Ay, TA 25, ln. 308.

⁸³⁶ Túmulo de Parennefer, TT 188, ln. 12.

⁸³⁷ Túmulo de Parennefer, TT 188, ln.13.

⁸³⁸ Túmulo de Parennefer, TT 188, ln.34.

⁸³⁹ Túmulo de Parennefer, TA 7, Pls. III, IV, lns. 18-29.

⁸⁴⁰ Túmulo de Tutu, TA 8, lns. 359-360.

⁸⁴¹ Túmulo de Paatonemheb, TA 24, ln. 4.

Quadro V.41 – Epítetos relacionais. Interacção entre o funcionário e o rei

| Epítetos | Funcionário (título, linha de texto) |
|---|--|
| <i>ḥsy-s n ntr nfr ḥm nsw tī sw m inp</i> , «Servidor do rei servidor do rei que lhe foi atribuído desde a altura em que era príncipe» | Parennefer, TA 7, ln. 9 |
| <i>ḥh n ntr-nfr</i> , «Eficiente para com o deus bom» | Parennefer, TT 188, ln. 6 |
| <i>iri M3ṛt nsw n rki.i</i> , «Pratiquei a <i>Maet</i> com os reis a quem serviu» | Ramose, TT 55, lns. 35, 120 |
| <i>iri.n.i ḥsst nsw rk.i</i> , «Fiz o que era agradável ao rei do seu tempo» | Ramose, TT 55, lns. 35 |
| <i>nn ḥdī tp-rd wdt.n.f</i> , «Não desobedeci às leis decretadas por ele (o rei) » | Ramose, TA 55, ln. 35 |
| <i>iw r ir.i m prt m r.f</i> , «Continuarei a proceder de acordo com o que sai da sua boca» | Tutu, TA 8, ln. 337 |
| <i>m3ṛty ir ddtw nb.f</i> , « O justo que fez o que foi dito (ordenado) pelo seu senhor. | Ay, TA 25, ln. 320 |
| <i>mnḥ-ib n ity</i> , « Leal ao rei». <i>mḥ-ib ntr-nfr</i> , «Homem de confiança do deus perfeito» <i>mḥ-ib n nsw m t3 r-dr</i> , «Homem de confiança do rei na terra inteira » | Kheruef, TT 192, ln. 50 Kheruef, TT 192, lns. 70, 128 Ay, TA 25, ln. 296 |
| <i>ḥh n nsw mt(y) n bit(y)</i> , «útil ao rei do Alto Egipto e leal ao rei do Baixo Egipto» <i>ṛk(3) n nb t3wy</i> , « leal para com o senhor das Duas Terras» <i>ḥh nb.f</i> , « útil para o seu senhor» | Kheruef, TT 192, ln. 406 May, TA 14, ln. 35 Ay, TA 25, ln. 308 |
| <i>ink m3ṛ n nsw</i> , « Eu verdadeiro para com o rei» <i>bw di.i grg m ht.i iw.i m-b3ḥ.f</i> , «Não ponho a mentira no meu íntimo, quando estou diante dele» | Ay, TA 25, ln. 308 Tutu, TA 8, ln. 145 |

Quanto à relação com o povo, apenas é mencionada no título de Ramose (Quadro V.42). O vizir é apresentado como o pastor do povo: *p3 mniw rmt.f dt.f*, «Ó pastor! O seu povo é o seu corpo»⁸⁴². Embora se esteja a em ambiente de lamentação funerária, é um título que mais conviria a um rei.

Quadro V.42 – Epítetos relacionais. Interacção entre um funcionário e o povo

| Epítetos | Funcionário (título, linha de texto) |
|---|--------------------------------------|
| <i>r shr r m t3 rdr</i> , «Uma boca que dá satisfação à terra inteira» | Ramose (TT 55, lns. 16, 37) |
| <i>ḥri tw ḥr prīw n r.f</i> , «As pessoas ficam satisfeitas com o que sai da sua boca | Ramose (TT 55, ln. 295) |
| <i>nn iri.i isft r rmt n mrwt ḥtpy ḥrt smt.i</i> , «Não pratiquei mal contra o povo» | Ramose (TT 55, ln. 36) |
| <i>miniw ʕ3</i> , «Grande pastor» | Ramose (TT 55, ln. 266) |

⁸⁴² Título de Ramose, TT 55, ln 281.

Chama-se igualmente a atenção para o elevado grau de maeticidade de Ramose que não só envolvia a sua relação com o rei⁸⁴³, mas também com o povo.

9. O funcionário na sua velhice

Afadigado na ânsia de bem executar a profissão, sujeito ao bel-prazer do rei e à vigilância atenta e mais ou menos invejosa dos seus colegas, o funcionário podia envelhecer rapidamente, pois manda a biologia que os corpos se desgastem pela erosão da vida. Embora repetido obsessivamente nestes túmulos a nível textual, o assunto não era iconograficamente atractivo para a classe dominante. Nos túmulos e na eternidade, a palavra de ordem era juventude, saúde e saciedade a nível alimentar, estético, e sexual, tal como se mostra na representação dos vizires Ramose e Aper-El (fig. V.11). Os mortos são eternamente jovens.

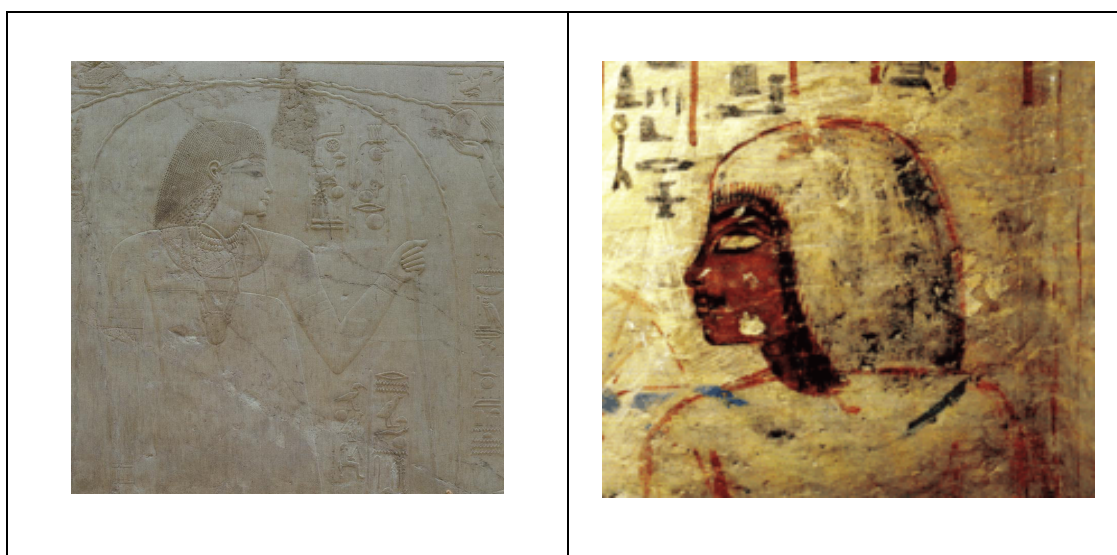


Fig. V.11 – Os vizires Ramose (esquerda) e Aper-El (direita) de acordo com as representações dos seus túmulos, repectivamente, TT 55 e Bubasteion I.1.

Ao falar da velhice, tema pouco abordado na literatura egípcia, os Egípcios utilizavam termos como *i3w* ou *tni* «velho»; *i3wt*, «velhice», *smsw*, «ancião», e formas verbais como *khkh*,

⁸⁴³ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 35, 120.

«envelhecer», ou *šsp khkh*, «atingir uma idade avançada». Todos são determinados pelos signos ou , um homem velho que se apoia num ou , *mdw*, «bordão». Este enfraquecimento das pernas é um dos *tni*, «os sinais externos da velhice», dos quais se queixa Sinuhé, «as minhas pernas recusam servir-me»⁸⁴⁴.

Nos túmulos amarnianos a representação de velhos está praticamente ausente, ocorrendo apenas nos de Mahu (TA 9) e de Sutau (TA 19), tal como se mostra na fig. V.12

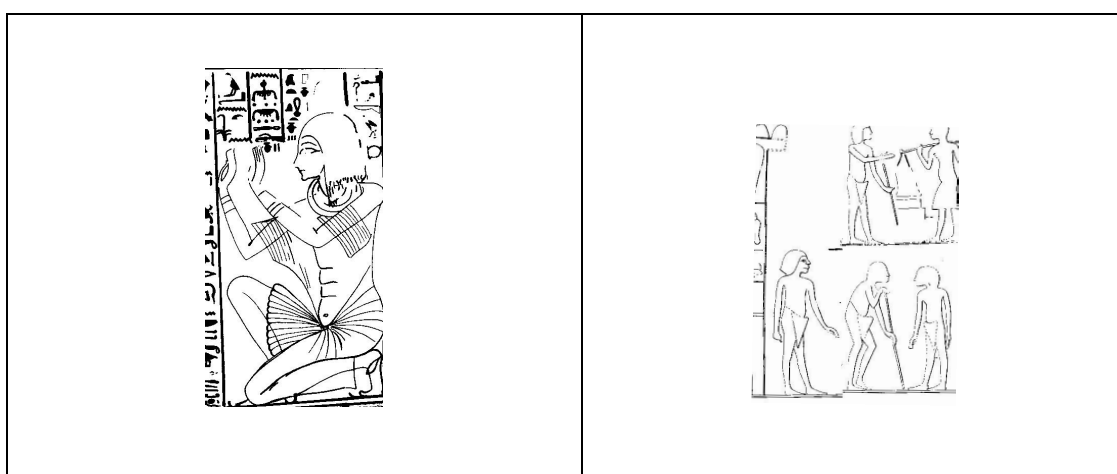


Fig. V.12 – Duas personagens idosas. À esquerda: o *imy-r pr-hd n nb t3wy* «Superintendente da “Casa da Prata” do senhor das Duas Terras», Sutau, TA 19, parede norte, Pl. XV.

À direita: um velho soldado que presta serviço num posto da guarda de Akhetaton.

Túmulo de Mahu, TA 9, parede fronteira, lado sul, Pl. XXIV.

Coube à oficina do escultor Tutmés, o «repórter» de Akhetaton, produzir uma série de retratos dos seus habitantes que chegaram até nós sob a forma de moldes de gesso. Entre elas encontra-se uma comovente imagem da rainha Nefertiti (fig. V.13) no limiar da velhice com o seu corpo cansado de pelo menos seis gravidezes, seios descaídos e pernas espessas. Notemos principalmente a profunda amargura que lhe transparece no rosto, tão distante da beleza do célebre busto do Museu de Berlim.

⁸⁴⁴LEFEBVRE, Gustave, *Romans et Contes Egyptians de l'époque pharaonique*, Paris : Librairie d'Amérique et d'Orient, 1988, pp. 15; 17. Ver também LICHTHEIM, «The story of Sinuhe», *Ancient Egyptian Literature*, I, pp. 222-235, CARREIRA, José Nunes, «Contos», *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 217-227.



Figura V.13 – Nefertiti, na sua meia-idade. Estátua encontrada na oficina do escultor Tutmés em Amarna. *Ägyptisches Museum, Berlim*

Tutmés não se limitou a executar imagens reais. A ele devemos igualmente uma série de retratos de gente idosa, talvez cortesãos (fig. V.14):

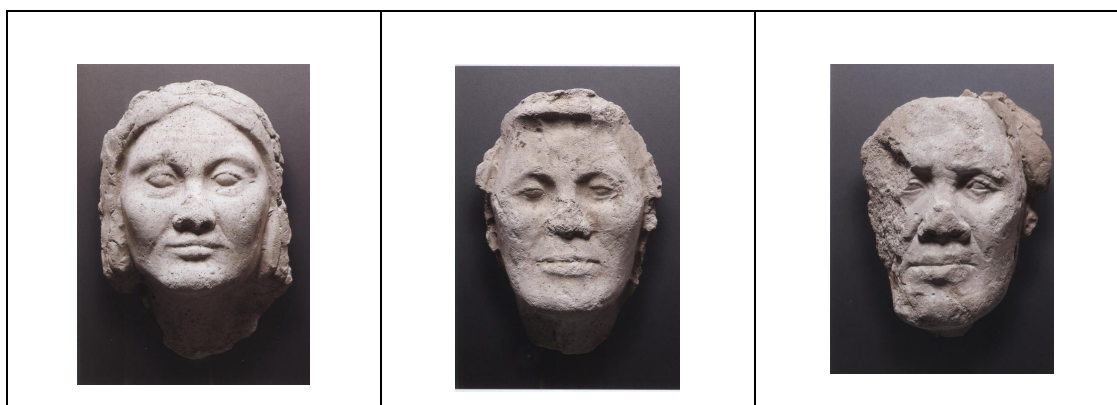


Figura V.14 – Moldes de gesso encontrados na oficina do escultor Tutmés, em Amarna. Da esquerda para a direita, dois rostos de mulheres e um de homem, todos aparentando uma idade avançada. *Ägyptisches Museum, Berlim*

Numa casa da cidade foi encontrada esta pequena escultura representando um funcionário que nos é desconhecido (fig. IV.15).



Figura V.15 – Estatueta de um funcionário idoso e desconhecido, (obj. 29/331) encontrada numa casa de Amarna. Talvez um antepassado da família.
Museu Egípcio do Cairo, JE 53249.

Embora os deuses tenham sido generosos para com as Duas Terras, nem por isso os seus habitantes estavam dispensados de trabalhar. Agricultura e pastorícia constituíam a principal base de apoio da economia e o motor da acumulação de excedentes que pagava a administração e permitia executar grandes trabalhos públicos, nomeadamente a nova cidade de Akhetaton. Quem não trabalhava não comia; quem se via incapaz de integrar as brigadas de construção teria de encontrar, ainda assim, um meio de sobreviver. Num primeiro tempo poderia exercer um labor menos exigente (fig. V.16).



Figura V.16 – Um idoso ventripotente, apascentando uma cabra.
Período de Amarna. *Brooklyn Museum of Art*, ref. 86.226.30.

Porém, quando nada já pudesse fazer de útil, ficaria sob a ameaça do espectro da fome. Para fugir a tal destino, precisava de filhos. Os bons costumes, vigentes nas Duas

Terras, mandavam que fossem efectivamente os filhos a assegurar as condições de vida dos pais. Era um imperativo ético:

Duplica os alimentos que tua mãe te deu, transporta-a como ela te transportou; tu eras uma carga pesada para ela, mas ela não te abandonou...Não procedas de modo a que ela possa censurar-te, para que ela não tenha de elevar as suas mãos para deus, pois ele ouvirá os seus clamores⁸⁴⁵.

Na classe dos funcionários, a única de que temos suficientes testemunhos, nem sempre a velhice implicava o desemprego; sabedoria acumulada e fidelidade constituíam mais-valias de que o rei largamente se aproveitava. Os vizires Ramose e Aper-El que tinham já servido sob Amen-hotep III foram mantidos em funções por seu filho. Isto não impedia que o envelhecimento fosse visto com preocupação, levando os funcionários a candidatar-se a pensões que, na ausência de outra forma de segurança social, apenas o rei podia conceder. Ay, o célebre funcionário de Akhenaton, mais tarde faraó (c. 1323-1319 a. C.), não hesita em pedir-lhe de comer. Diz ele:

*di.k n.i i3wy nfr mi hsy.k di.k n.i snw w^cbw pri m-b3h.k m spyt.k it.k'ltm
sm.i hr hswt.k m i3wt.*

Concede-me uma boa velhice, como teu favorito. Concede-me os alimentos puros das oferendas que vêm à tua presença, como o que sobeja de teu pai Aton⁸⁴⁶.
Possa eu caminhar transportando as tuas dádivas na (minha) velhice⁸⁴⁷.

Não se trata de uma novidade, já o velho Sinuhé recebera alimentos do rei:

Tw ini n.i š3bw m^ch sp 3 sp 4 n hrw hrw-r ddt nsw-msw

Traziam-me comida do palácio, três ou quatro vezes por dia, sem contar o que me davam as crianças reais⁸⁴⁸

Tal como vimos, nas «Petições para o funcionário, enquanto vivo»⁸⁴⁹, muitos outros fazem pedidos de subsistência mais generalistas: uma boa velhice (Túmulos de Kheruef, TT 192, ln. 321; Meriré I, TA 4, lns. 86, 103, 173; Panehesy, TA 6, ln. 145; Parennefer, TA 7, ln. 15; Ay, TA 25, lns. 133, 160, 274) e os favores reais (Túmulo de Mahu, TA 9, ln. 36). Para os receber, é preciso, naturalmente, estar junto do rei (Túmulo de Parennefer, TA 7,

⁸⁴⁵ «Instrução de Ani», início da XVIII dinastia, LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 514.

⁸⁴⁶ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 152-153

⁸⁴⁷ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 160

⁸⁴⁸ CANHÃO, Telo, F., «História de Sinuhe», *Textos da literatura egípcia do Império Médio*, p. 254.

⁸⁴⁹ Ver Capítulo II, §1.2.1.1.

Ins. 6, 16; Huya, TA 1, ln. 104; Ahmés, TA 3, ln. 46; May, TA 14, ln. 51; Ay, TA 25, ln. 13) e no seu favor (Túmulo de Ay, TA 25, Ins. 123, 274).

Nem sempre as reais pensões de aposentação eram de natureza puramente alimentar. Podiam, como vimos, revestir a forma de sinecuras, exercício de certos cargos públicos ou na administração dos templos e nada impedia que esses «bons empregos» tomassem a forma de cargos sacerdotais.

9.1. Assegurando o futuro da família.

Os antigos egípcios consideraram como um dever a preparação de um bom futuro para os seus filhos ou parentes próximos. Todos os bons funcionários pretendiam que os seus descendentes seguissem as pisadas e lhes sucedessem nas suas funções. Para tal era necessária uma longa aprendizagem. Haveria melhor mestre que o próprio pai? O filho, natural ou adoptivo, auxiliaria o progenitor no desempenho dos seus cargos e executaria certamente as tarefas mais pesadas e tanto mais penosas quanto mais velho o seu progenitor. Este apoiar-se-ia nele como num bordão, o seu «bordão de velhice».

Dois casos típicos de «bordão de velhice» do tempo de Akhenaton, são os de Amen-hotep/Huy que transmitiu o seu cargo a seu filho Apy, e o do vizir Aper-El, cujo filho, Huy, lhe sucedeu nas funções de *imy-r ssmwt nb(w) n hm.f*, «Superintendente de todos os cavalos de Sua Majestade», e de *sš-nfrw*, «escriba dos recrutas»⁸⁵⁰.

Dado o curto período de vigência do regime amarniano não houve tempo para organizar «bordões de velhice» e treiná-los para a sucessão dos cargos paternos. Aliás, ignora-se quantos filhos teve a maior parte deste novo funcionalismo ou mesmo se os teve.

9.2. Assegurando a eternidade. O túmulo

O túmulo é uma coisa que só o rei pode conceder. Quem está longe dele corre sério risco, tal como é recordado a Sinuhé:

*nn wnn mt.k hr h3st nn b tw 3mw
nn dit.k m imn n sr iri.tw dri.k
iw n3 3w r hwit 3 mhi hr h3t iwt.k*

«Tu não morrerás num país estrangeiro! Os Asiáticos não te enterrarão!
Tu não serás depositado numa pele de carneiro, nem te farão um túmulo (qualquer),

⁸⁵⁰ ZIVIE, Alain-Pierre, *Découverte à Saqqarah*, p. 10

Já é tarde para uma vida errante! Pensa no (teu) cadáver e regressa!»⁸⁵¹

Sinuhé obedeceu e viu-se presenteado com um belo túmulo e um domínio funerário para assegurar o seu culto⁸⁵². Algo semelhante se afirma a *Instrução lealista*:

Um partidário do rei terá estatuto de venerável (*im3hy*)⁸⁵³
(Mas) não há túmulo para quem se revoltar contra sua majestade,
O seu cadáver será lançado à água.»
[...]
Executai com eficiência as instruções que eu fiz
Então podereis dizê- (las) aos vossos filhos.⁸⁵⁴

Não é, pois, de estranhar que a concessão de um túmulo fosse o bem que os seus funcionários mais requeriam de Akhenaton: *di.k. wy r nhḥ m st ḥsyw m ḥwt.i nt m3ʿ*, «Concede-me a continuidade entre os favoritos, no meu túmulo de *maet*»⁸⁵⁵.

O mesmo pedido encontra-se nos outros túmulos: Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 321; Meriré II, TA 2, lns. 32, 58; Ahmés, TA 3, ln. 47; Meriré I, TA 4, lns. 45, 87, 91, 173, 176; Panehesy, TA 6, lns. 145, 169; Parennefer, TT 188, ln. 4; TA 7, ln. 7; Tutu, TA 8, lns. 26, 152; Mahu, TA 9, lns. 31, 50; Ramés, TA 11, ln. 16; May, TA 14, lns. 46-48; Any, TA 23, ln. 13; Ay, TA 25, lns. 52, 134, 344).

Na verdade, ele estava, desde o princípio, garantido em Amarna, para os servidores leais e atonistas. A sua construção requeria uma importante força de trabalho: pedreiros, escultores e pintores. Sendo uma casa (de eternidade!) era necessário que fosse mobilada, que houvesse um sarcófago no qual a múmia ficasse protegida, roupa, cosméticos, mobiliário e provisões como se verá nas figs. VI.12-25, relativas ao cortejo funerário do vizir Ramose.

Morrer com dignidade era muito caro e mesmo para os ricos era necessário pedir auxílio ao rei. Ay não tem pejo em solicitar a Akhenaton que se encarregue das, certamente elevadas, despesas do seu funeral:

⁸⁵¹ CANHÃO, Telo, F., «História de Sinuhe», *Textos da literatura egípcia do Império Médio*, pp. 228-229.

⁸⁵² LICHTHEIM, «The story of Sinuhe», *Ancient Egyptian Literature*, I, p. 233

⁸⁵³ *Im3ḥw*, o estado em que se encontram os mortos abençoados. Ver FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 20.

⁸⁵⁴ CANHÃO, Telo, F., excertos da «Instrução lealista», *Textos da literatura egípcia do Império Médio*, pp. 847, 850.

⁸⁵⁵ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 12.

di.k n.i kṛst nfr m wdw k3.k m ḥwt.i wdw.k n.i r ḥtp.i m.s

Concede-me um bom enterramento, pelo desejo do teu *ka* no meu túmulo, o qual me destinaste para eu repousar nele...

10. Testemunhos e ensinamentos

Agora que o funcionário está reformado ou desempenha algum trabalho menos cansativo, agora que construção do seu túmulo está em bom andamento ou já terminou, é natural que se recorde o passado (os velhos são muito bons nisso!) e passe a escrito as memórias do seu tempo, as lições da experiência sob a forma de *Instruções* em livro ou as mande gravar no seu túmulo. Para que os outros aprendam com o seu exemplo.

Da época atonista não nos ficaram *Instruções*, pelo menos, nenhuma chegou até nós. Os funcionários de Amarna não deixaram, porém, de passar a escrito as suas histórias de vida servindo-se, como vimos, dos «Apelos aos vivos» Capítulo I, § 1.4.

CAPÍTULO VI – MORTE DE UM FUNCIONÁRIO

A espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos

Edgar Morin
(*O Homem e a Morte*)

Interiormente dependente de complexos mecanismos psicofisiológicos e exteriormente condicionado por um não menos complexo agrupamento de causas cósmicas e sociológicas, o ser humano é, e sabe que é, limitado no tempo. Uma vez consumada a ruptura dos equilíbrios que garantiram a sua vida celular, deixa de respirar, o coração pára e os movimentos cessam. Um observador externo aperceber-se-á de que a energia que animava o seu corpo desapareceu; este foi reduzido à condição de um *hardware* básico, pronto a deteriorar-se rapidamente.

A arqueologia mostra que, em certa altura do passado, os cadáveres passaram a ser acompanhados de vasos de comida e de bebida que poderiam ser consumidas em algum lugar que hoje está fora da nossa compreensão. Esta crença num tipo de sobrevivência depois da morte traduziu-se, no Egipto, pelo aparecimento de sepulturas, contendo alguns bens, desde o início do IV milénio a. C.⁸⁵⁶.

De acordo com o pensamento lógico e prático que lhes era peculiar, os Egípcios encararam o problema, da morte, dividindo-o, como era seu hábito, em dois campos, os quais podemos, com alguma propriedade, designar por *software* e *hardware*. O primeiro campo abrangia os produtos teológicos necessários à formulação de um discurso minimamente coerente a respeito da existência, descrição e concessão da vida depois da morte, dos deuses que a geriam e quais os procedimentos a adoptar na sua presença. O segundo, consequência directa do primeiro, abordava questões muito práticas que lidavam com a protecção e conservação do cadáver, o tipo de habitação que lhe era necessária, a organização do funeral e a «bagagem» que deveria levar para a eternidade.

⁸⁵⁶ SOUSA, Rogério de, «O Horizonte Eterno: identidade e sacralidade nos túmulos privados do antigo Egipto», *Hapi*, ano 2014, n.º 2, pp. 134-135.

Mau grado a sua curta duração, a Época de Amarna introduziu uma descontinuidade no domínio do pensamento religioso que tinha vigorado até então no Egito. As teofuncionalidades de Osíris, de Anúbis e dos deuses que acompanhavam a morte e o sepultamento foram postas em causa. No dizer de Akhenaton, eles tinham deixado de ter poder, não passavam de estatuetas, talvez preciosas, mas sem qualquer significado⁸⁵⁷. A essência do divino estava agora concentrada numa entidade única, Aton, deus criador que habitava no Sol e «repousava», isto é, «não viajava», durante a noite. Assim concebido, a sua relação com a longa noite da morte era nula ou muito difícil de ser explicitada, mas, como as pessoas continuaram a morrer e a ser enterradas durante o reinado de Akhenaton, o problema teve de admitir algum tipo de solução no contexto do novo sistema religioso ou este não poderia vingar. Todavia, nenhum tratado sobre o tema chegou aos nossos dias. As poucas referências sobre a vida *post-mortem* aparecem em textos tumulares e gravadas em *chauabtis* ou outras peças do equipamento funerário. São estas as fontes em que se baseia o presente capítulo.

1. A morte como fenómeno físico

Começaremos por abordar a morte em Amarna sob uma perspectiva puramente fenomenológica, tentando na medida do possível quantificá-la e comparar a sua «taxa de mortalidade» com a do restante território.

1.1. Bioarqueologia de Amarna

Uma das primeiras questões a responder no estudo da morte no seio de um determinado contexto social refere-se ao tempo médio de vida dos seus membros. No que concerne ao Antigo Egito, existem alguns valores parcelares, representados na fig. VI.1 que condensa os dados de três amostras diferentes.

⁸⁵⁷ REDFORD, Donald B., *Akhenaten, the heretic king*, p. 172.

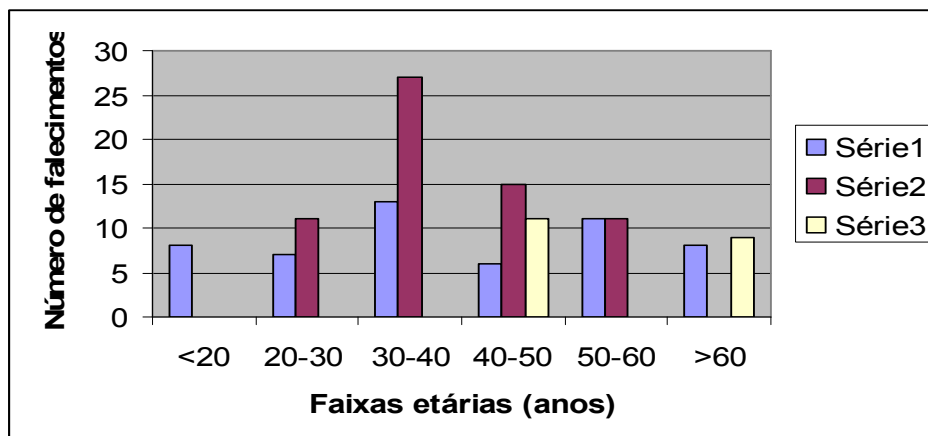


Figura VI.1 – Idade do falecimento de conjuntos de corpos pertencentes a várias épocas do Antigo Egito, de acordo com os dados insertos em Jansen e Jansen, *op. cit.*, pp. 167-170.
 Dimensão das amostras: Série 1: 53 indivíduos; Série 2: 67 indivíduos Série 3: 35 indivíduos.
 Origem das amostras: Série 1 – Exame de 100 indivíduos provenientes de várias colecções da antiga Checoslováquia; Série 2 – Cemitérios pré-dinásticos de Naga ed-Deir; Série 3 – Colecção de múmias do *British Museum*.

O tempo médio de vida está situado entre 30 e 40 anos, não muito longe dos 36 anos propostos por Nun para a colecção de múmias do museu de Turim⁸⁵⁸. Bagnall e Frier, por seu lado, calcularam valores de 25 anos para os homens e de 22,5 para as mulheres. Destas, só 20% atingiriam os 60 anos⁸⁵⁹.

No que respeita aos funcionários de Akhenaton, amostra que vimos estudando, não é possível, pelo menos por enquanto, fazer qualquer determinação, uma vez que não foram encontrados os restos mortais de nenhum dos ocupantes dos túmulos de Amarna⁸⁶⁰. Paradoxalmente, chegaram sim aos nossos dias os restos mortais de operários que trabalharam em Amarna e estão sepultados nos chamados *Túmulos do Cemitério Sul* (TCS). Têm sido estudados por Barry Kemp e a sua equipa no âmbito do *Amarna Project*⁸⁶¹ e constituem um testemunho sem par da qualidade de vida dos que *efectivamente* ergueram com as suas mãos a cidade de Aton. A fig.VI.2 mostra a distribuição relativa da idade de falecimento dos indivíduos sepultados no referido cemitério⁸⁶². Trata-se de uma distribuição cuja mediana ocorre na classe compreendida entre os cinco e os vinte anos de idade, indício

⁸⁵⁸ JANSEN and JANSEN, *op. cit.*, pp. 167-170.

⁸⁵⁹ *Ibidem*, pp. 167-170.

⁸⁶⁰ À excepção de um muito discutido esqueleto de Akhenaton de que só possuímos o crânio.

⁸⁶¹ KEMP, Barry, «The bioarchaeology field school», *Horizon*, Issue 6, Autumn 2009, pp. 4-5.

⁸⁶² De acordo com os dados publicados pelo *Amarna Project*. Ver LABOURY, Dimitri, *Akhénaton*, Paris : Pygmalion, 2010, p. 285.

de elevado grau de mortalidade infantil. Apenas cerca de 3% da amostra ultrapassa os cinquenta anos.

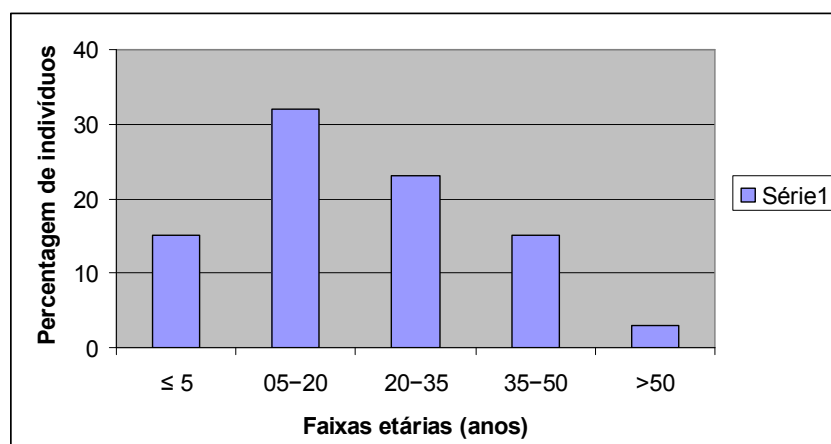


Figura VI.2 – Taxa de mortalidade de um conjunto de corpos encontrados no «Cemitério dos túmulos do Sul» em Amarna, reinado de Akhenaton, XVIII dinastia.

A fig. VI.3 mostra uma dessas heroínas, uma senhora de meia-idade, prematuramente envelhecida. Teria entre 40 e 50 anos de idade e media cerca de 1,62 m de altura. Verificou-se que partira o antebraço esquerdo que curou por si e sofreu um golpe na cabeça que lhe abriu uma pequena depressão no crânio e infectou, mas acabou por sarar. Foi enterrada com a face para baixo e preservou a sua longa trança. Levou como ornamento uns modestos brincos.⁸⁶³



Figura VI.3 – Reconstituição facial do indivíduo 114 dos túmulos do Cemitério Sul. Barry Kemp, *The city of Akhenaton and Nefertiti*, p. 225.

⁸⁶³ KEMP, Barry, *The City of Akhenaton and Nefertiti*, p. 225.

Num estudo mais recente realizado nos mesmos túmulos e incidindo sobre 275 esqueletos, Gretchen Dabbs *et al* verificaram que a maior parte dos cadáveres de adultos mostrava traumatismos ósseos e claros sinais de anemia, reflectindo-se o seu *stress* nutricional em lesões do esqueleto, nomeadamente⁸⁶⁴:

a) Lesões cranianas

Cribra orbitalia – Lesão do tecido ósseo do interior das órbitas, sob a forma de porosidade. Verificada em 22,4% da amostra⁸⁶⁵.

Hiperostose porótica – Lesão do tecido ósseo craniano, sob a forma de porosidade distribuída ao longo do osso frontal, dos parietais e por vezes do occipital. Verificada em 3,1% da amostra.

Qualquer uma destas doenças é motivada por uma deficiência crónica em ferro ou por perda deste elemento, na sequência de diarreia ou por acção de parasitas intestinais.

b) Lesões características do escorbuto. Trata-se de uma doença causada pela falta de vitamina C que se manifesta por anemia, debilidade, hemorragias, diarreia e nos casos mais graves, ulceração das gengivas e perda de dentes. É mais um indicativo de uma alimentação pobre em vegetais e frutos frescos⁸⁶⁶. Verificadas em 3,1% da amostra.

c) Lesões espinais

Nódulos de Schmörl – nódulos da cartilagem intervertebral que comprimem o tecido ósseo das vértebras adjacentes⁸⁶⁷. Verificados em 34,9% da amostra.

Fracturas de compressão. Verificadas em 20,6% da amostra.

Degenerescência da coluna vertebral. Verificada em, 47,4% da amostra

d) Degenerescência dos ligamentos dos membros. Verificada em 24,0% da amostra.

A grande ocorrência de lesões espinais indicia que esta gente transportava pesadas cargas. É o momento de abordar um problema que nos parece dever ser esclarecido, o dos blocos de construção da cidade de Akhetaton, *talatates*, blocos com as dimensões de 52x26,25x22,5 cm e a que, num artigo recente, Christophe Migeon chama «petits blocs de

⁸⁶⁴ DABBBS, Grechen R., ZABEKI, Melissa and ROSE, Jerome, «The Bioarchaeology of Akhetaten: Un-expected results from a Capital City», *The Bioarchaeology of Ancient Egypt*, January, 31/1- February 02 /2, 2013, Cairo, Egypt.

⁸⁶⁵ Ver os sites: plaza.ufl.edu/maurih00/paleopathology.html e www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19280675 de 8 de Janeiro de 2015.

⁸⁶⁶ Ver o site www.medicalnewstoday.com/articles/155758.php de 8 de Janeiro de 2015.

⁸⁶⁷ Ver o site www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3481099/ de 8 de Janeiro de 2015.

grés standardisés utilisés comme des briques crues»⁸⁶⁸ e que Claire Lalouette considera serem «très facilement transportables et démontables par les ouvriers»⁸⁶⁹. Admitindo que a matéria-prima é calcário, cuja densidade média é $d=2,4$ ou arenito, $d=2,1$, estamos perante blocos, pesando cerca de 65 Kg e 56 Kg. Embora isto esteja fantasticamente longe das 10-20 toneladas de alguns blocos das pirâmides é, ainda assim, uma carga terrível de transportar quotidianamente às costas de um trabalhador.

Medições de fêmures realizadas em treze estações arqueológicas mostraram que a estatura média da população amarniana é a *mais baixa* de todas elas e 2-2,5 cm inferior à altura média normal dos antigos egípcios⁸⁷⁰. Isto demonstra, à saciedade, que a vida em Amarna estava longe de ser um paraíso para as classes trabalhadoras, a higiene era má, não havia suficientes cuidados médicos e a alimentação era de má qualidade⁸⁷¹.

As classes superiores, melhor alimentadas, viveriam talvez mais tempo, o que não significa que fossem mais saudáveis. A irmã de Nefertiti, Mutnedjemet, esposa do rei Horemheb, tornou-se rainha aos trinta e quatro anos e, ainda jovem, havia já perdido todos os seus dentes⁸⁷².

Tutankhamon morreu de malária e talvez de um estado infeccioso generalizado. O seu corpo (fig. VI.4) exhibe fractura do fémur e deformação da coluna vertebral (cifoescoliose). Sofria de uma grave doença inflamatória que lhe destruiu o metatarso do pé direito. Isto está perfeitamente de acordo com o facto de ser representado a usar muleta e do grande número de bengalas que foi encontrado no seu túmulo⁸⁷³.

⁸⁶⁸ MIGEON, Christophe, «Akhenaton, un père embarrassant», *Les Cahiers de Science & Vie*, nº 160, Avril 2016, p.50

⁸⁶⁹ LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 508.

⁸⁷⁰ KEMP, Barry, «The quality of life», *Horizon*, Issue 4, September 2008, p. 5 e «The people of Amarna», *Ancient Egypt*, vol.8, nº 5, April/May 2008, p. 43.

⁸⁷¹ Os operários transportavam diariamente numerosas pedras de construção e deve ter-se em mente que um *talatat* de calcário ($d \approx 2,4 \text{ g cm}^{-3}$) pesava cerca de 50 Kg.

⁸⁷² BOOTH, Charlotte, *Horemheb, the forgotten Pharaoh*, Chalford: Amberley Publ. 2009, pp. 86-87.

⁸⁷³ *Ancient Egypt* (10) nº5, April/May 2010, pp. 52-55.



Fig. VI.4 – Representação tridimensional de Tutankhamon de acordo com as tomografias realizadas ao seu cadáver.

2. O ser humano, como agregado bioenergético

A análise que se faz de restos humanos é mais completa, se levar em conta a leitura feita sobre o corpo, no contexto de uma dada cultura. Os antigos Egípcios concebiam o ser humano como uma conjugação harmoniosa de elementos físicos (materiais) que o coração regulava. Adquiria conhecimento dos outros homens e do meio que o rodeava através dos sentidos:

«As pessoas jazem cegas, até chegar a tua luz para acordá-las, para verem a tua beleza Quando te ergues, eles vêm, tal como lhes foi predestinado, pois tu (Aton) envia-lhes os teus raios.⁸⁷⁴»

Interagia com os outros através da palavra:

«(Disse) Sua Majestade: “Trazei-me os companheiros do rei, os grandes do palácio, os comandantes dos soldados... os oficiais... (e) todos (os superintendentes dos trabalhos nos grandes monumentos) na sua totalidade!”. Foram imediatamente conduzidos até ele e



⁸⁷⁴ Pentu, TA 5, ln. 34-35.







ficaram (prostrados) sobre os seus ventres, diante de sua majestade, sobre eles, (beijando a terra para o deus perfeito)⁸⁷⁵».


Demonstrava realidades meta-físicas: carácter, força moral:


«(Kheruef) A quem Um (=o rei) diz o que está no coração, de tal modo ele é influente junto (do rei), a quem o rei do Alto Egipto fez grande, o rei do Baixo Egipto promoveu e o senhor das Duas Terras fez gradualmente a sua fortuna. Homem de sucesso nas suas realizações⁸⁷⁶, (sabendo manter a) boca fechada e abstendo-se de alimentar a má-língua e saindo da sua (real) presença para ser objecto de favores na casa daquele que está no palácio (o rei).⁸⁷⁷»

Cada uma destas componentes materiais e espirituais era dotada de características específicas e tinha um papel a desempenhar na vida e na morte. Os Egípcios consideravam como parte do ser humano as seguintes entidades: corpo, nome, sombra, coração, *ba* e *ka*.

Os túmulos estudados neste trabalho mostram o aspecto dos seus ocupantes, e são especialmente pródigos na representação dos corpos do rei e da família real. Designado por  *ht*, «corpo», este *corpo físico* é constituído fundamentalmente por um interior  *ib*, espécie de super-órgão, cuja entrada é *r-ib*, «o estômago» onde são recebidos os alimentos e bebidas que fornecem a energia para o batimento cardíaco, o qual promove a circulação dos fluidos corporais – sangue, urina e sêmen – nos *mtw*, «vasos veias, canais».

No exterior reconhece-se  *tp*, «a cabeça»,  *šnbt*, «o peito»,  *i3t*, «as costas»,  *ꜥwy*, «os dois braços» e  *rdwy*, «as duas pernas» por acção das quais se pode  *iw*, «movimentar»⁸⁷⁸.

No seu meio social, a cada ser humano corresponde um  *rn*, «nome», e um determinado protocolo que já analisámos extensivamente no Capítulo IV.

Ao ar livre e sob os raios de Aton, a todo o corpo está associada uma  *šwt*, «sombra», cujo comprimento é função da latitude e do ângulo de incidência dos raios solares, variável ao longo do dia. Crescendo ou decrescendo, quase anulando-se no momento do meio-dia solar, a sombra acompanha fielmente todos os objectos e todos os

⁸⁷⁵ Estela da Fundação de Akhetaton, lns. 46-49.

⁸⁷⁶ Lit. «ter sucesso na palma da mão».

⁸⁷⁷ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 285-290

⁸⁷⁸ Sobre a nomeação das várias partes do corpo no Antigo Egipto seguiu-se ARAÚJO, Luís M. de, *Erotismo e sexualidade no Antigo Egipto*, pp. 221-238.

seres vivos. Também a luz das lâmpadas projecta nas paredes dos túmulos esse acompanhante fiel de todos os seres que lhe reproduz o corpo e lhe copia os movimentos.



Os Egípcios conheciam dois termos para designar o coração:  *ib* e  *h3ty*. Vimos anteriormente que *ib* designa também e de uma forma abrangente o interior do corpo⁸⁷⁹ e, portanto, os seus órgãos internos. Este *ib* é cuidadosamente retirado do cadáver, lavado, perfumado e colocado nos quatro vasos de vísceras que, no caso de Aper-El e de sua esposa Taueret, são tapadas por representações dos defuntos, (figs.VI.5-6) mas que depois ficarão ao cuidado dos quatro filhos de Hórus.



Fig. VI.5 – Vasos de vísceras de calcário fino pertencentes à dama Taueret.
Zivie, Alain-Pierre, *Découverte à Saqqarah*, p. 103.

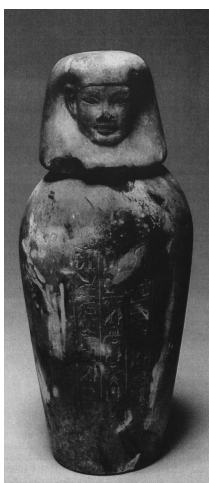


Fig. VI.6 – Vaso de vísceras em alabastro pertencente a Aper-El.
Zivie, Alain-Pierre, *Découverte à Saqqarah*, p. 127.

⁸⁷⁹ ARAÚJO, Luís M. de, *Erotismo e Sexualidade no Antigo Egito*, p. 227

O coração-músculo, *ḥ3ty*, era, depois de tratado, inserido novamente no corpo. Efectivamente, o seu possuidor necessita de levar este *ḥ3ty.i n wn tp-t3*, «meu coração da minha existência sobre a terra», ao julgamento de Osíris onde vai ser pesado com o padrão da pureza universal: a pena da deusa Maet (fig. VI.7).



Fig. VI.7 – Pesagem do coração do candidato à eternidade.

Os textos mostram que também o *ib*, recebido da mãe no momento do nascimento, está presente nesta cerimónia onde se joga a vida eterna do defunto, tal como se explicita no *Livro dos Mortos*:

Ó meu coração de minha mãe (*ib.i mwt.i*)
 Ó meu coração de minha mãe
 Não te ergas contra mim como testemunha
 Não te oponhas a mim no tribunal (de Osíris)⁸⁸⁰

Meu coração de minha mãe
 Meu coração de minha mãe
 Meu coração da minha existência sobre a terra (*ḥ3ty.i n wn tp-t3*)
 Não te ergas em testemunho contra mim
 Diante dos senhores da necessidade!⁸⁸¹

Meu coração *ib* de minha mãe
 Meu coração *ib* de minha mãe
 Meu coração *ḥ3ty* das minhas manifestações
 Não te ergas em testemunho contra mim
 Não te oponhas a mim no tribunal (de Osíris)⁸⁸².






⁸⁸⁰ *BD*, Cap. 30.

⁸⁸¹ *BD*, Cap. 30 A.

Estes capítulos estavam igualmente escritos sobre o «escaravelho do coração», um amuleto cordiforme que era colocado junto ao coração do defunto⁸⁸³.

Segundo Assmann, *ib* seria a sede dos afectos: a bem amada é «a irmã que está no teu coração *ib*», *iꜥ ib*, «satisfazer alguém», *iꜥw n ib*, «lavar o coração= fazer uma confidência a alguém, desabafar», *šms-ib*, «seguir o coração», é atingir o prazer não só através de um acto físico, mas igualmente pela execução dos deveres na perfeição e na modéstia, porque o orgulhoso está cheio de si e «obedece ao ventre»⁸⁸⁴. O fiel «coloca deus no seu coração», interioriza os seus preceitos e vive feliz, tendo alcançado a *ndm-ib*, «doçura do coração», a paz e o sentimento de ser amado pelo deus.

O significado etimológico do segundo coração pode ser visualizado a partir de *ḥ3t*, «frente», como sendo o nisbe *ḥ3ty*, «o que está à frente, o chefe». Estaria associado ao intelecto e à identidade de cada um, ao discernimento e ao comportamento moral, guardaria a memória dos actos praticados e a sua responsabilização⁸⁸⁵. Se assim é, compreende-se a presença de dois órgãos, entendidos como sedes do pensamento e da consciência. O coração parece, pois ser apresentado em duas *kheperu* que, capazes de falar, podem anular a confissão negativa do seu possuidor, e fazê-lo acabar nas fauces de Amut. Torna-se pois necessário recorrer a um procedimento, eticamente pouco honesto, para garantir uma boa sentença do tribunal.

A representação hieroglífica da palavra *ba* mostra uma ave de cabeça humana,  *b3*, acompanhada de um vaso de *sntr*, «incenso» ou seja é algo que está intimamente ligado ao homem, tem a sua cabeça, mas que é divino ou melhor, de natureza espiritual como se mostra pelo incenso com que se defumam as imagens dos deuses. O fumo tal como as asas do *ba* sobe no céu, até às divinas moradas, e é esta a única forma que o indivíduo pode assumir para atravessar a *duat* e se apresentar no tribunal de Osíris ou simplesmente para circular entre o túmulo e o exterior⁸⁸⁶. Neste campo semântico encontramos   *b3w*, «poder autoridade»; um poder que mergulha na terra   *b3*, «rasgar, cavar» mas, também «destruir».



⁸⁸² BD, Cap. 30 B.


⁸⁸³ SOUSA, Rogério de, *Em busca da Imortalidade no Antigo Egipto*, pp. 79-82.

⁸⁸⁴ SOUSA, Rogério de, *Iniciação e Mistério no Antigo Egipto*, pp. 141-142.











⁸⁸⁵ SOUSA, Rogério de, *op. cit.*, pp. 148-153.

⁸⁸⁶ CT I, 397b.

Não se estranhará, portanto, que os deuses possuissem vários   | *b3w*. Inicialmente, o rei era o único ser humano a ter um *ba* e era sob esta forma que subia aos céus e se unia às estrelas fixas. No que concerne à gente comum, a posse do *ba* foi mais tardia, uma conquista do Primeiro Período Intermediário.

O conceito de  | *k3* é difícil de definir. A grafia mostra um símbolo que tem sido considerado como dois braços que abraçam alguém. Este significado transparece no seguinte texto:

«E assim Osíris chegou à terra da montanha real,
Ao norte da sua terra onde chegou.
Seu filho Hórus apareceu como rei do Alto e do Baixo Egito
nos braços de seu pai Osíris,
no meio dos deuses que estavam à sua frente e atrás dele⁸⁸⁷».

No campo semântico de *ka* encontram-se   *k3i*, «pensar, planificar»,   *k3t*, «pensamento»,   *k3t*, «trabalho, construção»,  *k3*, «touro»,   | | | *k3w*, «provisões, comida». Como se viu a respeito do protocolo real, o faraó é um touro ou melhor um  *k3 nht*, «touro poderoso», tal como seu pai e todos os seus antepassados, como se tivesse recebido a sua «majestade» por via hereditária. Isso faz dele não só um guerreiro que investe furiosamente sobre os inimigos como um touro selvagem mas igualmente o protótipo do macho fecundador.

Então o *ka* é uma energia que irradia do corpo do rei e se representa independentemente (fig. VI.8).

⁸⁸⁷ SETHE, Kurt, *Dramatische texte*, 76-77 apud ASSMAN, Jan, *Mort et au-delà...* p. 84.



Fig. VI.8 – Representação tridimensional do *ka* do rei Autibré Hor.
Museu Egípcio do Cairo.

A referência às provisões, que encontramos no túmulo de Huya, é um sinónimo de importância social e riqueza; só tem muita comida quem a pode comprar ou produzir. Neste sentido se compreende o epíteto que é dado à rainha Tié: *m(w)t nsw hmt-nsw wrt Tiy nbt hnw* *šty kw*, «mãe do rei, grande esposa real, Tié, senhora de numerosos alimentos e provisões»⁸⁸⁸. Reunindo os dois conceitos, Huya refere-se a Akhenaton, dizendo:

i3w n k3.k p3 Nfr-hprw-R^c W^c-n-R^c di n^ch h^ck3 nfr
iri srw m^ch t3wy m nfrw.f h^chw h^cfnw
m h^ct-nbt m^cšt h^ctp nw k3.k h^cw r st nb

Louvores ao teu *ka*, Neferkheperuré Uaenré, o bom soberano
que faz os oficiais e enche as Duas Terras com a sua beleza.
Milhões e centenas de milhar de todas as coisas puras são oferecidas ao teu *ka*
e (são enviados) alimentos para todos os lugares⁸⁸⁹.

Há uma referência à majestade do rei, ao seu discernimento na nomeação do corpo de oficiais, um trabalho verdadeiramente régio, à planificação da distribuição dos alimentos, mas também ao seu *ka* como uma energia divina que, também ele, recebe alimentos. Efectivamente, se nos reportarmos à história da concepção de Hatchepsut, tal com é contada em Deir el-Bahari, vemos o deus Amon encomendando a feitura da princesa ao ceramista Khnum. Como parte integrante do corpo da princesa, o deus de Elefantina modela igualmente um duplo que lhe está intimamente ligado. Este duplo é igualmente propiciado no momento do funeral:

⁸⁸⁸ Túmulo do mordomo Huya, TA1, ln. 96.

⁸⁸⁹ *Ibidem*, lns. 89-91.

snty n.k iw.k w^cbty hn^c k3.k m ḥ^cpy wḥm.k rnpy mi rnpy mw w3ḥ.k

As tuas duas irmãs sacerdotisas vêm a ti e ocupam-se do teu *ka*, numa inundação de água fresca, como a água fresca colocada para ti⁸⁹⁰.

Também para depois da morte, se pedem várias graças materiais e espirituais, tal como faz o funcionário Huya:

n k3 n n k3 n imy-r ipt imy-r pr- ḥd Hwyt m3^c-ḥrw,

Pelo *ka* do intendente do harém real, do intendente da Casa da Prata, Huya, justificado⁸⁹¹.

Admitimos que esta energia possa corresponder ao campo electromagnético individual, visualizado através da *aura*⁸⁹². Como produto corporal que é, retira energia dos alimentos. Os Egípcios sabiam-no, de qualquer modo, e faziam oferendas à estátua do *ka* que se ocultava no *serdab*. Para o seu completo desenvolvimento, o *ka* necessitava igualmente de uma vida equilibrada e livre de frustrações, tal como aconselha Ptah-hotep:

Segue o teu coração enquanto viveres
e não faças mais do que (te) é pedido (*m ir ḥ3w ḥr mddwt*).
Não encurtes o tempo de «seguir o coração» (*šms ib*)
é uma abominação do *ka* se ele é violado⁸⁹³

Efectivamente, é hoje bem conhecido que problemas de desnutrição, alimentação deficiente e alterações psicológicas como depressão, angústia e medo podem ser visualizáveis como alterações da aura. Por isso é necessário à boa saúde do *ka* a prática de *ir ḥrw nfr*, «fazer um dia feliz» corporizada na representação de banquetes e música como no túmulo de Mereruka que ouve a esposa a tocar harpa. É igualmente bem conhecido que o «sair da rotina», a festa e a música constituem práticas anti-depressivas.

⁸⁹⁰ Túmulo do vizir Ranose, TT55, lns. 169-170.

⁸⁹¹ Túmulo do mordomo Huya, TA1, ln. 104.

⁸⁹² A aura é visível através da chamada fotografia kirliana. Os pontos de entrada e saída de energia localizados no corpo humano são conhecidos por *Chakras*. Sobre esta problemática ver, por exemplo, LUCAS, Miguel, *A Parapsicologia no Equilíbrio Integral*, São Paulo, Edições Loyola, 1990.

⁸⁹³ *Sabedoria de Ptah-hotep*, 11, apud LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 66.

2.1. A morte como dissociação

A morte acarretava a desintegração do corpo nos seus componentes básicos. A sombra que o cadáver possa ainda projectar é a sombra de um objecto e o seu movimento está limitado ao da fonte de luz. É solidária com o *ba*⁸⁹⁴.

Ao empreender a reconstrução de alguém, deve ter-se em conta que ele não pode ser restituído à sua forma primitiva e jamais voltará a habitar a sagrada terra do Egipto. Só o seu nome, espera-se, permanecerá na memória dos homens. O defunto, dizia-se, «partia com o seu *ka*», tal como no Cap. 125 dos *Textos das Pirâmides*:

Quem parte, parte com o seu *ka*
Hórus parte com o seu *ka*
Set parte com o seu *ka*
Tot parte com o seu *ka*
Osíris parte com o seu *ka*
Kenty-en-irety parte com o seu *ka*
Tu próprio partes com o teu *ka*

Ir ter com o seu *ka*, no sentido de reunir-se com os seus antepassados, ter «uma santa morte»:

Possa o lugar sagrado estar aberto para ti
Possas tu morrer como um que vai (ter) com o seu *ka*
Possas tu receber a tua oferenda na Grande Casa⁸⁹⁵

Isto não acontecia ao vilão: «O seu *ka* estará longe dele»⁸⁹⁶. Em qualquer dos casos está implícito que o *ka* se afastou na exalação do último suspiro. Segundo Assmann : «le *ka* retourne à la sphère sociale d'où il vient, aux pères morts antérieurement»⁸⁹⁷.

No capítulo 105 do *Livro dos Mortos*⁸⁹⁸, acompanhado por uma vinheta que mostra um homem fazendo uma defumação e uma libação ao seu *ka*, este assume a dimensão de um tempo de vida:

Salve meu *ka*, meu tempo de vida
Vê, eu vim até ti
E apareci forte, *ba* e poderoso

⁸⁹⁴ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà*, p. 180.

⁸⁹⁵ Texto do túmulo de Khaemhat, TT 57, XVIII dinastia.

⁸⁹⁶ Túmulo do mordomo Amen-hotep de Mênfis.

⁸⁹⁷ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà*, p. 165.

⁸⁹⁸ FAULKNER, Raymond, *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, p. 105.

Trouxe-te natrão e incenso
As más palavras que disse
As más acções que pratiquei
Elas não me serão imputadas

No fundo, trata-se de uma cerimónia apaziguamento semelhante à do coração para que o *ka* não abra a boca em acusação ao defunto no acto do julgamento osiriano. Estamos perante um *alter-ego*, um *daimon*, uma consciência moral. Os ritos funerários vão conseguir uma primeira separação entre o *ba* e o cadáver, de acordo com uma liturgia própria:

Eu sou esta grande alma de Osíris, por meio da qual os deuses ordenaram que ele copulasse, que vive no alto durante o dia e que Osíris criou a partir dos humores das suas carnes, semente saída do falo. Quando sai durante o dia ele copula por meio dela. Eu sou o filho de Osíris, seu herdeiro nas suas funções; eu sou o ba que está no seu sangue. Eu sou aquele que descobre esta grande coroa do Baixo Egito de Osíris de que os deuses temem a revelação; pois sou bem eu esta grande ba de Osíris por meio da qual os deuses ordenaram que ele copulasse etc.⁸⁹⁹

O *ba*, uma força interior com a qual o homem conversava⁹⁰⁰, sai pela cabeça⁹⁰¹, afasta-se e plana acima do corpo que está a ser embalsamado,⁹⁰² tal como se mostra num relevo do túmulo do vizir Paser, que viveu no tempo de Ramsés II (fig. VI.9). A inscrição do frontispício é a seguinte:



«*nh b3.k wd(3) h3t(.k) s^{ch.k mn} hrt-ntr*,
«Que o teu *ba* viva, que o (teu) cadáver seja vigoroso e a tua múmia estável na necrópole.»

Na altura em que a procissão funerária se detém, junto do túmulo, executa-se a cerimónia de abertura da boca e é feita uma oferenda à múmia, a céu aberto. Assim o indica a fórmula de oferenda, citando o *ka*, *sʕh*, «a múmia», o *ba* e o cadáver:

Cortar-se-á para ti uma coxa (de boi) para o teu *ka*
E o corpo da tua múmia.
Que o teu *ba* vá para cima e o teu cadáver para baixo⁹⁰³

⁸⁹⁹ CT 94 (B3L).

⁹⁰⁰ «Diálogo de um desesperado com o seu *ba*», CANHÃO, Telo, *Textos da Literatura Egípcia do Império Médio*, pp. 629-679.

⁹⁰¹ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà*, p. 154.

⁹⁰² Tal como se mostra num relevo do túmulo do vizir Paser, que viveu no tempo de Ramsés II (c. 1280 a.C.)

⁹⁰³ ASSMANN, Jan., *Mort et au-delà dans l'Égypte ancienne*, p. 145.

Uma vez efectuada a cerimónia, o *ba* deve subir ao céu, tal como se exprime no ritual:

O teu *ba* está no céu
O teu cadáver sob a superfície da terra⁹⁰⁴

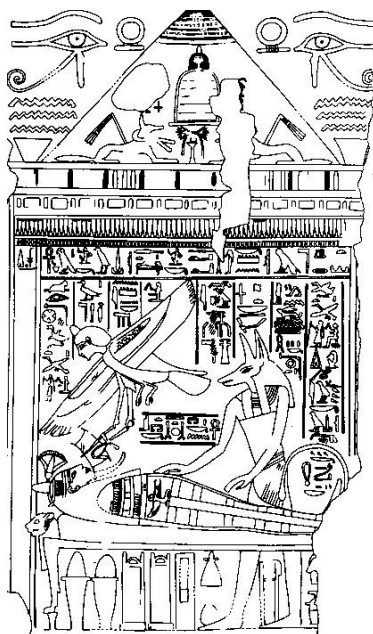













Fig. VI.9 – Ritos finais de embalsamamento. O *ba* plana sobre a múmia.
Relevo do Túmulo de Paser (TT 106).

3. Semiótica da morte

A escrita hieroglífica utiliza os termos: ,  ou , *m (w)t*, «morrer» e , , *m(w)t*, que designa «um homem morto». A representação insiste nos atributos de horizontalidade e imobilidade mas também no fluxo de sangue que brota de um crânio fracturado, caso de determinativos como , ,  e  que parecem mostrar suicidas ou homens assassinados, mediante um código que actualmente é obscuro⁹⁰⁵. Reduzido à sua materialidade mais extrema, o corpo tornou-se um , , *h3t*, «cadáver», que, a breve trecho, libertará humores e, tal como mostra a representação do peixe, irá cheirar mal. Num país quente, como o Egipto, a decomposição é rápida.

⁹⁰⁴ *BD*, Cap. 169.

⁹⁰⁵ Trata-se dos signos A14b, A14c, A14e, A 15a e A15c, segundo a catalogação de Gardiner. Ver BONNAMY, Yvonne et SADEK, Ashraf, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, p. 887.

A atitude do ser humano perante a morte, verdadeira *final frontier*, tem sido traduzida em três discursos diferentes: Fruir completamente a vida terrestre porque o depois da morte é desconhecido; aproveitar a vida terrestre para preparar a vida no Além; desprezar profundamente a vida terrestre e pôr toda a ênfase na vida futura.

Todos eles se vieram a encontrar no Antigo Egipto ao longo da sua história. O primeiro discurso está presente no chamado *Canto do Harpista do rei Antef* que acompanhava os banquetes:

Os deuses que houve outrora
Repousam em seus túmulos.
Nobres e bem aventurados
De igual sepultos em suas tumbas.
Ainda os que ergueram sepulcros
Os seus lugares já não existem
Que é deles?
[...]
Ninguém chega de lá
a contar o seu estado,
a dizer o que precisam,
a acalmar os nossos ânimos,
até irmos para onde eles já foram.
Por isto, exulta em teu coração!
[...]
Põe mirra em tua cabeça,
veste-te de linho fino,
unge-te com óleos finos próprios de um deus.
[...]
Quando a ti chegar esse dia de lamento,
O-de-coração-cansado (Osíris) não ouvirá os seus ais,
O choro não salva ninguém do poço!⁹⁰⁶

Na época bizantina, os «monges do deserto» foram um caso extremo do terceiro discurso, um discurso misógino e intolerante que, infelizmente, teve e tem adeptos ainda hoje. Uma atitude mais equilibrada impôs-se no Egipto faraónico, embora a obtenção construção e manutenção do túmulo fosse uma preocupação fundamental que percorria a sociedade, do rei ao mais pequeno funcionário. Efectivamente, tal como nos dias de hoje, a morte não era, então, fácil de compreender pelo que houve que produzir, paralelamente, construções mentais que permitissem enquadrá-la no espectro do dizível.

⁹⁰⁶ *Canto do Harpista do rei Antef*. Este hino está parcialmente transcrito no túmulo de Paatonemheb, contemporâneo de Amen-hotep IV/Akhenaton, e em texto completo no *Papiro Harris 500*. Ver CARREIRA, José N., *Literatura do Egipto Antigo*, pp. 123-125.

O discurso interpretativo dos funcionários akhenatonianos segue o segundo modelo que aqui apresentámos: aproveitam o tempo de vida para preparar a sua morada de eternidade, solicitando-a como vimos ao rei. Na verdade, sendo eles o núcleo atonista do país, uma vanguarda religiosa educada pelo soberano, tinham garantido o seu túmulo e com ele a vida eterna. Podiam, pois, gozar calmamente a sua existência terrestre em casas confortáveis⁹⁰⁷. Nada de muito diferente do que acontecia desde o tempo de Sinuhé, à exceção o referente divino.

4. A morte e os seus modelos míticos

Para lidar com o absoluto da morte e assegurar, mesmo assim, a saúde mental dos seus anos sobre a terra, o ser humano viu-se obrigado a produzir um discurso acerca dela. Ao longo da sua história, os pensadores do antigo Egipto prosseguiram um esforço tendente à criação de sentidos que a pudessem materializar através da escrita e da imagem. A morte veio, assim, a tornar-se, de acordo com Assmann, um «gerador fundamental de cultura»⁹⁰⁸. Tal como para o caso da velhice, também aqui foi necessário produzir modelos explicativos. Falaremos de três: modelo osiriano, modelo solar e modelo atonista.

4.1. Modelo osiriano

Tal como o seu nome indica, foi construído a partir do mito, ou da realidade histórica mitificada, que narra a morte de Osíris. Contrariamente a outros, não se encontra descrito numa única fonte, mas espalhado ao longo de muitos textos de diferentes épocas.

Osíris foi, outrora, um grande rei do Egipto:

Temido quando abate o inimigo,
Poderosamente armado quando esmaga o seu inimigo
[...]
Herdeiro de Geb na realeza das Duas Terras
Ele colocou a sua terra na sua mão,
A sua água e o seu vento,
As suas plantas e todo o seu gado.
Tudo o que voa, tudo o que está em baixo.
Os seus répteis e os animais do deserto
foram dados ao filho de Nut
[...]

⁹⁰⁷ Sobre as casas dos altos funcionários amarnianos ver KEMP, Barry, *The city of Akhenaten and Nefertiti*, pp. 177-195; 197-206.

⁹⁰⁸ ASSMANN, Jan, *Images et rites de la mort dans l'Égypte Ancienne*, p. 11.

Aparecendo no trono de seu pai
[...]
Ele inunda as Duas Terras como Aton ao amanhecer⁹⁰⁹

O seu assassinio, levado a efeito pelo irmão, Set, revestiu, portanto, o aspecto de *crime contra um justo*. E os crimes são julgados em tribunal... Mas como pode alguém comparecer e pedir justiça se está morto, com o seu corpo despedaçado e distribuído por todo o Egito e não tem um filho que o represente e vingue? Duas mulheres vão tomar a responsabilidade de resolver este problema. Ísis, a irmã-esposa, e Néftis, a irmã-amante partiram em busca dos membros do deus, auxiliadas pelo *bastardo* Anúbis⁹¹⁰. Reuniram as várias partes do seu corpo, colocando-as nos lugares devidos, ligaram-nas e protegeram-nas da decomposição. Osíris obteve assim um corpo reconstruído, mas inanimado, incapaz de gerar, mesmo se dotado de um novo pénis moldado pela sua esposa. Sob a forma de uma pequena ave de rapina, Ísis bateu as asas e produziu o sopro da vida que animou o seu membro procriador e pôde assim magicamente gerar um filho *legítimo*, Hórus:

«A sua irmã foi sua guardiã
[...]
Poderosa Ísis que protegeu seu irmão
Que o viu inerte e já sem vida,
que atravessou a terra lamentando-se,
não descansando enquanto não o encontrou,
que fez uma sombra com a sua plumagem,
criando a brisa com as suas asas.
Que jubilou juntamente com o seu irmão,
Erguendo da prostração o que estava inerte,
Que recebeu a semente e gerou o herdeiro,
Que criou a criança com solicitude,
Na sua morada desconhecida,
Que o levou quando o seu braço era forte
Até à grande mansão de Geb.⁹¹¹

Estabelecido na (quase) integralidade do seu corpo, mas ainda fraco, Osíris comparece no tribunal, conduzido por Hórus e Tot e amparado por Ísis e Néftis, tal como se descreve nos *Textos das Pirâmides*. Vem acusar Set:

⁹⁰⁹ Hino do funcionário Amenemés, Estela C286 do Museu do Louvre. Ver ARAÚJO, Luís M. de, (trad.) in *Mitos e Lendas do Antigo Egito*, pp. 129-130.

⁹¹⁰ Filho de Osíris e Néftis.

⁹¹¹ Hino do funcionário Amenemés, estela C286 do Museu do Louvre. Ver ARAÚJO, Luís M. de, (trad.), *Mitos e Lendas do Antigo Egito*, pp. 129-130.

Hórus vem, Tot aparece.
Eles levantam Osíris que está estendido sobre o seu flanco,
ele consente a erguer-se à cabeça da Enéade.
Recorda-te Set,
põe no teu coração
as palavras que Geb pronunciou contra ti,
esta acusação que os deuses fizeram contra ti
na casa do senhor de Heliópolis,
porque prostraste Osíris por terra.⁹¹²

Na versão do *Hino a Osíris* do funcionário Amenemés, esta acusação é, como cumpre, levada a tribunal por Hórus, filho legítimo de Osíris e, com tal, seu único herdeiro:

A Enéade estava em júbilo:
“ Bem-vindo filho de Osíris,
Hórus, de coração firme, justificado,
filho de Ísis, herdeiro de Osíris!”
O Conselho de Maet reuniu-se em assembleia para ele
[...]
Eles que estão sentados no palácio de Geb,
para entregar a função ao seu senhor;
a realeza ao seu legítimo dono.
Hórus foi considerado justificado,
as funções de seu pai foram-lhe entregues,
ele foi coroado por ordem de Geb,
recebeu a soberania sobre as Duas Margens⁹¹³

Psicologicamente, admitimos estar perante um modelo onde se cruzam os papéis cometidos à mulher (fidelidade, lamentação e magia) e os que pertencem ao filho (*vendetta* e sacerdócio).

4.1.1 A morte como inimigo

Baseia-se na aplicabilidade do mito de Osíris ao ser humano. De acordo com Assmann⁹¹⁴, assume a forma de um processo judicial contra a Morte, identificado com o processo do deus, tal como se mostra no Quadro VI.1.

⁹¹² PT 477.

⁹¹³ Hino do funcionário Amenemés. Estela C286 do Museu do Louvre.

⁹¹⁴ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà*, pp. 114-116

Quadro VI.1 – Paralelismos entre a morte do netjer Osíris e a morte dos homens

| Mito | Processo da morte |
|--|--|
| Osíris | O morto, N |
| Ísis e Néftis | Sacerdotisas e carpideiras |
| Set | A morte, o assassino |
| Anúbis | Embalsamadores |
| Hórus | O defensor |
| Tribunal dos deuses Acusação de Set | Tribunal de Osíris; Acusação de N e sua defesa (confissão negativa); Aferição da verdade (pesagem do coração); |
| Tribunal dos deuses Acusação de Set | Tribunal de Osíris; Acusação de N e sua defesa (confissão negativa) Aferição da verdade (pesagem do coração); |
| Sentença. Osíris recebe um novo reino O herdeiro legítimo recebe a herança de Osíris, o trono do Egito. | Justificação, proclamação do morto como Osíris N. Participa na herança de Osíris |

Na realidade, as coisas não são rigorosamente paralelas. Assmann fala mesmo de uma «inversão do modelo mítico»⁹¹⁵. Efectivamente, o processo da morte só indirectamente se faz. O que está em julgamento é a componente «seto-isefética» do ser humano, N, sede de todos os comportamentos contrários à boa ordem do mundo que teve em vida e que, indubitavelmente lhe acarretariam uma segunda e definitiva morte.

N, um leal funcionário do regime, apresenta-se bem provido de talismãs e foram-lhe fornecidos livros de etiqueta e da geografia do Além. O seu «Set pessoal» não está autorizado a falar e não fala. O coração de N, essa memória de uma vida inteira, é avisado para se abster de comentários desfavoráveis e ali fica à semelhança de um livro que ninguém quer abrir. Está perante os deuses, murmura uma confissão negativa e o seu coração é pesado contra a pena de Maet. No entanto, esta é uma operação fraudulenta, uma vez que Anúbis se encarregou já de equilibrar a balança de Maet, Tot regista, portanto, um resultado favorável e Hórus se constitui como defensor de N. Com todas estas precauções, a justificação é uma certeza e a presença do monstro Amut, puramente simbólica.

A vida depois da morte só está, portanto, ao alcance dos que são poderosos e estão nas boas graças do rei. Os «maus» perderam o favor real, viram os seus nomes ser

⁹¹⁵ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà*, p. 15

modificados e sofreram uma morte vil. Neste ponto, o Atonismo não introduziu quaisquer modificações, embora tendo em mente que a distinção entre o que é teologicamente «mau» e «bom» é muito peculiar nesta época. Continua recorrer-se aos velhos métodos e, por muito atonista que se seja, não se dispensam os amuletos protectores, tal como fez o vizir Aper-El e, provavelmente, terão feito os funcionários amarnianos



Fig. VI.10 – Amuletos pertencentes à múmia do vizir Aper-El.
Zivie, Alain-Pierre, *Découverte à Saqqarah*, p. 103.

Na verdade, mesmo nos túmulos tebanos, o modelo Osiriano perpassa muito tenuemente. A fase do julgamento nunca é descrita.

Kheruef chega ao primeiro portão da Duat e pede entrada:

dd-mdw n whmw-nsw tpy imy-r pr hrw.f m3t-hrw i sb3 tp im n d3t mri.f k bwt.f prt wn n.i i.n.i hr m3t

Palavras ditas pelo primeiro arauto do rei, o mordomo Kheruef, justificado: Ó primeiro portão da *Duat*, ele deseja entrar. A sua abominação é a retirada, abre para mim. Eu vim sob o signo da *maet*⁹¹⁶

A sua senha de entrada é uma confissão positiva e muito sintética: *i.n.i hr m3t*, «vem sob o signo da *maet*». Aparentemente, chega a um tribunal que vai examinar o seu caso e apresentá-lo a Osiris, o senhor da eternidade. A eles se dirige Kheruef:

⁹¹⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 204-206.

i ntrw nbw n d3t d3d3t imiwt t3-dsr s^cr.tn hrw.i n nb (n)h^h
 Ó vós, todos os deuses da Duat, (divinos) magistrados que estais na «terra sagrada»⁹¹⁷,
 apresentai o meu clamor ao senhor da eternidade⁹¹⁸ ...

A fase de julgamento não é descrita nem está representada. A sentença é simples:

di.n. R^c 3h m pt n whmw-nsw tpy hrw.f m3^ct-hrw
 Ré concedeu (o estatuto de) bem-aventurado ao primeiro arauto do rei, Kheruef, justificado⁹¹⁹.

Estranhamente ela não é proferida por Osíris mas por Ré. Mais adiante, contudo, o deus do Além concede igualmente a bem-aventurança a Kheruef em todos templos que lhe são dedicados no Egito e na sua morada celestial⁹²⁰.

O vizir Ramose é muito sóbrio. Invoca também a sua maeticidade:

iri.n.i hsst nsw rk.i nn hdi tp-rd wdt.n.f nn iri.i isft r rmt n mrwt htpy hrt smt.i
 Fiz o que era agradável ao rei do meu tempo e não desobedeci às leis decretadas por ele, não pratiquei mal contra o povo, a fim de que (pudesse vir a estar) em paz (sob) o céu, na minha necrópole⁹²¹

Basicamente obedeceu às ordens reais como compete ao bom funcionário mas acrescenta que não praticou mal contra o povo, o que muito o dignifica. É pressuposto que passou sem dificuldade primeiro portão da Duat e o seu discurso aos deuses-magistrados é praticamente igual ao de Kheruef:

i.i ntrw nbw d(w)3t d3d3t imyt t3 dsr sr^c-w3t tnwy n nb (n)h^h dw3.i sw km3.i šfšfywt(.i)
 Ó (vós) todos os deuses da Duat (e vós) concílio divino que estais na terra sagrada, encaminhai-me até ao Senhor da Eternidade para que possa adorá-lo e apresentar(-lhe) os (meus) respetos⁹²².

No final do seu extenso cortejo funerário, Ramose dirige-se directamente a Osíris e repete a sua declaração de maeticidade⁹²³. Embora tenha sido copiosamente abençoado

⁹¹⁷ A necrópole.

⁹¹⁸ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 208-209.

⁹¹⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 210.

⁹²⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 354-380.

⁹²¹ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 35-36.

⁹²² Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 39-40.

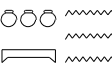
⁹²³ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 284-288.

durante as suas exéquias, Ramose, contrariamente a Kheruef, não é expressamente dito bem-aventurado por Osíris. Sinais dos tempos...

Os pobres não puderam ser equipados com talismãs, ou sê-lo-ão com alguns de inferior qualidade. Não dispondo dos textos devidos, estão impossibilitados de progredir na complexa geografia do Além. Os seus corpos não foram tratados, jazem enterrados no deserto e a morte cerrou-lhes definitivamente a boca. Para eles não há o tribunal de Osíris. Teriam os Egípcios consciência das debilidades morais deste modelo?

4.2. Modelo solar


A influência dos sacerdotes heliopolitanos contribuiu para a criação de uma perspectiva do Cosmos que se veio a tornar clássica e que tem mesmo alguns pontos que podem recordar as teorias cosmológicas actuais.

O mundo tinha sido criado a partir de um pequeno núcleo de auto-conhecimento que se formara no seio de uma «sopa primordial» infinita e ilimitada, denominada  «Nun». A sua consistência é líquida e informe, enquanto o núcleo era dotado de forma e susceptível de criar coisas por diversos meios, como o sémen, a palavra ou o trabalho manual⁹²⁴. Mas porque a sua força não foi suficiente para esgotar o Nun, a criação que fez constituiu apenas uma bolha no seu seio. Nessa bolha se concentram a matéria organizada, o Egipto e o rio que lhe dá vida. Cercando-a por todos os lados está o Nun, como um oceano cósmico. De acordo com a cosmogonia heliopolitana, a superfície do céu é a deusa Nut mantida sobre a terra, o seu esposo Geb e dele separada por Chu, o ar seco e luminoso (fig. VI.11).

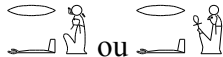

⁹²⁴ SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias*, pp. 66-73.



Fig. VI.11 – O deus Chu afastando o céu da terra.

Esta abóbada divina toca a superfície da terra em quatro pontos. A deusa apoia-se nas extremidades dos pés e das mãos, os  *shnwt*, «os quatro pilares do céu» e, porque mesmo assim pode oscilar, há duas entidades que amparam os braços de Chu. Cada um destes pilares representa um ponto cardeal. Nascente e poente, pontos da alvorada e do ocaso, são os *3hty*, «os dois horizontes», sobre os quais vela a sombra protectora de Ré-Horakhti. Este modelo é simetricamente desenvolvido no sentido inferior, correspondente ao período nocturno. No corpo da deusa evoluem todos os objectos cósmicos visíveis na terra, entre eles, o Sol. O cosmos heliopolitano foi objecto de numerosas representações e encontramos-lo por exemplo, no tecto do túmulo de Ramsés IV, KV 2 (c. 1156-1150 a.C.). O texto que o acompanha descreve-o assim:

O lado superior do céu existe em escuridão uniforme, os seus limites são desconhecidos, tendo sido colocados nas águas sem vida. Não há luz...nem brilho lá. E como acontece em todo o lugar que não é céu nem terra, é a *Duat* na sua totalidade⁹²⁵.



Estamos perante uma realidade tripartida: o Céu onde evoluem o Sol e as estrelas, a Terra onde vivem os seres humanos e a *Duat* destinada aos mortos. O Sol foi sempre venerado pelos Egípcios, pelo menos a partir da IV dinastia, em que  ou  *R^c*, «o deus Ré» passou a ser considerado como deus solar e criador supremo por associação com Atum⁹²⁶. O seu antecessor, o demiurgo Atum, que já possuía características solares, foi

⁹²⁵ SILVERMAN, David, *Ancient Egypt*, p. 115.

⁹²⁶ SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias*, pp. 97-103.

remetido para o papel de divindade do entardecer. No Capítulo 17 do *Livro dos Mortos*, Ré formula deste modo a sua identidade com Atum:

«Eu era Atum quando estava só no Abismo; eu era Ré nas suas gloriosas aparições quando ele começou a governar aquilo que criara. [...] Eu sou o grande deus que se criou a si mesmo. [...]. Eu sou aquele que não sofre oposição por parte de nenhum deus. [...] A mim pertence o dia de ontem, [só] eu conheço o amanhã.»⁹²⁷

Os Egípcios interpretaram o movimento aparente de  ou , «o Sol», em relação à Terra, como se de uma viagem se tratasse e o astro como um ser que nascia e alcançava o apogeu ao meio-dia, morrendo depois no crepúsculo mas regressando para uma nova manhã. Assim sendo, a categoria de Morte não lhe podia ser aplicada, mas sim a de Repouso ou de Viagem numa outra Realidade, tal como podemos ver numa oração, de grande expressividade, dedicada a Ré-Khepri, o Sol nascente:

Tu atravessas em paz o céu longínquo
até repousares no belo Ocidente.
A barca da noite está de coração tranquilo
a barca do dia está em júbilo
e faz gestos de alegria.⁹²⁸

Contrariamente a Osíris, para sempre rei-prisioneiro do mundo dos mortos, o deus solar regressa, ressuscita todas as manhãs e o seu nascer é pautado por uma sinfonia específica – o cantar dos galos, na Europa, e o clamor de pássaros e babuínos em África.

thw b nb m nfrw.f w^c hr hw.f... (m) šfty(.f) phr n b3w... m^cndt
Toda a terra está alegre com a tua beleza única e sem par... (na sua) dignidade e os *bau* (esvoaçam) em redor da barca da alvorada⁹²⁹.

Também o crepúsculo tem, nestas paragens, a sua música própria – os sons dos canídeos selvagens, o rugir dos leões... Ora tudo isto era conhecido, e no Egipto estas sonoridades mereceram uma interpretação teológica: os ruidosos babuínos passaram a ser vistos como «aspectos», eram entidades que habitavam na intersecção de dois mundos, o

⁹²⁷ FAULKNER, *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, p. 44.

⁹²⁸ Oração a Ré-Khepri da estela de um sacerdote de Ptah, reinado de Tutmés III. Ver BARUCQ e DAUMAS, *Hymnes et Prières*, p. 121. Esta oração esclarece-nos bem que o meio de transporte que o deus utiliza é uma barca.

⁹²⁹ Túmulo do Vizir Ramose, TT55, Ins. 29-30.

mundo subterrâneo e o céu, os *bau* do Oriente, e só assumiam a forma animal ao romper do dia:

Os babuínos que anunciam Ré
Aquando do nascimento deste grande deus
À sexta hora no mundo subterrâneo
Surgem diante dele, só depois de assumir a sua forma que lhes é própria
Quando estão [posicionados] de ambos os lados deste deus
E para ele aparecem até ele partir pelo céu,
Dançando para ele, saltando para ele,
Cantando para ele, fazendo música para ele,
fazendo um alegre chinfrim para ele.
Quando este grande deus aparece diante dos olhos do povo,
Eles ouvem as alegres palavras de *uetjnet*.⁹³⁰
São elas que anunciam Ré no céu e na terra.⁹³⁰
Os *bau* do Ocidente, sob a sua forma de canídeos selvagens⁹³¹, saudavam, também

eles, o Sol poente, que se punha nas montanhas ocidentais como manifestação do deus Atum:

«Ré toma assento na barca da noite,
Manejada pelos inexauríveis.
Os canídeos aglomeram-se junto ao cabo do reboque⁹³²
Eles puxam-te, o teu coração está dilatado⁹³³,
Até ao lugar do teu repouso
No horizonte das montanhas ocidentais.»⁹³⁴

Entretanto a barca vespertina Meseketet (*Msktt*) entrava no mundo subterrâneo e eis que o deus Ré se osirificava, tornando-se assim o «*ba* no céu»:

Os transfigurados e os *bau* do Ocidente
Rejubilam quando a tua majestade se aproxima
Vêem-te chegar em paz
No teu aspecto de *ba* no céu.⁹³⁵

Ré não se limitava a iluminar o mundo subterrâneo. Esperava-o um rude combate com as forças do caos, materializadas na monstruosa serpente Apep (Apópolis), de cujo resultado

⁹³⁰ Sem indicação da fonte, *apud* ASSMANN, *The Search for God in Ancient Egypt*, pp. 62-63.

⁹³¹ Os textos ingleses chamam-lhes *jackals* (chacais). De acordo com o egiptólogo Louis Keimer, o chacal (*Canis aureus*) nunca existiu no Egito. Havia, sim, um canídeo selvagem preto, de focinho afilado e orelhas pontiagudas (*Canis lupaster*) que se tornou o animal sagrado do deus Uepuauet. Sobre este assunto ver ARAÚJO, «Cão», *Dicionário do Antigo Egito*, pp. 177-178.

⁹³² Também Amen-hotep III se faz puxar à sirga numa barca, reforçando o seu aspecto solar.

⁹³³ No original *3wt-ib*. De acordo com Assmann, o «coração dilatado» exprime «a alegria do vencedor, numa procissão triunfal». Ver *Egyptian solar religion in the New Kingdom*, p. 51.

⁹³⁴ *Papiro de Berlim 7316*, *ibidem*, p. 44.

⁹³⁵ *Papiro de Berlim 7316*, *ibidem*, p. 44.

dependia o regresso do Sol⁹³⁶. O combate era travado entre o réptil e o próprio Ré, que por vezes se apresentava sob a forma de um gato, ou por Set, o deus guerreiro, que, à proa da barca, esgrimia destemidamente a sua lança. O resultado traduzia-se, naturalmente, pela vitória da barca de Ré, vitória que infelizmente deveria ser repetida em cada noite.

Antes de brilhar à luz do dia, o deus solar tomava um banho purificador no «Campo dos Juncos», tal como se pode ler no Capítulo 510 dos «Textos das Pirâmides»⁹³⁷:

Abertas estão as portas do céu
Entreabertas as do “lugar da purificação”⁹³⁸
Para o Hórus do Oriente, ao romper d'alva
Para que ele possa descer e banhar-se no Campo dos Juncos.»



Tudo isto se passava no mundo que se localizava, segundo a muito rigorosa expressão portuguesa, «atrás do sol-posto» mas de cujas diferentes localizações voltaremos a falar. Este modelo é acompanhado de muito perto nos túmulos tebanos de Kheruef, TT 192⁹³⁹ e do vizir Ramose⁹⁴⁰ e foi, obviamente, abandonado com a instauração do Atonismo.

4.2.1. Ré e o regresso ao seio materno

De acordo com uma obra do período amarniano, o *Livro da Vaca do Céu*, a que já nos referimos, o deus Ré, primeiro rei do Egipto, envelheceu e, por razões desconhecidas, houve uma revolta contra o seu governo. O deus começou por decretar a destruição completa da Humanidade, mas acabou por perdoar aos sobreviventes. Se perdoou, não esqueceu. Enfraquecido e desgostado com este mundo, retirou-se para o céu⁹⁴¹. Na verdade, retornou

⁹³⁶ Ver ACÚRSIO, «Apopis», *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 85. A primeira menção de Apopis remonta ao Primeiro Período Intermediário. As principais fontes a seu respeito são os *Livros do Além* do Império Novo como o *Livro das Portas* (cenais 13/14; 34/35; 66/67), o *Livro das Cavernas* (capítulo 6), o *Livro dos Mortos* (capítulos 7, 15, 39 e 108) e o *Livro de Amduat* (horas 7 e 12). Existe também um texto tardio, o *Livro de Abater Apopis*, inserido no *Papiro Bremer-Rhind* (PMB 10188) escrito cerca de 312 a. C.

⁹³⁷ Veja-se BAINES et al., *Religion in Ancient Egypt. Gods, Myths and Personal Practice*, p. 99.

⁹³⁸ Os autores traduzem *kbh* por «lugar frio». A palavra significa «fazer uma libação, purificar» e o seu determinativo  ou  mostra os jarros estreitos que eram usados nestes rituais. O termo para «frio» é *kb*. Veja-se FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 277.

⁹³⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 148-150, 192

⁹⁴⁰ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 5-5

⁹⁴¹ SALES, José das Candeias, «O mito da destruição da Humanidade: sentido e significado da clemência divina de Ré», *Estudos de Egiptologia. Temáticas e Problemas*, pp. 135-155. Este «pecado original», no sentido de desrespeito pela divindade, é igualmente narrado na literatura da Suméria, onde Enlil está absolutamente farto do ruído que os homens fazem e lhes manda uma epidemia não especificada, e ainda na Bíblia (Génesis 6,5),

ao seio de sua mãe sob a forma da «Vaca do Céu», ou da deusa Nut. Ali passou a ser quotidianamente reconstruído e dado à luz.

Kheruef refere-se a este evento:

3h.k m ht mwt.f Niwt

Tu desces no ventre de tua mãe Niut⁹⁴²

sdr(t) (b)k3w hw m hrt-hrw hd t3 rnpw.k m hwn ntr pwy st(w)t m irw.f m hwn ntr pwy st(w)t m irw.f pri m ht mwt.f nn 3bw htp m hnw.s r nw.f

a que passa a noite grávida⁹⁴³. Ao romper d'alva, tu és rejuvenescido como este deus-menino (entre) os raios do Sol, na sua forma, (como este deus-menino, na sua forma radiante,) (podes) sair do ventre de sua mãe, incessantemente, e descansar no interior dela no teu⁹⁴⁴ tempo.

Também o vizir Ramose se refere a Nut: *psd.k psd mwt.k h^cy nsw im pt nsw*, «Tu brilhas no dorso de tua mãe, apareces em glória como rei no céu, como rei»⁹⁴⁵. Saúda as barcas de Ré: *(mskt) (n) m^cndt*, «a barca Meseketet e à barca Menedet⁹⁴⁶» onde também pretende repousar: *di.f wnn.i m-m^c šmsw.f htp b3.i (m)sktt mt hrt-hrw nt r^c-nb*, «Permita ele (Ré) que eu esteja entre os seus seguidores e repouse o meu *ba* na barca da noite, no decurso do dia e por todos os dias»⁹⁴⁷.

A fig. VI.12 representa o momento em que a deusa engravida e aquele em que dá à luz o deus Ré.

na conhecida história do Dilúvio. Ver BOTTERO e KRAMER, «La grande Genèse babylonienne», *Lorsque les dieux faisaient l'homme. Mythologie mésopotamienne*, p. 341.

⁹⁴² Túmulo de Kheruef, TA 192, ln. 9

⁹⁴³ A deusa Nut, segundo o texto.

⁹⁴⁴ No texto está «seu» o que se referiria à mãe do Ré, a deusa Nut. Não parece correcto.

⁹⁴⁵ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 3

⁹⁴⁶ Referência às duas barcas a bordo das quais Ré efectua o seu percurso. A barca Meseketet é a barca da noite e Menedet, a barca do dia. Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 51.

⁹⁴⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 56.



Fig. VI.12 – À esquerda: A deusa Nut engole o Sol, ficando grávida. À direita: Nut dá à luz o Sol. Cenas do túmulo de Ramsés VI, KV 9.

«Emergindo do mundo subterrâneo
Sentado na barca do dia,
Atravessando o oceano primordial
Na hora do dia “Que contempla a perfeição do seu senhor”,
Transformando-se em Khepri,
Subindo no horizonte,
Entrando pela boca,
Saindo pela vulva.
Brilhando na porta do horizonte,
Na hora “Que faz brilhar a perfeição de Ré”
Para criar o sustento da humanidade
Do gado e de todas as serpentes que ele criou.»⁹⁴⁸

Deste modo, não é de estranhar que o funcionário Kheruef desejasse fazer parte da tripulação da barca, participando no rejuvenescimento de Ré:

htp di nsw Wsir h̄k̄3 dt ntr ʕ3 nsw n nb (n)h̄h̄ di.f rwd h̄3t hr(t)-ntr b3 r pt r m33 itn šk̄di.f m m̄n̄dt wn.f im m šmsw R̄ mdw.n.f b3w mn̄hw di.sn n.f nst m wi3

Uma oferenda que o rei faz a Osiris, governante da eternidade, deus grande, rei e senhor da eternidade, para que ele permita que o cadáver floresça na necrópole (enquanto) a *ba* vai em direção ao céu para contemplar o disco solar quando ele navega na barca da manhã, para

⁹⁴⁸ «O Livro da Noite», um dos livros sagrados cujos textos serviram para ornar as paredes de alguns túmulos tebanos do Império Novo. Ver ASSMANN, *The search for god in Ancient Egypt*, p. 106.

que eu possa estar lá, na comitiva de Ré e que os benéficos *bau* lhe concedam um assento na barca sagrada⁹⁴⁹

4.3. Modelo Atonista

Sem nunca perder de vista um passado grandioso, os filhos do Nilo sobrepuseram quase sempre tradições antigas e outras mais modernas. Isto veio a manifestar-se igualmente no caso do Atonismo. Contrariamente ao que está representado e é dito noutros túmulos⁹⁵⁰, a informação sobre a vida no Além segundo o Atonismo é escassíssima e dispersa. Deste modo, qualquer discurso credível a este respeito terá de ser construído a partir destes indícios.

Comecemos por salientar a colocação específica do túmulo real (TA 26) a Nascente, a região dos vivos. Isto pode ser lido como um claro indício de que Akhenaton, intimamente ligado ao seu divino pai, viria a erguer-se quotidianamente, vivo como ele, para juntos contemplarem Akhetaton. Estariam acompanhados por um *corpus* de *bau* vivos pertencentes aos dedicados funcionários, igualmente sepultados a nascente, na *m dw pn 3ht- 'Itn st ḥsy*, «nesta montanha de Akhetaton, o lugar bendito»⁹⁵¹. Estes, porque ouviram e aceitaram os novos princípios religiosos, estão isentos de qualquer julgamento divino, o rei já os absolveu.

A teologia atoniana constitui uma forma radical da nova teologia solar. No seu aspecto de Aton, Ré é o deus da vida e, como tal, não viaja pelos escuros continentes da noite, não morre, repousa simplesmente. Osíris deixou de existir por decreto real, não há viagens perigosas através da *duat* e nenhum julgamento espera o *ba* do morto. Ao funcionário amarniano é concedida a permanência na *Duat*, tal como se refere nas orações de Suty:

*ḥtp di-nsw p3 'Itn ḥn nb ... stwt pri dw3 m dw3t r m33 'Itn ḥḥi rḥ-nb bn 3bw n k3
n t3t(y) sryt n p3 s3 Nfr-ḥprw-Rḥ Wḥ-n-Rḥ Swty m3ḥ-ḥrw nb im3ḥ nfr*

Uma oferenda que o rei faz ao Aton vivo, senhor ... os (seus?) raios e sair da *Duat* ao romper d'alva para ver Aton quando ele aparece, todos os dias sem cessar. Pelo *ka* do porta-estandarte do regimento Neferkheperué Uaenré, Suty, justificado e possuidor de um perfeito estado de venerável.⁹⁵²

⁹⁴⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, (lns. 225-228).

⁹⁵⁰ Como os de Kheruef e do vizir Ramose.

⁹⁵¹ Túmulo de Ay, TA 25, ln. 136.

⁹⁵² Túmulo de Suty, TA 15, lns.11-15.

Tal como Aton, o morto estará, igualmente, «repousando em vida» no seu reino indeterminado, donde passará ao túmulo de tal modo que, mal rompe a alvorada, possa abandoná-lo, como um *ba* vivo, para o contemplar no céu da sua cidade de Akhetaton:

dī.f nmtt ʿnnt ḥnwḥwt m33 stwt ʾItn wbn.f

Concede-lhe a entrada e saída do interior do túmulo, para ver os raios de Aton, quando ele nasce⁹⁵³.

Visita, depois, o Templo de Aton e alimenta-se da música e do perfume das oferendas. É uma perspectiva pouco emocionante de vida *post-mortem*.

5. Definição e categorização final do morto

De acordo com cada um dos mitos anteriores o morto é definido, por semelhança, de três modos diferentes, como se vê no Quadro VI.2 que construímos levando em conta os vários mitos:

Quadro VI.2 – Evolução do estado do morto de acordo com os mitos mediadores


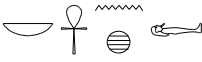

| Estado inicial | Mito mediador | Estado final |
|----------------|-------------------|---|
| Morto | Osiriano | Osíris justificado pelo tribunal dos deuses |
| Morto | Viagem do Sol | Companheiro de Ré na barca solar |
| Morto | Regresso ao útero | Sol renascido que emerge do seio da mãe |
| Morto | Atoniano | Acordado, depois de ter participado no sono de Aton |


Tendo já mitos de apoio para compreender a morte, havia que integrá-la, introduzindo o morto no conjunto dos habitantes físicos e mentais do Egito. O seguinte texto do Império Médio mostra a composição desse conjunto:

Ré colocou o rei
na terra dos vivos,
eternamente e para sempre,
para julgar a *humanidade*
e satisfazer os *deuses*,
realizar *maet* e destruir *isefet*.
Ele faz oferendas aos deuses
e oferendas mortuárias aos *espíritos benditos (imakhu)*⁹⁵⁴

⁹⁵³ Túmulo de Meriré I, TA 4, ln.56.

⁹⁵⁴ ASSMANN, Jan, *The search of God in Ancient Egypt*, p. 3. Sublinhado nosso.

Sendo tudo o que há de mais isefético, ele não pode, tal como o corpo esfacelado de Osíris, integrar-se em nenhuma das categorias anteriores. Cumpre aos sacerdotes assumir o papel de Ísis, Néftis e Anúbis e restaurá-lo, tal como eles fizeram para o deus. Transmutam-no em imagem de eternidade, a , «múmia», que será colocada num , «senhor da vida, sarcófago», e deposto no , «túmulo», depois dos seus sentidos lhe haverem sido devolvidos e a boca ter sido aberta. Poderá assim apresentar-se no tribunal divino, dizer que não praticou nenhum acto indigno e ser proclamado *m3'-hrw*, «justo de voz».

Na terra, a família assegurará, eternamente, o culto à sua memória. Deste modo, o falecido N encontra o seu lugar, torna-se um , «espírito venerável», um «Osíris N», vivendo na dimensão dos deuses, e a *maet* é restaurada.

6. A morte no domínio político-social

Por muito que os Egípcios «soubessem» que os esperava uma bela vida depois da morte terrena, isto não os impedia de manifestar a sua dor pelo falecimento dos entes queridos. O morto era objecto de uma série de gestos ritualizados que pretendiam demonstrar quanto fora amado e quanto o seu desaparecimento era sentido como uma tragédia. Com base nestes procedimentos, esperava-se que fosse benevolente para com os familiares que deixara na terra. Isto nem sempre parecia acontecer e assim se compreende que o viúvo de Ankhiry tenha escrito à defunta esposa que, segundo afirma, tratara o melhor possível, perguntando-lhe que mal lhe teria feito para estar a sofrer...não sabemos de quê⁹⁵⁵.

Se a morte dos comuns podia ser calamitosa para a família, a de um grande funcionário, como o vizir Ramose, seria igualmente sentida nos domínios da administração e talvez fosse para os seus colegas um momento de dolorosa introspecção. Quanto à morte de um rei, ela transcendia todas as medidas, porque os grandes equilíbrios cósmicos se rompiam momentaneamente e a *maet* era suspensa. Efectivamente tratava-se de um deus.

⁹⁵⁵ DONADONI, Sergio, *O Homem Egípcio*, p.234.

Como tal, a sua morte só podia, portanto, ser referida através de circunlóquios, tal como faz Sinuhé no decorrer da sua narrativa⁹⁵⁶:

No ano 30, no terceiro mês de Akhet, dia 7, o deus subiu para o seu horizonte, o rei do Alto e do Baixo Egipto, Sehetepibré⁹⁵⁷, subiu para o céu e juntou-se ao disco solar. O corpo divino fundiu-se com aquele que o tinha criado.

O falcão levantou voo junto com os seus seguidores.

O rei do Alto e do Baixo Egipto, Sehetepibré, subiu para o seu horizonte.

Ainda neste mesmo conto, é descrita a atmosfera de luto que se vivia no Palácio:

A residência real estava em silêncio, os corações em aflição, a grande porta dupla estava fechada⁹⁵⁸. Todos os que o rodeavam tinham a cabeça sobre os joelhos, os membros da elite (estavam) em lamentações.

Durante os setenta dias que durava a preparação do corpo do rei, o seu sucessor e os funcionários não se barbeavam⁹⁵⁹. Esta mesma tristeza podia chegar aos países aliados do Egipto. A notícia da morte de Amen-hotep III, seu genro, deixou o rei Tusratta de Mitanni absolutamente prostrado: segundo a carta que escreveu ao sucessor, sentou-se, chorou e nesse dia não comeu nem bebeu⁹⁶⁰.

Mas, a ascensão de um novo rei restaura a alegria:

Ó dia feliz! O céu e a terra estão alegres
[...]
Todos resplandecem de júbilo desde que foi dito.
“O rei do Alto e do Baixo Egipto Hekamaetré
Ostenta de novo a coroa branca”!⁹⁶¹

Ele restaura o que estava em ruínas para disso fazer um monumento do tempo eterno, ele repele o mal através do país duplo, a *maet* sendo firmemente instalada em seu lugar⁹⁶².

Ou, nas palavras de Sinuhé:

⁹⁵⁶ «O Conto de Sinuhe», Telo Canhão (trad.). CANHÃO, Telo F., *Textos da literatura egípcia do Império Médio*, pp. 182-183, 185, 193.

⁹⁵⁷ Amenemhat I.

⁹⁵⁸ As audiências tinham sido canceladas.

⁹⁵⁹ Morris, Helen F., «The Pharaoh and pharaonic office» in LLOYD, Allen (Ed.), *A companion to Ancient Egypt*, p. 205.

⁹⁶⁰ EA 29, 55-60, MORAN, William, (Ed.), *The Amarna Letters*, p. 94.

⁹⁶¹ Hino da coroação de Ramsés IVI. Ver DONADONI, Sérgio, *O Homem Egípcio*, p. 251.

⁹⁶² Estela de Tutankhamon, ano IVI. Ver LALOUETTE, Claire, *Thèbes*, p. 550.

Certamente o seu filho entrou no palácio e tomou posse da herança de seu pai. É agora um deus sem igual⁹⁶³.

6.1. Pranteamento e luto

As cenas de pranteamento têm a sua origem nas lamentações de Ísis e Néftis junto dos restos de Osíris. Para além dos familiares e amigos, um grupo de mulheres, as carpideiras, estava encarregado de «chorar» o morto, acompanhando o sarcófago até à última morada, ao mesmo tempo que executava certos movimentos corporais específicos. O zelo demonstrado era grande, uma vez que eram pagas. Esta prática tanatófila não se alterou no tempo de Akhenaton e encontra-se documentada, respectivamente, nos túmulos do vizir Ramose (TT 55) e do mordomo Huya (TA 1). Paralelamente a este costume, fragmentos de um ataúde, actualmente na Universidade de Estrasburgo, mostram que, pelo menos neste tempo, as lamentações se faziam em dois momentos: junto de um cadáver e/ou da sua estátua⁹⁶⁴, tal como se mostra na fig. VI.13.

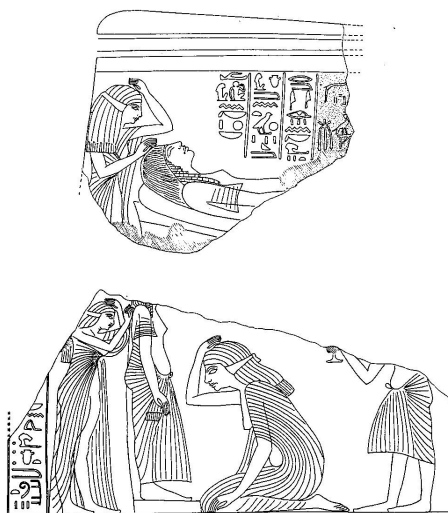


Fig. VI. 13 – Pranteamento junto de um cadáver e da sua estátua (?). Fragmento de um sarcófago da Universidade de Estrasburgo.

A tradução do fragmento superior do texto é a seguinte:

⁹⁶³ CANHÃO, Telo F., *Textos da literatura egípcia do Império Médio*, pp. 196-197.

⁹⁶⁴ GABOLDE, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, p. 108.



(i)my-r^c pr dhwtymy rmy(t) n.k h3ty.i (m) mnt kmd(i) r^c-nb

Ó mordomo Tutmés, lágrimas⁹⁶⁵ por ti o meu coração perpetuamente chora, todos os dias.

E no fragmento inferior:



(t)kn h3tyw m sptw

Aproxima(mo-nos de ti) com os corações nos lábios.⁹⁶⁶

O luto masculino é claramente diferenciado, mais sóbrio. Os altos dignitários são muito contidos. A fig. VI.14 mostra-os, apoiando o queixo na mão e trocando algumas palavras entre si. Um dos vizires limpa o rosto, molhado de lágrimas, enquanto o outro parece dar algumas ordens.

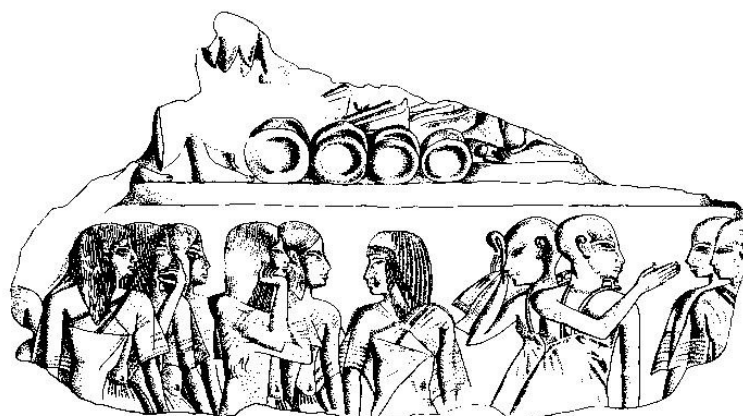


Fig. VI. 14 – Fragmento de uma cena de luto, c. 1320, encontrado em Sakara. Actualmente em Munique.

Contrastando com esta atitude de grande dignidade, o casal Akhenaton-Nefertiti assume os gestos desordenados que são próprios das carpideiras, numa das muitas singularidades em que a arte amarniana é fértil. Assim acontece nas salas Alfa e Gamma do túmulo real de Amarna, TA26 (figs. VI.15-17). No registo superior da primeira cena, sob os raios de «Aton vivo e grande, o que está na festa Sed, senhor do céu, senhor da terra», o rei e a rainha dão livre curso à sua dor, diante do leito de morte de alguém, cujo nome já não é

⁹⁶⁵ De *m mnt*, «quotidiano, perpétuo»

⁹⁶⁶ Tradução possível.

visível. O vizir e outros funcionários estão presentes e exibem igualmente a sua consternação que, como é hábito, é levada ao paroxismo por um grupo de carpideiras.

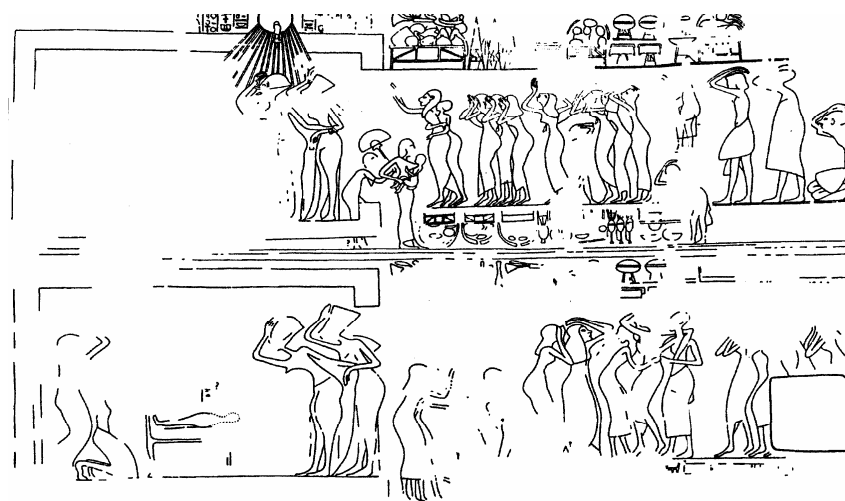


Fig. VI.15 – Lamentação diante do cadáver de uma princesa (?). Túmulo real de Amarna (TA 26, sala Alfa, parede F). MARTIN, George T., *The Royal Tomb at El-‘Amarna*, vol. II, 1989.



Fig. VI.16 – Túmulo real (TA 26, sala Alfa, parede F) segundo uma foto do autor, datada de 27 de Março de 2015. Note-se a enorme perda de pormenores relativamente desenho anterior.

Aparentemente uma senhora muito importante morreu de parto. O bebé, ao colo da ama é acompanhado por uma flabelífera, o que indicia um estatuto elevado. O registo inferior pode ser uma repetição da primeira. Os gestos de saudação feitos por uma figura

feminina que se encontra a seguir a Nefertiti, podem ser igualmente dirigidos a um bebé embora a deterioração da figura não permita distingui-lo.

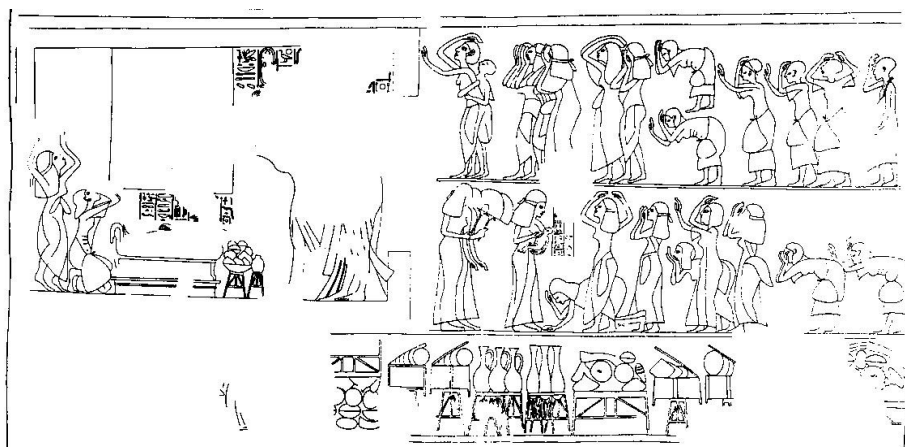



Fig. VI.17 – Lamentação diante do cadáver de Maketaton Túmulo real de Amarna (TA 26, sala Gamma, parede A). MARTIN, George T., *The Royal Tomb at El-‘Amarna*, vol. II, 1989.

A fig. VI.17 representa a morte da uma princesa, cujo nome,  *M^ckt Itn*, «Maketaton», é perfeitamente legível sobre o leito. No meio da multidão de dignitários, damas e carpideiras que enche a sala, aparece novamente uma ama transportando um bebé, perante o qual um funcionário se prosterna e a quem as senhoras saúdam com o maior respeito. Tratar-se-ia do filho de Maketaton? J. Fletcher faz notar que a princesa não podia ter mais do que 7 anos na altura da morte⁹⁶⁷ e M. Gabolde afirma que ela não ultrapassaria os 9⁹⁶⁸. A ideia de que tenha dado à luz um filho (de Akhenaton?) não faz sentido. A identidade da criança estaria referida à sua direita em duas colunas. Lamentavelmente, o texto está parcialmente destruído. Admitindo a validade da versão proposta por M. Gabolde, poder-se-ia ler:

«Filho do rei, do seu corpo, seu amado, Tutankhaton, nascido da grande esposa real, muitíssimo amada dele, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva, seja saudável e jovem, eternamente, para sempre⁹⁶⁹».

⁹⁶⁷ FLETCHER, *The search for Nefertiti*, p. 323.

⁹⁶⁸ GABOLDE, *op. cit.*, p. 121.

⁹⁶⁹ GABOLDE, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, p. 121.

Se bem que a reconstrução de Gabolde seja tentadora, não há registos de que Nefertiti haja dado à luz um menino e, tratando-se do príncipe herdeiro, eles deveriam existir. O bloco de Hermópolis 831-VIII C refere a existência de um «filho do rei, do seu corpo», com o nome de Tutankhaton, mas sem que o nome do pai ou da mãe estejam explicitados⁹⁷⁰. Se o menino for efectivamente Tutankhaton/Tutankhamon, os estudos de ADN publicados em Fevereiro de 2010 mostraram que se trata, efectivamente, de um filho de Akhenaton, mas que a sua mãe biológica seria irmã do rei, identificada como a «younger lady» encontrada no KV35⁹⁷¹. A ama podia ser Maia, cujo túmulo foi recentemente encontrado em Sakara, por Alain Zivie⁹⁷². Não deixa, contudo, de ser estranho que um menino de tenra idade estivesse presente numa lamentação pela morte da tia.

Na parede B da Sala Gamma, fig. VI.18, encontra-se uma outra lamentação dolorosa feita pela família real diante do cadáver em posição vertical, ou uma estátua, de Meketaton⁹⁷³ que se abriga num pavilhão sustentado por colunas em forma de nenúfar onde se enroscam flores de vários tipos.

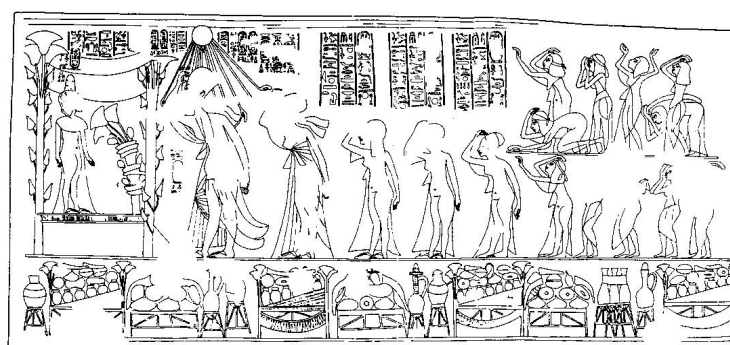


Fig. VI.18 – Pranteamento diante do corpo da princesa Meketaton.
Túmulo real (TA 26, sala Gamma, parede B).

O casal régio está acompanhado pelas princesas sobreviventes: Meritaton, Ankhesenpaaton e Neferneferuaton ta-cherit e por funcionários, damas e carpideiras. Grande cópia de oferendas alinha-se no chão.

⁹⁷⁰ GABOLDE, *op. cit.*, p. 120.

⁹⁷¹ *Journal of the American Medical Association* (3003) n°7, February 17, 2010, tal como é mencionado na nota distribuída à imprensa pelo Dr. Hawass. Ver *Ancient Egypt* (10) n°5, April/May 2010, pp. 52-55.

⁹⁷² ZIVIE, «À propos de la tombe de Maïa, nourrice de Toutânkhamon», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, pp. 285-308.

⁹⁷³ Sem anteposição honorífica.

Uma cena do mesmo tipo, mas muito mais sóbria, está gravada no ataúde da rainha Tié, fig. VI.19. Nefertiti e Meritaton erguem o braço em saudação enquanto o rei verte uma libação por sua mãe.

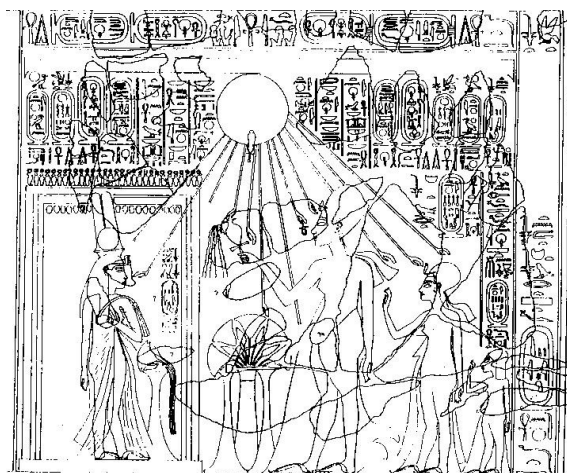


Fig. VI.19– Pranteamento diante do corpo da rainha-mãe, Tié.
Reconstituição a partir de fragmentos do seu ataúde.

6.2. Cortejo funerário

O cortejo funerário está representado no túmulo tebano do vizir Ramose (TT 55) que faz parte do presente estudo. Muitos outros exemplos podem encontrar-se também em vários túmulos tebanos do Império Novo, tal como se exemplifica. Talvez por estarem inacabadas, as derradeiras moradas dos funcionários amarnianos, não contêm cenas deste tipo, à exceção do túmulo de Huya (TA 1).

6.2.1 Cortejo funerário do Vizir Ramose

A cerimónia tem lugar em Tebas Ocidental, c. 1360 a.C., e envolve um numeroso grupo de pessoas, desde «altas individualidades» até servos e povo comum⁹⁷⁴. Todos desempenham papéis rituais que provavelmente remetem para as primitivas cerimónias de funeral régio. Certamente se ouviria o velho cântico «Terra, toma cuidado que vem aí um deus!»⁹⁷⁵.

⁹⁷⁴ No livro de Norman de G. Davies, A descrição do cortejo distribui-se ao longo das Pls. XXVII (1-2), XXVI, XXV (1-2), XXIV (1-2) e XXIII (1-3) XXII e da Ins. 232-294.

⁹⁷⁵ Assman, Jan, *Mort et au-delà*, p. 453.

Caminham em duas filas paralelas que a aspectividade da arte egípcia representa em sobreposição e que, aqui, serão descritas separadamente. A fila superior, A, é ocupada pela escolta e a inferior, B, pelas carpideiras e pelos portadores do enxoval funerário. Procurou-se sempre que possível colocar em paralelo as modernas fotografias de François Tonic e os desenhos de Nina Davies⁹⁷⁶.

Inicia-se com os quatro primeiros sacerdotes de Amon, cuja presença revela bem o elevado estatuto social do defunto: a segunda pessoa na hierarquia do Estado. Apenas está assinalado o nome do quarto sacerdote, Siamon. O chefe do clero amoniano poderá ser Ptahmés, último sumo-sacerdote do reinado de Amen-hotep III⁹⁷⁷ ou, talvez, May que, segundo a inscrição do Wadi Hammamat, terá sido mais tarde encarregado por Amen-hotep IV de dirigir uma expedição para cortar pedra *bekben* para uma estátua real⁹⁷⁸. De mão em frente da boca, ele proclama bem alto a razão da sua presença. O texto é o seguinte:



... .k krs... imy-r niwt t3t(y) R^cms m3^c-hrw hr ntr ʕ

[Acompanhando] o sarcófago do governador da cidade, o vizir Ramose, justificado pelo deus grande



šms dw n hsy n ntr nfr imy-r niwt t3t(y) R^cms m3^c-hrw

Acompanhando o cortejo do favorito do deus bom, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado,



r imntt W3st m htp m htp in hm-ntr tpy (n Imn) m htp sp sn

até ao ocidente de Tebas, em paz, (repetir). Pelo sumo-sacerdote (de Amon), em paz, (repetir),



hm-ntr nw 2 n Imn hm-ntr nw 3 n Imn hm-ntr nw 4 n Imn S3 Imn m3^c-hrw

(pelo) segundo sacerdote de Amon, (pelo) terceiro sacerdote de Amon (e pelo) quarto sacerdote de Amon, Siamon, justificado⁹⁷⁹.

⁹⁷⁶ DAVIES, Norman de G., *The Tomb of the vizier Ramose*, Mond Excavations at Thebes 1, London: The Egypt Exploration Society, 1941; TONIC, François, *La tombe de Ramose*, Barcelona: Novoprint, 2012

⁹⁷⁷ ARAÚJO, Luís M. de, *O Clero de Amon*, p. 64

⁹⁷⁸ MURNANE, William J., *Texts of the Amarna Period in Egypt*, p. 68.

⁹⁷⁹ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 224-227.

Segue-se um catafalco, (fig. VI.20) contendo provavelmente os vasos de vísceras e decorado com o osiriano pilar *djed* e o amuleto sagrado de Ísis, *tyet*, dispostos em quatro filas, segundo uma repetição alternada. Imagens de Ísis e Néftis dispõem-se à esquerda e à direita, guardando o precioso conteúdo.



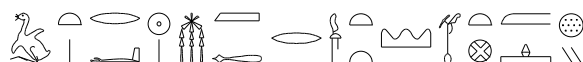
Fig. VI.20 – Os quatro sacerdotes de Amon que fazem parte do cortejo e o primeiro catafalco. À direita, tal como no túmulo, à esquerda desenho de N. Davies, (Pl. XXVII – A).

O conjunto foi colocado sobre uma barca disposta sobre um trenó arrastado pelos «Homens de Dep»⁹⁸⁰.



rmt Dp št3t imy-r niwt

Os homens de Dep conduzem o governador da cidade,



3t(y) Rms m3c-hrw r imntt W3st m htp m htp

o vizir Ramose, justificado para o ocidente de Tebas, em paz, (repetir)⁹⁸¹.

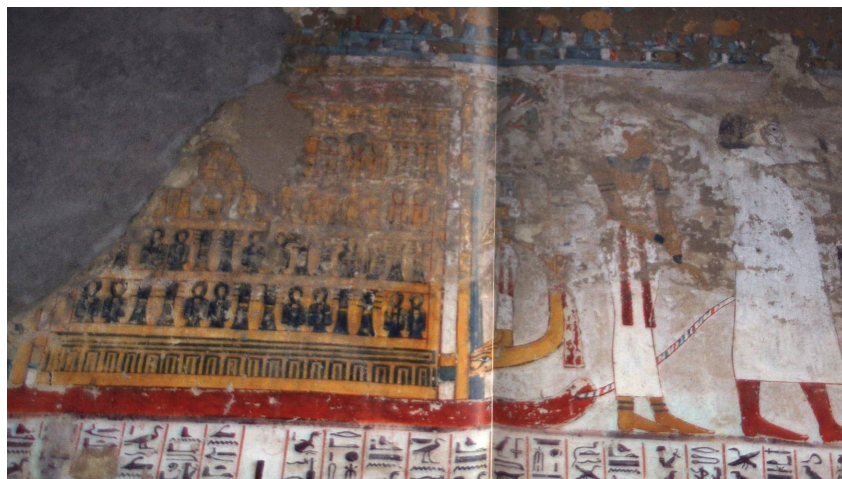
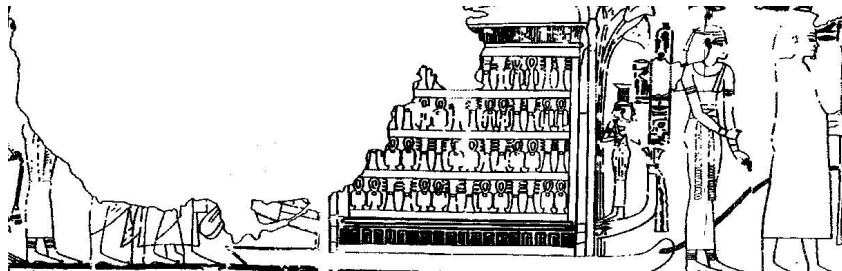
Entre o pequeno e o grande catafalco caminham três homens e talvez uma senhora a ajuizar pela parte inferior das pernas. Tudo o resto bem como qualquer texto explicativo desapareceu. É igualmente transportado numa barca disposta sobre um trenó. Exibe uma

⁹⁸⁰ Pe é uma cidade do 6º Nomo do Baixo Egito e consagrada a Hórus. Dep tem como deusa local a cobra Uadjit. As duas cidades constituíam a cidade de Buto, moderna Tell el-Farain, capital religiosa do Baixo Egito. Ver SALES, José das Candeias, *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Egito antigo*, pp. 202-203

⁹⁸¹ Túmulo de Ramose, TT 5t5, ln. 228

Um que é abençoado por (Amon) e amado pelo senhor das Duas Terras,

o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado⁹⁸².



417

Fig. VI.21 – Segundo catafalco. Em cima, desenho de N. Davies, (Pl. XXVII – A).
Em baixo, tal como no túmulo

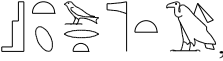

Uma sacerdotisa (?) personificando Ísis, uma das *drty*, «as duas milhanas»⁹⁸³, caminha à sua frente e o pouco que é possível distinguir aponta a possibilidade de se tratar de um epíteto habitual da deusa: , *Ist wrt mwt ntr*, «Isis poderosa, mãe do deus»⁹⁸⁴. À sua frente caminha um homem embrulhado num longo manto branco e empunhando um longo bordão. De acordo com os fragmentos do texto, ele é a representação/imagem do deus Sokar  *Skr... hm ntr*, «Sokar...imagem do deus». Pouco perceptível neste túmulo, o grupo é bem visível no túmulo de Pairi, TT 139 (fig. VI.22).



Fig. VI.22 – Grupo constituído por uma representante (sacerdotisa?) da deusa Ísis, um sacerdote de Sokar e um sacerdote-*sem* que leva um defumador na sua mão.
Túmulo de Pairi, TT 139, c. 1480 a.C.

O trenó da grande barca é puxado por quatro


rmṯt P Dp Wnw S3w...[hwt] – wr-[i]hw

⁹⁸³ A «Grande» e a «Pequena Milhana», Ísis e Néftis. O milhano é uma pequena ave de rapina. Foi sob esta forma que Ísis foi fecundada por Osíris ressuscitado e assim nasceu Hórus.

⁹⁸⁴ Mãe de Hórus e, por extensão, do Hórus na terra que é o rei.

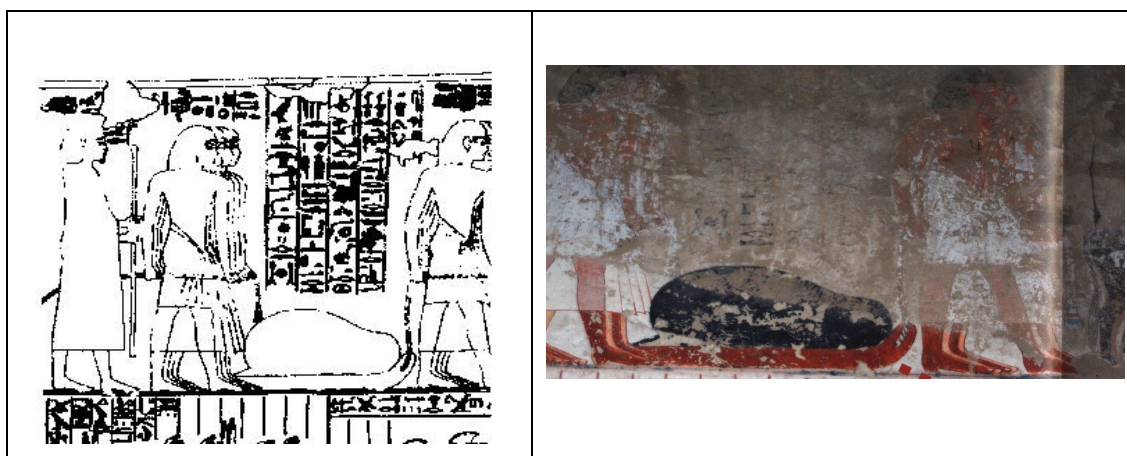
homens de Pe, Dep, Unu (Hermópolis), Sau (Sais) e (Hutueriu)⁹⁸⁵...

Fig. VI.23 – Grupo de homens, arrastando o *tekenu*.

À esquerda, desenho de Davies, N. (Pl. XXV – A). À direita, tal como no túmulo.


O trenó contém o *tekenu*:



st3t tknw in rmt Ntr-(Bhdt) ... ii

Arrastando o *tekenu* pelos homens de Netjer-Behedet⁹⁸⁶ ... vir,⁹⁸⁷

Mais do que a reprodução de Davies, a fotografia a cores de François Tonic mostra

que o *tekenu* –  *tknw*, «os vizinhos, os próximos» – é uma figura agachada sobre um trenó e coberta por um lençol negro. Isto é perfeitamente evidente no túmulo de Amenemhopet, TT 276 (fig. VI.24).

⁹⁸⁵ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 231. Hutueriu, «Casa Grande dos Bois», refere-se a um local, propriedade ou templo desconhecidos. A palavra está parcialmente apagada e Davies leu *Heturkau*. Na presente tradução optou-se por seguir ASSMANN, Jan, *Death and Salvation in Ancient Egypt*, p. 308.

⁹⁸⁶ Edfu, cidade do segundo *sepat* do Alto-Egipto onde Hórus era especialmente cultuado. O resto da frase está ilegível. Davies apresenta a seguinte tradução: «Men of the district of the three (?) pools entering and leaving». Ver DAVIES, Norman de G., *The Tomb of the vizier Ramose*, p. 232.

⁹⁸⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 232.



Fig. VI.24 – O *tekenu*, um homem acorçado e de rosto descoberto, contrariamente ao seu congénere do túmulo de Ramose. Túmulo de Amenemhopet, TT 276. Possivelmente do reinado de Tutmés IV.

Hermann Kees vê no *tekenu* uma espécie de bode expiatório destinado a atrair as potências malignas que no processo da morte tomaram o controle de uma pessoa para que o corpo transfigurado ficasse livre delas⁹⁸⁸. Tornado o recipiendário de *dwt nbt*, «todas as coisas más» que foram removidas durante a mumificação, o *tekenu* poderia ter sido originalmente um saco onde estariam acondicionados os restos do processo de embalsamamento⁹⁸⁹. Sobre o *tekenu*:



st3t tknw in niwty nsw irt w3t nfrt

Arrastando o *tekenu* pelos parentes do rei e fazendo uma bela caminhada por terra



r 3wy 3ht r st.f imiw htpw

em direcção às duas portas do horizonte, até ao seu lugar de repouso (junto dos) que estão em terra santa,



r s'r imy-r niwt t3t(y) r-Nhn(y hm-ntr M3't R'ms m3'-hrw

⁹⁸⁸ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà...*, p. 453.

⁹⁸⁹ À excepção dos órgãos «nobres»: fígado, estômago, pulmões e intestinos, que eram depositados nos vasos de vísceras, sob a protecção dos quatro filhos de Hórus: Imseti, Duamutef, Hapi e Kebehsenuief. Ver, respectivamente, ASSMANN, Jan, *Death and Salvation in Ancient Egypt*, p. 308 e ARAÚJO, Luís Manuel de, «Vasos de Vísceras», ARAÚJO, Luís Manuel de (dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 862-863.

em direcção à necrópole, para que ele repouse e a sua múmia prospere e perdure o seu corpo eternamente (repetir) e para sempre.⁹⁹⁰

Executando uma purificação com leite diante do Osíris governador da cidade, o vizir Ramose, justificado⁹⁹¹.

[illegible]

Fazendo (uma defumação com) incenso e uma libação. Purificando o caminho até à terra sagrada, diante do Osíris... para que repouse em paz no seu lugar, entre os que estão na necrópole, eternamente⁹⁹².

⁹⁹² Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 238-239.



ḥꜥiw dīṯ m pt ḥnw m t3 ḥꜥwt m d3t

Sejam dados louvores no céu, (com) júbilo na terra e alegria na *Duat*.

Linha horizontal:



ḥ3 m šs mnḥt ḥ3 m b3sw mrḥt ḥ3 m kbḥw irp r- pꜥt nbt rḥyt nbt

Um milhar de vestes, alabastro, um milhar de vasos de unguento. Toda a nobreza e todo o povo comum⁹⁹⁶.

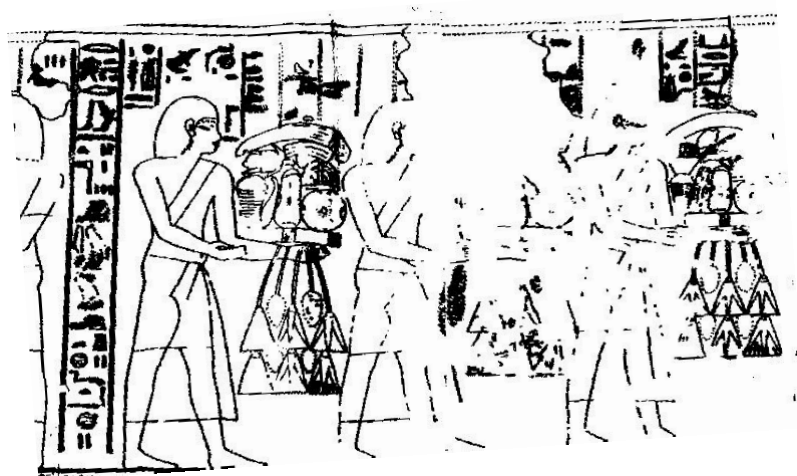


Fig. VI.27 – Três sacerdotes transportam oferendas. Desenho de Davies, N. (Pl. XXIII – A).

A legenda que acompanha o primeiro sacerdote está parcialmente perdida e só permite ler:



... .. *kn* *t imy-r niwt ʔt(y) (ḥsy n) ntr (nfr)*

... .. *kn* o governador da cidade, o vizir, favorecido pelo deus perfeito



Rꜥms m3ꜥ-ḥrw r *r bw ntry sp fwdw ...n... im ... dšrt sp sn dt sp sn*

Ramose, justificado por para o lugar quatro vezes divino... na dupla purificação⁹⁹⁷

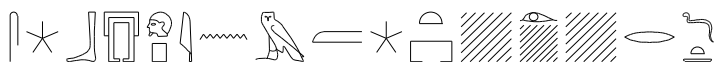
⁹⁹⁶ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 241-247.

⁹⁹⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 248-249.



Fig. VI.28 – Dois sacerdotes do grupo anterior e uma sacerdotisa diante do túmulo de Ramose. À esquerda desenho de N. Davies, (Pl. XXII – A). À esquerda, tal como no túmulo.

Uma sacerdotisa cuja imagem está muito deteriorada, representando Ísis ou Néftis, tem na mão o que parece ser uma tigela de onde se escapam fumos ou perfumes purificadores, no intuito de proteger o túmulo.





sb3 tpy n m d3t... .. r dt

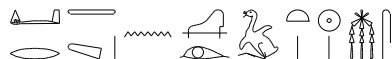
Primeira porta para a *Duat*... .. para a eternidade,



dr tw Rꜥms m3ꜥ-hrw nfr

inteira Ramose, justificado e perfeito⁹⁹⁸

Segue-se um sacerdote que parece fazer   *k3pt*, «uma defumação», enquanto o que vai à sua frente efectua uma



diw r t3 n Wsir t3t(y) Rꜥms

(Deposição de) oferendas sobre a terra pelo Osiris, vizir Ramose⁹⁹⁹.

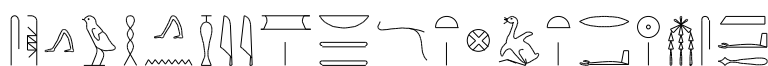
Quinze homens revestidos com mantos de linho branco e diáfano iniciam a segunda fila inferior, B (fig. VI.29). São a elite administrativa do Estado.

⁹⁹⁸ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 250-251.

⁹⁹⁹ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 252.



Fig. VI.29 – Altos funcionários, acompanhando Ramose à sua última morada. À esquerda, tal como no túmulo. À direita, desenho de Davies, N. (Pl. XXVII – B).



šms ḏw n ḥsy mri nb t3wy imy-r niwt t3t(y) Rḥms m3ḥ-hrw

Acompanhando o cortejo do favorito, amado pelo senhor das Duas Terras, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado.



in s3 nsw n Kš in whm tpy nsw in imy-r pr-ḥd wr

Pelo filho real de Kuch, pelo primeiro arauto do rei, pelo superintendente da grande casa do ouro.



in whm nw 2 n nb t3wy smrw wrw ḥ srw n nwt

pelo segundo arauto do senhor das Duas Terras, pelos grandes dignitários do palácio e por oficiais da cidade¹⁰⁰⁰.

Toda esta gente exibe um ar digno e respeitoso. Os quatro primeiros homens caminham com a mão direita erguida numa saudação ao defunto vizir, mas, porque mantê-la nesta posição é incômodo, três deles optaram por segurar o braço com a mão esquerda. Seguem-se os servos ou clientes do vizir (fig. VI.30).

¹⁰⁰⁰ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 253-255.



Tʃtnfr s3 (Mwt)wy sdm-ʿš n ʔt(y) Rʿms m3ʿ-ḥrw

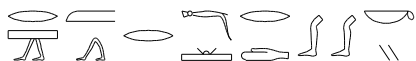
Tjatnefer, filho de Mutuy, servidor do vizir Ramose, justificado.



šfwṯ Phfmmfr (sdm-ʿš n ʔt(y) Rʿms m3ʿ-ḥrw)

Pehemnefer, servidor do vizir Ramose, justificado¹⁰⁰²

Dos quatro pés da cama só os dois exterior vão (mal) seguros pela mão esquerda de cada um deles. Se o carregador da frente transporta o que parece ser um saco ornamentado com uma quadrícula, o seu companheiro está carregado com um banco e um leque. O equilíbrio é difícil e depende do perfeito sincronismo de movimentos entre os dois homens. Isto parece não estar a acontecer, porque um deles diz ao companheiro:



r šm mḥ rdwy.ky

Vamos, mexe as tuas pernas!¹⁰⁰³

Segue-se um grupo constituído por sete servidores de Ramose. Os quatro primeiros transportam preciosas caixas e o seu nome é:



sdm-ʿš n ʔt(y) Ḥsyb3knf sdm-ʿš n ʔt(y) Rʿms m3ʿ-ḥrw ʔnfr

O servidor do vizir, Hesybaknef e o servidor do vizir Ramose, justificado, Tjanefer,



ḥʿkw n mʿt Knms3w s3.f ḥʿkw n m3ʿt

o fiel barbeiro Kenemsau e seu filho, o fiel barbeiro,



Imnm... sdm-ʿš n ʔt(y) Rʿms m3ʿ-ḥrw

Amenem... fiel servidor do vizir Ramose, justificado,¹⁰⁰⁴

¹⁰⁰² Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 257-259.

¹⁰⁰³ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 260.

¹⁰⁰⁴ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 261-263.

À sua frente, um servo leva aos ombros uma bela cadeira almofadada e na outra mão um estojo de escriba e outro, duas jarras de unguento e outras duas de óleo. Um homem leva uma caixa de chauábtis e um par de sandálias, Trata-se de



Mniw 3pdw sdm-š n m3t Mhw dd.f
O guardador de aves, o fiel servidor Mahu, ele diz:



p3 dw imntt wn Rms m3-hrw h3p.k sw m hnw.k
“Ó montanha do Ocidente, abre-te para Ramose, justificado, esconde-o no teu interior!”¹⁰⁰⁵

Encontramos nesta altura um primeiro grupo de carpideiras, fig. VI.32.



Fig. VI.32 – Um primeiro grupo de carpideiras manifesta a sua dor pela morte do vizir Ramose. Tal como no túmulo. Corresponde, em parte, à Pl. XXV – B.

Estas, viradas para o grande ataúde, erguem os braços e atiram poeira sobre as cabeleiras de longos canudos. De idades oscilando entre a juventude e a idade madura, vestem compridos vestidos que lhes deixam os seios descobertos. Do grupo faz ainda parte uma rapariguinha no princípio da adolescência e que se apresenta despida. São capitaneadas

¹⁰⁰⁵ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 264-265.

por uma mulher mais velha cujo desespero profissional é tão grande que tem de ser amparada por uma jovem companheira. Gritam pelo vizir, pedem-lhe, em vão, que regresse:



rmt.f n dt.f dd.sn p3 miniw ʕ3 šmw

A sua própria gente (o pessoal da sua casa) diz: O grande pastor partiu e



wnw.f n n mʕ iy nw(y).k n n

passa por nós. Vem, regressa para nós!¹⁰⁰⁶

Segue-se um grupo de treze homens (fig. VI.33). A legenda horizontal que está sobre eles traduz uma ordem que por se terminar sobre a cabeça do primeiro deles talvez seja da sua autoria

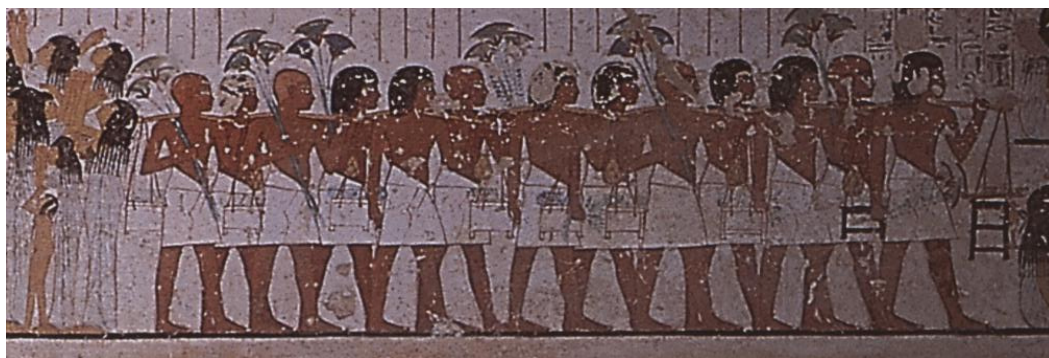


Fig. VI.33 – Um grupo de treze homens, carregando flores e outras oferendas. Tal como no túmulo. Corresponde, em parte, às Pls. XXV, XXIV – B.



šm p3 h3ty(ʕ) hr p3 w3h ht hsy n M3ʕt s3t Rʕ

Vai, ó chefe (dos que transportam) oferendas para o favorito de Maet, a filha de Ré.



mh rdwy.ky p3 krs(w) iw h3i hr.nw nfr r p3 dd.i

Depressa, o sarcófago vem a descer e (já está) sobre nós! O que eu digo, é correcto¹⁰⁰⁷.

¹⁰⁰⁶ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 266.

¹⁰⁰⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 267-268.

Cada um destes servos transporta ramos de flores e leva aos ombros uma vara horizontal de onde pendem caixas (de pão?) cobertas de folhagem e odres. O que vai à frente leva um equipamento para a purificação, constituído por um banco, um defumador e um pequeno jarro de água. Trata-se de:



hry-ḥbt n r^c-nb Ḥs-n-(Imn) dd.f

O sacerdote-leitor diário, Hesen(amon), ele diz:



ini.n.k m3^ct nbt m (hr-ḥ3t n Imn) ḥtp k3.k ḥr.sn

“Trouxe-te todas as oferendas (que estavam diante de Amon) para, com elas, apaziguar o teu *ka*”¹⁰⁰⁸.

À sua frente, um grupo de nove carpideiras estão acoradas em duas filas (fig. VI.34). Apanham a poeira do chão e atiram-na sobre as belas cabeleiras, enquanto os seus olhos derramam abundantes lágrimas. Outras nove estão de pé e parecem bater nos antebraços e nas coxas, erguendo depois as mãos¹⁰⁰⁹.

¹⁰⁰⁸ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 269-270.

¹⁰⁰⁹ Túmulo de Ramose, TT 55,.

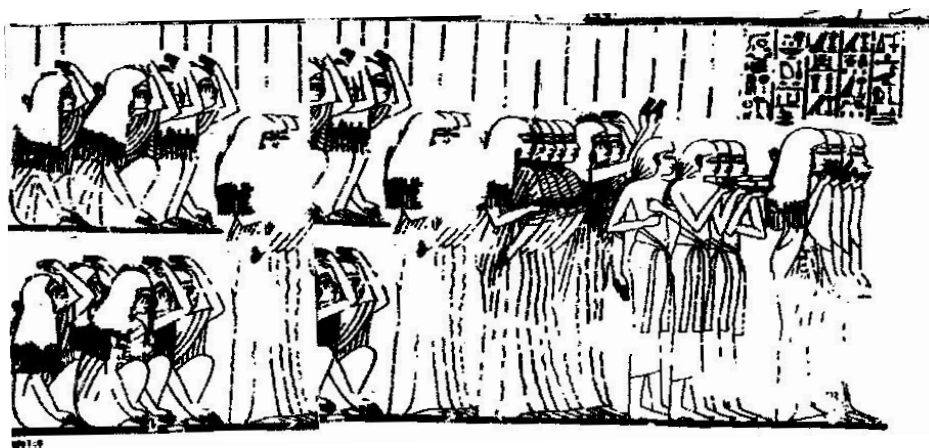


Fig. VI.34 – O segundo grupo de carpideiras manifesta a sua dor pela morte do vizir Ramose. Em cima, tal como no túmulo. Em baixo, de acordo com os desenhos de Davies, N., Pls. XXIV – B, 1 e 2.

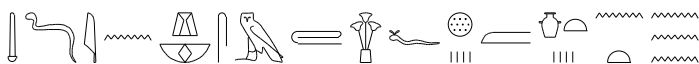
São precedidas por quatro senhoras¹⁰¹⁰ que parecem envergar apenas saias, cingidas por longos cintos de tecido branco (fig. VI.35). A estas saias alternadamente vermelhas e amarelas correspondem perucas da mesma cor. Duas batem no peito, três companheiras oferecem minúsculas peças de carne sobre pratinhos e, à frente, um grupo de quatro damas ,envergando xailes vermelhos sobre vestidos brancos e de mãos tapando a boca, numa atitude de respeitoso silêncio. Sobre as suas cabeças há uma legenda explicativa:

¹⁰¹⁰ Trata-se de sacerdotisas. Ver el-SHAHAWY, Abeer, *The funerary art of Ancient Egypt*, p. 80.

O vizir ostenta barba e cone de cera e a sua múmia é alaranjada e com bandas vermelhas. Está orientada para Sul, de modo que ao meio-dia solar, quando a energia de Ré estiver no seu máximo, os raios possam incidir no seu rosto:

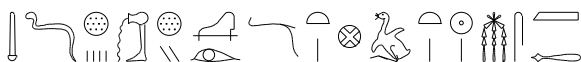
Colocam-se as suas múmias diante de Ré
Enquanto as suas gentes choram sem cessar.
A morte vem a seu tempo, o destino conta os dias¹⁰¹⁴

Diante delas, um sacerdote *sem* derrama a água de quatro jarros enquanto outro sacerdote lê o texto desta cerimónia de purificação, o qual reza o seguinte:



dd-mdw in hry-ḥbt sm dbn ḥ3.f sp fdw m nmst sp fdw nt mw

Palavras ditas pelo sacerdote-leitor, girando à volta dele, por quatro vezes e vertendo por quatro vezes água de um vaso *nemeset*.



dd-mdw sp fdw w^cb sp sn Wsir imy-r niwt t^t(y) R^cms m³c-hrw

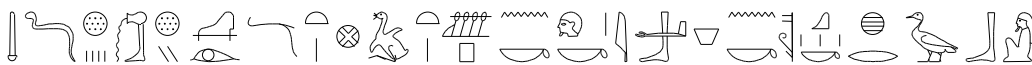
Palavras ditas quatro vezes pelo duas vezes puro Osíris, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado



w^cbwy Hr Sth Dḥwty dwn-^cwy w^cbw w^cb.k

e duplamente puro (pela voz de) Hórus, Set, Tot e Dunaui¹⁰¹⁵. Ó puro purifica-te!¹⁰¹⁶

No campo do sacerdote leitor:



dd mdw sp fdw w^cb sp sn Wsir imy-r t³t(y) sšp.n.k tp.k ksw.k hr Gb

Palavras ditas quatro vezes por intenção do duplamente puro Osíris governador da cida-de, o vizir. Recebeste a tua cabeça. Os teus ossos foram ajustados para ti, diante de Geb,



Dḥwty i^cb sw tm iw^f(.k)

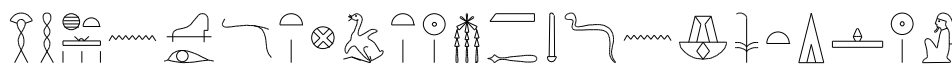
Tot reuniu-o(s) para completar a (tua) carne (o teu corpo)¹⁰¹⁷.

¹⁰¹⁴ Túmulo de Neferhotep, TT 49, escriba de Amon. Reinado de Ay.

¹⁰¹⁵ Dunaui, «aquele que estende os braços (as asas)» era um deus-falcão, especialmente venerado no 18º *sepaut* do Alto Egipto. Ver SALES, José das Candeias, *As divindades egípcias*, p. 172.

¹⁰¹⁶ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 276-277.

No campo do último sacerdote leitor, cuja figura foi apagada:



w3h hi n Wsir imy-r niwt t3t(y) R^cms m3^c-hrw dd mdw n hry-hbt htp di nsw (n) R^c

Fazendo oferendas ao Osíris governador da cidade, o vizir Ramose, justificado. Palavras ditas pelo sacerdote leitor: “Uma oferenda que o rei faz a Ré...”¹⁰¹⁸

O túmulo está representado de dois modos diferentes. Na fila A tem uma forma rectangular e está decorado por bandas azuis e verdes (fig. VI.37).

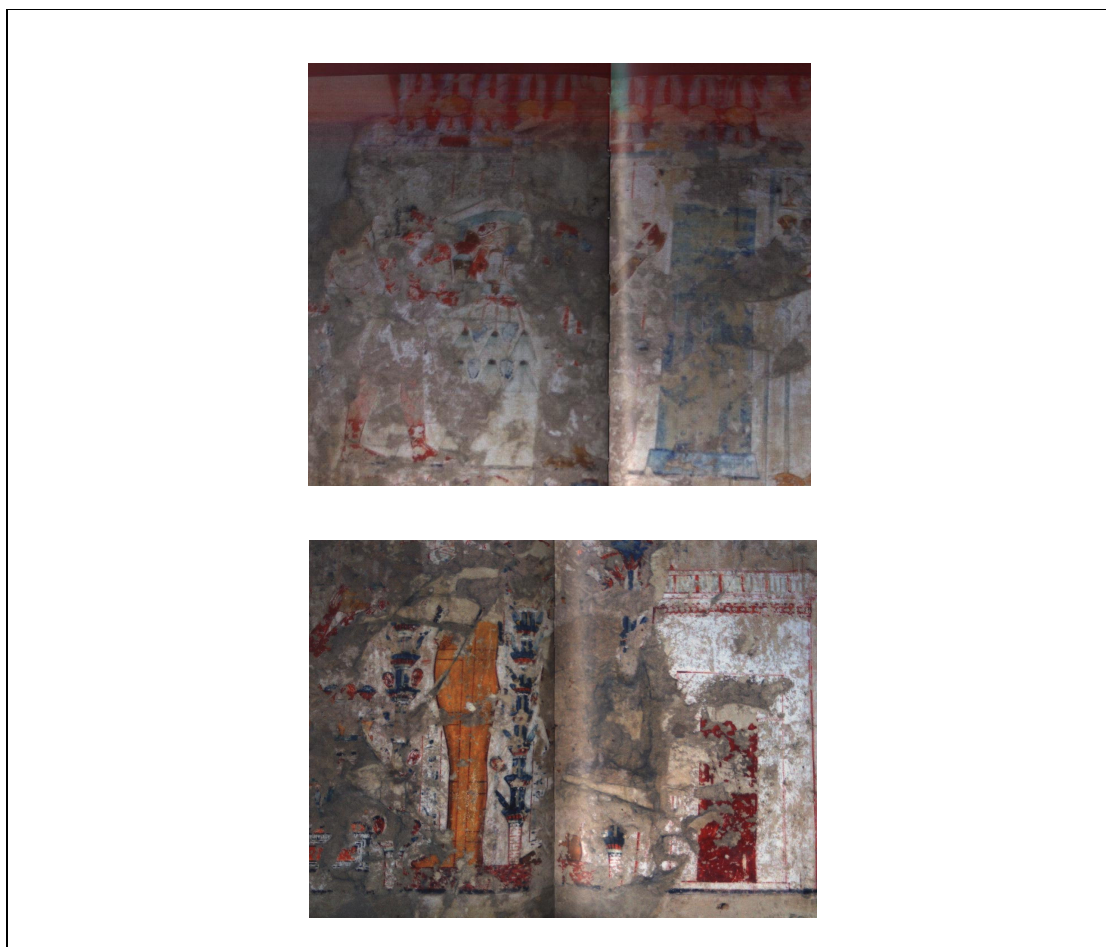


Fig. VI.37 – Oficiando diante dos sarcófagos do vizir Ramose e de sua esposa Meritptah. Em cima, na fila A e, em baixo, na fila B. Tal como no túmulo. Corresponde, no livro de Davies, N., às Pls. XXIII (2) – A e B.

¹⁰¹⁷ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 278-279.

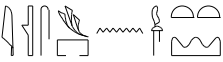
¹⁰¹⁸ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 280.

É designado na linha superior como:



sb3 tpy n m d3t... r dt dr tw ... Rms m3-hrw nfr

Primeira porta para a Duat... para a eternidade inteira ... Ramose, justificado e perfeito¹⁰¹⁹.

Na fila B, o túmulo é uma construção branca sobrepujada por uma cornija e dotada com uma porta. Está designada por  *is n imntt*, «Câmara do Ocidente». Atrás dele, ocupando o espaço das duas filas, apresenta-se a deusa Hathor (fig. VI.38) de pé sobre uma almofada e ostentando numa das mãos o símbolo da vida e noutra um bordão encimado pelo símbolo *uase*.

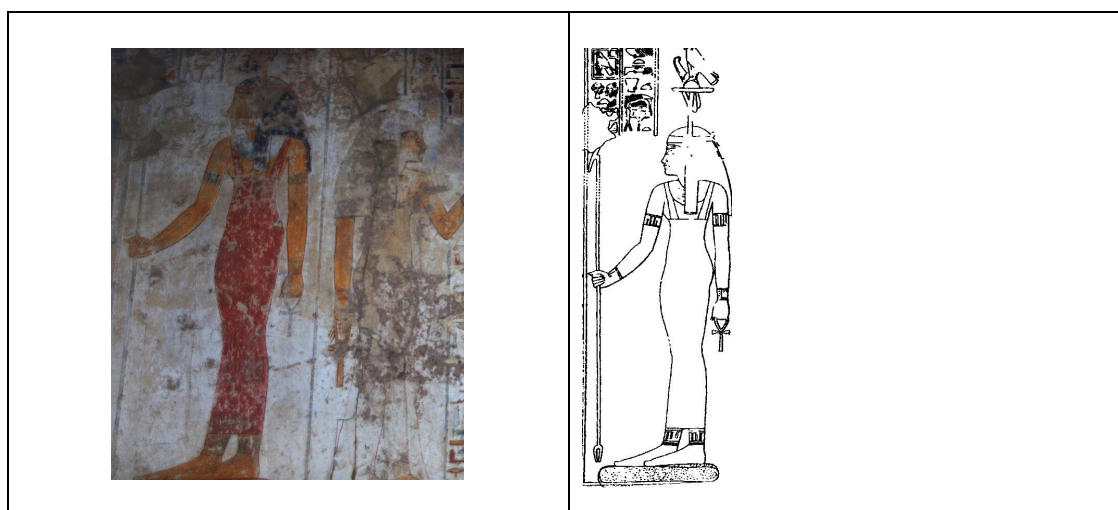


Fig. VI.38 – A deusa Hathor, protegendo o túmulo do vizir Ramose e de sua esposa Meritptah. Tal como no túmulo. Corresponde, no livro de N. Davies, à Pl. XXIII (3) – A e B.

O texto refere-se-lhe como:



Ht-hr hry-tp smt nbt-pt hnt mhyt

Hathor, a que está à frente da necrópole, senhora do céu, senhora do vento norte.¹⁰²⁰

¹⁰¹⁹ Túmulo de Ramose, T 55, ln. 281.

¹⁰²⁰ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 282.

6.2.2 Cortejo funerário do mordomo Huya

A cena distribui-se por quatro registos, mostrando um cortejo composto de quatro filas paralelas. No intuito de facilitar a compreensão de cada um dos conteúdos, foi decomposta em várias partes. Vemos, no primeiro registo (fig. VI.39) um grupo de mulheres que cobrem o rosto com as mãos numa postura recatada, enquanto no terceiro outras parecem atirar poeira sobre as cabeças. Esse gesto é também realizado por um grupo de quatro homens, os primeiros dos quais envergam saíotes de cerimónia e são provavelmente funcionários que assistem ao funeral do colega. Os segundos poderiam ser apenas empregados da sua casa.

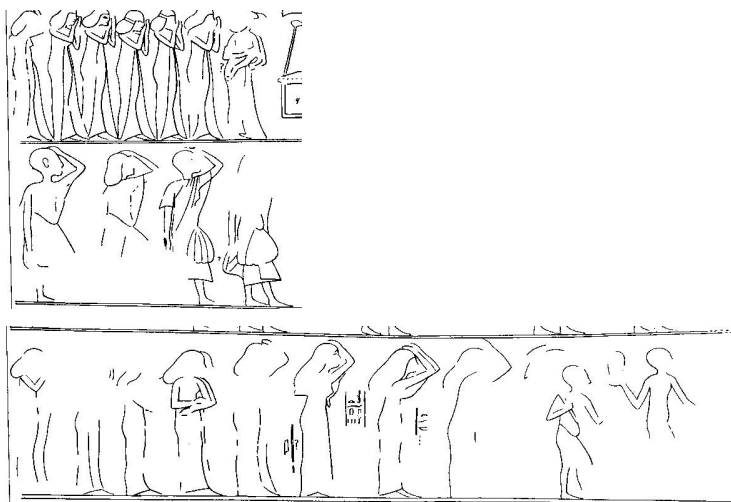


Fig. VI.39 – Familiares, funcionários e carpideiras (?) exprimindo o seu desgosto pela morte de Huya. Desenho de Davies, N.(Pl. XXIII).

Encontramos na terceira fila restos do nome de três senhoras que aparecem já nos lados ocidental e oriental da parede sul da capela (Pl. XXI) e no lado ocidental do altar (Pl. XXIII). São, respectivamente:



snt.f nbt-pr Wnhꜣr m3ꜣt-hrw m(w)t.f nbt-pr Twy m3ꜣt-hrw snt.f hꜣpw

Sua irmã (esposa?) a dona de casa Uenher, justificada. Sua mãe, a dona de casa Tuy, justificada e «a sua irmã (segunda esposa?) Hepu»¹⁰²¹.

¹⁰²¹ Túmulo de Huya, TA 1, Ins. 134-135.

Contrariamente ao que se verifica no túmulo de Ramose e no túmulo real, não é fácil distinguir a presença de carpideiras no meio da família do mordomo Huya mas mantêm-se os portadores, carregando oito pesadas caixas que talvez contenham vasos de vísceras ou *chauábtis*. Cada um deles leva ainda um longo ramo de flores de papiro. Duas grandes mesas carregadas de flores, pães e jarros de vinho, ainda selados, estão a ser igualmente levadas para o túmulo (fig. VI.40).

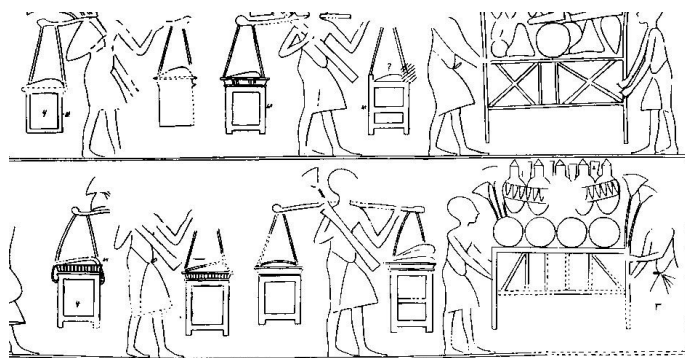


Fig. VI.40 – Quatro carregadores levando oito caixas pendentes cada extremidade de uma vara que levam aos ombros. Desenho de N. Davies (Pl. XXIII).

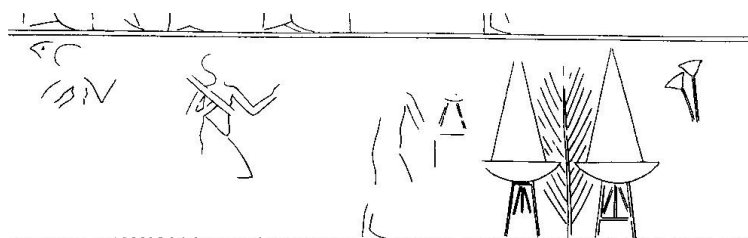


Fig. VI.41 – Portadores de oferendas. Registo inferior. Desenho de N. Davies (Pl. XXIII).

O quarto e último registo, muito deteriorado, conserva ainda vestígios de outros portadores de oferendas, dos quais o primeiro parece levar um jarro de unguento. Uma grande folha de palma está colocada entre o que parecem ser pequenos obeliscos *srt* sobre cestos *nbt* dispostos sobre dois bancos (fig. VI.41).

A fig. VI.42 mostra os últimos ritos diante do sarcófago de Huya, antes da sua deposição na câmara funerária. Este encontra-se na posição vertical, ostentando o cone de cera e uma grande barba divina, coisa de admirar, no contexto da nova doutrina.



Fig. VI.42 – Purificação final dos alimentos, diante do sarcófago de Huya.
Desenho de N. Davies (Pl. XXII).

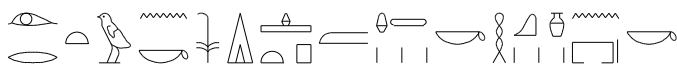
Há referência a um possível ritual novo: *nis tw n.k m-ht 'Itn*, «Que seja feita uma invocação para ti de acordo com (o ritual?) de Aton¹⁰²²». Por falta de documentação, este ritual é infelizmente desconhecido. A cerimónia de abertura da boca manteve-se, como veremos, e textos como «Vim até ti com a boca (plena) de *Maet*¹⁰²³, pela qual tu vives, ó Aton!»¹⁰²⁴, provam que, recorrendo aos rituais antigos ou a algum processo novo e que desconhecemos, o *ba* do defunto pôde recuperar o dom da palavra e os outros sentidos.

À esquerda, a mãe, uma irmã (esposa?) de Huya, e mais duas senhoras estão representadas na atitude de carpideiras. O mesmo sentimento de dor transparece nas três filas de homens que ocupam a extremidade direita. Todos vestem trajes de cerimónia e são provavelmente empregados da rainha Tié e/ou funcionários reais. À frente da terceira fila, o homem vestido com um longo traje pode mesmo ser o vizir. Em primeiro plano, um sacerdote, empunhando um vaso *hst*, faz a purificação de uma enorme pilha de alimentos, entre os quais dois bois mortos e de patas amarradas (fig. VI.42). Recitativo do sacerdote diante do sarcófago:

¹⁰²² Huya, TA 1, Ins. 142-143.

¹⁰²³ Isto é, com um discurso digno, justo e equilibrado.

¹⁰²⁴ Túmulo de Tutu, TA 8, ln.



ir. tw n.k htp-di-nsw m t.k hnkt n pr.k

É feita para ti uma «oferenda que o rei faz», do teu pão e da cerveja da tua casa



kbhw tw n.k (m) mw m mr.k ini n tw n.k

(É feita para ti) uma libação da água do teu lago e fo(ram) trazido(s) para ti



dkrw m šnw.k nis tw n k

os frutos (?) das tuas árvores. Que seja feita uma invocação para ti



m-ht Itn w3h tw n.k p3t hr wdhw n k3.k r^c-nb

de acordo com (o ritual?) de Aton e, para ti, sejam colocados, todos os dias, bolos *pat* sobre a mesa das oferendas, por intenção do teu *ka*



sh3 tw rn.k imy-r ipt nsw imy-r pr- h^cwy Hw^cy m3^c-hrw

Que seja lembrado o teu nome, ó intendente do harém real, intendente da Dupla Casa da Prata, Huya, justificado¹⁰²⁵.

Repare-se que a oferenda é constituída por produtos da propriedade de Huya e aí confeccionados: frutos das (que foram as) suas árvores, pão e cerveja da (que foi a) sua casa e a própria água da libação provem do seu lago privativo. Traduzirá isto, como afirma Davies, «The power of the dead hand laying its claim to every product of the family property»¹⁰²⁶? A motivação desta atitude não é clara mas podem elaborar-se algumas hipóteses:

Como vimos, no Cap. V, Huya fora um funcionário muito próximo da rainha Tié, o seu mordomo, antes de ter sido nomeado como *imy-r ipt-nsw*, «intendente do harém real», e não há provas que a rainha-mãe tenha aderido ao Atonismo. Se a referida propriedade não se localizasse em Amarna, poderíamos estar perante uma subtil recusa daquilo que se criava na

¹⁰²⁵ Huya, TA 1, Ins. 140-144.

¹⁰²⁶ DAVIES, Norman de G., *The Rock Tombs of el-Amarna*, vol. III, p. 17.

cidade santa de Aton. Por outro lado, se se trata de uma dádiva real, todos os seus produtos e até a própria água teria um valor especial. Quanto aos animais, nada se diz a respeito da sua origem. Uma terceira hipótese se nos afigura mais correcta: que fosse uma derradeira homenagem dos seus familiares, dando-lhe os produtos da sua amada propriedade.

No registo inferior direito, muito danificado, homens conduzem bois para serem sacrificados. O que se segue é uma possível tradução:



... .. *imnty nmiw k3i 3 tw (i3š)y*
 os (pastores?) ocidentais gritam muito alto para chamar (o gado?)



... *k im wr* *r-nb* *in n sdm iri n* ...
 ... te no grande todos os dias para escutar (?) o que é feito (?) ...¹⁰²⁷

A parte inferior da cena de purificação apresenta uma cerimónia muito singular: Um bezerro está de pé sobre três patas, uma pata dianteira foi cortada e o sangue escorre da ferida, fig. VI.43. Ao mesmo tempo um sacerdote corre em direcção à múmia de modo que a carne ainda esteja quente quando lhe for apresentada¹⁰²⁸. Junto ao bezerro, uma vaca de cabeça erguida e língua de fora parece mugir de aflição. Esta cena está igualmente presente no túmulo de Djehut, TT45, um contemporâneo de Amen-hotep II¹⁰²⁹. No *Livro dos Mortos* do *Papiro de Hunefer*, vinheta 17, nas capelas dos túmulos ramséssidas de Amennakht, TT 218, e de Kaha, TT360, a cena vem acompanhada de um texto explicativo:

O que diz a vaca:
 Chorar por ti, bem-amado!
 A vaca está aflita (diante) do teu túmulo
 O seu coração está de luto pelo seu dono¹⁰³⁰

¹⁰²⁷ Huya, TA 1, Ins. 145-146.

¹⁰²⁸ EL-SHAHAWY, Abeer, *The funerary art of Ancient Egypt*, p. 63.

¹⁰²⁹ PORTER, Bertha, and MOSS, Rosalind, *Topographical Bibliography*, I, pp. 87.

¹⁰³⁰ Ver, respectivamente PORTER, Bertha, e MOSS, Rosalind, *op.cit.*, pp. 317-320, 424-425 e ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà*, p. 475.

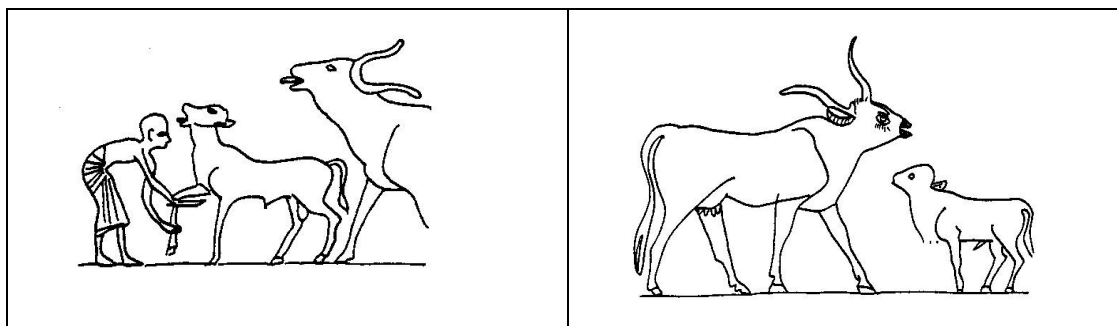


Fig. VI.43 – O ritual do corte de uma pata ao bezerro e lamentação da mãe do animal sacrificado. Brier, Bob, *Ancient Egyptian Magic*, pp. 86-87.

A vinheta do *Papiro de Hunefer* mostra em paralelo uma série de instrumentos entre os quais se reconhece as pequenas enxós *stp*, pelo que esta acção bizarra tem algo que ver com a cerimónia de *wpt r*, «abertura da boca». A carne e o seu sangue ainda quentes libertam um fluido vital que transita para o defunto. Na mesma vinheta, um outro sacerdote apresenta-lhe igualmente um coração palpitante:

É cortada uma coxa para ti,
é cortada uma coxa para o teu *ka*.

Sobre esta cerimónia, dizem Assmann que «il s'agit d'une scène d'une cruauté singulière, représentée dans les tombes et les papyrus du Livre des Morts à partir de l'époque post-amarnienne¹⁰³¹» e el-Shahawy «This scene never occurred in funerals oh the 18th Dynasty»¹⁰³². Não é verdade. Ela está representada nos túmulos de Huya, cerca do ano 12 do reinado de Akhenaton, e no de Djehut que, como dissemos, ainda é anterior, embora o túmulo tenha sido reutilizado por Djehutemheb, provavelmente no tempo de Ramsés II¹⁰³³. Analisando-a agora em mais pormenor, verificamos que está evidentemente incompleta (fig. VI.44). O coração não pode ter vindo do infeliz bezerro ou este não poderia estar de pé e (semi-)vivo, tal como se mostra. Foi retirado a uma segunda vítima que não está representada.

¹⁰³¹ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà*, p. 475.

¹⁰³² EL-SHAHAWY, Abeer, *The funerary art of Ancient Egypt*, p. 63.

¹⁰³³ PORTER, Bertha, and MOSS, Rosalind, *Topographical Bibliography*, I, pp. 85.

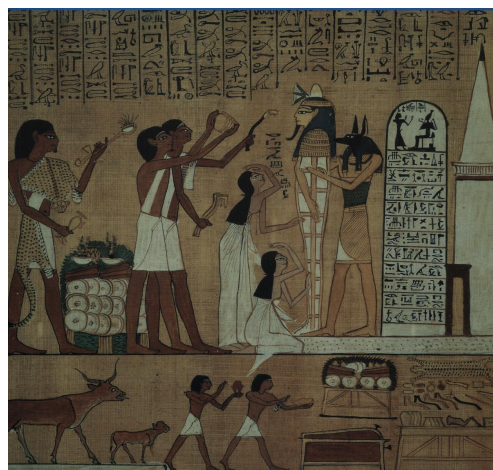
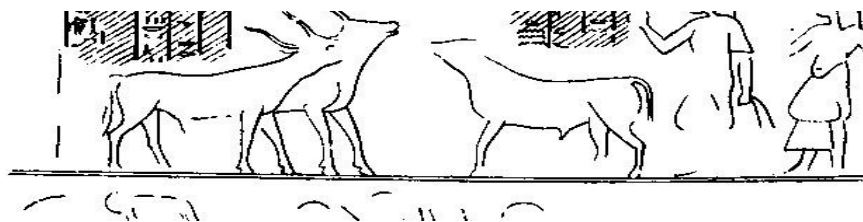


Fig. VI.44 – O ritual do corte de uma pata ao bezerro e lamentação da mãe do animal sacrificado. Em cima, túmulo de Huya, TA 1, Pl. XXII). A meio, túmulo de Djehut, TT45, possivelmente do reinado de Amen-hotep II. Em baixo, vinheta 17 do *Livro dos Mortos* do Papiro de Hunefer, TT45, c. 1280 a.C.

O procedimento descrito no Cap. 477 dos *Textos das Pirâmides* parece ser bem distinto: o bovino é ritualmente morto, a coxa é-lhe retirada e o coração arrancado. Mima-se a morte de um inimigo, a morte *do* inimigo, a morte de Set¹⁰³⁴. Tal como Osíris no tribunal, o Osíris N triunfa do inimigo da sua imortalidade. Os restos do adversário, não lhe são apresentados diante do rosto, jazem a seus pés. Ninguém, nem sequer uma vaca lamenta a morte deste animal de Set. O cerimonial é assim descrito:

¹⁰³⁴ ASSMANN, Jan, *op. cit.*, p. 475

O sacerdote *sem* – Pousar a mão sobre um boi *nega* de longos cornos, do Alto Egito
 O sacerdote sacrificador – Inclinar-se sobre ele, destacar a sua coxa, retirar o seu coração.
 Recitação à sua orelha pela grande *djerit*: “São os teus lábios que te fizeram isto, é a habilidade da tua boca”.

Trazer uma cabra *âr* cortar-lhe a cabeça. Trazer um ganso *semen* e cortar-lhe a cabeça¹⁰³⁵.

A deterioração da cena do túmulo de Huya não permite distinguir qual destes rituais está presente mas, considerando a particular atmosfera religiosa do tempo em que não seriam possíveis quaisquer referências a Set, a Osíris ou às Djerit, tratar-se-á do primeiro. Foi certamente modificado e talvez se resumisse à apresentação da coxa, como parte da cerimónia de abertura da boca, invocando o nome de Aton.

Como vimos, este ritual não é atoniano mas uma persistência de usos anteriores que, provavelmente, não houve tempo de substituir.

Na parede Sul da capela e de cada lado da entrada (fig. VI.45) encontramos uma figura feminina ajoelhada que parece saudar Huya, quando ele entra nos seus apartamentos privados. Uma é a esposa, a dona de casa Uenher «justificada» e outra a sua mãe, a dona de casa Tuy, «justificada»¹⁰³⁶. Para lá das suas cabeças pode ver-se um arranjo de pães em duas grandes pilhas, cada uma das quais ornamentada com um folho perto do topo. O nome de Huya está escrito em grandes caracteres sobre a porta da entrada

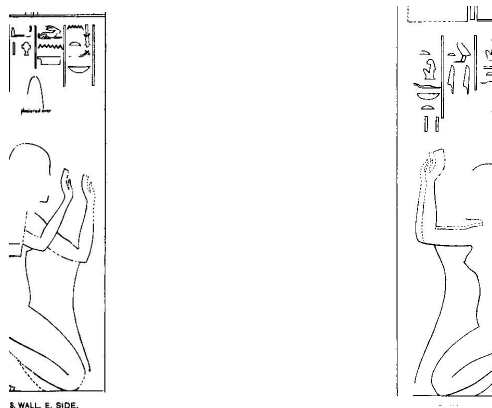


Fig.VI.45 – A esposa e a mãe de Huya, respectivamente Uenher e Tuy.
 Parede sul da capela, lado oriental. Davies, N., vol. III, Pl. XXI.

¹⁰³⁵ Ver ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà*, p. 475.

¹⁰³⁶ Considerando que o termo «irmã» é também utilizado como referindo-se à «esposa», não pode pôr-se de parte a possibilidade de ambas serem mulheres de Huya.

Nem Ramose nem Huya mostram nas suas últimas moradas a deposição da múmia na câmara funerária. Encontramo-la esboçada no túmulo de Samut, «dito Kyky», TT 409 (fig. VI.46).



Fig. VI.46 – Deposição da múmia no túmulo. Túmulo do escriba Samut, «dito Kyky», TT 409. Contemporâneo de Ramsés II.

Quatro sacerdotes, representando os quatro filhos de Hórus, carregam a múmia para a câmara funerária. Acompanha-os um grupo de carpideiras. A procissão é iniciada por um outro sacerdote com a máscara de Anúbis. Nada sabemos a respeito desta cerimónia no período amarniano, mas podemos especular que seria semelhante, obviamente sem a presença de Anúbis.

7. Rumando à eternidade

Antes da implantação do Atonismo, e depois da sua queda, era comumente admitido que, uma vez encerrado no seu túmulo, começaria para o morto uma vida nova, cujo primeiro acto consistia na reunião com o seu *ba* (BD, Cap. 89) (fig. VI.47).

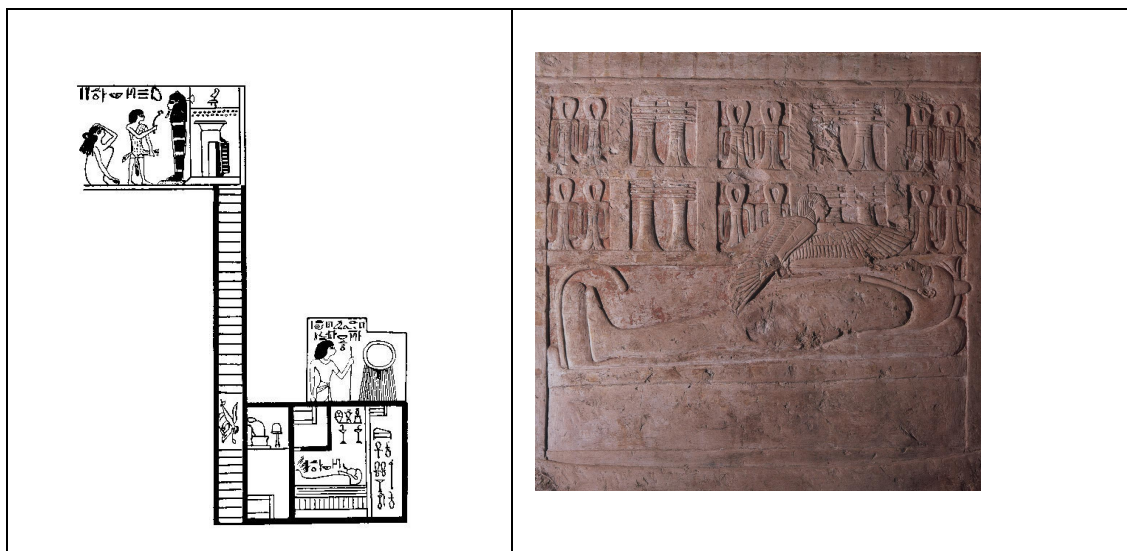


Fig. VI.47 – A esquerda: O *ba* desce até à câmara funerária, ao encontro da múmia. À direita o *ba* pousado sobre o sarcófago bate as asas para que circule o «sopro da vida». Túmulo de Nebunef, TT 157. Reinado de Ramsés II.

O defunto iniciaria uma viagem, cujo grau de dificuldade variou ao longo do tempo e das elucubrações teológicas e económicas do clero, e que terminava diante do tribunal osiriano.

Analisaremos seguidamente as jornadas do mordomo Kheruef e do vizir Ramose, falecidos nos dois primeiros anos do reinado de Amen-hotep IV e, posteriormente, as jornadas dos funcionários atonistas, de acordo com escassas informações que é possível colher nos seus túmulos.

7.1. Jornada do mordomo Kheruef

Este candidato à vida eterna começa por pedir aos deuses a liberdade de movimentos:

... *psš.sn ꜥwy.sn ḥr.i tsi.i di.sn.wi m nnwt inḫ.sn n.i tm s3ḫ.sn ꜥwt.i ḥpt.sn ꜥwy.i m drwt.sn di.sn swsh wt3y.i*

... para que (eles) estendam os seus braços sobre mim, me erguam e me permitam, (sair) do estado de inércia. Envolvam-me completamente e reúnam as (várias) partes do meu corpo, apertem os meus braços com as suas mãos e alarguem as minhas ligaduras.¹⁰³⁷

¹⁰³⁷ Oração endereçada a Amon-Horakhti e a Osíris, a Geb, Ísis e Néftis, Anúbis e Uepuauet. Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 322-325.

O pedido é estranho, uma vez que o corpo mumificado não pode nem vai sair do ataúde onde foi encerrado. O seu *ka* está junto do corpo, atento às oferendas na capela mortuária, e não o abandona. Para efectuar a sua jornada rumo ao tribunal divino, o morto deve contar apenas com o *ba*, única parte da sua presente individualidade que não está confinada ao túmulo, é dotada de completa liberdade de movimentos:

(*hw*)t Hr špsw nis tw.f mi w ʕim.sn nn skt b3.f r (n)hḥ

Na casa do Hórus (o palácio real), os nobres referem-se-lhe (a Ramose) como o único deles não há destruição para o seu *ba*, ao longo da eternidade¹⁰³⁸

O *ba* pode assumir qualquer forma¹⁰³⁹ até um falcão divino¹⁰⁴⁰ e subir ao céu:

htp di nsw Wsir ḥk3 dt ntr ʕ3 nsw n nb (n)hḥ di.f rwd h3t hr(t)-ntr b3 r pt r m33 itn

Uma oferenda que o rei faz a Osiris, governante da eternidade, deus grande, rei e senhor da eternidade, para que ele permita que o cadáver floresça na necrópole (enquanto) a *ba* vai em direcção ao céu para contemplar o disco solar¹⁰⁴¹.

Pode também tomar a forma de um deus ou de um ser humano. Não é, pois, de estranhar que Kheruef reassuma o aspecto humano antes de começar a sua jornada. De acordo com os textos do seu túmulo, reencontramo-lo diante da «primeira porta da *Duat*», depois de uma viagem cujo percurso e incidentes nos são desconhecidos. Sabe-se que há outras portas, como «a porta que afasta os *rekhyt*, referida no Capítulo 373 dos *Textos das Pirâmides*¹⁰⁴², localizada à saída do túmulo mas nem esta nem qualquer outra são referidas.

A₁ – ntrw ḥsbw di.tn hr n m3ʕt šsp.tn.i nn ir dwt nn irt šnwt wrwt n nsw n ink b3k mri nb.f i ḥmt.f rdiw.i dd-mdw n whmw-nsw tpy imi-r pr hrw.f m3ʕt-hrw i sb3 tp im n d3t mri.f ʕk bwt.f prt wn.n.i in.i hr m3ʕt dd-mdw n hrp-ʕh sš-nsw imy-r pr hrw.f m3ʕt-hrw i ntrw nbw n d3t d3d3t imywt t3-dsr sʕr.tn hrw.i n nb (n)hḥ

Ó câmpulo dos deuses daí atenção a um que praticou a *maet* e recebei-me. Eu não pratiquei o mal nem fiz grandes magias contra o rei. Sou um servo amado pelo seu senhor e por sua majestade fui enviado.

Palavras ditas pelo primeiro arauto do rei, o mordomo Kheruef, justificado:

¹⁰³⁸ Túmulo de Ramose, TA 55, ln. 80.

¹⁰³⁹ FAULKNER, Raymond O., *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, Cap. 76.

¹⁰⁴⁰ *Ibidem*, Cap. 78; BARGUET, Paul (Trad.), *Les Textes des Sarcophages égyptiens du Moyen Empire*, 312, (B₂B₀).

¹⁰⁴¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 225-226.

¹⁰⁴² ASSMANN, Jan, *Images et rites de la mort dans l'Égypte ancienne*, p. 82.

Ó primeiro portão da *Duat*, ele deseja entrar. A sua abominação é a retirada, abre para mim. Eu vim sob o signo da *maet*...
 Palavras ditas pelo administrador do palácio, o escriba real, o mordomo Kheruef, justificado: Ó vós todos os deuses da *Duat*, (divinos) magistrados que estais na Terra Sagrada apresentai o meu clamor ao senhor da eternidade.¹⁰⁴³

Como podemos observar o desenvolvimento da acção não é coerente. O texto deveria ter início com o terceiro parágrafo. Kheruef dirige-se simultaneamente ao porteiro e a um corpo de deuses-magistrados, solicitando que apresentem a Osíris a sua candidatura à vida eterna. E prossegue o seu discurso:

B₁ – *dd.f ii.i ...sp3wt iw ir.n.i mr r rmt hswt nsw n rk.i nn thi.i wd n.f s^cr.tn irt n.i tp t3 n ntrw (m) d3t d3d3t ... m htp hft spr.i r.sn rdi.sn n.i m3^c-hrw m wsh^t (nt) m3^cty st3w.i hm n Inpw wd^cw dhwt^y gmwt ... dd bw m3^c m-b3h snywt 3w m3^cty r tp-r.i h^cy d3d3t im.i m3^cty.i šps ti hr^cwy.i*

Ele (Kheruef) diz: Eu vim ...os distritos¹⁰⁴⁴. Fiz o que o povo gosta e o que era louvado pelo rei do meu tempo, sem desobedecer a nenhuma ordem sua. Transmiti aquilo que eu fiz sobre a terra, aos deuses da *Duat* (a)os (divinos) juizes (para que eles estejam?) em paz, quando me aproximar deles e me concedam o estatuto de justificado, na «Sala das Duas Maet»¹⁰⁴⁵ ser aceite pela majestade de Anúbis, julgado (por) Tot e obtida (a minha justificação?)¹⁰⁴⁶ ... e dizer a verdade diante dos cortesãos. Que haja inteira justiça para o meu discurso, rejubilem os magistrados comigo e a minha maeticidade seja enobrecida sobre as minhas mãos¹⁰⁴⁷

Não é claro a quem se destinam estas palavras. Kheruef dirige-se, aparentemente, a um ou mais «advogados de defesa», numa fase preparatória que antecede a audiência com os divinos magistrados. Apresenta-se naturalmente como um praticante da *maet*, uma vez que se absteve de mentir, fez o que o povo gostava e obedeceu ao soberano e às suas leis. Esta confissão, essencialmente positiva, será transmitida aos deuses pelos, já referidos, «advogados».

A resposta das entidades divinas não está explicitada. Somos levados a admitir que se deram por satisfeitas com o que ouviram, uma vez que o mordomo é, aparentemente dispensado da pesagem do seu coração. É-nos dito, de uma forma indirecta, que o tribunal divino emitiu uma sentença nos termos da qual Kheruef foi, não só declarado justo, *m3^c-hrw*, mas recebeu ainda o título de *akh*, «bem-aventurado»:

¹⁰⁴³ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 200-209.

¹⁰⁴⁴ Reconstrução de Wente. Ver WENTE, *op. cit.*, p. 73, nota q).

¹⁰⁴⁵ Sala do julgamento, onde se procede à pesagem do coração do defunto.

¹⁰⁴⁶ No sentido de obter uma cópia da sentença (favorável!) que foi redigida pelo próprio deus Tot.

¹⁰⁴⁷ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 334-344.

C₁ – *ḏi.n Rꜥ 3ḥ m pt n whmw-nsw tpy imi-r pr hrw.f m3ꜥt-hrw ḏi.n Gb wsr m t3 n hrp-ꜥḥ sš-nsw imy-r pr hrw.f m3ꜥt-hrw*

Ré concedeu o estatuto de bem-aventurado no céu ao primeiro arauto do rei, o mordomo Kheruef, justificado. Geb concedeu o poder na terra ao administrador do palácio, o escriba real, o mordomo Kheruef, justificado¹⁰⁴⁸.

Recebe ainda a graça de ser transformado em *ba* vivo:

D₁ – *r hpr.i m b3 ꜥnhy mi hprw dr-b3ḥ*

para que eu me transforme num *ba* vivo, tal como os que antigamente foram¹⁰⁴⁹,

Note-se que, estranhamente, Kheruef houve as suas recompensas de Ré e de Geb e, só numa segunda proclamação, se refere que elas provêm igualmente de outros importantes deuses: Amon-Ré, Osíris, nas suas várias residências, Osíris Uennefer, Osíris-Sokar e Osíris-Ptah. Cada uma inicia-se pela expressão *im3ḥy hr*, «o (que foi declarado) bem-aventurado por...»¹⁰⁵⁰.

7.2. Jornada do vizir Ramose

O vizir Ramose, tendo igualmente ultrapassado facilmente todos os portões da Duat, dirige-se aos deuses:

A₂ – *ḏd-mdw in r-pꜥt ḥ3ty-ꜥ r shr m t3 rḏr.f sm hrp šndyt nbt sd3w-bity imy-r niwt t3t(y) Rꜥms m3ꜥt-hrw*

i.i ntrw nbw d(w)3t d3d3t imyt t3 dsr srꜥ-w3t tnwy n nb (n)ḥḥ dw3.i sw km3.i šfšfywt(.i) wsh n.i st sn t3 m-m wrw imyw šmsw.k šsp.i 3wt hft ḥmwt.sn m snw n Wnn-nfr irt nw n.i m ib mry r wd3w iri.n.i tp t3 iw drp.n.i n ntrw dwi.n.i psdt tm wꜥb nbwy twri nbwy hr ht m-b3ḥ K3mwt.f iw snm.n.i n nsu bit3w mrr n Imn m pr.f ḥmyt-nsu msw-nsu smrw ḥsi n k3.f nn m h(y).i hr dm.i rn.sn mt hrt-hrw nt rꜥ-nb

Palavras ditas pelo senhor e nobre, uma boca que dá satisfação à terra inteira, o sacerdote *sem*, o que está à frente de todos os funcionários, o chanceler do Baixo Egito, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado:

– Ó (vós) todos os deuses da *Duat*, concílio divino que estais na terra sagrada, encaminhai-me até ao Senhor da Eternidade para que possa adorá-lo e apresentar (-lhe) os (meus) respeitos. Possa eu ter um lugar espaçoso para beijar a terra entre os grandes que são teus (seus) seguidores. Possa eu receber as oferendas diante de Suas Majestades, como oferendas de alimento de Uennefer. Fazei isto por mim com o coração (pleno) de boa-vontade, tal como eu o fiz (por vós, quando estava) sobre a terra. Eu fiz oferendas aos deuses, chamei até mim toda a Enéade (para uma oferenda) – quão limpa e quão pura! – trazendo dádivas à presença de Kamutef. Eu alimentei os reis do Alto e do Baixo Egito, amados por Amon, no

¹⁰⁴⁸ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 210-211.

¹⁰⁴⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, In. 326.

¹⁰⁵⁰ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 352-389.

seu templo, as esposas e os filhos reais e os companheiros, tal como aprazia ao seu *ka*. Não fui negligente (em) pronunciar o nome deles ao longo do dia e em todos os dias¹⁰⁵¹.

Tal como no caso Kheruef, Ramose não se dirige directamente ao trono de Osíris. Pertence ao concílio conduzi-lo até ao deus e ouvir, em primeiro lugar, as declarações de maeticidade do vizir. Só depois disto lhe é dado o consentimento e o postulante se encaminha para a vizinhança do «senhor da eternidade», Osíris, a quem respeitosamente saúda (fig. VI.48):

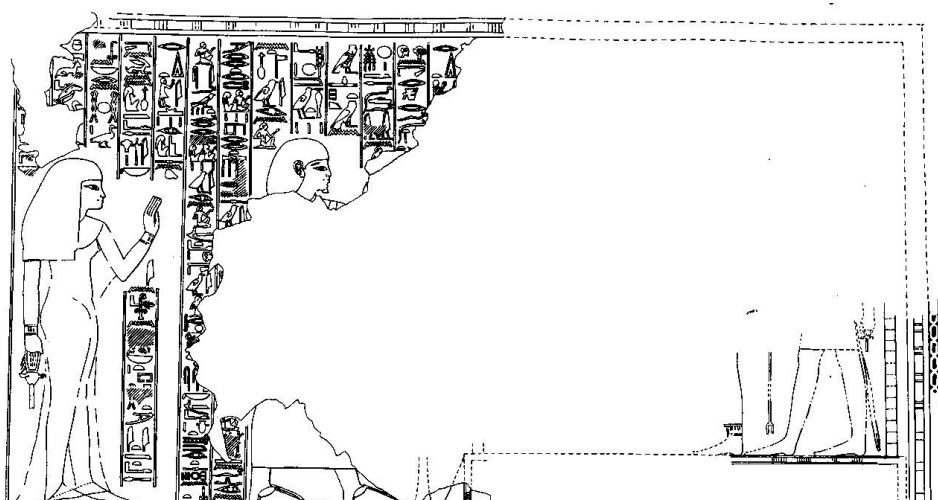


Fig. VI.48 – O vizir Ramose e sua esposa diante dos deuses (Pl. XXII).

B₂ – *rdit i3w Wsir hry-tp n t3 r dr.f imy-r niwt t3t(y) Rms m3c-hrw dd.f ii.n.i m htp m km n h(w) m hswt nt ntr-nfr iw iri.n.i mrwt rmt hrwt ntrw r n.s iw iri.n.i hssst ntr niwt.i nn w3d.i hdtw n.f nn iri.n.i isftw.f r rmt iw iri.n.i m3t hr t Tw.i rh.kwi hss.k m3c ib tm irt spw nt d3(yt)*

Fazendo uma adoração a Osíris, pelo que está à frente da terra na sua totalidade, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado, ele diz:

– Eu vim em paz, tendo completado o (meu) tempo de vida nos favores do deus bom e fiz o que era desejado pela Humanidade, aquilo com que os deuses se alegravam. Fiz aquilo que agradava ao deus da minha cidade e não aquilo que depreciava os seus mandamentos. Não fiz coisas (consideradas) más por ele ou pela Humanidade mas pratiquei a *maet* na terra porque sei que tu recompensas a justeza do coração de quem não fez uma acção má¹⁰⁵².

C₂ – *dd-mdw in r-p^ct h3ty-^c hry s3t3 pr-nsw imy-r niwy t3t(y) Rms m3c-hrw ii.n.i m htp r is.i hr hswt n ntr-nfr iri.n.i hssst nsw rk.i nn hdi tp-rd wdt.n.f iri.n.i hssst nsw rk.i nn hdi tp-rd wdt.n.f nn iri.n.i isft r rmt n mrwt htpy hrt smt.i hr wnmy wr r W3st*

¹⁰⁵¹ Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 37-48.

¹⁰⁵² Túmulo de Ramose, TT 55, Ins. 283-288..

Palavras ditas pelo senhor e nobre, o que está nos segredos do palácio, o governador da cidade, o vizir Ramose, justificado:

– Eu vim em paz para o meu túmulo (mantendo) o favor do deus bom. Fiz o que era agradável ao rei do meu tempo e não desobedeci às leis decretadas por ele, não pratiquei mal contra o povo, a fim de que (pudesse vir a estar) em paz (sob) o céu, na minha necrópole que está sobre a mão direita de Tebas¹⁰⁵³.

Perante o senhor da eternidade, Ramose pronuncia uma confissão que é simultaneamente positiva, o que fez de bem, e negativa, o que não fez de mal. Foi um homem piedoso, honrou os deuses, abstendo-se de fazer o que lhes era desagradável. Foi um funcionário fiel e competente, obedecendo às leis do seu soberano e nada fez contra o povo.

O enunciado destas nobres qualidades é suficiente e mais nenhuma prova lhe é exigida. Os deuses emitem uma sentença favorável:

D₂ – *ntrw 3htw m m3^c-hrw m rk.n dt mw ntr pri m Wsir*

Os deuses dos horizontes (declaram-te) justificado no teu tempo de eternidade, (deram-te) a água do deus, que vem de Osíris¹⁰⁵⁴.

Desta recompensa faz parte o título de «Osíris N», dado por quinze vezes ao vizir Ramose¹⁰⁵⁵, mas parcamente reconhecido ao mordomo Kheruef¹⁰⁵⁶.

7.3. Jornada de Huya

Nada nos é dito a respeito da jornada do mordomo Huya. Sabemos apenas que ele se encontra no túmulo, de onde o seu *ba* sai livremente para contemplar os raios de Aton:

dī.k. wy r nh̄ m st h̄syw m h̄wt.i nt m3^ct b3.i pri.f r m33 stwt.k

Concede-me a continuidade entre os favoritos, no meu túmulo de *maet*, e possa o meu *ba* sair para contemplar os teus raios¹⁰⁵⁷.

Sabemos que pretende viver uma boa vida, que se pretende reunir à sua ama, a rainha Tié:

m ʕnh̄ nfr m h̄mn.s m ršwt n h̄(h)

com uma boa vida, ao reunir-me a ela com alegria (para sempre?)¹⁰⁵⁸

¹⁰⁵³ Isto só é válido, atendendo a que os antigos egípcios se orientavam virados para a nascente do Nilo isto é, para Sul. Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 33-36.

¹⁰⁵⁴ Túmulo de Ramose, TT 55, ln. 168.

¹⁰⁵⁵ Por exemplo, em Ramose, TT 55, lns. 199, 201, 208.

¹⁰⁵⁶ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 232, 233, 353.

¹⁰⁵⁷ Túmulo de Huya, TA 1, lns. 12-13.

¹⁰⁵⁸ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 98.

7.4. Jornada de outros funcionários atonistas

Durante a vigência do Atonismo, a morte dos seres humanos continua a ser referida como uma viagem de reunião com o seu *ka*:

dī.k wnn n.i k3.i mn rwd n wnn hr t3 hr šms k3.k tsī n.f hr rn.i r st(w) ḥ(s)yw iw dī.k htp.i m.s r3(w).i hr m3^ctw

Permite que o meu *ka* exista para mim, permaneça forte e prospere, como quando sobre a terra eu seguia o teu *ka*, e eu suba em direcção a ele, no meu nome, nos lugares purificados nos quais me concedeste repousar porque as minhas palavras são justas¹⁰⁵⁹.

Tal como para os seus congéneres de outro tempo, a vida *post-mortem* dos atonistas iniciava-se uma vez fechada a câmara funerária, tal com se diz, numa oração do túmulo tebano de Parennefer:

ḥtp-dī-nsw Anwpw imy wt(w) dī.f rwd h3t m hr(t)-ntr b3 ḥtp m ḥwt.f r^c-nb n k3 n r-p^ct ḥ3ty-^c (iry) rdwy n nb t3wy m st nbt... P3-rn-nfr m3^c-hrw

Uma oferenda que o rei faz a Anúbis, o que está na (Casa de) Embalsamamento, para que ele permita que o cadáver permaneça firme na necrópole, enquanto o *ba* repousa no seu túmulo, todos os dias. Pelo *ka* do senhor e membro da elite, o que está ao serviço¹⁰⁶⁰ do senhor das Duas Terras em todos os lugares.... Parennefer, justificado¹⁰⁶¹

À semelhança de Kheruef, o funcionário May pede também a reconstrução do seu corpo mas já não invoca os deuses da *duat*. Dirige-se à grande esposa real, Nefertiti:

ḥmt-nsw wrt mrit.f nbt t3wy Nfr-nfrw-Itn Nfrit-ity nḥt dt (n)ḥḥ dī.s ḥsw mn ti rwd ti ḥ^cw ḥnm(w) r šwt ḥnwt n dī.s n k3.n šms m dpt bik.f špsy nb nmtt m-s3 nb t3wy imy-r k3wt nbt n nsw sš nsw m3^c mri.f M^cy m3^c-hrw

Uma oferenda que o rei faz à grande esposa real, sua amada, senhora do Alto e do Baixo Egipto Neferneferuaton Nefertiti, viva eternamente e para sempre. Que ela conceda o seu favor estável e firme, e membros unidos com alegria, como dádiva sua. Pelo *ka* do que segue o barco do seu augusto falcão (o rei), o chefe dos movimentos (chefe do protocolo), atrás do senhor das Duas Terras, o intendente de todos os trabalhos do rei o verdadeiro escriba real, seu amado, May, justificado¹⁰⁶².

O *ba* do defunto continua a ser pensado como uma entidade que se movimenta, ou

¹⁰⁵⁹ Túmulo de Ay, TA 25, Ins. 155-157.

¹⁰⁶⁰ A tradução directa é «as duas pernas do senhor», o que poderia querer dizer um mensageiro, um delegado ou mesmo um espião. Preferiu-se um termo mais geral e daí a forma (*iry*) *rdwy*. Ver BONAMY et SADEK, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, p. 377.

¹⁰⁶¹ Túmulo de Parennefer, TT 188, Ins. 31-36. Note-se que contra o que é habitual nas orações amarnianas, a oferenda é feita a Anúbis. Recorde-se que o túmulo pertence ao período proto-amarniano em que o culto se concentra em Tebas. O próprio túmulo contém referências aos «outros» deuses.

¹⁰⁶² Túmulo de May, TA 14, Ins. 103-106.

deve movimentar-se, livremente:

h̄tp-di-nsw ʕnh R̄-Hr-3h̄ty ntr špsi mryty ʕnh m m3̄t r̄-nb di.f n sn sntr sšp mdt [...] tm hn(r)i iw b̄. i iw mri.n.f

Uma oferenda que o rei faz ao vivo Ré-Horakhti, deus augusto, o amado que vive em *maet* todos os dias para que ele (me) conceda o odor do incenso, receber o bálsamo [...] sem que o meu *ba* seja impedido¹⁰⁶³ de ir (aonde) desejar¹⁰⁶⁴.

h̄tp-di-nsw Anwpw imy wt(w) di.f rwd h̄3t m hr(t)-ntr b3 h̄tp m h̄wt.f r̄-nb n k3 n r-p̄t h̄3ty- (iry) rdwy n nb ʔwy m st nbt... P3-rn-nfr m3̄t-hrw

Uma oferenda que o rei faz a Anúbis, o que está na (Casa de) Embalsamamento, para que ele permita que o cadáver permaneça firme na necrópole, enquanto o *ba* repousa no seu túmulo, todos os dias. Pelo *ka* do senhor e membro da elite, o que está ao serviço¹⁰⁶⁵ do senhor das Duas Terras em todos os lugares.... Parennefer, justificado¹⁰⁶⁶


O *ba* do defunto vai imediatamente empreender a sua mais importante viagem, ao encontro de uma divindade que lhe possa conceder a vida eterna. Tendo Osíris e o seu tribunal divino sido reduzidos à não-existência, é de admitir que ele se apresente, agora, diante de Aton, o único deus possível, e dele venha a receber recompensa ou castigo. É pelo menos o que se subentende da leitura de alguns textos do túmulo de Tutu (TA 8):

īiy n.i n.k iw r hr M3̄t p3 Itn ʕnh.k iw sšms.i s3.k ir.n.i m bitw.f W̄-n-R̄ h̄k3 M3̄t s3 nh̄ p3 Itn ʕnh nsw-bit(y) Nfr-h̄prw-R̄ W̄-n-R̄ di.f ... m k3.k m-b3̄h.i dt (n)h̄h n k3 n imy-h̄nt Twtw m3̄t-hrw

Vim até ti com a boca (plena) de *Maet*¹⁰⁶⁷, pela qual tu vives, ó Aton. Eu segui o teu filho, agi de acordo com o seu carácter. Uaenré é o governante de Maet, o filho da continuidade, o Aton vivo, o rei do Alto e do Baixo Egipto, Neferkheperuré Uaenré, que ele dê ... com o teu *ka*, diante de mim, eternamente e para sempre. Pelo *ka* do camareiro Tutu, justificado¹⁰⁶⁸.

Há vestígios de uma confissão negativa:

īiy n.i n.k p3 Itn ʕnh iw M3̄t ir st.s im.i bw ʕwn.i bw ir.i grgw bw ir.i msdd(y)t.k s3.k
Vim até ti, ó Aton porque Maet fez o seu lugar em mim; eu não sou ávido nem pratiquei a mentira, não fiz o que é odioso ao teu filho¹⁰⁶⁹

¹⁰⁶³ De  *hnri*, «restringir». Ver FAULKNER, *op. cit.*, p. 519.

¹⁰⁶⁴ Túmulo de Apy, TA 10, Ins. 11-12, 15.

¹⁰⁶⁵ A tradução directa é «as duas pernas do senhor» o que poderia querer dizer um mensageiro, um delegado ou mesmo um espião. Preferiu-se um termo mais geral e daí a forma *(iry) rdwy*. Ver BONAMY et SADEK, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, p. 377.

¹⁰⁶⁶ Túmulo de Parennefer, TT 188, Ins. 31-36..

¹⁰⁶⁷ Isto é, com um discurso digno, justo e equilibrado.

¹⁰⁶⁸ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins. 19-22

¹⁰⁶⁹ Túmulo de Tutu, TA 8, Ins 54-56

bw ir.i msddyt hm.f bwt grg m ht.i bwt 3t n W^c-n-R^c s^cr.n.i m3^ctw n hm.f iw rh.s kwi ^cnh.f im.s ntk R^c msi M3^ct iw di.n.k ... r ptn bw (k)3w ... hrw.i m pr n nsw bw wsh.i m ^ch bw šsp.i f^k(3) grg dr m3^cty n d3w wpw- hr irt M3^ct n nsw ir.i m wd^cw.f m hr.i wsr.n.i m k3 n W^c-n-R^c ss(3i.) n.i m f^k(3)w rdi.f n.i ... iw ... s ... f b(w?) ... p3y nb m-^c dw m rh.i bw di.i grg m ht.i iw.i ... m-b3h.f m ^ch m ... hsyw iw wnw^ct w(bn).f r sb3.i r^c-nb n 3w n ir.i sb3yt.f bw gmwt spi.i m dwt nb(t) ...

Eu não fiz o que é odioso a Sua Majestade, a minha abominação é a mentira, (sei) no meu íntimo (que é) a grande abominação de Uaenré. eu apresentei coisas maéticas¹⁰⁷⁰ a sua majestade, porque sei que ele vive nessas coisas. Na verdade, tu és Ré, nascido de Maet, tu concedeste ... para estes, não foi elevada ... (não levantei) a minha voz na casa do rei, não me armei em poderoso, no palácio. Não recebo a recompensa da falsidade por destruir aquilo que é verdadeiro mas, pelo contrário, (sempre) procedi para com o rei de acordo com Maet. Procedi de acordo com as suas ordens, diante de mim, e tornei-me poderoso através do *ka* de Uaenré e satisfiz-me¹⁰⁷¹ com as recompensas que ele me concedeu ... ele¹⁰⁷² e não (ofendo?) o meu senhor com maldade e com o meu conhecimento¹⁰⁷³, nem ponho a mentira no meu íntimo, quando estou diante dele, no palácio em (companhia dos) favoritos, no momento em que ele (o rei) se ergue para me ensinar, todos os dias. Zeloso, executo o seu ensinamento. Não foi encontrada a minha ocasião em qualquer mal¹⁰⁷⁴ ...

Como a «Sala das Duas Maet» deixou, aparentemente, de existir, embora o conceito de *maet* se mantenha e seja abundantemente referido, o lugar onde estes discursos são pronunciados é-nos desconhecido, sabe-se apenas que se localiza na *Duat* e foi necessário transpor um número não especificado de portas para lá chegar.


wstn.n.k hr sb3w d(w)3t

Moveste-te livremente através das portas da *Duat*¹⁰⁷⁵,

Aton reside ali, aparentemente sozinho, e não são referidos quaisquer assistentes, o que é surpreendente para o «efectivo» rei do Egipto, cujo filho, Akhenaton, se limita a exercer o poder como seu delegado.

Se, como diz Tutu: *ntk (n)h^h 3t pt hwt-ntr.k*, «Tu és a continuidade do momento e o céu é o teu templo»¹⁰⁷⁶, o lugar do encontro poderá unicamente acontecer no céu e durante o dia, quando Aton viaja nas alturas. Nunca à noite, «quando ele repousa no (seu)

¹⁰⁷⁰ No sentido de «coisas correctas, justas, equilibradas» ou de um trabalho impecavelmente executado.

¹⁰⁷¹ Normalmente grafado como  *ss3i*.

¹⁰⁷² O rei.

¹⁰⁷³ Isto é, Tutu não provocou de forma consciente qualquer dano ao seu rei.

¹⁰⁷⁴ Isto é, «em nenhuma ocasião eu fui encontrada a (praticar) o mal». Túmulo de Tutu, TA 8, lns 136-148.

¹⁰⁷⁵ Túmulo de Ay, TA 25, ln. 150.

¹⁰⁷⁶ Túmulo de Tutu, TA 8, lns. 23-26.

horizonte¹⁰⁷⁷», mas isto não é claro para nós, que «não conhecemos os seus caminhos¹⁰⁷⁸», como Amen-hotep IV sublinhara na sua catequese aos cortesãos:

[... que ele mesmo deu origem] a si próprio e ninguém sabe o mistério de [...]. [...] ele vai para onde quer e eles desconhecem o [seu] percurso [...] para ele (?) à (?) noite. Mas eu aproximo-me [...] que ele fez. Quão sublimes eles são [...] os seus [...] como estrelas¹⁰⁷⁹.

Forma hábil de evitar a coalescência nocturna entre Ré e Osíris, o texto remete para o mistério que só o rei conhece e não faz uso de uma construção teológica alternativa.

Quanto ao discurso do candidato à vida eterna, o seu referente principal é igualmente o rei. Com base no seu comportamento maético para com ele, Tutu solicita a justificação, abstendo-se de qualquer alusão específica ao velho código dos funcionários. Limita-se a dizer que não usou da mentira nem foi ávido (de recompensas). Como moral é muito pouco, se compararmos ao Capítulo 30 do *Livro dos Mortos*.

Ninguém interrompe as palavras de Tutu, nem mesmo o seu coração. Na verdade, o candidato não parece enfrentar nenhum tribunal. Se ali chegou foi porque o rei o considerou justo e, como tal, lhe proporcionou um funeral e um túmulo «na montanha de Akhetaton, o lugar dos favoritos»¹⁰⁸⁰. Qualquer desvio ao bom comportamento teria implicado, como no caso de May, a perda desse mesmo túmulo e a destruição do nome. Nestas circunstâncias a vida eterna ser-lhe-ia negada.

Não existe, qualquer registo conhecido da resposta do deus. O texto e as imagens do Capítulo 125 do *Livro dos Mortos* não foram substituídos por nada de novo.

É lícito perguntar, uma vez mais, perante quem discursa o candidato. A resposta imediata é Aton, porque assim é dito. Mas, como vimos, o verdadeiro deus não é Aton mas Ré, nas suas formas de Ré Horakhti ou de «A luz que vem do Disco Solar» e nada nos impede de admitir que, à semelhança do pré-amarniano, o *ba* do defunto se encontre finalmente com o verdadeiro aspecto do deus. Assim transparece nesta espécie de encomendação do corpo, gravada no túmulo de Ay:

¹⁰⁷⁷ Túmulo de Ay, TA 25, GH, ln. 185.

¹⁰⁷⁸ Túmulo de Ay, TA 25, GH, ln. 178.

¹⁰⁷⁹ *Texto Catequético*. REDFORD, Donald, *Akhenaten, the heretic king*, p. 172.

¹⁰⁸⁰ Túmulo de May, TA 14, ln. 48.

*nn iry.k 3b m m33 R^c wn irty.k ptr.f snm.k n.f sdm.f ddtw.k t3w n n^ch^c k.f r fnd.k tsw tw hr
wnmy.k di.k hr i3by.k hntš b3.k smt*

Tu não tardarás em ver Ré. Abre os teus olhos e contempla-o! Quando lhe dirigires uma oração ele escutará o que tu dizes e o sopro da vida entrará no teu nariz. Reconstituído é¹⁰⁸¹ o teu lado direito, coloca-te (agora) sobre o teu lado esquerdo (enquanto) o teu *ba* se deleita na necrópole.¹⁰⁸²

E por este motivo se compreende também a oração de Apy:

*h^ctp-di-nsw n^ch R^c-Hr-3hty ntr špsi mryty n^ch m m3^ct r^c-nb di.f n sn sntr sšp mdt swri hr bbt
itrw tm hn(r)i iw b^c.i iw mri.n.f n k3 n sš-nsw imy-r pr Ipy*

Uma oferenda que o rei faz ao vivo Ré-Horakhti, deus augusto, o amado que vive em *maet* todos os dias para que ele (me) conceda o odor do incenso, receber o bálsamo e beber da corrente do rio, sem que o meu *ba* seja impedido¹⁰⁸³ de ir (aonde) desejar.¹⁰⁸⁴



A bem-aventurança é concedida mediante uma proclamação muito menos enfática do que a referida nos túmulos de Kheruef ou de Ramose. A maior parte dos funcionários dizem-se, como Huya, simplesmente *m3^c-hrw*, «justificado»¹⁰⁸⁵ ou *m3^c-hrw m 3ht-Itn*, «justificado em Akhetaton»¹⁰⁸⁶ e só Ahmés foge um pouco a esta regra, intitulando-se *T^chms m3^c-hrw nb im3hy*, «Ahmés, justificado e possuidor do estatuto de venerável»¹⁰⁸⁷. No entanto, ao contrário do vizir Ramose, ele *nunca* será o «Osíris Ahmés». À exceção de Akhenaton, que depois da morte será uno com ele, o novo deus não concede a divindade a mais nenhum dos seus filhos, embora seja pai e mãe de tudo aquilo que existe.


8. O mundo do Além

Nos recuados tempos do Império Antigo, o rei era o único que, por direito divino, tinha direito a uma vida além da morte, que iria gozar numa terra longínqua, localizada entre

¹⁰⁸¹ O verbo *ts*, «atar, ligar, reunir» pretende transmitir a ideia da reconstituição do esqueleto de Ay, mediante a re-soldadura dos seus ossos.

¹⁰⁸² Túmulo de Ay, TA 25, lns. 349-353. Há uma certa ambiguidade nesta palavra, apenas escrita com o signo N25.

Assim se compreende a diferença nas traduções de Murnane, correspondente a  *hntš b3.k h3st*, «may your Ba be glad on the highland» e de Davies,  *hntš b3.k smt*, «May your soul (Ba) be merry in the necropolis(?)». Ver, respectivamente DAVIES, *op. cit.*, VI, p. 85 e MURNANE, *op. cit.*, p. 120. Optou-se pela tradução de Davies, considerando que lugares setianos como o deserto ou as montanhas, à exceção das que rodeiam Akhetaton, não dariam felicidade ao *ba* de nenhum mortal.


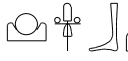

¹⁰⁸³ De  *hnri*, «restringir». Ver FAULKNER, *op. cit.*, p. 519.

¹⁰⁸⁴ Túmulo de Apy, TA 10, lns. 11-15

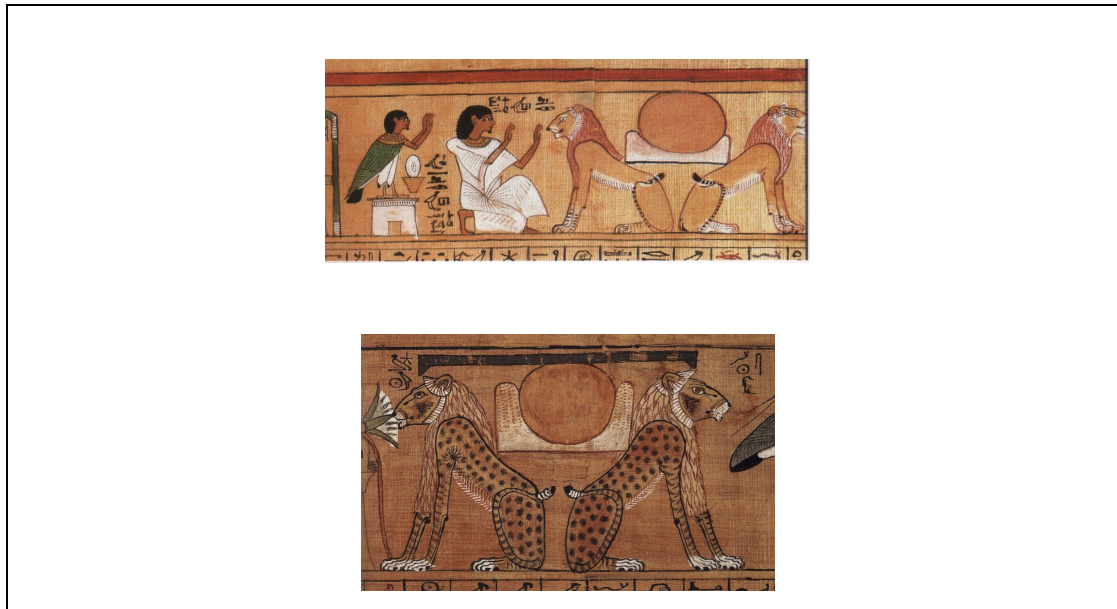
¹⁰⁸⁵ Túmulo de Huya, TA 1, ln. 94.

¹⁰⁸⁶ Túmulo de Meriré II, TA 2, ln. 50.

¹⁰⁸⁷ Túmulo de Ahmés, TA 3, lns 7,11.

A *Duat* encontra-se, portanto, bastante longe, muito para lá do ponto onde o Sol se põe. Há que navegar um total de 420 *iteru* (44 100 km) para lá chegar¹⁰⁹⁶. O horizonte ocidental,  3ht imnt, e o horizonte oriental,  3ht i3bt, estão guardados pelos  \ rwt «os dois leões» divinos (fig. VI.49). Assim sendo, a *Duat* pode encarar-se como um mundo subterrâneo. Acreditava-se mesmo que tinha uma entrada numa gruta dos penhascos de Abidos, em cujo templo se encontrava o túmulo de Osíris, na verdade o do Hórus Djer, da primeira dinastia¹⁰⁹⁷.

Ao mesmo tempo mundo celeste, corpo de Nut e mundo subterrâneo, a *Duat* poderia ser considerada um mundo paralelo¹⁰⁹⁸ no qual os deuses vivem e de onde podem sair livremente, tomando qualquer forma que desejem, para animar uma sua imagem ou mesmo para ajudar no parto dos filhos de Ré ou de Amon. O ser humano que aí é admitido atingiu o plano divino, é um Osíris, um *imakhu* e como os deuses tem liberdade de movimento. Os livros funerários ensinam que este estádio superior só é alcançado após sentença favorável de Osíris e que a viagem até ao tribunal é longa e cheia de armadilhas¹⁰⁹⁹.



¹⁰⁹⁶ 1260 km até atingir a região dos bem-aventurados, que se estende por 3150 km.

¹⁰⁹⁷


¹⁰⁹⁸ Este conceito deriva da teoria quântica segundo a qual todos os universos possíveis poderão existir simultaneamente. Sobre esta problemática ver, por exemplo, KAKU, Michio, *Mundos paralelos*, Lisboa: Bizâncio, 2010.

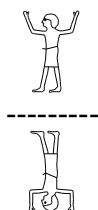
¹⁰⁹⁹



Fig. VI. 49 – Ruty, os dois guardiões dos horizontes.

Em cima, vinheta de parte do Capítulo 17 do *Livro dos Mortos*, (Papiro de Hunefer).

Em baixo, vinheta do Capítulo 17 do *Livro dos Mortos*, (Papiro de Ani).

A terra dos mortos exige, por exemplo, a reversão dos movimentos: o recém-chegado tende a andar de forma estranha,  *shd*, «estar de cabeça para baixo». Ora, o seu modo de andar de quando era vivo já não é válido nestas paragens, onde parece haver uma simetria perfeita com o mundo terreno:



Assim sendo, certos actos naturais como  *fgn*, «defecar», e  *wšš*, «urinar», podem ter consequências muito desagradáveis. Nomeadamente, a pessoa pode não ter o suficiente discernimento e confundir os seus resíduos com os alimentos. Estas ocorrências estão previstas no Capítulo 53 do *Livro dos Mortos*:

Eu detesto aquilo que é detestável, não comerei fezes, não beberei urina, não andarei de cabeça para baixo¹¹⁰⁰.

Vencidas que são as provas e obtida a sua qualificação como justo, o novo Osíris vai poder habitar na parcela de terra que recebeu do deus:

hṭp di nsw Wp-w3wt šmꜥw šhm t3wy (di.f) ... (šht-i3)rw... s3ḥ šht-hṭp

Uma oferenda que o rei faz a Uepuauet do Alto Egipto que tem poder sobre as Duas Terras (para que ele conceda uma propriedade n) o «Campo dos Juncos» ... e uma atribuição de terras no «Campo das Oferendas».¹¹⁰¹

Aí os seus *chauábtis* trabalharão alegremente. Assim fará, por exemplo o chauábtí de Hesmeref:

Que brilhe o Osíris Hesmeref. Diz ele: Ó este chauábtí, se o Osíris Hesmeref, justificado, for designado na terra sagrada (Além) para plantar os campos, encher os canais de água e

¹¹⁰⁰ FAULKNER, R. O. (Trad.), *The Ancient Book of the Dead*, p. 65.

¹¹⁰¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 274-275.

transportar terra (ou estrume) de oriente para ocidente, repara, a tarefa ser-te-á imposta como a um homem nas suas funções. Se fores designado a qualquer momento tu dirás: Aqui estou! Aqui estou para fazer as tuas tarefas.¹¹⁰²

Isto não significa que a *Duat* se venha a tornar um lugar de desterro, mais ou menos dourado, para o justo. Ele alcançou a liberdade de movimentos, pode movimentar-se sozinho, usufruir, por exemplo, do seu lugar na barca de Ré:

A₃ – (*htp di nsw n ...*) ... *f di.f m33 itn ... skdi hft sb3wt dw3 R^c m [(m)sktt]* ...
(Uma oferenda que o rei faz a ...) ...ele, para que lhe permita contemplar o disco solar ... navegar até às estrelas e adorar Ré na (sua barca da noite)...¹¹⁰³

B₃ – *htp- di- nsw Imn-R^c nb nsty t3wy prt m t3 r m33 ...*
Uma oferenda que o rei faz a Amon-Ré, senhor dos tronos das Duas Terras, para que ele conceda a saída (para fora) da terra para contemplar (o Disco Solar?).¹¹⁰⁴

C₃ – *htp di nsw Inpw ... di.f d3t ... m33 ... h3w.f (n k3 n) r-p^ct h3ty-^c*
Uma oferenda que o rei faz a Anúbis ... para que ele conceda (uma boa?) travessia (na barca da manhã?) para ver (Ré) suas gloriosas aparições, (pelo *ka* do) senhor e membro da elite,¹¹⁰⁵

D₃ – *htp di nsw hwt-hr tp smt di.s iw pr hnm.f hwt.f nt hr(t)-ntr snsn.f nbw hr-^ch3*
Uma oferenda que o rei faz a Hathor, senhora da necrópole, para que ela permita ir e vir... Penetrar na sua casa da necrópole e associar-se aos senhores de Kherâha.¹¹⁰⁶

Entretanto o corpo estará confortável no sepulcro:

A₄ – *htp di nsw 3nwpw h3t sh-ntr di.f^cwy h3^cnh nb sndm.f hn.f n k3 n r-p^ct h3ty-^c w^c mnh-ib*
n ity sš-nsw

Uma oferenda que o rei faz a Anúbis, que está à frente da tenda divina, para que ele coloque os seus braços atrás do «Senhor da Vida», (= o sarcófago) e torne feliz o seu corpo no sarcófago. Pelo *ka* do único senhor e membro da elite, leal ao rei.¹¹⁰⁷

B₄ – *htp di nsw Wsir h33 dt ntr^c3 nsw n nb (n)h3 di.f rwd h3t hr(t)-ntr b3 r pt r m33 itn*

Uma oferenda que o rei faz a Osíris, governante da eternidade, deus grande, rei e senhor da eternidade, para que ele permita que o cadáver floresça na necrópole (enquanto) a *ba* vai em direcção ao céu para contemplar o disco solar.¹¹⁰⁸

C₄ – *htp- di- nsw R^c Hr-3hty di.f m33 Itn dgi nfrw.f*

¹¹⁰² Versão do Capítulo 6 do *Livro dos Mortos* gravada no chauábtí do funcionário Hesmeref que viveu no Império Novo. ARAÚJO, Luís M. de, *Estatuetas funerárias da XXI dinastia*, p. 302.

¹¹⁰³ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 393-394.

¹¹⁰⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 56.

¹¹⁰⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 271-272.

¹¹⁰⁶ Lugar mítico onde se defrontam Atum e as forças do caos bem como Hórus e Set. É designado por Babilónia pelos autores antigos. Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 282-283.

¹¹⁰⁷ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 49-50.

¹¹⁰⁸ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 225-226.

Uma oferenda que o rei faz a Ré Horakhti para que ele permita contemplar o disco solar e olhar para a sua beleza.¹¹⁰⁹

D₄ – *hṭp di nsw dhwtj nb Tw-hrt di.f 3ḥ m sḥt mni b3 n pt h3t n d3t nn skt hr dt*

Uma oferenda que o rei faz a Tot, senhor de Igeret para que ele permita (que se transforme em) *akh* quando for apanhado pela morte¹¹¹⁰ com o *ba* no céu e o cadáver na *Duat*, sem perecer com a eternidade.¹¹¹¹

E₄ – *hṭp di nsw Itm nb ḥꜥy m M3ꜥt di.f 3ḥ k3wt n ir.sy b3 n pt h3t n d3t pri m t3 r m33 Itn mi-sḥr.f n wn(.f) tp t3*

Uma oferenda que o rei faz a Atum, o senhor que exulta em Maet para que ele permita que o trabalho seja útil para aquele que o efectua, estando o *ba* no céu e o cadáver na *Duat* e sair na terra para ver Aton, tal como fazia quando estava sobre a terra.¹¹¹²

F₄ – *hṭp- di- nsw Itm nb t3wy Twnw di.f ꜥꜥ m iw n m3ꜥwt hṭp hr ꜥb-inr nb t3-dsr*


Uma oferenda que o rei faz a Atum, senhor das Duas Terras e de Iunu, para que ele conceda a entrada na Ilha dos Justos¹¹¹³ Possa ele ser satisfeito com (o que está) sobre a pedra das oferendas do senhor de Ta-Djeser (= a terra sagrada).¹¹¹⁴

Para os atonistas, a localização da *duat* é imprecisa. Certamente não existe no corpo da deusa Nut, que Aton se fez a si mesmo e não tem pai nem mãe e, muito menos, nos domínios de Osíris que deixou de existir. Como se trata de um lugar não acessível aos vivos, é lógico admitir que exista algures *para além* do horizonte ocidental onde Aton repousa «em vida» para, misteriosamente, reaparecer no horizonte oriental. O deus vem só, admite-se que depois do seu passamento Akhenaton estará presente e intimamente ligado com ele morto mas em nenhum lado se refere qualquer comitiva.

9. A alimentação dos mortos

A sobrevivência de alguém no reino dos mortos implicava a deposição do seu corpo mumificado num sarcófago, habitando eternamente numa câmara funerária abrigada num túmulo para sempre inviolável. Se o corpo, agora incorruptível, se mantinha estável era

¹¹⁰⁹ Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 58.

¹¹¹⁰ É uma tradução possível, considerando a deterioração do original. *Akh* corresponde à ideia cristã de «bem-aventurado». Usou-se, em seguida, o termo  *sḥt*, «apanhar na rede (um pássaro)», que não deixa de ser uma boa alegoria da morte.

¹¹¹¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 279-280

¹¹¹² Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 252-254. Estranha-se que seja dito aqui, como no texto D, que o cadáver se encontra na *Duat*, a menos que o túmulo já fosse parte deste território. Isto não é corroborado em nenhum texto conhecido pelo autor deste trabalho.

¹¹¹³ No original, . Provável erro do escriba. A «Ilha dos Justos» podia ser uma designação de Abidos.

¹¹¹⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, lns. 53-54.

necessário contudo providenciar energia do seu *ka* mediante o fornecimento de alimentos e bebidas tal como quando ele integrava a totalidade do indivíduo:

O teu *ba* no céu, o teu cadáver na *duat*
A tua justificação no império dos mortos
[...]
A oferenda funerária é apresentada ao teu *ka*.¹¹¹⁵

Estes bens podiam ser produzidos no Além. O mordomo Kheruef recebeu «uma propriedade no Campo dos Juncos e terra no Campo das Oferendas»¹¹¹⁶, cujo solo ubérrimo era agricultado pelos seus alegres *chauábtis*. Esta fonte de alimentação secou durante a vigência do Atonismo e só veio a regressar depois da sua queda, tal como se vê no túmulo de Sennedjem (c. 1200 a.C.). Como a sobrevivência ao longo do tempo já não é assegurada pelo trabalho nos Campos de Iaru, o papel dos *chauábtis* tornou-se obsoleto. Ainda existem, mas por uma questão de prestígio e com uma textualidade diferente. Em vez começar pela frase «Que brilhe o Osiris N, e prosseguir com o Capítulo 6 do *Livro dos Mortos*, o *chauábt*i do funcionário Hat diz apenas:

Oferta feita pelo rei ao Disco vivo (a Aton) que ilumina cada terra com a sua beleza, para que ele conceda a doce brisa do norte, uma longa vida no belo Ocidente, uma referescante libação, vinho e leite sobre o altar de oferendas do seu túmulo, para o *ka* do *idenu* Hat, com vida renovada.¹¹¹⁷

São mantidas as outras formas e fontes de alimentação, como a animação de oferendas representadas nas paredes do túmulo. As cenas que ilustram o funeral do Vizir Ramose ou o de Huya mostram, como vemos, as grandes quantidades de comida e bebida e outros bens que entravam no túmulo, de modo a assegurar que os seus donos não passariam necessidades de nenhum tipo. Trata-se de uma forma suplementar e eterna de aprovisionamento que remonta pelo menos ao Império Antigo e está abundantemente representado nos seus túmulos (fig.VI.50).

¹¹¹⁵ Papiro de Nesmin, papiro BM 10209, p. 105.

¹¹¹⁶ Túmulo de Kheruef, TT 55, ln. 275.

¹¹¹⁷ ARAÚJO, Luís Manuel de, *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia*, p. 130.

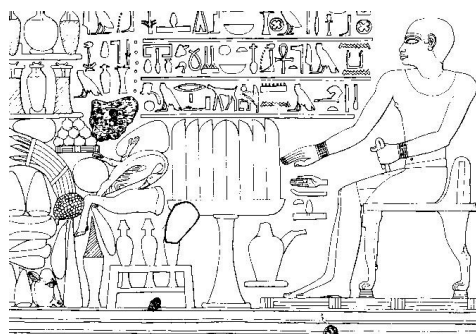


Fig. VI.50 – O defunto diante de uma mesa carregada de oferendas.
Estela do contador dos Celeiros Duplos, o mordomo Sarenenutet, ref. BM EA 587.

Um amplo conjunto de bens é gravado junto da imagem do defunto, na qualidade de oferenda a um deus. Este, relembrando o sacrifício que recebera, enumerá-los-ia em voz alta e as suas *pṛt-ḥrw*, «invocações-oferendas», iriam (re)materializá-los. Talvez a oferenda nunca tivesse acontecido e tudo não passasse de uma simples enumeração, mas o aspecto sagrado das palavras torná-la-ia uma realidade.

ḥtp di nsw (n) Wsir ḥk3 dt di.f pṛt-ḥrw kbḥw irpw irt(t) mnḥt šs b3s mrḥt drp dḥrw rnpwt nbt ḥt-nbt nfr w^cb ntr ḥnḥt im.sn

Uma oferenda que o rei faz a Osíris, senhor da eternidade, para que ele conceda invocações-oferendas¹¹¹⁸ de bois e aves, libações de vinho e leite, vestuário, alabastro¹¹¹⁹ e uma jarra de unguento, e ofereça todos os vegetais e frutos e todas as coisas boas e puras, pelas quais os deuses vivem.¹¹²⁰

Esta mesma concepção persiste no Atonismo:

ḥtp di-nsw ḥnḥ R^c-Ḥr-3ḥty ḥ^cy m 3ḥt m rn.f(m) šw nty m Itn di.f pṛt-ḥrw k3w 3pdw irp irtt imi ... n k3 n sš-nsw Pntw m3^c-ḥrw

Uma oferenda que o rei faz ao vivo Ré-Horakhti, que rejubila no horizonte no seu nome de “A luz que está no disco solar”, para que ele dê “invocações-oferendas”, consistindo em bois e aves, vinho e leite, oferecidas ... pelo *ka* do escriba do rei, Pentu, justificado.¹¹²¹

Pode, igualmente, haver comensalidade espiritual nas oferendas que o rei faz num templo. Receber os alimentos que vêm da presença de um deus, carregados da energia

¹¹¹⁸ Lit. «o que sai da boca (do deus)». Quando Osíris «lê» em voz alta cada uma das numerosas oferendas que foram feitas, ou se diz que o foram, as suas palavras materializam-nas para que o Osíris Ramose delas possa usufruir.

¹¹¹⁹ *mnḥt*, «vestuário» *šs*, «alabastro».

¹¹²⁰ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 189-191

¹¹²¹ Túmulo de Pentu, TA5, lns. 21-23.

suplementar da divindade é uma espécie de comunhão altamente solicitada. Alguns, como Ramose, solicitam água fresca:

*ntrw 3htw m m3^c-hrw m rk.n dt mw ntr pri m Wsir snty n.k iw.k w^cbty hn^c k3.k m h^cpy whm.k
rnpy mi rnpy mw w3h.k*

Os deuses dos horizontes (declaram-te) justificado no teu tempo de eternidade, (deram-te) a água do deus, que vem de Osíris. as tuas duas irmãs sacerdotisas vêm a ti e ocupam-se do teu *ka*, numa inundação de água fresca, como a água fresca colocada para ti.¹¹²²

Outros, como Kheruef, pedem mais:

*(di.k n).i(m33.i nfrw.f) m hknw hss t3 hnm.i m st wrt r šsp.i htpt prt m-b3h hr^c iwt-ntr snm.i
šns iw^c pr.sn hr r(w)d šps ssn.i sntr hnm.i m 3šrt wrh.i mdt tp stiw nhm kbhw m3^cw n ibh
(Que tu me permitas contemplar a sua beleza¹¹²³) com louvores, cântico(s) e um grito de
alegria, juntar-me no lugar poderoso para receber as oferendas de alimentos que vêm da
presença (divina) sobre a mão dos «pais-divinos» e alimentar-me de pão *chenech* e de uma
coxa de carne, vindos da nobre escadaria. Possa eu inalar incenso e cheirar carne assada, ser
ungido com um unguento de primeira qualidade, vertido de um vaso *nehem* e água fresca
oferecida pelo sacerdote *ibeh*.¹¹²⁴*

Esta reversão de oferendas continuou a ter lugar durante o Atonismo, embora a sua fonte seja agora o templo de Aton:

*sm3.i ht pri m-bh3 wnm.i šns bit pri sn(w) dswy 3šrt m t3 pri m t3 kbh irp irtt
pri m t3 hwt p3 Itn m 3ht-Itn*

Possa eu partilhar das coisas que vêm da presença (do deus) e coma pães *chenés*, bolos *bit* que vêm das oferendas, dois vasos de cerveja, carne assada, quente, e uma libação de vinho e leite, (oferendas) que vêm da casa de Aton, em Akhetaton.¹¹²⁵

*di.f 3w ndn m mhyt irttw pri hr wdhw htpw rnpwt nbt t hnkw h w r st.k nb ht nb(t) nfrt
ndm(t) n k3 n imy-r ipwt nsw sš nsw n imy-r pr Mry-R^c m3^c-hrw m 3ht-Itn*

Conceda ele (Aton) a doce brisa do vento norte, vasilhas de leite que vêm da (sua) mesa de oferendas e toda a espécie de vegetais, pão, vasos de cerveja (e outros) alimentos, em todos os teus lugares, e todas as coisas boas e doces. Pelo *ka* do intendente dos reais aposentos, o escriba real, o mordomo Meriré, justificado, em Akhetaton.¹¹²⁶

*di.k. wy r nhh m st hsyw m hwt.i nt m3^ct b3.i pri.f r m33 stwt.k rs nm h3m m htpt.f nis tw hr rn
ii tw hr hrw sm3.i ht pri m-bh3 wnm.i šns bit pri sn(w) dswy 3šrt m t3 kbh irp irtt pri m t3 hwt
p3 Itn m 3ht-Itn*

¹¹²² Túmulo de Ramose, TT55, lns. 168-170.

¹¹²³ Reconstrução de Wente. Ver WENTE, *op. cit.*, pp. 70 e 71, notas n) – p).

¹¹²⁴ Sacerdote encarregado das libações.

¹¹²⁵ Túmulo de Huy, (TA 1, lns. 14, 16-19).

¹¹²⁶ Túmulos de Meriré II, TA 2, lns. 47-50. Ver também os túmulos de Meriré II, TA 2, lns. 47-49; Meriré I, (TA 4, lns. 183, 195); Pentu, TA 5, lns. 11-12; Panehesy, (TA 6, lns. 152, 156-157); Tutu, (TA 8, ln. 64); Mahu, Ramés, (TA 11, ln. 13); Suty, TA 15, lns. 20-21 e Ay, (TA 25, lns. 26, 152).

Concede-me (Ré) a continuidade entre os favoritos, no meu túmulo de *maet*, e possa o meu *ba* sair para contemplar os teus raios e comer, tomando das suas oferendas¹¹²⁷, que sejamos chamado(s) pelo nome e acudamos à voz¹¹²⁸. Possa eu partilhar das coisas que vêm da presença (do deus) e coma pães *chenés*, bolos *bit* que vêm das oferendas¹¹²⁹, dois vasos de cerveja, carne assada, quente, e uma libação de vinho e leite (oferendas) que vêm da casa de Aton, em Akhetaton.¹¹³⁰

Para além de usufruir de alimento material, o funcionário recebia igualmente alimento espiritual, vendo e ouvindo Akhenaton:

sdm.i hrw.k ndm m hwt bnbn iri.k hst it.k Itn nh

Possa eu ouvir a tua doce voz na Casa do Benben, quando tu fazes o que agrada a teu pai, o Aton vivo.¹¹³¹

Em tempos pré-dinásticos, as oferendas eram depositas junto ao cadáver, prática que se continuou entre as camadas mais pobres da população¹¹³². Reis e funcionários recebiam-nas num espaço próprio, as capelas funerárias dos seus túmulos. Eram oferecidas pelos respectivos familiares ou por sacerdotes especializados que recebiam terras como pagamento deste culto, bem como para sustento próprio. As oferendas, variadas e mais ou menos sumptuosas, eram depositas sobre uma simples laje ou sobre uma mesa¹¹³³. O túmulo, esta «interface entre le monde souterrain et le monde d'ici-bas» segundo a expressão de Assmann¹¹³⁴, era dotado de uma abertura ao nível dos olhos da estátua do *ka* que não encontramos nos túmulos amarnianos onde apenas existe uma estátua do defunto.

O processo da oferenda envolvia uma liturgia muito rica que se assemelha à chamada para um banquete. E, como para chamar alguém é preciso conhecer o seu nome, todo o funcionário vive no terror de ser esquecido, depois da morte:

¹¹²⁷ Intervenção de dois verbos *nm (m)*, «apoderar-se de» e *h3m*, «capturar, pescar». Ambos traduzem em palavras o acto de uma ave apanhar um peixe. Isto justifica-se, se atendermos a que o *ba* do defunto é uma ave, embora mantenha a cabeça humana. Não parece, contudo, que um egípcio (atonista) pensasse que o seu *ba* iria roubar as oferendas do deus. Daí uma tradução mais suave.

¹¹²⁸ Lit. «que sejamos chamados e idos à voz», o que é fraco Português.

¹¹²⁹ De *snw*, «oferendas de alimentos». Note-se que Huya e Pentu solicitam uma oferenda de carne assada e *t3*, «quente» isto é, acabada de cozinhar.

¹¹³⁰ Túmulo de Huya, TA 1, lns. 12-19.

¹¹³¹ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 137-138

¹¹³² KEMP, Barry, *The city of Akhenaton and Nefertiti*, p. 262.

¹¹³³ Lajes de pedra, por vezes com o signo Hotep que eram colocadas nas capelas funerárias, junto da falsa porta. Ver «Mesa de Oferendas», Araújo, Luís M. de, (Ed.), *Dicionário do Antigo Egipto*, p. 566.

¹¹³⁴ ASSMANN, Jan, *Mort et au delà...*, p. 323.


i3w n k3.k ḥ-n-Itn ʿ3 m ḥ(w).f di.f m ḥwt.k n (n)ḥḥ st.k n dt nn smḥ tw rn.k r nḥḥ
 Louvores ao teu *ka*, Akhenaton, grande no seu tempo de vida! Permita ele que (tu permaneças) na tua casa de continuidade, (no) teu lugar de eternidade, sem que o teu (meu?) nome seja esquecido, para sempre.¹¹³⁵

dd in it.f mwt.f imy-r niwt t3t(y) Rʿms wnn rn.k mn m rw m ḥwt.k n ḥḥw
 Palavras ditas por seu pai e sua mãe: “Ó governador da cidade, ó vizir Ramose, possa o teu nome (continuar a) existir nas bocas (dos homens), no teu templo dos milhões de anos.”¹¹³⁶

Considerando que o defunto se tornou uma entidade capaz de se deslocar livremente, ele poderá estar em vários sítios que é necessário discriminar:

Estás no céu?
 Vem com o teu *ba*.
 Estás na terra?
 Vem com o teu *ka*.
 Estás no norte, no sul, no ocidente, no oriente?
 Vem na tua satisfação, poderoso no teu corpo *djet*
 Sendo *akh* e *sekhem* como Ré, sendo perfeito como um deus
 Vem até ao teu pão
 A esta tua cerveja
 A esta tua libação,
 Dispondo de todas as coisas boas.¹¹³⁷

Sabemos também que, dotado como foi com o poder de se transformar, ele pode nesse momento ocupar uma forma não humana e mesmo não corpórea. Não sob nenhuma destas formas que deve aproximar-se da oferenda, mas sim «envergando» um corpo humano sobre o qual tem poder: *sh̄m.k dt.k wh̄n dt.k*, «tu tens poder de dispor do teu corpo *djet*»¹¹³⁸.

Na verdade,  *dt* representa o físico da pessoa, um corpo com a mesma forma daquele que o defunto possuía enquanto habitava a terra.

Possas tu vir no teu corpo *djet*
 Vestido com o teu corpo *djet*¹¹³⁹

Enverga o réu corpo *djet* quando vieres até mim.¹¹⁴⁰

¹¹³⁵ Túmulo de Panehesy, TA 6, lns. 164-166. Ver também os túmulos de Huya, TA 1, lns. 128-129; Meriré I, TA 4, lns. 191, 195; Tutu, TA 8, ln. 83; May, TA 14, ln. 117; Ay, TA 25, lns. 331-348.

¹¹³⁶ Túmulo de Ramose, TT 55, lns. 135-136.

¹¹³⁷ Ritual de Amen-hotep I; *Papiro de Turim XVII*, 15, seqq; *Papiro Grenfield*, XXI; *Papiro BM 10209*, p. 89.

¹¹³⁸ *PT*, Cap. 537, §1300 c. Ver ASSMAN, Jan, *Mort et au-delà...*, pp. 408, 622, nota 34.

¹¹³⁹ *PT* Cap. 537, §1300 c. Ver ASSMAN, Jan, *Images et rites de la Mort...*, p. 86.

¹¹⁴⁰ *PT* Cap. 225. Ver ASSMAN, Jan, *Images et rites de la Mort...*, p. 86.

Este corresponde a uma das muitas transformações, *kheperu*, que com as quais o morto foi recompensado no Além. Ramose é instado a usá-las no momento de vir até às oferendas:

h3 Wsir imy-r niwt t(y) Rms m3-hrw m dt.k
m- iw m hprw.k m- iw iriw.k wnn tp t3
 Ó Osiris, governador da cidade, vizir Ramose, justificado,
 vem com o teu corpo *djet*,
 vem com as tuas transformações,
 vem com a tua forma que existia sobre a terra.¹¹⁴¹

Kheruef não pretende sair com forma humana, preferindo outrossim o seu aspecto de *ba* vivo.

htp- di- nsw Wsir hr(y)-ib t3-wr di.f prt m b3 nhy hrw n w3h ht
 Uma oferenda que o rei faz a Osiris, (o que está) no meio da «Terra Grande» (= o nomo tinita), para que ele conceda uma saída como um *ba* vivo à voz do que faz uma oferenda.¹¹⁴²

10. Saindo à luz do dia

Para além de o fazer no acto de se alimentar das oferendas, o Osiris N desejava igualmente sair para experimentar o prazer de re-socializar, voltar a ver a sua família, as suas antigas propriedades e participar nas festas divinas, tal como o fizera ao longo da sua existência terrena. Como se diz no túmulo de Kenro:

Que o teu *ba* saia e entre à sua vontade
 Que as portas (da *Duat*) se abram para ti.¹¹⁴³

Para «sair à luz do dia», o Osiris N dispunha de um conjunto de fórmulas de transformação descritas ao longo dos Caps. 76-88 do *Livro dos Mortos*. Podia tomar toda a forma que desejasse (Cap. 76). Ser um falcão divino (Cap. 77), um deus (Cap. 80), uma flor de lótus (Cap. 81), um *ba* vivo (Cap. 85), assumir o aspecto de várias aves (Caps. 82, 84, 86), de uma serpente (Cap. 87), ou de um crocodilo (Cap. 88).

¹¹⁴¹ Ramose, TT 55, ASSMAN, Jan, *Images et rites de la Mort...*, p. 86.

¹¹⁴² Túmulo de Kheruef, TT 192, ln. 61.

¹¹⁴³ Túmulo de Kenro, TT 178, ASSMAN, Jan, *op. cit.*, p. 94

10.1. O regresso a casa

No período pré-amarniano, cabia à «grande assembleia divina», reunida no esplendor edénico dos *Campos dos Juncos*, a concessão do regresso a casa:

Fazei que ele se dirija à sua casa para visitar os seus jovens filhos, eternamente e para sempre. Este glorioso *akh* dirá: “Vim até aqui para visitar a minha descendência”.¹¹⁴⁴



Fig. VI.51 – O defunto diante da sua casa terrena.
Vinheta do *Livro dos Mortos*, de Nebamon.

Esta visita está representada na vinheta do Cap. 132 do *Livro dos Mortos* (fig. VI.51) e traduz, afinal, a continuação do papel de chefe de família, tal como se exprime no túmulo TT83, pertencente a Amethu, vizir de Tutmés III:

...transformar-se em *ba* vivo
Possa ele rever a sua casa dos vivos
Para assegurar a protecção dos seus filhos
Eternamente e para sempre.¹¹⁴⁵

Poderá mesmo, de acordo com o túmulo do vizir Paser (TT 106), exercer as funções de juiz, por vezes de uma forma violenta:

Possas tu instalar-te no teu lugar da montanha do ocidente e carregar (sobre os teus inimigos e ouvir as petições dos filhos e servidores da tua casa).¹¹⁴⁶

Poderá não ser visto, de acordo com Cap. 405 dos *Textos dos Sarcófagos*:

¹¹⁴⁴ Cap. 405 dos *Textos dos Sarcófagos*. Ver BARGUET, Paul (Trad.), *Les Textes des Sarcophages égyptiens du Moyen Empire*, pp. 362-365.

¹¹⁴⁵ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà...*, pp. 331, 613 nota 18.

¹¹⁴⁶ *Apud* ASSMANN, *op. cit.*, p.339.

Fazei que ele jogue *senet* com os que estão sobre a terra.
Acontecerá que a sua voz será ouvida sem que ele seja visto.

Mas nem por isso deixaria de ser menos bem recebido:

Dizem-te: “Bem-vindo, bem-vindo
Nesta tua casa dos vivos!”¹¹⁴⁷

A esposa do escriba real Thay, TT23 (c. 1220 a.C.), saúda-o efusivamente:

Possas tu entrar na casa dos vivos na casa dos vivos na felicidade e na alegria. Possas tu beneficiar do favor real e sair justificado.¹¹⁴⁸

Depois de cumprir com todos estes preceitos familiares e maéticos, o Osíris N pode relaxar um pouco, saboreando os prazeres do seu jardim:

O meu *ba* sai e baixa sobre a terra quando o seu nome é pronunciado.
Entro na minha casa e revejo os meus
Passeio até ao meu lago.¹¹⁴⁹

De acordo com as representações tumulares, o jardim está desenhado com talhões de flores agradavelmente perfumadas, árvores de fruto e de sombra e um lago onde flutuam nenúfares e habitam belos peixes, onde as aves e o próprio morto vão beber. Jardim com belos pavilhões onde se faz amor e onde o corpo exausto se vai retemperar nas águas tépidas, como nos conta o mago Djedi¹¹⁵⁰.

No Império Novo mantém-se o gosto pela visita ao jardim. Assim diz Amenemheb, dito Mahu¹¹⁵¹ (TT 85):

Que eu beba a água do meu lago todos os dias
[...]
Ir e vir mo seu jardim
Refrescar-se debaixo das suas árvores
Ter prazer com as flores, beber a água do seu lago
Cheirar os lótus em flor, colher os botões de Lótus

Ou no túmulo de Amenemhat¹¹⁵² (TT82):

¹¹⁴⁷ *Apud* ASSMANN, *op. cit.*, p.338.

¹¹⁴⁸ *Apud* ASSMANN, *op. cit.*, p.339.

¹¹⁴⁹ Túmulo do vizir Paser, TT 106. ASSMAN, Jan, *Images et rites de la Mort...*, p. 101.

¹¹⁵⁰ Araújo, Luís M. de, «O marido enganado», *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, pp. 163-164.

¹¹⁵¹ Trata-se um general de Tutmés III e de Amen-hotep II. ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà...*, p. 340.

Possas tu passear tanto quanto o desejares sobre a bela margem do teu lago. Regozijar-te com a tua plantação, refrescar-te sob os teus sicómos.

Estes desejos continuaram certamente a manifestar-se durante o tempo de Ramose e Kheruef e período atonista, tal mas só os vamos encontrar no túmulo de Pentu:

pri.i ʕk.i hnw hwt.i nn hn(r) i b3(.i) mryt.f stwt rd rdi ib.i m mnw skw ir.n(.i) tp t3 sw(r) i hr m3ʕ mr.i rʕ-nb nn 3bw

Eu saio e entro no interior da minha casa. O (meu) *ba* não está aprisionado e os seus desejos são atingidos. Eu ando à a minha vontade no bosque que plantei sobre a terra e bebo água na margem do meu tanque, todos os dias sem cessar.¹¹⁵³

A razão para este facto não está explicitada. A iconografia mostra estes funcionários possuíam belas casas, tinham mulheres e filhos. Seria lógico que pretendessem revê-los mas, especulamos, dizer isto talvez não fosse politicamente correcto. Efectivamente, preferir estar em casa (fig. VI.52), era não querer estar no templo de Aton, assistindo às cerimónias e ouvindo Akhenaton, uma opção proclamada em todos os túmulos, vezes sem conta. Contudo, nada indica que, se os túmulos tivessem efectivamente sido acabados, inscrições como as de Pentu não fossem incluídas na sua textualidade.

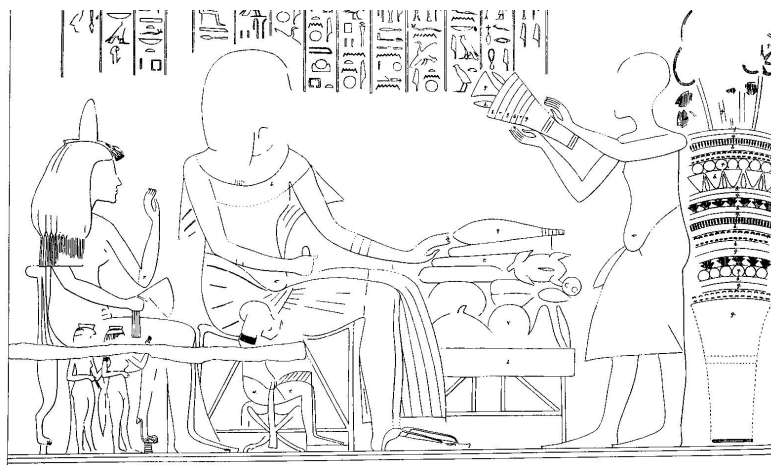


Fig. VI. 52 – Panehesy sentado na companhia da esposa, do filho e de duas filhas diante de uma mesa de oferendas. De pé, um homem apresenta-lhe um vaso. Altar (Pl. XXIII).

¹¹⁵² Intendente dos grãos de Amon, mordomo do vizir. Viveu no tempo de Tutmés III

¹¹⁵³ A forma correcta de escrever seria . Pentu, TA 5, lns. 37-39.

10.2. Saindo para ir aos festivais

A festa é um período durante o qual a cidade se encontra com «presença física» do seu deus traduzida na imagem animada seu *ba* divino, carregada aos ombros dos sacerdotes¹¹⁵⁴. Já no Império Médio, os mortos ambicionavam participar nos mistérios de Osíris em Abidos, tal como se exprime na Estela do chanceler Mery (Louvre C3), datada do ano 9 de Senuseret I:

Que lhe estendam os braços carregados de oferendas, durante as festas da necrópole com os seguidores de Osíris.¹¹⁵⁵

Nos dias 18 e 19 do primeiro mês, em Abidos, a dita festa Uag consistia numa longa procissão náutica, escoltando a barca Nechemet que rumava a U-Peker, lugar santo do túmulo de Osíris. Os participantes enfeitavam-se com grinaldas ou uma «coroa da justificação». O morto recebe-a igualmente e assim ataviado regressa ao túmulo:

Cingem-te o pescoço com uma grinalda no dia da festa Uag.¹¹⁵⁶

Esta e outras festas são ocasião de oferendas aos mortos:

Que sejam colocadas oferendas para ti na festa Uag, na festa de Tot e em todas as belas festas, consistindo em: Um milhar de pães (e de vasos de) cerveja, um milhar de gansos e patos, um milhar de pombos, um milhar de antílopes e gazelas para o amigo único Hemgu¹¹⁵⁷.

Kheruef deseja ardentemente participar nela:

(*ind hr.k it ntrw*) ... (*shb*) *t3 m 3hwt i^crt.f pri m nt nwnw h^ci m hr pt...(di.k n).i(m33.i nfrw.f) m hknw hss ti3 hnm.i m st wrt r šsp.i htp prt m-b3h hr ^c iwt-ntr snm.i šns iw^c pr.sn hr r(w)d šps ssn.i sntr hnm.i m 3šrt wrh.i mdt tp stiw nhm kbhw m3^cw n ibh n s^ch.i šms.i Pth-Wnn-nfr mi iryw iwt.f Wn.i im r-gs Hwt-Hr iry.i hprw m s3-t3 hnd.i nšmt m W3g (r-)gs ntr-^c3 hmsi.i im sh h^cb.i snt r-gs imy mhn.f drp.tw.n.i m hwt hnw m-b3h-^c psdt di.sn n.i š3bw w^cbw p3t prt m-b3h n k3 n r-p^ct h3ty-^c irt 3h n Hr.f sš-nsw imy-r pr hrw.f m3^c-hrw hr ntr ^c3.*

(Salvé a ti, pai dos deuses) ... que fazes a terra festiva com o brilho solar da tua *uraeus*, ao sair do Nun e aparecer em glória no céu ... (para que me permitas contemplar a sua beleza¹¹⁵⁸) com louvores, cântico(s) e um grito de alegria, juntar-me no lugar poderoso para receber as oferendas de alimentos que vêm da presença (divina) sobre a mão dos «pais-divinos» e alimentar-me de pão *chenech* e de uma coxa de carne, vindos da nobre escadaria. Possa eu inalar incenso e cheirar carne assada, ser ungido com um unguento de primeira

¹¹⁵⁴ Sobre os principais festivais do Antigo Egipto, ver SALES, José das Candeias,

¹¹⁵⁵ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà...*, pp. 345, 614 nota 65.

¹¹⁵⁶ *Ibidem*, pp.452-453,

¹¹⁵⁷ ASSMANN, Jan, *Mort et au-delà...*, p. 482.

¹¹⁵⁸ Reconstrução de Wente. Ver WENTE, *op. cit.*, pp. 70 e 71, notas n) – p).

qualidade, vertido de um vaso *nehem* e água fresca oferecida pelo sacerdote *ibeh*¹¹⁵⁹ de acordo com a minha dignidade e acompanhar Ptah-Uenen-nefer, como os que pertencem à sua procissão. Que eu possa estar lá, na presença de Hathor, que possa efectuar a (minha) transformação em serpente¹¹⁶⁰ e embarcar na barca *Nechemet*¹¹⁶¹, no festival *Uag*, ao lado do deus grande. Que possa estar sentado no pavilhão a jogar *senet*, na presença do que está na sua Mehen¹¹⁶² e me seja oferecido alimento, na casa da barca Henu¹¹⁶³, na presença da Éneade. Que eles me dêem alimentos puros e pão *pat* que vêm da (divina) presença. Pelo *ka* do senhor e membro da elite que se tornou útil ao seu Hórus, o escriba real, o mordomo Kheruef, justificado pelo deus grande¹¹⁶⁴.

E, mais adiante descreve aquilo que pode ser uma batalha naval, encenando a luta entre Set e Hórus e respectivos partidários:

Ti n m ih(hy) r ddm d3t s3 3st iw3 Wsir... (pt t3) r nh̄ (sp sn) hrt hr.f
Ti n m ih(hy) r h3t iswt wnn imyw m šmsw Hr ... (G)b ip.n.f t3 r hrt.f
Ti n m ih(hy) n Wnn-nfr (m-s3) st3 Skry hrw ib.f s3.f Hr hft(y) (wbn).f hr.n.f (m h3t.f) R^c ds.f
dd.f irtw
Ti n m ih(hy) n Wsir m3.n.i dw kd hr hnm Hr hdt dšrt (nsyt) Gb m3^c ti n nb.f
Ti n m ih(hy) n nb imnt sndm ib imyw.f dw pt t3 n Hr wn.i hr nhm hrw h^cw.f
Ti n m ih(hy) n h̄k3 d3t ink w^c tpy n ^ch^cw iw nhm.n.i hft iswt hdb n rh̄(.n.f) Hr h3k(-ib).nw.f
Ti n m ih(hy) n htp nsw ntrw n Hr tnt3t mn bit(y) ^cr̄k ink m h^ci... m3^c ti nb w^c ntrw ibw.sn
ndm(w)
Ti n m ih(hy) n ^cs3w rnw šsp n nsw h3t dpt ntr šms.n.i ...r Pkr (m) hrw pn n m3^c wh(w) m3^c-
hhrw
Ti n m ih(hy) n ntrw-5 m3.n.i šwti m tp Mnw nis.i hknw tp htyw iti idbwy
Ti n m ih(hy) n ntr niwt(.i) Wsir h̄k3 dt nb nty wn.n.f iwty di.k pr whmw-nsu tpy hrw.f m m3^c-
hrw r m33 Itn wbn.f m hsf nn šn^c.f hr sb3w 4 nb nw d3t

Eu vim em júbilo para dizer na Duat: O filho de Ísis e herdeiro de Osiris... (o céu e a terra) estão para sempre (dizer duas vezes) a cargo dele

Eu vim em júbilo, à frente da (divina) tripulação que pertence à comitiva de Hórus... (Geb) atribuiu-lhe a terra como sua propriedade. Eu vim em júbilo até Uenennefer, (depois de) Sokar ter sido transportado no dia da sua festa. Quanto a Hórus, seu filho, o inimigo do seu nascimento (tombou) diante dele. Disse o próprio Ré e assim foi feito.

Eu vim em júbilo até Osiris, porque vi tombar «o de mau carácter» e Hórus unir a Coroa Branca (do Alto Egípto) e a Coroa Vermelha (do Baixo Egípto) e a (soberania) de Geb foi oferecida ao seu senhor.

Eu vim em júbilo até ao Senhor do Ocidente para dar prazer aos que estão com ele. O céu e a terra foram dados a Hórus e eu estive a rejubilar até ao dia do seu aparecimento em glória.

Eu vim em júbilo até ao senhor da Duat. Estava só, na posição de comandante da barca e lancei um grito de guerra na presença da tripulação (divina), quando Hórus tomou o seu lugar e massacrou os que se rebelavam contra ele.

¹¹⁵⁹ Sacerdote encarregado das libações.

¹¹⁶⁰ *s3-t3*, «filho da terra». Nome dado à serpente.

¹¹⁶¹ Barca sagrada de Osiris em Abidos.

¹¹⁶² Serpente divina que acompanha a barca solar enrolada no pavilhão que abriga o deus Ré, tal como se está representado nos túmulos de Seti I e de Ramsés VI. Ver SALES, *As divindades egípcias*, p. 107.

¹¹⁶³ Barca sagrada do deus Sokar.

¹¹⁶⁴ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 302-316.

Eu vim em júbilo até ao rei dos deuses, para fazer uma oferenda a Hórus (que estava) sobre o estrado, valoroso rei do Baixo Egipto. (Eu estava) inclinado (em júbilo) ... quando (a soberania?) foi oferecida ao senhor único. Quanto aos deuses, os seus corações estavam felizes.

Eu vim em júbilo até àquele que tem muitos nomes para receber o deus à frente da barca divina e acompanhar ... à entrada de Peker, no mesmo dia de receber a grinalda de ser justificado.

Eu vim em júbilo até ao deus da minha cidade, Osíris, senhor da eternidade, senhor do que existe nele e do que não existe. Permite que o primeiro arauto do rei, Kheruef justificado, saia para ver o disco solar erguer-se sem (sofrer) oposição nem ser repellido em nenhum dos quatro portões da *Duat*¹¹⁶⁵

Kheruef deixa bem explícito que estará presente na gloriosa forma de falcão divino, tal como soe a um *Akhu*, e assim acompanhará Osíris:

...iry.i hprw m ... bik ntry hnd.i (m) Nšmt m hb W33g hn^c ntr ʕ3

...realizar a minha transformação em...um falcão divino e embarcar na barca *Nechemet* na festa Uag, com o deus grande¹¹⁶⁶

Mas ambiciona igualmente participar nas festas de Amon:

htp di nsw Imn hnt dsrt di.f m33 nfrw.f hft wbn.f m iw.f m Ipt-swt m hbw.f m dsr-dsrw

Uma oferenda que o rei faz a Amon, diante de Djseret¹¹⁶⁷, para que ele lhe permita contemplar a sua beleza quando nasce e vem de Ipet-sut¹¹⁶⁸, na altura dos seus festivais, até Djser-djesru.¹¹⁶⁹

E nas festas de Sokar:

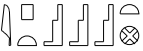
htp di nsw Pth-Skr-Wsir ntr ʕ3 hr(y)-ib(y) štyt di.f prt m t3 m šms(w) hm.f hrw pn n dbn inbw šsp.k thnt h^ci.k im.s hdw di(.n.tw.k) r h^ch.k di(.n.tw.k) sšdw m insy m sfhw n Wnn-nfr di(.n.tw.k) šbw w^cbw


Uma oferenda que o rei faz a Ptah-Sokar-Osíris, o grande deus residente em Chetyet¹¹⁷⁰ para que ele permita a saída na terra, (integrado) na comitiva de sua majestade, neste dia de fazer o circuito das paredes. Recebe faiança e rejubila com ela. Foram oferecidas cebolas para a tua garganta, foram-te oferecidas faixas de tecido vermelho vivo, dos trajes de Uenen-Nefer e foram-te oferecidos alimentos puros¹¹⁷¹

¹¹⁶⁵ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 163-186.

¹¹⁶⁶ *Ibidem*, In. 329-330.

¹¹⁶⁷ De acordo com Wente, Djseret referir-se-ia a Deir el-Bahari, no seu todo. Ver WENTE, *op. cit.*, p. 68, nota a).

¹¹⁶⁸  Ipt-swt, «O mais selecto dos lugares», nome do templo de Karnak.

¹¹⁶⁹  dsr-dsrw, «O mais sagrado, O Santo dos santos», nome do templo de Hatchepsut em Deir el-Bahari.

¹¹⁷⁰ Santuário do deus Sokar, em Mênfis.

¹¹⁷¹ Túmulo de Kheruef, TT 192, Ins. 217-221.

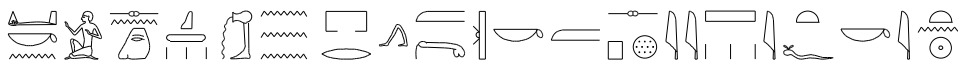
Muito mais sóbrio, Ramose deseja unicamente participar nos festivais de Amon, em Karnak:

ḥtp-dī-nsw (n) Imn... di.f pri.nb ḥr ḥ3wt.f ḥr ḥb(w) ḥt-nbt (n) pt n t3 m tpy trw nbw... r m Ipt-swt šsp mdt ḥt.f ḥr m sḥt n st wrt nfr sm3 ḥt nfrt w^cbt šbwt ntrw m-ḥt mi iri tw m3^cty s nb
 Uma oferenda que o rei faz a Amon... para que ele dê tudo (o que vem) das (suas mesas de oferendas¹¹⁷²), todas as coisas (que vêm dos festivais) do céu e da terra, no início de todas as estações e (que se realizam) em Karnak (e nas quais se) recebe unguento, quando as suas coisas são removidas do Lugar Grande (e há) uma participação em todas as coisas (boas e puras) depois da comida dos deuses, tal como é feito para todo o homem justo¹¹⁷³.

Estas festas foram abolidas em Amarna e, na medida do possível, substituídas por festas atonianas, provavelmente sem grande sucesso. Em princípio, todos os dias eram de festa para o novo deus – *Itn ʿnh wr imi ḥbw-sd m Pr-Itn m 3ḥt-Itn*, «Aton vivo e grande que está em jubileus na Casa de Aton em Akhetaton»¹¹⁷⁴ – e Akhenaton mostrava-se através da Grande Avenida da cidade como um Sol galopando sobre a terra.

De acordo com a *Estela da Fundação*, o modelo para o culto atoniano foi instituído no Horizonte de Aton com a primeira cerimónia aí realizada¹¹⁷⁵. Parece ter-se convertido numa festa anual destinada a comemorar a fundação da cidade. Está documentada na estela V, entre outras, com a data *ḥ3t sp 6 3bd 4 (-nw n) Prt sw 13*, «Ano 6, quarto mês da estação de Peret, dia 13». Representações gravadas nos túmulos amarnianos mostram que o «aparecimento solar» do rei na sua biga dourada se repetia, ao longo da avenida principal de Akhetaton. No templo faziam-se oferendas¹¹⁷⁶, defumações¹¹⁷⁷ e «louvores»¹¹⁷⁸. Há, no entanto, referência a outras festas:

¹¹⁷² Esta reconstrução é meramente hipotética, embora acompanhe a de DAVIES. Compare-se com o Terceiro Hino de Ay:



di.k n.i snw w^cbw pri m-b3ḥ.k m spy.t.k it.k Itn, «Concede-me os alimentos puros das oferendas que vêm à tua presença, como o que sobeja de teu pai Aton.»

¹¹⁷³ Túmulo de Ramose, TT55, lns. 105-111.

¹¹⁷⁴ Túmulo de Ay, TA 25, ln 282.

¹¹⁷⁵ *Estela da Fundação*, lns. 27-40.

¹¹⁷⁶ *Estela da Fundação*, ln. 34.


¹¹⁷⁷ *Estela da Fundação*, ln. 318.

¹¹⁷⁸ *Estela da Fundação*, ln. 40.

– Festa de Aton, no dia do Ano Novo:

(*hb*) *m* *Itn* *m* *Wpt-rnpt* ... *Itn* *m* *hb* *dt*... *Itn* ... *m* (*hb*) *m* *3btw* *m-mitt* *hb(w)* *nbw* *tr* *nb* *nh*...
mn *dr*-*Itn*... *dt*

(A festa) de Aton, no Dia de Ano Novo¹¹⁷⁹... Aton (que) está em festa eternamente... Aton ... em festa, com oferendas do mesmo modo. (Em) todas as festas, em todas as estações e para sempre ... eficiente¹¹⁸⁰ desde há muito ... Aton... ... eternamente¹¹⁸¹.

O ano novo egípcio começava na estação de Akhet, a 19 de Julho, e, em princípio, coincidia com o reaparecimento da estrela  *spdt*, «Sirius», e o início da cheia do Nilo. Não sabemos se Akhenaton considerava a data de inauguração de Akhetaton como o início do ano novo e não há provas de que o tenha feito.

– Festa de Aton, celebrada pela rainha junto do Nilo:

... *s* ... (*irt*) *nb* *rh*... *m* *mitt* *hb* *Itn* *m* *t3* *3bwt* *hr* *itrw* *iw*... *r* ... *Tw* ... *3wt* *n* *t3* *hmt*-*nsw*
... a ela e toda a gente conhece... Do mesmo modo, a festa de Aton, com oferendas sobre o rio, é ... para ... sendo ... oferendas da esposa real¹¹⁸².

– Festa não especificada e realizada na *Casa do Júbilo*, certamente um templo de Aton:


Pr- *h*^c*wt* ... *hb* *n* *p3* *Itn* *i(m)* *ht-nbt* *di.n*). *i* *p3* *Itn* *p3y.i* *i(t)* *m* *3ht-Itn*

A Casa do Júbilo (celebrará) a festa de Aton (com tudo o que eu ofereci a) Aton, meu pai, em Akhetaton¹¹⁸³.

– Festa celebrada junto da *Montanha de Aton*:

hr *iw* *irt* *mnw* ... *f* ... *w3(t)* *hrp* ... *hr* *dw.s* *n* (*p3* *Itn*) (*m* *h*)*rw* *i(w)*... *Itn* *šsp* *sn* *it.i* ... *m* (*h*)*rw* *i(w)* ... *Itn* *p3y.i* *it* ,, *s.tn* *m* *3ht-Itn* *t3y* *st* *gm.f* *n.f* *ds.f*... (*nh*)*h* *n*^c *dt*

Quanto ao estado dos monumentos...seu, ... o caminho para fazer uma oferenda de... junto da sua montanha de (Aton) (no) dia ... Aton, (quando) meu pai os recebe ... no dia e que está¹¹⁸⁴ ... Aton, meu pai ... ela ... - vos, em Akhetaton, este lugar que ele próprio encontrou, para si mesmo ... eternamente e para sempre¹¹⁸⁵.

¹¹⁷⁹  *Wpt-rnpt*, «Dia de Ano Novo».

¹¹⁸⁰ No original está  *mn mr dr*, supomos tratar-se de um erro.

¹¹⁸¹ Estela da Fundação, Ins. 217-220.

¹¹⁸² Estela da Fundação, Ins. 240-242.

¹¹⁸³ *Ibidem*, Ins.252-253. Sobre esta reconstrução do texto, ver MURNANE e VAN SICLEN, *op. cit.*, p. 44.

¹¹⁸⁴ Reconstrução possível, dado o contexto.

¹¹⁸⁵ Estela da Fundação, Ins.254-258.

As numerosas lacunas do texto não permitem conhecer pormenores relativos a estas festividades. O túmulo de Suty refere-se ainda o *Festival do Sexto dia do Mês*, celebrado em Akhetaton:

*ḥtp di-nsw p3 Itn ḥn n ḥd t3 nb m ḥḥi.f di.f n k3 n ntr-nfr ḥtp m-b3ḥ rḥ-nb pri snt
m ...šsp diwt.f n k3.f ḥtp di-nsw p3 Itn ḥn n ḥd t3 nb m ḥḥi.f*

Uma oferenda que o rei faz ao Aton vivo, que ilumina a terra inteira¹¹⁸⁶ com a sua aparição. Que ele permita que o *ka* do deus bom repouse na (sua) presença, todos os dias e saia, (para ir) ao festival do sexto dia do mês em (Akhetaton?) recebendo as dádivas do seu *ka*¹¹⁸⁷.

Panehesy fala de celebrações realizadas no templo mas não as discrimina:

*ḥtp-di nsw k3 nsw ḥn m m3ḥt nb ḥ3ḥw 3ḥ-n-Itn m ḥḥ(w).f di.f šsp (m)-snw t pri r m-b3ḥ m ḥb
nb n p3 Itn ḥn m ḥwt bnb*

Ao *ka* do rei que vive em *maet*, o senhor das coroas, Akhenaton, (grande?) no seu tempo de vida, para que ele permita a recepção do pão que sai da presença, em todos os festivais do vivo Aton, na Casa do Benben¹¹⁸⁸

Nada leva a crer que os festivais de Aton tenham podido suplantam a recordação dos há muito estabelecidos festivais dos velhos deuses.

¹¹⁸⁶ De acordo com o início das 3ª e 4ª colunas.

¹¹⁸⁷ Túmulo de Suty, TA 15, lns.8-10.

¹¹⁸⁸ Túmulo de Panehesy, TA 6, lns. 115-117.

CONCLUSÃO

Definimos, neste trabalho, um percurso do geral para o particular, ou seja, partindo dos dois grandes referentes semióticos que são Texto e Imagem que, no espaço tumular, se hibridizam e redefinem, contextualizando cada um deles nas suas formas gerais e, por vezes, recontextualizando-os, de acordo com a modificação das estruturas ideológicas que se fez sentir no específico agregado social (o funcionalismo amarniano) que estudámos. Tradução e crítica estiveram na base da arquitectura do processo narrativo, permitindo decompor o agregado textual em vários conteúdos pré-determinados (Orações, Hinos, Autobiografias, Crónicas), caracterizar e matematizar cada um deles, tornando, assim, possível o estudo da sua distribuição nos três conjuntos de túmulos estudados: tebanos, amarnianos do Norte e amarnianos do Sul.

Os resultados obtidos mostraram que a parte mais significativa do acervo textual pertence a um subconjunto constituído por *Autobiografias*, *Crónicas*, *Orações*, *Hinos*, *Ritos Funerários* e *Textos de Oferendas*. Este é particularmente importante nos túmulos amarnianos do Sul, devido ao grande aumento percentual de orações e hinos que nos túmulos tebanos apenas se dirigem aos deuses e nos amarnianos do Norte envolvem também Akhenaton, Nefertiti e a própria rainha Tié.

A organização textual de cada túmulo mostrou ser uma chave para a definição do seu possuidor. Uma definição duplamente condicionada, porquanto, para além do mito que cada ser humano constrói sobre si mesmo, há, como vimos, no período amarniano um novo mito, político-religioso, que determina uma alteração de discursos e comportamentos. Embora referindo-se a uma outra realidade (período lágida), afigura-se-nos pertinente citar aqui as palavras de José das Candeias Sales:

[...] o poder político lágida não escapou à antinomia constitutiva da instauração dos novos regimes políticos, isto é, sentir, por um lado, a imperiosa necessidade de se apresentar como algo inédito e novo, dotado de capacidades de superação das antigas formas de organização, e, por outro, inscrever-se numa certa tradição política do povo egípcio, reclamando o passado, supostamente glorioso, do povo e do Estado que agora governava¹¹⁸⁹.

¹¹⁸⁹SALES, José das Candeias, *Ideologia e propaganda real no Egipto Ptolomaico*, p. 298.

No nosso caso, efectivamente, mostrámos que Akhenaton pretendeu revolucionar o sistema de crenças milenar do seu povo. Fê-lo, inicialmente, de uma forma gradual e catequética, apoiando-se no passado, através de uma releitura criativa da mitologia amoniana, então profundamente solarizada, e da figura real que Amen-hotep III, seu pai, tinha sacralizado, solarizando-a também.

Não foi um criador *ex-nihilo*. O Atonismo existia antes dele, remontando, como vimos, a Tutmés IV, cuja coroa dupla foi recebida de «Hórus no Horizonte» e não de Amon-Ré. O príncipe Amen-hotep, educado nestes princípios por mestres que hoje são desconhecidos, pôde implementá-los e levá-los ao limite, à medida que foi assumindo o poder. O processo estava terminado cerca do ano 3 do seu reinado, quando foi estabelecido o primeiro protocolo de Aton, e culminou no ano seguinte com o jubileu real, a rejeição de nome teóforo de Amon e a aquisição de um outro com ressonância atoniana.

Os túmulos tebanos de Kheruef (TT 192) e Ramose (TT 55) testemunham estes momentos de transição entre um passado amoniano e multi-religioso e um presente atoniano e exclusivista. Contrariamente à instauração do poder lágida a que, anteriormente, fizemos referência, a passagem ao monoteísmo atonista traduziu-se em deicídio, concretizado no apagamento do nome de Amon, e foi recebida, de acordo com a *Estela da Fundação*, com «más palavras», embora não nos tenham chegado ecos de «más acções» e nenhuma revolta, ao que sabemos, tenha tido lugar.

Akhenaton criou uma nova cidade e pretendeu criar uma nova doutrina, mas se logrou atingir o primeiro desiderato, não conseguiu, sobretudo, por falta de tempo e de bases ideológicas, quebrar de forma duradoura as tradições religiosas do seu povo, falhando, mormente, na instauração de um modelo alternativo sobre a relação humano-divino e de um discurso atractivo sobre a vida além da morte. Akhenaton e os Atonistas não produziram novos mitos.

Os Hinos inscritos nos túmulos dos funcionários amarnianos mostram que, contrariamente a Osíris, o novo deus não tem qualquer papel de auditor/interventor na vida e na morte dos seres humanos, não ouve as suas queixas, não ajuda na resolução dos seus problemas, não os julga nem recompensa depois de mortos. As Orações que estudámos provam que a recompensa e a própria justificação do ser humano, em vez de passar pelas divindades, se concentrou no Rei.

Apelando para o funcionalismo, sem o qual nenhum poder, por mais absoluto que fosse, se poderia manter no Antigo Egipto, Akhenaton comprou fidelidades temporárias, distribuindo cargos e recompensas. Assim condicionado, o funcionário foi compelido a colaborar neste processo, permitindo, como vimos no Capítulo II, que o seu próprio túmulo se viesse a transformar em objecto de propaganda. A nível textual e no conjunto dos túmulos que estudámos, a sua incidência máxima, medida através do que designámos por *Textos Reais*, mostrou ser apenas de *c.* 9%, o que não pode considerar-se um valor elevado.

A situação é muito diferente a nível iconográfico (Capítulo III): o funcionário aparece apenas em 37% das cenas animadas, sem a presença do rei. A sua figuração, enquanto ser independente, é mais importante nos túmulos amarnianos do Sul, cujo número é superior, alcançando 50% das cenas animadas, e menos acentuada nos túmulos amarnianos do Norte, com cerca de 30%. Quanto aos túmulos tebanos, o funcionário é mais importante no túmulo de Ramose (TT 55), com a sua extensa reportagem do banquete e do cortejo funerários, e menos no túmulo de Kheruef (TT 192), com a representação de dois jubileus reais. Esta preponderância cénica do soberano e da família real não surpreende num país onde o analfabetismo era quase regra e a propaganda era veiculada principalmente a nível visual.

Do ponto de vista qualitativo, a iconografia oficial do rei mostra uma inserção gradual do domínio privado: Akhenaton faz-se representar carpindo a morte da filha, beijando a esposa, bebendo vinho ou comendo um bom jantar. A majestade régia aparece apenas exaltada na cerimónia da *Apresentação dos Tributos*. Isto não significa desrespeito: junto de Akhenaton, todos andam curvados, à excepção da família real.

Restam ao funcionário de Amarna raros momentos pessoais, dedicados à oração, ao exercício das suas funções e, raras vezes, à companhia da família. As cerimónias relativas ao seu funeral só estão presentes no túmulo de Huya (TA 1) e o banquete funerário pura e simplesmente desaparece. A vida destes homens parece apenas fazer sentido na vizinhança do rei e de Aton.

O estudo que realizámos provou que a definição teológica do novo deus só gradualmente foi estabelecida e que a sua representação se caracterizou por níveis crescentes de abstracção. O nome divino, encartelado a partir do ano 4 do reinado de Akhenaton, ainda o não estava no túmulo do vizir Ramose, e veio a ser consagrado em duas fórmulas

canónicas, uma datada do ano 5 e outra que podemos localizar entre os anos 9 e 12. Estas alterações foram seguidas em Amarna, mas as numerosas variações de que demos conta no Capítulo IV traduzem o que nos parece ser a falta de entendimento da nova personagem divina, que chega mesmo a ser confundida com o rei.

Mostrámos que o Atonismo teve sempre Ré como seu referente divino em dois aspectos diferentes: Ré+ Hórus = Ré Horakhti, na primeira fórmula canónica, e Ré, na segunda. Com base nestes dois aspectos, foi construído um novo aspecto: *šw nty m Itn*, «a luz que está no Disco Solar», que constitui *de facto* o objecto de adoração. Vimos, igualmente, que esta luz/energia é personalizada pelo deus Ré e também por Amen-hotep III que se fez representar no interior do astro. Tornado, assim, filho carnal de Ré, Akhenaton nunca mais abandonou este título.

Dentro dos limites da nossa investigação, verificámos que o protocolo real do período proto-amarniano só aparece completo na Estela de Gebel es-Silsila, datável do ano 4. O nome é ainda Amen-hotep e o rei afirma-se como *ḥm ntr tpy*, «sumo-sacerdote» de Ré-Horakhti, título inusitado mas dentro da concepção egípcia da realeza. A alteração fundamental só veio a acontecer algures entre o jubileu do ano 4, com a mudança do nome real para a referência atoniana e o abandono completo da contemporização com o deus Amon (Capítulo IV). O novo protocolo que podemos ver, completo e *pela última vez*, no túmulo de Ay (TA 25) reflecte estas alterações: o rei é «amado de Aton» e não de Amon; é «grande em soberania em Akhetaton» e não em Tebas; aparece no seu trono «como Aton» e não como Amon-Ré. Nos outros túmulos amarnianos, o protocolo real vem resumido e acompanhado por variados epítetos como *ʕ3 m ʕḥ(w).f*, «grande no seu tempo de vida».

A Grande Esposa Real viu o seu nome adicionado com uma referência atoniana (*nfr nfrw Itn*, «bela é a perfeição de Aton») e foram-lhe concedidos numerosos epítetos que não sofreram qualquer alteração até ao final do período amarniano, como por exemplo:

rt-pʕt ʕ3t m ʕḥ nfrt ḥr ʕn m šwty mrt r p3 Itn ʕnh ḥmt-nsu wrt mrit.f nbt-t3w Nfr-nfrw-Itn Nfrit-ity ʕnh ti dt (n)ḥḥ

Patrícia, grande no palácio, de rosto perfeito, bela com as duas plumas a preferida do Aton vivo, a grande esposa real, sua amada, a senhora das Terras, Neferneferuaton Nefertiti, que ela viva eternamente e para sempre¹¹⁹⁰.

¹¹⁹⁰ Túmulo de May, TA 14, Ins. 87, 88.

Vimos que também os funcionários amarnianos gozavam de protocolos que exaltam as suas elevadas posições devidas a uma competência excepcional de que, em boa hora, o soberano se deu conta e soube aproveitar. Deste modo, a enumeração dos seus cargos vem acompanhada de uma grande variedade de epítetos que inventariámos e classificámos (Capítulo V) num trabalho que nos parece ser pioneiro.

Fizemos, igualmente, dentro do limite do nosso *corpus* documental, um estudo intensivo destes agentes executivos do poder real, repartindo-os por várias classes de acordo com a sua esfera de actividades. À excepção do desaparecimento do funcionalismo religioso amoniano e sua substituição pelo de Aton, não detectámos alterações nas outras esferas do funcionalismo real. Surge, no entanto, uma condição adicional para integrar esta carreira, uma condição de natureza religiosa: ouvir e praticar os ensinamentos do rei. Este facto é, como vimos admitido, com toda a naturalidade, pelo funcionário Ay:

*ink ikr nb kd m^c r(w)d sk spw hri w3h-ib bi hprt spw šms k3 n hm.f mi wdw n.f iw hr
sdm hrw.f iw bn 3b phwy nn hswt i3w m htp*

Eu era excelente, um homem virtuoso, bem como afortunado em oportunidades, calmo e paciente, ansiando pela ocasião de acompanhar o *ka* da sua pessoa, de acordo com a sua ordem. Escutei a sua voz, sem cessar e o resultado disto foi a recompensa de uma velhice em paz¹¹⁹¹.

O favor real não é concedido de uma vez para sempre. Ao entrar no palácio, o funcionário espera sair livremente¹¹⁹², mas isto nem sempre é possível e, à semelhança de May (TA 14), pode-se perder tudo¹¹⁹³. Assim sendo, a velhice é problemática e a vida eterna impossível. Efectivamente, não trabalhar traduz-se na ausência de meios de subsistência.

O espectro da fome assombra todos estes funcionários. Adoptando um comportamento infantil, pedem comida ao rei, solicitam-lhe uma velhice feliz e ao abrigo da necessidade¹¹⁹⁴ e um túmulo¹¹⁹⁵ que lhes está assegurado enquanto não incorrerem no desfavor real (Capítulo V). Estudámos intensivamente a problemática da morte (Capítulo VI), procurando encontrar diferenças entre as concepções amonianas figuradas no extenso funeral do vizir Ramose e as novas ideias religiosas. A nível do ritual funerário, limitámo-

¹¹⁹¹ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 302-305.

¹¹⁹² Meriré I, TA 4, ln. 187.

¹¹⁹³ Cap. IV, § 8.2.

¹¹⁹⁴ Ay, TA 25, lns. 133, 160, 274.

¹¹⁹⁵ Túmulo de Ay, TA 25, lns. 52, 134, 344.

nos a encontrar uma referência ao «ritual de Aton» no funeral de Huya (o único que se encontra representado em Amarna), mas podemos constatar uma permanência de episódios, talvez sujeitos a uma revisão atoniana, cuja extensão é impossível de avaliar com base nos escassíssimos dados disponíveis. A mumificação e enxoval divino permanecem. Parece, no entanto, haver uma lamentação diante do cadáver, que não encontramos no túmulo de Ramose nem dos seus contemporâneos.

A nível conceptual, contrastando com o riquíssimo acervo tradicional, a contribuição do Atonismo é muito pobre ou, pelo menos, dela chegaram poucos ecos aos nossos dias. Continua a existir uma *Duat*, onde habita um deus que recebe a confissão negativa do morto e que o monoteísmo exige que seja Aton, mas como este viaja no céu, durante o dia, ou repousa, durante a noite, admite-se que o juiz divino será uma outra *kheper* de Ré, não nomeada. Quanto ao candidato à vida eterna, ele já foi justificado pelo filho de Ré e de Aton.

A ausência de narrativas sobre a vida eterna é justamente a grande fraqueza desta doutrina. Sair do túmulo para ir todos os dias ao templo, ouvir os hinos a Aton e ver o seu divino filho é pouco atractivo em face da jornada aventureira até ao julgamento osiriano, uma simples formalidade para quem venha bem equipado de textos, e depois a fartura dos Campos de Iaru, a comida abundante e as viagens que se podem fazer sob várias formas aos mais variados locais.

Após vários anos de estudo sobre Akhenaton e o seu tempo, somos levados a considerá-lo não um profeta, mas um político. Um político lúcido, educado no culto da pessoa real, ameaçada pelo poder crescente do clero amoniano a que os soberanos, seus antepassados, não puderam ou não quiseram pôr limites. Face a esta força cada vez mais avassaladora, uma contra-religião parecer ter-se formado e crescido na corte, enfatizando a figura real e aproveitando novas reflexões teológicas de raiz solar, elaboradas, talvez, em Heliópolis, mas também no próprio seio do culto de Amon-Ré, cujo segundo sacerdote era igualmente sacerdote de Aton.

Esta «Nova Teologia Solar», como foi designada por Assmann, engloba, como vimos nos *Hinos a Aton* (Capítulo I) uma incipiente teoria empirista do conhecimento: toma-se consciência do mundo através dos sentidos: vê-se porque o Sol nos envia a sua luz; de noite está-se cego, indefeso e como morto. Esta luz/energia é a base de toda a vida.

Nos *Hinos a Aton*, o deus é criador do tempo nas suas dimensões profanas e cúlticas e organiza a vida civilizada. Nele têm origem não só os Egípcios, mas todos os outros povos sobre cujo bem-estar Aton, igualmente, vela. Esta universalidade do deus é, de imediato, ferida pelo egoísmo característico de um rei absoluto. Todos esses povos foram criados para servir o rei. Este domínio do divino pelo interesse humano constitui um golpe profundo na universalidade possível do Atonismo. Sem bases estáveis, não logrou sobreviver à morte do seu criador, o que não quer dizer que tenha morrido com ela. Admitimos que esta doutrina foi, efectivamente, o primeiro monoteísmo do mundo, dentro dos limites do nosso actual conhecimento.

Até que ponto os funcionários amarnianos acreditaram nele é uma pergunta legítima, mas a que não pudemos responder. Akhetaton foi esvaziada, nos tempos da faraó Neferneferuaton e este episódio atípico da história egípcia foi escondido como algo de vergonhoso e o nome de Akhenaton apagado bem como o do seu amoniano filho Tutankhamon e até o do hábil Ay, um pai-divino de Amon, feito rei.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

ARAÚJO, Luís Manuel de, *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BARGUET, PAUL (Trad.), *Les Textes des Sarcophages égyptiens du Moyen Empire*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1986.

BARUCQ, André; DAUMAS, François, *Hymnes et Prières de l'Égypte Ancienne*, Paris: Les Éditions du Cerf, 1980.

DAVIES, Norman de G., *The Tomb of the vizier Ramose*, Mond Excavations at Thebes 1, London: The Egypt Exploration Society, 1941.

– *The Rock Tombs of el-Amarna*, vols. I-VI, reprint, London: The Egypt Exploration Society, 2004.

FAULKNER, Raymond O., *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, Thebes 1, London: The British Museum Press, 2004.

GRANDET, Pierre, *Hymnes de la Religion d'Aton*, Paris: Editions du Seuil, 1994.

HALLO, William (ed.), *The Context of Scriptures. Monumental Inscriptions from the Biblical World*, vol. II, Leiden: Brill, 2000.

HELCK, Wolfgang, *Urkunden der 18. Dynastie*, Berlin: Akademie-Verlag, 1955-1958.

LICHTHEIM, Miriam, *Ancient Egyptian Literature, A Book of Readings*, vol. II, Los Angeles: University of California Press, 1976.

MARTIN, George T., *The Royal Tomb at El-'Amarna*, vol. II *The reliefs, inscriptions and architecture*, London: Egypt Exploration Society, 1989.

– *A Bibliography of the Amarna Period and its Aftermath*, London/New York: Kegan Paul International, 1991.

MATHIEU, Bernard, «Le Grand Hymne à Aton», *Égypte, Afrique et Orient*, 13, pp. 35-44.

MORAN, William L. (ed./trad.), *The Amarna Letters*, Baltimore/London: The John Hopkins University Press, 1992.

MURNANE, William, J.; VAN SICLEN, Charles C., *The Boundary-Stelae of Akhenaten*, London/New York: Kegan Paul International, 1993.

– *Texts from the Amarna Period in Egypt*, Atlanta: Scholars Press, 1994.

PORTER, Bertha; MOSS, Rosalind L. B., *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Texts, Reliefs and Paintings*

– I. *The Theban Necropolis, Part One: Private tombs*, second edition, Oxford: Oxford University Press, 2009.

– IV. *Lower and Middle Egypt*, Oxford: permedjat.blogspot.com, 2014.

QUIRKE, Stephen, *Egyptian literature 1800 BC. Questions and Readings*, London: Golden House Publications Egyptology 2, 2004.

REDFORD, Donald B., *The Akhenaten Temple Project. Vol. 2: Rwd-mnw, Foreigners and Inscriptions*, Aegypti Texta Propositae I, Toronto: University of Toronto Press, 1988.

SANDMAN, Maj, *Texts from the time of Akhenaten*, Bruxelles: Fondation Égyptologique de la Reine Élisabeth, 1938.

TONIC, François, *La tombe de Ramose*, Barcelona: Novoprint, 2012.

TYLDESLEY, Joyce, *Tales from Ancient Egypt*, Bolton: Rutherford Press, 2004.

WENTE, Edward F. (trad.), «The tomb of Kheruef», *Epigraphic Survey*, OIP 102, Chicago: University of Chicago Press, 1980.

2. Atlas, Dicionários, Dictionnaires, Gramáticas e Léxicos

ALLEN, James P., *Middle Egyptian. An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs*, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ARAÚJO, Luís Manuel de (dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

BAINES, John; MÁLEK, Jaromir, *Atlas of Ancient Egypt*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2005.

BONNAMY, Yvonne; SADEK, Ashraf, *Dictionnaire des Hiéroglyphes*, Arles : Actes Sud, 2010.

BONNEFOY, Yves (dir.), *Dictionnaire des Mythologies et des Religions des Sociétés Traditionnelles et du Monde Antique*, Paris: Flammarion, 2010.

COLLIER, Mark; MANLEY, Bill, *How to Read Egyptian Hieroglyphs*, London: The British Museum Press, 2002.

ÉTIENNE, Marc (dir.), *Les Portes du Ciel. Visions du monde dans l'Égypte Ancienne*, Paris : Musée du Louvre, 2009.

FAULKNER, Raymond O., *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, Oxford: Griffith Institute, 1988.

FISCHER, Henry G., *Egyptian titles of the Middle Kingdom. A supplement to Wm. Ward's Index*, New York: The Metropolitan Museum of Art, s/d.

GARDINER, Sir Alan, *Egyptian Grammar*, 3rd ed., Oxford: Griffith Institute, 2001.

JONES, Dilwyn, *A Glossary of Ancient Egyptian nautical titles and terms*, London/New York, Kegan Paul International, 1988.

JUNGE, Friedrich, *Late Egyptian Grammar. An Introduction*, Oxford: Griffith Institute, 2001.

KAIMRIN, Janice, *Hiéroglyphes de l'Égypte Ancienne. Guide Pratique*, Paris: Hermé, 2004.

LURKER, Manfred, *An Illustrated Dictionary of the Gods and Symbols of Ancient Egypt*, London: Thames & Hudson, 1994.

MANLEY, Bill, *Atlas Historique de l'Égypte Ancienne*, Avon: Éditions Autrement – The Bath Press, 1998.

SHANNON, Claude E.; Weaver, Warren, Urbana, *The mathematical theory of communication*, Chicago: University of Illinois Press. 1998.

SHAW, Ian; NICHOLSON, Paul, *The Dictionary of Ancient Egypt*, London: The British Museum, Harry N. Abrams, Inc. Publ., 1995.

VERNUS, Pascal; YOYOTTE, Jean, *Dictionnaire des pharaons*, Paris: Perrin, 2004.

VERNUS, Pascal, *Dictionnaire amoureux de l'Égypte pharaonique*, Paris: Plon, 2009.

WARD, William W., *Index of Egyptian administrative and religious titles of the Middle Kingdom*, Beirut: American University of Beirut, 1983.

WILKINSON, Toby, *Dictionary of Ancient Egypt*, London: Thames and Hudson, 2005.

WILKINSON, Richard H., *Symbol & Magic in Egyptian Art*, London: Thames and Hudson, 1994.
– *Reading Egyptian Art*, London: Thames and Hudson, 1996.

3. Bibliografia geral

3.1. Obras gerais

ABT, Theodor; HORNUNG, Erik, *Knowledge for the afterlife*, Zurich: Living Human Heritage Publications, 2003.

ALDRED, Cyril, *Jewels of the Pharaohs. Egyptian jewellery of the Dinastic Period*, London: Thames & Hudson, 1978.

ALLEN, James P., *The Art of Medicine in Ancient Egypt*, New York: Metropolitan Museum of Art, 2005.

ARAÚJO, Luís Manuel de, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

- *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.
- *Mitos e Lendas do Antigo Egipto*, Lisboa: Livros e Livros, 2005.
- *Os grandes faraós do Antigo Egipto*, Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011.
- *Erotismo e sexualidade no Antigo Egipto*, Lisboa: Edições Colibri, 2012.
- *O Egipto faraónico. Uma civilização com três mil anos*, Lisboa: Arranhacéus, 2015.

ASSMANN, Jan, *State and Religion in the New Kingdom*, New Haven: Yale University, 1989.

- *Egyptian Solar Religion in the New Kingdom. Re, Amun and the crisis of Polytheism*, London: Kegan Paul International, 1994.
- *Images et rites de la mort dans l'Égypte ancienne*, Paris: Cybèle, 2000.
- *The Search for God in Ancient Egypt*, Ithaca/London: Cornell University Press, 2001.
- *Theological responses to Amarna*, Penn State University, 2001.
- *The Mind of Egypt. History and Meaning in the Time of the Pharaohs*, Cambridge, Massachusetts/London: Harvard University Press, 2003.
- *Mort et au-delà dans l'Égypte ancienne*, Ithaca/Paris: Éditions du Rocher, 2003.
- *Religion and Cultural Memory*, Stamford: Stamford University Press, 2006.
- *Le prix du monothéisme*, Paris, Flammarion, 2007
- *Of God and Gods*, Madison: The University of Wisconsin Press, 2008.
- *L'Égypte ancienne. Entre mémoire et science*, Paris: Musée du Louvre Éditions, 2009.
- *Mâat, l'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale*, Paris: MdV Éditeur, 2010.
- *From Akhenaten to Moses. Ancient Egypt and religious change*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2014.

BONHEME, Marie-Ange; FORGEAU, Annie, *Pharaon, les Secrets du Pouvoir*, Paris: Armand Colin, 1968.

BOTTERO, Jean; KRAMER, Samuel Noah, *Lorsque les dieux faisaient l'homme. Mythologie mésopotamienne*, Paris: Ed. Gallimard, 1989.

BREWER, Douglas, *Ancient Egypt. Foundations of a Civilization*, Harlow: Pearson/Longman, 2005.

- BREWER, Douglas; TEETER, Emily, *Egypt and the Egyptians*, Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BAINES, John; LESKO, Leonard; SHAFER, Byron, *Religion in Ancient Egypt. Gods, Myths and Personal Practice*, Ithaca: Cornell University, 1991.
- BOURDIEU, Pierre, *O Poder Simbólico*, Lisboa: Difel, 2001.
- BRIER, Bob, *Ancient Egyptian Magic*, New York: Perennial, 2001.
- BURKERT, Walter, *A Criação do Sagrado*, Lisboa: Edições 70, 1996.
- CANHÃO, Telo Ferreira, *Textos da literatura do Império Médio*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- CARREIRA, J. Nunes, *Estudos de Cultura Pré-Clássica*, Lisboa: Presença, 1985.
 – *Mito, Mundo e Monoteísmo*, Mem Martins: Publ. Europa-América, 1994.
 – *Filosofia antes dos Gregos*, Mem Martins: Publ. Europa-América, 1994.
 – *Literatura do Antigo Egito*, Mem Martins: Publ. Europa-América, 2005.
- CAMBEFORT, Yves, *Le scarabée des dieux*, Paris: Société Nouvelle des Éditions Boubée, 1994.
- CAMPAGNO, Marcelo; GALLEGÓ, Julián; MAC GRAW, Carlos G., *Política y religión en el Mediterráneo antiguo. Egipto, Grecia, Roma*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2009.
- CLAYTON, Peter, *Chronicle of the Pharaohs*, London: Thames & Hudson, 1999.
- DAUMAS, François, *La Civilisation de l'Égypte Pharaonique*, Paris: Arthaud, 1987
- DAVID, Rosalie, *Religion and Magic in Ancient Egypt*, London: Penguin Books, 2002.
- DAVIES, W. D. (Ed.), *Colour and Painting in Ancient Egypt*, London: The British Museum Press, 2001.
- DODSON, Aidan; HILTON, Dyan, *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2005.
- DONADONI, Sérgio (dir.), *O Homem Egípcio*, Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- DREWERMAN, Eugen, *La Barque du Soleil. La mort et la résurrection en Égypte ancienne et dans l'Évangile*, Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- DUNAND, François; ZIVIE-COCHE, Christiane, *Gods and Men in Egypt, 3000 BCE to 395 CE*, Ithaca: Cornell University Press, 2004.

- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa: Livros do Brasil, 2002.
- FARIAS, J.J. Ferreira de; STILWELL, Peter; TEIXEIRA, Alfredo; NEVES, J. Carreira das, *Religião e violência*, Lisboa: Paulus, 2002.
- FINER, S. E., *A História do Governo*, I, Mem Martins: Publ. Europa-América, 2003.
- GRJETZKI, Wolfram, *The Middle Kingdom of Ancient Egypt*, London: Duckworth, 2006.
- GRIMAL, Nicholas, *Histoire de l'Égypte ancienne*, Paris: Fayard, 1988.
- HINNELL, John (ed.), *The Routledge Companion to the Study of Religion*, London/New York: Routledge, 2005.
- HORNUNG, Erik, *Les dieux de l'Égypte. L'Un et le Multiple*, Paris: Flammarion, 1992.
 – *History of Ancient Egypt. An introduction*, Ithaca, New York: Cornell University Press, 1999.
 – *L'Esprit du Temps des Pharaons*, Paris: Oxus, 2007.
 – *Les Textes de l'au-delà dans l'Égypte ancienne*, Paris : Éditions du Rocher, 2007.
 – *L'Égypte ésotérique*, Paris : Éditions Alphonse, 2007.
- IKRAM, Salima, *Death and Burial in Ancient Egypt*, London: Longman, 2003.
 – *Ancient Egypt. An Introduction*, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- JANOT, Francis; Hawass, Zahi, *Mummies*, Paris: Editions White Star, 2008.
- JANSSEN, Rosalind and Jacques, *Growing up and getting old in Ancient Egypt*, London, Golden House Publications, 2007.
- KEES, Hermann, *Ancient Egypt, a cultural topography*, Chicago/London: The University of Chicago Press, 1977.
- KEMP, Barry J., *Ancient Egypt. Anatomy of a civilization*, London/New York: Routledge, 1991.
- LACHAUD, René, *Les déesses de l'Égypte Pharaonique*, Paris: Éditions du Rocher, 1993.
- LALOUETTE, Claire, *La littérature égyptienne*, Paris: Presses Universitaires de France, 1981.
 – *Au Royaume d'Égypte. Le temps des rois dieux*, Paris: Flammarion, 1995.
- LEFEBVRE, Gustave, *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique*, Paris: Adrien Maisonneuve, 1988.
- LLOYD, Alan B., (Ed.), *A Companion to Ancient Egypt*, Chichester: Wiley-Blackwell, 2014.
 – *Ancient Egypt. State and Society*, Oxford: Oxford University Press, 2014.
- LUCAS, Miguel, *A Parapsicologia no equilíbrio integral*, São Paulo: Edições Loyola, 1990.

- EI-MAHDY Christine, *Mummies, Myth and Magic*, London: Thames and Hudson, 1993.
- MALEK, Jaromir, *Egyptian art*, London: Phaidon, s/d.
- MANLEY, Bill (ed.), *The Seventy Great Mysteries of Ancient Egypt*, London: Thames & Hudson, 2003.
- MARUEJOL, Florence, *Thoutmosis III et la corégence avec Hatchepsout*, Paris: Pygmalion, 2007.
- MASQUELIER-LORIUS, *Séthi I^{er} et le début de la XIX^e dynastie*, Paris: Pygmalion, 2013.
- McDERMOTT, Bridget, *Warfare in Ancient Egypt*, Phoenix Mill: Sutton Publishing Limited, 2004.
- MENU, Bernadette, *Maât: L'ordre juste du monde*, Paris: Michalon, 2005.
- MESKELL, Lynn, *Archaeologies of social life*, Cambridge: Blackwell Publishers, 1999.
- MERTZ, Barbara, *Temples, tombs and Hieroglyphs. A Popular History of Ancient Egypt*, London: Brockhampton Press, 1999.
- MONICA, Maria Filomena, *A Morte*, London : Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011.
- MOJSOV, Bojana, *Osiris*, Paris: Flammarion, 2005.
- MONTET, Pierre, *Eternal Egypt*, London : Phoenix Press, 2005.
- MORENTZ, Siegfried, *La Religion Égyptienne*, Paris: Payot, 1984.
- MORKOT, Robert G., *The Egyptians, an introduction*, London/New York, 2005.
- NEEDLEMAN, Jacob, *A Sense of the Cosmos*, London: Arkana, 1988.
- O'CONNOR, David, *Abydos. Egypt's first pharaohs and the cult of Osiris*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2009.
- O'CONNOR, David; SILVERMAN, David P. (eds.), *Ancient Egypt Kingship*, Leiden/New York /Köln: E. J. Brill, 1995.
- OTTO, Rudolf, *Le Sacré*, Paris: Payot, n/d.
- PADRÓ, Josep, *Historia del Egipto Faraónico*, Madrid: Alianza Editorial, 2003.
- QUIRKE, Stephen, *Ancient Egyptian religion*, New York: Dover Publications, 1997.
 – *Le Culte de Ré*, Paris: Champollion, Éditions du Rocher, 2004.

- RICE, Michael, *Egypt's Making*, London/New York: Routledge, 2003.
- ROMER, John, *Ancient Lives*, London: Phoenix Press, 2003
 – *A History of Ancient Egypt. From the first farmers to the Great Pyramid*, London: Penguin Books, 2013.
- SALES, José das Candeias, *A Ideologia Real Académica e Egípcia. Representações do poder político pré-clássico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
 – *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Egipto antigo*, Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
 – *Ideologia e propaganda real no Egipto Ptolemaico (305-30 a.C.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia/ Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2005.
 – *Estudos de Egiptologia*, Lisboa: Livros Horizonte, 2007.
 – *Poder e Iconografia no Antigo Egipto*, Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
 – «Sexualidade e sagrado entre os Egípcios. Em torno dos comportamentos erótico-sexuais dos antigos deuses egípcios» in RAMOS, José A.; RODRIGUES, Nuno Simões (Coord.), *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Porto: Clássica, 2009.
 – *Política(s) e Cultura(s) no Antigo Egipto*, Lisboa: Chiado Editora, 2015.
- SCARRE, Chris (ed.), *The Human Past. World Prehistory & the development of human societies*, London: Thames & Hudson, 2005.
- SCHUMANN-ANTELME, Rut; ROSSINI, Stéphane, *Nout. Le Cosmos des pharaons*, Paris, Éditions du Rocher, 2007.
- SCHWEIZER, Andreas, *The Sun god's journey through the netherworld*, Ithaca/London: Cornell University Press, 2010.
- SELLERS, Jane B., *The Death of Gods in Ancient Egypt*, London: Penguin Books, 1992
- SHAW, Ian (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford: Oxford University Press, 2003.
- SHAW, Garry, *The Pharaoh. Life at court and on campaign*, London: Thames & Hudson, 2012.
- SHORTER, Alan W., *The Egyptian Gods. A Handbook*, London: Routledge & Kegan Paul, 1983.
- SILVERMAN, David, *Ancient Egypt*, London: Duncan Baird Publishers, 1997.
- SINGER, Christiane, *Derniers fragments d'un long voyage*, Paris: Albin Michel, 2007.
- SNAPE, Steven, *Ancient Egyptian Tombs. The culture of life and death*, Chichester: Wiley-Blackwell, 2011.
- SOUSA, Rogério de, *Iniciação e Mistério no Antigo Egipto*, Lisboa: Ésquilo, 2009.
 – *Em busca da imortalidade. Viagem às origens da civilização*, Lisboa: Ésquilo, 2012.

- SPENSER, A. J., *Death in Ancient Egypt*, London: Penguin Books, 1991.
- STEINER, Rudolf, *Links between the LIVING and the DEAD*, London: Rudolf Steiner Press, 1973.
- SZPAKOWSKA, Kasia (ed.), *Through a glass darkly. Magic, Dreams & Prophecy in Ancient Egypt*, Llandysul, Ceredigion: Gomer Press, 2006.
 – *Daily life in Ancient Egypt*, Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- TALLET, Pierre, *A Culinária no Antigo Egito*, Barcelona: Ediciones Folio, 2007.
- TRIGGER, B. G.; KEMP, B. J.; O'CONNOR D.; LLOYD, A. B., *Historia del Egipto Antiguo*, Barcelona: Crítica, 1997.
- TYLDESLEY, Joyce, *Chronicle of the Queens of Egypt. From early dynastic times to the death of Cleopatra*, London: Thames and Hudson, 2006.
- TRAUNECKER, Claude, *Os deuses do Egipto*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 2003.
- VICENTE, Filipe Nunes, *Educação para a Morte*, Lisboa: Bertrand Editora, 2008.
- VOEGELIN, Eric, *As religiões políticas*, Lisboa: Vega, 2002.
- WILKINSON, Richard H., *Symbol & Magic in Egyptian Art*, London: Thames & Hudson, 1999.
 – *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*, London: Thames & Hudson, 2003.
 – *The Complete Temples of Ancient Egypt*, Cairo: The American University in Cairo Press, 2005.
- WILKINSON, Toby, *Lives of the Ancient Egyptians*, London: Thames & Hudson, 2007.
- WILSON, Hillary, *Povo dos Faraós*, Mem Martins: Lyon Edições, 2001.

3.2. Artigos

- ARAÚJO, Luís Manuel de, «De Charuhen a Kadech: relações entre o Egipto do Império Novo e a Ásia», *Cadmo*, 1 (1990), pp. 119-143.
 – «Um escaravelho do coração numa colecção privada portuguesa», *Museu*, 9, IV série, Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis, 2000, pp. 7-27.
 – «Da teoria à prática: o exercício do poder real no Egipto faraónico», *Clio*, 5, (2000), pp. 33-57.
 – «Os primórdios da ciência egiptológica», *Cadmo*, 12 (2002), pp. 63-84.
 – «As cores e a sua utilização», *Hapi*, 2, (2014), pp. 73-105.
- AUTUORI, Josep C., «Monarchie pharaonique et royautés divines africaines», *Cahiers Caribéens d'Egyptologie*, nº 2, Février/Mars 2001, pp. 27-52.

- BAINES, John, «On the Status and Purposes of Ancient Egyptian Art», *CAJ* 4:1 (1994), pp. 67-94.
 – «Egyptian deities in context: multiplicity, unity and the problem of change», *Transactions of the Casco Bay Assyriological Institute*, vol. I, 2000, pp. 9-79.
- BEAUX, Nathalie, «La *douât* dans les Textes des Pyramides. Espace et temps de gestation», *BIFAO*, 94, (1994), p p.1-6.
- CALMETTES, Marie Astrid, «Les portes du Ciel. Visions du monde dans l'Égypte ancienne», *Archeologia*, nº 464, Mars 2009, pp. 15-21.
- CANHÃO, Telo F., «O grande intendente Rensi», *Cadmo*, 19, (2009), pp. 65-96.
 – «A música na literatura do Império Médio», *Cadmo*, 21, (2011), pp. 61-78.
 – «Da produção têxtil ao vestuário», *Hapi*, 2, (2014), pp. 37-71.
 – «A alimentação no antigo Egito», *Hapi*, 3, (2015), pp. 33-89.
- CARREIRA, J. Nunes, «Dilúvio e destruição da humanidade», *Cadmo*, 3, (1993), pp. 65-96.
 – «A religião do Antigo Egito em estudos recentes», *Anais Universitários: Ciências Sociais e Humanas*, 6, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1995.
 – «Legitimação do poder no Egito faraónico», *Clio*, 5, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2000, pp. 19-32.
 – «Criação pela palavra no Egito e no Antigo Testamento», *Biblos*, n.d. VI (2008), pp. 29-56.
- CEVENNIT, William, «La momification et le Tribunal d'Osiris», *Egypte Ancienne*, nº15 (2015), pp. 72-87.
- COELHO, Ilda S., «O imaginário do Além» in *Percursos do Oriente Antigo. Estudos de homenagem ao Professor doutor José Nunes Carreira na sua jubilação académica*, Lisboa: Instituto Oriental, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 121-137.
- CROCKER, P. T., «Status symbols in the architecture of El-'Amarna», *JEA*, vol. 71 (1985), pp. 52-65.
- HORNUNG, Erik, «Time in the Egyptian Netherworld», *Cadmo*, 11 (2001), pp. 7-14.
- LUISELLI, Maria M., «La partecipazione dell'individuo alla religione: rituali personali tra norma e individualità», *Aegyptus*, Fasc. 1-2, pp. 13-31.
- MARQUES, Pedro C., «Dois contributos complementares para a teologia da unidade de deus no Egito: Erik Hornung e Jan Assmann», *Cadmo*, 14, (2004), pp.175-188.
- OFTERDINGEN, Henri, «Serpent sacré», *Histoire Antique*, nº31, Mai/ Juin 2007, pp. 26-27.

PÉREZ, Federico, «La música en el antiguo Egipto», *Revista de Egiptología Osiris*, nº2, Agosto de 2001, pp. 46-55.

REIBLEIN, Alan, «Colour in Ancient Egypt», *Ancient Egypt*, vol.11 nº 5, April/May 2011, pp. 32-39.

SAFFIRIO, Luigi, «L'alimentazione umana nell'antico Egitto», *Aegyptus*, Ano LV, Gennaio-Dicembre 1975, Fasc. I-IV, pp. 14-44.

SALES, José das Candeias, «O mito da destruição da humanidade: o significado e o sentido da clemência divina de Ré», *Hator, Estudos de Egiptologia*, 3, (1991), pp.31-61.

– «A arqueologia egípcia no século XIX: da «caça ao tesouro» à salvaguarda da herança faraónica», *Cadmo*, 12 (2002), pp. 85-112.

– «Concepção e percepção de tempo e de temporalidade no Egipto Antigo», *Cultura*, 23 (2006), pp. 19-37.

– «Amamentar no Egipto Antigo: Do prazer na relação materno-infantil à ideologia» in *Estudos Orientais IX. Os prazeres no Médio Oriente antigo*, Lisboa, Instituto Oriental / Universidade Nova de Lisboa, 2006, pp. 66 -113 - ISSN 1647-2527.

– «As fórmulas protocolares egípcias ou formas e possibilidades do discurso de legitimação no antigo Egipto», *Cadmo*, 16, (2006), pp. 101-124.

– «A pintura no Egipto Antigo – Entre convenções de representação e princípios de expressão gráfica: uma arte intelectual» in *Arte Pré-Clássica. Colóquio comemorativo dos vinte anos do Instituto oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*; Lisboa: Instituto Oriental. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 175-195.

– «Viver na cidade», *Hapi*, 1 (2013), pp. 57-85.

– «As colunas egípcias», *Hapi*, 2 (2014), pp. 57-85.

– «O mobiliário egípcio: a tecnologia da madeira», *Hapi*, 3, (2015), pp. 91-113.

– «As festas», *Hapi*, 4, (2016), pp. 85-117.

SOUSA, Rogério de., «A noção de coração no Egipto faraónico: uma síntese evolutiva» in *Percursos do Oriente Antigo. Estudos de homenagem ao Professor doutor José Nunes Carreira na sua jubilação académica*, Lisboa: Instituto Oriental. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 529-554.

TONIC, François, «Rekhmirê: un vizir tombe en disgrâce», *Pharaon*, nº22, Août-Septembre-Octobre 2015, pp. 27-37.

– «Manéthon: le prêtre qui écrivit l'histoire de l'Egypte» *Pharaon*, nº22, Août-Septembre-Octobre 2015, pp. 50-53.

UPHILL, Eric, «The Egyptian Sed-festival rites», *JNES*, Vol. 24, nº4, Erich F. Schmidt Memorial Issue. Part Two. (Oct. 1965), pp. 365-383.

VARIOS, «Le Nil des Pharaons», *Cahiers de Science et Vie*, nº126, Décembre 2011/Janvier 2011.

VARIOS, «La Mort. La comprendre, la vaincre», *Science et Vie*, Hors série, nº248, Septembre 2009.

VARIOS, «Ce que la science sait de la mort», *Sciences et Avenir*, nº777, Novembre 2011

WILSON, Hillary, «What's in a name», *Ancient Egypt*, vol.11 nº 2, October/November 2010, pp. 54-55.

– «Hotep», *Ancient Egypt*, vol.11, nº 4, February/Mars 2011, pp. 54-55.

ZIMMERMAN, Michael R., «The paleopathology of Egyptian mummies», *Ancient Egypt*, vol.11 nº 4, February/Mars 2011, pp. 20-23.

4. Bibliografia específica

4.1. Obras específicas

ALDRED, Cyril, *Akhenaton and Nefertiti*, London: Thames and Hudson, 1973.

ALDRED, Cyril, *Akhenaton, king of Egypt*, London: Thames and Hudson, 1999.

ARMIJO, Teresa, *Nefertiti*, Madrid: Edimat Libros, 2005.

ARNOLD, Dorothea (ed.), *The Royal Women of Amarna*, New York: The Metropolitan Museum of Art, Harry N. Abrams, Inc., 1997.

BAYLEY, Leslie, *Amen-hotep III and Akhenaten: an examination of the coregency issues*, Chicago: The University of Chicago, 2000.

BOOTH, Charlotte, *Horemheb. The forgotten pharaoh*, Chalford, Stroud: Amberley Publishing Plc., 2009 pp. 76-79.

BRAUDEL, *Les Mémoires de la Méditerranée*, Paris: Editions De Fallois, 1998.

CARREIRA, Paulo, *Akhenaton, uma perspectiva teo-histórica*, Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em História e Cultura Pré-Clássica, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.

CHAPPAZ, Jean-Luc (Éd.) *et al. Akhénton et Néfertiti. Soleil et ombres des Pharaons*, Milão: Silvana Editoriale, 2008.

DESROCHES-NOBLECOURT, Christiane, *Toutankhamon. Vie et mort d'un pharaon*, Paris: Pygmalion, 1977.

DODSON, Aidan, *Amarna Sunset*, Cairo, New York: The American University in Cairo Press, 2009.
– *Amarna Sunrise*, Cairo/ New York: The American University in Cairo Press, 2014.

FÈVRE, Francis, *Akhenaton et Néfertiti. L'amour et la lumière*, Canale: Editions Hazan, 1998.

- FLETCHER, Joann, *The Search for Nefertiti*, London: Hodder and Stoughton, 2004.
 – *Le Roi-Soleil de l'Égypte. Les mémoires d'Aménophis III, le plus glorieux des pharaons*, Paris: Acropole, 2007.
- FREED, Rita, MARKOWITZ, Yvonne, D'AURIA, Sue H. (eds.), *Pharaohs of the Sun*, Boston: Museum of Fine Arts in association with Bullfinch Press, Little, Brown and Company, 2000.
- GABOLDE, Marc, *D'Akhenaton à Toutânkhamon*, Université Lumière Lyon 2, Institut d'Archéologie et d'Histoire de l'Antiquité, Paris: Diffusion de Brocard, 1998.
- GARCIA, Juan Carlos M., (Ed.), *Ancient Egyptian Administration*, Leiden / Boston: Brill, 20013.
- GILES, Frederick J., «The Amarna Age: Egypt», *The Australian Centre for Egyptology: Studies 6*, Warminster: 2001.
- GUILHOU, Nadine, *The Legacy of Egyptian Mythology. Cosmogony & After-Life*, Cairo: Abydos Publications, 2009.
- HAWASS, Zahi, *Tutankhamen and the Golden Age of the Pharaohs*, Washington D. C.: National Geographic, 2005.
- HODJASH, Svetlana; BERLEV, Oleg, *The Egyptian Reliefs and Stelae in the Pushkin Museum of Fine Arts*, Leninegrad: Aurora Art Publishers, 1982.
- HOFFMEIER, James K., *Akhenaten & the origins of monotheism*, Oxford: Oxford University Press, 2015.
- HORNUNG, Erik. *Akhenaten and the religion of Light*, Ithaca, London: Cornell University Press, 2001.
- JACQ, Christian, *Nefertiti e Akhenaton*, Lisboa: Bertrand, 2000.
- KEMP, Barry, *The City of Akhenaten and Nefertiti. Amarna and its people*, London: Thames and Hudson, 2012.
- KOZLOFF, Arielle P., *Amen-hotep III, Egypt radiant Pharaoh*, Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- LABOURY, Dimitri, *Akhénaton*, Paris: Pygmalion, 2010.
- LEPROHON, Ronald, *The Great Name. Ancient royal titulary*, Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013.
- LICHTHEIM, Miriam, *Moral Values in Ancient Egypt*, Fryeburg: University Press Fryeburg Switzerland, Vandenhoeck & Ruprecht, 1997.

MENZ, Cäsar; CHAIX, Nathalie; PAVESI, Muriel, *Akhénaton et Néfertiti. Soleil et sombres des Pharaons*, Genève : Musée d'Art et d'Histoire, 2008.

MILLERMAN, Alison, «The discovery and fate of the Amarna "Crock of Gold"», *Ancient Egypt*, Vol. 5, n°3, December/January, 2004/05.

MONTSERRAT, Dominic, *Akhenaten. History, Fantasy and Ancient Egypt*, London, New York: Rutledge, 2003.

MOSELEY, Sue, *Amarna. The missing evidence*, Calshot: Peach Pixel, 2009.

O'CONNOR, David; CLINE, Eric H. (eds.), *Amen-hotep III. Perspectives on his reign*, Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2001.

QUENTIN, Forence, «Égypte, à l'ombre de la première fois», *Le monde des Religions*, n° 28, Mars-Avril 2008, pp. 30-33.

REDFORD, Donald B., *Akhenaten, the Heretic King*, Princeton: Princeton University Press, 1987.

REEVES, Nicholas, *The Complete Tutankhamun. The king, the tomb, the royal treasure*, London: Thames & Hudson, 1997.

– *Akhenaten, Egypt's false prophet*, London: Thames & Hudson, 2001.

RICHARDS, Janet, *Society and death in Ancient Egypt. Mortuary Landscapes of the Middle Kingdom*, Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ROBINS, Gay, *Proportion and style in Ancient Egyptian Art*, Austin: University of Texas Press, 1994.

SEYFRIED, Friederike (ed.), *In the light of Amarna. 100 years of the Nefertiti discovery*, Berlin: Ägyptisches Museum und Papyrussammlung Staatliche Museen zu Berlin, Michael Verlag, 2012.

SILIOTTI, Alberto, *El Valle de los Reyes y los templos y necrópolis de Tebas*, Barcelona: Círculo de Lectores, 1997.

SILVERMAN, David, WEGNER, Joseph W., WEGNER, Jennifer Houser, *Akhenaten, Tutankhamen, revolution and restoration*, Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2006.

STIERLIN, Henri, *Les Pharaons Bâtisseurs*, Paris: Éditions Pierre Terrail, 1992.

EL-SHAHAWY, Abeer, *The Funerary Art of Ancient Egypt. A bridge to the realm of the Hereafter*, Cairo: Farid Atiya Press, 2005.

TEETER, Emily, *Religion and ritual in Ancient Egypt*, New York: Cambridge University Press, 2012.

TYLDESLEY, Joyce, *Néfertiti, la reine solaire*, Paris: Éditions du Rocher, 1999.

THORNDIKE-MARTIN, Geoffrey, *A Bibliography of The Amarna Period and its Aftermath. The reigns of Akhenaten, Smenkhkare, Tutankhamun and Ay (c. 1350-1321 B. C.)*, London, New York: Kegan Paul International, 1992

WATTERSON, Barbara, *Amarna. Ancient Egypt's Revolution*, Stroud: Tempus Publishing Ltd., 1999.

WENKE, Robert J., *The Ancient Egyptian state*, New York: Cambridge University Press, 2009.

WEATHERED, Fran; KEMP, Barry J., *The main chapel at the Amarna Workmen's Village and its wall paintings*, London: Egypt Exploration Society, 2007.

WISSEMAN, Sarah, *The virtual mummy*, Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2003.

ZANDEE, J., *Death as an enemy, according to Ancient Egyptian conceptions*, Leiden: E.J. Brill, 1960.

ZIVIE, Alain-Pierre, *Découverte à Saqqarah. Le vizir oublié*, Paris: Le Seuil, 1990
– *La tombe de Maïa*, Toulouse : Caracara Edition, 2010.

4.2. Artigos

ALDRED, Cyril, «The tomb of Akhenaten at Tebes», *JEA*, 47 (1961), pp. 41-60.

ANSELIN, Alain, «La Mâat, images, hiéroglyphes et mots de pouvoir», *Cahiers Caribéens d'Égyptologie*, n° 2, février/mars 2001, pp 53-78.

ANTOINE, Daniel, «Life and death in the Nile Valley. Bioarchaeological research at the British Museum», *Ancient Egypt*, vol. 10 n° 5, April/May 2010, pp. 46-51.

ARES, Nacho, «Amarna Shabtis», *Ancient Egypt*, vol.13 n°2, October/November 2012, pp. 16-20.

ASSMANN, Jan, *Theological responses to Amarna*, Penn State University, 2001.

ASSMANN, Jan, «Akhanyati's Theology of Light and Time», *The Israel Academy of Sciences and Humanities Proceedings*, vol. VII, n° 4, 1992, pp. 143-176.

ASSMANN, Jan, «La naissance du monothéisme», *Le Monde des Religions*, Mars-Avril, 2008, pp. 40-41.

AUBRARD, Cécile, «Les images de Néfertiti», *Histoire Antique*, n°39, Septembre/ Octobre 2008, pp. 32-37.

AUFFRET, Pierre, «Notes sur la comparaison entre l'hymne à Aton et le Ps 104 à partir de leurs structures littéraires d'ensemble», *Revue de Sciences Religieuses*, 57 (1983), pp. 64-65.

BADAWY, Alexandre, «Le symbolisme de l'architecture à 'Amarna : Sept hypothèses de travail», in *Colloques Internationaux du C.N.R.S.*, n°595 – L'Égyptologie en 1979. Axes prioritaires de recherches, volume II pp. 187-194.

BOVOT, Jean-Luc, «Un chaouábtî pour deux reines amarniennes», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 183-224.

BOVOT, Jean-Luc, «La tombe KV55, un imbroglio archéologique», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 225-234.

CALMETTES, M.-Astrid, «Akhénaton et Nefertiti, soleil et ombres des pharaons», *Archeologia*, n° 461, Décembre 2008.

CARREIRA, José Nunes, «O Egipto e as origens do monoteísmo», *Cadmo*, 10, (2000), pp. 11-40.

CARREIRA, Paulo, «Akhenaton: Realidade e representações», *Cadmo*, 20, (2010), pp. 71-92.

– «O acróstico do túmulo de Kheruef», *Cadmo*, 22, (2012), pp. 43-66.

– «A imagem do velho no Antigo Egipto» in Araújo, Luís M. de; Sales, José das Candeias, (eds.) *Novos trabalhos de Egiptologia Ibérica, IV Congresso Ibérico de Egiptologia*, Lisboa: Instituto Oriental e Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, pp. 213-225.

– «O Monoteísmo Javista e os seus paralelismos teológicos com a teologia Atonista», instituto-prometheus.org/wp-content/uploads/2015/02.

CASTEL RONDA, Elisa, «Sacerdotes del Antiguo Egipto. Los servidores de los dioses», *Historia. National Geographic*, n° 65, 2009.

DORESSE, Jean, «Talatates de Karnak à l'identification et à la reconstitution du Gem-pa-Aton d'Aménophis IV», *Aegyptus*, 1-2, 1998, pp. 15-25.

EATON-KRAUSS, M., «Akhenaten versus Akhenaten», *Bibliotheca Orientalis* XLVII, n° 5/6, September-November 1990.

FUNNELL, Peter, «Egyptian masterpieces: the Berlin Amarna princess», *Ancient Egypt*, Vol.9, n°5, April/May 2009, p. 43

FULTON, Andrew, «Amarna in Aswan», *Ancient Egypt*, vol.11 n° 1, August/September 2010, pp. 18-19.

– «Speak my name: Politics and *damnatio memoriae*», *Ancient Egypt*, vol.14 n° 15, April/May 2014, pp. 18-23.

GABOLDE, Marc, «La postérité d'Amen-hotep III», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 13-33.

- «Amarna, la Cité du Soleil», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 85-104.
- «Assassiner Pharaon?», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 247-260.
- «Le portrait d'une reine pharaon», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 261-272.
- «Pour qui fut confectionné le mobilier funéraire de Toutânkhamon?», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 273-286.

GASHE, Vicky, «Revealing the Secrets of Mummies», *Ancient Egypt*, vol.8 n° 5, April/May 2008, pp.47-52.

– «Investigating early mummification», *Ancient Egypt*, vol.10 n° 4, February/March 2010, pp. 30-33.

HARRIS, John R., «Akhenaten or Nefertiti», *Acta Orientalia*, XXXVIII, 1977, pp. 5-14.

HAWASS, Zahi, «Life in Paradise: Tombs of the nobles at Thebes», *Ancient Egypt*, vol.10 n° 5, April/May 2010, pp. 34-45.

IKRAM, Salima, «Domestic shrines and the cult of the royal family at El-Amarna», *JEA*, vol. 75, 1989, pp. 89-101.

JOHNSON W. Raymond, «Amen-hotep III and Amarna: Some new considerations», *JEA*, (82), 1996, pp. 65-82.

De JAEGHERE, Michel (ed.), «Toutankhamon», *Le Figaro*, Hors-série, Mars 2007.

KELLER, J. B., «Aménophis III, pharaon à Memphis», *Les Dossiers d'Archéologie*, n° 180, mars 1993, pp. 4-15.

KEMP, Barry, «The window of appearance at El-Amarna and the basic structure of this city», *JEA*, (62), 1976, pp. 81-99.

- «The Amarna Project: The genesis of Amarna», *Ancient Egypt*, February/March 2008, pp. 31-36.
- «The Amarna Project: The people of Amarna», *Ancient Egypt*, April/May 2008, pp. 41-46.
- «The Amarna Project: What kind of city was Amarna», *Ancient Egypt*, June/July 2008, pp. 33-38.
- «The Amarna Project: The city as a workshop and how the people worked with their hands», *Ancient Egypt*, August/September 2008, pp. 37-42.
- «The Amarna Project: "Religion for all?"», *Ancient Egypt*, October/November 2008, pp. 41-46.
- «The Amarna Project: "Why Amarna died?"», *Ancient Egypt*, December 2008 /January 2009, pp. 44-50.
- «News from Amarna, June 2011» *Ancient Egypt*, vol. 12, n°1, August/September 2011, pp. 14-15.

- «News from Amarna, December 2011» *Ancient Egypt*, vol. 12 n°4, February/Mars 2012, pp. 8-15.
 - «News from Amarna, Spring 2012» *Ancient Egypt*, vol.13 n°1, August/September 2012, pp. 16-23.
 - «The Amarna Project, autumn of 2012» *Ancient Egypt*, vol.13 n°4, February/Mars 2013, pp. 42-47.
 - «News from Amarna», *Ancient Egypt*, vol. 14 n° 6, June/July 2014, pp. 14-16.
- KOUWENHOVEN, Arlette, «Akhenaton, Néfertiti, Toutankhamon, pharaons du Soleil», *Archéologia*, n° 374, janvier 2001, pp. 14-21.
- KRAUSS, Rolf e LINCKE, Eliese Sophie, «Les représentations de Néfertiti et Akhénaton sont-elles réalistes?», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 135-143.
- LAURENT, Véronique, «Un personnage hors du commun», », *Les Dossiers d'Archéologie* n° 180, mars 1993, pp. 64-71.
- LEBEAU, Richard *et alt.*, «Dossier Néfertiti», *Historia* n° 786, Juin 2012, pp. 31-60.
- LEROY, Florence, «Dans l'ombre du roi solaire», *Sciences et Avenir, Hors série*, n°165, Janvier/Février 2011, pp. 32-38.
- LOEBEN, Christian, «La figurine funéraire de Néfertiti», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 235-246.
- MILLERMAN, Alison, «The discovery and fate of the Amarna 'Crock of Gold'», *Ancient Egypt*, December 2004/January 2005, pp. 26-29.
- MURNANE, William J., «Dans le domaine d'Amon. L'œuvre d'Aménophis III à Karnak et à Louxor», *Les Dossiers d'Archéologie*, n° 180, mars 1993, pp. 28-47.
- PADRÓ, Josep, «El mal, el pecado y el castigo en el antiguo Egipto», *Cadmo*, 20, (2010), pp. 11-28.
- PARTRIDGE, Bob, «Why did ancient Egyptians mummify their dead», *Ancient Egypt*, Vol. 10, n°3, December 2009/January 2010, pp. 31-35.
- «Amarna update», *Ancient Egypt*, Vol. 10, n°5, April/May 2010, pp. 30-31.
- PESCH, Bianca, «Magic at Amarna», *Ancient Egypt*, Vol. 15, n°4, February/March 2015, pp. 16-21.
- PHILIPS, John P., «Amarna update», *Ancient Egypt*, Vol. 15, n°4, February/March 2015, p. 9.
- REDFORD, Donald, «The Sun-disc in Akhenaten's program: its worship and antecedents», II, *JARCE*, XIII (1976), 47-61.

REDFORD, Donald, «The Sun-disc in Akhenaten's program: its worship and antecedents», I, *JARCE*, XVII (1976), 47-61.

– «The Sun-disc in Akhenaten's program: its worship and antecedents», II, *JARCE*, XVII (1980), 21-38.

SALEH, Mohammed, «La tombe de Youya et de Touyou», *Les Dossiers d'Archéologie* n° 180, Mars 1993, pp. 56-63.

SOUSA, Rogério de, «O horizonte eterno: Identidade e sacralidade nos túmulos privados do antigo Egípto», *Hapi*, 2 (2014), pp.133-160.

SOUROUZIAN, Hourig, «La statuaire royale sous Aménophis III dans les grands sites d'Égypte», *Les Dossiers d'Archéologie* n° 180, 1993, pp. 4-15.

STEVENS, Anna, «The material evidence for domestic religion at Amarna and preliminary remarks on its interpretation», *JE*, vol. 89, 2003, pp. 143-203.

TOMPSON, Kristin, «How to destroy an Amarna statue», *Ancient Egypt*, vol. 12 n°2, October /November 2011, pp. 38-44.

TIRADRITTI, Francesco, «Akhenaton, il faraone del sole», *Archeo*, n°5 (29) Maggio 2009, pp.52-65.

TRAUNECKER, Claude, «Néfertiti, la reine sans nom», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 117-133.

– «Amen-hotep IV, percepteur royal du Disque», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 145-182.

TRUSCHEL, Théo, «Néfertiti, la reine égyptienne», *Histoire Antique*, n°39, Septembre/ Octobre 2008, pp. 20-40.

VASCO, Umberto, «Akhénaton a-t-il inventé le monotheïsme ?», *Egypte Ancienne*, n°11, Février-Mars-Avril 2014, pp. 31-40.

VERGNIEUX, Robert, «Quelques points clefs sur la période proto-amarnienne», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 35-50.

ZIVIE, Alain-Pierre, «La tombe d'un officier de la XVIIIe dynastie à Saqqarah», *Revue d'Égyptologie*, 1979, 31, pp. 135-151.

– «Une tombe d'époque amarnienne à Saqqarah», *BSFE*, 1979, 84, p. 21-32.

– «Recherches et découvertes récentes dans la tombe d'Aperia à Saqqarah», *CRAIBL*, 1989, vol. 133, n° 2, pp. 409-505.

– «Le trésor funéraire du vizir Aper-El», *BSFE*, 1989, 116 pp. 31-44.

– «Aper-El, Taouret et Houy : La fouille et l'enquête continue», in *Etudes Egyptologiques et Bibliques de la Société Française d'Égyptologie*, 1993, 126, pp. 5-16.

– «Le nom du vizir Aper-El», in *Etudes Egyptologiques et Bibliques à la mémoire du Père B. Couroyer (Cahiers de la Revue Biblique 36)*, Paris, 1997, 126, pp. 115-123.

- «À propos de la tombe de Maïa, nourrice de Toutânkhamon», *Akhenaton et l'époque amarnienne*, 2005, pp. 287-300.

4.3. Sites informáticos

Egiptólogos e publicações

<http://www.facebook.com/pages/Barry-Kemp/217823581576170> de 26-06-2012
<http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/er/newsdir/murnane.html> de 26-06-2012
http://www.brown.edu/Research/Breaking_Ground/results.php?d=1&first=Nina&last...
de 26-06-2012
http://en.wikipedia.org/wiki/Donald_B._Redford de 28-06-2012
www.ees.ac.uk/publications/jea.htm de 28-06-2012
www.hypogees.org/pages/francais/publications.htm de 12-10-2013

Período de Amarna

www.akhet.co.uk/amarna/index2.htm de 28-12-2014
www.amarnaproject.com de 28-12-2014
www.amarna.co.uk/smen.php de 28-12-2014
www.crystalinks.com/Smenkhkare.html de 12-10-2013
www.britannica.com/EBchecked/topic/549550/Smenkhkare de 12-10-2013
www.amarnaproject.com/downloadable_resources.shtml de 5-02-2015

Aton

www.egyptianmyths.net/aten.htm de 20-01-2015
<http://touregypt.net/featurestories/aten.htm> de 20-01-2015
www.bbc.co.uk/history/ancient/egyptians/akhenaten_02.shtml de 20-01-2015
www.digitalegypt.ucl.ac.uk/amarna/belief.html de 20-01-2015

Akhenaton

www.touregypt.net/18dyn10.htm de 20-01-2015
www.digitalegypt.ucl.ac.uk/chronology/akhenaton.html de 20-01-2015
www.ancientegyptonline.co.uk/akhenaten.html de 20-01-2015
www.heptune.com/Akhenaten.html de 20-01-2015
www.egyptologyonline.com/akhenaten.html de 20-01-2015
www.osiris.net/docu/akhenat/e_akhenl.htm de 23-04-2007

Nefertiti

www.touregypt.net/featurestories/nefertiti.htm de 20-01-2015
www.touregypt.net/who/nefertit.htm de 20-01-2015
www.akhet.co.uk/nefertit.htm de 20-01-2015
www.womenintheancientworld.com/nefertiti.htm de 20-01-2015

Arte de Amarna, cerimónias

www.heptune.com/art.html de 30-12-2014

www.innatia.com/perfumes_orientales/articulos/sagrados_perfumes.htm de 11-08-2003

www.beautyworlds.com/egypthair.htm de 01-10-2003

Livros sobre o além. Éditos reais

<http://touregypt.net/featurestories/bookofgates.htm> de 30-12-2014

www.touregypt.net/featurestories/underworld.htm de 30-12-2014

<http://touregypt.net/edictofhoremheb.htm> de 16-07-2014

<http://www.digitalegypt.ucl.ac.uk/administration/dutiesviziertrans.htm> de 16-07-2014

www.seanet.com/~realistic/psalm104.html de 23-04-2007

Funcionários reais

[http://www.tmpbibliography.com/resources/bibliography_5nv_tombs_of_the_nobles ...](http://www.tmpbibliography.com/resources/bibliography_5nv_tombs_of_the_nobles...)
de 17-09-2014

<http://personal.psu.edu/users/d/b/db3/thebanto.html> de 17-09-2014

<http://enc.tfode.com/TT188> de 17-09-2014

<http://www.popular-archaeology.com/issue/september-2001/article/discoveries-at-me...>
de 18-09-2014

<http://english.ahram.org.eg/News/257292.aspx>, de 03-02-2017.

Túmulos não amarnianos, vizires

www.thebanmappingproject.com/sites/ de 06-04-2008

http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_theban_Tombs de 06-02-012

www.touregypt.net/featurestories/vizier.htm de 23-01-2015

www.ancientegypt.co.uk/pharaoh/explore/vizier.html de 23-01-2015

www.hypogees.org/pages/francais/association.htm de 03-09-2014

http://news.yahoo.com/s/afp/20070214/sc_afp/egyptarchaeology_070214132221 de 24-02-2007

<http://fr.wikipedia.org/wiki/Aper-el> de 12-10-2013